

Curso de Alquimia Mineral

Volume Único e completo (lições de 1 a 84)



CRÉDITOS:

Autor: Jean Dubuis, 1998

Ilustração da capa: Jean Dubuis Les Philosophes de la Nature, 1976

Tradução: Agnaldo B. Santos e Thiago Tamosauskas, 2025

Ao prosseguir na leitura o leitor reconhece e honra o desejo do autor Jean Dubuis de que suas obras fossem livremente reproduzidas e transmitidas a todos aqueles que pudessem se beneficiar delas sob a condição imperativa de **NÃO LUCRAR COM ELAS DE NENHUMA FORMA** (seja diretamente, pela venda do livro ou indiretamente por meio de conferências, oficinas, cursos ou treinamentos pagos, etc.)

Para isso, compromete-se expressamente a:

- Não vender as cópias que fizer.
- Solicitar um compromisso semelhante daqueles a quem enviar uma cópia mantendo essa página intacta.

Quando impressa esse livro será produzido a preço de custo para o tradutor. Você pode fazer download e distribuir a versão digital e gratuita pelo link

<https://mortesubita.net/jean-dubuis/>

O livro original em francês e a versão em inglês podem ser baixados em: portaelucis.fr

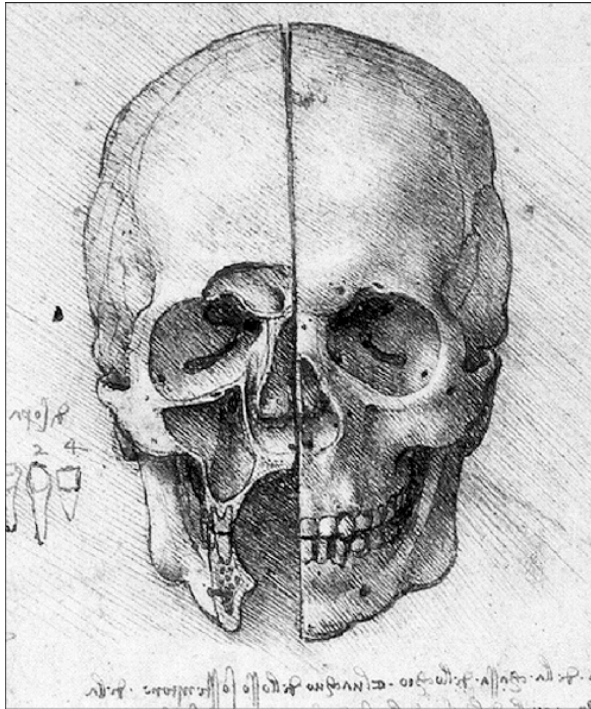
SUMÁRIO

Leia isso primeiro!	7
Prefácio: Como chegamos até aqui	10
Lição 1: Circulatum Minor	16
Lição 2: Mercúrio Vegetal, Elixir, Tintura e Sal	20
Lição 3: Alkahest do Enxofre	24
Lição 4: A Influência das Energias na Alquimia	32
Lição 5: Circulação dos Elixires	36
Lição 6: Uso dos Alkahests e Alkahest de Tártaro	39
Lição 7: Graduação do Mercúrio Vegetal, Prana e Kundalini	46
Lição 9: Vinagre de Antimônio	59
Lição 10: A Pedra Vegetal	71
Lição 11: O Estado Filosofal e Preparação de Óleos Metálicos	76
Lição 12: Kermes, Regulus e Espírito do Enxofre	83
Lição 13: Simbolismo Metálico Tradicional	90
Lição 14: Cristalização Preliminar, Trabalho com o Vinho e Alkahest Tártaro	97
Lição 15: Mercúrio, Antimônio e Fixação Salina	104
Lição 16: Deliquescência dos Sais e Incubadora	108
Lição 17: Extração Vegetal	112
Lição 18: Destilação do Vinagre e Preparação dos Acetatos	117
Lição 19: Elixir, Circulação e um novo método para a Pedra	122
Lição 20: A Corrente de Ouro de Homero	125
Lição 21: Separação dos Três Elementos	142
Lição 22: Artephius e Antimônio	147
Lição 23: Diluição e Presença de Acetatos	179
Lição 24: Diferentes caminhos dos Acetatos	192
Lição 25: Destilações, Calcinações e Purificações	197
Lição 26: Vinagre Radical, Sal de Tártaro, Kermes e Destilações Secas	201
Lição 27: Simbolismo e Estado Interior	205
Lição 28: Os Quatro Elementos nos Elixires	207
Lição 29: Química e Prima Matéria	211
Lição 30: Aforismos da Grande Obra, Pedra Filosofal e Comentários	222
Rosacruztes	222
Lição 31: O Caminho de Saturno	241
Lição 32: Acetatos e Extração com Aldeídos	246
Lição 33: Sobre a Pedra Vegetal	252
Lição 34: Sobre o Acetato de Saturno	257
Lição 35: Sobre a Acetona	260
Lição 36: Fontes, Preparações e Controvérsias Alquímicas	269

Lição 37: O Espírito Filosófico do Vinho	275
Lição 38: Sal Tartari Volátil	285
Lição 39: Os Dez Tipos de Ouro	293
Lição 40: Aforismos da LPN	312
Lição 41: O Caminho do Antimônio	318
Lição 42: Mercúrio Filosófico, Óleo vermelho e o Caminho do Acetato de Chumbo	329
Lição 43: A Manteiga de Antimônio	342
Lição 44: Ácido Clorídrico, Clarificação do Sal e Imbibições do Mercúrio	351
Lição 45: Outro método da Manteiga de Antimônio e Transição do Elixir Branco para Vermelho	360
Lição 46: Kermes e Tintura de Paracelsus	369
Lição 47: Experimentos com a Manteiga de Antimônio	381
Lição 48: Manteiga de Antimônio e Deliquescência	387
Lição 49: Extração de Líquidos e Sal Universal	393
Lição 50: Óleo de Mercurius Vitoe e Tratado do Sais	403
Lição 51: Destilação em Acetato sem Frio	407
Lição 52: Continuação da Manteiga de Antimônio	414
Lição 53: Chaves do Trabalho e o Livro das Fórmulas	431
Lição 54: Quatro Causas de Falha e a Natureza da Putrefação	443
Lição 55: Destilação da Manteiga	450
Lição 56: Fusão do Regulus e Preparação do Forno	458
Lição 57: O Forno dos Quatro Fogos	465
Lição 58: Via Seca, Aço e Antimônio	476
Lição 59: Aspectos Práticos da Via Seca	479
Lição 60: A Sementen a Via Seca e a Destilação do Mercúrio	485
Lição 61: As Destilações Sutis	490
Lição 62: Método Filosófico e Astrologia	492
Lição 63: Teoria Avançada da Espagiria	500
Lição 64: Laboratório e Oratório	503
Lição 65: Purificação do Antimônio	508
Lição 66: Plantas Frescas e Celidônia	513
Lição 67: Segurança e Precauções para Mercúrio e Antimônio	519
Lição 68: Teoria e Prática da Collectanea Chemica	527
Lição 69: Evolução e Reinos	530
Lição 70: Elementos e Tabela Periódica	534
Lição 71: Evolução nos Três Reinos	537
Lição 72: Ética do Alquimista	540
Lição 73: Fogo e Iniciação	544
Lição 74: A Tabela de Mendeleev	552
Lição 75: O Forno LPN	565

Lição 76: Régulo Marcial, Mercúrio e Amálgamas	576
Lição 77: Dispositivo de Trituração, Óleo Vermelho de Antimônio e Acetatos	589
Lição 78: Energia Magnética, Regulus Marcial e Escórias	595
Lição 79: Regulus Marcial Lunar e Preparação do Mercúrio Sáfico	603
Lição 80: Mercúrio Sáfico e a Mercurificação do Ouro	613
Lição 81: Mercúrio Sáfico e a Obra do Ouro	622
Lição 82: Mercúrio e Seus Processos	632
Lição 83: Via Úmida, Vitriol e Sal Armoníaco	646
Lição 84: A Teoria e a Prática do Fogo Secreto	660
Apêndice II. Glossarium Chemicum	676
Apêndice II - Tratado Martinista da Oração	687

Leia isso primeiro!



Memento Mori - Lembre-se que você pode morrer

AVISO LEGAL:

Todas as informações contidas neste livro têm caráter exclusivamente educativo e histórico. O conteúdo não deve, em hipótese alguma, ser interpretado como orientação médica, terapêutica ou farmacêutica. A Tradição Alquímica aqui descrita não substitui o acompanhamento profissional de saúde. Nenhum dos processos, substâncias ou produtos mencionados foi avaliado, aprovado ou regulamentado pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) ou por qualquer outra autoridade sanitária. Portanto, não podem ser utilizados para diagnosticar, tratar, curar ou prevenir doenças. A prática da Alquimia envolve riscos significativos: uso de produtos cáusticos ou corrosivos, manuseio de fogo e líquidos inflamáveis, além da liberação de vapores potencialmente tóxicos. Outros perigos não listados também podem ocorrer. Recomenda-se extrema cautela e a adoção de todas as normas de segurança aplicáveis a atividades químicas laboratoriais. Os autores, tradutores, editores e seus representantes isentam-se expressamente de qualquer responsabilidade por acidentes, danos físicos, materiais ou patrimoniais que possam resultar de tentativas de reproduzir os processos descritos. A decisão de realizar tais práticas é de inteira responsabilidade do leitor.

RECOMENDAÇÕES DE SEGURANÇA:

A primeira coisa, antes de qualquer prática, é ter clareza que segurança não é detalhe opcional. Com reagentes como álcool ou ácidos não dá pra trabalhar de qualquer jeito. Seu espaço de trabalho deverá:

- Ter circulação de ar adequada com uma coifa ou várias janelas abertas.
- Mesa de trabalho estável.
- Iluminação adequada
- Acesso fácil a água abundante.
- Extintor de incêndio à mão.
- Um espaço externo para trabalhos com calcinação

Você precisará também de equipamentos de proteção adequados, incluindo: Luvas, óculos, avental e em alguns casos máscara. Sem isso, nem comece.

Um ambiente limpo e organizado, sem fiação exposta ou objetos nos quais tropeçar ajuda a manter a cabeça no lugar e previne acidentes estúpidos. Tapete no chão ou carpete não são recomendados.

Quando se lida com sistemas fechados, atenção redobrada. Vedação mal feita pode resultar em vazamento de vapor ou explosão. Existem formas modernas e eficazes de vedar tudo: graxa de silicone, fita de teflon, os anéis Glindemann.

Se mora em uma área bem povoada converse com os outros moradores ou vizinhos próximos antes de fazer algo que vá soltar fumaça ou cheiro forte. Evitar mal-estar, mal-entendidos demonstra um mínimo de consideração.

COMPREENSÃO

Se você ainda não entendeu exatamente o que uma operação vai fazer, não comece. Substitua a pressa pela calma e tenha atenção nos detalhes e um respeito verdadeiro pelas forças envolvidas. Não planejar é pedir pra algo dar errado. Intuição é importante, mas mudar reagente ou tempo porque “achou melhor” pode causar reações perigosas.

Muitas substâncias são voláteis e corrosivas e a possibilidade de explosões e queimaduras é real. Às vezes um pouco só irrita a pele ou intoxica. Não inale nada diretamente nem prove ou teste nada na pele, principalmente se não souber todos os componentes e o que cada um pode causar. Jean Dubuis comenta também que certas substâncias têm impacto espiritual fortes. A preparação vem da leitura, releitura e estudo.

ROTULAGEM E ARMAZENAMENTO

Ter familiaridade com os produtos químicos que se está usando não é questão só de eficiência, mas de ética também. É um respeito por si mesmo e por quem mais pode ser afetado. O local de armazenamento deve ser protegido da luz, do calor e inacessível para crianças e animais. Evite locais improvisados como armários da cozinha ou topo de armários.

Todo recipiente deve ser claramente rotulado, mesmo frascos de uso interno ou temporário. Cada substância tem características próprias e podem ser inflamáveis, corrosivos e tóxicos, etc.. Por isso existem sistemas como ABNT (NBR 7500, 14725) e a rotulagem GHS. Escolha um e familiarize-se com ela. Ignorar isso é irresponsabilidade. Na hora de guardar, tudo deve ser rotulado e também tem que saber o que pode ou não ficar junto. Organizar por ordem alfabética, por exemplo, pode colocar coisas incompatíveis lado a lado. O ideal é se agrupar por categorias de risco semelhantes. Nunca encha frascos até a borda, preveja sempre o espaço para evaporação ou expansão por variação de temperatura.

Alquimia é uma prática que exige responsabilidade real. Manual nenhum substitui experiência, discernimento ou suporte técnico adequado. Quem decide entrar nessa precisa estar disposto a estudar, testar com consciência e ter humildade de pedir ajuda quando for preciso. A Natureza é uma mestra que se for tratada com desrespeito, cobra caro.

CUIDADOS ESPIRITUAIS

O trabalho alquímico, especialmente o mineral, trabalha com forças sutis que podem afetar seus próprios corpos e consequentemente seus pensamentos, comportamento e em última instância laços sociais. Saiba o que está fazendo, tenha sempre às melhores intenções possíveis e busque sempre a proteção e orientação dos planos mais elevados por meio de sincera oração antes e depois de cada operação. Um apêndice dedicado a isso pode ser encontrado no final do livro.

Prefácio: Como chegamos até aqui



Jean Dubuis (1919 - 2010)

A epopeia alquimista começou com o sonho de transformar metais considerados “comuns” em outros mais valiosos. Era um esforço que vinha da tradição greco-egípcia, com destaque para metais como chumbo e estanho sendo manipulados na tentativa de virarem ouro ou prata. Não era ainda uma filosofia mística, mas um projeto material real.

As primeiras abordagens foram por tingimento. Para entender isso é preciso pensar com a mente própria do passado. Não havia a noção de moléculas ou átomos tal como entendemos hoje. Se uma substância tinha todas as características visuais e fenomenológicas de ouro, era ouro e pronto. Assim os primeiros alquimistas tinham como obsessão deixar o metal com aparência dourada ou avermelhada. A certeza era tamanha que em 330, Constantino, proibiu a prática da alquimia, não porque a considerava um embuste, mas pelo medo de pagãos desestabilizarem o Império com seu ouro artificial.

Com o passar dos séculos alguns estudiosos começaram a alimentar a ideia de que a mudança podia ser mais profunda do que só na superfície. Entre os árabes, os seguidores de Jābir ibn Ḥayyān, formularam uma explicação mais teórica: todos os metais seriam compostos por duas substâncias básicas, mercúrio e enxofre, em

proporções variadas. Com isso se criou o conceito de que seria possível desfazer e refazer qualquer metal como alguém que desmonta uma cama para fazer uma cama. Curioso é que o trabalho prático com certos minerais parecia sustentar essa ideia. A Galena por exemplo, o principal minério do Chumbo, quando aquecida libera Enxofre com seu cheiro característico e o chumbo fundido que sobra está misturado com a Prata e se torna brilhante como Mercúrio.

Esse tipo de experiência sustentou o fôlego alquimista na metalurgia por séculos seguidos. Com todo esse trabalho os alquimistas desenvolveram uma parafernália considerável: fornos, vidrarias, instrumentos de medição e processos como sublimação, destilação, além da descoberta de substâncias novas como o Fósforo, o Etanol e os primeiros ácidos fortes. Mesmo com tudo isso, nunca conseguiram produzir ouro ou prata em quantidade maior do que a que já tinham no começo. Mas seus esforços já haviam chamado a atenção da elite econômica, na época formada pela nobreza, realeza e pelo clero. Todo mundo que tinha dinheiro queria ser o primeiro a descobrir a técnica da transmutação metálica para ter ainda mais dinheiro.

E claro que não faltaram espertalhões e falsários para se aproveitar disso. O truque era simples. O malandro demonstrava ter um conhecimento profundo das leis da natureza e convence alguém poderoso de que tudo o que se precisa é dinheiro para prosseguir seus estudos. Quando o tempo passa e a bolsa não se justifica, todo tipo de truque era usado. Certas moedas de prata, por exemplo, continham pequenas porções de ouro, e ao passarem por certos procedimentos, acabavam revelando pepitas douradas. Um exemplo notório foi o de Georg Honauer, que prometeu ao duque Frederico de Württemberg transformar ferro em ouro. O truque envolvia um ajudante escondido, que introduzia ouro no recipiente sem que ninguém percebesse. No fim, ele foi executado de forma tão teatral quanto suas demonstrações, dentro de uma estrutura de ferro coberta com uma camada de ouro falso.

Existia ainda a prática da “multiplicação”, em que se fundia ouro ou prata com outros metais mais baratos, como cobre ou estanho, geralmente com mercúrio. O resultado era um aumento de volume, mas com perda de pureza, algo que passava completamente despercebido por qualquer leigo. Alguns objetos feitos com esse “ouro alquímico” sobreviveram. Um deles é um medalhão produzido por Wenzel Seyler para o imperador Leopoldo. A análise do objeto mostrou uma liga com aproximadamente 48% de ouro, 43% de prata e quase 8% de cobre. A aparência dourada pode ter sido obtida mergulhando a peça em ácido nítrico diluído, que dissolvia os metais menos nobres.

A pesquisa sincera se misturava com a má fé. Ao contrário da crença popular, a pirita nunca foi o Ouro de Tolo. Qualquer pessoa pode pegar um pedaço de pirita e ver que não se trata de ouro. Mas ela era sim usada para produzir o que depois ficou conhecido como Ouro de Tolo, sendo para isso derretida com cobre e depois polida, ficando bastante semelhante ao metal. Como alguns métodos chegavam a fabricar metais com aparência bastante convincente, criou-se em paralelo um esforço das autoridades em patrocinar profissionais e técnicas que pudessem desmascarar os diversos tipos de Ouro de Tolo. Nesse jogo o Ouro dos Filósofos seria um ouro puro obtido pela transmutação e indistinguível dos de origem natural. O caso de Sir Isaac Newton é emblemático quanto a isso. Mais conhecido por suas

contribuições à física e à matemática, também mergulhou profundamente nos estudos alquímicos. O que poucos sabem é que, entre 1696 e 1727, Newton ocupou o cargo de Guardião da Casa da Moeda e, posteriormente, de Mestre da Casa da Moeda (Master of the Mint), em Londres. Nesse posto, ele não apenas supervisionava a cunhagem de moedas, mas também atuava como investigador e juiz de falsificadores, com autoridade para conduzir interrogatórios, reunir provas e recomendar sentenças. Utilizando seus conhecimentos, Newton testava a pureza do ouro e identificava ligas adulteradas para proteger a integridade da moeda britânica. Ele aplicava técnicas laboratoriais que iam além da metalurgia convencional, muitas delas derivadas de manuscritos alquímicos que estudava em segredo. Sua obsessão pela precisão e pela verdade o levava a perseguir falsários com rigor implacável: mais de 100 processos foram conduzidos sob sua supervisão, e vários réus foram condenados à morte por enforcamento, pena comum para falsificação na época. Muito foi investido em inteligência e contrainteligência e embora ninguém tenha ganhado dinheiro com isso, a química avançou bastante por conta dessa corrida silenciosa.

O tingimento e douração que surgiram no período greco-egípcio continuavam se desenvolvendo. Lembre-se que até Robert Boyle no século XVII (e ele mesmo era muito interessado na transmutação) ninguém havia questionado a ideia Jabiriana do Enxofre e do Mercúrio. A essa altura o tingimento era feito com amálgamas de ouro dissolvido em Aqua Regia, uma mistura altamente corrosiva que rendeu inclusive imagens simbólicas como o famoso “leão verde devorando o sol”. Em 1318, o ouro ainda não havia chegado e o Papa João XXII condenou oficialmente a alquimia com um embuste que só causava instabilidade econômica pela especulação de um ouro artificial. Em 1404 Henrique IV fez o mesmo na Inglaterra na lei chamada "Act Against Multipliers", que proibia a multiplicação descrita acima.

Na época em que escrevo este prefácio, meados de 2025 as revistas de ciência popular anunciam que um experimento recente no CERN acabou de tornar esse sonho realidade. O acelerador de partículas colidiu átomos de chumbo e, nesse processo, alguns de seus núcleos perderam três prótons, tornando-se assim átomos de ouro. Esse tipo de tentativa não é exatamente nova. Já em 1941, conseguiram fazer algo semelhante com mercúrio. Depois, em 1980, repetiram com bismuto. Mas ainda que hoje a transmutação seja uma realidade, ainda assim temos problemas práticos para resolver. O material criado é instável; a maioria desses átomos de ouro durou cerca de um microssegundo antes de colidir com os equipamentos ou se fragmentar em outras partículas. E ainda que alguns átomos tenham sobrado, o dinheiro gasto com a energia, construção e manutenção de um acelerador de partículas supera em muito seu valor. Então, a transmutação de fato veio muitos séculos depois com química e a física moderna que hoje podem correr na estrada pavimentada pelas mãos dos alquimistas.

Lembremos contudo que na Antiguidade a Filosofia Natural operava dentro de uma cosmologia unificada onde matéria, espírito e causalidade eram partes de uma mesma ordem. Já na Alquimia Helenística se encontram elementos soteriológicos na tradição helenística greco-romana particularmente ligados ao hermetismo. A alquimia Árabe herdou e reformulou esse componente, integrando a filosofia natural neoplatônica e aristotélica com concepções espirituais próprias, incluindo narrativas de lapidação moral e salvação e na Alquimia Latina a ênfase simbólica e moral se

intensificou, influenciada pelo contexto teológico cristão. O insucesso prático na transmutação material pode ter estimulado leituras cada vez mais alegóricas e por vezes quase exclusivamente espirituais.

Pelo menos dois papas (Leão X e Júlio II) foram conhecidos por patrocinar pesquisas alquímicas. E quase todos os grandes alquimistas da Europa que deixaram algum legado estavam ligados ao clero. Raimundo Lúlio era franciscano. Basílio Valentim, beneditino. E mesmo São Tomás de Aquino, o grande doutor da igreja escreveu um tratado sobre a Pedra Filosofal. Talvez a única grande exceção tenha sido Nicolau Flamel que era apenas um leigo, mas que por outro lado patrocinou a construção de arcos para cemitérios e capelas, incluindo ornamentações na Igreja de Saint-Jacques-la-Boucherie.

Mas a Alquimia Européia teve sua própria Reforma Protestante, e seu nome foi Paracelso. Profundamente anticlerical e, devemos dizer, crítico tanto do catolicismo como do luteranismo, ele mudou o foco dos trabalhos alquímicos da metalurgia para a espagíria. Nos seus escritos ele fala de métodos e substâncias capazes de promover a transmutação. Mas ele não era obcecado por metalurgia. Ao invés disso seu foco era a iatroquímica, a então novíssima mistura entre a alquimia e a medicina. Ele admitia a possibilidade de transmutação e teria realizado experiências com metais. O ouro ainda era importante para ele, mas agora como pré-requisito para a produção do Ouro Potável, uma de suas muitas receitas para promover a saúde, do corpo, da mente e do espírito.

Após Paracelso tornou-se cada vez mais difícil uma separação nítida entre o material e o simbólico; pois sua obra integra ambos. Os famosos Manifestos Rosacruz e sua "fase secreta", o Atalanta Fugiens, constituem uma demarcação documental importante desta guinada que aos poucos se aproximou mais da poesia do que do laboratório. Alquimistas pós-Reforma, como Jacob Böhme, ignoraram completamente o lado material usando termos químicos num sentido puramente místico. Com a chegada do iluminismo a antiga Alquimia abriu espaço para as duas filhas. De um lado sua base operacional tornou-se a química moderna e a farmacologia. Do outro, sua metafísica e alegorias tornaram-se o que hoje chamamos de Alquimia Espiritual ou Simbólica.

É como se o Iluminismo tivesse destilado a alquimia em duas frações: a química e medicina moderna de um lado e a psicologia e o hermetismo do outro. Após essa separação cada lado se desenvolveu e se depurou, como dificilmente teriam conseguido fazer preso um ao outro.

No século XVII, o alquimista alemão Henning Brand isolou o fósforo da urina e iniciou uma corrida global pela descoberta de novos elementos. No século XVIII, Lavoisier introduziu a lei da conservação da massa e uma nova nomenclatura que estabeleceu as bases da química moderna. No século XIX, Dalton desenvolveu a teoria atômica e Mendeleev organizou a tabela periódica. Justus von Liebig estruturou o laboratório moderno e a química orgânica foi sistematizada por Wöhler, Kekulé e Couper, estabelecendo um corpo de conhecimento de aplicação universal. Em seguida Marie Curie e seus continuadores, entre eles Joliot-Curie e Ernest Rutherford redefiniram as fronteiras do campo com seus estudos sobre radioatividade. E não podemos esquecer do impacto da Mecânica Quântica e seu flerte com a acausalidade.

Mas é curioso notar que o hermetismo também se desenvolveu grandemente.

No século XVII, sociedades discretas como a maçonaria e o rosacrucianismo mantiveram vivo o simbolismo alquímico, conciliando razão e espiritualidade. No século XVIII, Martinez de Pasqually reintroduziu a teurgia com foco na reintegração espiritual. No século XIX, Kardec desenvolveu o espiritismo e Blavatsky organizou a teosofia. Eliphas Levi resgatou antigos textos herméticos reinterpretando-os à luz do romantismo unindo cabala, astrologia, tarô e magia cerimonial, trabalho continuado pela Golden Dawn que sistematizou um corpo de conhecimento oculto de aplicação universal. Em seguida Carl Jung e seus continuadores, como Marie-Louise von Franz e Joseph Campbell, ressignificaram às fronteiras do campo com seus estudos sobre psicologia analítica. E não podemos esquecer do impacto da Psicologia Transpessoal e seu flerte com a acausalidade.

Essa separação existiu e foi importante, e como acabamos de ver fortaleceu os dois lados, mas nunca foi totalmente feita. Graças ao célebre livro 'O Despertar dos Magos' de Louis Pauwels e Jacques Bergie, sabemos que em 1953 ainda havia alquimistas operativos como o que entrevistou no Café Procope, em Paris. E foi da França também que veio o autor desse curso. Jean Dubuis faz parte de uma geração de alquimistas que veio depois do Divórcio Alquímico Iluminista. Uma geração que viveu em um mundo onde a palavra 'alquimia' se tornou um termo guarda-chuva dentro e fora do esoterismo para falar de qualquer tipo de transformação e onde as práticas laboratoriais alquímicas propriamente ditas estavam marginalizadas. A Alquimia, enquanto tradição, se via como um filho dividido entre a ciência e o esoterismo. Dubuis foi um desses filhos que atingiu a idade adulta e buscou integrar novamente ambos os saberes. Ele hermetista, astrólogo, cabalista, rosacruz e martinista, mas também engenheiro elétrico que trabalhou para a IBM e esteve por alguns meses no Laboratório de Síntese Atômica de Ivry, sob a direção de Frédéric Joliot-Curie laureado com o Nobel de Química em 1935 e genro de Pierre e Marie Curie. Conhecia, portanto, muito bem que nesse meio tanto a química como a mística haviam se desenvolvido e se depurado e estavam prontos para vê-las reunidas novamente na conjunção de um novo Casamento Alquímico. Esta geração que inclui outros grandes como Frater Albertus e Roger Caro podem ser chamados de Neo-Operativos se quisermos diferenciá-los da alquimia puramente simbólica que dominou o século anterior. Eles não estavam mais interessados em transformar metais físicos mas, herdeiros do legado de Paracelso, sabiam que o laboratório não poderia ser abandonado sem grandes perdas. Hoje podemos dizer com certeza que conceitos como "nigredo", "prima matéria", "arqueus" e "anima mundi" tem sim um profundo significado psicológico mas também tem uma função e utilidade prática no mundo material.

Como disse o entrevistado anônimo de Pauwels, a ausência de uma intercessão material torna o caminho espiritual inócuo e parcialmente falso. Existe algo na matéria, algo fora do ser humano que é preciso ser trabalhado, como ele disse: "O católico engole a hóstia: captação ritual dessa energia. Mas se não tiverdes fé? Se não tendes fé, arranjai uma fogueira: é o princípio de toda a alquimia. Uma autêntica fogueira. Uma fogueira material. Tudo começa, tudo acontece pelo contacto com a matéria. E mais adiante: "Gosta de jardinagem? Eis um belo começo, a alquimia é parecida com a jardinagem. Gosta de pesca? A alquimia tem qualquer coisa em comum com a pesca."

Não basta contemplar a Grande Obra, é preciso obrar. Dentro e fora. Acima e abaixo.

Assim a "Alquimia Mineral" desse livro deve ser lida dentro de um contexto maior tanto na história da Alquimia como no corpo de conhecimentos e práticas deixados por Dubuis durante seus anos à frente do grupo Les Philosophes de la Nature (LPN). Ele foi com certeza influenciado e cativado por todos os nomes que vimos até aqui e assim se enquadra dentro de uma continuidade histórica da alquimia. Suas principais influências parecem ter sido Paracelso, Hollandus e Basílio Valentim. Mas o fato é que a alquimia metálica aqui apresentada não é a mesma praticada pelos antigos. Nem poderia ser, pois mesmo entre eles não havia consenso de crença e unanimidade de prática.

Dentro do material preparado para a LPN, antes de se aventurar na Alquimia Mineral o alquimista já deve ter passado no mínimo pelos cursos "Fundamentos do Conhecimento Esotérico" e "Curso Prático de Espagiria" e preferencialmente também pelo "Curso Prático de Qabala". Dubuis dizia que todo bom alquimista deveria ser também um bom cabalista e um bom astrólogo. Só então as práticas minerais e metálicas deste livro farão sentido. Se parece muita coisa, não se assuste. O conjunto da obra foi coroado ao final pelo "Experiência com a Eternidade", um livro que pode ser lido isoladamente e aponta para um caminho de auto iniciação acessível a todos por meio de uma magia talismânica. Mas se você gostasse apenas de coisas fáceis, algo me diz que não estaria lendo um livro avançado de Alquimia Mineral. Como a história de Parsifal demonstra, a busca pelo Santo Graal (assim como a pescaria e a jardinagem) é muito mais sobre a jornada do que sobre o ponto de chegada.

Lição 1: Circulatum Minor

Caro Amigo,

Da Alquimia Mineral e Metálica

Como dissemos sobre Alquimia, o curso é uma continuação do curso de Espagíria. Ainda abordaremos, por algum tempo, a alquimia vegetal por mais algumas correspondências.

REFLEXÕES SOBRE O CIRCULATUS¹ MINUS

Aqueles que estudaram as notas de Espagíria e realizaram as experiências indicadas devem ser capazes de compreender a teoria e a prática que expusemos em nossos textos.

Qual é a diferença entre os elixires e o circulatus?

Nos elixires, o Sal é espiritualizado, volatilizado pela cohobação² e circulação com a tintura que contém Enxofre e Mercúrio. No circulatus, o Sal é "aberto" por maceração apenas com o Enxofre. Quando a maceração "abre" o Sal, este é volatilizado, tornado espiritual pelo Mercúrio através de sucessivas destilações e cohobações.

Devemos tomar precauções na escolha da planta?

A escolha da planta é muito importante. Dissemos em uma de nossas notas que o óleo de semente de uva comprado no comércio e colocado em maceração com o sal de tártaro (carbonato de potássio) não é adequado, pois, nesse caso, a maceração não "abre" o Sal, mas produz um sabão.³

¹ "**Circulatio**" é um termo latino que designa um dos processos alquímicos clássicos — refere-se ao movimento contínuo de vapores ou líquidos dentro de um recipiente fechado, simbolizando a purificação e a elevação espiritual por meio da repetição. É um estágio importante no caminho da transmutação interior, associado à ideia de renascimento e regeneração.

Já "circulatus" é o particípio passado de "circulare", ou seja, significa "circulado" ou "que foi circulado". Pode aparecer em textos como adjetivo ou como parte de uma descrição, mas não é o nome do processo em si.

² **Cohobação** (do latim *cohobare*, "verter novamente") é uma operação alquímica clássica que consiste em repetir a destilação ou infusão de um líquido sobre a mesma matéria sólida, com o objetivo de intensificar a extração de seus princípios ativos ou promover sua purificação. Essa técnica é frequentemente mencionada em tratados alquímicos medievais e renascentistas, como os de Geber e Paracelso, sendo considerada essencial na preparação de elixires, quintessências e medicamentos alquímicos.

³ O **óleo de semente de uva** é rico em triglicerídeos, que são ésteres formados por glicerol e ácidos graxos. Quando você mistura esse óleo com carbonato de potássio em meio aquoso e aquece, ocorre uma reação em que os ésteres se quebram e reagem com os íons de potássio, formando:

Na fabricação do elixir, a maceração tintura-Sal não produz sabão, porque a presença do Mercúrio impede a formação desse sabão. Urbiger, portanto, escolhe vegetais nos quais o Enxofre não se apresenta na forma de óleo, mas de resina, o que permite "abrir" o Sal sem que ele se transforme em sabão. No entanto, o uso de resinosos exige duas observações:

1. A extração a vapor da resina requer a utilização precisa de certas partes da planta resinosa.
2. A resina só "sai" bem se o vapor estiver fortemente superaquecido. Com resinosos da região de Fontainebleau⁴, a experiência nos mostrou que é possível iniciar uma primeira extração sem superaquecimento do vapor, que extrai o óleo de pinho. Esse óleo poderia transformar parte do Sal em sabão e assim fazer fracassar o processo. Em seguida, o superaquecimento do vapor extrai a resina. Não devemos esquecer que, nesse processo, não podemos obter em volume de circulatus mais de 6 a 8 vezes o volume de Sal obtido por uma lavagem das cinzas. Por isso, se você quiser tentar o circulatus, escolha uma planta que atenda às seguintes condições:
 - Uma planta barata, que se possa obter facilmente e em grande quantidade;
 - Uma planta que forneça uma quantidade razoável de Sal após lavagem e calcinação;
 - Uma planta que forneça uma boa quantidade de resina ou óleo que não forme sabão.

Complementando a parte "Labora" do nosso estudo, insistiremos na parte "Ora" ao longo das próximas 7 correspondências.

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA

Regras gerais para todas as meditações:

- Não há necessidade de postura especial, basta estar confortavelmente sentado;
- Não há ritmo particular de respiração;
- Operar em uma sala escura, no maior silêncio possível;
- Evitar a possibilidade de ser interrompido;

Sabão de potássio (sabão mole) – sais de potássio dos ácidos graxos

Glicerol – que é um subproduto útil e hidratante

⁴ Na floresta de **Fontainebleau**, destaca-se a presença do ***Pinus sylvestris*** (pinheiro silvestre), espécie resinosa predominante na região.

- Esforçar-se para alcançar a calma mental.

MEDITAÇÃO Nº1

Meditação sobre a Retorta ou sobre o Ovo Filosófico:

Essa meditação é, de certa forma, a base e o ritual de abertura das meditações seguintes. Através de seu simbolismo, ela busca abrir uma comunicação entre o consciente exterior e o Ser interior, especialmente no domínio alquímico.

Essa meditação e as seguintes podem trazer elementos específicos de caráter pessoal relacionados à nossa conduta na alquimia operativa.

Falaremos aqui da retorta, mas as coisas são as mesmas para o Ovo Filosófico; a escolha de um dos dois temas é uma questão de ordem pessoal. A retorta utilizada para a meditação servirá apenas para isso e será mantida no oratório, longe dos olhares e, principalmente, do toque dos profanos. Um minúsculo fragmento de ouro de alguns miligramas no interior é recomendado. A retorta será, de preferência, de forma tradicional e sem abertura na parte superior.

O princípio dessa meditação é o seguinte:

- O interior da retorta é nosso Ser interior;
- Nossa consciência material está do lado de fora da retorta;
- O vidro da retorta é a parede que separa os dois mundos, o físico e o espiritual. A transparência do vidro simboliza a possibilidade de comunicação entre os dois;
- O ouro dentro da retorta é o símbolo da perenidade do Ser interior.

A primeira parte da meditação consiste em impregnar-se do que foi dito anteriormente, ponto por ponto:

1 - O exterior, 2 - O interior, 3 - A transparência.

Em seguida, é preciso esforçar-se para sentir nossa consciência psíquica se dirigir para a retorta, penetrá-la, harmonizar-se com o interior e, a partir daí, perceber o mundo exterior a partir do interior.

Nessa experiência, muitas vezes ocorre uma percepção global, ou seja, os cinco sentidos não são mais diferenciados. Nesse momento, é útil tentar diferenciar a percepção e, por assim dizer, "escutar" os sentidos, um por um. Uma vela no oratório pode despertar o aspecto visual da percepção; um leve ruído (esfregar uma

folha de papel), o aspecto auditivo; um leve incômodo (um beliscão), o aspecto tátil; o incenso pode despertar o olfato e a salivação, o paladar.

Isso pode parecer inútil, mas a percepção visual e auditiva, que são frequentemente as mais importantes, são assim melhor caracterizadas. Não devemos esquecer que, na alquimia, o paladar e o olfato eram os principais sistemas de análise química dos Antigos.

Nessa experiência, muitas vezes se cria um negro profundo de onde surgem as impressões. A entrada da consciência na cornucópia é a abertura. A saída da consciência da cornucópia é o fechamento.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 2: Mercúrio Vegetal, Elixir, Tintura e Sal

Caro Amigo,

Vamos continuar nosso estudo do Circulatus minor. Quais são as características de um bom Mercúrio vegetal?

O Mercúrio vegetal que emite as melhores vibrações é o mercúrio originado das uvas. Ele requer o menor número de destilações. O Mercúrio vegetal extraído de maçã, grãos ou qualquer outra fonte pode ser gradualmente elevado ao mesmo grau, mas o número de destilações necessárias para alcançar o mesmo nível é muito maior.

Dependendo da fonte, algum álcool metílico pode estar presente, o que pode ser um problema. Sabemos que é imperativo eliminar esse álcool; qualquer quantidade de álcool metílico ingerido pode causar cegueira permanente, pois destrói rapidamente o nervo óptico⁵. Neste trabalho, é desejável não destilar o álcool sobre carbonato de potássio, pois o carbonato mineraliza o álcool.

O melhor método para preparar o álcool para um circulatum é uma cuidadosa e suave destilação a vácuo. O ponto é evitar que o álcool exploda e passe diretamente para o frasco coletor sem sofrer destilação. Para evitar esse problema, podemos usar pedras de ebulição ou um aspirador de água. No entanto, para manter o vácuo, o aspirador de água deve estar constantemente em operação. Para evitar o consumo excessivo de água, deve-se instalar uma bomba para que a água possa circular em um circuito fechado. Se, no entanto, você não adicionar pedras ou um aspirador de água, deve direcionar os vapores para uma coluna preenchida com pedaços de vidro (destilação fracionada). Um aquecimento cuidadoso torna este sistema possível.

Em todos os casos de destilação a vácuo, há risco de explosão se o resfriamento for inadequado. Para eliminar esse risco, uma válvula de alívio de pressão deve ser instalada no circuito de destilação para evitar sobrepressão acidental.

Matéria-prima para o circulatus minor

⁵ **Alerta toxicológico sobre o metanol:** O *álcool metílico* (metanol) é uma substância tóxica que, ao ser ingerida, é metabolizada no fígado em formaldeído e posteriormente em ácido fórmico. Esse ácido se acumula no organismo, provocando **acidose metabólica severa**, danos neurológicos e, frequentemente, **cegueira irreversível** devido à lesão no nervo óptico. Doses relativamente pequenas podem levar à **falência orgânica** e morte. A exposição requer atendimento médico urgente, sendo o **etanol** ou **fomepizol** utilizados como antídotos competitivos na primeira linha de tratamento.

Um alquimista australiano, Manfred M. Junius⁶ sugere o uso de uma resina filosófica pronta. Este produto, conhecido como Bálsamo do Canadá⁷ é usado em óptica.

Se houver oportunidade, os minerais devem ser comprados com antecedência? Sim, mas pode haver uma precaução específica para o manuseio de cada mineral.

O enxofre virgem é interessante e não requer precauções especiais. O antimônio, cujo minério é a estibnita⁸, deve ser manuseado com luvas.

Para seguir o método de Cockren⁹, o melhor minério é a cerussita¹⁰ (carbonato de chumbo nativo), que também deve ser manuseado com luvas.

⁶ **Manfred M. Junius** (1929–2004) foi um médico, musicista, professor de ayurveda e alquimista alemão, reconhecido por sua atuação na prática e ensino da espagíria — a aplicação laboratorial dos princípios alquímicos à preparação de remédios vegetais. Após estudar medicina na Alemanha, mudou-se para a Índia, onde aprofundou-se na tradição ayurvédica e tornou-se discípulo de mestres da música clássica indiana, como Pandit Ravi Shankar. Fundou a *Australian School of Ayurveda* em Adelaide e atuou como diretor de produção de medicamentos espagíricos no *Australerba Laboratories*. Sua obra mais conhecida, *Spagyrics: The Alchemical Preparation of Medicinal Essences, Tinctures, and Elixirs* (Healing Arts Press, 2007), é considerada uma referência moderna sobre alquimia vegetal, combinando fundamentos herméticos, astrologia e química tradicional.

⁷ O **bálsamo do Canadá** é uma resina natural extraída da árvore **Abies balsamea**, também conhecida como abeto balsâmico, nativa das regiões frias da América do Norte, especialmente do Canadá.

⁸ **Como mineral (estibnita)**: sua fórmula química é **Sb₂S₃** — trata-se de **trisulfeto de antimônio (III)**, principal fonte natural de antimônio.

⁹ O **método de Cockren** refere-se às práticas alquímicas desenvolvidas por **Archibald Cockren** (1905–1950), médico britânico e alquimista moderno, autor da obra *Alchemy Rediscovered and Restored* (1940). Cockren buscou reviver e aplicar os princípios da alquimia tradicional em um contexto contemporâneo, realizando experimentos com metais como ouro, prata, ferro, cobre e antimônio para extrair seus “óleos alquímicos” — substâncias descritas como elixires com propriedades curativas e transformativas.

Seu método envolvia:

- **Purificação dos sais metálicos** por lavagem e destilação.
- **Redução dos metais** a óleos por processos alquímicos específicos.
- **Uso da “Água Mercurial”** (ou *Athoeter*), obtida por destilação de metais, como agente de transmutação.
- **Conjunção dos princípios alquímicos** (Mercúrio, Enxofre e Sal) em frascos selados, sob calor controlado, para obtenção do Elixir da Vida ou Pedra Filosofal.

Cockren combinava rigor experimental com simbolismo alquímico, e seu trabalho influenciou alquimistas modernos como Frater Albertus. Seu legado representa uma ponte entre a alquimia clássica e a espagíria contemporânea.

¹⁰ **Cerussita** é um carbonato de chumbo (PbCO₃), mineral secundário derivado da oxidação da galena. Pode conter impurezas metálicas e, por ser tóxica, exige cautela no manuseio.

O método do Collectanea Chemica é mais fácil com galena ¹¹(sulfeto de chumbo nativo). Luvas também são necessárias para manuseá-la.

A pedra de fogo requer um minério regido por Áries, como pepitas de ouro ou marcasita nativa¹². Não são necessárias precauções específicas para esses dois minerais.

Problemas práticos na fabricação do elixir de tintura + Sal

Após a maceração do Sal de tintura, prosseguimos com a destilação. Se quisermos destilar até o ponto seco, a destilação deve ocorrer em banho-maria, caso contrário, podemos danificar o produto ou correr o risco de quebrar o balão de fundo redondo.

A questão é como retirar o Sal do balão de fundo redondo, pois ele forma uma goma que adere ao vidro. A solução é derramar um pouco de álcool etílico absoluto ou de 98% sobre o resíduo frio para que ele se torne líquido e possa ser despejado do vidro.

Despeje o líquido em um cadinho. Evapore o álcool e calcine a goma.

Geralmente, na segunda e subseqüentes cohobações, podemos obter o Sal sem problemas.

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA

Separação e conjunção:

1. Realize o ritual com o Ovo Filosófico até sentir-se bem dentro do Ovo ou do frasco.
2. Com toda a força do seu Espírito, torne-se consciente da água borbulhante no fundo do ovo ou retorta; ela deve ser clara e ter uma forma definida;
3. Deliberadamente, separe-se da água, de modo que a imagem de si mesmo esteja acima do Reino dos vivos e das águas borbulhantes da alma.

Permita que a separação continue até que você se encontre acima dela como um ponto definido e destacado. Nesse estágio, você pode permitir que a descida do eu ocorra e se abra para a energia produzida pelo encontro com as águas borbulhantes. A imagem de si mesmo deve se dissolver nas águas borbulhantes da alma no fundo do ovo.

¹¹ **Galena** é um sulfeto de chumbo (PbS), opaco e metálico, principal fonte de chumbo na natureza. Apresenta baixa dureza e é tóxica, exigindo cuidados no manuseio.

¹² **Marcasita** é um sulfeto de ferro (FeS₂), polimorfo da pirita, com estrutura instável e sensível à umidade.

Depois, recomenda-se subir novamente ao topo do balão, e assim por diante, muitas vezes, até finalmente sair do balão.

Este exercício treina a habilidade de penetrar no espaço interior à vontade e proporciona a flexibilidade interior necessária para o trabalho posterior.

Este exercício é idêntico ao trabalho da alquimia laboratorial que, pelo processo de separação e conjunção, transforma o Sal em Enxofre, pelo qual o corpo adquire mais alma.

Mentalmente, realize a saída do balão como na primeira meditação.

Relaxe por alguns momentos e anote em um caderno impressões, se houver, o tempo e a data.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 3: Alkahest do Enxofre

Caro Amigo,

Por que começamos o presente trabalho com o enxofre? Há três razões para isso:

- primeiro, se considerarmos seu potencial e aplicações, ele vem logo após o vinagre de antimônio;
- depois, nos dois modos possíveis de produzi-lo, um requer apenas paciência e um sistema de destilação;
- Finalmente, a terceira razão é que o enxofre sublimado, que é facilmente obtido, nos permite iniciar este experimento com pouco investimento de capital.

Para aqueles que pesquisam por conta própria em antigos livros de alquimia, devemos apontar imediatamente que o óleo de vitríolo é o moderno ácido sulfúrico; o alcaeste de enxofre não tem nada a ver com esse ácido, mas é frequentemente chamado de Espírito de Enxofre.

Primeiro, vamos examinar a matéria-prima — o enxofre sublimado¹³. Ele é facilmente encontrado em lojas, o que permite que o experimento seja repetido; mas ele só rende ou o óleo de enxofre, ou o Enxofre do Enxofre. Se o enxofre sublimado foi produzido por fusão, há pouca chance de que o alcaeste esteja presente. No entanto, como o enxofre nativo é mais difícil de encontrar, recomendamos fortemente que você pratique primeiro com o enxofre sublimado antes de arriscar o seu enxofre nativo neste experimento.

O enxofre nativo vem em duas formas:

- forma cristalina;
- na forma de uma mistura de enxofre e calcário;

Preferimos a forma cristalina, pois só precisamos separar os cristais da matriz e esmagá-los em uma atmosfera seca para preparar a matéria.

No entanto, o que segue é válido para ambas as formas de enxofre nativo.

O enxofre nativo perde sua característica filosófica a uma temperatura pouco superior a 110°C. Por outro lado, qualquer vestígio de umidade pode eventualmente produzir ácido sulfúrico. Se você acreditar que há umidade no enxofre, pode colocar

¹³ **Enxofre sublimado** é obtido por purificação do enxofre natural via sublimação, resultando em um produto mais puro e estável. Já o enxofre nativo, encontrado na natureza, pode conter impurezas minerais e formas variadas, exigindo tratamento para uso técnico ou medicinal.

o enxofre em um frasco de fundo redondo e aquecê-lo em banho-maria sob vácuo. É mais seguro incluir no circuito de vácuo um frasco de fundo redondo que contenha carbonato de potássio calcinado, que auxilia na desidratação ao absorver os vapores de água. (ver figura 1 na página 6). Esta é uma solução.

Se você usar a segunda forma (a mistura de enxofre e calcário), pulverize o enxofre nativo e encha um cartucho de extrator Soxhlet com o pó assim obtido. A extração ocorre por aquecimento, usando o método de banho-maria. O tetracloreto de carbono é o solvente; é incombustível e ferve a uma temperatura de 64°C. Tenha cuidado! Os vapores são tóxicos e se decompõem em fosgênio, um gás que se torna asfixiante ao entrar em contato com um corpo muito quente. Uma destilação em banho-maria do tetracloreto de carbono resulta em um resíduo de enxofre puro e cristalizado. O tetracloreto é recuperado e pode ser reutilizado. No entanto, o enxofre assim purificado retém o cheiro de tetracloreto de carbono. Para eliminá-lo, usaremos outro frasco de fundo redondo para conter o enxofre. Aqueça-o em banho-maria e produza um vácuo. Além do circuito com o frasco de carbonato de potássio calcinado que absorve os vapores do aspirador de água, um frasco de fundo redondo refrigerado por um banho de gelo que captura os vapores de tetracloreto de carbono deve ser inserido no circuito de vácuo como na Figura *1.

O enxofre está pronto agora e podemos iniciar a extração do alcaeste.

Nota: O tetracloreto de carbono não deve ser usado a menos que seja ao ar livre ou sob uma coifa com boa ventilação.

PRIMEIRO MÉTODO DE EXTRAÇÃO: MACERAÇÃO

Aqui podemos usar nosso enxofre nativo imediatamente.

Use um frasco hermético, como um pote de conserva, mas o selo não deve ser de borracha nativa; você pode, por exemplo, cortar uma junta de uma câmara de ar de pneu ou de um pedaço de plástico. Você também pode usar um frasco com rolha de vidro esmerilhado; nesse caso, terá que manter a rolha e o gargalo da garrafa em um saco plástico ou filme plástico para evitar que qualquer ar entre.

Despeje o enxofre no frasco e cubra-o com álcool filosófico¹⁴. O enxofre não deve ocupar mais de um décimo do frasco e o álcool cerca de um terço. Depois, deixe o frasco em um ambiente quente, a cerca de 40-42°C por um ciclo lunar completo (cerca de 29 dias e meio); no ciclo lunar seguinte, coloque o frasco em um ambiente frio, em uma adega ou preferencialmente em uma geladeira. Durante o ciclo lunar frio, o frasco deve ser manuseado e movido o menos possível.

¹⁴ **Álcool filosófico** é etanol purificado por destilações sucessivas, utilizado como solvente espiritual para extrair e preservar os princípios sutis das plantas.

Quando os cristais aparecerem, remova-os e permita que mais cristais se desenvolvam. Quando a quantidade de cristais for suficiente, destile-os muito lentamente, em um balão, por exemplo. Recupere o óleo e o alcaeste. Para recuperar o alcaeste, o frasco de fundo redondo deve ser imerso em uma mistura refrigerada composta de sal e gelo. Basílio Valentim¹⁵ diz que o método funciona em três dias; provavelmente ele quis dizer três ciclos lunares; sabemos que, em alguns casos, os cristais podem demorar até dois anos para aparecer. Acreditamos que a velocidade de extração depende da qualidade do álcool filosófico que usamos, por isso apresentaremos mais informações para completar o processo apresentado nas lições sobre o trabalho vegetal (ver Curso de Espagiria Lição 29 sobre o Menstruo de Kerkring).

O sal amoníaco (cloreto de amônio) usado deve ser sublimado três vezes com calor intenso para que o sal adquira uma cor amarelo-alaranjada.

Se você não usar o cloreto de amônio logo após a sublimação, sempre seque-o à vácuo por algumas horas antes de usá-lo novamente. O álcool deve ser destilado sobre carbonato de potássio pelo menos três vezes, sendo a última com muito pouco carbonato calcinado: 25 ou 50 gramas por litro. O alcoolômetro¹⁶ deve mostrar 100% para o álcool. Se você circular o álcool sobre o sal no Soxhlet, deve circular por 72 horas. O aparelho Soxhlet deve ser hermético; para isso, coloque uma rolha no topo do frasco refrigerante.

Se o menstruo for produzido por circulação em um pelicano, deixe por três a quatro ciclos lunares. No inverno, coloque o pelicano em um aquecedor; no verão, coloque-o em um papel preto e exponha-o à luz solar. O menstruo deve ser destilado. Não deve haver nenhum resíduo sólido na primeira destilação. Se houver um resíduo, provavelmente é porque o álcool ou o sal ainda continham água. O menstruo deve ser usado assim que for produzido; caso contrário, mantenha-o em frascos suficientemente herméticos para que os vapores de água da atmosfera não contaminem o líquido.

¹⁵ **Basílio Valentim** (ou *Basilius Valentinus*) é o nome atribuído a um alquimista alemão do século XV, cuja identidade permanece envolta em mistério. Acredita-se que tenha sido um monge beneditino do priorado de São Pedro em Erfurt, embora alguns estudiosos sugiram que o nome seja um pseudônimo, possivelmente de **Johann Thölde**. Valentim é considerado um dos mestres mais influentes da tradição alquímica ocidental, tendo contribuído significativamente para a alquimia dos metais e para a iatroquímica — a aplicação da alquimia à medicina. Entre suas obras mais célebres estão *As Doze Chaves da Filosofia* e *A Carruagem Triunfal do Antimônio*, ambas repletas de simbolismo esotérico e instruções práticas para a Grande Obra. Seus textos foram originalmente escritos em latim e alemão, e traduzidos para diversos idiomas ao longo dos séculos.

¹⁶ **Álcoolômetro** é um instrumento de vidro que mede a graduação alcoólica com base na densidade do líquido, indicado em graus Gay-Lussac (°GL). Graus Gay-Lussac (°GL) medem a concentração de álcool em volume — por exemplo, 70°GL significa 70% de etanol em 100 mL de solução. Já os graus Baumé (°Bé), como veremos adiante, indicam a densidade relativa de líquidos em relação à água. Embora as escalas meçam propriedades diferentes, é possível correlacioná-las por meio de tabelas ou fórmulas empíricas, pois a densidade do etanol varia conforme a concentração e a temperatura.

Acreditamos que um bom álcool filosófico pode render cristais dentro de seis meses.

SEGUNDO MÉTODO DE EXTRAÇÃO

Enxofre nativo, ácido acético glacial e água destilada são necessários para começar. O ácido acético deve ser glacial ou usar vinagre radical, que deve ser preparado conforme indicado na Lição 43 do Curso de Espagiria. No entanto, esta preparação leva muito tempo.

Coloque o enxofre nativo em um extrator Soxhlet; use o ácido acético glacial como menstruo. Após algumas extrações, o ácido começa a ferver violentamente. Deve ser substituído por ácido fresco. Durante esse tempo, destile o ácido circulado com o maior cuidado e muito lentamente, caso contrário, o ácido borbulha no frasco de fundo redondo e transborda como líquido, e então tudo deve ser recomeçado do início. Pedras de ebulição¹⁷ são essenciais para essas extrações e destilações.

Se você iniciou o experimento com enxofre sublimado, obterá um resíduo de cor marrom escura; com enxofre nativo, o resíduo será um pó vermelho.

O ácido destilado é circulado novamente, enquanto o novo ácido é destilado. Repita esse ciclo enquanto continuar extraíndo qualquer pó. Em seguida, coloque todo o pó junto, dissolva-o em água destilada, filtre e evapore. Você precisa passar por este processo várias vezes até que o menor traço de ácido seja eliminado do pó vermelho; isso é muito importante. Em seguida, coloque o pó em um frasco Erlenmeyer (capacidade máxima de 500 ml) ou em um balão de fundo plano. Você pode adicionar um condensador reto e um frasco receptor de fundo redondo. (ver figura 42, p.7).

Se possível, é preferível usar um aparato que permita produzir vácuo ou sobrepressão de 25 cm de mercúrio ou cerca de 5 psi. À medida que a destilação começa em sobrepressão, você deve produzir vácuo assim que as primeiras gotas de líquido aparecerem.

O calor pode ser produzido por uma chapa elétrica sobre a qual há uma folha de latão ou cobre, ou por um banho de areia.

O frasco Erlenmeyer deve estar a 1 cm de distância da chapa elétrica; isso evita que o frasco se quebre.

Mais tarde, você verá que o alcaeste ou mercúrio é geralmente liberado de maneira violenta — se não muito violenta —; é, portanto, necessário colocar uma proteção plástica na frente do aparelho. Tome cuidado para aumentar a temperatura de forma extremamente lenta. Assim que aparecer a fumaça branca, o frasco receptor deve

¹⁷ Pedras de ebulição, ou **grânulos de ebulição**, são materiais porosos (como porcelana ou vidro) usados em aquecimento de líquidos para promover uma fervura controlada, evitando o superaquecimento e ebulições violentas.

ser resfriado com uma mistura de gelo e sal. Pode demorar alguns dias até que os vapores e as primeiras gotas de líquido apareçam.

Destile o líquido recuperado (sempre com um frasco receptor refrigerado com gelo). Podem ser obtidos dois líquidos:

— um óleo amarelo muito claro: o Enxofre do Enxofre; — um líquido claro como água: o Espírito de Enxofre — seu alcaeste.

Se tudo for feito com cuidado, esses líquidos não devem ser tóxicos. Diz-se que o óleo cura doenças crônicas e o Espírito tem ação rápida sobre doenças agudas.

A posse do Alcaeste, mesmo em quantidades mínimas, abre horizontes significativos de pesquisa e experimento. Não se esqueça de que esse Alcaeste dissolve o enxofre nativo e, portanto, pode multiplicar-se por simples destilação. Ele também extrairá todas as tinturas metálicas, exceto a tintura de ouro.

No próximo experimento, estudaremos a extração do Alcaeste do tártaro, uma extração não tão trabalhosa quanto esta, mas, por outro lado, o alcaeste de tártaro não é tão universal quanto o alcaeste de enxofre.

Esses dois experimentos não são essenciais para o processo alquímico, mas são um capítulo interessante da Alquimia. Aqueles de vocês que não quiserem ou não puderem realizar esses experimentos podem esperar pelo trabalho com o antimônio.

Nota:

Para verificar a toxicidade do alcaeste, realize o seguinte teste: coloque um pouco desse alcaeste em um tubo de ensaio separado e adicione uma pequena bola de mercúrio, do tamanho de uma cabeça de alfinete. O alcaeste extrai uma tintura do mercúrio, mas se algum ácido sulfúrico tiver se formado durante o processo, o mercúrio será completamente dissolvido. A extração do Enxofre do mercúrio deve dar uma cor azul escura ou verde escura ao alcaeste.

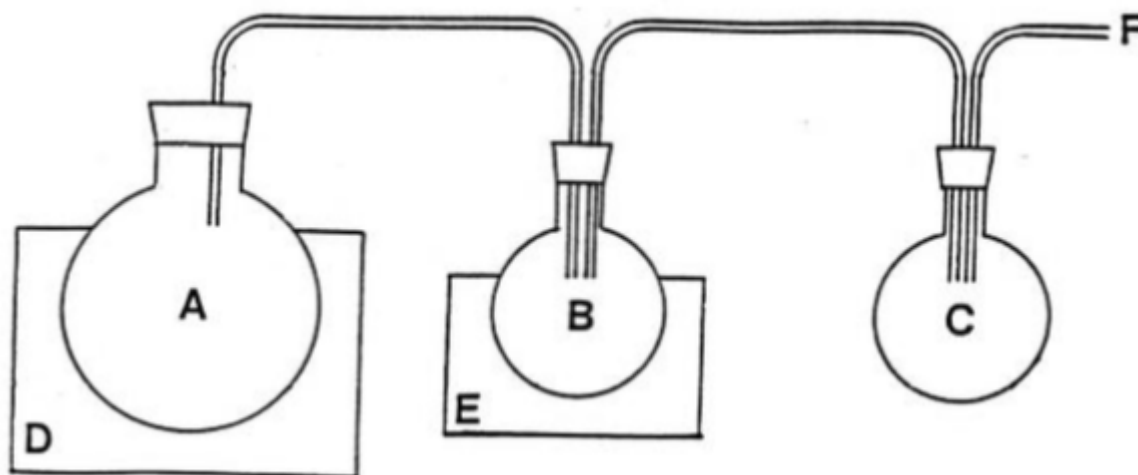
O alcaeste pode ser separado dessa tintura por destilação; o alcaeste é assim recuperado. A tintura é reservada para experimentos subsequentes.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURAS ANEXAS:

PRIMEIRO MÉTODO DE EXTRAÇÃO

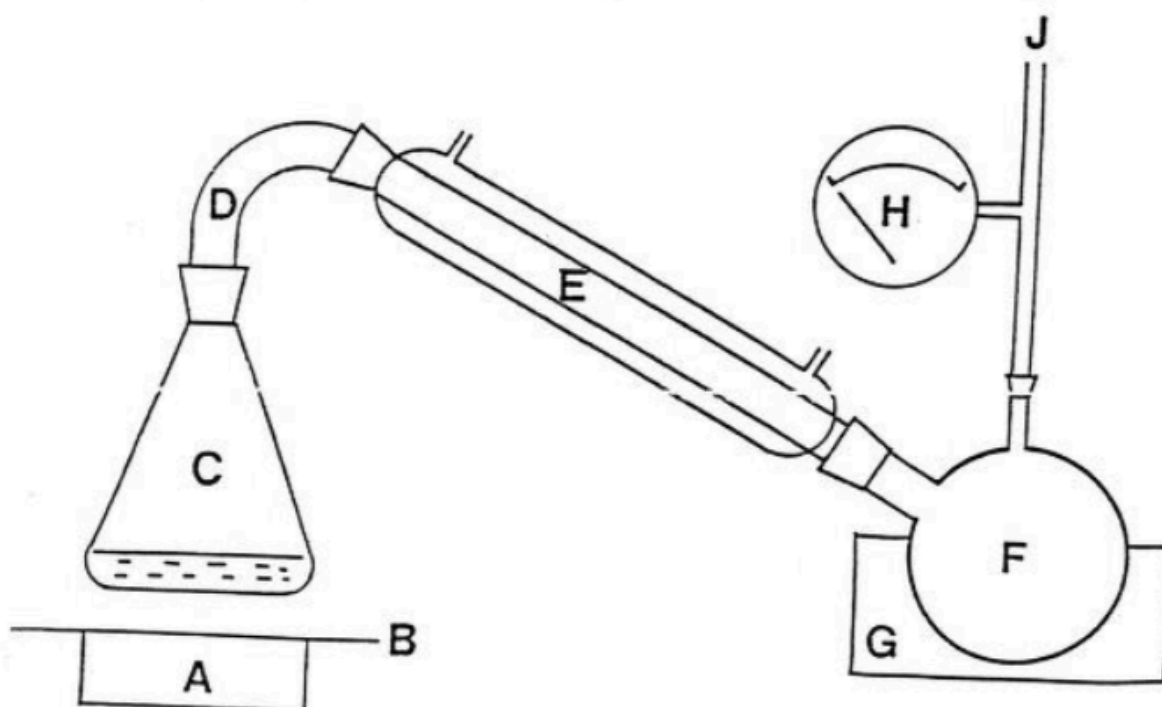


Lista de peças do aparelho mostrado na Figura 1:

- A. Frasco que contém a matéria a ser seca.
- B. Frasco de condensação.
- C. Frasco contendo o carbonato de potássio calcinado.
- D. Banho-maria usado para aquecer o balão de fundo redondo A.
- E. Banho de gelo para refrigerar o balão B.
- F. Tubo para o vácuo (torneira de vácuo, válvula de retenção e aspirador de água).

Observação: Se o líquido a ser evaporado for água, não utilize B e E. Neste caso, A deve ser conectado diretamente a C.

SEGUNDO MÉTODO DE EXTRAÇÃO



Lista de Peças do Aparelho Mostrada na Figura 2

- A. Placa de aquecimento com termostato.
- B. Placa de cobre ou latão com 1 ou 2 mm de espessura (APROXIMADAMENTE 1/16 de polegada) que é colocada sobre a placa de aquecimento. Esta placa é obrigatória.
- C. Frasco Erlenmeyer com capacidade máxima de 500 ml (aproximadamente 16,8 fl. oz.); há risco de implosão se for utilizado um frasco maior. O pó vermelho é achatado no fundo.
- D. Juntas de vidro esmerilhado em cotovelo de 105 graus; Considerando a sobrepressão, todas as juntas de vidro esmerilhado devem ser equipadas com braçadeiras de plástico.
- E. O condensador deve ser um modelo de tubo reto (Liebig ou West).
- F. Frasco receptor de fundo redondo com duas conexões de vidro esmerilhado. | .
- G. Banho frigorífico; O gelo é colocado assim que o destilado começa a fluir.
- H. Manômetro ou medidor de vácuo e pressão.
- J. Para a bomba de vácuo através do balão de fundo redondo que contém carbonato de potássio calcinado, válvula de retenção e torneira de vácuo.

Observação: A sobrepressão inicial pode ser obtida com uma bomba de bicicleta e uma torneira de vácuo. Uma pressão de 25 cm (9,84 polegadas) de mercúrio ou cerca de 5 psi é adequada.

Lição 4: A Influência das Energias na Alquimia

Caro Amigo,

Quando lidamos com a matéria em nível atômico, utilizamos energias físicas, as energias da matéria. As reações que elas produzem no ser humano ocorrem, em geral, no plano da matéria, no Sal de seu corpo. Além disso, podemos constatar que, de acordo com a força ou a natureza das energias em ação, a reação produzida no corpo pode ser benéfica ou nociva. Por outro lado, as energias da vida atuam sobre a psique. As energias do Reino Vegetal provocam reações muito fracas no homem. O corpo humano já está acostumado a certo número dessas energias, sejam elas positivas ou negativas, por meio da alimentação. Ele as tolera relativamente bem.

Já as energias vitais presentes nos experimentos minerais ou metálicos são muito mais potentes. O corpo humano não está, ou está muito pouco, acostumado a essas energias, que só se manifestam na Terra por meio das correntes telúricas.

Se, em nosso trabalho alquímico com o reino vegetal, cumprirmos as condições tradicionais, ou seja, se tivermos certeza de que a matéria é Filosófica, de que o processo é Filosófico, e de que as influências astrais são exatas ou foram tornadas exatas pelo uso, por exemplo, de sistemas derivados da Qabala, essas energias não serão desfavoráveis. Na verdade, essas energias exercerão uma influência direta sobre o operador ou sobre seu entorno imediato, contribuindo para o despertar interior do alquimista para sua genuína iniciação tanto quanto, talvez, os elixires e tinturas do reino metálico.

O primeiro princípio dos experimentos metálicos com antimônio é operar em um dia claro e ensolarado, mesmo que o laboratório não esteja exposto ao sol.

Para os demais metais, o trabalho deve ser iniciado na primeira hora após o nascer do sol, no dia correspondente a esse metal. Ou seja, sábado para o chumbo, quinta-feira para o estanho, sexta-feira para o cobre, terça-feira para o ferro, etc.

Na Alquimia, também devemos considerar as energias sob outra perspectiva, se quisermos evitar ao máximo os inconvenientes. De fato, sejamos alquimistas ou não, todos nós manipulamos e somos afetados por essas energias, consciente ou inconscientemente. Quando comemos carne, observamos um fenômeno idêntico. A aplicação do princípio bíblico que afirma que o espírito está no sangue levou à criação de soluções como o método kosher ou outros equivalentes. Essas soluções são apenas parciais, pois eliminam apenas o mercúrio animal da carne; como o enxofre animal não é removido, ele permanece na carne. Da mesma forma, o metalurgista que derrete o minério libera energias poderosas que podem ser benéficas ou nocivas.

Como já abordamos as teorias alquímicas de forma bastante completa em nossas 48 lições sobre o reino vegetal, acreditamos que aqueles que trabalham conosco devem refletir sobre os aspectos e consequências dessas energias alquímicas na vida cotidiana.

Se você tem alergias alimentares ou outros problemas relacionados à alimentação, provavelmente deveria buscar a solução neste domínio.

O domínio das energias é muito importante nos processos alquímicos que serão desenvolvidos posteriormente. As energias utilizadas na Alquimia são de ordem espiritual; pertencem ao domínio da vida.

A energia que não está incorporada não é determinada, ou seja, não pertence a nenhum dos três Reinos. O alquimista utiliza um Ímã¹⁸ para atrair essa energia, que ele chama de “aço”¹⁹. O método mais comum consiste em deliquescer o sal, geralmente à noite e preferencialmente, mas não necessariamente, na primavera. O líquido obtido normalmente deve ser destilado.

A escolha do Ímã determina a natureza do aço. Abordaremos a preparação desses sais em uma lição posterior. O Ímã metálico exige grande cuidado e experiência em sua preparação.

Outros métodos de manipulação dessas energias consistem em fazer com que um reino aceite as energias de outro reino, a fim de modificar o ritmo de sua evolução. A transferência da consciência vegetal para o mineral acelera significativamente sua evolução, e essa evolução pode ser ainda mais acentuada com a transferência da vida e da consciência animal. Assim como as influências astrológicas só atuam sobre substâncias em estado líquido, da mesma forma, essas transferências só podem ocorrer quando os metais estão em estado líquido. Elas não acontecem por fusão, mas por dissolução.

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA

MEDITAÇÃO NÚMERO 3

Antes de entrar no alambique, grave em si o fato de que a operação de Solve extrai a essência, o princípio, e que a operação de Coagula dá ao princípio extraído sua forma material.

¹⁸ Optou-se por grafar *Ímã* com inicial maiúscula quando se refere ao conceito filosófico-esotérico de Ímã — entendido como um princípio atrator de ordem espiritual, simbólica ou metafísica — em contraste com o *ímã* comum, de natureza física, composto geralmente por ligas metálicas (como neodímio-ferro-boro ou ferrite) que apresentam propriedades magnéticas mensuráveis. A distinção gráfica visa evitar ambiguidade entre o objeto técnico e o símbolo iniciático.

¹⁹ O *aço*, Do ponto de vista técnico, é uma liga de ferro e carbono; enquanto para a alquimia, representa a união simbólica entre o princípio fixo (ferro) e o volátil (carbono), sendo expressão da evolução espiritual da matéria.

O processo de Solve/Coagula constrói uma ponte entre o princípio interior invisível e a forma.

É recomendável colocar uma figura simbólica atrás do alambique: um triângulo feito de papelão, com um pequeno frasco colocado em cada um dos seus vértices. Cada frasco contém um princípio alquímico: um óleo essencial para o Enxofre, um pouco de álcool puro para o Mercúrio, e um pouco de cinza vegetal para o Sal. Ao lado de cada frasco, desenhe os símbolos:



Enxofre



Sal



Mercúrio

Os símbolos devem ser dispostos de forma que o Sal fique voltado para o operador, e os outros dois fiquem voltados para fora. (Ver Figura nº 1, página 4).

Realize o ritual de entrada no alambique. Medite sobre o fato de que, à medida que o Enxofre e o Mercúrio se espiritualizam, eles levam o Sal consigo, e o triângulo cresce infinitamente e se torna mais sutil. A consciência deve acompanhar esse processo, e o triângulo pode então ser subdividido em três triângulos irradiantes, cada um dos quais corresponde aos mundos invisíveis da Qabala. O operador não deve permanecer por muito tempo na fase de Solve.

Em seguida, Coagula reúne todos os elementos da consciência no mundo da forma. Finalmente, saia do alambique, relaxe e anote suas impressões.

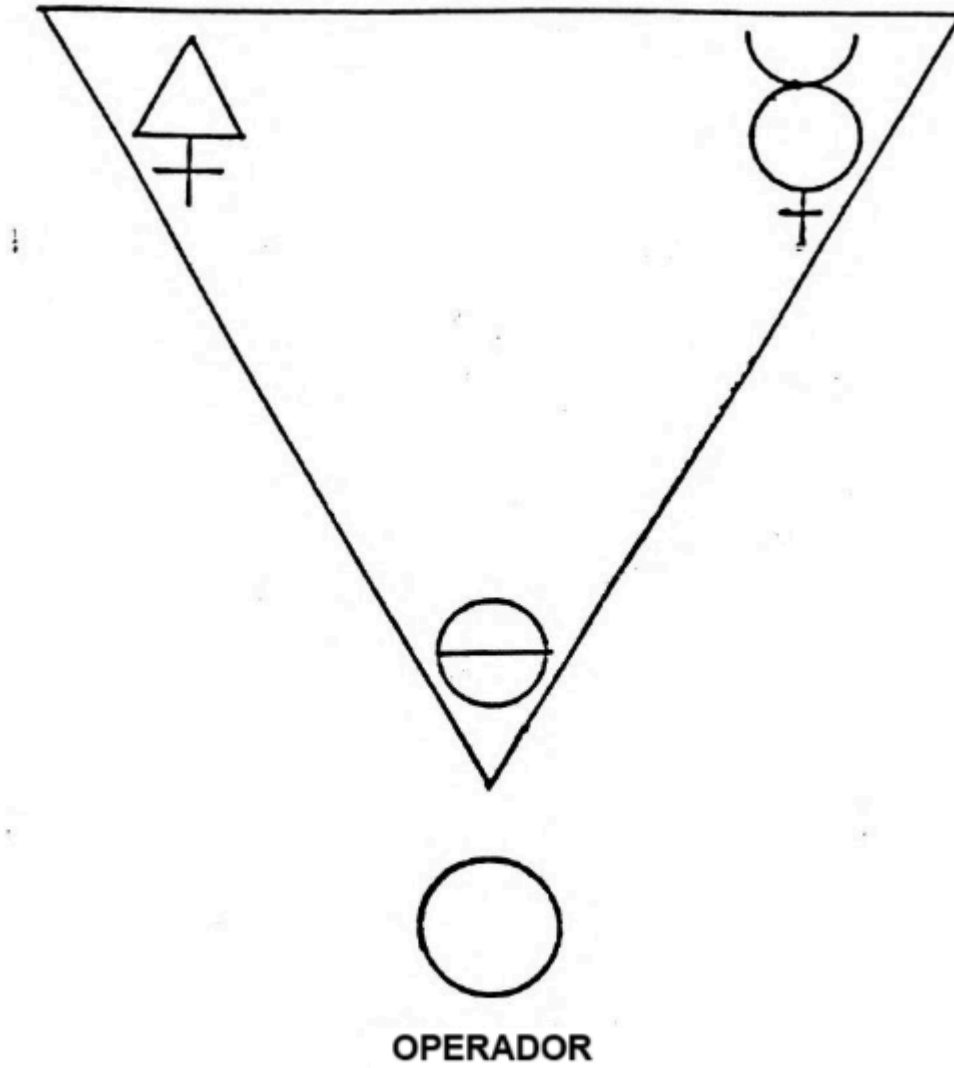
Este experimento deverá, gradualmente, revelar o vínculo existente entre os três princípios alquímicos e os três mundos arquetípicos.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURA ANEXA:

OS 3 PRINCÍPIOS ALQUÍMICOS:



Lição 5: Circulação dos Elixires

Caro Amigo, vamos conversar novamente sobre a circulação dos elixires.

Cada vez que nos encontramos, surgem novas perguntas que tentaremos responder. — A circulação do elixir é uma operação fundamental. —

Despejar o sal na tintura não é o suficiente. Se o sal não estiver espiritualizado, o que temos não é um elixir, mas uma preparação farmacêutica comum e ordinária. O principal indicativo da espiritualização do sal é a mudança de cor da tintura original. Em 90% dos casos, as tinturas verdes, amarelas e azuis tornam-se vermelho-rubi. A quantidade de sal sólido diminui e, às vezes, há uma dissolução completa do sal.

Para o método de circulação, podemos usar um pelicano (ou um balão) colocado em uma caixa isolada e levemente aquecida — ou seja, a temperatura de digestão é mantida entre 40 a 45°C (104 a 113°F) — e é importante manter o gargalo do balão para fora da caixa. Essa circulação espiritualiza o sal, mas pode levar seis, sete meses ou até um ano. A mudança de cor indica que a operação está completa. Em seguida, decanta-se, e o elixir está pronto.

O método indicado nas Lições anteriores parece ter sido mal compreendido, portanto vamos retomar o assunto e trazer mais explicações.

Após digerir a tintura sobre os sais por uma semana, você pode destilar. Se possível, é melhor separar os sais antes da destilação, filtrando-os. Durante a destilação da tintura, o Mercúrio passa primeiro, depois os óleos essenciais e, possivelmente, os sais voláteis. O destilado é claro ou amarelo pálido. Resta, no balão de fundo redondo, uma massa esverdeada e pegajosa que contém parte do Enxofre vegetal e os sais orgânicos não voláteis. Se, após a passagem dos óleos (vapores brancos e espessos), o resíduo não quiser escorrer, deixe-o esfriar e dissolva-o novamente em um pouco de álcool etílico.

Seque essa mistura muito lentamente em um cadinho — isso evita respingos — e calcine até que fique preta. Você obterá um preto oleoso, cujo tratamento já foi explicado (ver Espagiria Lição nº 26, página 5: o Sal do Enxofre vegetal). Esse produto torna-se branco após o tratamento. Despeje o destilado claro sobre essa mistura e deixe macerar por uma semana. Geralmente, na segunda digestão, a tintura adquire uma cor rosa-pálido. Na segunda destilação, ela se torna clara. Novamente, calcine os sais. Despeje o destilado claro sobre o sal; ele adquire um pouco mais de cor ao final da segunda digestão. Então, reinicie as operações, seguindo a mesma ordem. A partir da segunda destilação, o sal permanece no balão de fundo redondo até o fim da destilação.

Se tudo correr bem, você deverá obter uma coloração vermelho-rubi. Se fizer um ciclo por semana, o elixir deve estar completo após dois meses a um ano. As explicações encontradas na Lição nº 34 de Espagiria sobre o uso dos elixires são

válidas apenas para elixires corretamente circulados ou preparados com uma Pedra vegetal.

Por fim, um lembrete importante: sempre destile em banho-maria. Se nem sempre fornecemos todos os elementos de um experimento, ao menos fornecemos sempre aqueles necessários para que ele tenha sucesso. Nem sempre dizemos qual será o resultado de um experimento, pois somente aquele que trabalha deve saber.

Esperamos, enfim, que nosso método seja corretamente compreendido, ou seja, que cada um se torne um alquimista capaz de resolver por si mesmo todos os problemas que encontrar.

Acreditamos que o que precede pode permitir que você realize um trabalho preciso no reino vegetal. No entanto, continuaremos nossas explicações com o objetivo de fornecer informações complementares sobre o trabalho vegetal, ou seja, como uma aula de segundo nível. Em particular, iremos enfatizar a diferença entre Enxofre fixo e volátil, Sal solúvel e insolúvel, e os métodos espagíricos destinados a obter tinturas que, obviamente, são diferentes dos elixires. Sem tornar esse trabalho demasiadamente lento, desejamos permitir que cada um tenha tempo para respirar.

Não se esqueça de concretizar a parte *Ora* da Alquimia por meio das meditações propostas.

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA

MEDITAÇÃO Nº 4

Preparativos: desenhe o sinal do Pentagrama em um pedaço de papelão e, no centro, o símbolo de Mercúrio (cerca de três a quatro vezes a altura do alambique). Coloque o símbolo de pé atrás do alambique.

Realize o ritual de entrada no alambique. Esforce-se para sentir a dissimetria interna do lado direito, depois do lado esquerdo. Fixe seu olhar no lado esquerdo do alambique, o Mercúrio, e sinta a energia no braço e na perna esquerda; depois, no lado direito do alambique, o Enxofre, e sinta a energia no braço e na perna direita.

Não permita que a energia atinja um nível elevado; mantenha-a como uma corrente leve e suave, caso contrário, interrompa.

Reúna novamente os dois princípios no alambique e considere-os como um símbolo lunar único. Sinta a energia feminina lunar, à direita e à esquerda do seu corpo, em sua dissimetria interna. Essas energias dizem respeito principalmente ao cérebro. Em seguida, passe para as energias solares, cuja dissimetria é mais pronunciada; elas dizem respeito essencialmente ao coração.

Depois, tome a cruz como símbolo terrestre para todo o corpo, como veículo da energia terrena. Sinta os diferentes efeitos dessas duas energias entre os órgãos simétricos (como os pulmões, os rins, o cérebro) e os órgãos assimétricos (como o coração, o fígado, o baço, etc.).

Nunca deixe que as energias se elevem de forma violenta, permita que seja um despertar progressivo.

Saia do alambique, relaxe e anote suas impressões, o dia, a hora e a posição da lua.

O objetivo do experimento é torná-lo consciente da influência e dos efeitos das energias da Alma e do Espírito sobre o corpo durante sua encarnação.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 6: Uso dos Alkahests e Alkahest de Tártaro

Caro amigo,

Esta lição, que descreve a extração do Alkahest de Tártaro, permite-nos, uma vez que já sabemos como extrair o Alkahest de Enxofre, considerar a fabricação das sete tinturas metálicas planetárias.

Estude esta lição consultando constantemente a Lição de Espagíria nº 41. Repetimos que nossas lições fornecem soluções, mas que não desejamos impô-las como modelos exatos. Cada um é livre para seguir um programa de trabalho que lhe convier, conforme o tempo disponível ou o material que se possa obter.

Na parte do reino mineral não-metálico, ou seja, no que se refere aos Alkahests, acreditamos na possibilidade de mais de uma solução prática. Podemos fabricar os Alkahests de tártaro e enxofre, que se complementam, ou então produzir o vinagre de antimônio. Como a experiência demonstrará, cada um desses Alkahests tem suas vantagens e desvantagens. Os de tártaro e enxofre são voláteis; o vinagre de antimônio não é. A ação do Alkahest de tártaro ou de enxofre é geralmente mais rápida do que a do vinagre de antimônio. O tártaro é barato e fácil de obter.

Assim que dominar a extração do Alkahest de tártaro, você poderá usá-lo para obter as tinturas de ferro, cobre, mercúrio, prata e ouro, a partir de metais mortos porém puros. As extrações de chumbo e estanho são feitas com o Alkahest de enxofre. A fabricação deste Alkahest requer enxofre nativo, um produto mais caro e raro que o tártaro. Portanto, é usado apenas para estes dois metais.

Se você tiver uma quantidade suficiente de estibnita²⁰, o método do vinagre de antimônio é preferível.

A EXTRAÇÃO:

Se os metais utilizados forem puros, as tinturas também o serão. Se os metais estiverem mortos, o Alkahest lhes empresta sua vida alquímica para revivificar as tinturas, mas neste caso o Alkahest não pode ser revivido e reutilizado.

Quais são os diferentes minerais que nos fornecerão os elementos vivos das sete tinturas metálicas planetárias? Se prepararmos as tinturas a partir de minérios vivos corretamente preparados, podemos recuperar o Alkahest vivo. Ele pode ser reutilizado, e a destilação da tintura produz ou outro Alkahest vivo, ou um Mercúrio Filosófico vivo.

²⁰ **Estibnita**, também chamada de antimonita, é um sulfeto de antimônio (Sb_2S_3), de brilho metálico e cor cinza-prateada. É a principal fonte natural de antimônio e forma cristais alongados ou em agregados radiais, sendo valorizada em mineralogia e metalurgia.

- **Chumbo** - CERUSITA (carbonato) , GALENA (sulfeto)²¹
- **Estanho** - CASSITERITA (óxido)²²
- **Ferro** - SUDERITA (carbonato), PIRITA (sulfeto), MARCASITA (sulfeto)²³
- **Ouro** - OURO NATIVO , pepitas naturais²⁴
- **Cobre** – CUPRITA (óxido), CALCOPIRITA (sulfeto), COVELITA (sulfeto), CALCANTITA (sulfato), MALAQUITA (carbonato), AZURITA (carbonato)²⁵
- **Mercúrio** – CINÁBRIO (sulfeto)²⁶
- **Prata** - ARGENTITA (sulfeto)²⁷

Se escolher o método do Alkahest de enxofre e tártaro, a extração sobre metais puros porém mortos parece preferível. Mas, se escolher o vinagre de antimônio, acreditamos que o método dos minérios vivos é o melhor.

Não basta jogar o minério vivo no Alkahest para obter a tintura. Nesse caso, obtém-se apenas uma mistura horrenda, sem valor e geralmente muito tóxica. O minério nunca é puro, contém muitos corpos que reagem com o Alkahest. Portanto, é necessário purificar o minério sem matá-lo. Existem vários métodos, e devem ser adaptados a cada mineral ou minério. Por isso recomendamos o uso de enxofre e tártaro no início, pois o problema da purificação é muito simples nesses dois materiais, ao menos quanto às substâncias tóxicas.

As duas substâncias minerais que apresentam maior problema são o enxofre livre e o arsênico. Na galena, como em todos os sulfetos, o enxofre está normalmente

²¹ A **galena** contém cerca de 86,6% de chumbo, enquanto a **cerussita** possui aproximadamente 77,5%. A diferença reflete suas composições químicas: sulfeto primário no caso da galena (PbS) e carbonato secundário na cerussita (PbCO₃).

²² A **cassiterita**, de fórmula SnO₂, contém cerca de 78,6% de estanho em massa, sendo a principal fonte natural desse metal usado em ligas, soldas e revestimentos protetores.

²³ A **siderita** (FeCO₃) contém cerca de **48,2% de ferro**, a pirita (FeS₂) possui aproximadamente **46,6%**, e a marcasita (FeS₂), sendo um polimorfo da pirita, apresenta **teor semelhante**. Apesar das fórmulas distintas (carbonato vs. sulfetos), todas são minerais de ferro, com a siderita sendo uma fonte mais rica em ferro metálico, enquanto pirita e marcasita são mais comuns como sulfetos e menos utilizados para extração direta do metal.

²⁴ Pepitas de ouro naturais geralmente contém entre **85% e 95% de ouro puro**, com o restante composto por impurezas como prata e cobre. A pureza pode variar conforme a origem geológica e as condições de formação.

²⁵ A **cuprita** (Cu₂O) contém cerca de **88,8% de cobre**, a calcopirita (CuFeS₂) tem **34,6%**, a covelita (CuS) possui **66,4%**, a calcantita (CuSO₄·5H₂O) cerca de **25,5%**, a malaquita (Cu₂(OH)₂CO₃) apresenta **57,4%**, e a azurita (Cu₃(CO₃)₂(OH)₂) contém aproximadamente **55,1% de cobre**. Essas diferenças refletem suas composições químicas — óxido, sulfeto, sulfato ou carbonato — e influenciam sua importância como minérios de cobre.

²⁶ O **cinábrio** (HgS) é um sulfeto de mercúrio que contém cerca de **86,2% de mercúrio em massa**. É a principal fonte natural desse metal, e a maior reserva histórica está localizada em **Almadén, na Espanha**, que foi explorada por mais de dois milênios.

²⁷ A **argentita** (Ag₂S) é um sulfeto de prata que contém cerca de **87,1% de prata em massa**. É um dos principais minérios desse metal precioso. As maiores reservas conhecidas atualmente estão associadas ao depósito de **Filo del Sol e Josemaría**, na província de **San Juan, Argentina**, considerado um dos maiores jazimentos de prata do mundo.

ligado quimicamente ao chumbo formando um sulfeto. Mas a quantidade de enxofre necessária para formar o sulfeto com uma mesma quantidade de chumbo é fixa. Se houver mais enxofre, esse excesso não entra na composição e, portanto, permanece como enxofre livre.

Deve-se sempre lembrar que a vida alquímica não suporta altas temperaturas nem ácidos minerais. Se houver enxofre livre, formar-se-á ácido sulfúrico em contato com a umidade do ar, e a substância perderá sua vida alquímica. Se houver arsênico, a fermentação ou fecundação alquímica não ocorrerá. Além disso, o arsênico, mesmo em doses mínimas, é tóxico para o operador.

Mais adiante, será necessário obter minérios vivos e purificados.

Não lidamos com ouro e prata como metais nativos. No que se segue, notaremos que os minerais que nos interessam aparecem sob quatro formas diferentes:

- óxidos
- carbonatos
- sulfetos
- sulfatos.

Os sulfatos, como no caso do cobre, são raros mas mais fáceis de manipular, pois são solúveis em água. A operação solve et coagula com cristalização é possível. A purificação é facilmente obtida, especialmente se se respeita a regra de nunca cristalizar todo o líquido de uma só vez, mas remover e secar gradualmente os cristais à medida que se formam.

Os metais seguintes mais fáceis de trabalhar são os carbonatos, que são facilmente transformados em acetatos. Podemos operar por solve et coagula, como fizemos com os sulfatos. Discutimos esta questão em detalhes nas lições sobre antimônio e nas lições sobre Saturno.

Os óxidos geralmente são difíceis de trabalhar, a menos que se dissolvam e se tornem acetatos após circulação em um Soxhlet com vinagre destilado.

Os sulfetos devem ser tratados ou por purificação via calcinação lenta, ou pela extração das impurezas com solventes orgânicos. Isso não se aplica à estibnita, o trissulfeto de antimônio, que recebe um tratamento úmido estudado nas lições sobre o antimônio.

Em todos os sulfetos, o enxofre livre é eliminado por uma calcinação longa a uma temperatura entre 70°C e 90°C. Acima dessa temperatura, o enxofre se fixa (110°C – 230°F), e corre-se o risco de não conseguir mais eliminá-lo. Após 10 a 20 horas de calcinação, a temperatura é aumentada para 150–180°C e o arsênico é

eliminado (Cuidado! Os vapores de arsênico são fatais²⁸). Essa calcinação deve ser feita sobre o minério finamente pulverizado, espalhado em uma camada fina. Se a primeira fase for mal executada e o enxofre for fixado, ele será transformado em ácido sulfúrico nas fases posteriores do processo e destruirá a vida alquímica. Apenas o antimônio não provoca essa reação.

É preferível extrair o enxofre e o arsênico antes de qualquer calcinação. O solvente para enxofre é o tetracloreto de carbono²⁹. Uma extração Soxhlet do minério finamente pulverizado com esse líquido extrai o enxofre livre. Mas o tetracloreto de carbono, como todos os solventes desse tipo, tem poder de extração alquímica. Pode levar o Alkahest ou o Enxofre alquímico do minério. Durante os experimentos, surpreendemo-nos ao ver o óleo de enxofre flutuando sobre o tetracloreto de carbono após a extração. Acreditamos que a lixiviação³⁰ com solventes orgânicos à base de carbono não deve ser feita durante o tempo nublado ou à noite, caso contrário há risco de extração alquímica do minério. Isso se aplica aos dois solventes mencionados nesta lição. Para segurança, é necessário destilar o solvente antes da circulação e redestilá-lo após. Se a temperatura de destilação diferir entre as duas destilações, ocorreu uma extração. Geralmente, uma segunda destilação cuidadosa permite recuperar o Alkahest alquímico do enxofre.

O solvente orgânico para o arsênico é o benzeno³¹. O arsênico é extraído com o mesmo método descrito acima.

Ambos os solventes requerem manuseio cuidadoso. O primeiro é tóxico, o segundo é inflamável. Uma circulação com esses dois solventes não elimina a necessidade de uma calcinação posterior, destinada a abrir os poros do minério. Nesse caso, desde que a temperatura se mantenha abaixo de 200°C, não deve haver problema, nem risco de que o enxofre se fixe ou de que gases tóxicos sejam liberados.

²⁸ **Arsênio**, se for inalado no estado vapor, pode causar **inibição da respiração celular**, ao interferir com enzimas mitocondriais essenciais, além de comprometer o **metabolismo proteico** e energético. Isso pode levar a **lesões hepáticas, renais, neurológicas e cardiovasculares**, além de aumentar o risco de **diabetes, câncer e neuropatias periféricas**, especialmente em exposições crônicas.

²⁹ O **tetracloreto de carbono** (CCl₄) é altamente tóxico: sua inalação ou absorção pode causar **danos graves ao fígado, rins e sistema nervoso central**, além de irritações na pele e olhos. É classificado como **possivelmente cancerígeno** e, em altas temperaturas, pode liberar gases perigosos como **fosgênio**. Também representa risco ambiental, afetando a camada de ozônio e organismos aquáticos.

³⁰ A **lixiviação** é uma operação unitária que consiste na extração de substâncias solúveis de uma matriz sólida por meio de um solvente líquido, geralmente água ou soluções químicas específicas. Esse processo pode ocorrer naturalmente — como na lavagem de nutrientes do solo pela chuva — ou ser induzido artificialmente em contextos industriais e laboratoriais.

³¹ O **benzeno** forma uma atmosfera explosiva quando sua concentração no ar está entre **1,2% e 7,8% em volume** (ou **12.000 a 78.000 ppm**). Essa faixa representa os limites inferior e superior de inflamabilidade, dentro dos quais uma faísca ou fonte de ignição pode causar explosão

A presente lição abre as portas para o verdadeiro trabalho mineral alquímico, e os diversos caminhos de separação dos três princípios metálicos devem começar a se tornar claros:

1. purificação do minério sem eliminar a vida alquímica;
2. extração dos princípios de Enxofre e Mercúrio pelos Alkahests ou pelo vinagre de antimônio (método de Basílio Valentim);
3. preparação dos acetatos que conduzem ao CAOS — separação dos elementos pelo método de COCKREN, provavelmente o método escolhido por NEWTON.

As lições sobre o antimônio descreverão o método de Basílio Valentim, e as lições sobre o chumbo descreverão o método de COCKREN. O método úmido do antimônio, que é muito próximo do método de COCKREN e NEWTON, não requer o uso do vinagre de antimônio. Estudaremos os traços gerais do método úmido do antimônio na próxima lição.

EXTRAÇÃO DO ALKAHEST DE TÁRTARO:

O aparato para a destilação é clássico. É útil utilizar vidro com junta moída³² para o balão de fundo redondo, embora ele frequentemente seja danificado. O tártaro deve estar avermelhado e quebrado em pedaços de cerca de 1 cm de espessura. Não use pó nem pedaços grandes.

A destilação é extremamente delicada. É necessário garantir tanto a vedação completa quanto um mecanismo de segurança que se abra em caso de aumento de pressão. O resfriamento do balão de fundo redondo deve ser rápido. Coloque o balão de recepção em um banho de água salgada com pedacinhos de gelo³³.

Não é necessário refrigerar o balão de recepção na primeira fase da destilação. O processo segue da seguinte forma:

Aumente a temperatura muito lentamente. Um fleuma passará. Ao final da passagem do fleuma, a destilação para espontaneamente por um tempo. O balão de recepção é então trocado e coloca-se o balão refrigerado. Aqueça de novo

³² **Junta moída** é uma extremidade de **vidro esmerilhado** com precisão, usada para conectar peças de vidraria de laboratório de forma hermética e segura, dispensando rolhas ou adaptadores. É padronizada por medidas como 24/40, garantindo compatibilidade entre diferentes equipamentos.

³³ Durante a destilação, colocar o balão receptor em uma mistura de **gelo com sal** permite atingir temperaturas inferiores a **0 °C**, geralmente entre **-6 °C e -16 °C**, dependendo da concentração de sal. Isso ocorre porque o sal reduz o ponto de congelamento da água (efeito crioscópico), tornando o resfriamento mais eficiente do que com gelo puro. Essa técnica acelera a condensação dos vapores e evita perdas por evaporação, especialmente em compostos voláteis.

lentamente, muito lentamente. Fumaça branca indica a passagem do espírito. É neste momento que o óleo de tártaro e seu Alkahest começam a passar. O balão é novamente trocado após a passagem do óleo preto de tártaro. Esse óleo preto tem um cheiro muito desagradável. O balão de recepção dos espíritos deve ser cuidadosamente vedado e, de preferência, mantido frio na geladeira.

Um novo sistema de destilação é então montado com o balão de fundo redondo aquecido em banho-maria. O balão de recepção é refrigerado com gelo salgado ou gelo seco. O líquido se destila em duas partes: uma clara, o Alkahest, e um óleo leve, de cor amarelo-claro e odor agradável; temos agora o Enxofre do tártaro. Cabe a cada um descobrir por si só as propriedades deste óleo não tóxico. Um alquimista da escola alemã disse que, se este óleo fosse melhor conhecido, a superfície da Terra seria transformada.³⁴

A fase mais delicada dessa operação é o momento certo para a troca do balão. Deve haver vedação total, caso contrário o Alkahest escapará. Verificar a vedação do sistema de destilação mantendo-o em vácuo é muito apropriado. Um separador de Pauly é muito útil neste caso.

Devemos lembrar que, com um bom isolante térmico e sal com gelo quebrado (retirado do congelador), é possível manter uma temperatura de -10 a -15°C durante a passagem do espírito. (Nota: -56°C com gelo seco).

Guarde o Alkahest em um frasco com junta moída lubrificada com silicone ou, preferencialmente, em um frasco fechado com rolha de borracha de silicone. Verifique então o poder de extração das tinturas sobre os metais da Figura da Lição nº 41.

Se for experimentar no campo das tinturas metálicas, é uma boa ideia ler *Revelation Des Mystères Des Teintures Des Sept Métaux* (Revelação dos Mistérios das Tinturas dos Sete Metais) de Basílio Valentim.

Nota:

Este tipo de destilação suja muito os balões. Se você os raspar com uma haste metálica, irá arranhá-los e aumentar consideravelmente o risco de quebra. A melhor forma de limpá-los é enchê-los com água sanitária por 24 a 48 horas. Com uma esponja ou toalha presa na ponta de uma haste metálica, pode-se terminar perfeitamente a limpeza. Esse sistema também é eficaz para limpar após destilações de tinturas vegetais que foram super- aquecidas.

³⁴ A frase atribuída a um “alquimista da escola alemã” sobre o óleo que “transformaria a superfície da Terra” é uma **paráfrase moderna** inspirada no tratado *Currus Triumphalis Antimonii* (1646), atribuído a **Basil Valentine**, monge beneditino e alquimista. Embora a citação exata não apareça no texto original, o espírito da afirmação está presente em passagens como: “*This Oil is of such virtue that if the world knew it rightly, it would be esteemed above all treasures*” (tradução livre: “Este óleo tem tal virtude que, se o mundo o conhecesse corretamente, seria estimado acima de todos os tesouros”). A obra foi escrita originalmente em **latim** e publicada em **Toulouse** por **Pierre Bosc**, sendo considerada um clássico da alquimia hermética.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 7: Graduação do Mercúrio Vegetal, Prana e Kundalini

Caro Amigo,

SOBRE AS QUALIDADES DO MERCÚRIO VEGETAL FILOSÓFICO, TAMBÉM CHAMADO DE ÁLCOOL ABSOLUTO

Os antigos consideravam esse álcool bem preparado quando o pó negro, completamente saturado com ele, ainda era capaz de detonar.

Hoje em dia, é preferível dispor de um densímetro de gravidade específica. (Podemos usar um densímetro ou um alcoolômetro. As leituras geralmente não coincidem entre esses dois instrumentos, pois os densímetros são graduados para uma temperatura de 20°C e os alcoolômetros para 15°C. Existem tabelas corretivas para alcoolômetros entre 0°C e 30°C.)³⁵

Os densímetros são graduados para uma temperatura de 15°C e, geralmente, em gramas por centímetro cúbico de líquido (g/cm³). Se levarmos em conta o menisco causado pela ação capilar, a leitura de um densímetro não é mais precisa do que um grama por litro. Portanto, podemos usar o seguinte método (aproximado), que é suficientemente preciso para um grau alcoólico entre 90% e 100%, e uma temperatura entre 15°C e 25°C.

Se considerarmos que o álcool a 96% pesa 0,800g e que 0,003g representam um grau alcoólico, podemos obter o grau do álcool somando ou subtraindo esse valor em múltiplos de 0,003g. Assim, a uma temperatura de 20°C, podemos interpretar as medidas de 0,818 e 0,800 da seguinte forma:

$$0,818 = 0,800 + (0,003 \times 6)$$

$$\rightarrow 96\% - 6\% = 90\%$$

E

$$0,788 = 0,800 - (0,003 \times 4)$$

$$\rightarrow 96\% + 4\% = 100\%$$

Milésimos por grau Celsius: (0,0025/0,0030 por grau C)

³⁵ **Densímetros termo-compensados** são instrumentos projetados para **medir a densidade de líquidos sem necessidade de correção manual da temperatura**, pois incorporam um **mecanismo interno de compensação térmica**. Esse mecanismo pode incluir materiais com coeficientes de expansão controlados ou sensores que ajustam automaticamente a escala de leitura conforme a variação térmica do líquido. Assim, mesmo que a amostra esteja fora da temperatura padrão de calibração (geralmente 20 °C), o densímetro fornece uma leitura já corrigida, eliminando a necessidade de tabelas ou cálculos adicionais. Esses modelos são especialmente úteis em ambientes industriais ou laboratoriais com variações térmicas frequentes.

A uma temperatura de 15°C, temos $20 - 15 = 5$, uma variação de 5 graus em relação aos 20°C, ou seja, 125/30 ou aproximadamente 0,004.

$0,818 + 0,004 = 0,822$ para 90%

$0,800 + 0,004 = 0,804$ para 96%

$0,788 + 0,004 = 0,792$ para 100%

Por outro lado, a uma temperatura de 25°C, temos:

$0,818 - 0,004 = 0,814$ para 90%

$0,800 - 0,004 = 0,796$ para 96%

$0,788 - 0,004 = 0,784$ para 100%

Esse é um método aproximado, mas o erro está na mesma ordem de grandeza da imprecisão da leitura no termômetro e no densímetro.

Nos antigos livros de química encontramos a seguinte correspondência em graus Baumé:

Líquidos mais leves que a água		Líquidos mais pesados que a água	
Graus Baumé	Massa por Volume em g/cm³	Graus Baumé	Massa por Volume em g/cm³
10	1000	0	1000
20	935	10	1075
30	878	20	1161
40	828	30	1262
50	783	40	1383
60	743	50	1530
70	706	60	1712
		70	1942

Para serem bem-sucedidas, as destilações de futuras digestões metálicas exigem o domínio do procedimento de destilação. É por isso que achamos útil, para preparações espagíricas, usar um álcool que não tenha sido seco com K₂CO₃, mas que tenha sido destilado 6 ou 7 vezes. As sutis modificações que ocorrem: o aparecimento de óleo, cores ou outros sinais, nos preparam para observar fenômenos ainda mais sutis posteriormente. É útil, neste trabalho, estudar particularmente o aspecto dos gráficos dos líquidos sendo destilados em função da temperatura. No entanto, nem sempre será possível usar um termômetro como guia. Além disso, algumas destilações com uma retorta ou uma cabeça morta serão muito instrutivas, se você tiver uma ou outra à sua disposição.

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA MEDITAÇÃO NÚMERO 5

Meditação Alquímica sobre os Arquétipos do Sol e da Lua

Preparativos:

Desenhe no lado esquerdo de um pedaço de cartolina de aproximadamente 40 cm x 30 cm (15,7 pol. x 11,8 pol.) um sol com um ponto no centro e 12 raios ao redor; no lado direito do quadro, desenhe a lua; seu lado convexo deve estar voltado para o sol.

Prossiga com o ritual de entrada na retorta.

Primeira fase: Expansão: o sol radiante. Esforce-se para sentir-se expandindo à medida que os raios solares se expandem. Inspire ar para os pulmões como símbolo da sua expansão. Sinta a energia do seu sangue aumentar. Sinta, em seu coração, uma sensação de força, grandeza, gentileza, talvez Amor Universal.

Segunda fase:

Concentração: comece a olhar para a lua. Sinta que o Arquétipo lunar está se contraindo, internalizando. Sinta que a tremenda energia da fase anterior está se concentrando em você, que ela instila em seu cérebro os sentimentos do seu coração.

Este ciclo deve ser repetido algumas vezes; pode ser que a cada vez uma energia diferente se manifeste. Isso deve iluminar especialmente os portões escuros do nosso inconsciente e aumentar nossa comunhão com a natureza e com os outros seres da criação.

Cuidado, este exercício pode estimular as energias do Prana ou as energias da Kundalini; nesse caso, tenha muito cuidado.

Antes do ritual, estude o texto a seguir, que trata dessas energias. Três ciclos são bons para começar; você pode aumentar para sete posteriormente.

Saia da retorta, relaxe, anote todas as suas impressões, suas cognições, a data, a hora, o período lunar.

O FOGO SECRETO DOS ALQUIMISTAS – PRANA E KUNDALINI

Ambos os termos — Prana e Kundalini — usados no Yoga possuem suas correspondências alquímicas no plano do trabalho oratório.

O fato de os nomes atribuídos a essas energias não expressarem nem seu significado nem sua natureza leva à confusão e ao mal-entendido.

Mencionamos no início de nossa aula de alquimia que o ciclo da energia original e indiferenciada se divide em duas energias opostas: a ativa, o Nitro — a passiva, o Sal. Podemos agora acrescentar que Kundalini pertence às energias do Nitro e Prana às energias do Sal. Os termos equivalentes em nossa linguagem, que estariam mais conformes às nossas tradições e cultura, seriam chamar Prana de

Energia Vital e Kundalini de Energia Espiritual; os alquimistas chamam esta última de Fogo Secreto.

Essas duas energias estão presentes em todo o universo. Elas operam por meio de diversos veículos, cuja natureza pode variar a quantidade e a qualidade dessas energias. Por analogia, cobre e prata são bons condutores elétricos, e o ferro é um bom condutor magnético.

A Energia Vital manifesta-se no corpo como uma espécie de radiação. Não que o corpo brilhe no escuro, mas ele expressa e irradia uma certa beleza, uma espécie de harmonia física.

A Energia Vital abunda nas plantas e nos animais; sua principal função é manter a vida. Quando bem cuidado, o animal pode irradiar fortemente.

Por outro lado, a Energia Espiritual, no mundo, só é encontrada na espécie humana; é ela que diferencia o homem dos animais. No entanto, devemos acrescentar que, na maioria das pessoas, ela existe apenas como um potencial, pois está aprisionada na base da coluna, na extremidade da medula espinhal. As fortes correntes da Energia Vital a mantêm nesse estado de prisão.

Outra diferença significativa entre as duas energias reside na natureza de sua presença. A Energia Espiritual possui uma presença e força constantes, independentes dos ciclos da natureza; já a Energia Vital possui presença e força que variam conforme os ciclos lunares e solares. A Energia Espiritual é comparada ao sol, pois é uma fonte constante de luz — uma analogia para a consciência, que é uma centelha permanente. Ela é tanto atrativa quanto contrativa, enquanto a Energia Vital se exterioriza, como as flores que desabroçam.

A Energia Espiritual pertence ao domínio da Eternidade, e nada deste mundo pode tocá-la. Deve-se dizer que ela não está totalmente trancada na base da coluna. Uma pequena porção escapa, e essa parte limitada da energia confere ao homem sua autoconsciência, sua sensação de “eu”. O pensamento “eu sou” é uma indicação da atividade dessa parte infinitesimal da Energia Espiritual que consegue atravessar a barreira das correntes da Energia Vital. No entanto, a Energia Espiritual aprisionada é infinita em quantidade. No corpo humano, ela está ligada ao ritmo da respiração. A cada inspiração, ela sobe através dos centros da Árvore da Vida até uma certa altura, que caracteriza o nível de consciência atingido pelo indivíduo; então desce novamente com a expiração.

Os níveis assim alcançados pela Energia Espiritual podem ser divididos em três zonas, correspondentes ao Sal, Enxofre e Mercúrio alquímicos.

— Quando a consciência reside nas partes inferiores do corpo, é o domínio do Sal: a consciência está apegada aos prazeres materiais. Esses indivíduos geralmente têm uma mente muito limitada e seus instintos primitivos são poderosos. Conceitos abstratos como verdade e virtude são inacessíveis, e o crime não os perturba.

— No domínio do Enxofre, a consciência reside na região do coração; esses indivíduos são muito ativos e acumulam riqueza com facilidade. Sua mente se agita por tudo, tanto assuntos mundanos quanto religiosos. Sentem profundamente as contradições em sua consciência.

— No domínio do Mercúrio, a consciência reside na cabeça, no pescoço e na garganta. Esses indivíduos são atraídos pelos aspectos místicos e ocultos da natureza, e é neles que o despertar da Energia Espiritual ocorrerá com maior probabilidade.

Todos esses níveis de consciência são acessíveis a pessoas cuja energia ainda não foi despertada; pois alguém pode, com a ajuda de uma pequena quantidade de Energia Espiritual, escapar de sua natureza inferior, dominá-la, elevar essa energia progressivamente e concentrá-la em níveis superiores.

Se conseguirmos primeiro enfraquecer e depois suprimir momentaneamente as correntes da Energia Vital, as correntes espirituais serão liberadas e, com tremenda força, envolverão o corpo, que, por um momento, poderá ser percebido como uma luz brilhante e ilimitada.

Essa experiência ocorre na morte, quando as correntes vitais cessam, mas também pode ser provocada por diversos métodos. Evidentemente, essa experiência se manifesta com mais facilidade no solstício de inverno, por volta do Natal, quando a Energia Vital atinge seu nível mais baixo na natureza. Ela pode se manifestar de diversas formas:

- Para alguns indivíduos, a luz brilhante pode assumir a forma de um anjo, a aparência do “eu” ou de um mestre espiritual.
- Pode provocar uma projeção astral, com a percepção correspondente do ambiente.
- Como resultado, o intelecto pode começar a funcionar em um estado semiconsciente, sem vínculo com a lógica normal.
- Pode também provocar movimentos físicos incontroláveis: tremores, respiração acelerada, vertigens, balanços ou uma postura hierática.

Essa experiência do despertar da Energia Espiritual é uma das chaves que abrem o caminho oculto e corresponde a um renascimento. Pouco depois, a perturbação da Energia Vital cessa e a Energia Espiritual é novamente trancada na base da coluna.

Após essa experiência, corpo e mente se reajustam à nova luz dessa iniciação. O corpo muda de maneira sutil e se torna sensível a formas de percepção diferentes das comuns. O corpo físico muda inconscientemente, mas a mudança do corpo mental depende do consentimento e do esforço consciente, especialmente nessa etapa.

Uma segunda experiência nesse caminho místico terá grande importância. Com efeito, a ascensão da Energia Espiritual ocorrerá a partir de sua posição de repouso

até o topo da cabeça. Esse é o início da regeneração espiritual. Nessa segunda experiência, a Energia Espiritual traça um caminho para si que não poderá mais ser totalmente bloqueado pela Energia Vital.

Há muita confusão sobre os diversos métodos usados para alcançar a ascensão da Energia Espiritual. É melhor lembrar que essa energia é a totalidade da Inteligência — e que a ascensão não deve ser provocada artificialmente sem a preparação adequada.

Mencionamos no início desta lição que traduzimos a palavra Kundalini como Energia Espiritual. Isso não é totalmente exato, pois o termo Kundalini é usado com dois significados diferentes: o que atribuímos à Energia Espiritual e o segundo, que se refere ao local onde essa energia entra e permanece bloqueada.

Antes de descrever os efeitos dessa energia, devemos dizer que seu despertar perturba e desestabiliza as correntes da Energia Vital; isso provoca efeitos mais dramáticos, que não devem ser confundidos com os efeitos da Energia Espiritual. Assim, sensações de luz podem ocorrer, acompanhadas por correntes quentes muito fortes que sobem e descem pela coluna. A Energia Vital pode se concentrar fortemente em certas partes, particularmente no topo da cabeça, próximo ao centro de Kether; e isso atua como um diamante sobre o centro, de tal forma que o buscador pode acreditar que está ocorrendo um despertar de sua Energia Espiritual nesse centro, quando os fenômenos são causados apenas pela Energia Vital. Essa confusão, decorrente de informações equivocadas, não representa um perigo real, exceto o de desanimar o buscador em sua busca pelo esclarecimento.

A Energia Espiritual é muito menos dramática em sua ascensão, e os seguintes fenômenos podem ocorrer:

1. uma sequência de dores intensas que podem sugerir uma doença;
2. uma sensação de formigas rastejando e pulando aqui e ali no corpo, ao invés de subir em direção ao topo da cabeça;
3. a energia pode, com uma sensação de tranquilidade semelhante à superfície calma de um lago, e sem medo ou apreensão, mover-se de um centro ao outro até alcançar o centro no topo da cabeça;
4. a ascensão pode ocorrer em um movimento em zigue-zague, como se percorresse o corpo ondulante de uma serpente, daí o nome “fogo-serpente”;
5. a energia pode pular um ou dois centros e parar após apenas um salto;

6. a energia pode alcançar o centro no topo da cabeça em um raio de luz.

Quando a Energia Espiritual atinge o crânio e vai além, formando uma espécie de flor, ocorre uma sensação muito definida e a consciência desperta em um alto nível de bem-aventurança, enquanto as forças vitais são novamente reforçadas e revitalizam o corpo. Esse estado é representado na Qabala pela cabeça da serpente voltada para Kether, com sua língua tocando o Caminho onze. Isso provoca, de acordo com o símbolo desse Caminho, um cintilar de inteligência. Em seguida, a Energia Espiritual retorna à base da coluna. O que se segue é uma surpresa para o candidato, pois o corpo e o espírito são fortemente revivificados e as forças e fraquezas de caráter são consideravelmente ampliadas. É possível, portanto, que o candidato esteja fortemente perturbado por seu desejo sexual no dia seguinte.

Segue-se um longo período de progresso gradual. Neste estágio do despertar, o trabalho consciente com a força vital torna-se possível. Uma regeneração espiritual ocorre e a inteligência torna-se brilhante em diversos aspectos. Às vezes, a energia desperta apenas um centro, e as consequências são:

CENTROS:

- Base da coluna – domínio dos 4 elementos
- Região genital – poder do prazer
- Coração – compreensão
- Garganta – clariaudiência
- Entrecenhos – clarividência

Teoricamente, nenhum centro pode ser aberto antes do centro no topo da cabeça. O objetivo inicial da ascensão da Energia Espiritual é permitir o início do trabalho consciente com essa energia. A abertura sucessiva dos centros é o segundo objetivo, mas é perigoso insistir demais nos centros inferiores; nesse caso, a consciência do seguidor pode ser danificada. Cada experiência encoraja o candidato a perseverar no Caminho.

Mencionamos anteriormente que o despertar concede progressivamente uma faculdade de controle e de uso da Energia Vital. No entanto, é útil entender agora que a revitalização ou o despertar dos centros por uma ou outra dessas energias não provoca os mesmos resultados.

Se o centro não tiver sido despertado pela Energia Espiritual, a concentração da Energia Vital sobre esse centro produzirá imediatamente certos resultados conscientes, como percepções de cores e sons, ou percepções em outros domínios difíceis de explicar, como sensações totais que dariam de uma só vez uma percepção idêntica à integração simultânea dos cinco sentidos. Mas essas experiências serão apenas temporárias e vinculadas ao ciclo ativo da Energia Vital. Por outro lado, a concentração da Energia Espiritual e o despertar resultante não

forneirão resultados conscientes imediatos: não haverá ciclos nem regressão, mas sim uma progressão irreversível, proporcional ao esforço do candidato.

Antes de iniciar a regeneração através da Energia Espiritual, outras experiências começam. Principalmente, uma sensação específica de entrada em outra dimensão, onde um ensinamento interno se torna progressivamente acessível. Um estado de consciência semelhante ao transe também pode ocorrer, permitindo a percepção de um estado diferente do estado físico ordinário. Isso frequentemente termina com um desaceleramento da respiração e uma espécie de catalepsia espiritual que traz vitalidade e renovação ao corpo. Esse estado às vezes alcança uma catalepsia tão profunda que até mesmo a fala se torna impossível. Uma longa preparação é necessária, pois o benefício advindo está além do mundo físico, e pode causar angústia ou desorientação mental.

A Energia Espiritual não obedece ao homem físico. Essa energia onipresente pode ser comparada a uma pressão prestes a entrar em ação.

As mudanças na Energia Vital e na composição do sangue do candidato — (que podem ser realizadas através do uso dos elixires vegetais e metálicos) — podem provocar uma liberação progressiva da Energia Espiritual.

O desenvolvimento sucessivo dos centros, após a Energia Espiritual alcançar Kether, conduz progressivamente a um estado definitivo que não pode ser compreendido nem descrito em palavras. Esse pode ser o estado de Graça de algumas religiões, mas também podemos dizer que o candidato tornou-se um filho de Deus e que alcançou a vida eterna.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 8: Oratório e Laboratório

Caro Amigo,

SOBRE AQUILO QUE É FILOSÓFICO

Quando um experimento alquímico não é bem-sucedido, devemos buscar a causa do fracasso. Talvez encontremos um erro teórico, ou um erro prático; mas, na maioria das vezes, isso se deve ao fato de que um dos componentes deixou de ser filosófico. Reter os aspectos filosóficos das coisas no reino vegetal é algo sutil — e ainda mais no reino mineral. Nenhum pH-metro³⁶, nenhum instrumento pode dizer se um extrato é filosófico ou não. Mas é certo que o estado psíquico do operador tem importância primordial nesse aspecto, e ninguém pode obter produtos filosoficamente puros se não for — mais ou menos — filosófico.

O equilíbrio entre o laboratório e o oratório é crucial. A purificação só pode ocorrer quando os três princípios tiverem sido separados.

O Enxofre frequentemente se apresenta sob duas formas diferentes: óleo e sal. Se uma das duas se perde ou se as proporções correspondentes não forem mantidas, o Enxofre deixa de ser filosófico.

O Mercúrio é filosófico se possui o poder germinativo de seu reino. No reino vegetal, uma extração de sementes de alcaravia, de cominho ou de qualquer planta na forma de semente confere intensa vida vegetal ao Mercúrio.

O Sal geralmente não requer tratamento: ele permanece sempre filosófico, mas muitas vezes exige um longo ciclo de calcinação, solve-coagula, nova calcinação e assim por diante... antes de se tornar filosoficamente puro.

Mencionamos anteriormente que os ácidos minerais fortes são responsáveis pela perda da característica filosófica dos minérios, mas isso, no entanto, não acontece instantaneamente. Por outro lado, o ácido clorídrico, HCl — especialmente se for produzido a partir do sal marinho — muitas vezes está tão carregado do princípio vital que não apenas não mata o minério como pode até revivificar um metal morto.

O estado filosófico do próprio Filósofo também é de grande importância, e falaremos disso em uma lição futura.

SEGREDOS DE LABORATÓRIO ALQUÍMICO

³⁶ O **pHmetro** é um instrumento analítico utilizado para **medir o pH de soluções aquosas**, ou seja, sua acidez, neutralidade ou alcalinidade. Ele é composto por um **eletrodo sensível ao íon hidrogênio** e um circuito eletrônico que converte a diferença de potencial elétrico em valores de pH, geralmente exibidos em uma escala de 0 a 14. É amplamente utilizado em laboratórios, indústrias e controle ambiental, e requer **calibração periódica com soluções tampão** para garantir precisão.

Extração com Soxhlet ³⁷

Se operarmos com um aquecedor elétrico de balão, será, na prática, impossível não queimar uma parte do Enxofre vegetal, e nosso produto não será totalmente filosófico. Você pode evitar essa situação utilizando um banho-maria, mas este também tem desvantagens que podem ser resumidas da seguinte forma:

- uma desaceleração significativa da extração;
- a obrigação de monitorar constantemente o nível da água do banho-maria;
- produção de vapor que desabsolutiza o álcool na primeira oportunidade;
- formação de depósitos de calcário no balão de fundo redondo se você estiver usando outra água que não seja água da chuva ou água destilada no banho-maria. Isso dificulta a visualização da tintura no balão.

Para remediar tudo isso, o balão de fundo redondo pode ser preso ao extrator com uma garra, de modo que fique entre 5 a 10 mm (0,196 a 0,393 polegadas) acima da manta de aquecimento; deve-se garantir que o balão de fundo redondo não toque, de forma alguma, a manta de aquecimento. A voltagem elétrica aplicada deve ser reduzida para evitar qualquer superaquecimento do aquecedor; a melhor forma de conseguir isso é usando um autotransformador (variac³⁸). Usando esse método, a qualidade da extração será a mesma de um banho-maria, só que muito mais rápida.

Muito frequentemente, durante uma extração vegetal com Soxhlet, a tintura torna-se turva ou leitosa e perde sua clareza transparente bem como sua cor original. O álcool que pinga no dedal é destilado e relativamente puro. Ele dissolve o Enxofre presente na planta e se carrega com o Mercúrio vegetal, ou mais especificamente com seu princípio animador. Quando o sifão se inicia, essas substâncias descem com o álcool para o balão de fundo redondo inferior; o álcool vai se saturando progressivamente e chega um ponto em que a destilação do Enxofre não é mais possível. Pequenas partículas sólidas aparecem e a tintura se torna turva.

O que fazer, então?

³⁷ O aparelho de **Soxhlet** é um sistema de extração contínua utilizado para retirar compostos solúveis de materiais sólidos. Ele é composto por três partes principais: um balão de fundo redondo que contém o solvente, um extrator central onde a amostra sólida é colocada (geralmente em um dedal de celulose), e um condensador no topo que resfria os vapores do solvente, permitindo seu refluxo. O solvente evapora, condensa no condensador, goteja sobre a amostra e, ao atingir certo volume, retorna ao balão por sifonagem, carregando os compostos extraídos. Esse ciclo se repete automaticamente, promovendo uma extração eficiente e sem perdas significativas de solvente.

³⁸ O autotransformador variável, conhecido como **Variac**, é um dispositivo eletromecânico que permite **ajustar suavemente a tensão de saída em corrente alternada (CA)**. Diferente dos transformadores convencionais, ele possui um único enrolamento com um contato deslizante que regula a tensão de forma contínua, sem etapas fixas. É amplamente utilizado em laboratórios, testes de equipamentos, controle de motores e simulações de variações de rede elétrica, oferecendo **precisão, eficiência e economia de espaço**. O nome “Variac” é originalmente uma marca registrada, mas tornou-se sinônimo desse tipo de equipamento.

— Aumentar o volume de álcool para permitir a dissolução do excesso de Enxofre: é simples, mas também caro.

— Filtrar a tintura por meio de um funil de vidro com um tampão de fibra de vidro, ou uma placa porosa de náilon, teflon ou vidro sinterizado. Não se deve usar papel de filtro, pois ele absorve muito Enxofre. Toda a geleia coletada será tratada conforme foi explicado para o Sal do Enxofre. Este último será adicionado ao Sal da planta.

Se você não seguir essas precauções, a preparação perderá então sua característica filosófica, pois uma parte do Enxofre terá sido eliminada.

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA

MEDITAÇÃO NÚMERO 6

Meditação numérica sobre um símbolo — a ilustração de Basílio Valentim.

Coloque a gravura anexa atrás do balão de destilação. Realize o ritual de entrada no balão. Inicie a meditação a seguir:

1 — Tudo provém da unidade da consciência, simbolizada pela cabeça no centro do desenho. O aspecto material da consciência é Saturno, o ponto inferior da estrela. A conexão se dá através do sal de Saturno, que é negro.

2 — A dualidade, o ativo, o masculino é simbolizado no lado esquerdo do desenho — pelo próprio Rei solar coroado, sentado sobre sua rocha com o leão e o dragão a seus pés: o elemento Fogo.

No lado direito do desenho, está o aspecto passivo, o feminino, a lua: a mulher que reina sobre as águas. Ela está sentada sobre um golfinho que nada no mar; sua cabeça irradia energia lunar cerebral e suas mãos seguram: uma, a cornucópia da natureza, e a outra, um símbolo da harmonia natural.

3 — O triângulo dos três princípios: o Enxofre solar no mesmo lado do Rei, o Espírito lunar no mesmo lado da Rainha; no ponto inferior, o corpo com o cubo da terra, cercado pelos cinco planetas tradicionais: Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio.

4 — Os quatro cantos do desenho: a salamandra, o Fogo; a Águia, o Ar; a Água e a Terra.

5 — O Pentagrama do Alquimista: um pé na terra, um pé na água. A mão que segura a pena do pássaro simboliza o Ar, a mão que segura a tocha simboliza o Fogo. O pássaro central do topo simboliza a quintessência.

6 — A combinação dos dois triângulos:

— O triângulo maior: Anima-Espírito-Corpus simboliza os três princípios em seus aspectos exteriores,

— O triângulo menor da consciência simboliza o Enxofre, o Mercúrio e o Sal em seus aspectos interiores.

7 — Os sete planetas nos sete pontos da estrela. Observe Saturno, negro, próximo da terra no símbolo do elemento Terra. O lobo, símbolo do antimônio, que cospe seu fogo. Em 3, Marte, onde está oculto o Enxofre, o que nos leva a dizer que o segredo está em Áries, que é regido pelo planeta Marte. Em 6, o Mercúrio multiplicador no mercúrio.

Os sete cartuchos representam a sequência das etapas da Obra. A sequência ocorre no sentido horário. Comece com a Obra em negro de Saturno e termine com o nascimento do rei-infante.

A fórmula na coroa: é aquela que dá o acróstico de VITRIOL: visita o interior da terra (antimônio), retifica (purifica), e encontrarás a pedra oculta.

Saia do balão, relaxe, anote suas impressões, a data e a hora. Compare com o texto do Oraculum.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURA ANEXA:

Ilustração de Basílio Valentim:



Lição 9: Vinagre de Antimônio

Caro Amigo,

O medalhão representado na figura nº 1 contém uma frase em latim que se traduz como: “Visita o interior da Terra e encontrarás a Pedra Oculta.”

Quem interpretar essa frase literalmente pode tentar visitar todas as minas da Terra e ainda assim não encontrará a Pedra Oculta. Com relação ao desenho como um todo, a interpretação correta é: observe o que há dentro do antimônio, pois o antimônio é o símbolo da Terra. Também pode ser formulado da seguinte maneira: separe o antimônio em seus princípios e você terá os elementos da Pedra de Fogo, assim chamada por Basílio.

Note-se que a Pedra de Fogo não é a Pedra Filosofal; ela possui todas as suas propriedades, mas em grau menor.

O símbolo está claramente dividido em duas partes. Os dois escudos da Águia e do Leão estão ligados pela Cadeia Dourada de Homero, *AUREA CATENA HOMERI*³⁹, o livro mais revelador de toda a literatura alquímica.

A Águia e o Leão são os guardiões do limiar da cadeia, ou seja, o Mercúrio e o Enxofre. Abaixo, observamos a cruz sobre a terra, o símbolo do antimônio, e mais abaixo a estrela do régulo⁴⁰ estrelado. À direita, vemos os anéis do Enxofre magnético, e à esquerda o Peixe (Peixes) do Mercúrio. No alto, estão as duas mãos da influência divina, ou o fogo secreto, e no topo, o sol e a lua alquímicos, unidos no vaso alquímico do Mercúrio.

— Observa-se que Saturno, entre os quatro planetas acompanhantes, está trocado, pois o chumbo de Saturno foi substituído pelo chumbo dos filósofos.

As primeiras letras das palavras da frase latina formam a palavra: VITRIOL, que nos dá a chave inicial. Os únicos dois vitriolos do antimônio são:

— o vitriol nativo: estibnita; — o vitriol obtido pela arte ou, na terminologia atual, o acetato de antimônio.

³⁹ *Aurea Catena Homeri* (A Corrente de Ouro de Homero) é um tratado alquímico atribuído a **Anton Josef Kirchweyer**, publicado pela primeira vez em **1723**, em língua alemã. Considerada uma das obras fundamentais da alquimia hermética, explora a origem e interconexão de todos os seres e elementos da natureza. A edição em português, traduzida por **Thiago Tamosauskas**, foi publicada como eBook pela Amazon em 2022, e pela Editora Daemon em 2025 com base na versão de **Dr. Rudolf Johann Friedrich Schmidt**.

⁴⁰ *régulo* designa a forma metálica e purificada do antimônio, essencial nos processos da via seca. Associado ao princípio Mercurial, o régulo representa o aspecto volátil e espiritual do metal, sendo usado em preparações como a manteiga de antimônio, com aplicações transmutativas e extrativas.

Começemos nosso estudo com o vinagre de antimônio, segundo os comentários do famoso alquimista KERKRING⁴¹ sobre o referido vinagre, e de onde tiraremos parte de nossa inspiração.

Este vinagre é uma das principais preparações do antimônio; portanto, chamamos sua atenção para os pontos particulares que permitirão seguir as instruções de Basílio de forma mais precisa.

Não conhecemos outra operação com o antimônio que aqueles que conhecem seu mistério oculto devam tentar, pois esta contém todas as demais.

Finalmente, esta é a substância sobre a qual todos os sábios e alquimistas escreveram: o óleo de antimônio é o objetivo de todos os alquimistas, pois pode ser prontamente convertido na Pedra de Fogo.

VINAGRE DE ANTIMÔNIO, CHAMADO VINAGRE FILOSÓFICO OU VINAGRE MINERAL

Este vinagre é o alkahest que abre todos os metais.

Acreditamos que você já está familiarizado com os processos descritos na Lição Espagírica nº 43. Observe que a figura da Lição nº 41 será muito útil para nossos trabalhos subsequentes. Aqueles que experimentaram com o *circulatum minor* vegetal ou com a Pedra vegetal sabem que, exceto por erros grosseiros, quase a única causa de fracasso é a perda do ESTADO FILOSÓFICO de um dos três princípios: Enxofre, Mercúrio ou Sal.

O problema é semelhante no reino metálico, porém mais complexo do que no reino vegetal.

Nosso estudo envolve a extração, mantendo a qualidade filosófica dos três princípios metálicos: Enxofre, Mercúrio e Sal. Há, de fato, quatro soluções possíveis para este problema, e vamos estudá-las cuidadosamente, uma por uma, nas Lições subsequentes.

As quatro soluções possíveis são:

- 1 — Fermentação metálica.
- 2 — Extração por um alkahest.
- 3 — Dissolução por um Mercúrio filosófico.
- 4 — Destilação especial de um vitriol corretamente preparado.

⁴¹ Theodor Kerckring (ou **Kerkring**), embora mais conhecido como médico e anatomista holandês do século XVII, também é citado em alguns círculos alquímicos e esotéricos por seu interesse nas relações entre corpo, espírito e natureza. Sua obra mais notável, *Spicilegium Anatomicum* (1670), contém observações anatômicas detalhadas, mas também reflexões filosóficas que o aproximam do pensamento hermético. Em certos textos alquímicos posteriores, seu nome aparece associado à busca da *medicina universal* e à ideia de que o corpo humano espelha os princípios da natureza. No entanto, sua ligação direta com a alquimia permanece mais simbólica e interpretativa do que documental.

A presente Lição será dedicada à fermentação metálica.

FERMENTAÇÃO METÁLICA⁴²

No decorrer de nossos experimentos, conseguimos fermentar apenas dois metais: o antimônio a partir da estibnita e o chumbo a partir da galena. A fermentação deste último exige muito trabalho, por isso acabamos por rejeitá-lo. O método que utilizamos foi retirado do *Collectanea Chemica*, conforme descrito no manual de Alquimia.

Não sabemos se a fermentação dos outros metais planetários é possível; tudo o que podemos dizer é que, até hoje, não obtivemos sucesso, talvez porque a qualidade dos minerais não fosse adequada. Acreditamos que a fermentação mais fácil e interessante é a da estibnita, o minério de antimônio. É por isso que esta lição se dedica a este tema.

A estibnita é um minério tóxico. Deve ser manuseada com luvas, pois pode penetrar a pele. Quando manipulada em forma de pó, as vias respiratórias também devem ser protegidas com uma máscara com filtro contra poeira⁴³.

É melhor dispor de pedaços grandes do minério e triturá-los pouco antes de seu uso, ou pelo menos antes da primeira calcinação. A trituração manual em grande quantidade é praticamente impossível, por isso nosso modo de operação é o seguinte:

Colocamos os pedaços grandes em um saco feito com duas ou três camadas de tecido grosso e bem fechado. Podemos então quebrar a estibnita com um martelo pesado, de modo que os fragmentos e o pó não se espalhem por toda parte. É necessário reduzir os pedaços a um tamanho menor do que o de uma noz.

⁴² No simbolismo alquímico, a **fermentação metálica** representa uma etapa avançada da Grande Obra, na qual o metal, já purificado pela putrefação e outras operações, é reanimado por um princípio vital — muitas vezes associado ao ouro filosófico ou à tintura vermelha. Esse processo não é biológico, mas simbólico: sugere a infusão de um “espírito” que eleva a matéria a um novo grau de perfeição. A fermentação marca o renascimento da substância e prepara o terreno para a fase final, a rubedo, na qual ocorre a fixação da Pedra Filosofal. Alquimistas como Geber e Paracelso mencionam em linguagem velada esse renascimento espiritual da matéria, frequentemente ligado à metáfora do “leão vermelho” ou da “semente do ouro”. Nesse sentido, a fermentação metálica também espelha a jornada interior do alquimista: um processo de transformação da alma por meio do trabalho com a matéria. Essa concepção é explorada em tratados reunidos na obra *Collectanea Chemica*, organizada por **Arthur Edward Waite** em 1893, que compila textos de autores como **Eirenaeus Philalethes**, **Francis Anthony**, **George Starkey** e **George Ripley**.

⁴³ Para a manipulação segura da estibnita (Sb_2S_3), recomenda-se o uso de máscaras que ofereçam alta proteção contra partículas tóxicas. As mais indicadas são os **respiradores com filtros P3** (segundo normas europeias) ou **P100/N100** (nos padrões norte-americanos), que retêm pelo menos 99,97% de partículas com diâmetro igual ou superior a 0,3 micrômetros. Também são adequadas as máscaras descartáveis do tipo **PFF3**, desde que bem ajustadas ao rosto. Todas devem ser utilizadas em conjunto com equipamentos de proteção individual (EPI) adicionais, como luvas, óculos de segurança e capela de exaustão local.

Para a próxima redução de tamanho, usamos um tubo de ferro de 20 a 25 cm de comprimento e 10 cm de diâmetro com uma tampa rosqueada em uma das extremidades. Esse tubo serve para conter o minério a ser triturado. O esmagador é uma tampa de 7,5 cm com um redutor rosqueado e um tubo de 2,5 cm por 30 cm preso para formar o pilão. Colocam-se 50 gramas de estibnita no tubo grande, insere-se o esmagador e bate-se repetidamente até que o minério seja reduzido a pedaços de 0,5 cm ou menos. Este método funciona com estibnita, galena, cerusita, calcantita, enxofre nativo, tártaro e a maioria dos outros minérios usados na Alquimia.

Todo o minério triturado desta maneira deve passar por uma peneira fina para coletar o pó, e o restante deve ser colocado em um tambor de polimento com esferas de aço ou mídia abrasiva de carboneto de silício, e deixado girar por algumas horas. Periodicamente, retira-se, passa-se pela peneira e remove-se o pó. Ao manusear o pó, utilize máscaras e luvas. Os pedaços que não passam pela peneira voltam para o tambor e continuam sendo moídos. Se o pó produzido não for coletado regularmente, ele se acumula nas esferas e nas pedras, dificultando a moagem.

O pó deve ser imediatamente armazenado em recipientes herméticos, pois é importante protegê-lo da umidade do ar, que pode gerar ácido sulfúrico.

Em seguida, pode-se realizar a calcinação⁴⁴ conforme as instruções da Lição nº 6. É absolutamente necessário ventilar bem e eliminar todos os gases gerados durante este experimento. Não tenha medo de prolongar a etapa de calcinação, que ocorre entre 70°C e 80°C. Pode-se acrescentar, ao final, um platô de cerca de 10 horas a 90-100°C.

Temos agora duas formas de obter o vinagre de antimônio:

1 — Circulação, fermentação:

Encha o dedal de um extrator Soxhlet com estibnita e água de chuva destilada. O extrator não deve ser preenchido com um dedal de papel, mas sim com um dedal de Alundum, vidro fritado, ou simplesmente com 2 a 3 cm de algodão cirúrgico no fundo

⁴⁴ Na calcinação de estibnita (Sb_2S_3), é essencial considerar sua decomposição térmica e a liberação de compostos tóxicos. A curva de temperaturas descrita — com uma etapa inicial entre 70 °C e 80 °C e um platô prolongado a 90–100 °C — é atípica para uma calcinação convencional da estibnita, que geralmente requer temperaturas superiores a 500 °C para promover a oxidação do sulfeto de antimônio e a formação de trióxido de antimônio (Sb_2O_3) e dióxido de enxofre (SO_2). No entanto, essa abordagem de baixa temperatura é intencional neste contexto laboratorial específico, minimizando a volatilização de Sb e a emissão de gases tóxicos. O processo deveria ser realizado idealmente em uma **capela de exaustão**, um equipamento de proteção que consiste em uma câmara ventilada com sistema de exaustão forçada, projetada para conter e remover vapores, gases e partículas perigosas, protegendo o operador e o ambiente.

do extrator⁴⁵. A extração-fermentação dura de 2 semanas a 2 meses. Para uma melhor fermentação, é aconselhável cobrir o extrator com uma camada isolante, inclusive o tubo por onde sobem os vapores, de modo que a estibnita mantenha uma temperatura mais adequada à fermentação. Se você não quiser deixar a água de resfriamento circulando por 2 ou 3 meses, será necessário um circuito fechado com refrigeração⁴⁶. Nosso refrigerador é um tubo de cobre de 10 mm de diâmetro e 5 metros de comprimento enrolado em espiral e colocado num recipiente, de preferência isolado, contendo gelo. Usaremos uma bomba de aquário (Figura nº 2).

Durante a operação, o pH da água deve ser verificado periodicamente; ele deve começar a variar nas duas primeiras semanas. Se você tiver um medidor de pH, não haverá problemas. Caso contrário, utilize fitas de pH muito sensíveis. Após a queda do pH — ou seja, o aumento da acidez — ocorre um período de estabilização. A primeira fase do experimento está então concluída.

Durante toda a operação, a parte superior do refrigerador deve permanecer vedada. Em seguida, coloque o líquido e a estibnita em um balão de fundo redondo e destile a vácuo em banho-maria até o ponto de secura, mas não além disso, para evitar a perda do espírito. O destilado é então transferido para outro balão de fundo redondo, e destilamos um quarto do líquido de cada vez, armazenando as quatro frações separadamente. A última fração deve ser destilada a vácuo⁴⁷. Pode aparecer, ao final, uma goma verde que não destila a 60°C. Dissolva-a em álcool absoluto e reserve para uso posterior. Este é o Leão VERDE (que pode ser obtido em maior quantidade por outro método).

As quatro frações são então separadas novamente em quatro partes cada. Agora temos 16 frascos. Reunimos os frascos de pH semelhante, misturando-os, e

⁴⁵ O **dedal de alundum**, por ser quimicamente inerte e resistente a altas temperaturas, é o mais indicado para evitar reações indesejadas e garantir estabilidade durante ciclos prolongados. O **vidro fritado** também oferece boa resistência e porosidade controlada, mas pode ser mais frágil e suscetível a entupimentos com partículas finas da estibnita. Já o **algodão cirúrgico**, embora útil como complemento para vedação, não é recomendado como suporte principal, pois pode reter partículas, liberar fibras e sofrer degradação em contato prolongado com o mineral. Assim, para garantir segurança e eficiência, o dedal de alundum é preferível nesse tipo de extração.

⁴⁶ Um sistema fechado para refrigeração do condensador do extrator Soxhlet pode ser montado utilizando um **banho termostatizado com recirculação**, que substitui o uso contínuo de água da torneira. Esse sistema consiste em um reservatório com bomba integrada que circula água fria (ou solução refrigerante) por meio de mangueiras conectadas às entradas e saídas do condensador. A temperatura é mantida constante por controle eletrônico, e o circuito fechado evita desperdício de água, reduz riscos de vazamento e permite maior estabilidade térmica durante longas extrações.

⁴⁷ A **destilação a vácuo** é uma técnica de separação de líquidos baseada na redução da pressão interna do sistema, o que permite que os componentes da mistura entrem em ebulição a temperaturas significativamente mais baixas do que sob pressão atmosférica. Isso é especialmente útil para substâncias com pontos de ebulição elevados ou sensíveis ao calor, evitando sua decomposição térmica. O processo envolve o uso de um balão de destilação, condensador, termômetro e uma bomba de vácuo, formando um sistema fechado. À medida que a pressão é reduzida, os compostos mais voláteis vaporizam, são condensados e coletados separadamente, promovendo uma purificação eficiente e delicada.

destilamos novamente em quatro lotes. Assim, o vinagre é progressivamente concentrado e separado de seu *phlegma*⁴⁸. Quando o pH estiver abaixo de 1, pare. A experiência mostra que, se o vinagre estiver corretamente feito, ele extrai a tintura do ouro (experimente com uma pequena quantidade de vinagre, algumas gotas em um tubo de ensaio).

A cor geralmente aparece entre 24 a 48 horas. É necessário ao menos um ciclo lunar completo para extrair completamente a tintura. Esse método tem uma desvantagem: sua duração; mas tem muitas vantagens. A principal delas é sua simplicidade e o pequeno risco de quebra dos materiais. A vantagem mais importante vem do fato de que, assim que um pouco de vinagre é extraído, ele circula com a água e acelera o processo de extração, pois, sendo um *alkahest*, tem poder de extração. O processo é lento, no entanto, já que o vinagre está dissolvido em água. Por esse método, uma longa extração de 2 a 3 meses extrai a maior parte da estibnita. Não descarte a estibnita da qual o vinagre foi extraído.

2 — Fermentação — extração — incorporação de Espíritos — autoextração — concentração:

A estibnita é preparada como antes, depois colocada num balão hermeticamente fechado. Combine sete partes de água de chuva destilada com três partes de estibnita em pó, em peso.

Construímos um pequeno aparelho que vira o balão de cabeça para baixo a cada minuto. Se a mistura não for agitada constantemente, o balão deve ser virado pelo menos 10 vezes por dia. Isso acelera consideravelmente a fermentação. O balão é colocado numa caixa mantida a uma temperatura entre 40°C e 50°C.

Com esse mecanismo, a fermentação geralmente se completa em uma ou duas semanas.

A destilação pode ser feita conforme mencionado acima. Mas, se você deseja obter um vinagre mais forte e mais abundante, a operação se torna mais complexa.

O aparelho de destilação deve seguir a Figura nº 3 (os diversos elementos desenhados nesta figura não estão na mesma escala). Note também que, se o balão de fundo redondo B for de quartzo, o dispositivo F não é necessário.

Proceda da seguinte forma:

A estibnita fermentada é despejada com sua água no balão de fundo redondo B, que é colocado num espaço fechado feito de tijolos refratários isolantes. O balão é

⁴⁸ **Phlegma** refere-se à fração aquosa e impura que permanece após a destilação do vinagre — composta majoritariamente por água e traços de compostos não voláteis. O termo designa os vapores ou condensados que não contém o “espírito” ativo da substância. Assim, ao dizer que o vinagre é separado de seu *phlegma*, entende-se que o processo visa concentrar o vinagre e remover a parte diluente e inerte, promovendo uma purificação progressiva do destilado.

sustentado por um tripé de ferro. Uma resistência de 500 a 1000 watts garante o aquecimento do ar no espaço fechado. Esse dispositivo é necessário para evitar que o balão quebre durante a destilação seca. Ele impede que tensões sejam geradas no vidro, já que o balão é aquecido por igual. Nenhum líquido deve ser depositado no balão ou na parte curva do tubo de destilação: assim evita-se a perda de líquido e rachaduras causadas por líquidos frios caindo em um balão aquecido a 400°C.

Estabeleça o vácuo através do tubo U antes de iniciar o aquecimento. O vácuo não será mantido de imediato, pois a estibnita libera gases ocluídos⁴⁹. Duas ou três horas depois, o vácuo deve ser estabelecido novamente. Se for necessário estabelecê-lo uma terceira vez e ele não se mantiver, há um vazamento e a causa deve ser investigada.

Aqueça a 60°C. No início da ebulição, estabeleça novamente o vácuo. Esta é uma fase importante, pois os vapores da ebulição permitem a expulsão do ar residual.

Se a destilação for suficientemente lenta e o resfriamento do condensador for eficiente, o balão G se encherá de líquido; o frasco receptor deve permanecer frio. Lembre-se de que, em pressões tão baixas, o condensador D não é muito eficiente. Se G aquecer, ele deve ser resfriado com uma mistura de água, sal e gelo, pois os espíritos do vinagre são muito voláteis nesse ponto.

H e L são dois tubos de ensaio de 20 a 25 cm de comprimento e 20 a 25 mm de diâmetro. O tubo em U que os liga está quase fechado no lado de L; o orifício deve ter o diâmetro de uma agulha fina. Se os espíritos ainda não tiverem sido fixados em G, a borbulha em forma de bolhas finas deve dissolvê-los na água de L, que será adicionada ao vinagre ao final da destilação. No caso de uma queda de temperatura em B, que poderia puxar o líquido de L para G, o tubo H serve para evitar que a água de L entre em G.

O balão M é uma proteção para o vácuo. Quando todo o líquido de B tiver sido destilado, aumente progressivamente a temperatura nos três dias seguintes, até atingir 350–400°C ao final do terceiro dia (um termômetro ou pirômetro no espaço fechado F é muito útil).

Deixe esfriar lentamente sem abrir o espaço fechado. Ao abrir, o interior do balão B deve estar parcialmente coberto por um depósito vermelho e amarelo. Com um pedaço de madeira dura, quebre o bloco de estibnita seca. O conteúdo do balão G é despejado em B; agite para dissolver o vermelho e o amarelo.

Reinicie a destilação a vácuo como antes e aqueça novamente por três dias. Geralmente, após o terceiro ciclo, não há mais depósitos vermelho e amarelo; nesse caso, a operação está concluída.

⁴⁹ **Gases ocluídos**, refere-se à liberação de pequenas quantidades de gases aprisionados em sua estrutura cristalina ou em inclusões microscópicas durante o aquecimento ou processamento físico-químico do mineral.

Misture a água de G e L, destile em frações como no primeiro método até que o pH esteja abaixo de 1.

Esteja ciente de que, nas destilações sucessivas, é útil operar com um circuito hermético, com uma saída para o sistema de tubos H e L: desta forma, evita-se qualquer perda de vinagre. Se, no curso da destilação, houver borbulhamento em L, meça o pH dessa água e incorpore-a ao circuito de destilação, em frações.

Este segundo método produz um vinagre mais forte e mais abundante do que o primeiro, em menos tempo. Mas requer mais equipamentos e, em caso de erro, o balão B quebra facilmente.

PROPRIEDADES DO VINAGRE DE ANTIMÔNIO

1 — O vinagre de antimônio é fixo. Não se pode mais torná-lo volátil, assim como o vinagre não pode voltar ao estado de vinho.

2 — O vinagre de antimônio fixa tudo o que entra em contato com ele, incluindo os elementos do próprio antimônio.

3 — No vinagre de antimônio reside a chave que abre todos os outros metais e fixa seus Mercúrios.

4 — Após a eliminação do *phlegma*, o vinagre de antimônio é o Espírito Puro fixo do antimônio.

5 — Embora aparentemente corrosivo, o vinagre de antimônio não é tóxico.

6 — O vinagre de antimônio também pode ser obtido a partir do Régulo de antimônio. Neste caso, o espírito volátil não está fixado.

7 — Quando lemos "putrefação" nos textos de Basílio Valentim, devemos entender como sendo a preparação do vinagre de antimônio.

8 — O vinagre de antimônio extrai diretamente o óleo de antimônio (seu Enxofre) do vidro branco de antimônio.

9 — Se o vinagre for extraído de estibnita não calcinada, ele conterá ácido sulfúrico e pode conter o elemento arsênico.

10 — O ácido acético é difícil de separar do vinagre de antimônio.

11 — O sublimado que se eleva após a destilação do vinagre é o Espírito que é progressivamente incorporado ao vinagre.

12 — No curso de destilações repetidas, é possível obter o sal de antimônio por decantação seca do vinagre separado.

13 — No curso da operação anterior, o Leão Verde pode às vezes ser liberado; isso depende da qualidade da estibnita.

14 — Se o vinagre de antimônio não contiver ácido sulfúrico, ele extrai a tintura do mercúrio metálico, mas não o dissolve. Faça o teste primeiro com uma pequena gota de mercúrio e siga um procedimento idêntico ao usado com o *alkahest* do enxofre.

15 — Outro método para detectar ácido sulfúrico: extraia a tintura do vidro de antimônio e pingue algumas gotas numa solução saturada de acetato de bário. Se houver precipitado, há ácido sulfúrico, e a calcinação da estibnita não foi longa o suficiente.

16 — O Bálsamo da Vida e o vinagre de antimônio contém grandes segredos alquímicos. Kerkring diz que essas preparações podem substituir todas as outras.

17 — O vinagre obtido pelo segundo método é mais forte do que o vinagre obtido pelo primeiro método. Isso pode ser verificado pingando um pouco de vinagre num tubo de ensaio. Deixe cair sobre o vinagre um quarto ou 1/2 cm² de uma folha de ouro de encadernação. A extração da tintura acontece muito mais rapidamente com o segundo vinagre.

O líquido oleoso amarelo que se obtém é a primeira forma de ouro potável. É necessário cerca de um mês de maceração.

NOTA sobre as cores da tintura de ouro:

A extração com o vinagre de antimônio de pH 1 ou inferior produz um óleo amarelo dourado.

Com um *alkahest*, a cor evolui conforme sua concentração e a quantidade de tintura extraída ou de ouro dissolvido. Quando a concentração é alta, a cor é vermelha; quando é fraca, a cor é verde. Essa cor é a cor do ouro que se torna transparente quando a folha é fina o suficiente. Quando a dissolução ou extração ocorre, temos inicialmente a transparência do ouro verde, depois ele se torna verde e então vermelho, ou amarelo e então vermelho. O ouro potável concentrado é vermelho-rubi. Seu grau mais elevado só pode ser obtido com um Mercúrio filosófico fixado e purificado.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURAS ANEXAS:

Figura nº 1 — Medalhão de V.I.T.R.I.O.L. de Basílio Valentim



Figura nº 2 — Sistema de Refrigeração em Circuito Fechado

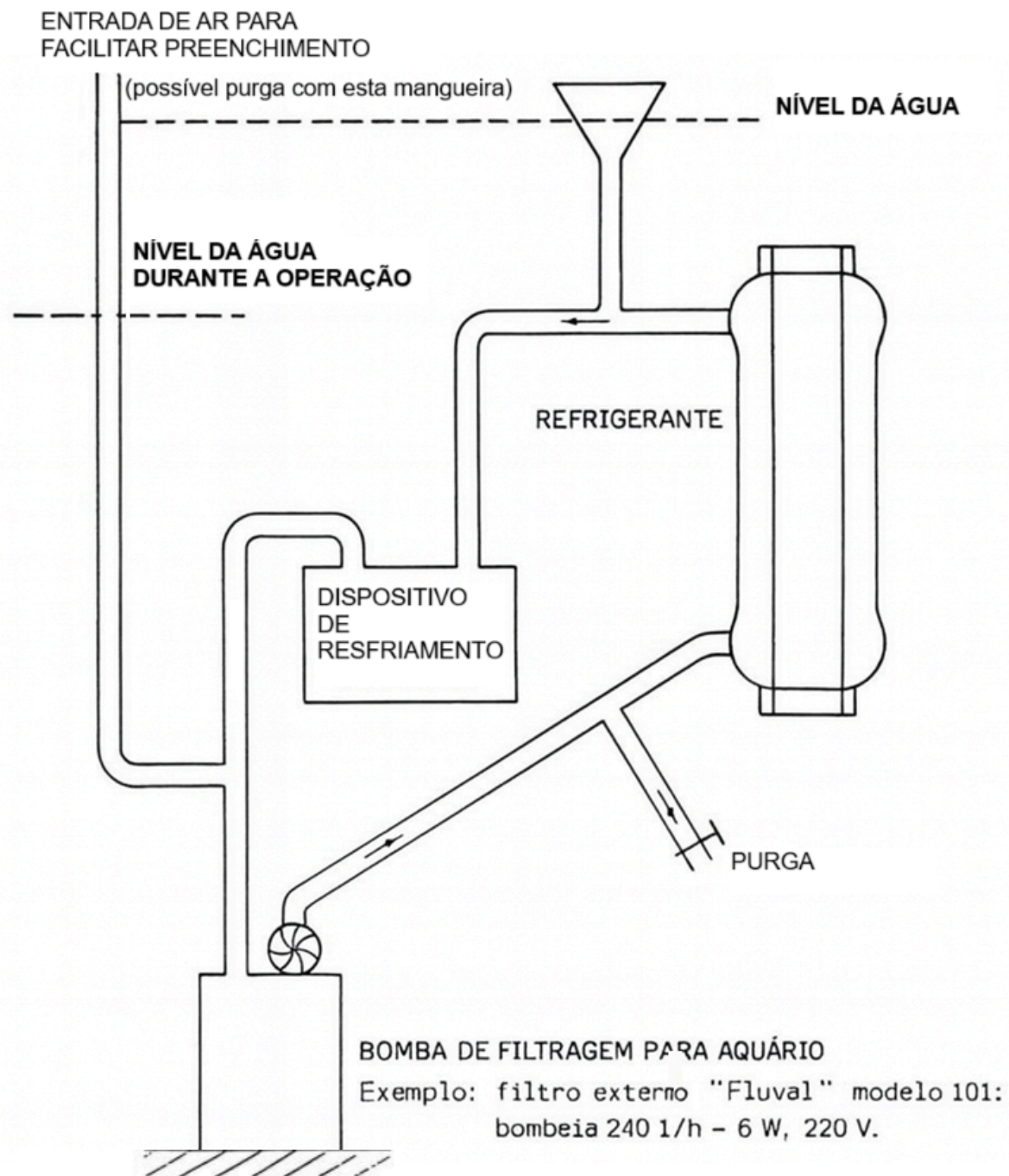
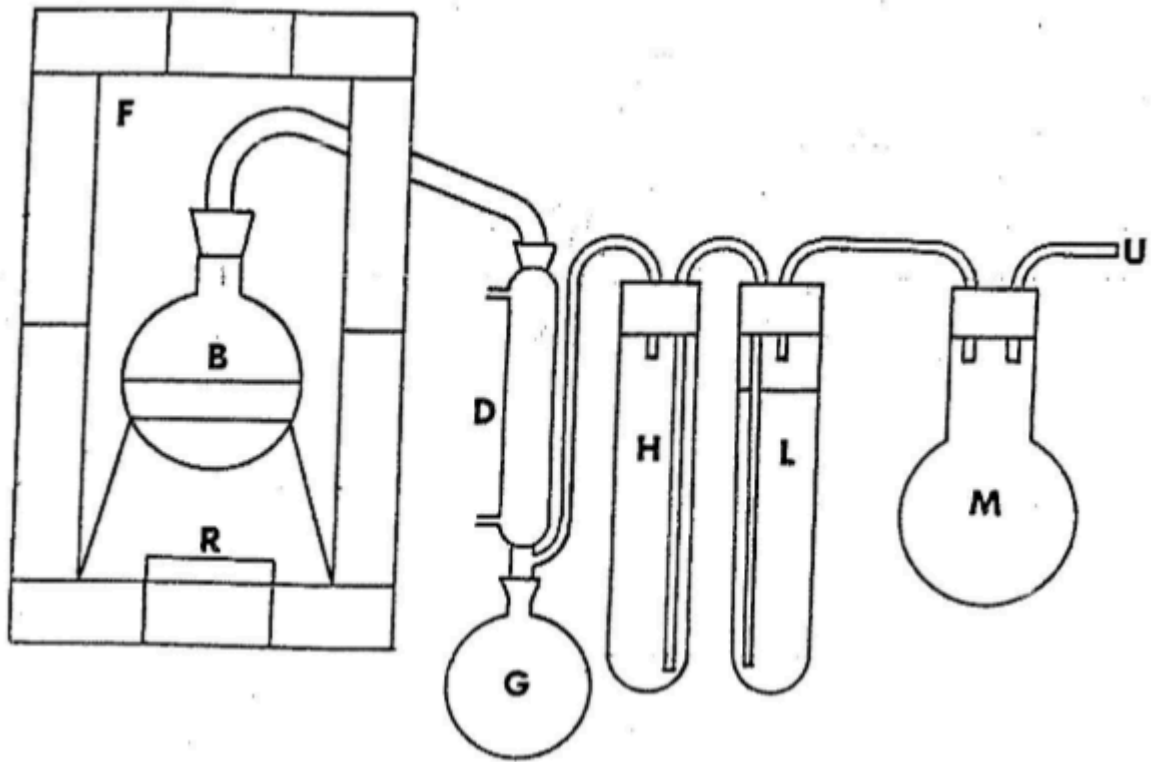


Figura nº 3 — Aparelho de Destilação:



Lição 10: A Pedra Vegetal

Caro Amigo,

Para complementar o que já dissemos sobre preservar o caráter filosófico dos três princípios, apontemos que uma das maiores dificuldades na produção da Pedra é o número considerável de ciclos necessários de embebição — maceração — calcinação. Tempo e trabalho são indispensáveis. Além disso, o volume da pedra diminui ao longo do processo, pois uma pequena quantidade de produto se perde a cada ciclo. Como muitas vezes é impossível dispor de uma grande quantidade de substância no início, corre-se o risco de ver a Pedra reduzir-se a quase nada antes de ser completada. A única maneira eficaz de reduzir o número de ciclos é pulverizar o sal o mais finamente possível logo no início das operações.

Durante nossos experimentos, observamos a formação de três camadas na estrutura de uma Pedra Vegetal ao longo de sua preparação. Uma delas se forma em um estágio mais avançado; resulta especificamente da extrema finura dos grãos de Sal. Algumas dificuldades precisam ser superadas para se obter o tamanho ideal das partículas. Quando operamos manualmente, os grãos se transformam em um pó que se dispersa com facilidade. Por exemplo, Kerckring nos aconselha a embebedar a Pedra de antimônio com vinagre destilado para evitar que se dissipe. Forma-se, então, uma pasta no almofariz⁵⁰. Infelizmente, tal operação não pode ser realizada com o trabalho vegetal, pois este é solúvel em água. A única embebição possível seria com álcool, mas acreditamos que isso não é desejável do ponto de vista alquímico.

Para alcançar o resultado desejado, decidimos usar um moinho de bolas. O sal é pulverizado em um triturador de moinho de bolas, que consiste em um pote de porcelana fechado com uma tampa hermética e preenchido em um quarto de seu volume com bolas ou bastões de porcelana. Um tambor giratório faz o pote rodar. Interrompa a rotação após uma ou duas horas e colete o pó com um pincel limpo, sem esquecer o pó que fica na superfície das bolas. Para moer o pó de forma realmente fina, o pote e as bolas devem ser previamente aquecidos a 110–120°C (230–248°F) por pelo menos uma hora, para que desapareça qualquer vestígio de umidade. Se você tiver uma peneira com fundo e tampa — que evita a perda do pó mais fino — pode passar o pó por ela.

⁵⁰ O **almofariz** é um utensílio de laboratório composto por um recipiente côncavo, geralmente feito de porcelana, vidro, ágata ou aço inoxidável, utilizado em conjunto com um pistilo (ou pilão) para **triturar, pulverizar ou homogeneizar substâncias sólidas**. Sua superfície resistente permite a moagem de materiais duros ou abrasivos, sendo amplamente empregado em laboratórios de química, farmácia e biologia para preparação de amostras, reagentes ou formulações. A escolha do material do almofariz depende da natureza da substância a ser processada, visando evitar contaminações ou reações indesejadas.

Você pode adquirir uma peneira de aço inoxidável (malha 300), por exemplo, que não deixa passar partículas maiores que 0,04 milímetros. Um detalhe a observar é que o pó não passará pela peneira se tiver readquirido um pouco da umidade do ar.

O sal preparado desta forma encurta, pelo menos em quatro vezes, os ciclos de fixação. Note que, após o uso, essas peneiras devem ser limpas somente com água destilada e secas com um secador elétrico, caso contrário, a tela ficará obstruída.

Comentário:

Alguns de nossos membros podem sentir que todas essas precauções práticas estão longe do esoterismo ou da espiritualidade. Mas a Pedra Vegetal é um corpo vivo, sublimado, que, por meio de seus poderes, abre nossos Portais Internos. A Pedra pode liberar apenas um pouco de elixir, com exceção das plantas mercuriais (Thoth Hermes); no entanto, os elixires que produz abrem o contato akáshico, seja no nível de Hod, seja no nível de Netzach. Esse contato traz um conhecimento direto que é inacessível pelos livros, um conhecimento da Natureza que não é necessariamente alquímico, mas que sempre se revela útil — senão indispensável — para a jornada ao longo do Caminho.

USO DE PAPÉIS DE PH:

O pH de uma solução está relacionado ao seu caráter ácido ou básico; o estado equilibrado ou neutro é pH 7. De 0 a 7 a solução é ácida e de 7 a 14 é básica.

Dependendo de suas necessidades, há vários tipos de papel de pH disponíveis. Podemos usar três escalas no mineral:

1. Papel de pH de 1 a 4,5 para o vinagre de antimônio;
2. Papel de pH de 4,5 a 7,5 para verificar e purificar os vitríolos;
3. Papel de pH para uso geral: de 0 a 14.

Não mergulhe o papel diretamente no líquido durante o teste, pois os reagentes podem reagir com o papel e gerar resultados falsos. Mergulhe uma haste de vidro no líquido e espalhe uma ou duas gotas sobre o papel.

Esses papéis devem ser mantidos em caixas ou sacos hermeticamente fechados para evitar umidade. Um medidor de pH elétrico é mais preciso, mas, claro, o preço também é mais alto!

MEDITAÇÃO ALQUÍMICA
MEDITAÇÃO NÚMERO 7

Meditação alquímica sobre o Processo: a Conjunção — a Montanha do Adepto.

Coloque o desenho (página 5, Figura nº1) atrás do alambique. Realize o ritual de entrada no alambique.

Primeira fase: o alquimista iniciante está vendado, ele está cego e precisa de um guia para seu trabalho. Como a lebre, ele começará a trabalhar na terra sem luz.

Segunda fase: é uma das sete operações que conduzem ao limiar do Templo, dentro da Montanha. Essas operações são: Calcinação, Sublimação, Solução, Putrefação, Destilação, Coagulação e finalmente o resultado: Tinctura.

O Templo está dentro da Montanha, oculto ao profano. O Templo tem sete janelas para o mundo exterior, e é o Templo do trabalho de laboratório, como mostra o grande alambique (athanor) colocado no centro, ao fundo. No lado esquerdo, o Rei solar segura o cetro com a mão direita; do lado direito, a Rainha segura uma planta de três folhas com a mão direita.

Acima do teto do Templo: o Sol e a Lua cercados de estrelas. Acima, a Fênix triunfante. Este é o caminho do seguidor, mas para alcançar o resultado é necessário que a conjunção ocorra.

A conjunção consiste na compreensão e domínio dos quatro elementos, das sete leis duplas (planetas) e dos doze signos do Zodíaco. Temos nos quatro cantos os quatro elementos circundando o Zodíaco. Aqui, cada signo está associado a um símbolo alquímico, que é:

Touro mercúrio
Libra azinhavre
Escorpião vitríolo
Áries enxofre
Leão ferrugem
Virgem sal amoníaco
Gêmeos cinábrio
Câncer orpimento
Sagitário sal
Peixes salitre
Capricórnio tártaro (sais ácidos do ácido tartárico)
Aquário alúmen

Os planetas estão posicionados em cada lado da montanha, sobre quatro pilares (os quatro mundos da Qabala).

À esquerda, os planetas solares:

- Vênus com seu espelho (mão esquerda) e um coração radiante (mão direita).
- Marte com uma espada (mão direita) e um escudo (mão esquerda).
- O Sol com a coroa e o cetro.

À direita, os planetas lunares:

- Saturno, com a criança (mão direita) e a foice (mão esquerda).

- Júpiter, com o cetro (mão esquerda) e o raio (mão direita).
- A Lua, Diana caçadora, com o chifre de caça (mão direita) e a lança (mão esquerda).

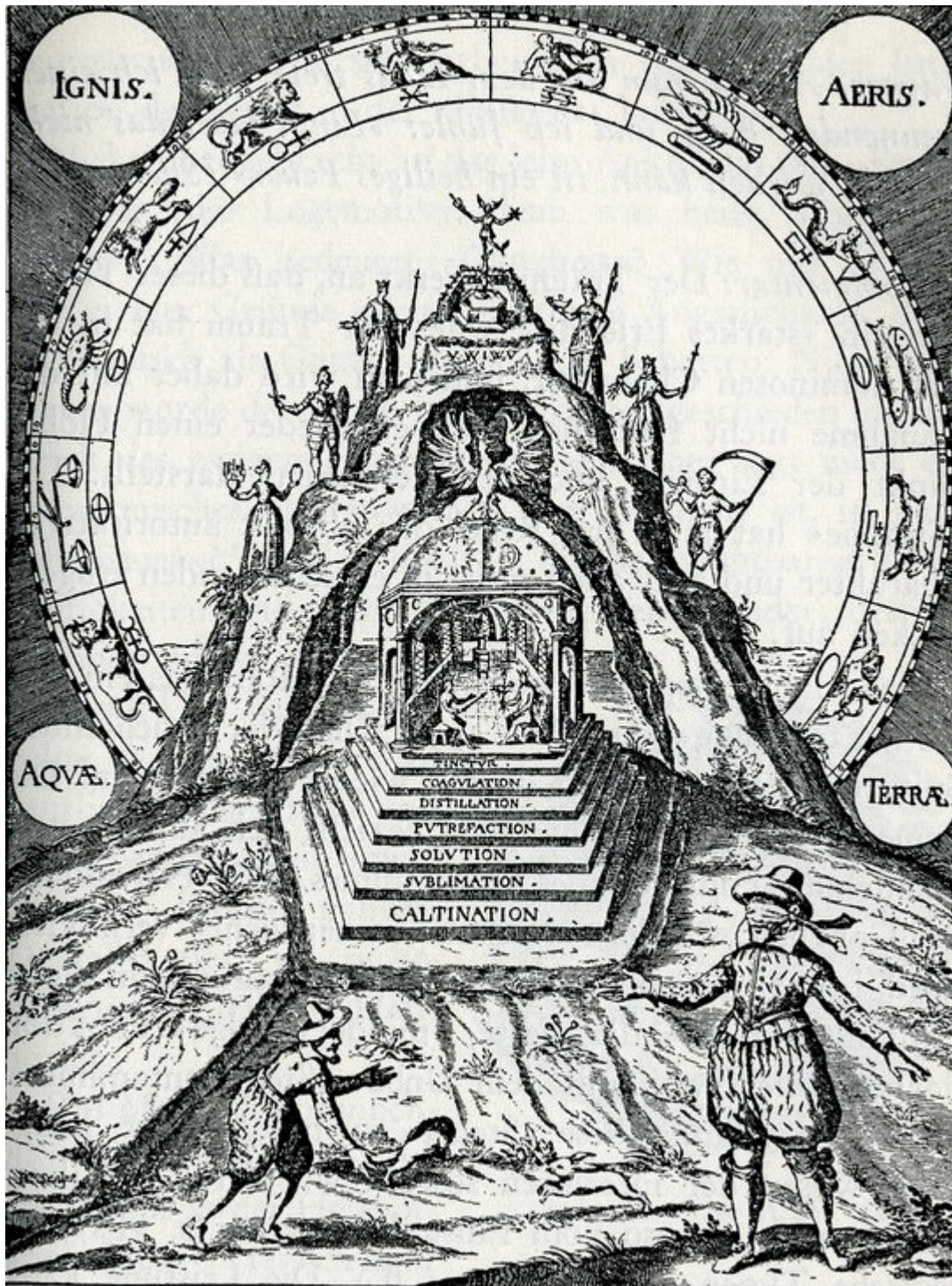
No centro, Mercúrio, o planeta hermafrodita, com o caduceu (mão direita), simboliza o fogo secreto; a estrela (mão esquerda), símbolo do domínio das energias astrais; os calçados, símbolo de sua volatilidade. Ele tem um pé em uma fonte, cujo acesso só é possível de um dos lados.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURA ANEXA:

Figura nº1 – A Conjunção – A Montanha dos Adeptos



Lição 11: O Estado Filosofal e Preparação de Óleos Metálicos

O ESTADO FILOSÓFICO DO FILÓSOFO

Explicamos, na Lição de Espagírica nº 34, os efeitos da combinação de elixires planetários. Na fase metálica ou fase preparatória deste domínio, os experimentos devem ser interessantes e proveitosos. Os experimentos serão tanto mais bem-sucedidos quanto duas condições forem respeitadas: os elixires devem ser de alta qualidade e a experimentação deve ocorrer exclusivamente no domínio alquímico.

O Filósofo se prepara; ele se esforça para ser o mais filosófico possível, a fim de obter o máximo de seus experimentos. Os elixires atuam principalmente sobre o Mercúrio do estudante; o Enxofre é trazido à condição filosófica por meio do estudo teórico, por um lado, e da meditação no oratório, por outro. A prática do trabalho laboratorial age de forma indireta sobre o Sal.

Vamos considerar o mesmo processo em outro nível. Para obter um resultado em um plano mais elevado, podemos empregar um novo método na escolha do dia correspondente aos elixires. Primeiramente, é necessário saber o dia do seu nascimento. Consideremos a segunda figura da Lição de Espagíria nº 9 (o Céu Químico) e suponhamos que tenhamos nascido numa terça-feira. Esse dia estará no MC (Medium Coeli, a cúspide da Décima Casa) e, nesse caso, a lista dos elixires será a seguinte:

Coluna 1	Coluna 2
Terça-feira	Saturno
Quarta-feira	Júpiter
Quinta-feira	Marte
Sexta-feira	Sol
Sábado	Vênus
Domingo	Mercúrio
Segunda-feira	Lua

Observe as mudanças de posição do Sol e da Lua na tabela acima, em comparação com suas posições no Céu Químico. A ordem dos elixires planetários é a mesma da

Mezla⁵¹, a energia divina na descida pelas Sephiroth. A tabela é válida para todos, bastando começar a primeira coluna com o dia do seu nascimento. Este método deve ser utilizado unicamente com a intenção de auxiliar o progresso pessoal. A seguir, alguns detalhes para refinar nosso processo de laboratório. Para começar, há três alternativas preferenciais:

- direcionar a atenção para a Sephira Hod para cognições sobre a Qabala ou Alquimia metálica;
- voltar-se para Yesod para obter dados práticos e maior clareza psíquica, sem interferências;
- recorrer a Netzach para obter melhor compreensão da alquimia vegetal e das curas espagíricas.

O dia da operação deve ser escolhido com base na tabela acima: para Hod, operamos na noite de Mercúrio; para Yesod, na noite da Lua; e para Netzach, na noite de Vênus. Portanto, se você nasceu numa terça-feira, a noite de contato para a alquimia metálica será preferencialmente a noite de domingo.

Devemos, então, alcançar um estado de ressonância em ambos os níveis e sustentar o pensamento de que o elixir permitirá ao Mercúrio transmutar o conhecimento. Realizaremos um estudo teórico e, se necessário, uma parte prática do experimento, a fim de imprimir profundamente o problema na mente. Uma meditação passiva permitirá ao Enxofre inspirar a substância do intelecto; assim, será criado um primeiro estágio de ressonância.

Para entender o que segue, examinemos a figura nº 1 da Lição de Espagírica nº 9. Vemos que as Sephiroth estão ligadas por linhas que os qabalistas chamam de Caminhos. Malkuth, o mundo do intelecto, está ligado às três Sephiroth imediatamente acima por meio dos Caminhos 29, 31 e 32. Esses Caminhos são símbolos que representam certos aspectos da consciência no momento em que ela é transferida de uma Sephira para outra.

Nossa consciência deve estar em ressonância com o Caminho que desejamos trilhar. Esta operação deve ser realizada pouco antes de dormir; nenhuma leitura deve ocorrer em seguida. Cada Caminho possui muitos símbolos. Uma meditação sobre o conjunto é útil, mas não obrigatória. Alguns preferem usar um símbolo de cada vez.

Contato com Hod, Caminho 31. A letra hebraica deste Caminho é Shin, a letra do Fogo, que é ao mesmo tempo purificador e Amor Divino. Segundo os alquimistas, o planeta é Vulcano. Este poderia ser um planeta intra-mercurial, o planeta do fogo secreto do alquimista. A carta de Tarô atribuída a este Caminho é o Anjo do Juízo

⁵¹ **Mezla:** termo da Qabala que designa a Luz Criativa Universal, princípio sutil e invisível que dá origem e sustenta toda a existência.

Final, que, neste caminho da Arte Metálica, é a recomendação final para aqueles cuja purificação ainda não é satisfatória.

Contato com Yesod, Lua, Caminho 32. A letra hebraica é Tav, símbolo de equilíbrio e do Caminho da Coluna do Meio. O planeta é Saturno, cujos metais têm a capacidade de abrir este Caminho. Saturno, no MC (Zênite), é também o DC (Nadir⁵²). A carta do Tarô é o Universo, o Mundo. Este Caminho abre a via interior para a realidade do universo. Os quatro animais da carta são os do Apocalipse, os quatro elementos alquímicos.

Contato com Netzach, Caminho 29. A letra hebraica é Qoph, a primeira letra da palavra Qabala. O símbolo deste Caminho é o da Lua e de Peixes. Ele conduz à natureza vegetal aquosa; é o mundo dos segredos vegetais da Natureza.

Se você utilizar cartas de Tarô para este exercício, o ideal é o Tarô de Marselha, utilizando-se apenas os arcanos maiores. Em hipótese alguma este baralho deve ser usado para adivinhação.

Se esses experimentos forem bem-sucedidos, você deve estar imediatamente em guarda contra todas as suposições errôneas. Essas experiências conduzem a um ensino que frequentemente chamamos de Faculdade Noturna. Em quase todos os casos, a experiência assume a aparência de uma aula em uma sala de aula dirigida por um professor e assistida por muitos alunos — todos, na verdade, uma só pessoa. Devemos absolutamente compreender o fato de que estamos sozinhos nesse momento. O professor é o nosso Eu Superior que, por ressonância, absorve diretamente o conhecimento do Akasha. Os outros alunos são elementos da nossa personalidade que já participaram no passado do mesmo tipo de trabalho.

PREPARAÇÃO DE ÓLEOS METÁLICOS SEM ALKAHEST OU MERCÚRIO FILOSÓFICO

Matérias-primas metálicas:

- Chumbo: óxidos de chumbo (minium vermelho Pb_3O_4 ou litargírio amarelo PbO)
- Mercúrio: óxido vermelho (óxido mercúrico – HgO)
- Prata: pó de óxido de prata (Ag_2O)
- Cobre: óxido preto técnico (óxido cúprico CuO)
- Ferro: óxido vermelho técnico (óxido férrico Fe_2O_3)

Líquidos de extração:

⁵² **Nadir**, neste contexto, representa o ponto mais profundo da jornada espiritual — o momento de máxima escuridão interior, onde o indivíduo está mais distante da luz divina. Paradoxalmente, é também o ponto de virada, onde a possibilidade de ascensão e iluminação começa a emergir.

- éter sulfúrico, como o dietiléter estabilizado⁵³
- álcool absoluto, destilado três vezes

Exemplo:

Para o metal mercúrio (quicksilver⁵⁴), colocar em um frasco hermético 35 gramas de óxido mercúrico e 70 gramas de éter. Fechar o frasco rapidamente e torná-lo hermético. Atenção: deixar macerar em temperatura baixa (abaixo de 30°C), caso contrário o éter entra em ebulição e há risco de explosão.

A maceração por um ciclo lunar dá uma tintura levemente alaranjada; obteve-se uma tintura verde-esmeralda após 7 a 8 ciclos lunares. O éter deve então ser filtrado com funil e algodão ou papel-filtro, pelo menos três vezes; isso deve ser feito com funil coberto e frasco fechado para evitar evaporação. Não deve restar sedimento sólido no éter, pois o óxido mercúrico é um veneno violento. A última filtragem é feita em um alambique. Após a evaporação do éter, já que o alambique não está fechado, resta uma quantidade muito pequena de óleo de cor alaranjada (ou azul no caso de uma maceração de 7 meses).

Tenta-se então a destilação do óleo tomando diversas precauções para evitar que o óleo queime. Ao final da destilação, o resultado é o seguinte: não há nada no balão receptor. Algumas gotas de óleo brilham no bico do alambique. No fundo, permanece um resíduo seco.

Com cuidado, despeje algumas gotas de álcool absoluto no bico do alambique; desta vez, o alambique deve estar hermeticamente fechado. Tente dissolver as gotas de óleo, de maneira que o álcool não entre em contato com o resíduo sólido que ficou no fundo. O álcool é coletado em um frasco e evaporado lentamente, sem ferver. Obtém-se assim um pequeno volume de óleo puro.

Observe que a medicação alquímica é ótima para os três princípios quando temos:

Enxofre 1/3

Mercúrio 1/3

Sal 1/3

e, no caso de uma tintura:

Enxofre 1/3

Mercúrio 1/3

Adiciona-se então uma quantidade de álcool igual à do óleo (1/3).

⁵³ **Éter sulfúrico** é uma denominação histórica pois era obtido pela ação do ácido sulfúrico sobre o éter etílico, já dietiléter é seu nome mais técnico, eles são o mesmo composto químico, e se referem ao etoxietano cuja fórmula é $C_4H_{10}O$.

⁵⁴ **Quicksilver** é um nome antigo e poético para o elemento químico **mercúrio**.

O processo é similar para os outros metais.

São tinturas não fixadas; portanto, são tinturas com efeito vivificante e energético. A dosagem correta é de uma gota.

O estanho e o ouro serão tratados separadamente. O óleo de ouro só pode ser obtido por meio de Mercúrio Filosófico ou Alkahest.

Exemplo: vinagre de antimônio.

ATRIBUIÇÃO PLANETÁRIA E EFEITOS MEDICINAIS DE ELEMENTOS NÃO TRADICIONAIS

Cálcio: atribuído a Saturno, tem efeito importante sobre o sistema esquelético e o baço.

Magnésio: atribuído a Mercúrio, atua no sistema cérebro-espinhal.

Alumínio: atribuído à Lua, age particularmente sobre o sistema nervoso simpático.

Potássio: atribuído a Urano, tem efeito dissolvente sobre obstruções, especialmente cálculos renais.

Sódio: atribuído a Júpiter (e associado ao estanho), atua na assimilação dos alimentos; abre os poros da matéria; excelente agente fluidificante.

Zinco: atribuído a Netuno, aumenta a energia elétrica nas células, principalmente nas do cérebro.

Antimônio: símbolo da Terra, associado ao potássio por meio de Urano

Chumbo: associado ao cálcio por Saturno

Magnésio: associado ao mercúrio metálico por Mercúrio.

Sódio: associado ao estanho por Júpiter.

CARACTERÍSTICAS DOS SETE METAIS E DO ANTIMÔNIO PARA ESTAS OPERAÇÕES, EM FORMA DE AFORISMOS

Antimônio: possui um Mercúrio fixo; o vitríolo de antimônio é o acetato de antimônio; seu Sal é o Ímã dos Filósofos — atrai e fixa os Espíritos.

Saturno–chumbo: é, por meio de seu Sal escasso, a chave da fixidez metálica. O trabalho pode ser feito só com ele. Saturno possui pouco Enxofre, pouco Sal, muito Mercúrio bruto. O Sal é facilmente fusível⁵⁵.

⁵⁵ **sal fusível** é uma propriedade dos sais inorgânicos que apresentam um ponto de fusão relativamente baixo.

Júpiter–estanho: não abunda em Mercúrio (solvente dos sete metais). Possui pouco Enxofre de cor branca. Seu Sal tem bom grau de perfeição. O Sal e o Enxofre de Júpiter, unidos a Saturno, transmutam o chumbo em Júpiter.

Júpiter: não tem excesso de Mercúrio ou Sal e possui pouco Enxofre.

Marte: é masculino, em oposição a Vênus, feminina. Um Enxofre branco que queima, um Enxofre vermelho que não queima. Este é o verdadeiro Enxofre. Nele está encerrado um Espírito permanente que resiste ao Fogo e do qual se faz o Enxofre do Sol.

O espírito de Marte é uma quintessência solúvel em álcool; dá, então, um Leão, vitorioso sobre Vênus.

O espírito de Marte, unido ao espírito de Vênus, transmuta os metais.

A Pedra Magnetita é o Sal de Marte que melhora e aumenta a tintura da prata.

A tintura de Marte e Vênus é idêntica à do ouro. Esta tintura é mais perfeita e abundante em Marte do que em Vênus e existe nos outros metais apenas em pequenas quantidades.

Marte tem mais Enxofre que Mercúrio, e seu Sal é bruto e pouco fusível.

O Enxofre de Marte pode ser extraído de pirita de ferro com o líquido extrativo de Kerkring (menstruo).

Sol: os elementos estão equilibrados e seu Mercúrio é perfeitamente maduro.

Sol, Vênus e Marte têm tintura semelhante. A substância dessa tintura é um vapor que penetra todos os corpos metálicos. Se for acidificado pelo Espírito do Sal de Marte e conjugado ao Espírito de Mercúrio, em peso e pureza perfeitos, produz uma excelente medicina fermentada. Com o Sol, temos o segredo da transmutação metálica.

O Espírito de Vênus pode se fixar no Sal do Sol.

O Enxofre de Vênus é o Enxofre dos Sábios.

Vênus: tem mais Enxofre do que Mercúrio e Sal, que estão em quantidades iguais.

Mercúrio: praticamente não tem Sal; deve ser revivificado antes de cada operação. Há dois Enxofres metálicos: o bruto e o sutil. Se eliminar o Enxofre bruto ou combustível, obtém-se metais perfeitos.

Prata: o Enxofre da Lua é azul-celeste; seu Mercúrio é fixo.

Efeitos complementares dos metais tradicionais:

O cobre atua nos órgãos sexuais, rins e provavelmente na glândula tireoide.

O ferro promove a oxigenação do sangue e influencia favoravelmente a vesícula biliar.

AFORISMOS

O Espírito Universal é o mesmo em todos os corpos dos três reinos. A diferença está na substância que o carrega: álcool no vegetal, sangue no animal, alkahest ou Mercúrio filosófico no mineral.

Prima Matéria: é a matéria da qual se derivam o Sal, o Enxofre e o Mercúrio. O Mercúrio Filosófico também é chamado de Prima Matéria pois, no laboratório, nada pode ser feito sem ele. O Mercúrio Filosófico é o menstruo dos metais.

A diferença entre Prima Matéria e Spiritus Mundi é a seguinte: Spiritus Mundi é o Espírito da Terra, enquanto a Prima Matéria é a substância da qual toda manifestação tem origem; também é conhecida pelos alquimistas como Gur.

Os quatro elementos: são idênticos em essência. Existem em proporções variadas em todas as substâncias. A quintessência, o quinto elemento, não é nenhum dos quatro, mas é um dos três princípios alquímicos. A quintessência é a substância do Akasha, a memória da Natureza e parte da Superconsciência.

Separação Animal, Vegetal e Mineral: o carbono fornece o elo entre os reinos. No reino mineral, o carvão mineral é o diamante; no vegetal, os sais orgânicos contêm carbono; os sais minerais, não orgânicos, não contêm carbono.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 12: Kermes, Regulus e Espírito do Enxofre

Caro Amigo,

Na Lição nº 9, não abordamos o problema do óleo de antimônio, nem o assunto do Bálsamo da Vida (ou *Elixir Vitae*) de Basílio Valentim. De fato, aquela lição, que abriu o caminho para a possibilidade de obtenção de todas as tinturas metálicas, já estava suficientemente cheia de informações.

Agora avançaremos pelo caminho úmido e seco do antimônio através do Kermes⁵⁶ mineral.

Para este processo, você pode usar tanto a estibina⁵⁷ utilizada na extração do vinagre quanto uma estibina não calcinada. O processo usado aqui neutraliza o ácido sulfúrico nascente e elimina quimicamente o arsênico, o principal veneno alquímico no processamento do antimônio.

Prepare uma solução de soda cáustica comum (NaOH — disponível comercialmente) na proporção de 200 gramas por litro de água. Use uma quantidade de estibina aproximadamente equivalente ao peso da soda cáustica. Não há uma regra fixa, pois tudo depende da riqueza do mineral em antimônio.

Aqueça por uma hora a 90 °C e filtre. Você obterá um líquido de cor amarelo-dourado. Se o minério for rico, não descarte o resíduo, pois ainda contém algum antimônio.

Em um local bem ventilado, ao ar livre ou sob uma coifa, prossiga com a seguinte operação:

Despeje ácido acético comercial (não o ácido acético glacial, pois é muito caro, mas sim o ácido acético técnico ou industrial, frequentemente chamado de ácido pirolenhoso). Um precipitado alaranjado-avermelhado se forma imediatamente e um gás (H₂S) é liberado com um odor desagradável que você não deve inalar, pois é venenoso. Geralmente, no início, o precipitado se redissolve; adicione mais ácido e agite com uma vareta de vidro.

⁵⁶ O nome “**Kermes**” deriva da semelhança visual com o corante vermelho extraído do inseto *Kermes vermilio*, usado desde a Antiguidade — ambos compartilham a tonalidade intensa e simbólica do vermelho, associada à vitalidade, regeneração e ao “estado rubro” da matéria na alquimia.

⁵⁷ As referências feitas ao longo do curso a “**estibina**” parece se referir ao mineral sólido Sb₂S₃ — conhecido atualmente como estibnita — e não a esse composto químico estibina (SbH₃), que é um gás tóxico, instável e inflamável. Esta divergência decorre provavelmente de uma nomenclatura histórica: até o século XIX, o termo francês “stibine” era usado para designar o mineral, antes da padronização moderna que passou a distinguir “stibine” (gás) de “stibnite” (mineral). Portanto, as instruções envolvendo ‘estibina’ podem ser interpretadas como referentes à estibnita, com a ressalva sobre o cuidado a ser tomado devido a toxicidade e periculosidade do gás em questão.

O pH deve ser verificado com um medidor de pH pHmetro ou papel indicador. Pare definitivamente de adicionar ácido ao atingir o pH 7, ou seja, o pH neutro, caso contrário parte do precipitado será redissolvido.

Em seguida, filtre o líquido para coletar o precipitado vermelho, que deve ser seco a vácuo. Este Kermes será a base para a fabricação do Vitriolo de Basílio Valentim. Graças a este precipitado, podemos obter o regulus⁵⁸ de antimônio. O processo descrito por Basílio Valentim para obter o regulus inevitavelmente leva a mini-explosões (às vezes até maiores), o que não ocorre com o Kermes.

Encha um cadinho de porcelana muito seco com o Kermes, coloque no forno e aqueça a uma temperatura de cerca de 600° a 700 °C. Após o resfriamento, você removerá uma escória negro-acastanhada e, no fundo do cadinho, um pequeno nódulo de regulus de antimônio, que geralmente carrega a estrela de Basílio Valentim.

Este pequeno pedaço é a nossa semente para obter mais regulus. Ele deve ser cuidadosamente pulverizado. Em seguida, encha um cadinho com estibina (calcinação ou não, tenha ela sido usada na extração do vinagre ou não). Coloque o regulus pulverizado no centro, insira o cadinho no forno e aqueça a cerca de 600°–650 °C. Deixe esfriar e você obterá uma massa de cinzas ou escória sobre o regulus fundido no fundo do cadinho. Separe facilmente o regulus das cinzas com um golpe de martelo. O regulus assim obtido não é muito puro.

Ele deve ser finamente pulverizado e misturado com sal de tártaro (carbonato de potássio), em proporção de aproximadamente metade por metade em volume. Essa mistura é colocada em um cadinho e levada ao forno a 850°–900 °C. Após o resfriamento, separe o regulus da escória e repita o processo.

São necessários três ciclos de purificação.

Em seguida, o Bálsamo de antimônio é obtido ao se colocar o regulus pulverizado para digerir com um pouco de essência de terebintina. É importante destilar a essência de terebintina antes de despejá-la sobre o regulus. Mas atenção! Esta essência é altamente inflamável!

O segundo método consiste em uma extração por Soxhlet. Em ambos os casos, a terebintina deve se tornar vermelha.

A tintura é destilada até secar, preferencialmente sob vácuo. O pó vermelho residual é dissolvido em álcool absoluto. Em seus efeitos, este licor é Joviano⁵⁹.

⁵⁸ **regulus** (ou *régulo*) é um termo que designa um **metal purificado** ou uma **forma refinada de um metal**, geralmente obtido após um processo de fusão ou sublimação. O mais comum é o **regulus de antimônio**, que aparece como um botão metálico brilhante no fundo do cadinho.

⁵⁹ “**joviano**” remete a **Júpiter** (do latim *Jovianus*), o maior planeta do sistema solar, associado a grandeza, expansão, poder e intensidade — tanto na mitologia quanto na astrologia.

O uso do Kermes preparado segundo o método descrito nesta lição não é o principal; veremos mais adiante que o Kermes deve ser usado para a fabricação do Vitríolo de Basílio Valentim.

Na preparação do regulus, é preciso prestar atenção a dois detalhes importantes. O sal de tártaro deve ser calcinado antes de ser misturado com o regulus, caso contrário o gás liberado pode fazer com que a matéria transborde do cadinho; este, por sua vez, deve estar apenas meio cheio ou um terço cheio. O fundo do forno deve ser protegido por uma grande pedra plana ou caulim⁶⁰, caso haja transbordamento.

Ao atingir a temperatura, desligue o forno e espere que ele esfrie antes de abri-lo, caso contrário o cadinho se quebrará.

Se o aquecimento for muito forte ou prolongado, o antimônio será convertido em óxido e transformado em vidro branco de antimônio, o que não é o objetivo desses primeiros experimentos. Note, contudo, que, como o antimônio possui um espírito fixo, ele não perde todas as suas qualidades alquímicas durante a fusão.

Voltaremos ao problema da extração do espírito do Enxofre em lições futuras, pois o método que apresentaremos exigirá apenas uma ou duas horas.

Os novos métodos resultantes de nossos trabalhos recentes podem ser aplicados, em muitos casos, para facilitar a produção de alkahests e do Mercúrio Filosófico, independentemente de sua origem. Podemos construir os dois dispositivos necessários. Eles podem ser preparados com antecedência e estão representados nas duas figuras anexas ao final desta lição.

Figura nº 1: Aparelho de Borbulhamento de Gases

Este dispositivo foi projetado para que o gás da destilação possa borbulhar através do líquido contido em B e C. Na prática, durante o funcionamento, o líquido fica em C. A e D são tubos de segurança que impedem que o líquido de C se perca ou retorne ao aparelho de destilação, caso a temperatura caia e crie vácuo. Os tubos são tubos de ensaio comuns de vidro para laboratório (muito baratos), de preferência com diâmetro de pelo menos 25 mm e, se possível, comprimento de

Portanto, ao dizer que um licor é “joviano em seus efeitos”, provavelmente está sugerindo que ele provoca **efeitos grandiosos, expansivos ou avassaladores** — talvez uma embriaguez intensa, uma sensação de euforia desmedida ou um impacto marcante no corpo e na mente.

⁶⁰ O **caulim** é um mineral argiloso composto principalmente por caulinita, um silicato de alumínio hidratado. Ele é amplamente conhecido como argila branca, justamente por sua coloração clara e pureza, que o tornam ideal para diversas aplicações industriais e cosméticas. Na aplicação aqui presente, por ser uma argila refratária rica em caulinita, pode ser usado como revestimento isolante para proteger o cadinho até a temperatura proposta. Já para temperaturas acima de 1200 °C, é recomendável combiná-lo com outros materiais mais especializados. O termo **caulim** tem origem na palavra chinesa **Kauling**, que significa “colina alta” — uma referência à região de **Jauchau Fu**, na China, onde o mineral foi extraído pela primeira vez para a fabricação de porcelana. A palavra foi incorporada às línguas ocidentais como sinônimo de argila branca rica em caulinita, também conhecida como *china clay*.

25 cm. A base é ranhurada para segurar o fundo do tubo, e o topo possui furos perfurados para manter os tubos no lugar.

O diâmetro do furo para cada tubo é menor que o do tampão; a placa superior é fixada com duas porcas rosqueadas presas em hastes roscadas. Isso é importante, pois a pressão pode aumentar durante a destilação, e esse dispositivo evitará que os tampões se soltem.

Os tubos curvos superiores podem ser cortados para facilitar o encaixe; depois, um pedaço de tubo de vinil ou silicone pode fazer a junção. Veremos em detalhe o uso deste aparelho quando for descrita a destilação do Vitriolo de antimônio.

Figura nº 2: Aparelho de Destilação

Este sistema de destilação permite extrair rapidamente o espírito do Enxofre (em uma ou duas horas), o espírito do pó vermelho de Basílio Valentim etc. Apesar de sua aparência simples, requer habilidade para montá-lo.

— Tu é um tubo de Pyrex com diâmetro de 30 a 50 mm e comprimento de 20 a 25 cm.

— Rb é uma fita de aquecimento ou fio de resistência enrolado ao redor do tubo. Para evitar a destruição dos tampões, deve-se manter certa distância entre Rb e os tampões nas extremidades, dependendo do grau de temperatura e do material usado nos tampões.

As destilações a seco requerem controle rigoroso da temperatura; assim, a voltagem do fio de resistência deve ser controlada por um variac (transformador variável) (Er).

Em uma das extremidades do tubo de Pyrex, um termômetro (Th) graduado até 350 °C é inserido no tampão; tenha um pequeno ventilador à mão — discutiremos seu uso mais adiante.

Na outra extremidade, há um tubo de conexão com o condensador R, que deve estar ligeiramente inclinado para baixo e levar à zona aquecida por Rb.

Ee é a entrada do refrigerante, Se a saída. O balão de fundo redondo B recebe o destilado. D não leva a uma bomba de vácuo, mas a um aparelho de pressão reduzida. O vácuo criado por um aspirador é suficiente, mas considerando a duração da operação, é melhor usar uma bomba de vácuo. Esse vácuo serve para forçar os vapores para o condensador e condensá-los ali. O modo de aquecimento elétrico evita condensações indesejadas no tubo Tu.

Se espalharmos duas ou três colheres de enxofre nativo no tubo Tu, na zona aquecida, a liberação do alkahest de enxofre ocorrerá por volta de 80 °C a 160 °C. A temperatura deve ser aumentada muito lentamente e com cuidado.

O óleo de enxofre será extraído por circulação de acetona sobre o enxofre coletado na destilação a seco.

A acetona deve ser evaporada sem ferver. Como seus vapores são pesados, o gargalo do balão deve ser colocado horizontalmente ou inclinado para baixo, para que a altura da subida dos vapores seja mínima. Um condensador pode recuperar a acetona.

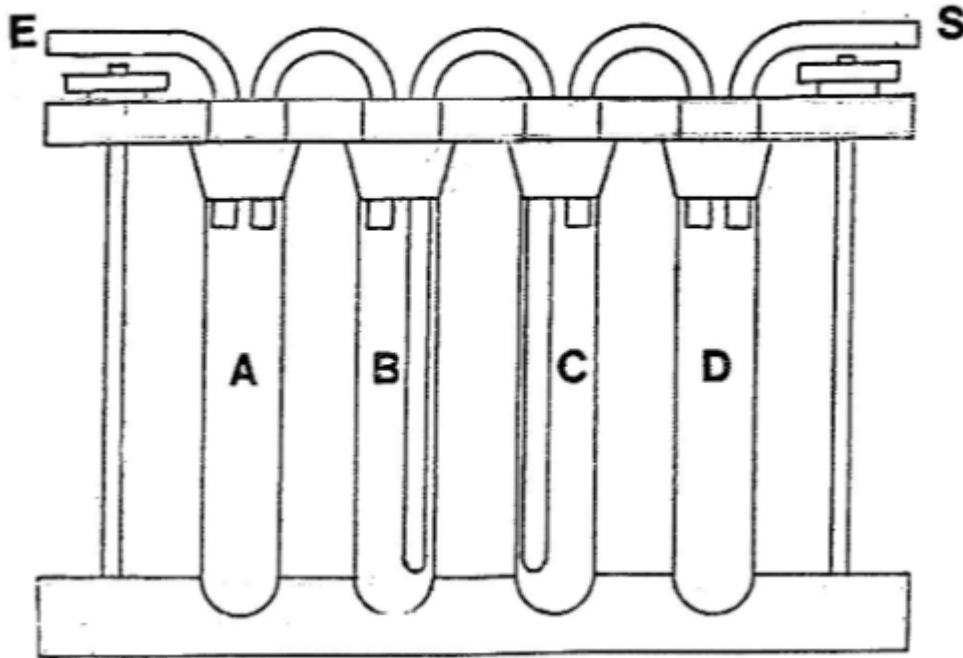
Pesquisas utilizando um aparelho deste tipo estão em andamento. Usaremos conexões de vidro esmerilhado Pyrex, que eliminarão os problemas causados pelos tampões.

ORA ET LABORA!

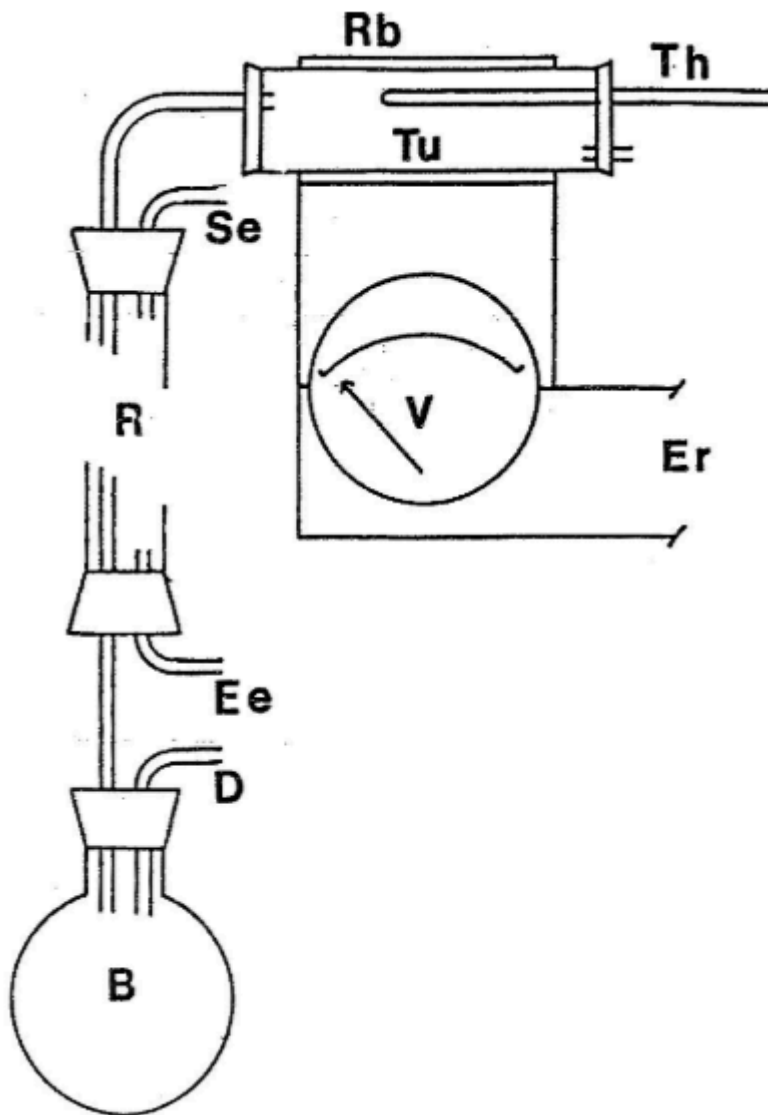
OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURAS ANEXAS:

- Figura nº 1 – Aparelho de Borbulhamento de Gases



- Figura nº 2 – Aparelho de Destilação



Lição 13: Simbolismo Metálico Tradicional

Caro amigo,

Os símbolos dos sete metais tradicionais estão ilustrados na Figura nº 1, nas caixas de 1 a 7.

Note-se, primeiramente, que o mercúrio (nº 6) é composto pelos três símbolos elementares, enquanto os demais metais são formados por dois desses símbolos. Os três símbolos elementares estão ilustrados nas caixas A, B e C. O símbolo do Sol é mostrado na Caixa A, o da Lua na B e a cruz da Terra na C. Os metais são divididos em dois grupos:

- os da tríade na Caixa S, os metais solares: ouro, ferro e cobre. Os dois últimos também possuem a cruz da Terra (a seta do ferro pode ser substituída por uma cruz, como na Caixa S — veja adiante na página 3)
- os da tríade na Caixa L, os metais lunares: prata, chumbo e estanho; os dois últimos têm a cruz da Terra.
- caixa marcada com M ilustra os triângulos dos dois mundos interligados: o mundo superior com seus três metais solares, e o mundo inferior com seus três metais lunares. Os dois mundos estão unidos pelo mercúrio, um metal andrógino do Sol, da Lua e da Terra. Os metais do Sol possuem uma semente masculina, enquanto os da Lua têm uma semente feminina.

Vejamos agora o significado de cada um desses símbolos metálicos.⁶¹

♄ SATURNO – Chumbo (caixa nº 1)

A Terra domina a Lua. O chumbo tem a mesma natureza da prata; enterrado na terra, é crucificado pelas forças desta. Embora seja um metal macio, que se mancha e derrete com facilidade, é o chumbo que transmite maior força aos demais metais. Ele transfere aos outros as forças cósmicas que primeiro recebe na Árvore da Vida, a tal ponto que não emite som ao ser golpeado. Sua principal qualidade deriva de sua natureza terrena, que o torna capaz de barrar raios nocivos como os raios-X e a radiação nuclear.

Saturno/chumbo é a chave da fixidez metálica por conter pequenas quantidades de Sal. A obra alquímica pode ser realizada somente com este metal. Ele contém pouco Enxofre, pouco Sal — facilmente fusível — e muito Mercúrio bruto. O Sal do

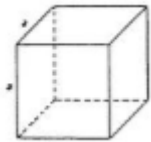
⁶¹ Sobre os **símbolos metálicos**, a saber, Chumbo (Galena): cúbico, Estanho (Cassiterita), Ferro (Marcassita) ortorrômbico, Cobre (Calcatita) triclínico e Mercúrio (Cinábrio): romboédrico. Prata e Ouro nativos não são hexagonal e monoclínico, mas isométricos, ou seja cúbicos. A razão dessa diferença escapa aos tradutores, mas pode ter haver com a natureza filosófica dos metais. A título de informação, a Pirargirita que contém Prata, Enxofre e Antimônio é hexagonal enquanto a Calaverita, que contém Ouro e Telureto é monoclínico.

chumbo é mercurial e lunar, puro e celeste, enquanto seu Enxofre é terreno e solar. Quando purificado, o Enxofre devora todos os metais, com exceção do ouro e da prata. Penetra neles com o auxílio de Vulcano, purificando-os e regenerando-os, elevando-os ao seu máximo esplendor.

Minério de chumbo: galena

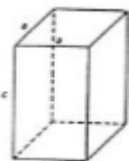
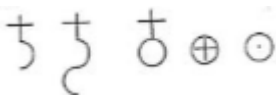
Cristal: sistema cúbico

Cúbico: 3 eixos iguais, 3 ângulos retos



Simbolismo na obra de Saturno

- a) *"Separe os três princípios do objeto saturnino: Enxofre, Mercúrio e Sal."*
- b) *"Extraia do Sal o Menstrum."*
- c) *"Dissolva o Mercúrio no Menstrum."*
- d) *"Fixe nesta mistura o princípio do Enxofre." As duas luas crescentes se unem no caractere de Saturno.*
- e) *"Encerre a cruz no círculo e insira a cruz num ponto dentro do círculo e transmute o ☿ em ☿"*



4. JÚPITER – Estanho (caixa nº 2)

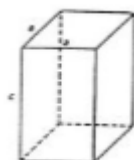
A Lua domina a Terra. O estanho, portanto, está mais próximo da prata do que do chumbo. É mais duro que o chumbo e não se mancha. Sua relação harmônica com o cobre — ambos do mesmo lado da Árvore da Vida — produz uma liga: o bronze, que é usado na harmonia dos sons (tubos de órgãos, sinos).

Júpiter/estanho possui pouco Mercúrio (o solvente dos sete metais). Contém muito pouco Enxofre (de cor branca). Seu Sal tem um bom grau de perfeição. O Sal e o Enxofre de Júpiter/estanho, quando unidos ao Saturno, transmutam este último em Júpiter.

Minério de estanho: cassiterita

Cristal: sistema tetragonal

Tetragonal: 2 eixos iguais, 3 ângulos retos



♂. MARTE – Ferro (caixa nº 3)

Aqui as forças cósmicas do Sol são dominadas pela Terra. O ferro tornou possível a civilização material. A revolução industrial e a guerra mecanizada seriam impossíveis sem o ferro. Se as forças cósmicas do ouro, contidas no ferro, fossem liberadas, dariam origem a uma semente metálica extremamente poderosa. Na Árvore da Vida, o ferro é o primeiro metal a receber a energia cósmica de Mezla: o ferro é então purificado de sua parte passiva pelos dois metais precedentes: chumbo e estanho.

Marte é masculino, completando a feminina Vênus. Possui um Enxofre branco que arde e um Enxofre vermelho que não arde (isto é, é incombustível). Trata-se do verdadeiro Enxofre e contém um Espírito permanente que resiste ao Fogo e que compõe o Enxofre do Sol. O Espírito de Marte é uma quintessência solúvel em álcool: neste, dá origem a um Leão vitorioso sobre Vênus. Unido ao de Vênus, o Espírito de Marte transmuta os metais.

A Magnetita (Pedra de Ímã) é o Sal de Marte, que melhora e intensifica a tintura da prata. A tintura de Marte, como a de Vênus, é idêntica à do ouro. Essa tintura é mais perfeita e abundante em Marte do que em Vênus, e só existe em quantidades muito pequenas nos outros metais.

Marte tem menos Mercúrio do que Enxofre ou Sal. O Sal é bruto e pouco fusível. O Enxofre de Marte pode ser extraído da pirita de ferro usando o menstrum de Kerkring. O Sal de Marte é mais celeste do que terrestre, como indica a seta apontando para cima.

Marte tem dois símbolos possíveis: o da caixa 3 com a seta lateral, ou como na caixa S, com o mesmo símbolo do antimônio. O símbolo da seta indica que as energias terrestres são de natureza ígnea e devem ser extraídas para serem utilizadas. A semelhança do símbolo com o do antimônio explica, na Alquimia, a

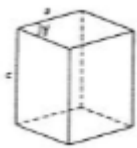
questão do régulo de Basílio Valentim. Neste caso, as energias são a semente do ouro.

O número do ferro é 5, enquanto o do antimônio (⚛) é 10. No antimônio, as energias terrestres dominam ainda mais as solares, mas ao se adicionar ferro ao antimônio, estas são libertas (pedra de Basílio Valentim).

Minério de ferro: marcasita (sulfeto de ferro)

Cristal: sistema ortorrômbico

Ortorrômbico: 3 eixos diferentes, 3 ângulos retos



☉. SOL – Ouro (caixa nº 4)

O ouro é a representação do Sol e das forças solares na Terra. É o mais nobre de todos os metais e jamais pode ser deteriorado pelos quatro elementos. Sua principal qualidade é a riqueza de suas forças de vida interior. Contudo, é maleável, pois sua forma ainda não está completamente fixada.

No Sol/ouro, os princípios estão equilibrados. Seu Mercúrio é perfeitamente maduro. Sol, Vênus e Marte possuem a mesma tintura. A substância dessa tintura é um vapor que penetra todos os corpos metálicos. Se o Espírito do Sal de Marte o torna ácido, e ele é unido ao Espírito do Mercúrio, segundo proporção e em perfeita pureza, obtém-se um excelente remédio fermentado. Com o Sol, temos o segredo da transmutação metálica. O Espírito de Vênus pode ser fixado no Sal do Sol.

Cristal: sistema monoclinico

Monoclinico: 3 eixos diferentes, 2 ângulos retos



♀. VÊNUS – Cobre (caixa nº 5)

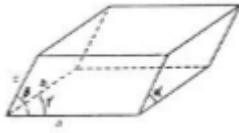
Aqui temos o oposto de Marte: as forças solares dominam as forças terrestres. Assim, o cobre pode liberar um fluxo de energias solares que são ao mesmo tempo mais ricas e mais terrenas do que as do ouro. O cobre pode ser elevado ao nível de forças supra-terrestres, como a eletricidade, enquanto o ferro, seu complemento, é magnético. Combinando os dois, acessamos o eletromagnetismo.

Vênus/cobre tem mais Enxofre do que Mercúrio ou Sal. O Mercúrio e o Sal estão em quantidades iguais. O Enxofre de Vênus é o Enxofre dos Sábios.

Minério: calcantita

Cristal: sistema triclínico

Triclínico: 3 eixos diferentes; 3 ângulos diferentes



♂ . MERCÚRIO – Mercúrio (caixa nº 6)

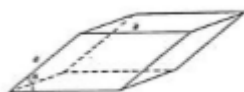
Neste metal, os elementos Lua e Sol dominam a Terra. Este metal não consegue descer ao mundo da forma, permanecendo líquido. Está em contato com os arquétipos. Pode gerar a natureza metálica, tendo portanto uma vantagem alquímica importante. (Atenção: este metal, mesmo frio, emite vapores tóxicos.)

Mercúrio/mercúrio praticamente não tem Sal. Precisa ser revivificado antes de qualquer operação. Existem dois Enxofres metálicos: o bruto e o sutil. A eliminação do bruto, que é combustível, gera metais perfeitos.

Minério: cinábrio

Cristal: sistema romboédrico

Romboédrico: 3 eixos iguais, 3 ângulos iguais mas não retos



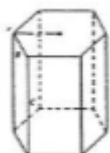
☾ . LUA – Prata (caixa nº 7)

Este metal é mais duro que o ouro e também mais receptivo à espiritualidade. Foi a sensibilidade dos sais de prata que permitiu a descoberta do processo fotográfico. Reflete uma luz fria e dura.

Lua/prata possui um Enxofre azul celeste e um Mercúrio fixo.

Cristal hexagonal

Hexagonal: 2 eixos iguais, 2 ângulos retos, 1 ângulo = $2\pi/3$



Uma perspectiva astrológica também pode ser adotada a partir destes três símbolos:

- 5 – cobre é análogo ao nascer do sol
- 3 – ferro é análogo ao pôr do sol
- 2 – estanho é análogo ao nascer da lua
- 1 – chumbo é análogo ao ocaso da lua

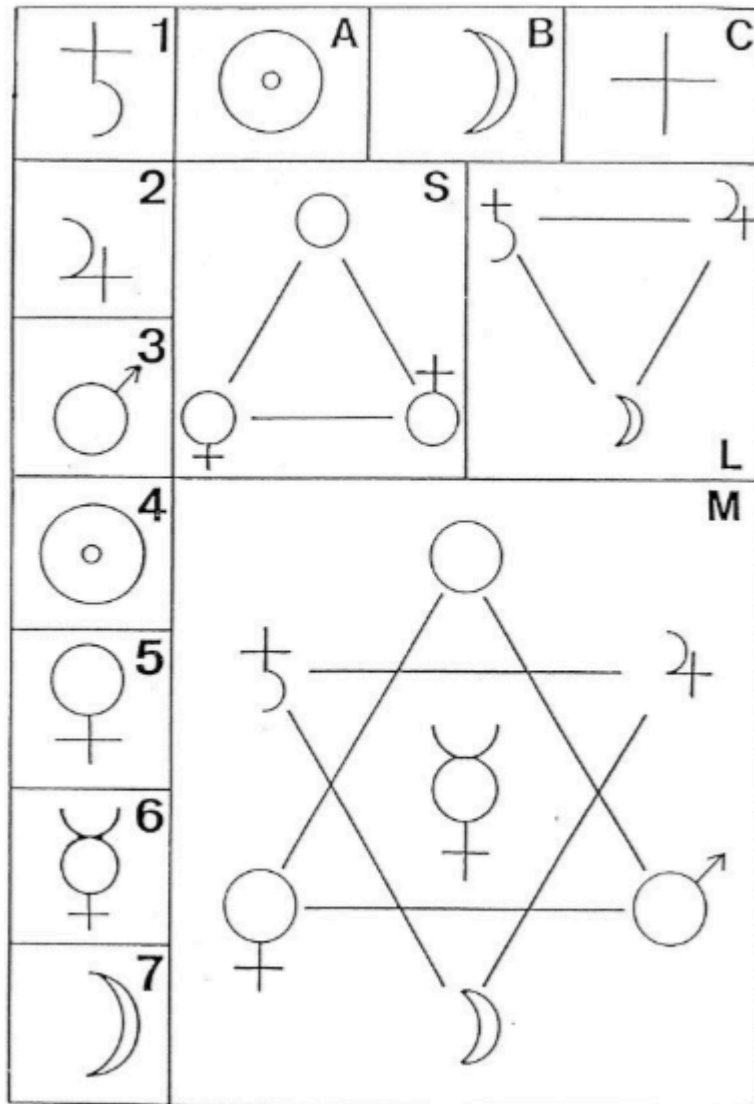
Essas considerações também podem ser utilizadas na alquimia.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURAS ANEXAS:

1. Os Sete Metais Tradicionais



Lição 14: Cristalização Preliminar, Trabalho com o Vinho e Alkahest Tártaro

Caro Amigo,

A lição anterior provocou entre os membros da associação diversas discussões a respeito das várias formas pelas quais os minérios dos diferentes metais se cristalizam. A questão da cristalização é muito importante, pois a atribuição de um modo de cristalização a um planeta específico certamente nos permite, por meio de um exame cuidadoso do Sal de Enxofre nas plantas e dos cristais nos minerais, descobrir a atribuição planetária de um mineral ou de uma planta.

É verdade que os três livros que mais nos auxiliaram nesse estudo divergem quanto à atribuição planetária do sistema cristalino (C.R.C. - EUA - *Guide of Minerals* de V.R. Belot - *Guide of Minerals* de J. Bauer)⁶². No entanto, sempre encontramos pelo menos uma forma de cristalização que segue as atribuições que utilizamos.

Se pudermos escolher o minério, é melhor, para o trabalho alquímico, optar por aquele que se cristaliza de acordo com o sistema mencionado na Lição de Minerais nº 13.

Acreditamos que esse sistema seja exato. De fato, a cristalização do Sal obtido do Leão Negro dos metais ocorre segundo esse sistema. Ouro e prata não foram mencionados porque experimentar com esses metais é uma operação difícil e dispendiosa. Para evitar perigos graves, não verificamos o mercúrio com o mesmo método, mas o cristal de cinábrio é unanimemente classificado no sistema romboédrico.

Consequentemente, recomendamos vivamente que você experimente várias vezes com os cristais.

Dominar o problema da cristalização é muito útil para a purificação de produtos metálicos. Também é útil treinar-se para reconhecer os sistemas cristalinos, pois as condições de cristalização muitas vezes dão ao cristal uma aparência aparentemente diferente de seu sistema básico (por exemplo, um cristal octaédrico tem a forma de duas pirâmides unidas pela base, mas pertence ao sistema cúbico; consulte um livro de minerais ou de mineralogia sobre esse assunto).

⁶² V.R. Belot, C.R.C. *Guide of Minerals*, EUA, s.d.; J. Bauer, *Guide of Minerals*, s.d. Ambos os guias oferecem uma introdução útil ao estudo mineralógico, mas apresentam limitações quanto à nomenclatura, fórmulas químicas e critérios sistemáticos, refletindo o conhecimento disponível à época. Para maior rigor científico, recomenda-se a complementação com fontes atualizadas, como as publicações da *International Mineralogical Association (IMA)* e o *Handbook of Mineralogy*.

Estudaremos em breve o método de Cockren⁶³. Esse método produz cristais de chumbo e antimônio que podem atingir até 1 cm de lado.

Nas Lições de Minerais mencionaremos em breve a Obra do Vinho, a mais elevada Pedra Vegetal. A destilação do Enxofre do vinho não é fácil em balão de fundo redondo. Usar um alambique é melhor, mas você deve acrescentar um termômetro no topo que meça até 300 °C (572 °F). Se você pretende destilar vinho para fazer os elixires, deve seguir estas precauções:

- separe o destilado que passa a 100 °C (212 °F); reserve alguns litros.
- concentre o vinho até cerca de 1/20 ou menos de seu volume para obter o “mel”, que apresenta duas vantagens:
 1. o volume a ser armazenado é reduzido
 2. não ocorre putrefação.

Considere conservar o mel de 100 litros de vinho para obter uma Pedra de tamanho útil.

Segue uma parte dos textos de um livro antigo. O método proposto é interessante, mas leia com atenção a parte que trata das propriedades do espírito de tártaro.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

⁶³ O chamado **método de Cockren** é atribuído a **Archibald Cockren**, um alquimista britânico do século XX, autor da obra *Alchemy Rediscovered and Restored* (1940). Ele é conhecido por ter desenvolvido processos alquímicos práticos, especialmente a extração de **óleos medicinais de metais**, como ouro, prata, ferro e antimônio.

Cockren afirmava ter seguido instruções de alquimistas clássicos como **Paracelso** e **George Ripley**, e seu método envolvia a preparação de substâncias alquímicas com propriedades terapêuticas. Um dos aspectos mais notáveis de seu trabalho foi a criação de um “**óleo de ouro**” que, segundo ele, possuía propriedades curativas extraordinárias.

Seu laboratório era descrito como altamente simbólico e alinhado com práticas da **Golden Dawn**.

A PREPARAÇÃO DO ALCAHEST DE TÁRTARO OU ESPÍRITO FILOSÓFICO DE TÁRTARO SEGUNDO UM LIVRO ANTIGO

Cristais de tártaro são tartaratos, isto é, sais ácidos do ácido tartárico. Esses cristais devem ser preparados sem o uso de ferro, conforme indicado na p. 38. O Sal de Tártaro deve ser filosófico, ou seja, preparado a partir de brotos de videira, como indicado ao final das Lições Espagíricas.

TRATADO SOBRE OS ELEMENTOS QUÍMICOS

No qual se apresenta aos curiosos da Arte o conhecimento dos sais, solventes, menstruos, agentes de fusão e precipitação.

por Jean Char. de Marsignys⁶⁴

De seu laboratório, 2 de junho de 1670

Impresso em Grenoble por Louis Galuti, impressor e livreiro, na rua Galanterie, no Pátio du Fer à Cheval

SOBRE O TÁRTARO

O tártaro é geralmente considerado, na medicina patológica, como uma matéria "japidescente", ou seja, uma substância que pode coagular e endurecer-se em pedra. Na química, é tido como um sal terrestre que pode ser extraído e separado de certas plantas. Após a simples extração de seus sucos (feita pelo mesmo processo utilizado nos amidos de Brione, de Aron, etc.), seja por meios naturais ou artificiais, esses sucos são clarificados e depois evaporados para se obter seu sal essencial, nada mais que o próprio Tártaro.

Propriamente dito, no laboratório, considera-se o tártaro uma substância dura, salgada e algo ácida, que se adere às paredes dos tonéis após o repouso do vinho neles por algum tempo. O sinal de um bom tártaro é que, ao ser quebrado em pedaços, apresenta-se brilhante e cristalino, e quando reduzido a pó, libera uma acidez agradável. Dá-se preferência ao tártaro branco em vez do vermelho, pois contém menos elementos terrosos e, portanto, é mais puro. Deve-se escolher o tártaro de Montpellier, considerado o melhor, embora o tártaro da região do Reno, conhecido como tártaro alemão, não lhe fique atrás.

As principais preparações com tártaro são as purificações, destilações e processos de salificação (transformação em sal).

⁶⁴ **Jean-Char. de Marsigny** foi um alquimista francês ativo por volta de 1670, conhecido por sua obra *Traité des éléments chimiques*. Nesse tratado, ele oferece aos curiosos da arte alquímica o conhecimento sobre sais, dissolventes, menstrua, fundentes e precipitantes. Sua contribuição é considerada parte do legado menos documentado da alquimia francesa do século XVII.

Da Purificação do Tártaro

A purificação do tártaro se faz simplesmente dissolvendo-o em água ou vinho, segundo alguns, para livrá-lo de suas fezes e impurezas superficiais; ou por uma solução da qual se obtém ou um creme, ou os cristais simples ou compostos.

Para preparar cristais simples de tártaro, ferva 10 libras de água (aprox. 4,54 litros) em um grande pote de terracota esmaltado. Aos poucos, adicione 11 onças (aprox. 312 gramas) de tártaro branco bem moído, mexendo continuamente com uma espátula de madeira para evitar que se deposite no fundo (o que dificultaria sua dissolução). Depois que o tártaro estiver dissolvido, filtre o líquido quente através de uma manga de Hipócrates ou sobre o alambique. Deixe repousar por 24 horas em um local frio; então se formará uma película fina, chamada por alguns de creme de tártaro. Ao despejar o líquido inclinando o recipiente, verá o tártaro em seu fundo e laterais na forma de pequenos cristais claros e brilhantes. Estes devem ser secos entre duas folhas de papel e armazenados para uso futuro.

A ação do tártaro é incitar e atrair os humores espessos e tártaros no epigástrico, sendo por isso destinado ao tratamento de todas as obstruções do fígado e baço. É um digestivo universal, razão pela qual é frequentemente seguido de purgação: prepara e dilui as substâncias nocivas que devem ser evacuadas. Provoca o movimento intestinal suavemente, especialmente quando reforçado por sementes de Diagrede ou goma de Gamandra. A dose varia entre um escrúpulo e duas dracmas. Entra na composição do famoso pó de Cornachine, que será abordado abaixo no tratado sobre o Escamônio.

Nota: Onde se preparam cristais de tártaro em grandes quantidades, como na Alemanha ao longo do rio Reno, utiliza-se uma lavagem com cal virgem para acelerar e facilitar a dissolução; para tornar o processo de cristalização mais rápido e fácil, acrescenta-se certa quantidade de alúmen.

Para produzir cristais compostos, tome 12 onças (aprox. 340 gramas) de tártaro branco finamente pulverizado e misture cuidadosamente com 1 ½ onça (aprox. 43 gramas) de limalha de aço (a de Aiguille ⁶⁵ é a melhor). Em seguida, proceda à dissolução, cristalização etc., da mesma maneira discutida para os cristais simples. Assim obterá cristais esverdeados e cintilantes, incomparavelmente mais aperitivos do que os anteriores. A dose não deve ultrapassar dois escrúpulos: é um remédio admirável em todas as doenças crônicas como obstruções do baço e hipocôndrio, febres quartãs e caquexia causada por retenção menstrual em jovens, etc.

Sobre a Dissolução do Tártaro

Explicaremos aqui o método exato para preparar o famoso Xarope Marcial de Tártaro, também conhecido como Extrato ou Xarope de Marte Tartarizado. Misturam-se exatamente oito onças (aprox. 227 gramas) de pó de tártaro branco

⁶⁵ **Aiguille** se refere a forma pontiaguda do fragmento metálico extremamente fino e alongado.

muito fino com quatro onças (aprox. 113 gramas) de limalha de pregos, e adiciona-se lentamente à água fervente. O recipiente deve ser de ferro bruto e preenchido apenas até um terço com água, para permitir a ebulição causada pela dissolução das substâncias. Isso deve ferver bem por três ou quatro horas até que o líquido comece a engrossar e adquirir uma cor esverdeada com veios vermelhos; depois é despejado e deixado esfriar. Em seguida, filtra-se com papel cinza de filtro, adquirindo uma bela coloração vermelha, e evapora-se até obter uma consistência algo oleosa, sendo finalmente reservado para uso posterior.

É importante nesse processo mexer frequentemente as substâncias e adicionar água à medida que esta evapora. Portanto, deve-se ter água quente pronta para garantir o sucesso da operação.

O Xarope Marcial de Tártaro é fortemente recomendado não só para todos os usos dos Cristais de Tártaro (simples e compostos), mas também para os primeiros estágios da hidropisia, para tumores escirrosos do baço, para todas as obstruções da região abdominal inferior, para afecções nos rins e bexiga, e para todas as cristalizações de matérias tártaras onde quer que se encontrem no corpo. A dose varia entre dez e trinta gotas, tomadas com caldo ou outro líquido apropriado.

Da Destilação do Tártaro

A destilação do Tártaro produz cinco substâncias diferentes, ou princípios da composição dos remédios mistos, reconhecidos pela Filosofia Espagírica até hoje, e que se tornam claros ao Artista. Para satisfazer-se plenamente sobre esta questão, utiliza-se uma libra (aprox. 454 gramas) de tártaro grosseiramente quebrado, preenchendo até a metade um alambique, e então destilando-se ao fogo direto pela base. O fogo deve ser aplicado apenas gradualmente, de tal maneira que, ao final, o bico do alambique torne-se perfeitamente vermelho. Primeiro destila-se um pouco de fleuma ou água insípida; depois, o espírito passará ao recipiente de coleta como nuvens brancas e, gradualmente, também o óleo será destilado. Finalizado o procedimento e os vasos resfriados, encontram-se duas substâncias distintas no recipiente: um óleo negro, espesso e de cheiro nauseante; e um espírito avermelhado e ácido. O óleo é separado do espírito com papel de filtro cinza previamente umedecido; desta forma, apenas o espírito passa pelo filtro enquanto o óleo permanece.

Se desejado, o espírito pode ser retificado; contudo, dado seu uso limitado na medicina, tal esforço pouco compensa. Embora o principal uso do óleo seja para dor de dente, alguns o utilizam internamente para aliviar dores e espasmos de cólicas, bem como sufocações do útero. A dose é de 2 a 5 gotas. Uma tintura muito vermelha e bastante agradável também pode ser extraída ao se verter espírito de vinho sobre ele e deixá-los digerir juntos por três ou quatro dias. Isso é melhor para uso prático do que o óleo puro, cujo cheiro é insuportável.

Para satisfazer plenamente a curiosidade de certos espíritos acerca dos excelentes e notáveis remédios que podem ser feitos com o Tártaro, explicarei o método de extrair dele o verdadeiro Espírito Suave e Aromático. Seus efeitos admiráveis espantam o médico que vê, na prática, as doenças mais inveteradas sendo curadas por seu uso. Explicarei também como sua preparação é inteiramente filosófica, e por isso será chamado de Espírito Filosófico de Tártaro.

Do Espírito Filosófico de Tártaro

Tome quatro onças (aprox. 113 gramas) de Sal de Tártaro bem purificado, dissolva em quatro onças de água e filtre. Em seguida, aqueça em um recipiente de arenito⁶⁶ aberto em banho de areia até que metade do líquido evapore; adicione então seis onças de pó fino de Cristais de Tártaro por meio de uma peneira. Isso ferverá levemente; depois, evapora-se tudo até ficar seco. A matéria restante é então reduzida a pó e destilada em alambique de vidro com fogo direto pela base e por graus, segundo a arte, de modo que ao final o bico do alambique torne-se vermelho e incandescente; os espíritos passarão em nuvens brancas com certa quantidade de óleo vermelho e aromático, como o próprio espírito. Após a destilação e resfriamento dos vasos, o óleo deve ser separado do espírito com funil de vidro. O óleo é reservado, como veremos, e o espírito é unido a parte igual em peso de bom espírito de vinho e destilado usando cucúrbita com tampa. Em seguida, é retificado três vezes em baixa temperatura, em banho de areia. Assim se obtém seu espírito sutil e permanente, capaz de produzir os belos e maravilhosos efeitos que todos os filósofos reconheceram no Sal de Tártaro volatilizado. Isso é bem expresso por Vanh⁶⁷ em suas obras, especialmente no acima mencionado prefácio, onde diz “si ad Liq., etc.”

Na verdade, esse espírito maravilhoso não só serve para curar enfermidades, mas também para purificar os metais, graças à sua virtude dissolvente sutil e vivificante. O filósofo curioso reconhecerá mais do que isso — *intelligenti pauca*.⁶⁸

Esse espírito provoca suores intensos, purga e ajusta a massa sanguínea, sendo administrado em doses de 8 a 15 gotas em caldo ou outro líquido apropriado. É específico para febres malignas e pútridas, e posso vangloriá-lo como um dos mais nobres remédios que o arsenal químico pode oferecer contra o escorbuto, doença que devasta os países do Norte, especialmente Inglaterra e Holanda. Se o espírito

⁶⁶ O **arenito** é uma **rocha sedimentar** composta principalmente por grãos de **quartzo** e **feldspato**, unidos por um cimento natural (como sílica ou óxidos de ferro). Ele é poroso, resistente ao calor e relativamente fácil de moldar, o que o torna útil em algumas aplicações térmicas ou rituais.

⁶⁷ Jean Dubuis, em suas lições alquímicas, faz referência às obras de “**Vanh**”, possivelmente uma alusão a Jan Baptista van Helmont. Cf. *Ortus Medicinae*, 1648, obra póstuma organizada por seu filho Franciscus Mercurius van Helmont.

⁶⁸ “**intelligenti pauca**” expressão latina que significa “ao inteligente, poucas palavras bastam”.

possui grandes virtudes, o óleo não tem menos, como demonstra seu gosto e odor aromáticos: é administrado em doses de 1 a 4 gotas.

Lição 15: Mercúrio, Antimônio e Fixação Salina

Caro Amigo,

Nesta lição, vamos revisar uma parte do método descrito anteriormente na Lição Mineral nº 12. Haverá algumas variações, pois já não utilizamos o Kermes como semente para o Régulo, mas com o objetivo de obter o Vitriol.

Neste caso, calcine o antimônio a baixa temperatura por um longo período de tempo (ver Lição Mineral nº 6), a fim de evitar odores fortes, bem como a formação do que os Antigos chamavam de fígado de enxofre, o que pode se tornar um incômodo.

Em seguida, o processo é idêntico ao descrito na Lição Mineral nº 12 até a obtenção do Kermes:

- O Kermes deve ser bem drenado, mas não completamente seco pelo calor. Na verdade, neutralizar a soda com ácido acético produz acetato de sódio, que é solúvel em água e, portanto, pode ser eliminado com a lavagem.
- Para remover o acetato de sódio restante, pode-se lavar o Kermes uma segunda vez com água destilada fria e drená-lo novamente.
- Depois, obtenha um pouco de ácido acético, preferencialmente derivado da destilação da madeira. Esse ácido, de fácil obtenção, é relativamente barato. Destile-o ao menos uma vez.
- Encha um extrator Soxhlet com o Kermes drenado e o ácido acético. A circulação dará ao ácido uma cor amarela-dourada. Retire o ácido e reponha com ácido acético fresco enquanto o líquido continuar adquirindo cor. Normalmente, duas vezes são suficientes.
- Despeje o ácido num aparelho de destilação e destile cerca de 1/4 do volume. O ácido destilado pode ser reutilizado para o mesmo fim. O ácido restante no balão de fundo redondo deve ser resfriado. A partir daqui, vários resultados são possíveis:
 1. o ácido permanece líquido e depósitos negros ficam no fundo do balão de fundo redondo. Decante ou filtre. Atenção, pois o ácido acético pode se solidificar durante a operação.
 2. o ácido permanece líquido e não há depósito. Despeje-o em um béquer e deixe por uma ou duas noites. Então, ou ele se transforma numa massa

branca, ou cristais começam a se formar. Nesse caso, colete-os, seque-os sobre papel e guarde-os em recipiente hermético.

3. o líquido não cristaliza nem se torna uma massa branca. Reduza novamente seu volume por destilação. Remova 1/3 ou 1/4 do volume e você retornará a uma das alternativas anteriores.

Caso se forme uma massa branca no béquer, incline-o (bastante, se necessário) para permitir que o ácido entre os cristais escape. Geralmente, com esse ácido obtêm-se belos cristais transparentes.

Nos dois casos — cristais ou massa branca — você deve despejar toda a solução. O que não se transforma em massa branca nem cristaliza deve ser guardado para uso em um próximo experimento.

Para nossos primeiros experimentos com destilação seca, é melhor usar a massa branca, que é mais fácil de obter que os cristais. De fato, essa massa é um bloco de minúsculos cristais, e seu tamanho reduzido causa a opacidade.

Em todos os casos anteriores, é preferível interromper a destilação cedo demais do que tarde demais — caso contrário, tudo será perdido, inclusive o balão de fundo redondo.

Para encher o balão de destilação com a massa branca, derreta-a primeiro em banho-maria e, então, despeje-a no balão. Não importa se a massa forma cristais ou não.

O aparelho de destilação consiste no seguinte: um aquecedor elétrico para balões e o balão de fundo redondo (sem junta de vidro esmerilhado), com capacidade de meio ou um litro, fechado com uma rolha de silicone perfurada com dois orifícios: um para um termômetro de 300°C e outro para um tubo de vidro com 3 mm de diâmetro. Os vapores serão conduzidos primeiro para um condensador em espiral com um balão na base, depois passarão por um segundo condensador simples e, por fim, por um sistema de borbulhamento contendo álcool absoluto, como mostrado na Figura nº 1 da Lição Mineral nº 12.

Você deve aumentar o calor muito lentamente, de forma progressiva. Se o conteúdo voltar a se solidificar, aqueça bem devagar até que tudo retorne ao estado líquido. Em seguida, aumente a temperatura até uma leve ebulição. O fleugma passa e é coletado no primeiro balão. Às vezes, ocorre uma nova fase sólida, de curta duração e sem alteração de volume, seguida por uma nova fase líquida. Fumaças brancas começam a passar e, de repente, tudo se solidifica e o volume da matéria aumenta três ou quatro vezes. Troque rapidamente o primeiro balão coletor. Os óleos vermelhos passam, seguidos por uma fumaça branca espessa e pesada, com

aparência viscosa, que preenche tudo — balões e condensadores — e se dissolve no álcool.

O óleo vermelho é o Enxofre do antimônio. O Mercúrio, ou espírito do antimônio, é dissolvido pelo álcool, que pode aumentar de 10 a 20% em volume numa única operação. Manter o tubo borbulhador em um banho bem frio melhora claramente o resultado da operação. Com um condensador comum é impossível condensar esses vapores. Guarde o óleo vermelho em um frasco hermético, preferencialmente longe da luz.

Se a operação foi levada até o fim, restará no balão uma matéria preta e quebradiça; é o Leão Negro. Triture-a bem e coloque-a em um cadinho de barro (tipo “grog”⁶⁹). Coloque o cadinho sobre uma superfície de caulim. A camada de caulim, por sua vez, deve estar em um recipiente raso de aço inox. Coloque tudo no forno⁷⁰ e aqueça a 1000°C.

Após o resfriamento, obtém-se uma mistura branca e dura, que geralmente penetrou parcialmente no cadinho. Tenha cuidado com esse sal, pois mesmo em pequenas quantidades pode danificar a mufla do forno⁷¹. Coloque o cadinho, sem separar o que está grudado nele, em um recipiente de vidro ou porcelana e coloque tudo dentro de uma caixa termicamente isolada. O cadinho deve ficar submerso em água destilada fervente. No dia seguinte, retire a água e, se todo o sal não estiver dissolvido, repita o processo.

Evapore lentamente a água, sem ferver, até que pequenas lascas brancas comecem a aparecer na solução. Deixe esfriar e você obterá magníficos cristais cúbicos que podem ter até 10 mm de lado. Separe esses cristais, seque-os e guarde-os longe do ar. Eles são os Ímãs dos Filósofos. Possuem a propriedade de fixar o Mercúrio Filosófico, que veremos mais adiante.

⁶⁹ Um **cadinho de barro tipo grog** é um recipiente cerâmico resistente ao calor, utilizado principalmente em processos de fundição e ensaios laboratoriais. O termo *grog* refere-se a um aditivo cerâmico feito de argila previamente queimada e moída, incorporado à massa do cadinho para aumentar sua resistência térmica e estrutural.

⁷⁰ **Forno mufla** denomina o equipamento comumente utilizado em laboratório para calcinações. Trata-se de um forno de alta temperatura, com câmara interna revestida por material refratário, projetado para realizar o **aquecimento controlado de amostras** com o objetivo de remover matéria orgânica, promover oxidações ou decompor compostos. Seu funcionamento baseia-se em resistências elétricas que aquecem a câmara de forma uniforme, geralmente controladas por um sistema digital PID. Os fornos mufla laboratoriais operam tipicamente em uma faixa de **temperaturas entre 900 °C e 1300 °C**, podendo alcançar até **1700 °C** em modelos especializados. São amplamente utilizados em análises de cinzas, calcinação de minerais, tratamento térmico de materiais e preparo de amostras para caracterização química.

⁷¹ A **mufla** é uma **câmara interna** feita de material refratário, usada dentro de certos tipos de fornos para proteger o material aquecido do contato direto com a chama ou gases de combustão. Ou seja, a mufla é **parte do forno**, não o forno inteiro. Assim, dizer “mufla do forno” é como dizer “motor do carro”.

O álcool carregado com o Mercúrio possui parte das qualidades do Circulatum minor, mas tem um inconveniente que dificulta seu uso: o Mercúrio não é fixado pelo álcool e, ao menor erro, escapa, e o álcool retorna às suas propriedades comuns. No entanto, ao resfriar o frasco com o álcool num congelador, junto com o frasco contendo a matéria a ser extraída, é possível realizar ao menos uma extração com sucesso. Esse álcool extrai a essência de qualquer metal. **AVISO:** não o utilize com sais minerais, pois com alguns metais pode haver explosão.

Aqui está um primeiro uso dos sais:

- Desidrate os cristais a cerca de 130°C e triture-os num almofariz até obter um pó branco.
- Inicie novamente a destilação seca com um produto fresco.
- Substitua o sistema de borbulhamento no álcool por um sistema que faça o Mercúrio passar pelo sal, que então adquire uma coloração vermelha.

São necessárias várias operações para obter a saturação. O Mercúrio agora está fixado pelo sal. Reimpregne esse sal vermelho com o óleo vermelho e coloque-o em uma incubadora a 42°C. Se nenhum erro tiver sido cometido, tudo ficará negro dentro de 15 dias a um mês.

Boa sorte em tudo. Em outra ocasião, apresentaremos outro método para recolher o Mercúrio.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 16: Deliquescência dos Sais e Incubadora

Caro Amigo,

Uma em cada três lições será exclusivamente dedicada ao reino metálico ou mineral. No entanto, como a maioria de vocês não concluiu ou interrompeu o trabalho vegetal, vamos dedicar, por algum tempo, duas lições de cada três a um segundo nível do trabalho vegetal. A Lição nº 16 trata do tema dos principais dispositivos necessários para levar o trabalho alquímico adiante com mais facilidade.

O primeiro ponto que vamos examinar é a captura do Espírito Universal, em oposição à sua extração.

O Espírito Universal anima a Pedra; quanto mais indiferenciado ele for, mais rápido é o resultado. Assim que é incorporado, ele se determina no reino ou domínio de sua encarnação. O Espírito Universal é mais abundante nos hemisférios durante o período entre o equinócio da primavera e o solstício de verão, principalmente quando o Sol está nos signos de Áries e Touro.

Já explicamos que um Sal é um Ímã para o Espírito Universal. A operação é a seguinte: cole (utilize cola epóxi) duas pequenas hastes de madeira em lados adjacentes de uma placa de vidro formando um V, mas deixando uma pequena abertura na junção inferior das duas hastes. Incline a placa de vidro de forma que o sal deliquescente⁷² escorra para essa abertura, onde um recipiente o coleta. O sal deliquescente é seco a vácuo, a uma temperatura o mais baixa possível, preferencialmente inferior a 60°C. Colete a água destilada. Triture o sal num almofariz, se necessário, e exponha-o novamente. Repita esse processo até que o sal fique saturado com esse espírito universal, se possível.

Para o reino vegetal, usamos carbonato de potássio, e para o reino metálico, o sal de antimônio, conforme descrito na Lição nº 15. O sal de antimônio, quando saturado dessa forma, só precisa do óleo de antimônio. Todos os líquidos de extração são apenas suportes, mais ou menos carregados com o Espírito Universal. Quando o Espírito Universal é corporificado sem suporte, ele se apresenta como um sal extremamente fusível⁷³ de coloração branco-prateada.⁷⁴

O segundo ponto desta lição é dedicado à questão do fogo para aquecimento, que não é natural.

⁷² **sal deliquescente** é uma substância sólida que possui alta afinidade pela umidade do ar, absorvendo vapor de água até se dissolver completamente e formar uma solução líquida.

⁷³ Determinados sais são classificados como **extremamente fusíveis** devido ao seu baixo ponto de fusão, geralmente inferior a 300 °C. Essa característica decorre da combinação de íons grandes, estrutura cristalina fraca e alta polarizabilidade.

⁷⁴ **Libra e Escorpião** no Hemisfério Sul.

Na Lição nº 9, descrevemos um forno que foi projetado para destilação, mas que pode ser facilmente adaptado para a dessecação de sais⁷⁵ ou a calcinação de minérios.

Você pode ligar um regulador de voltagem com triac na resistência, de modo a regular a potência (um Variac também serve). Em seguida, faça bandejas de aço inox, por exemplo. Dobre as bordas para cima e parafuse um parafuso de 3 a 4 cm próximo a cada um dos quatro cantos (para servir de espaçadores), e assim você poderá empilhar as bandejas sem problema, aproveitando melhor o forno, já que poderá espalhar uma camada fina do minério a ser calcinado em cada bandeja. A maioria dos minérios se calcina facilmente se você espalhar uma camada mais espessa que 5 mm.

Para as pedras, a questão do aquecimento é essencial. Todas as pedras se fecundam e se formam na temperatura necessária para incubar um ovo de galinha, ou seja, 42°C. Mas qualquer resfriamento desacelera o Trabalho, se não o destrói por completo. Mais adiante veremos, em um texto sobre a pedra mais simples, que os antigos alquimistas usavam um líquido em fermentação no lugar de uma incubadora. Isso não é muito prático, pois o líquido precisa ser trocado a cada duas ou três semanas.

A incubadora mais simples consiste em uma caixa de isopor: coloque dentro da caixa uma resistência elétrica de 5 a 10 watts, ou uma lâmpada do mesmo valor, e deixe o gargalo do balão de fundo redondo atravessar a tampa. Também coloque um termômetro atravessando a tampa, que deve indicar a temperatura interna. Essa incubadora tem uma desvantagem: a temperatura interna varia progressivamente com a temperatura ambiente, mas é suficientemente boa para os elixires; por outro lado, não é nada adequada para a pedra, a menos que seja colocada em um ambiente de temperatura realmente constante, como um porão, por exemplo.

A segunda incubadora que criamos é feita a partir de uma geladeira velha: retire o compressor, etc., e substitua por uma resistência de 20 a 30 watts ou uma lâmpada e um termostato. As variações de temperatura aqui são bem menores, e há um volume significativo de espaço disponível, permitindo realizar vários experimentos ao mesmo tempo. Para evitar o choque térmico causado pela abertura da porta, deixe dentro um dissipador térmico, que consiste em um balão cheio com 4 a 5 litros de água. Um termostato regula a temperatura no nível desejado. No entanto, se ele corta a alimentação, por exemplo a 44°C, só a restabelece a 40°C ou até 38°C, o que representa uma variação de temperatura muito grande para a incubação.

⁷⁵ A **dessecação de sais** consiste na remoção controlada da umidade absorvida por compostos higroscópicos ou deliquescentes, geralmente por meio de aquecimento em estufas ou muflas, ou pela exposição a agentes dessecantes como sílica gel ou pentóxido de fósforo. Essa operação visa restaurar ou preservar a forma anidra do sal, essencial para análises químicas precisas e para evitar alterações em suas propriedades físico-químicas.

Agora vamos descrever um dispositivo que nos permite considerar operações de longo prazo, como um ano inteiro, com variações de temperatura muito pequenas. O elemento principal é um reservatório metálico em forma de cubo, sem tampa, com 20 cm de lado, por exemplo. O isolamento térmico é feito com espuma de poliestireno. Esse material não suporta altas temperaturas. Mas a passagem da fase branca do Trabalho para a fase vermelha, com um espírito indeterminado, não requer uma temperatura superior a 70°C. A caixa isolada será construída de modo que haja um espaço selado de 10 cm sob o cubo, de modo que o ar não possa circular entre a cavidade inferior e a parte superior do reservatório

Em um recipiente de 20 x 20 cm, é possível colocar quatro balões de fundo redondo de 250 a 500 ml. Deve-se adicionar algum sistema mecânico para manter os balões no lugar. Naturalmente, o reservatório será preenchido com água até 2 ou 3 cm do topo. Adiciona-se álcool metílico à água para evitar sua putrefação. Os balões podem ter três posições possíveis: com os gargalos para fora da água, logo acima da superfície da água, ou totalmente submersos. Coloque no topo uma tampa bem espessa de poliestireno, perfurada com um orifício para o termômetro. Como os balões estarão em água, a tampa pode ser retirada por alguns momentos sem risco de queda significativa de temperatura nos frascos.

Aquecimento: o uso de um termostato na cavidade inferior é aceitável, pois a inércia térmica da água reduzirá consideravelmente as variações de temperatura do ar na cavidade inferior.

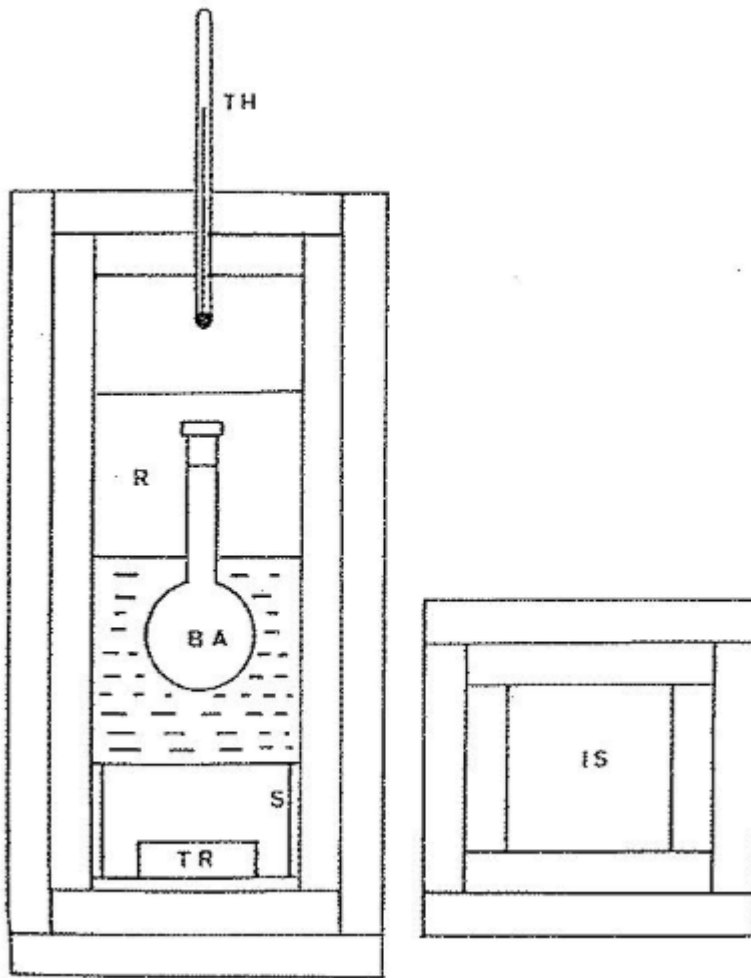
Se você for um bom técnico em eletrônica, pode montar um sistema totalmente regulado. Preferimos a solução de aquecimento com 12 volts ou menos, pois isso nos permite incorporar com segurança uma bateria de carro ao circuito. Dessa forma, uma queda de energia de 3 ou 4 dias não nos causará transtornos. Não damos detalhes sobre essas duas últimas soluções, pois aqueles que as escolherem devem ser capazes de realizá-las por conta própria.

Como a potência usada no aquecimento é baixa, o aumento da temperatura é muito lento. É melhor, no início da operação, já despejar água na temperatura desejada. Uma fina camada de óleo sobre a água evita a evaporação. Antecipe previamente que submergir quatro balões de 500 ml elevará o nível da água em 5 cm, num cubo de 20 x 20 cm.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURA ANEXA:



Lição 17: Extração Vegetal

Caro Amigo,

Como anunciamos na Lição Mineral nº 16, vamos dedicar esta lição ao trabalho vegetal. Estamos abordando métodos práticos que já experimentamos, tomando as operações uma de cada vez, em vez de como um todo.

DESTILAÇÃO: Para o reino metálico, assim como para o *Circulatum* ou a pedra vegetal, é necessário obter um álcool absoluto de alta qualidade. Trabalhe com quantidades moderadas, por exemplo, 5 litros de vinho. Use uma esfera de Kjeldahl⁷⁶ e duas esferas equipadas com refluxo esférico, uma com capacidade de 2 litros e a outra de 1 litro. A destilação deve ser levada ao máximo, o que significa que a temperatura do vapor deve estar entre 93°C e 94°C.

Em seguida, enquanto você prepara a Obra do Vinho, destile o *phlegma* sem nenhum refluxo e reserve alguns litros. Continue a destilação até que o resíduo atinja a consistência de mel. Destile o álcool coletado uma segunda vez, utilizando uma coluna de Vigreux⁷⁷ para refluxo. O álcool obtido estará entre 90% e 93%.

Macere este álcool sobre carbonato de cálcio calcinado; o volume do carbonato deve ser a metade do volume do álcool. Sem remover o carbonato, destile em banho-maria usando apenas uma esfera de Kjeldahl como refluxo. O teor alcoólico varia durante a destilação, oscilando entre 96% e 98%. Recomendamos repetir a operação; assim, o grau alcoólico pode atingir até 99%.

Calcine o carbonato e reserve para a próxima série de operações.

Macere este álcool sobre cal virgem recentemente calcinada a 1000°C. O volume da cal deve estar na proporção de 1/10 a 1/20 do volume do álcool. Esta última destilação deve ser feita lentamente, em banho-maria, sem entrada de ar no aparelho. O álcool obtido estará muito próximo do álcool absoluto a 100%. A cal elimina a água residual melhor do que o carbonato e neutraliza os ácidos

⁷⁶A **esfera de Kjeldahl** é um componente de vidro borossilicato presente em montagens laboratoriais para digestão ou destilação segundo o método de Kjeldahl. Sua forma esférica favorece a condensação de vapores e a contenção de respingos, aumentando a eficiência e a segurança do processo analítico. É frequentemente integrada a balões ou colunas de destilação, contribuindo para o controle térmico e a recuperação de compostos voláteis.

⁷⁷A **coluna de Vigreux** é um tubo de vidro utilizado em destilações fracionadas, caracterizado por saliências internas ao longo de sua parede que aumentam a superfície de contato entre o vapor ascendente e o condensado descendente. Essa estrutura promove múltiplos ciclos de condensação e vaporização, permitindo uma separação mais eficiente de componentes com pontos de ebulição próximos. É amplamente empregada em laboratórios para purificação de líquidos e obtenção de frações mais puras.

indesejados contidos no álcool. Este álcool é excelente para a fabricação do *Menstruum Kerkring* e para extrações em plantas secas.

EXTRAÇÃO VEGETAL: A experiência mostra dois pontos importantes no decorrer desta operação. São necessárias várias circulações para se obter um produto perfeito. A cada circulação, perde-se uma pequena quantidade do produto, por isso deve-se começar com uma boa quantidade da planta e utilizar métodos que rendam a maior quantidade possível dos três princípios ♀ ♂ O . Vamos começar com uma planta que forneça pouco ou nenhum óleo e que seja muito seca:

1. Preencha o dedal do soxhlet com a planta que você pulverizou o mais fino possível. É praticamente impossível, a menos que você conte com a ajuda de várias pessoas, moer uma quantidade suficiente da planta com a finura ideal. Portanto, utilize um liquidificador elétrico; um modelo com rolamentos é melhor do que os com lâminas.
2. Preencha com bastante álcool. Por exemplo, no caso de um soxhlet de 200 cm³, monte um balão de fundo redondo de 1 litro e preencha com cerca de 600 cm³ de álcool.
3. Tampe a saída superior (um balão serve) do condensador e aqueça com banho-maria, usando a água coletada da destilação do vinho para evitar manchas de calcário no balão. Se for usar banho com óleo de silicone, é imprescindível o uso de um termostato para não aquecer o óleo acima de 90°C.
4. A circulação em banho-maria é demorada. A extração pode levar até uma semana, o que pode representar um problema de refrigeração que discutiremos adiante.
5. Quando a circulação estiver concluída, colete o máximo possível do álcool e proceda da seguinte forma, para não perder tempo: o dedal deve ficar suspenso dentro de um tubo de vidro alto e bem fechado. (É interessante colocar um pequeno recipiente no tubo, acima do dedal, contendo uma pequena quantidade de absorvente de umidade – sílica gel ou cal virgem). Deixe o dedal escorrer o máximo possível.

Destile a tintura contida no balão de fundo redondo. Esta é uma operação crítica. A destilação deve ser feita em banho-maria a 90°C até que nada mais passe. O balão deve ter gargalo curto e ser inclinado para obter o máximo de refluxo. O resíduo meloso permanece no balão fechado. Use o destilado imediatamente para

reabastecer o soxhlet e iniciar uma nova extração com um segundo dedal cheio da planta.

Quando a segunda extração estiver em curso, pegue o primeiro dedal e destile em banho-maria o álcool residual que ele contém, mantendo o dedal fechado em um tubo de ensaio grande ou em um pote hermético, por exemplo.

Em todas essas manipulações, evite ao máximo o contato entre o ar carregado de vapor e o álcool. Sempre que possível, desidrate o ar, preferencialmente com cal virgem. O álcool do dedal é despejado no balão que contém o mel residual anterior ou no soxhlet onde a extração está em andamento.

Coloque a planta pulverizada coletada do dedal em um frasco hermético.

Recarregue o dedal com mais planta pulverizada e repita a operação até que o álcool esteja saturado com o Princípio Mercurial Vegetal. Para obter esse resultado, no caso de bálsamo⁷⁸ e alcarávia⁷⁹, são necessárias cerca de 20 extrações com o mesmo álcool.

Na última destilação, o processo muda. O destilado obtido em banho-maria a 90°C é despejado em um balão com juntas de vidro esmerilhado. O resíduo meloso é destilado a uma temperatura mais alta, ou seja, em banho de óleo de silicone ou em banho de areia.

O sistema de destilação deve ser composto por um condensador vertical (de difícil limpeza), um balão e dois tubos borbulhadores contendo alguns cm³ do destilado anterior. Com efeito, ao destilar um óleo, vapores brancos passam e não se condensam. Eles se dissolvem no álcool e devem ser reservados. O resíduo negro é tratado conforme explicado na lição espagírica sobre o Sal de Enxofre. O óleo pode ser destilado várias vezes, mas geralmente é melhor aguardar mais informações antes de prosseguir com essa operação.

CALCINAÇÃO: 1ª PARTE:

Coloque todos os resíduos secos em um recipiente de barro, porcelana ou quartzo, se você tiver. O ponto importante é que o recipiente possa ser tampado hermeticamente, mas que possua um tubo para conduzir os gases ao condensador, ao balão de fundo redondo e aos dois tubos borbulhadores, como anteriormente. Aqui, a calcinação deve ser lenta e interrompida assim que a fumaça cessar. Como antes, obtém-se um óleo e vapores semelhantes à fumaça que não se condensam, mas se dissolvem no álcool dos destilados anteriores. Note que, com o mínimo de

⁷⁸ O **bálsamo** é um nome comum atribuído a diversas plantas medicinais com propriedades cicatrizantes e anti-inflamatórias, sendo uma das mais conhecidas a *Sedum dendroideum*, da família Crassulaceae, amplamente utilizada na fitoterapia brasileira para tratar afecções da pele e do trato digestivo.

⁷⁹ A **alcarávia** (*Carum carvi* L.), também chamada de cominho-armênio, é uma planta herbácea da família Apiaceae, cujos frutos aromáticos são empregados na culinária e na medicina tradicional como digestivos, carminativos e antimicrobianos.

transtorno, é possível reutilizar os tubos borbulhadores da destilação anterior, com o álcool que ainda contém. Isso evita esvaziá-los, mas as entradas e saídas devem ser seladas entre os usos. Este álcool destilado produzirá um resíduo oleoso, geralmente em pequena quantidade. Esse óleo, o “óleo de mel” e o que é recolhido diretamente da condensação dos vapores devem ser misturados e destilados várias vezes. Embora as destilações degradem os óleos extraídos por vapor, as sucessivas destilações aqui devem conferir a esses óleos uma qualidade equivalente à dos óleos extraídos a vapor. Se você usou uma planta como lavanda ou alcarávia, o material a ser calcinado terá duas origens: os resíduos provenientes da extração por soxhlet e os provenientes da destilação por vapor. Para os últimos, é necessário desidratá-los cuidadosamente antes de misturá-los aos primeiros.

Há dois métodos para isso:

1. destilação a vácuo em banho-maria;
2. desidratação ao ar (com cuidado), através de aquecimento lento e agitação constante da matéria sendo desidratada.

Depois, misture as duas matérias e prossiga conforme indicado anteriormente.

CALCINAÇÃO: 2ª PARTE:

Quando a fumaça cessar, você encontrará uma massa enegrecida no recipiente. Ela deve ser reduzida a um pó fino e espalhada em camada delgada sobre uma bandeja refratária, por exemplo, ou sobre vários cadinhos rasos. Tudo isso deve ser colocado em um forno e aquecido a 1000°C. Não abra o forno e aguarde o resfriamento natural.

Coloque todo esse pó em um dedal de soxhlet. O próprio soxhlet deve estar preenchido com água de chuva destilada. Circule uma dúzia de vezes. Evapore a água sem deixá-la ferver. Calcine o sal que você coletar a 1000°C. Se ele não estiver perfeitamente branco, dissolva, filtre, coagule e calcine novamente a 1000°C. Assim, você terá separado e purificado o Enxofre, o Mercúrio e o Sal. E então, entra-se na fase da reunião.

REUNIÃO:

Primeiro princípio: Reduza o Sal ao pó mais fino possível; este é o melhor meio de acelerar a sequência das operações.

Segundo princípio: O melhor método é abrir o Sal com o Enxofre, especialmente para os elixires vermelhos, o *Circulatum* ou a Pedra.

Terceiro princípio: O Sal é aberto com facilidade se for misturado com peso igual de Sal de Enxofre.

Quarto princípio: Assim que o Sal começa a se abrir, é como um doente sem defesas. Pode ser contaminado por bactérias (estamos lidando com vida aqui) ou por todos os parasitas que existem no laboratório. O Enxofre presente no momento da abertura do Sal deve ser o único Enxofre presente, e nada deve contaminá-lo.

As quantidades de planta que você deve planejar são importantes:

1. para plantas sem óleo, por vapor, como a erva-cidreira (*Melissa officinalis*):
 - Planeje encher o soxhlet 20 vezes e prepare uma quantidade adicional de planta para obtenção de óleo por destilação seca (possivelmente).
2. para plantas com óleo, por vapor, como a lavanda ou sementes de alcarávia:
 - Planeje encher o soxhlet 20 vezes e tenha de 3 a 4 kg da planta para extração por vapor.

Continua na Lição Mineral nº 19.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 18: Destilação do Vinagre e Preparação dos Acetatos

Caro amigo,

Vamos refinar as informações apresentadas na Lição Mineral nº 15). Para a parte referente aos materiais, devemos fazer os seguintes preparativos:

- Antimônio a partir da estibnita;
- Saturno a partir da galena ou da cerussita.

Primeiramente, destile um pouco de vinagre de vinho, usando um aparelho com forte refluxo (coluna de Vigreux). Não conserve os dois primeiros terços do destilado.

Depois, destile sem refluxo até a secura. Calcine os sais residuais, derrame novamente o último terço do destilado sobre esses sais e faça-o circular, para tornar o vinagre “nitroso”. Destile novamente.

Quanto ao restante, várias soluções são possíveis:

Primeira solução: Coloque o vinagre no congelador e mexa de tempos em tempos para evitar que solidifique como um bloco. As águas-mãe se separam a -25°C. A concentração ácida delas é de cerca de 60%, o que já é suficiente.

Segunda solução: Misture gesso com tijolo moído, usando bastante tijolo, pois ele impede que o gesso endureça como um bloco. É preciso eliminar o calcário presente no gesso comum, caso contrário ele neutraliza o vinagre. Dissolva o gesso com ácido acético comum. O calcário é solúvel e é eliminado por lixiviação. Em seguida, seque o gesso por calcinação para eliminar a água residual e o vinagre. Derrame o vinagre destilado, isto é, o último terço do destilado, sobre a mistura calcinada de gesso/tijolo. O gesso absorve a água do vinagre. Recolha o ácido por uma destilação em banho de areia. Essa destilação é delicada, porque a água é liberada por excesso de calor. Alguns autores afirmam que se obtém um ácido a 96% por esse processo.

Terceira solução: A solução recebe o nome pelo seu resultado: vinagre radical. Já mencionamos esse processo. Para resumir, faz-se o vinagre destilado circular uma vez sobre óxido de cobre. Concentra-se o líquido e realiza-se uma destilação seca dos cristais de acetato de cobre. O ácido obtido deve ser redistilado. Ele se aproxima de 100% de acidez. Cuidado, ele pode se solidificar como um bloco a 18°C e quebrar o frasco.

Quando o vinagre estiver pronto, prepare os metais ou, melhor dizendo, os minérios. Vamos também examinar três minérios interessantes:

ESTIBNITA GALENA CERUSSITA

Nos três casos, o minério deve ser reduzido a um pó o mais impalpável possível (liquidificador com esferas).

estibnita: O minério deve ser disposto em camadas muito finas (1 ou 2 cm) para esse trabalho. O forno de secagem deve estar em um cômodo desabitado e bem ventilado. O método mais eficaz é iniciar com uma temperatura de 70°C e esperar até que cessem os odores de enxofre. Aumente a temperatura em 15 ou 20°C e espere novamente até que cessem os odores de enxofre, e assim por diante, até alcançar a faixa de temperatura entre 160°C e 200°C, onde os odores de enxofre cessam definitivamente. As outras impurezas — calcário entre outras — são eliminadas pelo método de Kermes que estudamos recentemente. A solução de estibnita com soda é reduzida a Kermes por ácido acético comum. Mas a circulação do Kermes no soxhlet deve ocorrer com vinagre “nitroso”. As operações seguintes são comuns aos 4 sais e serão estudadas depois.

Galena: A galena não pode ser purificada como a estibnita pelo método de Kermes, pois não é solúvel em soluções de potassa ou soda. A calcinação é idêntica à da estibnita, mas leva mais tempo. É recomendável atingir 300°C na fase final da calcinação. Atenção, pode não haver cheiro de enxofre, mas sim um cheiro de alho. Nesse caso, não inale os vapores, pois trata-se de liberação de arsênico, o que pode ser fatal.

Uma calcinação lenta transforma a galena (sulfeto de chumbo) em um oxi-sulfeto, e essa parte é transformada em acetato por vinagre “nitroso”, em circulação por soxhlet. Da mesma forma, é possível reciclar o Kermes residual após a circulação com o vinagre nitroso. Calcine o resíduo de galena e circule novamente. Em ambos os casos, deve-se recolher o máximo possível de vinagre.

Cerussita: Requer apenas uma calcinação leve. Geralmente, não há emissão significativa de odores.

A circulação com vinagre “nitroso” produz primeiro um extrato verde, depois um extrato vermelho. É melhor separar essas duas extrações.

Assim, teremos agora 4 líquidos que não devem ser misturados:

1. amarelo para estibnita;
2. vermelho ou avermelhado para galena;
3. verde para cerussita;
4. vermelho-sangue para cerussita.

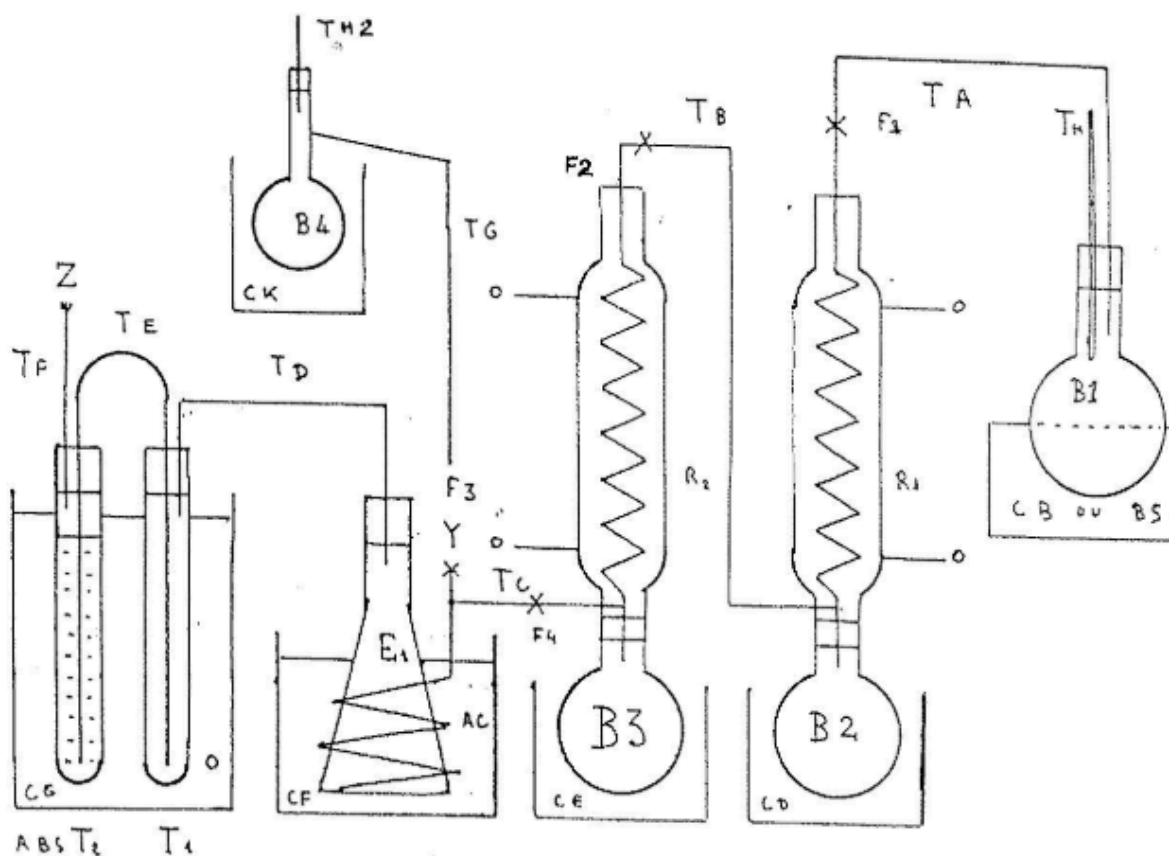
Para os quatro líquidos, o tratamento é o mesmo:

- Espessar o líquido por destilação do excesso de vinagre;
- Cristalização por resfriamento;
- Separação dos cristais;
- Repetição das três primeiras etapas para exaurir o líquido;
- Dissolução dos cristais em água destilada.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

FIGURAS ANEXAS:



Descrição da instalação para separação ou preparação dos elementos metálicos

- **B1** – balões contendo os sais
- **R1** – condensador mantido a 80–90°C, assim como o **CD**
- **B2** – recolhe o fleuma
- **R2** – resfria o gelo a 0°C, assim como o **CE**
- **B3** – recolhe o metal ∇
- **F4** – separação dos vapores, de **B1** ou **B4**
- **I1** – balão rodeado por serpentina de vidro
- **CF–AC** – álcool mantido a -20°C a -25°C
- **TF–TE** – tubos de borbulhamento
- **CG** – invólucro a 0°C

- **SB4** – balão para redestilação de H_2 ou O_2 . **E1** é o condensador de recebimento
- **B4** – também pode ser usado para produzir O_2 o composto sintético de Basílio Valentim.

Lição 19: Elixir, Circulação e um novo método para a Pedra

Caro Amigo,

ELIXIR – CIRCULATUM – PEDRA

ELIXIR: é o processo mais simples. Não requer a abertura do Sal. Coloque o Sal $\ominus$ em um balão de fundo redondo; despeje o destilado sobre ele. No balão, adicione um condensador com válvula de retenção. Não ferva violentamente. Em geral, o destilado adquire uma coloração amarelo-dourada mais ou menos intensa. Após cerca de 10 horas de circulação, quando a cor se estabilizar, pare. Destile tudo a seco. Cuidado para não superaquecer, ou o balão de fundo redondo será destruído. Se surgirem vapores brancos, acople ao aparelho os tubos de borbulhamento, que devem ser preenchidos com o destilado obtido no início da destilação.

O Sal $\ominus$ é recolhido com uma espátula de madeira e colocado em um cadinho. Calcine-o a 1000 °C (1832 °F). Quando esfriar, inicie o ciclo novamente.

Após alguns ciclos de circulação, o Sal $\ominus$ adquire uma aparência de goma. Durante a calcinação, ele forma uma pedra dura e compacta, difícil de ser removida do cadinho. Nesse ponto, despeje um pouco do Mercúrio ☿ da destilação anterior no cadinho até uma profundidade de cerca de 1 cm acima do Sal. Cubra o cadinho com uma placa de vidro e, todos os dias, com a espátula de madeira, raspe a superfície do Sal $\ominus$, que se torna pastosa. Coloque o Sal $\ominus$ novamente no balão para outra circulação. A partir desse momento, a quantidade de Sal $\text{☉}\ominus$ diminui rapidamente, pois se torna volátil.

Mais duas ou três circulações e o elixir estará completo. Não deve ser destilado após a última circulação.

CIRCULATUM (Pedra líquida):

1. **Abertura do Sal:** O Circulatum (Pedra líquida) e a Pedra (sólida) exigem, desde o início, a “abertura” do Sal $\ominus$. Isso se dá por imbibições com o Enxofre ⚡ (o óleo da planta). O óleo obtido por extração a vapor pode ser usado diretamente. Já o óleo obtido por destilação da tintura deve ser redestilado várias vezes.

O Sal $\ominus$ é embebido até que sua superfície fique úmida, mas não deve escorrer como um líquido.

O recipiente deve ter uma abertura larga e a rolha perfurada com dois orifícios: um no centro, por onde passa uma haste de vidro com uma curva na extremidade inferior; o outro atravessado por um pequeno tubo de vidro com rolha, que permite a introdução do óleo ⚡ sem necessidade de abrir o frasco. Esse tipo de recipiente

minimiza o risco de contaminação por bactérias ou ♄ Enxofres parasitas que estão sempre presentes em um laboratório alquímico.

Coloque tudo em uma incubadora a 42 °C (107,6 °F) e mexa a mistura diariamente com a haste de vidro curva. O Sal ⊖ mudará de cor e secará. Assim que secar, embeba-o novamente com o óleo.

Tenha cuidado, pois, se houver excesso acidental de óleo, o Trabalho será comprometido; se o óleo escorrendo não for reabsorvido, só poderá ser removido por destilação – nesse caso, nunca o recupere por decantação. Assim que o Sal ⊖ deixar de absorver o óleo, estará pronto para ser transformado em Pedra (sólida) ou Circulatum (pedra líquida).

2. **Circulatum:** Despeje sobre o Sal de 10 a 12 vezes seu volume de um Mercúrio ☿ fortemente carregado por 20 ciclos de extração. Sele bem e deixe em incubadora por uma semana. Destile sem refluxo em banho-maria a 90 °C (194 °F) enquanto houver destilado. Deixe esfriar e despeje o destilado sobre o Sal ⊖. Coloque na incubadora por mais uma semana.

RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS: Sempre que possível, utilize o mesmo recipiente da abertura do Sal ⊖ para a destilação. Evitar a abertura deste reduz os riscos de contaminação. Preferencialmente, destile e despeje o destilado no dia correspondente ao regente planetário da planta. Comece, de preferência, após a passagem do nodo ascendente da Lua (Cabeça do Dragão). Complete de 7 a 9 destilações durante dois ciclos lunares, ou seja, a Cabeça do Dragão terá sido cruzada duas vezes desde o início do processo.

O Circulatum deve ter sabor ácido e separar os elementos de uma planta rapidamente, em menos de uma hora.

Os sais residuais não devem ser descartados. Em geral, se for despejado sobre eles o Menstrúo de Kerkring ou álcool absoluto, obtém-se, em 2 ou 3 dias, a essência da planta; isso é confirmado pela coloração vermelha do líquido de extração. Esse líquido, tomado em pequenas doses — algumas gotas em um copo d'água — manifesta em alto grau as propriedades da planta.

A PEDRA (sólida): Obter a Pedra Vegetal sólida é mais difícil, devido ao grande risco de contaminação por Enxofres parasitas. É melhor transferir, com infinitas precauções, o Sal aberto para um cadinho de porcelana alto o suficiente para ser fechado.

O Sal ⊖ é embebido com o Mercúrio ☿ até o ponto de saturação, como se faz com o Enxofre ♄. Após 8 dias na incubadora, calciná-lo a 1000 °C (1832 °F); deixar esfriar sem abrir o forno. O Sal ⊖ é novamente embebido, depois colocado em incubadora por uma semana – calcinado – deixado para esfriar – embebido.

O Sal $\ominus$ evolui para uma coloração de acordo com a planta: azul, marrom etc. – Cuidado, pois a fase crítica ocorre quando o sal se torna pálido e se aproxima do branco. Nessa fase, sempre coloque o cadinho contendo o Sal $\ominus$ dentro de outro cadinho, pois ele pode se romper. O Sal $\ominus$ derrete como vidro, mas ainda é rígido e adere às paredes; sua contração pode causar a quebra do cadinho.

Assim que houver formação vítrea, o risco de contaminação se reduz; mas, a cada ciclo, é necessário triturar novamente o Sal $\ominus$ até virar pó.

O estágio branco indica o fim da operação. A Pedra está completa, mas para o alquimista curioso e paciente, o ciclo pode continuar até o estágio amarelo, quando a Pedra adquire uma cor vermelha: este é o estágio vermelho do trabalho vegetal.

Este estágio será retomado no trabalho com o vinho.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

Lição 20: A Corrente de Ouro de Homero

Caro Amigo,

Esta lição contém uma síntese de várias traduções da **Corrente de Ouro de Homero**.⁸⁰

Este texto deve ser comparado posteriormente com o trabalho sobre o **Gur** nas lições vegetais.

Voltaremos a este texto, especialmente em sua relação com o **Mutus Liber**.⁸¹

Nota: Com a experiência, recomendamos para seus trabalhos futuros que você se equipe de forma a poder produzir seu próprio vinagre, pois o vinagre de vinho disponível no mercado não apresenta constância suficiente para este tipo de trabalho.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

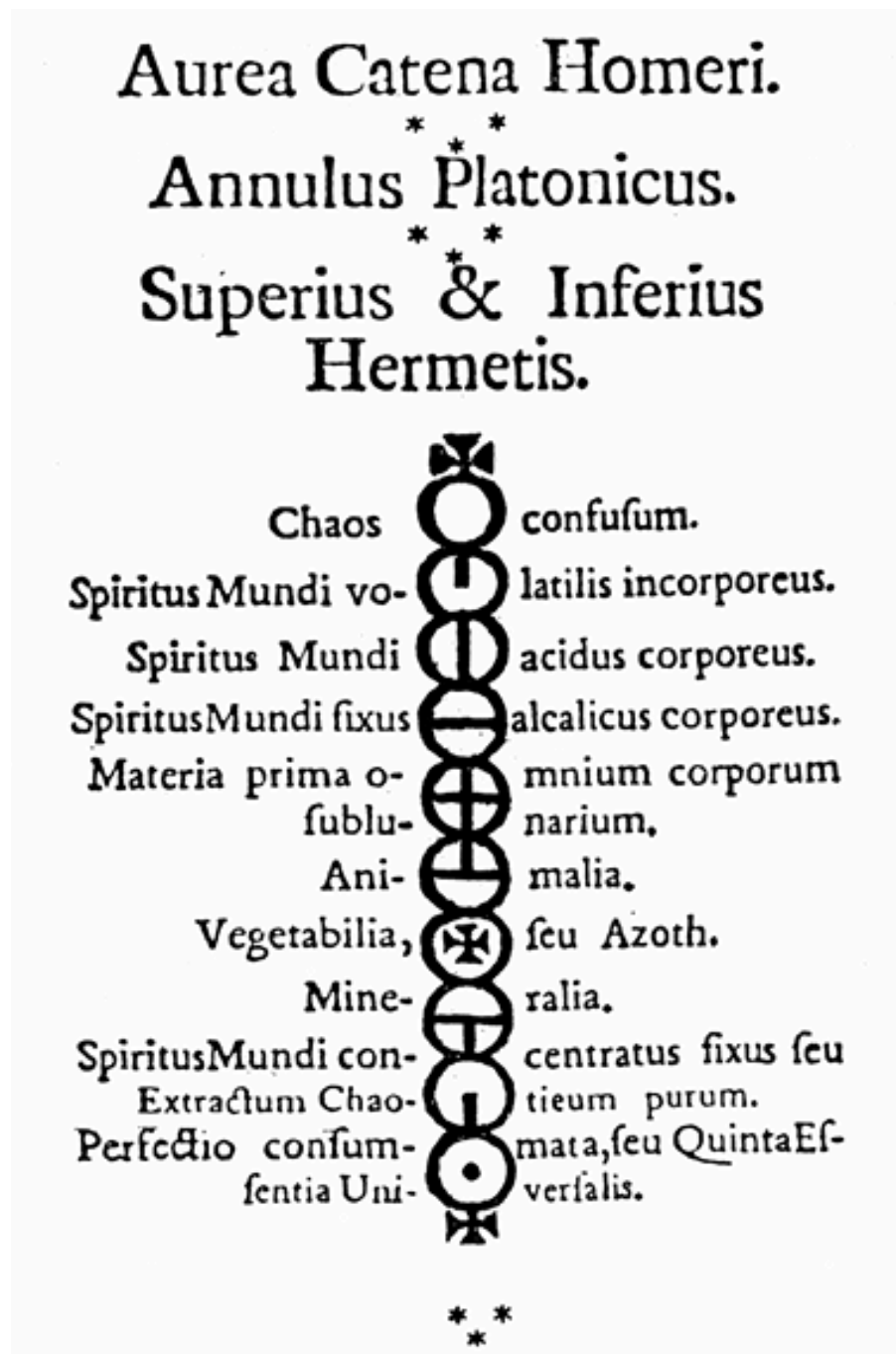
⁸⁰ O **Aurea Catena Homero** foi traduzido e publicado na íntegra pela Editora Daemon em 2025

⁸¹ O **Mutus Liber** ("Livro Mudo") é uma obra clássica da alquimia hermética publicada originalmente em 1677, em **La Rochelle**, composta por **15 pranchas ilustradas** que descrevem simbolicamente o processo da Grande Obra alquímica. Embora por muito tempo tenha sido atribuída a autores como Altus ou Jacob Saulat, estudos mais recentes apontam **Isaac Baulot** como provável autor. A obra é notável por transmitir ensinamentos alquímicos quase exclusivamente por imagens, exigindo interpretação simbólica por parte do leitor iniciado.

A CORRENTE DOURADA DE HOMERO

Este texto também é conhecido como:

‘O Anel Platônico’ e ‘O Acima e Abaixo de Hermes’



Existe uma tradução francesa na Bibliothèque Nationale (Paris) sob o nome *La Nature Dévoilée* (A Natureza Desvelada)⁸².

⁸² A obra francesa *La Nature Dévoilée ou la Théorie de la Nature*, publicada em 1772 e atribuída a um autor alemão anônimo, é uma tradução e adaptação da obra alquímica *Aurea Catena Homeri*

Este é, sem dúvida, o texto mais conhecido da Teoria Alquímica. A versão mais antiga que se conhece parece ter sido escrita por volta do ano 1700.

Todo o texto se baseia em uma série de 10 símbolos (o mesmo número dos sephiroth da Cabala). Com exceção do último, que contém um ponto no centro, esses símbolos apresentam apenas linhas verticais ou horizontais dentro de um círculo. Os círculos são símbolos de Vênus, o receptáculo feminino universal. As linhas são o símbolo de Marte, o símbolo da semente masculina. A linha vertical representa o ácido, a horizontal, a base. Os 10 símbolos representam os 10 passos da fecundação universal.

Antes do estudo do texto, apresentamos uma explicação direta dos símbolos.

A CORRENTE DOURADA DE HOMERO

UMA DESCRIÇÃO DA NATUREZA DAS COISAS NATURAIS

DA GERAÇÃO DAS COISAS

I – AQUILO QUE É A NATUREZA

A Natureza é composta pela totalidade das criaturas visíveis e invisíveis do Universo. O que chamamos de natureza é, especificamente, o Fogo Universal ou Alma do mundo, que preenche toda a estrutura do Universo. É, portanto, um agente universal, onipresente e dotado de um instinto infalível, que se manifesta como Fogo ou Luz. É a primeira criação da Onipotência Divina. A alma do mundo não deve ser compreendida como alma animal, mas como a causa do princípio universal da vida.

II – COMO TODAS AS COISAS PROCEDEM DA ANIMA MUNDI

Assim, Deus criou o primeiro fogo invisível e lhe deu um instinto infalível e a capacidade de se manifestar por si mesmo em três princípios.

A. Em seu estado universal e original, é perfeitamente invisível e imaterial, é frio e não ocupa espaço. Nesse estado de tranquilidade, não nos serve, embora, em sua imobilidade, seja onipresente.

B. Em seu segundo estado, manifesta-se pelo movimento ou agitação dentro da Luz. Nesse estado, foi separado do Caos quando Deus disse: “Faça-se a Luz”, e fez-se a Luz. Neste ponto, ainda é frio. Mais tarde, ao ser lentamente agitado,

(“**Corrente Dourada de Homero**”) — originalmente escrita em alemão/latim e datada de 1723. Ambas compartilham uma estrutura em duas partes: a primeira trata da **geração de todos os seres naturais** e a segunda da **dissolução e retorno à essência universal**, refletindo os princípios da filosofia hermética. O título “Corrente Dourada” simboliza a **cadeia oculta que une todos os elementos do universo**, em consonância com a doutrina do *Anima Mundi* (Alma do Mundo). A tradução francesa foi realizada por **Monsieur Dufournel**, e a obra teve edições modernas, como a lançada pela *Éditions Castelli* em 2007.

manifesta-se como calor e ardor, o que ocorre em todos os atritos e na fermentação das coisas úmidas.

C. Quando é reunido em quantidade suficiente e agitado violentamente, manifesta-se como fogo ardente. Continua a queimar enquanto o sujeito o ativa. Se a agitação cessa, retorna ao seu estado primitivo de tranquilidade universal. No estado característico de fogo ardente, manifesta-se como luz e calor.

Assim, podemos dizer que:

- No primeiro estado é perfeitamente invisível e imaterial.
- No segundo estado, é Luz visível.
- No terceiro estado, é calor e fogo ardente. É visível e pode, às vezes, tornar-se material e ocupar um espaço ou ambiente nesse estado.

Temos agora os três estados de poder do Espírito Universal, mas ele possui outros poderes que são perfeitamente inconcebíveis.

Dissemos que o Espírito Universal possui um instinto infalível, sempre operando pelo processo mais simples e direto. Mas devemos mencionar duas qualidades ocultas e evidentes: a atração e a repulsão, de poder muito elevado.

Nos domínios mais familiares, o raio, a luz, os terremotos, as tempestades e as propriedades da pólvora resultam dos poderes do Nitro, a condensação do Fogo Universal.

Quando Deus criou o Fogo Universal, deu-lhe o poder de se tornar material. Assim, ele tornou-se vapor, depois umidade, água e terra. Mas, independentemente da natureza sob a qual se manifeste, permanece fundamentalmente o mesmo.

No início dos quatro elementos, o Fogo Ardente, o Vapor e a Umidade misturados com o Fogo Frio formaram o ar atmosférico que, pela condensação, tornou-se água e, por fim, Terra.

Originalmente, há apenas um elemento: **FOGO**.

O Fogo Universal expandiu-se em um imenso vapor que, ao se adensar, tornou-se a ÁGUA CAÓTICA, e dessa água o Criador separou a Luz. Nessa separação, o Fogo Universal Invisível tornou-se Luz visível. Assim, vemos que o Fogo invisível se manifesta em forma de dois princípios: **Luz e Umidade**, e a partir desses dois Deus criou todas as coisas.

A água foi a primeira condensação do Fogo Universal e, no entanto, em seu ventre permanece o Fogo, cheio de vida e movimento. E se for equilibrada por uma quantidade igual de Luz, possui então tudo o que é necessário para a criação de seres materiais ou imateriais e sua manutenção por todo o tempo.

Como mencionamos anteriormente, a Luz separada, devemos agora considerar seu primeiro corpo: a Umidade. A natureza sutil da água muda conforme sua densidade. Se for rarefeita até certo grau, constitui o ar no qual o fogo predomina sobre a água. Mas se for condensada em outro grau, torna-se a água úmida na qual a água predomina sobre o fogo. No entanto, em ambos está oculto o Fogo Universal ou o Espírito do Universo.

Assim que o ar é privado do Fogo Universal que o anima e o torna plástico, ele imediatamente se torna pútrido e transforma-se em umidade, depois em terra sólida. O mesmo ocorre com a água que, privada do Fogo ou do ar animado, torna-se pútrida e condensa-se em Terra.

Deus ordenou que o Espírito Universal, por meio da umidade, pudesse operar todas as coisas.

Como a umidade se mistura facilmente com as coisas, o Espírito pode frequentemente penetrar, gerar, destruir ou regenerar tudo. Assim, a umidade é o corpo, o veículo, e o Fogo é o operador, o Agente Universal, o *Anima Spiritus Mundi*.

É, por excelência, o trabalhador de Deus com seus poderes, a Semente Universal, o único agente genuíno que faz as coisas da natureza.

O Fogo Universal preenche os imensos espaços estelares entre os corpos celestes e, como tem o poder de se tornar material, gera um vapor sutil, uma umidade invisível, o primeiro princípio passivo. Isso provoca uma reação fraca e a mais sutil das fermentações ocorre no Universo. Através dessa reação, o Ácido Universal é gerado em toda parte, e não podemos nomeá-lo de outra forma senão: o Nitro sutil e desencarnado. É então:

fogo por dentro, frio por fora.

Assim, esse Nitro espiritual, que chamamos de segunda transformação invisível do Fogo Universal, que gera a umidade caótica e invisível, torna-se progressivamente mais material à medida que se aproxima da atmosfera dos corpos celestes, até encontrar o princípio passivo alcalino. Nesse momento, fixa-se por si mesmo e forma o Nitro nativo. Assim, o Nitro Espiritual e Universal torna-se o nitro material.

Dizemos, com boas razões, que os raios de Luz do Sol não são senão um Nitro Espiritual muito sutil que se torna cada vez mais nitroso à medida que se aproxima da Terra, finalizando como sal do mar, graças às chuvas. Então, pode animar a atmosfera com o fogo e a vida que dão elasticidade ao ar e à água: vida e sua preservação.

Entre o firmamento e a nossa terra, vemos continuamente vapores, nuvens, névoas que se elevam como transpiração da terra e são sublimadas pelo seu calor central. As águas e vapores caóticos são ao mesmo tempo a matéria bruta de todas as coisas e seu recipiente. Embora pareçam simples a nossos olhos, têm uma dupla natureza porque contêm Fogo e Umidade: o invisível no visível.

O Fogo ou Espírito é o agente motor e a água, a mãe.

Aqueles que desejam alcançar a Fonte da Sabedoria secreta devem atingir o ponto central e a circunferência da verdade; devem gravar em sua memória que todas as coisas do mundo são geradas, preservadas e destruídas a partir do Fogo e da Água, ou do Espírito encerrado na Umidade.

Aqueles que entendem isso não terão dificuldade em analisar as coisas naturais. Eles facilmente volatilizarão o fixo e fixarão o volátil. De um veneno, farão um remédio salutar; de um corpo pútrido, um perfume refinado, porque sabem que todas as coisas procedem de uma raiz e retornam a essa raiz. A matéria só pode ser distinguida por seu aspecto exterior: sua modificação se deve ao fato de que sua essência está mais ou menos digerida ou fixada. Por isso os Filósofos sabem que sua *prima matéria* está em todas as coisas: eles apenas escolhem um sujeito onde o Espírito Universal esteja mais abundantemente presente e concentrado, ou mais fácil de se obter.

III – COMO TODAS AS COISAS SÃO ENTÃO GERADAS

Demonstramos que o Vapor primordial, ou Fogo e Água, é, depois de Deus, a *Prima Materia* de todas as coisas. Esse vapor duplo, ao se espessar, transforma-se em água. No princípio, essa água é perfeitamente pura e sutil. Através da ação interior do Espírito Universal, ela se difunde, se agita e começa a fermentar, gerando assim a Terra. A água, então, se subdivide:

- em um ar mais espiritual e mais sutil que o ar comum;
- em um ar menos sutil que o ar comum;
- em uma água semi-corpórea;
- em um corpo: a terra.

Assim, no início temos a unidade, depois a dualidade. Esta se transforma em três e, da mesma forma, em quatro e cinco (*quintessência*).

1. Temos uma umidade simples;
2. Uma água contendo um Espírito;
3. Eles se separam em volátil, fixo e semi-fixo, ou em um ácido volátil e um álcali (*Anima – Spiritus – Corpus*).
4. Quando isso é dividido nos quatro elementos – Fogo, Ar, Água e Terra –, então a natureza, auxiliada pela Arte, transforma tudo na quintessência do Fogo ☿.

Quando a água, por alterações, se torna pútrida, podemos separar os princípios, um após o outro. O mais volátil sobe primeiro, e assim por diante até os quatro elementos, sendo o mais denso o último. Deus ordenou que as diferentes modificações produzidas nos quatro elementos pelo Espírito Universal gerassem constantemente uma Semente Universal. Por isso, deu a cada coisa seu próprio agente e esfera de atividade para provocar o resultado adequado. Isso pode ser observado na evaporação de vários sujeitos que expulsam o excesso de umidade desnecessária. Essa evaporação, se vem de cima (externa), chama-se influência; se vem de baixo (interna), chama-se efluência ou emanção.

Deus deu a cada coisa Sua Semente particular, que depende das regras dos elementos na Semente Universal.

IV – COMO A SEMENTE UNIVERSAL É GERADA PELOS QUATRO ELEMENTOS

Depois que Deus dividiu a *Anima*, ou Espírito do Mundo – ou simplesmente o Caos – nos quatro elementos com princípios predominantes, Ele disse: “Crescei e multiplicai-vos”. O Céu e o Ar são animados pelo Fogo Universal, o Pai, o Masculino, o Operador Atual.

A Água e a Terra são a Mãe, o princípio passivo fecundado pelo Pai. No entanto, os quatro são, na realidade, apenas dois: Fogo e Água, que geram constantemente a Água Caótica ou Caos Primordial pela ação recíproca de seus princípios internos, sobre os quais dependem a geração e conservação, destruição e regeneração de todas as coisas. Isso continuará enquanto toda a Terra não for regenerada por Deus.

Esses quatro elementos produzem a Semente Universal através da ação de suas diversas afinidades e antipatias.

Há um axioma filosófico relacionado à Natureza que afirma ser impossível unir os extremos sem o auxílio de um meio — axioma que deve estar constantemente presente na mente de quem deseja compreender como os extremos se unem.

O Fogo não pode se tornar Água sem o Ar, e a Terra não pode se tornar Ar sem a Água. Do mesmo modo, é impossível unir o Fogo com a Terra sem um mediador, pois um é volátil e o outro fixo (sólido). Portanto, se desejás realizar isso, deves unir o Fogo ao seu mediador volátil mais próximo, o Ar — e eles se unem imediatamente. Feito isso, forneça a Água como mediadora entre o Ar e a Terra — e então eles se unirão. Assim, uniste o Fogo à Terra e fixaste o volátil. O processo inverso também é possível: o fixo será volatilizado.

O Fogo é extremamente sutil; o Ar também é sutil, mas mais corpóreo que o Fogo. A Água é um grau mais corpóreo que o Ar, e a Terra um grau mais corpóreo que a Água. Devemos proceder como a Natureza se quisermos um resultado satisfatório. Se isso não estiver presente em tua mente, nada poderá ser realizado.

Numa análise química, observamos que o volátil passa primeiro e a matéria mais densa por último. A Natureza regula suas operações dessa forma. Por exemplo:

Pegue um pouco de terra de um campo, despeje água sobre ela para diluí-la bem. Deixe repousar por alguns dias — a terra grosseira depositar-se-á no fundo do recipiente. Em seguida, agite-a três a quatro vezes por dia. A água, em tempo devido, dissolverá a terra mais sutil, que é o Sal da Terra ou a Terra Virgem. Quando esse Sal ou Terra Virgem é extraído da terra comum, a água já não pode dissolver mais nada.

Agora destile a água que contém o Sal para fazer uma Água Espiritual e repita a cohobação com o Sal, destilando novamente em Água Espiritual até que o resíduo sólido no fundo do recipiente passe durante a destilação (volatilizando o fixo).

Com essa água, você pode repetir a operação até que toda a quantidade, através de destilações e cohobações, seja volatilizada e transformada em Água Espiritual. Essa é uma operação trabalhosa, mas uma grande revelação.

Do mesmo modo, a Natureza opera por destilações e coagulações até que a semente de todas as coisas seja gerada, a qual chamamos de *Prima Matéria* ⊕.

O artista deve observar os processos da Natureza, que são graduais e metódicos, de acordo com o clima, o peso, a medida. E o operador deve transpor isso do exterior para o interior.

V – PELO QUAL PROCESSO A ÁGUA CAÓTICA DIVIDIDA É REGENERADA E SE TORNA A SEMENTE UNIVERSAL DE TUDO, CHAMADA DE ANIMA OU SPIRITUS MUNDI

Os quatro elementos foram separados do Caos e procedem de Um.

A forma é o Fogo, a matéria é a Água, mas a forma é Una e a Matéria é Uma. A diferença só existe nas aparências exteriores. Por meio da fermentação, o Fogo torna-se Ar e o Ar torna-se Água, e a Água, Terra; mas, quando o Fogo é fixado pela Arte ou pela Natureza, ele se torna Terra, e quando a Terra é volatilizada pela Água, torna-se Ar e Fogo.

Um elemento pode ser convertido em outro. Isso não seria possível se fossem interiormente diferentes — mas não é o caso.

No princípio, o Caos que produziu esses elementos era apenas Fogo e Água, e foi dividido em quatro por uma sequência de volatilizações e concentrações. Por volatilizações e rarefações, a Umidade torna-se Ar animado pelo Fogo. Mas, por condensação e espessamento da Umidade primordial, a Terra foi formada, com o Fogo direcionado ao centro da Terra. Os caracteres hieroglíficos dos elementos explicam sua natureza com exatidão.

Não há substância sob os céus, seja seca ou úmida, que não contenha o Fogo Universal e a Umidade Primordial. O primeiro é chamado Fogo Inato, o segundo, Umidade Radical.

O Fogo Universal torna-se Umidade exteriormente, mas permanece Fogo interiormente. Como é internamente extremamente espiritual e volátil, é naturalmente extremamente ativo e móvel — e essa mobilidade primitiva inicia o calor e a fermentação, e por meio desta fermentação, o Espírito Ácido Universal é continuamente gerado. Então, quando encontra seu próprio corpo (suporte material adequado) ou mediador, seja na Água ou na Terra, a Semente Universal se corporifica e se torna visível. Mas se permanece apenas no estado de vapor na atmosfera, é então a Semente Astral incorporada. Essa é a influência que recebemos dos Céus através do canal do Ar. Os Céus dão sua influência e, assim, Ar, Água e Terra unem seus esforços e produzem continuamente o Germe Universal do Mundo (*GUR*).

VI – DOS CÉUS E SUA INFLUÊNCIA

Após a separação do Caos, o fogo é o primeiro princípio e torna-se a Luz Visível. É o mais sutil e universal de todos os elementos. Quando gera umidade, torna-se o vapor mais sutil, puro e extremamente volátil, e ocupa então a posição mais elevada na atmosfera dos Corpos Celestes.

Este princípio tão sutil está repleto de Vida e é o mais ativo; por essa razão chamamos o Céu de Primeiro Agente, o Esperma Masculino de Alma, um ar sutil, uma água subtil, uma terra volátil. Céu e ar exercem sua influência não para cima, mas para baixo, em direção à água e à terra; já a terra e a água sobem para encontrá-los. Misturam-se assim em estado de vapores, a fim de fabricar a água caótica regenerada e impregnada, ou o esperma universal semi-material, o Sperma Mundi. Logo que o ar é impregnado e animado pelo Céu, ele comunica-se imediatamente com a água e a terra para também impregná-las. Essa comunicação se realiza num instante, pois os Elementos estão sempre em preparo gradual para se encontrarem e misturarem, por meio de uma circulação contínua. Não resta dúvida de que nossa atmosfera está continuamente carregada de vapores, exalações e nuvens para possibilitar essa comunicação entre os Elementos. Assim que esses vapores se condensam em chuva, orvalho, neve ou granizo e caem, no mesmo momento iniciam-se as volatilizações e exalações da água e da terra, prontas para suceder e encontrar aquelas que descem; de modo que nunca pode faltar a geração de tais vapores, os quais, quando suficientemente dilatados ou estendidos, constituem o nosso ar comum, mais ou menos puro, conforme seja mais ou menos animado pelo Céu ou pelo fogo.

Os Céus recebem os vapores ascendentes, os quais, à medida que se afastam da atmosfera, tornam-se cada vez mais sutis e espirituais, até retornarem ao seu primeiro estado universal de Éter ou Spiritus Mundi. O ar atmosférico também recebe continuamente a água volatilizada e os vapores subsequentes, até que

esteja saturado e sobrecarregado, momento em que a umidade excedente é forçada novamente para baixo em forma de orvalho, chuva, granizo e neve. Assim, fogo e ar descem às águas e as impregnam; as águas, por sua vez, separam sua parte mais espessa e a entregam à terra; a terra, então, torna-se saturada ou sobrecarregada, e esse excesso de terra e água é novamente volatilizado e sublimado para cima pelo fogo, fogo invertido ou calor central, em forma de vapores. Essa ascensão e descida Deus implantou no fogo universal, como o grande e único agente da natureza, ou melhor, a própria Natureza, que provoca essa circulação perpétua por seu poder de atração e repulsão, conforme demonstramos no segundo capítulo.

O Amante da Sabedoria Natural pode aprender claramente aqui como o eflúvio de um Elemento se torna alimento e nutrição para os outros, até ser neles convertido; o mesmo se dá conosco e com nosso alimento. Por exemplo, comemos pão e bebemos vinho, eliminamos as superfluidades desse alimento, que são usadas como adubo na terra; a semente é então semeada ali, e dessas superfluidades brota novamente nosso alimento.

Uma árvore perde suas folhas no inverno, as folhas caem junto à raiz, onde se putrefazem e se transformam em umidade que penetra nas raízes e volta a alimentar a árvore. Observa isso com atenção e compreenderás plenamente o Superius e Inferius de Hermes, e nossa Catena Homeri ou Anel Platônico. Assim verás uma transmutação contínua da Matéria, isto é, uma mudança ou modificação condicional, enquanto o fogo central e interior da Natureza permanece sempre o mesmo, como era no princípio.

Todas as coisas foram água no início e retornam à água. Aplica isso em todo o nosso Livro, o que já é um grande passo rumo à nossa Arte.

VII - DA ATMOSFERA OU AR E SUA INFLUÊNCIA

O ar é o segundo princípio após a separação do Caos e é o veículo ou instrumento do primeiro, isto é, o fogo; entendemos aqui o ar genuíno animado. Chamamos-lhe Masculino, Viril, Esperma, e Primeiro Operador em todas as coisas. Os Céus, ou o fogo, são a Anima e a Vida, enquanto o ar, ou a umidade rarefeita e atenuada, é o espírito e o receptáculo da Alma e Princípio da Vida, e, conseqüentemente, o fogo animado deve ser chamado Spiritus Vitalis Macrocosmi, ou o Espírito Vital da Terra que habitamos.

O ar é um vapor úmido extremamente sutil, ou uma água rarefeita, na qual o fogo habita abundantemente. Ele é mais corpóreo do que o Éter além da atmosfera, sendo este totalmente impróprio para a inspiração, por ser demasiado sutil para preencher as vesículas pulmonares dos animais. O ar, sendo o genuíno meio entre fogo e água, participando de ambos, é portanto capaz de receber tanto as influências celestes mais sutis e ígneas, quanto os vapores sublimados de baixo; e, por meio de um movimento contínuo ou circulação, cada vez mais vapores são convertidos em ar, e cada vez mais desse ar é animado pelo fogo. Assim que fica

saturado, a umidade excedente condensa-se novamente e retorna como água animada: chuva, orvalho, granizo e neve.

Vês, então, que o ar atmosférico é o primeiro meio para unir fogo com água e terra; sem ele, os Céus jamais poderiam comunicar-se com a água e a terra. Assim, o ar transforma-se em vapor e água, e quanto mais espessa fica a água, melhor ela se mistura com a terra; por outro lado, a terra, pela sutilização mediante a água, converte-se novamente em ar. A Natureza opera essas mudanças e conversões perpétuas de um extremo ao outro: quando se unem em vapores, fabricam o esperma universal do mundo, o Spiritus Mundi, que em parte se resolve em orvalho e chuva etc., e em parte permanece no ar para fins de animação. As águas atmosféricas animadas caem sobre a Terra, receptáculo de todas as virtudes celestes, e a fertilizam para o crescimento e sustento de Animais, Vegetais e Minerais.

A Terra em si é um Céu condensado ou fixo, e o Céu é uma terra volatilizada; o ar é água rarefeita, e a água é ar condensado. Devemos observar aqui que um Elemento difere do outro apenas neste ponto: um é volátil, o outro fixo; um é fluido ou dissolvido, o outro condensado ou coagulado. Ainda assim, cada um é e permanece, em seu centro e interior, aquilo que todos foram desde o princípio, isto é, a prima matéria ou fogo. Por fim, o Ar pode ser chamado de Rins do Macrocosmo, porque é nele que se encontra principalmente o confluyente de todos os fluidos radicais e substanciais do macrocosmo, e é ali que o puro extrato da essência do Mundo se reúne, onde o antigo Caos primordial é gerado e regenerado a cada dia e a cada hora, para a geração, preservação, destruição e regeneração de todas as coisas naturais.

Que são o orvalho, a chuva, a neve ou o granizo senão um Caos regenerado? Do qual Animais, Vegetais e Minerais recebem parte do princípio vivificante e do alimento. E tudo isso é gerado no Ar.

VIII - DA ÁGUA E SEU EFLÚVIO

Água e terra pertencem uma à outra, assim como fogo e ar; na verdade, os quatro necessitam mutuamente uns dos outros. A terra precisa da água, e o fogo não pode existir sem o ar; o ar, sem o fogo, torna-se uma umidade pútrida, e a água, sem o ar animado, transforma-se em lama e terra.

A água é o terceiro princípio, mas o primeiro Elemento passivo, o Esperma Feminino e o Menstrum do Macrocosmo, que exerce a função de transportar alimento e nutrição a todas as criaturas sublunares, e é, juntamente com a Terra, a Mãe de todas as coisas. A água é ar condensado e terra fluida. É o meio entre ar e terra. Logo que o fogo se torna ar, e o ar é convertido em água, orvalho, chuva ou neve, esses descem sobre as águas inferiores e mais densas e sobre a terra, misturando-se com elas; começam então a fermentar por meio do espírito ou fogo

primogênito implantado, e um Elemento opera no outro até que produzam seu fruto a partir de matrizes convenientes.

Aqui o Artista pode aprender com a Natureza, que não se contenta com um único meio de união, a saber, o ar, para converter o fogo em terra, mas recorre também à água. Assim deve o Artista seguir a Natureza, se quiser unir e fixar seus princípios; que procure um meio de união, facilmente encontrado; e se um só não bastar, que use dois; se dois forem insuficientes, que empregue três, mas sempre homogêneos e não heterogêneos, como minerais com minerais, vegetais com vegetais etc. Os minerais também concordam com os vegetais, e os vegetais com os animais, pois os vegetais se situam entre animais e minerais. A diferença entre eles é apenas externa, não central, visto que todos procedem originalmente de um e mesmo espírito universal. Minerais são vegetais fixos, vegetais são minerais voláteis, e um reino pode transmutar-se no outro em relação às suas qualidades internas.

Homens e animais utilizam os vegetais como alimento, e por sua natureza interior transformam esses vegetais em carne e sangue. Quando o homem e os animais morrem, são enterrados na terra, e dali novamente se produzem vegetais, que recebem, por meio de suas fibras e raízes, vapores minerais, convertendo-os assim novamente em vegetais.

Esta é a verdadeira metempsicose pitagórica. Os vegetais, ao putrefazerem, assumem uma natureza salina e nitrosa, que é dissolvida pela chuva e conduzida para baixo, através dos poros, para a terra ou para o mar. De lá, ascende novamente em forma de vapor mineral, e assim os vegetais frequentemente se transformam em minerais, bem como em animais, embora mais frequentemente em animais. Céu e Ar são o esperma masculino; a água é o esperma feminino e o Menstrum; a Terra é o útero ou matriz, onde os dois primeiros, por meio do terceiro, operam toda geração.

IX - DA TERRA E SEU EFLÚVIO

A Terra é o quarto e último princípio do Caos. É o segundo Elemento passivo, a Matriz e Mãe de todas as criaturas sublunares. A terra é um Céu coagulado e fixo, uma água coagulada e fixa, e um ar condensado. É o Centro e Receptáculo de todas as influências celestes e do Esperma Universal, o qual aqui toma corpo assim como no Oceano.

O Céu, por sua extrema sutilidade, é de todos os Elementos o mais móvel e onipresente; seu próprio movimento, por causa dessa sutilidade, é imperceptível, embora visível na forma de luz. Este fogo universal nunca está ocioso, mas é perpetuamente ativo, penetrando todas as coisas, embora sua ação seja geralmente imperceptível. Essa é a causa original de todo movimento na Natureza: ele move o ar mais sutil na superfície externa das atmosferas dos corpos celestes opacos. Esse ar externo e sutil, posto em movimento, movimenta o ar seguinte, em direção à região das nuvens e dos vapores. Contudo, à medida que as atmosferas se tornam

gradualmente mais espessas, isto é, mais carregadas de vapores, quanto mais próximas do mar e da terra, o movimento torna-se sucessivamente e gradualmente mais lento.

Que o ar é movido pelo Éter ou fogo pode-se observar pelo constante movimento da atmosfera; que o ar, uma vez posto em movimento, move as águas, é algo bem conhecido por quem navega mares e rios. Que a água move a terra é evidente pela areia, lama e pedras que as águas continuamente transportam de um lugar a outro. Aqui a água carrega, ali acumula areia e até costas inteiras: agora, todo movimento manifesta calor do fogo universal onipresente, mesmo que esse calor seja perceptível ou não, pois isso depende das circunstâncias. Nos animais vivos esse calor, ocasionado pelo movimento do fogo onipresente, é bastante perceptível, enquanto que esse mesmo movimento é imperceptível nos vegetais e nos minerais. Toda vida procede do movimento do fogo universal, pois uma total privação de ação e calor extingue a vida. A partir disso, que o Estudante conclua que existe calor perceptível e imperceptível.

Dizemos isso porque em todos os Elementos existe calor inato, que às vezes é observável e outras vezes não; isso nem sempre depende dos raios de luz concentrados, nem do calor central da terra. Todo sujeito sob o Sol, embora invisivelmente pequeno, contém vida ou fogo, e portanto os quatro Elementos.

Ora, se todo sujeito contém Céu ou fogo, então todo sujeito possui movimento, quer este seja visível e perceptível ou não; ainda assim há movimento nele.

O Céu nunca repousa: ele deve ter movimento, venha ele de onde vier; e, embora esse princípio possa parecer inativo ou em repouso, ainda assim possui influências invisíveis, virtudes e poderes. Por exemplo, uma planta, raiz ou erva, ou minério arrancado do local onde cresceu, parece morto, porque está impedido de crescer até alcançar maior perfeição; mas, como o Céu está dentro dele e nunca repousa, ele ainda continua a mostrar seus poderes e virtudes quando essa planta ou minério é transformado em medicamento.

O Amante das Verdades Naturais vê aqui de onde cada Concreto deriva seu poder, a saber, do Céu implantado em seu interior e do exterior, de seu movimento perpétuo, calor e calor vital. Portanto, não busque em vão por um sujeito, por maior ou pequeno que seja, que esteja privado de vida, ou seja, de Céu, ar, água e terra. É razoável que os filhos se assemelhem ao pai e à mãe; ora, como todas as coisas procederam do Caos Primevo, elas devem compartilhar das mesmas propriedades. Essa propriedade era o fogo e a umidade, mas o fogo é o motor.

Assim, o fogo ou espírito está difundido por todo o sistema da Natureza, de modo que a mais ínfima gota de água ou o menor átomo de areia ou terra está cheio desse espírito universal. Observa aqui que toda diferença entre as coisas reside apenas na volatilidade ou fixidez; ou seja: volatilidade e fixidez causam as mudanças e diferentes modulações da Matéria, e todo o propósito da Natureza é

corporificar e fixar o Céu, para que ele se torne útil e salutar; o que o Céu não poderia realizar senão por meio dos vapores como intermediários graduais, pois deve comunicar-se com a Terra por meio do ar e da água. Deus ordenou sabiamente que o Céu se tornasse corpóreo e fosse convertido em todos os Elementos, assim como os elementos inferiores são, pela sutilização, convertidos em ar e fogo ou Céu, a fim de serem reimpregnados e renovados pelas influências celestes, para a geração, preservação, destruição e regeneração de todas as coisas. Explicamos a ti como os vapores são convertidos em ar e o ar em fogo, e agora examinaremos a natureza desses vapores.

Dissemos que existe na Terra um calor inato, que acreditamos ser mais forte no centro da Terra, por causa de seu movimento veloz. Esse calor celeste causa uma transpiração contínua e sublimação de vapores; tais vapores são orvalhos e névoas. Esses vapores são duplos e quádruplos.

Duplos porque consistem em água e terra, quádruplos porque contêm os quatro Elementos, os quais não podem existir sem a assistência uns dos outros; que eu chame esses vapores de água e terra se deve ao fato de conterem esses dois elementos volatilizados e sutilizados, e se eles ascendem, são ainda mais sutilizados e convertidos em ar e fogo ou Céu.

Que esses vapores tenham sido água será facilmente admitido, mas que contenham também terra sutilizada pode talvez ser duvidado; mas observa que já afirmei que um Elemento é o condutor do outro, e que um Elemento dissolve e sutiliza o outro.

O fogo dissolve e sutiliza o ar, o ar dissolve e sutiliza a água, a água dissolve, sutiliza e amolece a terra; e vice-versa: a terra condensa a água, a água condensa o ar, o ar condensa ou corporifica o Céu ou fogo, por meio do qual o ar torna-se animado, como já explicamos anteriormente, e se transforma nesse Spiritus Mundi. Assim, um Elemento é para o outro seu Ímã, solvente, princípio volatilizante, condensador, coagulador e fixador.

Deves observar aqui que a Natureza possui seus graus de volatilidade e fixidez; por exemplo, a parte do fogo que está mais próxima da atmosfera não é tão pura ou sutil quanto a que está mil léguas acima dela. Da mesma maneira, o ar atmosférico mais elevado é mais puro, mais frio e mais sutil, assim como mais seco, do que o ar que está próximo de nós, que respiramos. As superfluidades da água também são mais leves, mais aéreas e mais sutis do que as águas espessas e lamacentas que se depositam sobre cascalhos, pedras, corais, cobrindo-os com uma lama ou lodo sutil.

A Terra também tem seus graus de sutilidade e fixidez: nela encontramos sucos terrosos, substâncias sulfúreas e betuminosas, como o carvão mineral, argilas, barros, minerais, minérios e metais, rochas, pedras e seixos, e as gemas preciosas de maravilhosa fixidez. A terra mais volátil é amolecida e dissolvida pela água, depois ainda mais volatilizada em ar e fogo. E vice-versa: o fogo mais inferior

mistura-se e corporifica-se mais rapidamente com o ar do que o fogo mais remoto; do mesmo modo, o ar atmosférico mais inferior mistura-se mais prontamente com a água e a ela se transforma do que o ar mais puro e elevado; as águas lamacentas e inferiores transformam-se em terra mais rapidamente do que as águas superficiais mais leves.

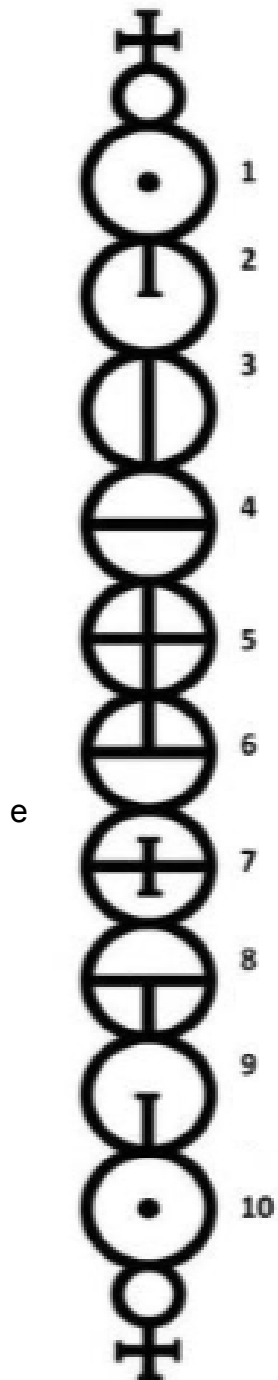
A Terra volátil e solúvel, especialmente sua terra virgem, isto é, seu sal, dissolve-se mais prontamente em água do que um seixo ou grão de areia. A água volátil é convertida mais rapidamente em ar inferior do que as águas profundas jamais poderiam ser.

Se nos compreendeste corretamente, mostramos-te aqui o verdadeiro início da Natureza e a verdadeira Primeira Matéria. Como os quatro Elementos procedem dos vapores primordiais, eles são obrigados a gerar continuamente tal vapor, com os mesmos princípios e substâncias, o qual é convertido pela Natureza em uma água caótica, e cai em forma de chuva. Nessa água caótica está contido, de forma invisível, o esperma universal para a geração, preservação, destruição e regeneração de todas as coisas.

Agora que tratamos da regeneração do Caos ou dos Vapores Universais, iremos mostrar-te mais adiante seu poder e virtude, para que possas tocá-lo com as mãos, assim como vê-lo com os olhos.

Ora et Labora!

A CORRENTE DOURADA DE HOMERO



LEGENDA:

1. Após a diferenciação do CAOS, separa-se um Fogo Volátil.

2. Ele é chamado de Espírito do Mundo. Orvalho, granizo, chuva, neve e tudo o que vem da atmosfera são seus fiéis companheiros. Neles está oculta a Essência volátil dos mundos das Regiões Superiores, que assume um aspecto palpável e visível quando desce às Regiões Inferiores.

3. O Nitro é conhecido pelo mundo, mas a extensão de suas virtudes não é. Todas as coisas são feitas com o Nitro. As Regiões Inferiores estão sob sua dominação. As Superiores nada podem sem ele. O Nitro é o pai de toda a natureza. É a causa dos terremotos. Seus poderes lhe foram dados pelo Criador. Ele domina os céus, a terra e o mar. É o ADÃO de todas as coisas, do qual a EVA tem sua origem. Seu objetivo se cumpre quando a terra é fertilizada, quando o ADÃO foi fixado e já não pode fulminar, e quando a EVA se encontra sentada ao seu lado. Os movimentos do Sol, da Lua, da Terra do mar continuamente aproximam ADÃO e EVA.

4. Pelo calor e pelo frio, e pelos fluxos e refluxos do mar, transforma-se o que vem da chuva em sal comum e em álcali. Alimentando os filhos da terra com seu sangue.

5. Quando o masculino e o feminino se encontram, cria-se um fruto perfeito.

6. O mundo animal volátil demonstra isso.

7. O mundo vegetal hermafrodita está entre o fixo e o volátil, e também o demonstra.

8. As terras fixas, as pedras, as gemas são prova de que pertencem ao Nitro e ao Sal. O ar, a água e a terra retêm seu princípio ativo unicamente do Nitro.

9. Quando, então, o nobre esperma do mundo foi fixado e os vapores e a água foram convertidos em uma terra fixa, cumpre-se tudo aquilo que os sábios mais estimam. O volátil tornou-se fixo e os vapores e a umidade se transformaram em terra e em um Sangue Vermelho Seco. Esta é a mais alta bênção e o tesouro do mundo.

10. A perfeição perfeita afasta a doença e a pobreza.

		CAOS AMORFO
Espírito Volátil da Terra Incorpórea.		Nitro incorpóreo espiritual contendo o Fogo universal sem uma Base ou corpo alcalino.
Espírito ácido terroso corpóreo.		Nitro, ou Espírito do Mundo corporificado na terra. Enxofre ♂. Natureza, Masculino.
Espírito Fixo Terroso: álcali corporal.		Sal marinho ou Espírito do Mundo corporificado na Água ♀ e sal. Natureza, Feminina.
Substância primária de todos os Corpos.		Nitro e Sal unidos.
Reino Animal.		O mais volátil.
Reino Vegetal, ou seja, Ácido.		Entre o Volátil e o Fixo. O mediador.
Reino Mineral.		Fixo. O espírito volátil aqui desce.
Tintura Fixa Terrosa pura e concentrada, Extractum chaoticum.		A tintura não fermentada.
Quintessência universal perfeita e concentrada.		Fermentada e especificado com Ouro ou Sol. Lapis philosophorum.

Lição 21: Separação dos Três Elementos

Caro Amigo,

Esta lição é dedicada à separação dos três princípios alquímicos, a saber, ♄, ♀ e ☾, do reino mineral ou metálico.

Já dissemos que existem vários métodos possíveis. Nesta lição, descreveremos o método dos acetatos.

O aparato utilizado é o mesmo descrito na Lição Mineral nº 18. Ele tem a vantagem de permitir uma separação limpa e também de possibilitar variações no processo, dependendo do resultado almejado.

O sal é preparado de acordo com as instruções dadas na Lição nº 18. A formação do próprio acetato deve ser realizada com Vinagre de Radical Nítrico.

As explicações já fornecidas são suficientes para nosso trabalho no momento. No entanto, retomaremos mais adiante a questão do Vinagre de Radical Nítrico e da preparação dos acetatos, particularmente no que diz respeito aos alkahests.

Encha o balão de fundo redondo B1 até a metade com sal. O balão B1 deve, preferencialmente, ter capacidade de 1/2 litro e não deve ter junta de vidro esmerilhado. O aquecedor de balão CB deve ser revestido com caulim úmido, moldado exatamente ao formato do balão. Deixe secar reduzindo a voltagem; caso contrário, o balão gruda na carcaça do aquecedor e tudo se perde.

Você também pode aquecer em um banho de areia. Os pontos principais são: primeiro, manter o balão B1 com a mesma forma, pois ele pode amolecer; segundo, aumentar o calor progressivamente.

A rolha é feita de silicone. O condensador R1 pode funcionar com um reservatório de água de 1 litro ou 2 litros, mantido a cerca de 40 °C. Essa água pode circular em um circuito fechado com uma pequena bomba elétrica (como de limpador de para-brisa, aquário etc.).

O balão B2 também é mantido a 40 °C pelo líquido de CD (CD pode ser usado como reservatório de água para o condensador R1). O objetivo desta primeira parte do sistema é condensar o fleuma em B2 e impedir que o também se condense ali. Os vapores de ♄ costumam ser voláteis a 35 °C. Neste caso, quando a temperatura cai de 40 ou 50 no condensador, ele condensa o fleuma mas impede a condensação do ♄.

O condensador R2 também pode funcionar se for resfriado por um reservatório de água com uma pequena bomba, e o CE do balão B3 pode ser usado como reservatório para ele. No entanto, em R2, a temperatura da água será de 0 °C (32 °F), o que fará com que o ♄ condense em B3 e os vapores de ♀ já estejam resfriados.

Esses vapores circulam pela serpentina de vidro de E1, que está imersa, junto com seu balão de fundo redondo, em um líquido AC cuja temperatura está, no mínimo, a $-30\text{ }^{\circ}\text{C}$. Isso pode ser obtido com álcool⁸³ ou outro líquido de baixo ponto de congelamento, com o auxílio de um freezer ou refrigerador de laboratório com circulação⁸⁴.

Também é possível atingir $-70\text{ }^{\circ}\text{C}$ enchendo o CF com acetona⁸⁵ e jogando pequenos cubos de gelo seco⁸⁶ dentro.

Cuidado: Gelo seco não deve ser manuseado com as mãos, mas com pinças. Seu frio extremo causa queimaduras graves.

O aparato TE-TF é um tubo de borbulhamento cheio de álcool absoluto e mantido a $0\text{ }^{\circ}\text{C}$ ($32\text{ }^{\circ}\text{F}$) durante a operação. Sua função é dissolver os vapores de H_2O que não se condensaram, caso a refrigeração de E1 não tenha sido suficiente ou o calor extremo de B1 tenha causado uma liberação muito rápida dos vapores.

Modo operatório:

⁸³ O **etanol puro** possui um ponto de congelamento de aproximadamente $-114\text{ }^{\circ}\text{C}$, enquanto o **etanol comercial**, como o utilizado em bebidas ou soluções laboratoriais diluídas, congela a temperaturas mais elevadas, dependendo da concentração de água. Por exemplo, uma solução com **70% de etanol** congela por volta de $-39\text{ }^{\circ}\text{C}$, e soluções ainda mais diluídas podem congelar em freezers domésticos. Essa diferença ocorre porque a presença de água eleva o ponto de congelamento da mistura, reduzindo a influência do etanol puro sobre o comportamento térmico da solução.

⁸⁴ O **chiller** é um equipamento de refrigeração que opera por meio de um ciclo termodinâmico fechado, utilizando um fluido refrigerante para remover calor de um meio (geralmente água ou solução aquosa), que é então recirculado para resfriar sistemas laboratoriais ou industriais. Seu funcionamento envolve quatro etapas principais: compressão, condensação, expansão e evaporação do fluido refrigerante. Em operações de **destilação**, o chiller é amplamente utilizado para **resfriar o condensador**, promovendo a condensação eficiente dos vapores e evitando perdas por evaporação. Além disso, oferece **controle térmico preciso**, economia de água e maior segurança operacional, sendo especialmente útil em destilações sob pressão reduzida ou com solventes voláteis.

⁸⁵ A **acetona de uso cosmético**, embora quimicamente similar, não é adequada para aplicações laboratoriais devido à presença de impurezas e aditivos que podem comprometer a precisão de análises e reações químicas. Para fins científicos, deve-se utilizar exclusivamente acetona com grau de pureza analítica (ex: P.A. ou HPLC). Além disso, há uma diferença significativa em seus **pontos de congelamento**: enquanto a **acetona P.A.** congela a aproximadamente $-94,7\text{ }^{\circ}\text{C}$, a **acetona de uso cosmético**, por conter água e outros solventes, apresenta um ponto de congelamento **mais elevado e variável**, geralmente entre $-30\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $-50\text{ }^{\circ}\text{C}$, dependendo da formulação. Essa diferença reforça a inadequação do uso cosmético em contextos que exigem controle térmico rigoroso.

⁸⁶ O **gelo seco**, forma sólida do dióxido de carbono (CO_2), possui temperatura de sublimação em torno de $-78,5\text{ }^{\circ}\text{C}$, o que o torna extremamente eficaz para **resfriamento em operações de destilação**, especialmente na condensação de vapores voláteis ou na manutenção de temperaturas muito baixas em armadilhas frias. Entre suas principais vantagens estão: **alta capacidade de resfriamento**, **ausência de resíduos líquidos** (pois sublima diretamente para o estado gasoso) e **facilidade de manuseio em comparação com sistemas criogênicos mais complexos**. É amplamente utilizado em destilações sob vácuo, onde o controle térmico rigoroso é essencial para evitar perdas por evaporação ou decomposição térmica dos compostos.

Para cobre ou chumbo, trabalhe sozinho no laboratório; para antimônio, podem estar presentes várias pessoas.

No caso do chumbo ou do antimônio, os cristais começam a derreter. Após essa fusão, o fleuma escapa e o estado sólido se restabelece.

Forma-se uma fumaça branca espessa e viscosa que preenche todo o aparato. Em B3, condensa-se um óleo vermelho. Em E1 condensa-se um ♀ que frequentemente tem coloração rosada. Se a destilação for bem lenta, o rendimento de ♀ será melhor. A fumaça branca persiste por cerca de uma a três horas.

Os vapores brancos devem exalar um leve aroma de maçã, que permeia todo o ambiente.

Se você não obtiver condensado em E1, o álcool de TE-TF ficará ligeiramente colorido. Ele deve ser mantido a no máximo 10 °C com o balão aberto e a 30 °C com o balão fechado. Se a operação for bem-sucedida, então o álcool pode extrair a tintura do ouro e dissolver o metal dentro de um ano a 18 meses.

O ♀ de B3 e o ♀ de E1 devem ser redestilados separadamente. De fato, o ♀ fixou algum ♀, e uma quantidade sensível de ♀ foi levada por ♀. Mais adiante, analisaremos mais detalhadamente como esses produtos são usados e manuseados.

Esses dois produtos, um claro e outro vermelho, são os vinhos filosóficos branco e vermelho descritos por Weidenfeld⁸⁷ e por Brouant⁸⁸ em seu livro *Anatomie du vin* (Anatomia do Vinho).

O resíduo sólido é cobre no caso do cobre, e o leão negro no caso do chumbo e do antimônio.

Vários métodos possíveis serão estudados mais tarde. No entanto, no caso do antimônio, uma calcinação a 1000 °C (1832 °F) produz um vidro branco, ligeiramente azulado, lentamente solúvel em água.

⁸⁷ **Johann Seger Weidenfeld**, autor do tratado alquímico *De Secretis Adeptorum, sive De usu Spiritus Vini Lulliani*, publicado em Hamburgo em 1685, é reconhecido por sua tentativa de sistematizar os ensinamentos alquímicos dos adeptos em linguagem acessível. A obra, dividida em quatro livros, trata do uso do “espírito de vinho de Lúlio” — uma forma altamente purificada de álcool — como agente central na preparação de remédios alquímicos e na transmutação de substâncias. Weidenfeld buscava distinguir práticas legítimas da alquimia espiritual e operativa, criticando charlatões e defendendo uma alquimia cristã e racional.

⁸⁸ **Jean Brouaut** (fl. século XVII), médico e alquimista francês, autor do *Traité de l'Eau de Vie ou Anatomie théorique et pratique du vin* (Paris: Jacques de Senlecque, 1646). A obra, dividida em três livros, detalha os processos de fermentação e destilação do vinho e explora as propriedades terapêuticas das aguardentes. Em alguns manuscritos e catálogos posteriores, o nome aparece grafado como “Brouant”, mas as evidências indicam que se trata de um erro de transcrição ou impressão, não de um autor distinto.

Cuidado:

Esse vidro penetra através do cadinho, portanto coloque o cadinho sobre uma cama de caulim dentro de um recipiente de aço inoxidável. Quando estiver frio, coloque o cadinho em um recipiente cheio de água destilada. Após quinze dias, colha o sal por coagulação. Este sal, se for disposto para deliquescer sobre uma placa de vidro durante os signos de Áries e Touro, produz o óleo espagírico de antimônio de Basilio Valentim.

O balão B4 deve ser usado para a fabricação do alkahest sintetizado de Basilio Valentim, um experimento muito delicado que será explicado em uma lição futura. Nesse caso, os vapores de B4 passam para E1, com a torneira TC fechada.

Em uma lição futura sobre o assunto, daremos a diferença entre o sal fixo do metal e seu sal essencial. A extração descrita nesta lição diz respeito apenas ao sal fixo.

O Leão Negro do chumbo requer um tratamento diferente daquele do antimônio.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA



Lição 22: Artephius e Antimônio

Caro Amigo,

ARTEPHIUS

Os alquimistas operativos concordam que os escritos alquímicos de Artephius estão entre os segredos mais abertos e mais sinceros. O tratado aqui apresentado confirma a importância do trabalho com o antimônio.

Este texto merece um estudo longo e paciente.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

A EPÍSTOLA DE JOHN PORTANUS

Mencionada no Prefácio do Livro Secreto de Artephius⁸⁹.

Na qual ele dá testemunho do livro traduzido da cópia latina existente no terceiro volume do Theatrum Chymicum⁹⁰, na página 775.

Fielmente reescrita por um mero estudante da Arte Hermética. 1976

Eu, John Pontanus⁹¹, viajei por muitos países para que pudesse conhecer alguma certeza sobre a Pedra dos Filósofos, e, percorrendo praticamente todo o mundo, encontrei muitos falsos enganadores, mas nenhum verdadeiro Filósofo. Contudo, estudando continuamente e nutrindo muitas dúvidas, por fim encontrei a verdade. Mas, mesmo conhecendo a matéria de forma geral, ainda errei duzentas vezes antes de conseguir alcançar a verdadeira matéria com sua operação e prática.

Primeiro, comecei a trabalhar com a matéria por meio da putrefação durante nove meses seguidos, e nada encontrei. Então a coloquei em um Balneum Mariae⁹², por um certo tempo, e também aí errei. Depois a submeti ao fogo de calcinação por um espaço de três meses e trabalhei em vão. Experimentei todos os tipos de

⁸⁹ **O Livro Secreto de Artephius** (*The Secret Book of Artephius*) é um tratado alquímico atribuído ao misterioso autor medieval **Artephius**, cuja identidade permanece incerta. Estima-se que o texto tenha sido escrito por volta do século XII e exerceu grande influência sobre alquimistas posteriores, como Roger Bacon. A obra, escrita em linguagem simbólica e alegórica, descreve o processo de obtenção da Pedra Filosofal e a transmutação dos metais, sendo considerada uma das peças centrais da tradição esotérica ocidental.

⁹⁰ **Theatrum Chymicum** é uma monumental coletânea de tratados alquímicos publicada pela primeira vez em **1602**, em **Oberursel**, pelo editor **Lazare Zetzner**. A obra, escrita em latim, foi organizada em **seis volumes** ao longo de quase seis décadas, reunindo textos clássicos e medievais de diversos autores, conhecidos e anônimos, tornando-se a mais abrangente compilação de literatura alquímica da tradição ocidental.

⁹¹ **John Pontanus** foi um alquimista europeu ativo entre os séculos XVI e XVII, conhecido principalmente por sua obra *Epistola de Igne Minerali* ("Epístola sobre o Fogo Mineral"), publicada originalmente em latim por volta de 1600. Nesse tratado, Pontanus relata suas longas buscas e experimentações em torno da Pedra Filosofal, descrevendo com franqueza seus erros e aprendizados. A obra teve grande repercussão entre alquimistas ingleses e foi traduzida e reeditada diversas vezes ao longo do século XVII.

⁹² **Maria, a Judia** — também conhecida como Maria, a Profetisa — foi uma das primeiras alquimistas da tradição ocidental, ativa no Egito helenístico por volta do século III a.C. É a ela atribuída a invenção do método de aquecimento indireto por meio de água quente, conhecido até hoje como **banho-maria**, nome que faz referência direta à sua autoria. Esse sistema permitia um controle mais preciso da temperatura em experimentos alquímicos, sendo posteriormente adotado em práticas laboratoriais e culinárias.

destilações e sublimações (como dizem, ou parecem dizer, os Filósofos Gibor⁹³, Archolaus⁹⁴ e todos os demais) e nada encontrei. Em resumo, tentei aperfeiçoar o sujeito de toda a Arte da Alquimia por todos os meios possíveis e imagináveis: banhos de esterco, cinzas e outros fogos de diferentes tipos, conforme se encontram nos livros dos Filósofos, mas nada de bom obtive deles. Por isso, estudei durante três anos inteiros os livros dos Filósofos, especialmente o de Hermes, cujas palavras breves encerram toda a Pedra, embora ele tenha falado obscuramente sobre o Superior e o Inferior (sobre aquilo que está acima e aquilo que está abaixo), sobre o céu e a terra.

Portanto, o nosso instrumento, que traz a matéria à existência no início, no segundo e no terceiro trabalho, não é o fogo de um banho, nem de esterco, nem de cinzas, nem dos outros fogos que os Filósofos mencionaram em seus livros. Que fogo é, então, aquele que aperfeiçoa toda a obra, do começo ao fim? Certamente, os Filósofos o ocultaram, mas eu, movido de piedade, vou declará-lo a você, juntamente com o complemento de toda a obra.

A Pedra dos Filósofos, portanto, é uma só, mas tem muitos nomes, e antes de você conhecê-la, será muito difícil reconhecê-la, pois ela é aquosa, aérea, ígnea, terrosa, fleumática, colérica e melancólica. Pois é Sulfurosa e também é Argent-vivo], e possui muitas superfluidades, que, pelo Deus vivo, são transformadas na verdadeira essência, sendo nosso fogo o meio para isso. Quem separa qualquer coisa do sujeito, pensando que seja necessário, na verdade nada sabe de Filosofia, pois aquilo que é supérfluo, impuro, imundo, fétido e, em suma, toda a substância do sujeito é aperfeiçoada em um corpo espiritual fixo por meio do nosso fogo, e isso os sábios jamais revelaram. Por isso, poucos chegam à Arte, pensando que existe alguma coisa supérflua ou impura a ser descartada.

Agora devemos ver e descobrir as propriedades do nosso fogo e se ele está de acordo com a nossa matéria da maneira que descrevi, ou seja, que ele possa ser transmutado. Pois esse fogo não queima a matéria, não separa nada dela, não divide as partes puras das impuras, como todos os Filósofos dizem, mas transforma

⁹³ **Gibor** é um nome citado ocasionalmente em contextos esotéricos e alquímicos, mas não corresponde a nenhuma figura reconhecida entre os alquimistas clássicos. É possível que se trate de uma **variação ortográfica, erro de transcrição ou mesmo um nome cifrado**, como era comum em tratados herméticos, podendo remeter indiretamente a outro autor. Uma hipótese recorrente é que “Gibor” seja uma referência velada a **Geber**, pseudônimo latinizado do alquimista árabe *Jabir ibn Hayyan*.

⁹⁴ **Archolaus**, também grafado como **Archelaus**, foi um alquimista grego de época incerta, conhecido por sua obra *Peri tês Hierês Tékhneês* (“Sobre a Arte Sagrada”), um poema em grego com mais de trezentos versos jâmbicos. Embora pouco se saiba sobre sua vida, sua obra foi publicada pela primeira vez em 1842 por Julius Ludwig Ideler na coletânea *Physici et Medici Graeci Minores*. O texto é considerado uma contribuição tardia à tradição alquímica helenística e foi posteriormente citado em compilações como o *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology* de William Smith.

todo o sujeito em pureza. Ele não sublima como Geber⁹⁵ faz suas sublimações; Arnold⁹⁶, igualmente, e outros, falando de sublimações e destilações a serem feitas em curto espaço de tempo.

Ele é mineral, equilibrado, contínuo, não evapora a menos que seja excessivamente agitado, participa do enxofre, é obtido de outro lugar que não da matéria, derruba todas as coisas, dissolve e congela, igualmente congela e calcina, e é muito artístico de se encontrar. Além disso, é um caminho breve e próximo, sem custo, ou pelo menos com pequeno custo, e essa ignição se dá com um fogo moderado, pois com um fogo suave toda a obra se aperfeiçoa e ele realiza, com isso, todas as diversas sublimações.

Aqueles que leem Geber e todos os outros Filósofos, ainda que vissem 100.000 anos, não poderiam compreendê-lo, porque esse fogo só é encontrado por meditações profundas e profusas, e só então pode ser colhido dos livros, e não antes. Por isso, o erro desta Arte consiste em não encontrar o fogo que transforma toda a matéria na verdadeira Pedra dos Filósofos. Portanto, estude-o, pois se eu tivesse encontrado isso primeiro, nunca teria errado 200 vezes na minha prática com a matéria. Por isso, não me espanto se tantos homens grandes e sábios não tenham alcançado a obra; eles erram, erraram e continuarão a errar, porque os Filósofos não colocaram o agente correto, salvo apenas um, chamado Artephius, mas ele fala por si ou consigo mesmo, e se eu não tivesse lido Artephius e deixado que ele me falasse, nunca teria chegado ao complemento da obra.

Mas a prática é esta: Que se tome a matéria e se triture com uma confusão física, tão diligentemente quanto possível, e que se coloque ao fogo, e que se conheça a proporção do fogo, ou seja, que ele apenas agite a matéria, e em pouco tempo esse fogo, sem qualquer imposição de mãos, realizará toda a obra, porque ele irá putrefazer, corromper, engendrar e aperfeiçoar, fazendo aparecer as três cores principais: preto, branco e vermelho. E, por meio do nosso fogo, a medicina será multiplicada se for unida com a matéria crua, não apenas em qualidade, mas também em virtude; com toda a tua força, portanto, busca esse fogo, e alcançarás teu desejo, pois ele realiza toda a obra e é a chave dos Filósofos, que eles nunca

⁹⁵ O alquimista **Geber**, nome latinizado de *Jabir ibn Hayyan* (c. 721–815), é considerado uma das figuras fundadoras da alquimia árabe e da química experimental. A ele são atribuídas inovações como o uso do alambique, a descoberta da água régia e a sistematização de métodos laboratoriais. No entanto, a partir do século XIII, o nome “Geber” passou a ser utilizado por autores europeus anônimos — conhecidos como **Pseudo-Geber** — que escreveram tratados alquímicos em latim, como a influente *Summa Perfectionis*. Esses textos, embora inspirados na tradição árabe, apresentam conteúdos distintos e refletem a recepção e adaptação da alquimia no Ocidente medieval.

⁹⁶ **Arnold de Villanova** (c. 1235–1311) foi um médico, teólogo e alquimista catalão, amplamente reconhecido por seus escritos sobre medicina e alquimia cristã. A ele são atribuídos diversos tratados, como o *Rosarium Philosophorum* e o *Speculum Alchemiae*, nos quais defende a compatibilidade entre fé cristã e a busca pela Pedra Filosofal. Sua obra exerceu grande influência na tradição alquímica medieval e renascentista, sendo frequentemente citada em compilações como o *Theatrum Chymicum*.

revelaram. Mas se meditares bem e profundamente sobre essas coisas que foram ditas acerca das propriedades do fogo, poderás conhecê-lo; caso contrário, não.

Eu, movido de piedade, escrevi estas coisas, mas para que eu te satisfaça plenamente: este fogo não se transmuta com a água. Estas coisas, portanto, julguei por bem dizer, e advertir aos prudentes que não gastem seu dinheiro de forma inútil, mas que saibam o que devem buscar; por este meio poderão chegar à verdade da Arte, e de nenhum outro modo.

Adeus.

FINIS

A Filosofia Hermética.

Eu atraio todos aqueles que buscam Deus e a verdade; estes apenas encontrarão a arte. Eu sou a Pedra-Imã do amor divino; atraindo os homens de férrea índole à estrada da verdade.



PRIMA MATERIA.

Eu sou a mistura que preserva todas as coisas na natureza e lhes faz viver. Eu passo dos planos superiores aos inferiores. Eu sou o orvalho celestial e a gordura da terra;

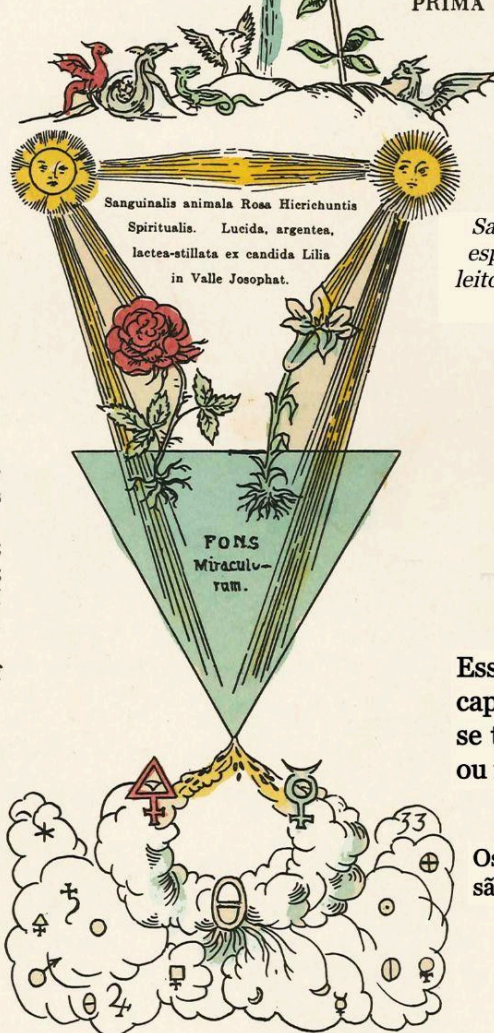
Eu sou a água ígnea e o fogo aquoso; nada pode viver sem mim no tempo; Eu sou próximo de todas as coisas, dentro e através de todas as coisas, ainda assim desconhecido.

Todavia Eu estou apenas no entendimento dos Filósofos. Eu me desdubro e me dobro novamente.

Trazendo contentamento aos artistas.

Sem mim nada podes fazer. Promovendo todos os seus afazeres.

Portanto tema Deus, ore e trabalhe com paciência, se você me encontrar seu querer cessará e você terá um Deus misericordioso que muito lhe quer bem e dará a você tudo o que seu coração deseja.



Sangue animal Rosa de Jericó espiritual. Brilhante, prateada, leitosa-engastada a partir do lírio branco no Vale de Josafá.

Essa umidade deve ser capturada, para que não se transforme em vapor ou fumaça.

Os dois vapores ou fumaças são as raízes da arte.

A Prima Materia deriva sua existência do Fiat, a Palavra da criação. E essa Palavra vem do Pai, que é o criador de todas as coisas, e o Espírito emana de ambos: Este é o ar vivificante de Deus. Então, o ar também dá vida a tudo dentro dos elementos. O fogo aquece todas as coisas, a água refresca, deleita e penetra todas as coisas: E o sal nitroso, como uma mãe, nutre e sustenta todas as coisas; o ar nasceu do fogo, e por sua vez faz o fogo queimar, para que ele possa viver, mas o ar na forma de água é alimento para o fogo, e o fogo se transforma nesse elemento: A água e o orvalho da terra, a gordura oleosa do fundo da terra, a terra como guardiã do sal nitroso a nutre. Pois o ventre da terra é o sal nitroso-sulfuroso da natureza, a única coisa boa que Deus criou neste mundo visível.

A mesma Mãe-Sal dos elementos é o sal nitroso, aluminado e espiritual da água gomosa, Θ terra ou cristal, que tem a Natureza em seu ventre, um Filho do Sol, e uma Filha da Lua. É um Hermafrodita, nascido do vento, uma fênix vivendo no fogo, um pelicano, revivendo seus queridos filhotes com seu sangue; o jovem Ícaro, afogado na água, cuja ama é a terra, cuja Mãe é o vento; cujo Pai é o fogo, a água sua cuidadora e bebida, uma pedra e nenhuma pedra, uma água e nenhuma água, no entanto uma pedra de poder vivo e uma água de força viva; um enxofre, um mercúrio, um sal, oculto profundamente na natureza, e que nenhum tolo jamais conheceu ou viu.

Deus vendit sua dona pro labore.



Traduzido do latim por William Salmon, professor de física

CAPÍTULO III

DA COMPOSIÇÃO DO NOSSO VINAGRE ANTIMONIAL, OU ÁGUA SECRETA.

I. O Antimônio é um mineral que participa de partes Saturninas e possui em todos os aspectos a natureza de Saturno. Este Antimônio Saturnino é compatível com o Sol e contém em si o Argent-vivo, no qual nenhum metal é consumido, exceto o Ouro; e o Ouro é verdadeiramente absorvido por este Argent-vivo Antimonial.

II. Sem este Argent-vivo, nenhum metal pode ser branqueado; ele branqueia o Latão, ou seja, o Ouro; e reduz um Corpo perfeito à sua Prima Matéria ou primeira matéria (isto é, em Enxofre e Argent-vivo), de uma cor branca e mais brilhante que um espelho.

III. Ele dissolve (digo) o Corpo perfeito que é assim por sua própria natureza, pois esta Água é amiga e compatível com os metais, branqueando o Sol porque contém em si o Argent-vivo branco ou puro.

IV. E de ambos pode-se extrair um grande Arcanum, isto é, uma Água de natureza Saturnina e Mercurial, branca; com a finalidade de branquear o Sol, não queimando, mas dissolvendo-o, e depois coagula-se até adquirir a consistência semelhante à de um creme branco.

V. Por isso, diz o Filósofo, esta Água torna o Corpo volátil; pois, depois de dissolvido nela e resfriado, ele ascende e flutua sobre a superfície da Água.

VI. Tome-se (diz ele) Ouro em folha cru, ou calcinado com Mercúrio, e coloque-o em nosso Vinagre, feito de Antimônio Saturnino, Mercurial e Sal Amoníaco, como foi dito, em um vaso de vidro largo, com quatro polegadas de altura, ou mais; aplique-se um calor suave e, em pouco tempo, você verá elevado, como um líquido, um óleo nadando por cima, muito semelhante a uma espuma.

VII. Recolha isto com uma colher, ou com uma pena de mar, mergulhando-a; faça isso várias vezes ao dia, até que nada mais surja; evapore a Água com um calor suave, ou seja, a umidade supérflua do Vinagre, e restará a Quintessência, as Potestades ou Poderes do Ouro, na forma de um óleo branco incombustível.

VIII. Neste óleo os Filósofos colocaram seus maiores Segredos; ele é extremamente doce e de grande virtude para aliviar as dores de feridas.

CAPÍTULO IV

DAS OPERAÇÕES DO NOSSO VINAGRE ANTIMONIAL OU ÁGUA MINERAL.

I. O todo deste Segredo Antimonial é, portanto, que saibamos como, por meio dele, extrair ou retirar o Argent-vivo do Corpo da Magnésia, sem queimar, e isto é o Antimônio, e um Sublimado Mercurial.

II. Ou seja, deve-se extrair uma Água viva e incombustível, e então coagulá-la ou congelá-la com o Corpo perfeito do Sol, isto é, Ouro puro, sem liga; o que se faz dissolvendo-o em uma substância natural e branca, de consistência cremosa e tornada perfeitamente branca.

III. Mas primeiro, este Sol, pela putrefação e resolução nesta Água, perde toda a sua luz ou brilho, tornando-se escuro e negro, depois ascenderá sobre a Água e, pouco a pouco, flutuará nela, numa substância de cor branca.

IV. E isto é o branqueamento do Latão Vermelho, para sublimá-lo filosoficamente e reduzi-lo à sua primeira matéria, isto é, a um Enxofre branco incombustível e a um Argent-vivo fixo.

V. Assim, a umidade fixa, a saber, o Ouro, nosso Corpo, pela repetição da Liquefação ou Dissolução nesta nossa Água dissolvente, é transformada e reduzida a um Enxofre fixo e a um Argent-vivo fixo.

VI. Assim, o Corpo perfeito do Sol recobra a vida nesta Água; é revivido, inspirado, cresce e se multiplica em espécie, como todas as outras coisas.

VII. Pois nesta Água acontece que o corpo composto de dois corpos, ou seja, Sol e Lua, inflama-se, incha, putrefaz-se, eleva-se e aumenta, recebendo da natureza e substância vegetal e animada.

VIII. Nossa Água também, ou Vinagre mencionado, é o Vinagre das Montanhas, ou seja, de Sol e Lua; e por isso mistura-se com Ouro e Prata, e adere a eles perpetuamente; e o Corpo recebe desta Água uma Tintura branca, e brilha com um brilho inestimável.

IX. Quem, portanto, souber converter ou transformar o Corpo em um Ouro branco medicinal, poderá facilmente, por meio deste mesmo Ouro branco, transformar todos os metais imperfeitos na melhor e mais pura Prata.

X. E este Ouro branco é chamado pelos Filósofos de Luna Alba Philosophorum, Argentum Vivum Album Fixum, Aurum Alchymiae e Fumus Albus, uma metáfora alquímica E, portanto, sem este nosso Vinagre Antimonial, o Aurum Album dos Filósofos não pode ser feito.

XI. E porque em nosso Vinagre há uma dupla substância de Argentum-vivum, uma proveniente do Antimônio, a outra do Mercúrio Sublimado; ele dá um peso duplo e uma substância de Argentum-vivum fixo, e também aumenta nele a cor nativa, o peso, a substância e a tintura.

CAPÍTULO V

DE OUTRAS OPERAÇÕES DA NOSSA ÁGUA MINERAL SECRETA E SUA TINTURA.

I. Nossa Água dissolvente, portanto, carrega consigo uma grande Tintura, e um grande poder de fusão ou dissolução; pois, ao sentir o Fogo vulgar, se nela houver os corpos puros ou ígneos de Sol ou Lua, ela imediatamente os funde e os converte em sua própria Substância branca, tal como ela é, e dá ao Corpo cor, peso e tintura.

II. Nela também reside o poder de liquefazer ou fundir todas as coisas que possam ser fundidas ou dissolvidas; é uma Água pesada, viscosa, preciosa e digna de estima, resolvendo todos os Corpos crus em sua Prima Matéria, ou primeira matéria, isto é, em Terra e um pó viscoso; ou seja, em Enxofre e Argentum-vivum.

III. Portanto, se você colocar nesta Água folhas, limalhas ou cal de qualquer metal, e aplicar um calor suave por algum tempo, tudo será dissolvido e convertido em uma Água viscosa, ou Óleo Branco, como foi dito anteriormente.

IV. Assim, ela amolece o Corpo e o prepara para a fusão e liquefação; sim, torna todas as coisas fusíveis, como pedras e metais, e depois lhes dá Espírito e Vida.

V. E dissolve todas as coisas com uma solução admirável, transmutando o Corpo perfeito em uma Medicina fusível, derretendo ou liquefazendo, além de fixar e aumentar o peso e a cor.

VI. Trabalhe, portanto, com ela, e você obterá o que deseja, pois ela é o Espírito do Sol e da Lua; é o Óleo, a Água dissolvente, a Fonte, o Balneum Mariae, o Fogo preternatural, o segredo, o Fogo oculto e Invisível.

VII. É também o Vinagre mais acre, sobre o qual um antigo Filósofo disse: Supliquei ao Senhor e Ele me mostrou uma Água pura e clara, que reconheci como o puro Vinagre, alterador, penetrante e digestivo.

VIII. Digo, um Vinagre penetrante, e o Instrumento movente para purificar e reduzir o Ouro ou a Prata à sua Prima Matéria, ou primeira matéria.

IX. E é o único agente no Universo, que nesta Arte é capaz de reincrudescê-los, conservando suas espécies.

X. É, portanto, o único meio apto e natural pelo qual devemos resolver os Corpos perfeitos de Sol e Lua, por uma dissolução maravilhosa e solene, com a conservação da espécie, e sem qualquer destruição, a não ser para uma nova, mais nobre e melhor forma ou geração, ou seja, na perfeita Pedra dos Filósofos, que é o seu maravilhoso Segredo e Arcanum.

XI. Ora, esta Água é uma certa substância média, clara como a mais fina Prata, que deve receber as tinturas do Sol e da Lua, para que elas possam ser coaguladas e transformadas em uma Terra branca e viva.

XII. Pois esta Água necessita dos Corpos perfeitos, para que com eles, após a dissolução, possa ser coagulada, fixada e solidificada em uma Terra Branca.

XIII. Mas sua dissolução é também sua Coagulação, pois ambas têm uma só e mesma operação, porque um não se dissolve sem que o outro se coagule: Nem há outra Água que possa dissolver os Corpos, senão aquela que permanece com eles na matéria e forma.

XIV. Ela não pode ser permanente a menos que seja da natureza dos outros corpos, para que possam ser feitos um só.

XV. Quando, portanto, você vir a Água coagular-se com os Corpos dissolvidos nela, esteja certo de que seu conhecimento, o modo de trabalhar e a própria Obra são verdadeiros e filosóficos, e que você agiu corretamente segundo a Arte.

CAPÍTULO VI

DA SUBSTÂNCIA QUE OS METAIS DEVEM CONTER PARA REALIZAR ESTA OBRA.

I. Assim, você vê que a Natureza deve ser aperfeiçoada por sua própria Natureza semelhante; ou seja, Ouro e Prata devem ser exaltados em nossa Água, assim como nossa Água, com esses Corpos, a qual é chamada o meio da Alma, sem o qual nada pode ser feito nesta Arte.

II. É um fogo Vegetal, Mineral e Animal, que conserva os Espíritos fixos do Sol e da Lua, mas destrói e conquista seus Corpos: pois destrói, transforma e muda os Corpos e formas Metálicas, fazendo com que deixem de ser Corpos e se tornem um Espírito fixo.

III. E os transforma em uma substância úmida, macia e fluida, que possui ingresso e poder de penetrar outros corpos imperfeitos e de se misturar com eles em suas menores partes, para tingi-los e torná-los perfeitos.

IV. Mas isso eles não poderiam fazer enquanto permanecessem em suas formas ou Corpos metálicos, que eram secos e duros, pelos quais não poderiam ter entrada em outras coisas, a fim de tingir e aperfeiçoar o que antes era imperfeito.

V. É necessário, portanto, converter os Corpos dos Metais em uma substância fluida; pois toda tintura tingirá mil vezes mais em uma substância macia e líquida do que quando está em uma forma seca, como é claramente aparente no Açafrão.

VI. Portanto, a transmutação de Metais imperfeitos é impossível de ser realizada por Corpos perfeitos enquanto eles estiverem secos e duros; por essa razão, devem ser trazidos de volta à sua primeira matéria, que é macia e fluida.

VII. Torna-se evidente, portanto, que a umidade deve ser revertida, para que o tesouro oculto possa ser revelado. E isso é chamado de reincrudescimento dos

Corpos, que consiste em cozinhá-los e amolecê-los até que percam sua substância ou forma seca e dura; porque o que é seco não penetra nem tinge nada além de si mesmo.

VIII. Portanto, o Corpo terrestre e seco não entra nem tinge, exceto seu próprio corpo, nem pode tingir a menos que seja tingido; porque (como já disse antes) uma matéria espessa, seca e terrosa não penetra nem tinge, e por isso, não podendo entrar ou penetrar, não pode fazer alteração alguma na matéria a ser alterada.

IX. Por essa razão, o Ouro não colore até que seu Espírito interno ou oculto seja extraído de suas entranhas por esta nossa água branca, e seja transformado totalmente em uma substância espiritual, um vapor branco, um Espírito branco e uma Alma maravilhosa.

CAPÍTULO VII

DAS COISAS MARAVILHOSAS REALIZADAS PELA NOSSA ÁGUA AO ALTERAR E TRANSFORMAR OS CORPOS.

I. Cabe-nos, portanto, por meio desta Água, atenuar, alterar e amolecer os corpos perfeitos, a saber, Sol e Lua, para que assim possam ser misturados com outros Corpos imperfeitos.

II. Por conseguinte, se não tivéssemos outro benefício com esta nossa Água Antimonial além de tornar os Corpos mais sutis, macios e fluidos, de acordo com sua própria natureza, já seria suficiente.

III. Mas mais do que isso, ela traz os Corpos de volta ao seu princípio original de Enxofre e Mercúrio, para que possamos, em pouco tempo (em menos de uma hora), fazer acima da terra aquilo que a Natureza levou mil anos para realizar sob a terra, nas minas da Terra; o que é uma obra quase milagrosa.

IV. E portanto, nosso segredo último e supremo é, por meio desta nossa água, tornar os Corpos voláteis, espirituais, e uma Tintura ou água tingente, que possa ter ingresso ou entrada em outros corpos.

V. Pois ela transforma os Corpos em mero Espírito, porque reduz os Corpos duros e secos e os prepara para a fusão, derretimento ou dissolução; ou seja, os converte em uma água permanente ou fixa. (Aqua Permanens)

VI. E assim faz dos Corpos um Óleo preciosíssimo e desejável, que é a verdadeira Tintura, e a água branca fixa e permanente, de natureza macia e úmida, ou antes, temperada, sutil, fusível como a Cera, que penetra, afunda, tinge e aperfeiçoa a Obra.

VII. E esta nossa água dissolve imediatamente os Corpos (como Sol e Lua) e os transforma em um Óleo incombustível, que então pode ser misturado com outros Corpos imperfeitos.

VIII. Também converte outros Corpos na natureza de um Sal fusível, que os Filósofos chamam de Sal Alebrot Philosophorum, melhor e mais nobre que qualquer outro Sal, sendo, em sua própria natureza, fixo e não sujeito a evaporar-se ao fogo.

IX. É, de fato, um Óleo de natureza quente, sutil, penetrante, que atravessa e entra em outros Corpos: é chamado de Elixir Perfeito ou Grande, e o segredo oculto dos sábios Buscadores da Natureza.

X. Aquele, portanto, que conhece este Sal de Sol e Lua, sua geração e preparação, e depois sabe como misturá-lo e torná-lo homogêneo com outros Corpos imperfeitos; este, na verdade, conhece um dos maiores Segredos da Natureza, e o único caminho que leva à perfeição.

CAPÍTULO VIII

DA AFINIDADE DA NOSSA ÁGUA E OUTRAS COISAS MARAVILHOSAS QUE ELA REALIZA.

I. Estes corpos assim dissolvidos por nossa Água, são chamados de Argent-vivo, que não existe sem o seu Enxofre, nem o Enxofre sem a Vermelhidão de Sol e Lua; porque Ouro e Prata são o meio particular, ou médium na forma, através do qual a Natureza passou no aperfeiçoamento e na completude deles.

II. E este Argent-vivo é chamado de nosso Sal estimado e valioso, sendo animado e fecundo, e nosso fogo, porque nada mais é do que Fogo: ainda que não fogo, mas Enxofre; e não só Enxofre, mas também Mercúrio extraído de Sol e Lua por nossa água, e reduzido a uma Pedra de Grande Preço.

III. Ou seja, é da matéria ou substância de Sol e Lua, ou Prata e Ouro, alterada da vileza para a Nobreza.

IV. Agora você deve notar que este Enxofre branco é o Pai e a Mãe dos Metais; é o nosso Mercúrio, e o Mineral do Ouro; também a Alma e o fermento; sim, a Virtude Mineral e o Corpo vivo; nosso Enxofre, e nosso Argent-vivo; isto é, Enxofre de Enxofre; Argent-vivo de Argent-vivo, e Mercúrio de Mercúrio.

V. A propriedade, portanto, da nossa Água é que ela derrete ou dissolve Ouro e Prata, e aumenta sua Tintura nativa ou Cor.

VI. Pois ela transforma seus Corpos de Corpóreos em Espiritualidade: e é esta Água que transforma os Corpos, ou substância corpórea, em um vapor branco, que é uma Alma que é branca em si mesma, sutil, quente e cheia de fogo.

VII. Esta água é também chamada de Pedra tingente ou formadora de cor de sangue, sendo a virtude da Tintura Espiritual, sem a qual nada pode ser feito: e é o sujeito de todas as coisas que podem ser fundidas, e o próprio Aquilino que concorda perfeitamente e se une intimamente com Sol e Lua, dos quais nunca pode ser separado.

VIII. Pois ela está unida em afinidade com Ouro e Prata, mas mais imediatamente com o Ouro do que com a Prata: o que você deve observar com atenção especial.

IX. Também é chamada de o meio de conjugar as Tinturas de Sol e Lua com os inferiores Metais imperfeitos; pois transforma os Corpos na verdadeira Tintura, para tingir os Metais imperfeitos mencionados: também é a água que embranquece, como ela mesma é branca; que vivifica como sendo uma Alma, e por isso (como diz o Filósofo) rapidamente entra em seu corpo.

X. Pois é uma água viva que vem umedecer a Terra, para que ela possa brotar e, em sua estação, produzir muitos frutos; pois todas as coisas que brotam da Terra são conduzidas através do Orvalho ou Umidade.

XI. A Terra, portanto, não floresce sem rega e umidade: é a água proveniente do Orvalho de Maio, que limpa o Corpo; e como a chuva, ela os penetra e faz um novo Corpo a partir de dois Corpos.

XII. Esta Aqua Vitae, ou Água da Vida, sendo corretamente ordenada e disposta com o corpo, embranquece-o e o converte ou transforma em sua cor branca.

XIII. Pois esta água é um vapor branco, e portanto, o Corpo é embranquecido com ela.

XIV. Cabe a você, portanto, embranquecer o Corpo, e abrir seus envolvimentos: pois entre estes dois, isto é, entre o Corpo e a Água, há um desejo e amizade, como entre o Masculino e o Feminino, por causa da proximidade e semelhança de suas Naturezas.

XV. Agora, esta nossa segunda e viva água é chamada de azoth, a Água que lava o Latão, isto é, o Corpo composto de Sol e Lua por nossa primeira Água: também é chamada de Alma dos Corpos dissolvidos, a qual amarramos agora mesmo, para o uso do sábio Filósofo.

XVI. Quão preciosa e grandiosa é então esta Água! Pois sem ela a Obra jamais poderia ser realizada ou aperfeiçoada: também é chamada de vas naturae, o Ventre, a Matriz, o Recipiente da Tintura, a Terra, a Ama de leite.

XVII. É a Fonte Real na qual o Rei e a Rainha banham-se; e a Mãe que deve ser colocada e selada dentro do ventre de seu Infante; e este é o próprio Sol, que dela procedeu, e que ela deu à luz; e por isso eles se amam como Mãe e Filho, e estão unidos juntos, porque vêm de uma só e mesma Raiz, e são da mesma substância e Natureza.

XVIII. E porque esta Água é a Água da Vida Vegetal, ela faz o corpo morto vegetativo, crescer e brotar e ressurgir da Morte para a Vida, ao ser primeiro dissolvido e depois sublimado.

XIX. E ao fazer isso, o Corpo é convertido em um Espírito, e o Espírito (depois) em um Corpo; e então se faz a Amizade, a Paz, a Concórdia e a União dos Contrários, ou seja, entre o Corpo e o Espírito, que reciprocamente ou mutuamente trocam suas Naturezas e as comunicam um ao outro através de suas partes mais diminutas.

XX. De modo que o quente se mistura com o frio, o seco com o úmido, e o duro com o macio; por meio do qual é feita uma mistura de Naturezas contrárias, ou seja, do frio com o quente, e do úmido com o seco, formando uma admirável Unidade Úmida entre Inimigos.

CAPÍTULO IX

DA SUBLIMAÇÃO: OU DA SEPARAÇÃO DO PURO DO IMPURO POR MEIO DESTA ÁGUA.

I. Nossa Dissolução, então, dos Corpos, que é feita nesta primeira Água, não é nada além de uma destruição ou superação do úmido pelo seco, pois o úmido é coagulado com o seco.

II. Pois a umidade está contida, delimitada e coagulada dentro do corpo seco, isto é, naquilo que é Terroso.

III. Que, portanto, os Corpos duros e secos sejam colocados em nossa primeira Água, em um Vaso bem fechado, e ali permaneçam até que sejam dissolvidos e ascendam ao topo; então poderão ser chamados de um novo Corpo, o Ouro branco feito pela Arte, a Pedra branca, o Enxofre branco, não inflamável, a Pedra Paradisíaca, ou seja, a Pedra que transmuta Metais imperfeitos em Prata fina e branca.

IV. Então teremos também o Corpo, a Alma e o Espírito juntos; dos quais Espírito e Alma se diz que não podem ser extraídos dos Corpos perfeitos senão com a ajuda de nossa Água dissolvente.

V. Porque é certo que aquilo que é fixo não pode ser elevado, ou feito ascender, senão pela junção ou ajuda daquilo que é volátil.

VI. O Espírito, portanto, com a ajuda da Água e da Alma, é extraído dos próprios Corpos, e o Corpo assim é tornado Espiritual; pois naquele mesmo instante, o Espírito, com a Alma dos Corpos, ascendem ao alto, para a parte superior, que é a perfeição da Pedra, e é chamada de Sublimação.

VII. Esta Sublimação, diz Florentius Cathalanus, é feita por coisas Ácidas, Espirituais e Voláteis, que são em sua própria natureza Sulfurosas e Viscosas, as

quais dissolvem os Corpos, fazendo-os ascender e serem transformados em Ar e Espírito.

VIII. E nesta Sublimação uma certa parte da nossa dita primeira Água ascende com os Corpos, unindo-se com eles, alegrando-se e sublimando-se numa substância neutra ou composta, que contém a natureza de ambos, ou seja, a natureza dos dois Corpos e da Água.

IX. E por isso é chamada de o Composto Corpóreo e Espiritual, Conjust, Cambar, Ethelia, Zaardarith, Dueneck, o Bom; mas propriamente é chamada apenas de Água permanente ou fixa, porque não voa no Fogo.

X. Mas adere perpetuamente aos Corpos misturados ou compostos, isto é, ao Sol e à Lua, e lhes comunica a Tintura Viva, incombustível e extremamente fixa, muito mais nobre e preciosa que a que aqueles Corpos possuíam antes.

XI. Porque, a partir de então, essa Tintura corre como Óleo, percorrendo e penetrando os Corpos, e lhes conferindo uma Fixidez maravilhosa; e esta Tintura é o Espírito, e o Espírito é a Alma, e a Alma é o Corpo.

XII. Pois nesta operação o Corpo se torna um Espírito, de natureza extremamente sutil; e, novamente, o Espírito se corporifica e se transforma na natureza do Corpo, com os Corpos, pelo que nossa Pedra consiste em um Corpo, uma Alma e um Espírito.

XIII. Ó Deus, como através da Natureza transformas um Corpo em um Espírito! O que não poderia ser feito, se o Espírito não fosse incorporado aos Corpos, e os Corpos tornados voláteis com o Espírito, e depois fixados novamente.

XIV. Por essa razão, eles passaram um para o outro, e pela Influência da Sabedoria são convertidos um no outro. Ó Sabedoria! Como fazes o mais fixo Ouro tornar-se volátil e fugidio, ainda que por natureza seja a coisa mais fixa de todas as coisas do Mundo!

XV. É necessário dissolver e liquefazer estes Corpos com nossa Água, e fazer deles uma Água permanente ou fixa, uma pura Água dourada, deixando no fundo a matéria grosseira, terrosa, supérflua e seca.

XVI. E nesta sublimação, tornando-os finos e puros, o Fogo deve ser suave; mas se nesta Sublimação, com um Fogo brando, os corpos não forem purificados, e as partes grosseiras ou terrosas deles (observe bem isto) não forem separadas das impurezas dos Mortos, você não será capaz de aperfeiçoar a Obra.

XVII. Pois você precisa apenas daquela parte sutil e delicada dos Corpos dissolvidos, que nossa Água lhe dará, se você proceder com um Fogo lento ou suave, separando as coisas homogêneas das heterogêneas.

CAPÍTULO X

DA SEPARAÇÃO DAS PARTES PURAS DAS IMPURAS.

I. Este Composto, então, tem sua mundificação ou purificação por nosso Fogo úmido que (como diz Azinabam) ao dissolver e sublimar aquilo que é puro e branco, chama ou rejeita suas fezes ou imundícies, como um Vômito voluntário.

II. Pois em tal dissolução e Sublimação natural ou elevação, há um afrouxamento ou desvinculação dos Elementos, e uma purificação e separação do Puro do Impuro.

III. De modo que a substância pura e branca ascende para cima, e a impura e terrosa permanece fixa no fundo da Água e do Vaso.

IV. Isso deve ser retirado e removido, porque não tem valor, tomando-se apenas a substância branca média, fluida e derretida ou dissolvida, rejeitando a Terra fétida que permanece abaixo no fundo.

V. Essas fezes foram separadas em parte pela Água, e são a escória e Terra Dãmnata, que não tem valor, nem pode prestar qualquer serviço como a matéria clara, branca, pura e limpa, que é toda e unicamente a ser tomada e utilizada.

VI. E contra esta Rocha de Capharean, a Nau e o Conhecimento ou a Arte do jovem Filósofo frequentemente, como também me aconteceu algumas vezes, naufragam ou são destruídos, porque os Filósofos, na maioria das vezes, falam por contrários.

VII. Ou seja, dizem que nada deve ser removido ou retirado, exceto a umidade, que é a negritude; o que, no entanto, eles falam e escrevem apenas para os desavisados, que, sem um Mestre, sem Leitura incansável, ou sem humildes súplicas a Deus Todo-Poderoso, tentariam arrebatam o Velocino de Ouro.

VIII. Deve-se, portanto, observar que esta separação, divisão e sublimação é (sem dúvida) a Chave de toda a Obra.

IX. Após a putrefação, então, e dissolução desses Corpos, nossos Corpos também ascendem ao topo, mesmo até a superfície da Água dissolvente, em uma brancura de cor, cuja brancura é Vida.

X. E nesta brancura, a Alma Antimonial e Mercurial é por um pacto natural infundida e unida aos Espíritos de Sol e Lua, o que faz a separação do sutil do espesso e do puro do impuro.

XI. Ou seja, pela elevação, pouco a pouco, da parte sutil e pura do Corpo, separando-a das Fezes e Impurezas, até que todas as partes puras estejam separadas e ascendidas.

XII. E nesta obra nossa Sublimação natural e filosófica é completada.

XIII. Agora, nesta brancura, a Alma é infundida no Corpo, isto é, a virtude mineral, que é mais sutil que o Fogo, sendo de fato a verdadeira Quintessência e Vida, que

deseja e anseia por nascer novamente, e se despir das contaminações e ser despojada de suas fezes grosseiras e terrosas, que tomou de seu Ventre Menstrual e lugar corrompido de origem.

XIV. E nisto está nossa Sublimação Filosófica, não no impuro, corrompido e vulgar Mercúrio, que não tem propriedades ou qualidades semelhantes àquelas com as quais nosso Mercúrio (extraído de suas Cavernas Vitriólicas) é adornado. Mas voltemos à nossa Sublimação.

CAPÍTULO XI

DA ALMA QUE É EXTRAÍDA POR NOSSA ÁGUA E FEITA ASCENDER.

I. É, portanto, certíssimo nesta Arte que a Alma extraída dos Corpos não pode ser feita ascender, senão acrescentando-se a ela uma Matéria volátil, que seja de sua própria espécie.

II. Por meio disso, os Corpos serão tornados voláteis e espirituais, elevando-se, sutilizando-se e sublimando-se, ao contrário de sua própria natureza, que é corpórea, pesada e densa.

III. E, por este meio, eles se descorporificam, ou deixam de ser corpos, tornando-se incorpóreos e uma Quintessência da natureza de um Espírito, que é chamado de avis Hermetis e Mercurius Extractus, extraído de um sujeito ou Matéria Vermelha.

IV. E assim, as partes terrenas ou terrosas permanecem abaixo, ou melhor, as partes mais grosseiras dos Corpos, que por nenhuma Indústria ou Engenho do Homem podem ser levadas a uma dissolução perfeita.

V. E este Vapor branco, este Ouro branco, ou seja, esta Quintessência, é também chamado de Magnesia composta, a qual, como o Homem, contém, ou como o Homem, é composta de um Corpo, uma Alma e um Espírito.

VI. Agora, o Corpo é a Terra solar fixa, excedendo a matéria mais sutil, a qual, com a ajuda de nossa Água divina, é com dificuldade elevada ou separada.

VII. A Alma é a Tintura de Sol e Lua, procedente da conjunção destes dois (isto é, os Corpos de Sol e Lua, e nossa Água).

VIII. E o Espírito é a potência mineral, ou virtude dos Vermelhos, e da Água que carrega a Alma ou Tintura Branca nos Corpos, e também para fora deles; como as Tinturas ou Cores no Tingimento de Tecidos são, pela Água, aplicadas e difundidas sobre todo o Tecido.

IX. E este Espírito Mercurial é a Corrente ou Laço da Alma Solar; e o Corpo solar é aquele Corpo que contém o Espírito e a Alma, tendo o poder de fixar em si mesmo, estando unido com a Lua.

X. O Espírito, portanto, penetra; o Corpo fixa; e a Alma une, tingi e embranquece.

XI. Destes três unidos juntos, é feita nossa Pedra; isto é, de Sol, Lua e Mercúrio.

XII. Portanto, com esta nossa Água Dourada, extrai-se uma substância natural, excedendo todas as substâncias naturais; e assim, a menos que os Corpos sejam quebrados e destruídos, embebidos, tornados sutis e finos, manejados com economia e diligência, até que sejam abstraídos ou percam sua grossura ou substância sólida, e sejam transformados em um Espírito fino e sutil, todo nosso trabalho será em vão.

XIII. E, a menos que os Corpos sejam feitos não-corpos, ou incorpóreos, isto é, convertidos no Mercúrio dos Filósofos, não há Regra de Arte ainda descoberta para trabalhar com isso.

XIV. A razão é que é impossível extrair dos Corpos toda aquela Alma mais sutil e fina, que tem em si a Tintura, a menos que ela seja primeiro resolvida em nossa Água.

XV. Dissolva, então, os Corpos nesta nossa Água Dourada, e ferva-os até que toda a Tintura seja trazida pela Água, numa cor branca, e um óleo branco; e quando você vir esta brancura sobre a Água, então saiba que os Corpos estão derretidos, liquefeitos ou dissolvidos.

XVI. Continue então esta fervura até que a Nuvem Escura, Negra e Branca seja trazida à luz, a qual eles conceberam.

CAPÍTULO XII

DA DIGESTÃO, E COMO O ESPÍRITO É PRODUZIDO ATRAVÉS DELA.

I. Coloque, portanto, os Corpos perfeitos dos Metais, a saber, Sol e Lua, em nossa Água, num Vaso hermeticamente selado, sobre um Fogo brando, e digira continuamente, até que estejam perfeitamente resolvidos num Óleo preciosíssimo.

II. "Digira" (diz Adfar) "com um Fogo suave, como se fosse para a incubação de Pintinhos, por tanto tempo até que os Corpos estejam dissolvidos, e sua Tintura perfeitamente unida (observe bem isso) seja extraída."

III. Mas não é extraída toda de uma só vez, mas é retirada pouco a pouco, dia após dia, e hora após hora, até que, após longo tempo, a Solução esteja completa e aquilo que foi dissolvido esteja sempre flutuando por cima.

IV. E enquanto esta dissolução estiver em andamento, mantenha o Fogo suave e contínuo, até que os Corpos estejam dissolvidos em uma Água viscosa e extremamente sutil, e toda a Tintura seja extraída, com a cor primeiro negra, que é o sinal da dissolução.

V. Depois continue a digestão até que se torne uma Água branca e fixa; pois sendo digerida no Balneum Mariae, tornar-se-á depois clara, e no final se tornará semelhante ao comum Argent-vivo, ascendendo acima da primeira Água.

VI. Quando, portanto, você vir os Corpos dissolvidos na primeira Água viscosa, saiba então que eles foram transformados em um Vapor, e que a Alma foi separada do Corpo morto, e, por Sublimação, trazida à ordem dos Espíritos.

VII. Por isso ambos, com uma parte de nossa Água, são feitos Espíritos voando para o Ar; e ali o Corpo composto, feito do Masculino e Feminino, isto é, de Sol e Lua, e daquela Natureza mais sutil, purificado pela Sublimação, toma Vida, e é feito Espiritual por sua própria umidade.

VIII. Ou seja, por sua própria Água; assim como o Homem é sustentado pelo Ar; e, a partir de então, multiplica-se e aumenta em sua própria espécie, como fazem todas as outras coisas.

IX. Nessa ascensão, portanto, e Sublimação filosófica, todos são unidos entre si, e o novo Corpo sutilizado, ou tornado vivo pelo Espírito, miraculosamente vive ou brota como um Vegetal.

X. Portanto, a menos que os Corpos sejam atenuados, ou tornados finos, pelo Fogo e pela Água, até que ascendam em um Espírito, e sejam feitos, ou se tornem semelhantes a Água e Vapor, todo o seu trabalho será completamente em vão.

XI. Mas quando eles ascendem, eles nascem ou são trazidos à luz no Ar ou Espírito, e nele são transformados e feitos Vida com Vida, de modo que nunca podem ser separados, mas são como Água misturada com Água.

XII. E por isso é dito sabiamente que a Pedra nasce do Espírito, porque é totalmente Espiritual.

XIII. Pois o próprio Abutre, voando sem asas, clama no topo da Montanha, dizendo: "Sou o branco, nascido do negro e do vermelho, nascido do branco, o filho citrino do vermelho; digo a Verdade e não minto."

CAPÍTULO XIII

DO INÍCIO DA OBRA E UM RESUMO DO QUE DEVE SER FEITO.

I. Basta, então, que você coloque os Corpos no Vaso, e na Água, uma vez por todas, e feche bem o Vaso, até que seja feita uma verdadeira separação.

II. Isso o Artista Obscuro chama de Conjunção, Sublimação, Assação, Extração, Putrefação, Ligação, Desponsação, Sutilização, Geração, etc.

III. Agora, para que todo o Magistério seja aperfeiçoado, trabalhe como na Geração do Homem e de todo Vegetal; coloque a semente uma vez no Útero, e feche-o bem.

IV. Assim você pode ver que não precisa de muitas coisas, e que esta nossa grande obra não requer grandes Custos, pois, assim como há apenas uma Pedra, há apenas um Remédio, um Vaso, uma ordem de trabalho, e uma Disposição sucessiva para o Branco e o Vermelho.

V. E embora digamos em muitos lugares: tome isto e tome aquilo; no entanto, convém que tomemos apenas uma coisa, e a coloquemos uma vez no Vaso até que a Obra seja aperfeiçoada.

VI. Mas estas coisas estão assim dispostas pelos Filósofos Obscuros, para enganar os desavisados, como já dissemos antes; pois não é esta uma Ars Cabbalistica, ou uma Arte secreta e oculta? Não é uma Arte cheia de Segredos? E crês tu, ó Tolo, que ensinamos claramente este Segredo dos Segredos, tomando nossas Palavras segundo sua Significação literal?

VII. Na verdade, digo-te (que quanto a mim, de forma alguma sou ambicioso ou invejoso como outros são; mas) aquele que toma as Palavras de outros Filósofos segundo sua Significação comum, este já, tendo perdido o fio de Ariadne, vagueia no meio do Labirinto, multiplica erros e desperdiça seu Dinheiro em vão.

VIII. E eu, Artephius, depois que me tornei um Adepto, e alcancei a verdadeira e completa sabedoria, estudando os livros do mais fiel Hermes, o orador da Verdade, também fui às vezes Obscuro, como os demais.

IX. Mas quando, durante o espaço de Mil Anos, ou por aí (os quais já passaram sobre minha Cabeça, desde o tempo em que nasci até hoje, pela única bondade de Deus Todo-Poderoso, pelo uso desta maravilhosa Quintessência),

X. Quando, digo, durante tão longuíssimo tempo (como Mil Anos), não encontrei homem algum que tivesse descoberto ou obtido este Segredo Hermético, por causa da obscuridade das Palavras dos Filósofos,

XI. Movido por um Espírito Generoso e pela integridade de um homem de bem, determinei nestes últimos dias de minha Vida declarar todas as coisas verdadeira e sinceramente, para que você não careça de nada para a perfeição desta Pedra dos Filósofos.

XII. (Exceto uma coisa certa, que não me é lícito revelar a ninguém, porque deve ser revelada ou dada a conhecer por Deus mesmo, ou ensinada por algum Mestre; no entanto, aquele que se dedicar à busca, com a ajuda de um pouco de Experiência, poderá facilmente aprender neste Livro.)

XIII. E, portanto, neste Livro escrevi a Verdade nua, também revestida ou disfarçada com poucas Cores; ainda assim, de modo que todo bom e sábio homem possa

felizmente colher aquelas desejadas Maças das Hespérides desta nossa Árvore dos Filósofos.

XIV. Por isso, sejam dadas graças ao Deus Altíssimo, que derramou em nossa Alma de Sua Bondade, e através de uma boa e longa Idade, mesmo quase um número infinito de anos, verdadeiramente encheu nosso Coração com Seu Amor, no qual (me parece) abraço, acalento e verdadeiramente amo toda a Humanidade.

XV. Mas para voltarmos ao nosso Assunto. Verdadeiramente nossa Obra está perfeitamente realizada, pois aquilo que o calor do Sol faz em cem Anos, para a Geração do Metal nas entranhas da Terra; nosso Fogo Secreto, isto é, nossa Água Ígnea e Sulfurosa, chamada Balneum Mariae, realiza (como tenho visto muitas vezes) em um tempo muito curto.

CAPÍTULO XIV

DA FACILIDADE E SIMPLICIDADE DESTA OBRA, E DO NOSSO FOGO FILOSÓFICO.

I. Esta Operação ou Obra, portanto, não é de grande trabalho para aquele que a conhece e a compreende; nem a matéria é tão cara (considerando quão pequena quantidade é suficiente) que possa levar qualquer homem a recuar de realizá-la.

II. De fato, é uma Obra tão breve e fácil, que bem pode ser chamada de Trabalho de Mulher e Brincadeira de Crianças.

III. Vamos lá, meu Filho, eleva tuas súplicas a Deus Todo-Poderoso; sê diligente na busca dos Livros dos Sábios nesta Ciência (pois um Livro abre outro); pensa e medita profundamente sobre estas coisas; e evita todas aquelas que desaparecem ou não resistem ao Fogo, porque dessas coisas adustíveis, perecíveis ou consumíveis, você jamais poderá alcançar a matéria perfeita, que só é encontrada na digestão de sua Água, extraída de Sol e Lua.

IV. Pois por esta Água são dadas à matéria Cor e Peso infinitamente; e esta Água é um vapor branco, que como uma Alma flui através dos Corpos perfeitos, retirando deles totalmente sua negrura e impurezas, unindo os dois corpos em um só, e aumentando sua Água.

V. Nem há outra coisa além do AZOTH, ou seja, esta nossa Água, que possa retirar dos corpos perfeitos de Sol e Lua sua Cor natural, tornando o corpo vermelho branco, de acordo com sua Disposição.

VI. Agora falemos do Fogo. Nosso Fogo, então, é Mineral, igual, contínuo; não exala vapores, a menos que seja demasiadamente agitado, participa do Enxofre, e é extraído de outras coisas que não da Matéria; ele reverte todas as coisas, dissolve, congela e calcina, e deve ser encontrado pela Arte, ou por um modo Artificial.

VII. É uma coisa compendiosa, obtida sem custo ou despesa, ou pelo menos sem grande investimento; é úmido, vaporoso, digestivo, alterante, penetrante, sutil, espirituoso, não violento, incombustível, contido e uma só coisa.

VIII. É também uma Fonte de Água Viva, que circunda e contém o lugar onde o Rei e a Rainha se banham; durante toda a Obra, este Fogo úmido é suficiente: no início, no meio e no fim, porque nele toda a Arte consiste.

IX. Este é o Fogo natural, que ainda assim é contra a Natureza, não natural e que não queima; e por fim, este Fogo é quente, frio, seco e úmido; medite sobre estas coisas e proceda diretamente, sem nada de natureza estranha.

X. Se você não entender estes Fogos, ouça o que ainda tenho a dizer, nunca antes escrito em qualquer livro, mas extraído dos enigmas mais obscuros e ocultos dos Antigos.

CAPÍTULO XV

DOS TRÊS TIPOS DE FOGOS DOS FILÓSOFOS EM PARTICULAR.

I. Temos propriamente três Fogos, sem os quais esta nossa Arte não pode ser aperfeiçoada; e quem trabalha sem eles, empreende um grande esforço em vão.

II. O primeiro Fogo é o da Lâmpada, que é contínuo, úmido, vaporoso, espirituoso e descoberto pela Arte.

III. Este Fogo da lâmpada deve ser proporcional ao recipiente; no qual você deve usar grande discernimento, que ninguém pode alcançar, a não ser aquele que se dedica verdadeiramente à busca dele.

IV. Pois, se este Fogo da lâmpada não for medido e devidamente proporcionado ou ajustado (ao Forno), acontecerá que, ou por falta de calor, você não verá os Sinais esperados, nos tempos determinados, perdendo assim suas esperanças e expectativas por um atraso demasiado longo; ou então, por excesso de calor, você queimará os Flocos de Ouro, as Flores Douradas, e assim lamentará tolamente sua perda de Despesa.

V. O Segundo Fogo é o Ignis Cinerum, ou calor das cinzas, no qual o Vaso hermeticamente selado é recluso ou enterrado; ou melhor, é aquele calor mais doce e gentil, que procedendo dos vapores temperados da lâmpada, envolve igualmente o seu Vaso.

VI. Este Fogo não é violento nem forçante, exceto se for demasiadamente excitado ou agitado; é um Fogo digestivo, alterativo, e tirado de outro corpo que não a matéria; sendo, além disso, apenas um, úmido também, e não natural.

VII. O Terceiro Fogo é o Fogo natural de nossa Água, que também é chamado de Fogo Contra a Natureza, porque é ÁGUA; e ainda assim, não obstante, faz de fato um Espírito puro do Ouro, o que o Fogo comum não pode fazer.

VIII. Este Fogo é Mineral, igual e participa do Enxofre; ele reverte ou destrói, congela, dissolve e calcina; é penetrante, sutil, incombustível e não queimante, e é a Fonte de Água Viva na qual o Rei e a Rainha se banham; cuja ajuda necessitamos em toda a Obra, do início, meio e fim.

IX. Mas dos outros Dois Fogos acima mencionados, não temos necessidade constante, apenas em certos momentos.

X. Ao ler, portanto, os livros dos Filósofos, uns estes Três Fogos em seu Julgamento, e sem dúvida, você entenderá tudo o que eles escreveram a respeito deles.

CAPÍTULO XVI

DAS CORES DE NOSSA TINTURA FILOSÓFICA, OU PEDRA.

I. Quanto às Cores, aquilo que não faz o negro não pode fazer o branco, pois a negrura é o início da brancura, e sinal de putrefação e Alteração, e de que o corpo agora está penetrado e morto.

II. Da Putrefação, portanto, nesta Água, primeiro aparece a negrura, semelhante a um Caldo onde algo sangrento foi fervido.

III. Em segundo lugar, a Terra negra, por uma digestão contínua, é embranquecida, porque a Alma dos Dois Corpos flutua sobre a Água, como um creme branco; e nesta única brancura, todos os Espíritos estão tão unidos, que nunca mais podem se separar uns dos outros.

IV. E, portanto, o Latão deve ser embranquecido, e suas folhas desdobradas, ou seja, seu corpo quebrado ou aberto, para que não trabalhem em vão; pois esta brancura é a Pedra perfeita para a Obra branca, e um corpo enobrecido para esse fim; até mesmo a Tintura de uma glória mais exuberante e de um brilho radiante, que nunca se separa do corpo com o qual uma vez foi unida.

V. Portanto, deve-se notar aqui, que os Espíritos não estão fixados senão na Cor branca, a qual é mais nobre do que as outras cores, e mais veementemente desejável, de modo que é, por assim dizer, o Complemento da Perfeição de toda a Obra.

VI. Pois nossa Terra putrefaz e se torna negra, então é putrefata na elevação ou Separação; depois, sendo seca, sua negrura desaparece dela, e então é embranquecida, e o domínio feminino da escuridão e da umidade perece; então

também o Vapor branco penetra através do novo Corpo, e os Espíritos são unidos ou fixados nesta secura.

VII. E aquilo que está corrompido, deformado e negro, através da umidade, desaparece; assim, o novo corpo surge novamente, claro, puro, branco e imortal, obtendo a Vitória sobre todos os seus inimigos.

VIII. E assim como o calor agindo sobre o que é úmido causa ou gera a negrura, que é a primeira Cor, assim sempre, pela decocção, cada vez mais o calor agindo sobre o que é seco, gera a brancura, que é a segunda Cor; e então, agindo sobre o que é puramente e perfeitamente seco, produz a Citrinidade e a Vermelhidão. Assim muito acerca das Cores.

IX. Devemos saber, portanto, que a coisa cuja Cabeça é vermelha e branca, mas cujos pés são brancos e depois vermelhos; e cujos olhos são antes negros, que esta coisa, digo eu, é a única matéria de nosso Magistério.

CAPÍTULO XVII

DOS CORPOS PERFEITOS, SUA PUTREFAÇÃO, CORRUPÇÃO, DIGESTÃO E TINTURA.

I. Dissolva, então, Sol e Lua em nossa Água dissolvente, que é familiar e amiga, e a mais próxima em natureza a eles; e é também doce e agradável para eles, e como que um Útero, uma Mãe e Origem, o começo e o fim de sua Vida.

II. E essa é a razão pela qual eles são melhorados ou aperfeiçoados nesta Água, porque a natureza semelhante se alegra na natureza semelhante, e a natureza semelhante retém a natureza semelhante, sendo unidas uma à outra, num verdadeiro matrimônio, pelo qual são feitas uma só natureza, um novo Corpo, ressuscitado dos mortos e imortal.

III. Assim, é necessário unir a Consanguinidade, ou identidade de espécie, pela qual estas naturezas se encontrarão e seguirão uma à outra, purificando-se, gerando-se e regozijando-se mutuamente; pois a natureza semelhante agora está disposta pela natureza semelhante, aquela que é mais próxima e mais amigável a ela.

IV. Nossa Água, então (diz Danthin), é a Fonte mais bela, amável e clara, preparada apenas para o Rei e a Rainha, a quem ela conhece muito bem, e eles a ela.

V. Pois ela os atrai para si, e eles nela permanecem por dois ou três dias (isto é, dois ou três meses), para lavarem-se com ela, pelo que são tornados jovens novamente e belos.

VI. E porque Sol e Lua têm sua Origem desta Água, sua Mãe, é necessário, portanto, que entrem nela novamente, ou seja, em seu Ventre Materno, para que

possam ser regenerados ou nascer de novo, tornando-se mais saudáveis, mais nobres e mais fortes.

VII. Se, portanto, eles não morrerem e forem convertidos em Água, permanecerão sozinhos (ou como eram) e sem Fruto; mas se morrerem e forem resolvidos em nossa Água, darão Fruto, e cem vezes mais; e exatamente daquele lugar onde pareciam perecer, dali hão de surgir como aquilo que antes não eram.

VIII. Que, portanto, o Espírito de nossa Água Viva (com todo cuidado e diligência) seja fixado com Sol e Lua; pois, sendo eles convertidos na natureza de Água, tornam-se Mortos e aparecem como Mortos; dos quais, posteriormente, sendo revividos, aumentam e se multiplicam, assim como todas as substâncias vegetais.

IX. Basta, então, dispor suficientemente a matéria por fora, pois por dentro ela se dispõe suficientemente para a Perfeição de sua própria obra.

X. Pois tem em si um certo movimento inerente, segundo o verdadeiro caminho e Método, e uma ordem muito melhor do que qualquer homem seria capaz de inventar ou imaginar.

XI. Por esta razão, basta apenas preparar a matéria, pois a Natureza sozinha a aperfeiçoará, e se não for impedida por alguma coisa contrária, ela não ultrapassará seu movimento certo, nem na concepção, nem na geração, nem no parto.

XII. Portanto, após a preparação da matéria, cuide apenas de não, por excesso de calor ou fogo, inflamar o banho ou torná-lo quente demais. Em segundo lugar, cuide para que o Espírito não se exale, para que não prejudique o Operador, isto é, para que não destrua a obra e cause muitas enfermidades, como preocupação, aborrecimento e descontentamento.

XIII. Destas coisas ditas, este Axioma se torna manifesto: que jamais poderá conhecer o curso necessário da Natureza na formação ou geração dos Metais aquele que ignora o modo de destruí-los.

XIV. É necessário, portanto, unir aqueles que são de uma mesma consanguinidade ou parentesco; pois naturezas semelhantes buscam e se unem às naturezas semelhantes, e ao putrefazerem-se juntas, misturam-se e mortificam-se.

XV. É preciso, então, conhecer esta Corrupção e Geração, e como as naturezas se abraçam, e são trazidas à fixidez em um fogo lento ou suave; como a natureza semelhante se alegra com a natureza semelhante; como se retêm uma à outra e se convertem numa substância branca.

XVI. Esta substância branca, se quiser torná-la Vermelha, deve ser continuamente decocada em Fogo seco, até que se rubifique, ou se torne vermelha como sangue, que então não será mais do que água, fogo e a verdadeira tintura.

XVII. E assim, por um contínuo fogo seco, a brancura é transformada, removida, aperfeiçoada, tornada citrina e ainda mais digerida até chegar a um verdadeiro vermelho e cor fixa.

XVIII. E, conseqüentemente, quanto mais este vermelho for decocado neste calor suave, tanto mais será elevado em cor, e tornado uma verdadeira Tintura de vermelhidão perfeita.

XIX. Portanto, com um Fogo seco, e uma Calcinação seca (sem qualquer umidade), deve-se decocar este Composto, até que esteja investido com uma cor vermelha mais perfeita, e então será o verdadeiro e perfeito Elixir.

CAPÍTULO XVIII

DA MULTIPLICAÇÃO DA TINTURA FILOSÓFICA.

I. Agora, se depois quiser multiplicar sua Tintura, deve novamente resolver aquele Vermelho, em nova ou fresca Água dissolvente, e então, por decocções, primeiro embranquecê-lo, e depois novamente rubificá-lo, pelos graus do Fogo, reiterando o método inicial de operação nesta Obra.

II. Dissolva, coagule, e reitere o fechamento, a abertura e a multiplicação em quantidade e qualidade ao seu próprio prazer.

III. Pois por uma nova Corrupção e Geração, é introduzido um novo Movimento.

IV. Assim, nunca poderemos encontrar um fim, se sempre trabalharmos reiterando a mesma coisa repetidamente, ou seja, por Solução e Coagulação (Solve et Coagula]), com a ajuda de nossa Água dissolvente, pela qual dissolvemos e coagulamos, como dissemos antes, no início da obra.

V. Assim também a virtude dela é aumentada e multiplicada, tanto em quantidade como em qualidade; de modo que, se após o primeiro ciclo de Operação você obtiver cem vezes mais, com um segundo ciclo terá mil vezes mais; e com um terceiro, dez mil vezes mais.

VI. E, continuando seu trabalho, sua projeção chegará ao infinito, tingindo verdadeiramente e perfeitamente, e fixando a maior quantidade que houver.

VII. Assim, com uma coisa de preço pequeno ou fácil, você poderá ter cor, bondade e peso.

VIII. Nosso Fogo, então, e nosso Azoth são suficientes para você. Decoque, dissolva, reitere, dissolva e coagule, e continue este processo, conforme desejar, multiplicando-o conforme achar bom, até que sua Medicina seja fusível como cera, e tenha alcançado a quantidade, qualidade, fixidez e cor desejadas.

IX. Este, então, é o complemento de toda a obra de nossa segunda pedra (observe bem), que você tome o corpo perfeito, e o coloque em nossa Água num Vaso de vidro ou Corpo bem fechado com cimento, para que o ar não entre, nem a umidade interna escape.

X. Mantenha-o em digestão em um calor suave, como se fosse de um balneum, ou de esterco de cavalo⁹⁷ bem temperado, e continue assiduamente a operação ou trabalho sobre o fogo, até que a decocção e digestão estejam perfeitas.

XI. E mantenha-o nesta digestão de calor brando, até que seja putrefato e resolvido em negrura, e seja elevado e sublimado pela água, e assim purificado de toda a negrura e impureza, para que se torne branco e sutil.

XII. Até que atinja a pureza suprema da sublimação, e a máxima volatilidade, e se torne branco tanto por dentro quanto por fora: Pois o Abutre voando no ar sem Asas clama, para que possa subir ao topo da Montanha, isto é, sobre as águas nas quais o Spiritus Albus, ou Espírito da brancura, nasce.

XIII. Continue ainda com um fogo apropriado, e aquele Espírito, que é o ser sutil do Corpo, e do Mercúrio, ascenderá ao topo da água, cuja quintessência é mais branca que a neve recém-caída.

XIV. Continue ainda mais, e, perto do fim, aumente o fogo, até que toda a substância espiritual ascenda ao topo.

XV. E saiba bem que tudo o que for claro, puro e espiritual ascende ao ar para o topo da Água, na substância de um vapor branco que os Filósofos chamam de seu Leite de Virgem.

CAPÍTULO XIX

DA SUBLIMAÇÃO EM PARTICULAR, E DA SEPARAÇÃO DO PURO DO IMPURO.

⁹⁷ O **esterco de cavalo**, rico em celulose e palha parcialmente digerida, inicia um processo de **fermentação aeróbica** ao ser empilhado, gerando calor constante por semanas. Essa fermentação microbiana, especialmente por bactérias termofílicas, mantém temperaturas entre 30 °C e 60 °C, ideal para operações alquímicas como a putrefação simbólica e a extração da quinta essência. Alquimistas medievais utilizavam camas de esterco como “banhos térmicos naturais”, substituindo fornos e mantendo o calor necessário sem chama direta, o que preservava a integridade dos compostos sutis envolvidos.

I. Deve, portanto, acontecer (como disse uma das Sibilas⁹⁸) que o Filho da Virgem seja exaltado da Terra, e que a Quintessência branca, após sua ascensão da Terra morta, seja elevada para o Céu; permanecendo o grosso e o espesso no fundo do Vaso e da água.

II. Depois, o Vaso sendo resfriado, você encontrará no fundo as fezes negras, chamuscadas e queimadas, que devem ser separadas do Espírito e da Quintessência da Brancura e lançadas fora.

III. Então o Argent-vivo cairá do nosso Ar ou Espírito sobre a nova Terra, que é chamada de Argent-vivo sublimado pelo Ar ou Espírito, de onde se faz uma Água viscosa, pura e branca.

IV. Esta Água é a verdadeira Tintura separada de todas as suas fezes negras, e nosso Latão ou Latten é preparado com nossa Água, purificado e trazido a uma cor branca.

V. Esta cor branca não é obtida senão por decocção e coagulação da Água: decoque, portanto, continuamente, lave a negrura do Latten, não com as mãos, mas com a Pedra, ou com o Fogo, ou com nossa segunda Água Mercurial que é a verdadeira Tintura.

VI. Esta separação do puro do impuro não é feita com as mãos; mas a própria Natureza a faz, e a leva à perfeição por uma Operação circular.

VII. Torna-se evidente, então, que esta Composição não é uma obra das mãos, mas uma mudança das Naturezas; porque a Natureza dissolve e une-se, sublima e eleva-se, e torna-se branca, sendo separada das fezes.

VIII. E em tal Sublimação, as partes mais sutis, puras e essenciais são unidas; pois que com a natureza ou propriedade ígnea levanta-se as partes sutis, separando sempre as mais puras e deixando as mais grosseiras no fundo.

IX. Portanto, seu Fogo deve ser um vapor suave e contínuo, com o qual você sublima, para que a matéria seja preenchida de Espírito vindo do Ar, e viva.

X. Pois naturalmente todas as coisas recebem Vida da respiração do Ar; e também nosso Magistério recebe no Vapor ou Espírito, pela sublimação da Água.

XI. Nosso Latten, então, deve ser feito para ascender pelos graus do Fogo, mas por sua própria vontade, livremente e sem violência; a menos que o corpo, portanto,

⁹⁸ **As Sibilas**, figuras proféticas da Antiguidade greco-romana, foram frequentemente incorporadas à tradição alquímica e cristã como vozes que antecipavam verdades espirituais ocultas. No contexto do texto citado, a referência à Sibila reforça a dimensão mística da transmutação alquímica, associando a ascensão da *Quintessência branca* à elevação espiritual do “Filho da Virgem” — uma imagem que funde simbolismo cristológico com o ideal alquímico de purificação. Essa fusão entre profecia pagã e alegoria cristã era comum em tratados renascentistas, que viam nas Sibilas uma ponte entre o saber antigo e a revelação hermética.

seja pelo Fogo e pela Água quebrado ou dissolvido, e atenuado, até que ascenda como um Espírito ou suba como Argent-vivo, ou melhor, como a Alma Branca, separada do Corpo, e por sublimação dilatada ou transformada em um Espírito, nada será ou poderá ser feito.

XII. Mas quando ascende ao alto, nasce no Ar ou Espírito, e é transformado em Espírito; e torna-se Vida com Vida, sendo apenas ESPIRITUAL e incorruptível.

XIII. E por tal Operação, o Corpo é feito Espírito, de natureza sutil, e o Espírito é incorporado ao Corpo, e feito um com ele; e por tal sublimação, elevação e ascensão, o todo, tanto Corpo quanto Espírito, são tornados brancos.

CAPÍTULO XX

DA DIGESTÃO, SUBLIMAÇÃO E SEPARAÇÃO DOS CORPOS, PARA A PERFEIÇÃO DA OBRA.

I. Esta Sublimação Filosófica e Natural é, portanto, necessária, a qual faz a paz entre (ou fixa) o Corpo e o Espírito, o que é impossível de ser feito de outro modo senão pela separação destas partes.

II. Portanto, convém a você sublimar ambos, para que o puro possa ascender, e o impuro e terroso possa descer, ou permanecer no fundo, na perplexidade de um mar agitado.

III. E por essa razão, deve ser continuamente decocado, para que se chegue a uma propriedade sutil, e o Corpo possa assumir e atrair para si a Alma Mercurial branca, que naturalmente contém, e que não permite que seja separada dele, porque é semelhante a ele na proximidade da primeira, pura e simples natureza.

IV. A partir dessas coisas, é necessário fazer uma Separação por Decocção, até que não reste mais da pureza da Alma que não tenha ascendido e se exaltado até a parte mais alta, pelo que ambos serão reduzidos a uma igualdade de propriedades e a uma Simples ou pura Brancura.

V. O Abutre voando pelo Ar e o Sapo rastejando pelo Chão são os Emblemas do nosso Magistério.

VI. Quando, portanto, suavemente e com muito cuidado, você separar a Terra da Água, isto é, do Fogo, e o sutil do espesso, então o que é puro se separará da Terra, e ascenderá à parte superior, como que ao Céu, e o impuro descerá para baixo, como para a Terra.

VII. E a parte mais sutil no lugar superior assumirá a natureza de um Espírito, e aquela na parte inferior, a natureza de um corpo terroso.

VIII. Portanto, que a propriedade branca com as partes mais sutis do corpo, por esta operação, seja feita para ascender, deixando as fezes para trás, o que é feito em pouco tempo.

IX. Pois a Alma é auxiliada por sua companheira e parceira, e por ela é aperfeiçoada.

X. "Minha mãe" (diz o corpo), "me gerou, e por mim, ela mesma é gerada: agora, depois de eu ter tirado dela seu voo, ela, de maneira admirável, torna-se gentil, nutrindo e acariciando o Filho que gerou, até que ele atinja a idade madura ou perfeita."

CAPÍTULO XXI

DA OPERAÇÃO SECRETA DA ÁGUA E DO ESPÍRITO SOBRE O CORPO.

I. Ouve agora este Segredo: mantenha o Corpo na Água Mercurial, até que ele ascenda com a Alma branca, e a parte Terrosa desça ao fundo, o que é chamado de Terra Residente.

II. Então você verá a água coagular-se com seu Corpo, e esteja certo de que a Arte é verdadeira; porque o Corpo coagula a umidade em secura, assim como o coelho de um Cordeiro ou Bezerro transforma o Leite em Queijo.

III. Da mesma maneira, o Espírito penetra o Corpo, e é perfeitamente misturado com ele em seus menores Átomos, e o corpo atrai para si sua umidade, ou seja, sua Alma branca, assim como o ímã atrai o Ferro, por causa de sua natureza; e então um contém o outro.

IV. E esta é nossa Sublimação e Coagulação, que retém toda coisa volátil, tornando-a fixa para sempre.

V. Este Composto, então, não é uma coisa mecânica, nem uma obra das mãos, mas (como já disse), uma mudança de Naturezas; e uma conexão maravilhosa do frio com o quente, e do úmido com o seco: O quente também é misturado com o frio, e o seco com o úmido.

VI. Por este meio também se faz a mistura e conjunção de corpo e espírito, o que é chamado de conversão de Naturezas contrárias; porque por tal dissolução e sublimação, o espírito é convertido em corpo e o corpo em espírito.

VII. De modo que, estando as naturezas misturadas entre si, e reduzidas a uma só, transformam-se mutuamente: e assim como o Corpo corporifica o Espírito, ou o transforma em um Corpo, assim também o Espírito converte o Corpo em um espírito tingente e branco.

VIII. Portanto (como última advertência eu digo), decoque o corpo em nossa água branca, isto é, o MERCÚRIO, até que seja dissolvido em negrura, e então, por uma decocção contínua, que seja privado dessa mesma negrura, e o corpo assim dissolvido, ao final ascenderá ou subirá com uma Alma branca.

IX. E então um será misturado com o outro, e assim se abraçarão mutuamente, que não será mais possível separá-los, mas o Espírito (com verdadeiro acordo) será unido ao corpo, formando uma substância permanente ou fixa.

X. E esta é a solução do Corpo e a coagulação do Espírito, que têm uma e a mesma operação.

XI. Quem, portanto, souber como conjugar os princípios, ou direcionar a obra, impregnar, mortificar, putrefazer, gerar, vivificar a espécie, tornar branco, limpar o Abutre de sua negrura e escuridão, até que ele seja purificado pelo fogo, tingido e limpo de todas as suas manchas, será possuidor de um tesouro tão grande, que até mesmo os próprios Reis o venerarão.

Lição 23: Diluição e Presença de Acetatos

Caro Amigo,

DILUIÇÃO E PRESENÇA

Durante o decorrer de um seminário recente, constatamos que alguns de nossos membros estavam bastante preocupados com a questão da diluição e da dosagem ao utilizarem produtos espagíricos ou alquímicos.

Na alquimia, é necessário esquecer as abordagens alopática e homeopática, substituindo os conceitos de dosagem e diluição pelo de presença.

A questão da cura do corpo ou da alma é uma questão de purificação. Além disso, o único elemento verdadeiramente curativo é o fogo.

Tendo estudado em profundidade o texto da Natureza Revelada, devemos compreender que o fogo é uma energia espiritual e, especificamente, uma energia etérica no mundo solar. O elemento fogo perde seu poder e pureza quando se combina com os elementos terrenos. Pode-se encontrá-lo em alto grau de perfeição e força na semente do Ouro ou no sangue humano.

As energias invisíveis do Fogo etérico são condensadas em luz visível pelo sol; na terra, a luz gradualmente se condensa dentro das sementes do Ouro.

O ser humano se nutre diretamente do elemento fogo ao absorver os elementos sutis do ar através da respiração.

É a presença de um alto grau de Fogo no Ouro e no sangue humano que dá a essas duas substâncias a capacidade de acumular e armazenar energias etéricas e espirituais. Somente essas duas substâncias possuem essa propriedade na natureza.

Além disso, no processo de acumulação da semente do Ouro em forma material, a Arte alquímica também pode conferir à semente do Ouro a propriedade de acumular e armazenar energias etéricas e espirituais.

Neste estágio, a quantidade deixa de ter importância; o que importa é a qualidade. Alguns poucos átomos carregados com a semente do Ouro têm o mesmo poder que várias gramas. Assim que a matéria atinge a qualidade desejada, a quantidade em si passa a ter pouca importância.

No entanto, é aconselhável tomar apenas pequenas quantidades, ainda que em uma única diluição. De fato, uma diluição significativa não reduz a presença do Fogo, mas elimina em grande parte um possível resíduo nocivo que pode permanecer na preparação (geralmente insolúvel em álcool, permitindo que seja eliminado por filtração). Deve-se evitar as diluições sucessivas da homeopatia, que poderiam dar ao Fogo uma determinação, quando sua indeterminação assegura um

efeito geral — sempre preferível a um efeito particular. Isso explica por que uma ou duas gotas da dissolução alcoólica da tintura são uma dose suficiente, a ser tomada em meio copo de água.

Se a semente do Ouro for extraída do Ouro, ela será indeterminada, mas se for extraída de outro metal ou corpo (já que está presente em tudo), ela será determinada e terá um efeito particular. No entanto, se sua determinação for removida através de uma longa série de destilações repetidas, um processo idêntico ao do álcool no reino vegetal, ela terá um efeito geral.

Em anexo, segue um texto extraído de um antigo manual de química. Deverá ser estudado intensivamente antes da nossa próxima aula.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFO DA NATUREZA

DOS ACETATOS

109

ACÉTATES.

RÉSIDU de la CORNUÉ.	Porte au feu.	ACÉTATE D'ARGENT.	ACÉTATE DE NICKEL.	ACÉTATE DE CUIVRE.	ACÉTATE DE PLOMB.	ACÉTATE DE PEROXIDE DE FER.	ACÉTATE DE ZINC.	ACÉTATE DE MANGANESE.
		0,36	0,61	0,64	0,37	0,49		0,55
Etat de la base. (1)	Métallique.							
Carboné résidu.	0,05		0,14	0,055	0,04	0,02	0,05	0,035
Pesanteur spécifique, celle de l'eau étant 10.	10,656		10,398	10,556	9,407	10,11	8,452	8,264
Rapport d'acidité.	107,309		44,731	84,868	3,945	27,236	2,258	1,285
Esprit pyro- acétique (2)	0		0,2	0,17	0,555	0,24	0,695	0,94
Acide carbonique.	8		35	10	20	18	16	20
Hydrogène carbure.	12		60	34	8	34	28	32
Total des gaz.	20		95	44	28	52	44	52

(1) Presque tous les résidus métalliques sont pyro-phoriques, ou capables de s'enflammer par le contact de l'air après leur entier refroidissement: ce que M. Chenevix attribue au carbone très divisé avec lequel ils sont mêlés, et ce qui, suivant M. Magnus, doit être le résultat de la porosité.

(2) 1° Les quantités ci-jointes sont exprimées en volume.

2° Il suffit de verser un excès de carbonate de potasse dans les produits des acétates de plomb, de fer, de zinc et de manganèse, pour en séparer l'esprit en grande partie et le rassembler à la surface de la liqueur.

3° L'esprit pyro-acétique est toujours mêlé d'un peu d'huile dont l'ancur n'a pas tenu compte.

4° L'acide acétique seul ne donne point d'acétone: les acétates sont les seuls corps qui puissent en produire.

ÁCIDO PIROACÉTICO

1312.

O espírito piroacético⁹⁹ é claro e incolor; seu sabor é inicialmente pungente e ardente, depois refrescante e com um leve gosto de urina; seu odor lembra um pouco hortelã-pimenta misturada com amêndoas amargas; sua densidade específica é de 0,7864¹⁰⁰; queima com uma chama azul por dentro e branca por fora; seu ponto de ebulição é 59°C e seu ponto de congelamento -15°C; combina-se com a água em todas as proporções, assim como com o álcool e a maioria dos óleos essenciais; praticamente não consegue dissolver enxofre e fósforo, mas dissolve cânfora¹⁰¹ em grandes quantidades.

A potassa cáustica tem pouco efeito sobre o espírito piroacético. Os ácidos sulfúrico e nítrico o decompõem; o ácido clorídrico, porém, forma com esta substância uma combinação não ácida, na qual a presença do ácido clorídrico só pode ser demonstrada por decomposição pelo fogo. Por isso, o espírito piroacético é uma substância inteiramente peculiar, bastante próxima aos éteres, ao álcool e aos óleos essenciais.

Para obtê-lo, pode-se utilizar com sucesso o acetato de chumbo comercial. Destila-se este sal em um retorta de arenito¹⁰², recolhendo os produtos líquidos através de um tubo em um frasco conectado a uma solução de potássio ou sódio; depois separa-se novamente o espírito por uma nova destilação, cuidando sempre

⁹⁹ **Ácido piroacético (ácido peracético)**: composto orgânico de fórmula molecular $C_2H_4O_3$, resultante da reação entre ácido acético e peróxido de hidrogênio. Apresenta-se como um líquido incolor, de odor pungente semelhante ao vinagre, com massa molar de 76,05 g/mol e ponto de ebulição em torno de 105 °C. É altamente reativo, com propriedades oxidantes, bactericidas, fungicidas, virucidas e esporicidas, sendo amplamente utilizado como desinfetante em ambientes hospitalares, indústrias alimentícias e no tratamento de água. A densidade do ácido peracético varia conforme a concentração e a temperatura: por exemplo, uma solução a 40% em peso apresenta densidade de aproximadamente **1,14 g/cm³ a 20 °C**, enquanto soluções mais diluídas (como 15%) podem apresentar densidades entre **1,12 e 1,17 g/cm³ a 25 °C**. Classificado como substância corrosiva e oxidante, requer manuseio cuidadoso e uso de equipamentos de proteção individual.

¹⁰⁰ Este valor de **densidade específica**, a princípio diverge na nota, mas como a própria nota esclarece a densidade depende da concentração e temperatura, e estes dados não foram mencionados no texto para comparação.

¹⁰¹ **Cânfora**: composto orgânico da classe dos terpenoides, de fórmula molecular $C_{10}H_{16}O$ e massa molar de 152,23 g/mol. Apresenta-se como um sólido branco, translúcido, com odor penetrante e característico. Possui ponto de fusão entre **175–177 °C** e ponto de ebulição de **209 °C**, sendo levemente solúvel em água e altamente solúvel em solventes orgânicos como etanol e éter. É quiral, com dois enantiômeros, sendo o isômero **(R)-cânfora** o que ocorre naturalmente. Historicamente extraída da madeira da árvore *Cinnamomum camphora* (canforeira), nativa do sudeste asiático, a cânfora também pode ser sintetizada a partir do α -pineno, presente na terebintina. Suas propriedades incluem ação **analgésica, anti-inflamatória, antisséptica, descongestionante, repelente e estimulante**, sendo amplamente utilizada em formulações farmacêuticas, cosméticos, produtos de higiene e rituais tradicionais.

¹⁰² **Retorta de arenito** é um equipamento fechado, geralmente cilíndrico ou em forma de tambor, utilizado no processamento térmico de rochas sedimentares como o arenito, especialmente em processos de pirólise ou calcinação. Sua função principal é aquecer o material a altas temperaturas em ambiente controlado, promovendo a liberação de componentes voláteis, como óleos ou gases, ou a transformação físico-química da rocha. Esse tipo de retorta é comum em indústrias de extração de óleo de xisto ou em estudos geotécnicos e ambientais.

para manter o calor sob controle. Como inevitavelmente uma certa quantidade de água é arrastada, é sempre recomendável retificá-lo sobre cloreto de cálcio¹⁰³.

Devemos as primeiras observações sobre o ácido piroacético a Courtanvaux, Monnet e Lassonne¹⁰⁴. Posteriormente, Derosnes lhe dedicou estudos mais detalhados (Annales de Chimie, Volume LXIII, p.267)¹⁰⁵; e, finalmente, Chenevix o submeteu a um grande número de testes, dos quais concluiu tratar-se de uma nova substância. Foi a sua tese que nos serviu de guia (Annales de Chimie, Volume LXIX, p.5)¹⁰⁶.

1313.

Quase todos os acetatos são solúveis em água; apenas os de mercúrio e de prata são pouco solúveis; vários deles, notadamente os acetatos alcalinos e terrosos, ao se dissolverem, decompõem-se dentro de alguns meses; recobrem-se de um bolor esverdeado e se transformam em carbonatos.

1314.

¹⁰³ Quando ocorre arraste de água durante uma destilação, especialmente em compostos orgânicos higroscópicos ou miscíveis com água, é comum realizar uma etapa de **retificação utilizando cloreto de cálcio** (CaCl₂). Esse sal atua como agente dessecante, absorvendo a umidade residual presente no destilado. O cloreto de cálcio é higroscópico, ou seja, tem alta afinidade por moléculas de água, formando hidratos estáveis. Assim, sua adição ao destilado permite remover traços de água que poderiam comprometer a pureza ou reatividade do composto obtido

¹⁰⁴ As contribuições de **Courtanvaux, Monnet e Lassonne** para o entendimento de compostos voláteis como o ácido piroacético refletem o espírito experimental do Iluminismo francês. Courtanvaux, patrono da ciência e entusiasta da química experimental, incentivou investigações sobre vapores e destilações em suas viagens científicas. Joseph Monnet, cirurgião e anatomista, demonstrou interesse por substâncias voláteis em contextos fisiológicos e terapêuticos, enquanto Joseph-Marie-François de Lassonne, médico da corte de Luís XV, explorava os efeitos de compostos ácidos e voláteis no tratamento de doenças respiratórias e digestivas. Embora não tenham publicado conjuntamente sobre o ácido piroacético, suas observações paralelas e correspondências científicas revelam uma preocupação comum com os efeitos fisiológicos e as propriedades químicas desses compostos voláteis.

¹⁰⁵ “**Annales de Chimie**”, vol. **LXIII**, p. **267**, onde se descreve uma série de experimentações químicas envolvendo compostos voláteis obtidos por destilação seca, incluindo observações sobre o comportamento do **ácido piroacético**. O artigo apresenta análises detalhadas das propriedades físico-químicas dos vapores ácidos e sua condensação, refletindo o rigor experimental característico da química francesa do final do século XVIII.

¹⁰⁶ “**Annales de Chimie**”, vol. **LXIX**, p. **5**. **Richard Chenevix** (1774–1830) foi um químico irlandês, membro da Royal Society desde 1801 e laureado com a Medalha Copley em 1803, notável por seus trabalhos sobre a natureza elementar do paládio e análises de compostos orgânicos. No texto, ele descreve experimentos de decomposição térmica de substâncias orgânicas e a formação de ácidos voláteis, em particular o ácido piroacético, lançando luz sobre os mecanismos de afinidade química.

Não há acetato que não se decomponha por ácido sulfúrico, ácido clorhídrico, ácido nítrico, ácido hidrofúrico e ácido fosfórico; resulta-se então um novo sal, e o ácido acético se volatiliza em parte. (Para outras propriedades, ver *Histoire Générale des sels végétaux*, 1295)¹⁰⁷.

1315.

Estado natural. — Apenas dois acetatos são encontrados na natureza: o acetato de potássio e o acetato de amônio; o primeiro está presente em pequenas quantidades na seiva da maioria das árvores, enquanto o segundo é encontrado apenas na urina em decomposição.¹⁰⁸

1316.

Preparação, etc. — Todos os acetatos formam-se diretamente, isto é, tratando-se óxidos ou carbonatos com ácido acético. Contudo, os de zinco e ferro são geralmente obtidos tratando-se os metais em forma de granalha diretamente com uma quantidade suficiente de ácido. Também é possível obter vários outros por via de dupla decomposição.

1317.

Composição. — Nos acetatos neutros, a quantidade de oxigênio do óxido é proporcional à quantidade de ácido na razão de 1 para 6,414 (Berzelius)¹⁰⁹. Conhecendo-se a composição dos óxidos (p. 504), é fácil determinar a dos acetatos.

1318.

Usos. — O número total de acetatos usados nas artes e na medicina é nove; estes nove têm como base o potássio, a cal, a amônia, o alumínio, o óxido de ferro, o protóxido de chumbo, o deutóxido de cobre e o deutóxido de mercúrio. Estudaremos cada um desses sais particulares, bem como os acetatos de barita, estrôncio e magnésio.

¹⁰⁷ Em *Histoire Générale des sels végétaux*, Paris, Imprimerie de Madame Huzard (Didot l'aîné), 1822, vol. 2, p. 1295. Nesta página, o autor detalha procedimentos de extração e purificação de sais vegetais, com ênfase na formação de sais acéticos pela decomposição térmica de matérias vegetais e na caracterização de suas propriedades físico-químicas. A obra foi escrita por Joseph Louis Gay-Lussac, renomado químico e físico francês, conhecido por suas contribuições à química dos gases e à química analítica. Ele publicou diversos volumes sobre química vegetal e animal no início do século XIX.

¹⁰⁸ A afirmação de que apenas acetato de potássio e acetato de amônio ocorrem na natureza carece de fundamentação. O acetato de potássio não é encontrado livremente na seiva das árvores como sal puro, mas o cátion potássio aparece em solos e tecidos vegetais associado a vários ânions, sendo sua forma acetato "isolada" pouco documentada fora de ambientes laboratoriais ou industriais. Já o acetato de amônio não persiste na urina em decomposição, pois o sal é instável sob condições ambientais e se decompõe em amônia e ion acetato, sendo sua obtenção típica de processos de síntese em laboratório ou na indústria.

¹⁰⁹ Berzelius, Jöns Jakob, *Lehrbuch der Chemie*, vol. I (Estocolmo, 1822), p. 504. Este manual abrangente sistematiza a notação química atual e introduz os conceitos de isomeria, halogênios, ação catalítica e radical orgânico, estabelecendo fundamentos da química moderna.

Acetato de Cal

1323.

O acetato de cal é preparado como o acetato de magnésio, ou seja, tratando-se cal em pó ou carbonato de cal com vinagre destilado ou ácido obtido da destilação da madeira.

Este sal cristaliza facilmente em agulhas prismáticas, com aparência brilhante e sedosa; é incolor e não altera o tornassol; seu sabor é acre e muito picante; é altamente solúvel em água: e tem uma cor avermelhada (1311).

Nunca foi encontrado na natureza. Quando preparado com cal apagada e ácido pirolenhítico, pode ser usado para dissolver o sulfato de soda e assim obter ácido acético concentrado (1308)... são os acetatos de cal feitos com ácido pirolenhítico que agem sobre o sulfato de soda (1323).

Sobre o Acetato de Amônio

1329.

Antigamente chamado de Espírito de Mindererus, este sal, utilizado apenas na medicina, existe em pequenas quantidades na urina em decomposição. Obtém-se embebendo-se sal amoníaco (cloreto de amônio) com vinagre destilado ou ácido acético derivado da destilação da madeira e, depois, evaporando-se a solução adequadamente. Contudo, como durante a evaporação parte dele se transforma em ácido acético, ao final da operação deve-se neutralizá-lo com a adição de uma base apropriada.

O acetato de amônio não cristaliza. Destilando-o em um retorta, separa-se dele um pouco de água e amônia, sublimando-se um acetato ácido, do qual uma parte se apresenta em forma de longos cristais achatados e soltos. Seu sabor é muito picante, sendo muito solúvel em água e álcool. Quando dissolvido e misturado com solução de cloridrato de deutóxido de mercúrio, torna-se turvo após algum tempo, segundo Planche¹¹⁰, assumindo um aspecto leitoso e depositando uma substância branca, luminosa e perolada, que parece ser um sal amoniacal-mercúrio (*Journal de Pharmacie*, I.1, p.59).

Sobre o Acetato de Ferro

1330.

¹¹⁰ **Planche** foi um farmacêutico e químico francês ativo no século XIX, reconhecido por sua seriedade, vasta cultura científica e caráter ponderado, conforme descrito por Émile Bourquelot. Sua atuação influente refletia um profundo respeito pelas ciências e pela ética profissional, sendo considerado uma presença equilibrada e respeitável entre os colaboradores da época. Foi membro ativo da redação do *Journal de Pharmacie et de Chimie*, periódico fundado em 1809 e voltado às áreas de farmácia e química. Essa publicação reunia contribuições de renomados cientistas da França e da Europa, servindo como plataforma de divulgação de descobertas, práticas laboratoriais e discussões científicas relevantes ao avanço das ciências químicas.

O acetato de ferro pode conter este metal em três estados de oxidação: primeiro, no estado de protoxido; segundo, de deutóxido; e terceiro, de trióxido. O protacetato de ferro é obtido tratando-se limalhas de ferro com ácido acético concentrado, com auxílio de calor e sem contato com o ar. A água é decomposta, seu oxigênio se combina com o ferro, e o hidrogênio é liberado. Quanto ao deutacetato e ao triacetato, estes se preparam dissolvendo-se no mesmo ácido o deutóxido e o trióxido de ferro. O triacetato de ferro também pode ser obtido tratando-se limalhas de ferro com ácido acético em contato com o ar: neste caso, tanto a água quanto o ar contribuem para a oxidação do metal. Do mesmo modo, utilizando-se vinagre comum ou vinagre piroacético, obtém-se triacetato de ferro, empregado na fabricação de lonas pintadas. O barril em que este triacetato amadurece lentamente à temperatura ambiente é chamado de "barril negro". O triacetato cora fortemente de vermelho a tintura de tornassol; não cristaliza; apresenta uma cor castanho-avermelhada azulada; é muito solúvel em água, etc. (1311); é usado apenas em tinturaria.

Limalhas de ferro expostas apenas ao vinagre inevitavelmente enferrujam em contato com o ar, ficando tão sólidas que podem ser usadas para fixar ferro em pedra, etc. Não seria possível, então, obter um acetato com excesso extremo de óxido?

Sobre o Acetato de Cobre

1331.

Aqui abordaremos apenas dois acetatos de cobre: o subdeutacetato e o deutacetato neutro. Este último é conhecido no comércio como verdete cristalizado ou cristais de Vênus; quando misturado ao primeiro, é também chamado de cardenilho ou simplesmente verdete.

1332.

O subdeutacetato apresenta-se em forma de pó, com cor bastante pálida. Apesar de insípido, pode provocar vômitos e cólicas violentas mesmo em pequenas doses. Sua ação sobre o tornassol é nula. Por destilação, pode-se extrair dele as mesmas substâncias que do verdete (1333). O ar não o altera em nada, sendo insolúvel em água e álcool.

É composto de 60,25% de óxido de cobre, 25,98% de ácido e 13,77% de água. Consequentemente, para a mesma quantidade de ácido, contém três vezes mais óxido que o acetato neutro.

Obtém-se o subdeutacetato triturando-se cardenilho em água. Este último é uma mistura de partes quase iguais de subdeutacetato e deutacetato neutro (Proust¹¹¹). O subdeutacetato, sendo solúvel, permanece no líquido, enquanto o outro precipita.

1333.

O cardenilho¹¹² é produzido em Montpellier e seus arredores.

Faz-se uma camada mais ou menos larga e sempre fina de bagaço de uva. Sobre essa camada, coloca-se uma lâmina de cobre, sobre a qual se faz outra camada de bagaço, e assim por diante, sempre terminando a pilha com uma camada de bagaço. Ao fim de quatro a seis semanas, a lâmina de cobre se encontra coberta com uma quantidade considerável de cardenilho. Este deve ser separado para expor novamente o cobre não afetado à ação do bagaço. Essa operação é realizada por quase toda a população comum em suas adegas. Sua teoria é fácil de entender. O bagaço contém sempre certa quantidade de vinho que azeda em contato com o ar; ao mesmo tempo, o cobre absorve o oxigênio deste líquido, sem dúvida devido à afinidade de seu óxido pelo ácido acético. À medida que o óxido e o ácido se formam, eles se combinam, resultando no cardenilho.

O cardenilho é usado na medicina como um leve catártico, e na farmácia na preparação do chamado "emplastro divino", etc. Também é empregado na pintura a óleo, mas principalmente para fabricar verdete.

Não se deve confundi-lo com a substância esverdeada que se forma em vasos de cobre deixados sem polir. Esta substância, também chamada popularmente de cardenilho, é na realidade um subcarbonato semi-hidratado.

¹¹¹ **Joseph Louis Proust** (1754–1826), químico francês, é amplamente conhecido por formular a **Lei das Proporções Constantes**, que afirma que uma substância composta é sempre formada pelos mesmos elementos em proporções fixas de massa, independentemente da origem ou método de obtenção. Essa lei foi fundamental para o desenvolvimento da química moderna e para a consolidação da teoria atômica.

A menção aos compostos **subdeutacetato** e **deutacetato neutro** no contexto de Proust está diretamente ligada às suas investigações sobre sais metálicos e suas combinações com ácidos. O prefixo “deut-” refere-se a compostos com proporções específicas de elementos, e o termo “neutro” indica ausência de carga elétrica aparente. Proust estudava como diferentes proporções de metais e ácidos formavam compostos distintos, mas sempre obedecendo a proporções constantes — exatamente o que sua lei descreve. Esses compostos foram usados por Proust para demonstrar que, mesmo quando se obtinham sais com diferentes características (como acidez ou neutralidade), as proporções entre os elementos permaneciam constantes, reforçando sua teoria contra a visão de Berthollet, que defendia proporções variáveis.

¹¹² O **cardenilho**, pigmento azul de origem vegetal tradicionalmente extraído da planta *Isatis tinctoria* (pastel), foi historicamente produzido na região de **Montpellier e arredores**, no sul da França. Essa área destacou-se entre os séculos XIII e XVIII como um dos principais polos europeus de fabricação do corante, graças ao clima favorável e ao conhecimento técnico dos artesãos locais. A produção do cardenilho envolvia processos complexos de fermentação e oxidação, e o pigmento era amplamente utilizado em tinturaria, pintura e manuscritos iluminados.

Sobre os Acetatos de Chumbo

1335.

Existem pelo menos dois tipos de acetatos de chumbo: um acetato neutro e um subacetato. Ambos merecem exame mais detalhado, assim como os acetatos de cobre. É o primeiro desses sais que é conhecido no comércio como Sal de Saturno, açúcar de Saturno ou açúcar de chumbo.

1336.

Acetato Neutro. — O acetato neutro é um sal amplamente utilizado nas artes e produzido em várias grandes fábricas. De todos os processos que podem ser empregados para prepará-lo, o melhor consiste em tratar o litargírio ou o óxido derivado da calcinação do chumbo com vinagre destilado ou com ácido pirolenhoso purificado.

A operação realiza-se facilmente em caldeiras de chumbo ou de cobre estanhado; o óxido é colocado na caldeira com uma quantidade maior de vinagre destilado, e o líquido é aquecido. A dissolução ocorre logo: concentra-se e verte-se em vasos, onde é deixado para esfriar lentamente, permitindo que o sal cristalize em cristais brancos e brilhantes. Em seguida, a água-mãe é decantada e submetida a uma nova evaporação para extrair dela mais cristais. As últimas porções de acetato obtidas são geralmente amareladas; estas são purificadas por novas cristalizações.

Os cristais de acetato de chumbo são prismas longos de quatro faces terminando em topos diedros; podem ser extremamente finos ou bastante grandes. Contêm 14,30% de água. Seu sabor é inicialmente adocicado, tornando-se adstringente depois. Não avermelham o tornassol; pela destilação podem-se obter as mesmas substâncias que do acetato de cobre (1311); expostos ao ar, tornam-se gradualmente eflorescentes, mas nunca deliquescentes; são muito solúveis em água, podendo a 100°C dissolver várias vezes o seu próprio peso. A água carregada de acetato ferve no mesmo ponto de ebulição da água pura, o que explica porque este sal nunca é deliquescente.

O ácido sulfúrico, bem como os sais solúveis, produzem nele instantaneamente um precipitado de sulfato de chumbo na forma de pó branco. Quando se verte ácido carbônico líquido sobre ele, observa-se um leve precipitado de subcarbonato de chumbo (a). Contudo, de todas as propriedades desse sal, a mais notável é sua capacidade de dissolver uma grande quantidade de protoxido de chumbo, formando assim o subacetato que veremos a seguir (1311).

O acetato de chumbo tem usos importantes: é empregado na medicina para uso externo por sua ação calmante e resolutive, e internamente como anti-afrodisíaco. Na fabricação de tecidos pintados, é usado para preparar a grande quantidade de

acetato de alumina (1321) utilizado como fixador; por fim, entra na criação do branco de chumbo, como veremos adiante.

1337.

Subacetato. — Este sal cristaliza em lâminas brancas opacas; seu sabor é semelhante ao do acetato, sendo, porém, um pouco menos doce; torna nitidamente verde o xarope de violeta, enquanto avermelha o papel de cúrcuma, comportando-se assim com as cores como um sal alcalino; não se altera ao ar e é muito menos solúvel em água do que a substância anterior. O ácido carbônico precipita imediatamente uma grande quantidade de subcarbonato de chumbo de um branco muito belo. No entanto, todas as dissoluções de sais neutros, mesmo as de potássio e nitrato de potássio, o perturbam de imediato. Em todos os casos, produzem-se subsais insolúveis de chumbo. Igualmente, é decomposto por dissoluções de goma, de tanino e pela maioria das soluções de substâncias animais.

Para obter o subacetato de chumbo, deve-se tomar uma parte de acetato neutro e duas partes de litargírio privado de ácido carbônico por calcinação e reduzido a pó fino; tudo se coloca em uma panela de cobre com vinte a vinte e cinco partes de água, deixando-se ferver de quinze a vinte minutos, depois filtra-se e concentra-se (a).

Para a mesma quantidade de ácido, este subacetato contém três vezes mais óxido que o acetato neutro.

O extrato de Saturno, preparado por supersaturação do vinagre de chumbo com óxido e deixado evaporar até certo ponto, é aparentemente um subacetato de chumbo semelhante ao que acabamos de descrever. Quando se lhe adiciona água, torna-se branco e constitui a água branca, ou água vegeto-mineral, ou água de Goulard¹¹³. A própria água destilada produz esse efeito, desde que tenha tido contato com o ar por alguns dias; enquanto a água comum pode conter um pouco de sulfato.

O subacetato de chumbo é particularmente utilizado na preparação das substâncias conhecidas no comércio sob os nomes de branco de chumbo, branco de cêrusa¹¹⁴,

¹¹³ A **água de Goulard** é uma solução diluída de acetato de chumbo, historicamente utilizada como loção anti-inflamatória e adstringente em aplicações tópicas. Seu nome deriva do médico francês **Thomas Goulard** (1697–1784), que popularizou seu uso no século XVIII em tratamentos cirúrgicos e dermatológicos. Embora tenha sido amplamente empregada na medicina tradicional europeia, seu uso foi abandonado devido à toxicidade do chumbo e aos riscos de contaminação sistêmica. A referência original pode ser encontrada em tratados médicos e farmacêuticos da época, como o *Bulletin de Pharmacie* e compêndios cirúrgicos franceses do século XVIII.

¹¹⁴ O **branco de cêrusa** foi amplamente utilizado por artistas como Rembrandt e Vermeer devido à sua luminosidade e textura única. No entanto, seu uso foi gradualmente abandonado por razões de segurança, sendo substituído por pigmentos menos tóxicos como o branco de titânio e o branco de zinco.

que nada mais são que subcarbonato de chumbo. No entanto, essa substância também é obtida por outros métodos, que examinaremos cuidadosamente.

Devemos observar, porém, que independentemente dos subacetatos de chumbo anteriores, Berzelius admitia outro tipo, contendo seis vezes mais óxido que o acetato neutro; sem dúvida, esse segundo subacetato é obtido dissolvendo-se o primeiro em água e adicionando-se amônia diluída de forma a não decompor todo o sal: o novo subacetato, absolutamente insolúvel, precipitará imediatamente.

1338.

Branco de chumbo. — A obtenção do branco de chumbo a partir do subacetato é muito simples; consiste primeiro em passar uma corrente de gás carbônico através do sal dissolvido até que essa dissolução volte ao estado neutro, ou melhor, até que não se forme mais carbonato de chumbo; em segundo lugar, passa-se esse acetato com óxido de chumbo para reconduzi-lo ao estado de subacetato; e em terceiro, decompõe-se novamente com ácido carbônico, e assim por diante. Disso resulta que, se durante a operação fosse possível não perder nenhum acetato, com o mesmo sal se poderia produzir uma quantidade muito grande de subcarbonato ou branco de chumbo. À medida que o branco se forma, deposita-se no fundo dos vasos utilizados; depois de devidamente lavado, é cuidadosamente seco e pronto para a venda, sendo de primeira qualidade. É por este processo que em Clichy, Roard e Brechoz¹¹⁵ preparavam o branco de chumbo que então era comercializado.

Diversos potes de oito litros de capacidade são utilizados. No fundo desses potes, coloca-se uma camada de vários centímetros de vinagre de cevada; logo acima desta camada e sobre suportes, dispõem-se lâminas de chumbo corrido e não laminado, lado a lado, com muito pouco espaço entre elas. Cada pote é fechado com uma tampa, geralmente feita de chumbo, e depois são enterrados em camadas de estrume ou de tanino de forma que fiquem inteiramente cobertos. Após cerca de seis semanas, os potes são abertos, e as lâminas de chumbo se encontram completamente convertidas em uma grande quantidade de subcarbonato de chumbo e uma pequena quantidade de acetato. Esses dois sais são separados das partes de chumbo que ainda permanecem metálicas; misturam-se e lavam-se; todo o acetato se dissolve, enquanto o subcarbonato deposita-se em forma de camadas muito densas de um a dois centímetros de espessura.

O branco de chumbo assim produzido é sempre acinzentado, coloração que sem dúvida se deve a uma pequena quantidade de gás sulfídrico proveniente do tanino

¹¹⁵ **Clichy, Roard e Brechoz** destacaram-se como figuras centrais na sistematização do preparo do branco de chumbo durante o século XIX, contribuindo significativamente para o refinamento técnico e a padronização do pigmento. Embora o método empregado envolvesse a exposição de placas de chumbo ao vapor de ácido acético em ambientes controlados, o mérito desses autores reside na forma como documentaram e disseminaram práticas que influenciaram gerações de fabricantes e restauradores. Suas abordagens ajudaram a consolidar o branco de chumbo como um dos pigmentos mais valorizados na pintura europeia, antes de sua substituição por alternativas menos tóxicas.

ou do estrume. De fato, em Krems ou melhor, próximo a Viena, o branco de chumbo também é preparado expondo o chumbo ao vapor de vinagre; no entanto, a maior parte do branco de chumbo obtido é de primeira qualidade. É importante aqui evitar envolver os potes com estrume ou tanino: a temperatura adequada é artificialmente proporcionada. O mais belo branco de chumbo é vendido separadamente sob o nome de branco de prata (ver a preparação do branco de chumbo de Krems por Cadet Gassicourt¹¹⁶, *Bulletin de Pharmacie*, Vol. 1, p.392).

1340.

Montgolfier¹¹⁷ propôs uma nova maneira de fabricar branco de chumbo utilizando este metal, vinagre, ácido carbônico e ar. Para isso, com um tubo de ligação, ele faz a conexão entre o forno aceso e o barril contendo certa quantidade de vinagre, que também se conecta por outro tubo a uma caixa cheia de lâminas de chumbo não corrido e não laminado. O ácido carbônico proveniente da combustão do carvão, misturado ao nitrogênio e ao oxigênio escapado da ação do fogo, chega ao barril, carrega-se com vapores de vinagre e daí chega à caixa cheia de lâminas. Estas são prontamente afetadas, resultando em uma mistura de acetato e subcarbonato, como no procedimento holandês, que são então separados por lavagens. A teoria do processo de Montgolfier é fácil de entender: na ausência de ácido carbônico, apenas se obteria subacetato de chumbo; como, porém, esse sal pode ser decomposto por ácido carbônico, é necessário que se obtenha também o subcarbonato. É muito provável que nos procedimentos praticados na Áustria e na Holanda, o ácido carbônico derive da decomposição do ácido acético. No restante, ocorre algo semelhante ao processo de Montgolfier.

O branco de chumbo é utilizado na pintura para dar corpo às cores, para obter todas as nuances possíveis e para facilitar a secagem do óleo. É principalmente usado para pintar os painéis de madeira de apartamentos, recebendo então o nome de cêrusa; os comerciantes frequentemente lhe acrescentam gesso ou sulfato de barita¹¹⁸.

¹¹⁶ **Charles-Louis Cadet de Gassicourt** (1769–1821) foi uma figura notável na história da farmácia e da química francesa. Reconhecido por sua atuação como farmacêutico de Napoleão e membro da Academia de Medicina, destacou-se por sua habilidade em popularizar a chamada "Nova Química" e por sua produção intelectual diversificada. Sua obra mais influente, o *Dictionnaire de chimie* (1803), atualizou os conceitos químicos à luz das descobertas de Lavoisier, substituindo o antigo compêndio de Macquer. Além disso, foi um dos fundadores do *Bulletin de Pharmacie*, contribuindo para a consolidação da farmacologia como ciência moderna.

¹¹⁷ **Montgolfier** — Apesar da citação ao nome "Montgolfier" como autor de um método alternativo para a fabricação de branco de chumbo, não foi possível identificar com precisão qual Montgolfier teria proposto tal processo. Não há registros históricos ou científicos que o associe — à química do chumbo ou à alquimia.

¹¹⁸ O **sulfato de barita**, conhecido tecnicamente como sulfato de bário (BaSO_4), é um composto branco, insolúvel em água e de alta densidade. Sua estabilidade e segurança tornaram-no amplamente utilizado como agente de contraste em radiologia, pigmento em tintas e componente na proteção contra radiação.

Lição 24: Diferentes caminhos dos Acetatos

Caro Amigo,

A presente Lição surge, na verdade, de nossos quatro anos de caminhada em comum. Esperamos que seu conteúdo, de grande importância, lhe ajude a progredir no caminho alquímico. Parece-nos útil relembrar aqui duas noções fundamentais:

1. O estudo precedente da Corrente de Homero mostra o processo de condensação da matéria. Mas não devemos perder de vista, em nosso trabalho, que o essencial é a semente. Por isso, o simbolismo agrícola é encontrado em numerosos textos alquímicos. Nas sementes vegetais, a matéria é apenas um suporte, mas a verdadeira semente é uma energia etérea, não perceptível ao homem. Isso é ainda demonstrado pelo fato de que o poder germinativo do grão só pode ser avaliado por meio da semeadura.

Não devemos, portanto, perder de vista que, em todos os processos descritos nas lições, a energia etérea, a semente, deve ser conservada, reforçada e, se possível, determinada como a semente do Ouro.

2. Outro ponto importante a considerar em nossos experimentos é que a ascensão rumo ao melhor deve ser progressiva. É inútil ou até prejudicial começar com experimentos muito sofisticados. Os aspectos prático, intelectual e místico devem evoluir em fases.

O processo descrito pode parecer complexo, mas é preciso compreender que ele contempla diversos métodos para extrair os princípios do antimônio, com exceção do vinagre de antimônio.

O plano é construído seguindo uma forma composta por 10 colunas e 7 linhas. Os quadrados simbolizam as operações, o círculo os produtos. Cada coluna é dedicada a uma operação ou a uma seção da operação, ou seja:

- 1 e 2: preparação do vinagre radical
- 3: preparação do cobre
- 4: preparação do espírito de vinho
- 5: preparação do sal de tártaro
- 6: preparação do Kermes de antimônio
- 7 e 8: purificação e coagulação do vitríolo
- 9 e 10: destilação seca; separação dos princípios.

COLUNA 1: preparação do vinagre.

O vinagre comercial muitas vezes não é satisfatório para nosso trabalho. Esta coluna é abastecida por vinho tinto (VT).

- 1A: VT fermentado
- 1B: VT filtrado
- 1C: vinagre comum obtido a partir do VT
- 1D: vinagre destilado
- 1E: destilado e sal de VT

1D, 1E, 1F, 1G simbolizam o fato de que o vinagre é destilado várias vezes com seu sal para obter, em G, o vinagre nitroso que será direcionado para a Coluna 2.

COLUNAS 2 e 3:

— 2A: aqui é ilustrado um pelicano, mas para este tipo de circulação um soxhlet é melhor. A circulação do vinagre nitroso sobre os óxidos produz uma solução de acetato de cobre.

- 2B: coagulação do acetato de cobre
- 2C: acetato de cobre seco
- 2D: destilação seca do acetato de cobre, que dá:
- 2E: um vinagre radical azul
- 3E: um óleo vermelho
- 3C: cobre pulverizado
- 2F: o vinagre radical azul-esverdeado é destilado
- 2G: vinagre radical incolor

O cobre pulverizado de 3C é calcinado em 3A e dá o óxido de cobre em 3B, que alimenta o soxhlet de 2A.

Observação:

O cobre possui grande quantidade da semente de Ouro. O vinagre radical obtido através do cobre está então carregado de semente. O cobre não pode ser reciclado indefinidamente, pois a semente nele se consome relativamente rápido. Isso é constatado pela diminuição ou desaparecimento dos óleos vermelhos de 3E; neste caso, deve-se utilizar novo cobre para abastecer a Coluna 3.

COLUNA 4:

Preparação do Espírito de Vinho retificado. Esta coluna é abastecida por vinho tinto (VT) destilado uma vez.

- 4A: VT destilado uma vez
- 4B: VT destilado uma segunda vez
- 4C: VT macerado com sal de tártaro
- 4D: VT destilado em banho-maria para obter
- 4E: Espírito de Vinho retificado

O ciclo 4C, 4D, 4E pode ser repetido várias vezes até obter álcool absoluto.

COLUNA 5: abastecida por tártaro de vinho tinto.

- 5A: calcinação do tártaro
- 5B: dissolução do tártaro em água
- 5C: coagulação da solução aquosa após filtração
- 5D: calcinação do sal coagulado
- 5E: sal de tártaro (carbonato de potássio)

O ciclo 5B, 5C, 5D é repetido várias vezes para obter um carbonato puro.

COLUNA 6: Abastecida por estibina.

- 6A: estibina moída
- 6B: estibina calcinada. A calcinação deve ser feita progressivamente (ver Lição nº 18). São necessárias de 2 a 3 semanas de calcinação.
- 6C: a estibina é dissolvida em uma solução de um dos três produtos seguintes: soda, potassa ou sal de potássio. Do ponto de vista tradicional, prefere-se o sal de potássio extraído do tártaro.
- 6D: a solução é filtrada.
- 6E: a solução é neutralizada. Não é necessário aqui utilizar o caro vinagre radical, mas o ácido acético (pirolenhoso) obtido a partir da coluna zero e destilado uma vez em 1F. Em G, é satisfatório.
- 6F: a solução é filtrada.
- 6G: obtém-se o Kermes impuro.

COLUNA 7: Purificação do Kermes.

- 7A: circulação do Kermes em um soxhlet com água destilada. Entre 12 e 20 horas de circulação.

No caso de uso da soda em 6C, a coagulação da água de circulação indica que o acetato de sódio, criado pela neutralização com ácido acético, foi bem extraído. Os longos cristais do acetato de sódio são característicos.

No caso de uso em 6C do sal de tártaro ou da potassa, a coagulação da água de circulação produz a *terra falita tartari* (extremamente delicuescente).

A experiência mostra que há muito pouco oxissulfeto lavado do Kermes para a água e que a produção de acetato de antimônio seria fraca ou inexistente. Mas essa lavagem é necessária para eliminar o acetato de sódio ou potássio.

- 7B: o Kermes é calcinado por 24 ou 48 horas a cerca de 150–170°C, o que enriquece consideravelmente o oxissulfeto.
- 7C: enriquecimento do Kermes em oxissulfeto por calcinação branda
- 7D: a circulação com o vinagre radical produz um acetato.
- 7E: este acetato coagula

- 7F: acetato coagulado
- 7G: secagem do acetato

Observação: Para que a purificação seja bem-sucedida, não deve haver apenas uma cristalização parcial. Os cristais devem então ser separados no líquido e secos por calcinação lenta em 7G. Temperatura: cerca de 50 a 60°C.

COLUNA 8: Extração do ácido acético do vitríolo de antimônio (ver Oraculum).

- 8A: o vitríolo (acetato de antimônio) é circulado em um soxhlet com álcool absoluto, como em 7E e 7F.
- 8B e 8C: cristalização parcial e secagem.
- 8D: purificação do acetato de antimônio.
- 8E: digestão do álcool recuperado em 8B–8C sobre a cal calcinada.

COLUNAS 9 E 10: Destilação seca do acetato de antimônio

Três produtos obtidos:

- 1 — um óleo vermelho
- 2 — os vapores metálicos brancos do antimônio
- 3 — um resíduo negro, o Leão Negro

O dispositivo de destilação é o mesmo da Lição nº 18. Os óleos vermelhos de 9B são recolhidos no frasco B da figura da Lição nº 18.

Os vapores são condensados a frio em C10—C ou em F1 da figura da Lição nº 18, sendo recolhidos por borbulhamento no vinagre radical em 9C–9D (Tubo TF na Lição nº 18). O ácido então se torna capaz de dissolver o Ouro.

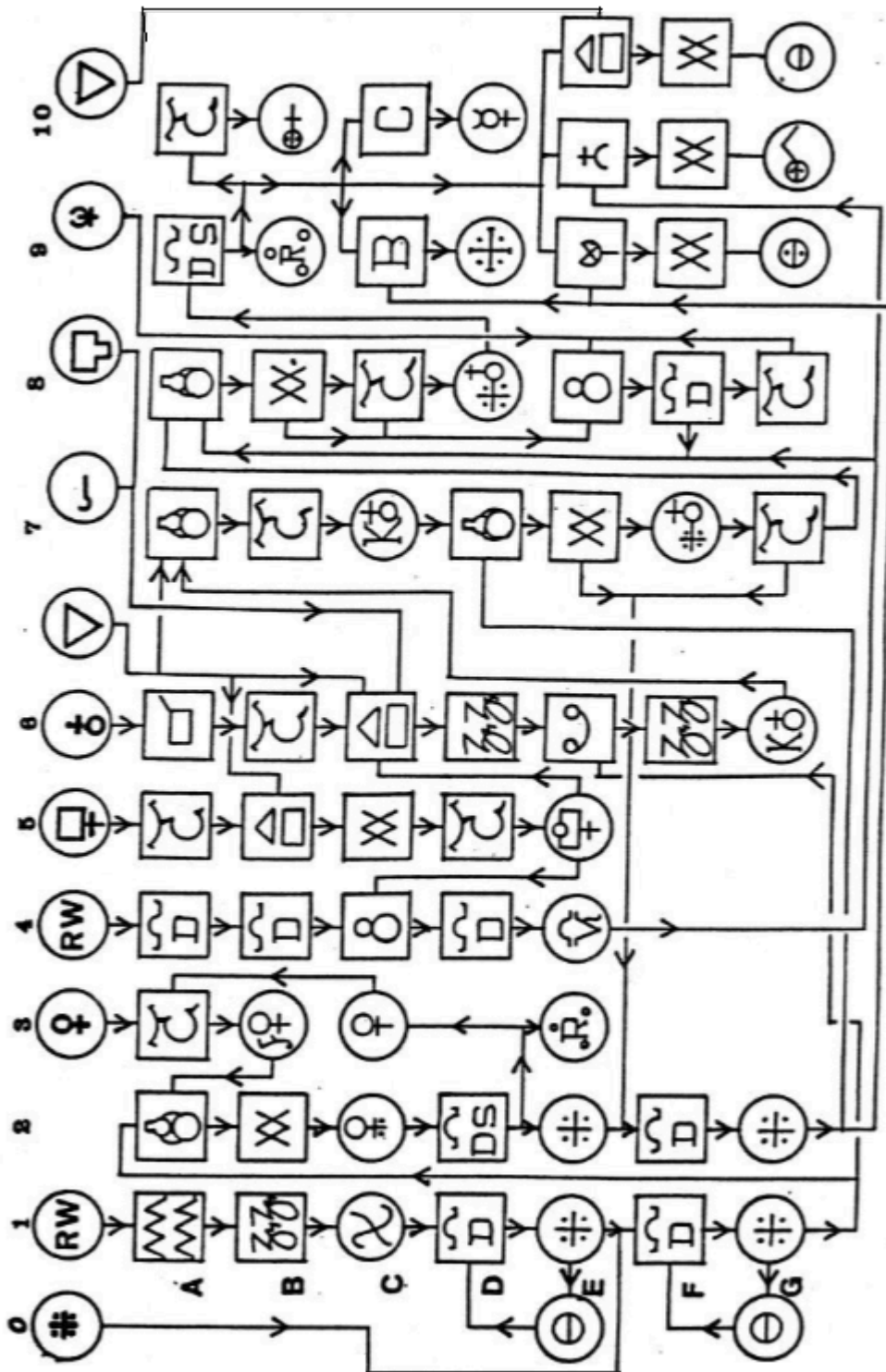
O Leão Negro pode ser tratado de quatro maneiras diferentes. Pela calcinação, A10 dá em B10 o sal fixo de antimônio.

O Leão Negro pode ser circulado em soxhlet, nível E, Coluna 9—10. Coagulação no nível F. Temos então: circulação de vinagre radical — sal fixo — circulação de álcool absoluto — sal volátil — circulação de água — sal misto.

ORA ET LABORA!

OS FILÓSOFOS DA NATUREZA

Os detalhes práticos serão fornecidos na próxima lição. Figura anexa (página 6).



Lição 25: Destilações, Calcinações e Purificações

Caro Amigo,

Observações práticas sobre a Lição Mineral 24,

O melhor resultado é obtido com um vinagre de vinho, mas são necessários cerca de 20 litros de vinagre em C para se obter 1 litro de vinagre radical.

Para fins práticos, você pode começar com a coluna 0 utilizando ácido acético. Este ácido não deve ser o ácido acético glacial, mas sim o ácido pirolenhoso, que provém da destilação destrutiva da madeira. Neste caso, a destilação do sal não pode ser feita, pois este ácido não produz nenhum sal.

COLUNA 2

A destilação seca de 2D deve ser realizada muito lentamente em todas essas destilações. O formato do balão de fundo redondo de pirex deve ser mantido por meio de um banho de areia ou um revestimento de argila, pois os produtos finais secos são pirofóricos e, com frequência, aquecem o balão até o ponto de amolecimento, mesmo após o aquecimento ter sido interrompido (o mesmo se aplica a 9A).

COLUNA 4

O álcool deve ser elevado a cerca de 98% com o carbonato em 4E. Em seguida, é melhor não encher o soxhlet 8A com 8E, mas sim derramar esse álcool sobre a cal virgem. A destilação de 8F é então feita em banho-maria, e os vapores devem ser conduzidos e condensados diretamente no condensador refrigerado de 8A, o que é muito importante.

COLUNA 5

Deve haver uma filtração entre 5B e 5C, e o solve et coagula deve ser repetido várias vezes.

COLUNA 6

Se a calcinação 6B for feita corretamente, a neutralização em GE torna-se praticamente inodora.

Nota:

Se, em 6C, a potassa causar dissolução, a calcinação deve ser prolongada. A eliminação completa do enxofre residual é necessária para evitar a formação de fígado de enxofre.

COLUNA 7

A coagulação em 7E garante a purificação do vitríolo de Basílio Valentim. A calcinação de 7G, que na verdade é uma secagem a baixa temperatura, elimina o ácido livre ou em excesso do vitríolo; o ácido recuperado é destilado e recirculado.

Nota:

Com o vinagre radical, a cristalização nem sempre é automática como no caso do antimônio ou do chumbo, por exemplo.

Geralmente, obtém-se um mel bastante espesso e de cor dourada. Vários métodos são possíveis: colocar um cristal de acetato proveniente de uma experiência anterior dentro do líquido. Ou simplesmente transferir o líquido de um recipiente para outro. Ou ainda, adicionar água destilada, cerca de 30% do volume.

COLUNA 8

Essa lixiviação com álcool tem por objetivo eliminar os últimos traços de ácido. Se o álcool não for absoluto, forma-se um azeótropo¹¹⁹ de água e ácido, e o ácido não pode mais ser totalmente eliminado.

As operações de 8E, 8F, 8G têm como objetivo eliminar a água que possa estar presente no álcool e o ácido acético residual, do qual o álcool foi vertido em 8A.

Nota:

A cada passagem, a cal ganha um pouco de acetato de cal, produzido com o vinagre radical. Este acetato é solúvel em água e, caso se deseje, pode ser

¹¹⁹ Um **azeótropo** é uma mistura líquida de dois ou mais componentes que, ao atingir determinada proporção, apresenta **ponto de ebulição constante**, comportando-se como uma substância pura durante a destilação. Isso ocorre porque a composição do vapor gerado é idêntica à do líquido original, impossibilitando a separação dos componentes por destilação simples.

Existem dois tipos principais:

- **Azeótropos positivos:** com ponto de ebulição inferior ao dos componentes puros (ex.: etanol 95% + água, que ferve a 78,2 °C).
- **Azeótropos negativos:** com ponto de ebulição superior ao dos componentes puros (ex.: ácido nítrico 68% + água, que ferve a 120,5 °C).

separado da cal. A destilação seca deste acetato dá a Acetona dos Sábios¹²⁰ (atenção: esta operação exige um manuseio muito cuidadoso do material).

À medida que o vitríolo se purifica pela perda de seu ácido, ele começa a cristalizar em sua forma cúbica, em vez de formar agulhas como no início.

COLUNAS 9 e 10

1 — Destilação seca do óleo vermelho. 9B fornece um pó vermelho.

Uso espagírico: o pó é dissolvido em álcool e a solução então filtrada. Usar apenas em doses homeopáticas.

2 — Controle da qualidade filosófica do sal em 10B. Em cada operação, o sal deve ser guardado separadamente em um frasco bem fechado. Este sal deve ser finamente pulverizado.

Durante os signos de Áries e Touro¹²¹, o sal é espalhado em camadas muito finas sobre bandejas de vidro equipadas com calhas não metálicas. As folhas devem ser expostas durante a noite, junto a uma janela aberta.

Precauções: O sal não deve ser exposto aos raios da lua, aos raios solares nem à chuva.

Naturalmente, os sais de operações sucessivas não devem ser misturados, pois aqueles que são filosóficos produzem um óleo amarelo-dourado. Os que não são filosóficos não estão carregados de nitro e não deliquescem.

Segundo nossa experiência, a produção do óleo cessa ao final do signo de Touro.

Para o alquimista, este óleo é uma substância altamente desejável.

É uma boa ideia manter permanentemente montadas as partes 7 e 8, junto com as partes 9 e 10 até a linha D apenas.

¹²⁰ A chamada “**acetona dos sábios**” é uma expressão tradicional da alquimia europeia, especialmente presente em textos herméticos e esotéricos. Apesar do nome, ela **não corresponde à acetona química moderna** (propanona, CH₃COCH₃), mas sim a uma substância simbólica e multifacetada, frequentemente associada ao **mercúrio filosófico** ou a um solvente universal capaz de dissolver todos os corpos — um conceito central na busca pela pedra filosofal.

Essa “acetona” era descrita como um líquido volátil, penetrante e purificador, utilizado para separar o “puro do impuro” nas operações alquímicas. Em alguns tratados, ela é identificada com o **espírito do vinho (álcool etílico altamente purificado)** ou com compostos obtidos por destilação de sais e metais, como o **sal amoniacal-mercúrio** citado por Planche.

¹²¹ O procedimento descrito ocorre durante os signos de Áries e Touro — entre março e maio — período que corresponde à **primavera no hemisfério norte**, considerado propício na tradição alquímica para operações sensíveis como a produção da *Quintessência branca*. A exposição noturna do sal, protegida da lua, do sol e da chuva, busca condições ambientais e astrais ideais. O fim do signo de Touro marca o encerramento do processo eficaz.

No futuro, falaremos dos outros produtos resultantes, pois muitas vias se tornam possíveis. Um método derivado dos textos de Cockren e aplicado ao chumbo será mostrado a seguir. O material e as operações serão ligeiramente diferentes dos apresentados nesta lição.

P.S.

Não temos intenção de escrever em nossas lições sobre o uso do óleo dourado de antimônio. Aqueles que o obtiverem podem perguntar ao seu Mestre Interior sobre o uso apropriado ou, caso não recebam resposta, podem simplesmente nos escrever dizendo que o obtiveram. (Na próxima lição, algumas soluções para maus odores).

ORA ET LABORA!

Lição 26: Vinagre Radical, Sal de Tártaro, Kermes e Destilações Secas

Caro Amigo,

Em relação ao trabalho apresentado nas duas últimas — e na presente — lições, parece útil, senão essencial, esclarecer dois pontos:

1. Praticar seriamente o trabalho de meditação proposto nas primeiras lições; e:
2. Preparar elixires vegetais de cavalinha (*Equisetum*)¹²² e de alquemila (*Alchemilla*)¹²³ circulá-los ao menos 3 ou 4 vezes.

Vamos agora prosseguir com o estudo prático da Lição 24.

I — Método simplificado para o vinagre radical (Colunas 1—2 da figura)

1. Destilar vinagre de vinho comercial. Descartar os dois primeiros terços que destilarem, e continuar a destilação até que comece a aparecer uma leve coloração. Nesse ponto, interromper a destilação.

¹²² A **cavalinha** (*Equisetum spp.*) é um gênero de plantas vasculares pertencente à família Equisetaceae, considerado um dos mais antigos do planeta, com registros fósseis que remontam há mais de **300 milhões de anos**. Caracteriza-se por seus **caules ocos, articulados e ricos em sílica**, que realizam fotossíntese em vez das folhas, ausentes ou reduzidas a escamas. Reproduz-se por **esporos**, como as samambaias, e não por flores ou sementes.

Na medicina tradicional, é valorizada por suas propriedades **diuréticas, anti-inflamatórias, cicatrizantes e remineralizantes**, sendo utilizada no tratamento de afecções urinárias, reumatismo, osteoporose e como fortalecedora de unhas, cabelos e pele. Também possui aplicações na **agricultura orgânica**, atuando como fungicida natural e bioestimulante vegetal.

Espécies como *Equisetum arvense* (de origem europeia) e *Equisetum giganteum* (nativa do Brasil) são amplamente cultivadas em ambientes úmidos, como margens de lagos e jardins aquáticos, devido à sua **resiliência e estética vertical marcante**.

¹²³ A **alquemila** (*Alchemilla vulgaris*), também conhecida como **pé-de-leão** ou **manto-de-nossa-senhora**, é uma planta herbácea perene da família Rosaceae, amplamente distribuída na Europa, Ásia e América do Norte. Suas folhas arredondadas e lobadas, cobertas por finos pelos que retêm gotas de orvalho, conferem-lhe um aspecto ornamental e místico — razão pela qual foi associada à alquimia medieval. O nome “Alchemilla” deriva do árabe *alkemelych*, que significa “alquimista”, pois acreditava-se que o orvalho acumulado em suas folhas possuía propriedades mágicas e curativas.

Na medicina tradicional, a alquemila é valorizada por suas propriedades **adstringentes, anti-inflamatórias, hemostáticas, cicatrizantes e reguladoras hormonais femininas**. É utilizada no tratamento de distúrbios menstruais, hemorragias leves, problemas venosos (como varizes e hemorroidas), afecções cutâneas e distúrbios gastrointestinais. Também é empregada em infusões, compressas e banhos de assento, sendo especialmente indicada para o **bem-estar ginecológico** e cuidados com a pele.

2. Encher um recipiente hermético com tiras de cobre que tenham sido oxidadas em forno. (O que interessa é o pó negro (CuO)). Derramar o vinagre sobre o cobre. Deixar digerir por pelo menos um mês. Filtrar, coagular: assim se obtém o acetato de cobre. Não inalar os vapores do vinagre digerido.

Nota:

Se você estiver trabalhando com ácido acético pirolenhoso, é adequado que sua densidade esteja entre 1,050 e 1,060. O verdadeiro vinagre radical tem densidade de 1,050.

II — Alternativa diferente para o sal de tártaro (Coluna 5)

As primeiras calcinações do tártaro têm um cheiro realmente desagradável, o que as torna impraticáveis de realizar em um apartamento. Aqui vai uma alternativa: compre algum carbonato de potássio comercial. Use-o para purificar algum álcool feito a partir de vinho tinto. Em seguida, purifique-o por Solve et Coagula. Após uma...

IV — Calcinação do Kermes lixiviado (Coluna 7 em 7B)

O Kermes é como uma pasta marrom-alaranjada. Espalhe-o numa camada fina sobre uma bandeja de calcinação. Primeiro, você obterá pequenos blocos de cor preta. Estes blocos devem ser pulverizados finamente até virar um pó negro. Este pó, por sua vez, deve ser espalhado em uma camada fina — de 1 ou 2 mm de espessura. A calcinação deve ocorrer a 180°C ou menos, mas nunca acima disso, e deve ser feita com circulação de ar, caso contrário, o oxissulfeto não se formará. Ar úmido, ou melhor ainda, uma injeção de vapor d'água no forno, acelera fortemente a formação do oxissulfeto.

Essa operação de formação dos oxissulfetos é delicada, mas clássica; ela é inclusive descrita e utilizada em livros modernos de química. Se causar problemas demais, você pode usar a seguinte alternativa que leva ao óleo suave. Após a neutralização e precipitação do Kermes em 6E, deixe-o decantar num funil ou num frasco curto, usando algodão como filtro. Deixe decantar por pelo menos uma ou duas semanas. Não lixívie o Kermes em água. Elimine as operações 7A e 7B como descritas no diagrama. Repita as operações 8A e 8B várias vezes sobre o acetato.

O acetato de sódio é menos solúvel em álcool do que o acetato de antimônio e, se deixado no dedal do soxhlet, vai sendo progressivamente eliminado. O Kermes restante após 7D é redissolvido em 6C até exaustão (após ciclos repetidos). Naturalmente, você pode trazer estibnita calcinada em 6C para não precisar realizar extração parcial. Nesta variante, use a soda e o ácido acético pirolenhoso destilado porque o alto consumo de sal de potássio ou de vinagre radical é dispendioso. Neste caso, não espere que 10B forneça óleo dourado toda vez. A cada 9A, tenha o cuidado de separar bem o sal; então, uma vez concluído o experimento, espere que o sal funcione uma vez a cada quatro tentativas.

Após a circulação com o vinagre radical ou com o ácido acético destilado, o resíduo no dedal deve ser cuidadosamente seco e a calcinação só ocorre em uma etapa, porque, depois de seco, obtém-se um pó fino e levemente conglomerado.

Atenção, recomendação importante:

Nunca respire os vapores do ácido acético que tenha circulado com chumbo ou antimônio.

V — Lixiviação com álcool

São necessárias muitas precauções. Regenere a porcentagem do álcool com cal virgem (CaO), o que deve elevá-la a 100%, ou próximo disso, e eliminar o ácido. Elimine o éter possivelmente presente, que será o líquido que destila a 35°C, com odor característico. No entanto, após purificá-lo com cloreto de cálcio, guarde esse éter num frasco bem vedado.

Se o álcool ficar vermelho durante a lixiviação, recupere o óleo residual: trata-se de uma tintura de antimônio (ver o "A Carruagem Triunfal do Antimônio de Basílio Valentim")¹²⁴.

A experiência mostra que alguns sais não se dissolvem no álcool durante a lixiviação, porque o álcool já pode estar saturado com algum sal volátil; esses sais não são necessariamente ruins: pulverize-os e destile-os para a próxima lixiviação. Indicações de saturação do álcool:

- reação violenta ao iniciar a extração no soxhlet;
- formação de cristais no sifão do soxhlet e fora do dedal.

VI — Destilação seca (Coluna 8 em G, coluna 9 em A)

Antes de destilar o acetato de antimônio, vários adeptos recomendam uma digestão em pequeno frasco fechado por 40 dias a uma temperatura entre 40°C e 45°C. Não se preocupe com as cores do sal durante essa digestão.

O que foi apresentado nas duas últimas — e na presente — lições é, de acordo com nossa experiência e entendimento, uma chave maior do trabalho alquímico, porque os segredos dos Antigos estão nos sais. Os sais magnéticos devem atrair e capturar o aço, o espírito astral, a semente universal, que, uma vez concentrada, dá o poder de germinação direcionado conforme a matriz em que foi incorporada.

Observe cuidadosamente as influências do clima e do psiquismo sobre os experimentos destas três lições. E compare os resultados de suas observações com o que Artephius disse. Esperamos poder acrescentar às nossas lições dois textos contendo novas instruções sobre este tema.

¹²⁴ A *Carruagem Triunfal do Antimônio*, atribuído ao alquimista alemão Basílio Valentim (século XV), é um tratado clássico da alquimia que descreve o uso medicinal e espiritual do antimônio.

NOTA:

Se você obteve o óleo dourado, ele deve ser destilado. Mas antes de prosseguir, aguarde novas instruções para esta operação delicada.

PACIÊNCIA é a palavra escrita no Portão do Templo Hermético.

ORA ET LABORA!

P.S. Existe um minério de antimônio que elimina a maior parte do trabalho de preparação: é a kermesita¹²⁵, que é um oxissulfeto natural de antimônio. Não estando em posse deste mineral até hoje, não sabemos se esse atalho teórico funcionaria na prática.

¹²⁵ A **kermesita** ($\text{Sb}_2\text{S}_2\text{O}$), também conhecida como antimônio vermelho, é um mineral raro formado pela oxidação parcial da estibnita em depósitos de antimônio. Na natureza, ocorre principalmente em zonas de oxidação de minas de antimônio, como em Freiberg (Alemanha), Pezinok (Eslováquia), Broken Hill (Austrália), Jebel Hamimat (Argélia) e Santa Cruz (Bolívia). No Brasil, há registros em depósitos associados a minerais de prata e antimônio, como os gossans de $\text{Sb}+\text{Ag}$. É frequentemente encontrada em associação com estibnita, senarmontita, valentinite e quartzo.

Lição 27: Simbolismo e Estado Interior

Caro Amigo,

Considerando o tempo necessário para que você realize o trabalho com antimônio que sugerimos nas lições anteriores — e na presente —, vamos nos concentrar apenas nos aspectos espagíricos, teóricos ou esotéricos da alquimia.

Nossa experiência confirma a crença de que o estado interior do alquimista é de extrema importância na prática do caminho metálico. Talvez você já tenha percebido isso ao realizar os experimentos que já sugerimos. Por exemplo, realize a destilação seca do acetato de cobre (para o vinagre radical) sozinho e, em seguida, tente o mesmo experimento na presença de outra pessoa, observando cuidadosamente o que acontece. Você notará que a extração ocorre de maneira diferente nas duas situações. Isso também acontece com o acetato de chumbo mas, em contraste, o antimônio é pouco sensível à presença de outras pessoas. No entanto, se você pretende um trabalho sério, não recomendamos que extraia o antimônio na presença de terceiros.

Num futuro próximo ou não tão próximo, dependendo de cada um de vocês, deverá ser contemplada a cohabitação dos três princípios metálicos. Vários métodos são possíveis. Acreditamos que você pode aumentar consideravelmente suas chances de sucesso considerando o uso de uma incubadora especial que atenda às seguintes condições:

- deve ser feita de tijolos refratários isolantes,
- deve ter um controle elétrico de aquecimento com regulagem,
- a porta do forno deve estar equipada com vidro duplo para que você possa observar o que acontece dentro sem precisar abri-la,
- se necessário, ela pode ser colocada no lugar do altar no oratório. Continue, então, suas meditações sobre o ovo filosófico.

Como estamos apresentando a parte esotérica da alquimia, alguns de vocês se perguntaram por que apresentamos o trabalho com antimônio em linhas e colunas. Na linguagem de hoje, essa apresentação é chamada de apresentação matricial. Ela corresponde a uma experiência Noturna. De fato, após algumas meditações, você pode ter visões alquímicas durante a noite, que são de certa forma semelhantes a essa matriz e indicam as linhas e colunas que lhe são adequadas. Por isso desenhamos a matriz com os símbolos antigos, pois eles ressoam melhor com os arquétipos alquímicos do que outros símbolos. Se você teve essa experiência, pode ter sido levado a desenhar uma matriz mais simples, porém mais adequada a você. Embora seja diferente daquela proposta na Lição 24, ela continua compatível.

Essas considerações nos levam à questão do simbolismo. Alguns estudantes relativamente avançados de alquimia acreditam que o simbolismo alquímico não tem utilidade porque mal é mencionado nos livros antigos. De fato, apenas os livros de Trithemius¹²⁶ contêm uma quantidade razoável de símbolos alquímicos. Essa crença, no entanto, oculta outro aspecto dessa questão. As experiências que podemos recordar de um contato com a Escola da Noite são, quase sempre, expressas por meio de símbolos arquetípicos e, se não conhecermos esses símbolos, não seremos capazes de traduzir aquilo que nos foi oferecido em dados práticos. Não levantamos essa questão antes porque acreditávamos que aqueles que trabalham só agora — ou em breve — se deparariam com a necessidade de conhecer esses símbolos. Não os aprenda mecanicamente, mas faça seu próprio quadro para estudar os principais.

Outro aspecto do simbolismo alquímico não deve ser ignorado. Quando os símbolos são dispostos juntos numa matriz de forma quadrada, os quadrados de cada lado devem ser calculados. Por exemplo: se houver três quadrados de lado, trata-se de Saturno; quatro quadrados de lado correspondem a Júpiter, e assim por diante... Assim podemos tomar consciência da questão sobre a qual precisamos trabalhar. Uma matriz quadrada com 3 quadrados de lado indica a necessidade de um elixir de cavalinha ou uma tintura de chumbo. Além disso, os símbolos dentro do quadrado são indicações adicionais.

Obviamente, os contatos interiores serão diferentes para cada pessoa. O que acabamos de mencionar parece ocorrer com pessoas cujas sephiroth já foram despertadas através do trabalho com a arte, seja por meio do desenho ou qualquer meio relacionado à forma. Se as sephiroth foram despertadas por meio da música ou de técnicas sonoras, o contato poderá ser auditivo, como uma palavra, muitas vezes difícil de compreender. Portanto, um dicionário hermético pode ser útil; Pernety¹²⁷, por exemplo.

Durante sua preparação interior, não se esqueça de que a sephirah Mercúrio é a de Thoth (Hermes), do Mago e do Alquimista e, portanto, é essencial que ela funcione adequadamente para que você tenha sucesso no seu trabalho alquímico.

Retomaremos o assunto da preparação da tintura de Mercúrio regular, uma operação delicada, visto que o mercúrio é muito tóxico. No entanto, os óleos essenciais de alcarávia e lavanda já são muito benéficos.

ORA ET LABORA!

¹²⁶ **Johannes Trithemius** (1462–1516), abade beneditino e mestre de Paracelso e Agrippa, foi autor de obras influentes nos campos da criptografia, alquimia e história monástica. Entre seus principais livros estão *Steganographia* (1499, publicado em 1606), tratado sobre comunicação secreta disfarçado de angelologia; *Polygraphia* (1518), considerada a primeira obra impressa sobre criptografia; e *De Septem Secundeis* (1508), que propõe uma cronologia mística baseada em inteligências planetárias. Seus escritos combinam erudição teológica com saberes esotéricos e foram alvo de controvérsia, tendo sido incluídos no *Index Librorum Prohibitorum* pela Igreja Católica.

¹²⁷ Trata-se de **Antoine-Joseph Pernety**, autor do “Dicionário Mítico-Hermético”

Lição 28: Os Quatro Elementos nos Elixires

Caro Amigo,

Aviso:

Não somos uma escola que forma curadores e, portanto, seguimos a legislação que, tanto na França quanto nos Estados Unidos, proíbe esse tipo de escola. Os membros de nossa Associação que são médicos diplomados, dentro e fora da França, podem utilizar as informações aqui apresentadas como desejarem. Já os demais membros devem considerar o conteúdo dessas lições apenas sob seu aspecto iniciático e simbólico. Voltaremos a tratar desse assunto mais adiante.

Nas Lições de Espagíria, já descrevemos as atribuições planetárias das plantas e os órgãos do corpo correspondentes. Este é um nível primário de conhecimento, pois, para que você possa demonstrar discernimento no uso das plantas, são necessárias informações complementares.

A Cabala considera dez níveis de energia, dez níveis de consciência e dez sefirot no ser humano. As dez sefirot estão categorizadas em quatro grupos, que formam os quatro mundos da Cabala. Na Figura 1, página 4, vemos:

— 1 — 2 — 3 — representam as três sefirot do mundo superior de Atziluth (A).

~~ 4 — 5 — 6 — representam as sefirot do mundo de Briah (B). — 7 — 8 — 9 — representam as sefirot do mundo de Yetzirah (Y). — 10 — representa Malkuth, a décima sefirah, que pertence ao mundo de Assiah (M), o mundo físico.

Do ponto de vista alquímico, esses mundos correspondem a um elemento alquímico cada um.

- elemento Fogo em Atziluth (F)
- elemento Ar em Briah (A)
- elemento Água em Yetzirah (E)
- elemento Terra em Assiah (T)

A combinação Fogo-Ar, que dá origem ao Enxofre, demonstra que este princípio é o da junção entre Atziluth e Briah.

A combinação Ar-Água, que dá origem ao Mercúrio, demonstra que este princípio é o da junção entre Briah e Yetzirah.

A combinação Água-Terra, que dá origem ao Sal, demonstra que este princípio é o da junção entre Yetzirah e Assiah.

Examinemos agora o desenho (S) na mesma figura. Ele representa uma sefirah, ou um nível de consciência. Seu simbolismo indica que, em cada sefirah, os princípios das dez sefirot estão presentes e, portanto, também os quatro elementos alquímicos

Δ , $\triangle$, ∇ , ∇ , e os três princípios $\blacklozenge$, $\text{\textcircled{S}}$, $\ominus$. Lembre-se de que o Enxofre é a alma, a energia animadora; o Mercúrio é o Espírito, que pode alterar o nível de influência da energia; e o Sal é o corpo ou, pelo menos, o portador das energias que formam a matriz.

Isso deve nos ajudar na seleção dos elementos que precisamos reforçar nas diferentes tinturas ou elixires. Se a deficiência resulta da estrutura material do órgão, o Sal deve ser o elemento principal. Se o órgão está em boas condições, mas seu funcionamento é deficiente, então as energias a serem reforçadas são o Enxofre e o Mercúrio. No caso de um remédio mineral ou metálico, a separação dos princípios não é fácil, e a separação dos elementos, menos ainda. Somente o Alkahest filosófico ou o Mercúrio permite que essa separação dos princípios ocorra. Já no reino vegetal a questão é diferente. Como podemos ver no lado direito da figura, cada parte da planta é o suporte predominante de um elemento. Assim, flores e frutos portam o elemento Fogo, as folhas sustentam o elemento Ar, os caules e a seiva carregam o elemento Água e as raízes carregam o elemento Terra.

Imagine um órgão fisicamente deficiente, por exemplo um pulmão danificado. Sua escolha será uma planta regida por Júpiter, por exemplo a melissa (erva-cidreira), da qual você preparará um elixir, utilizando as raízes e os caules da planta. Nesse caso específico, pode ser útil adicionar algumas flores.

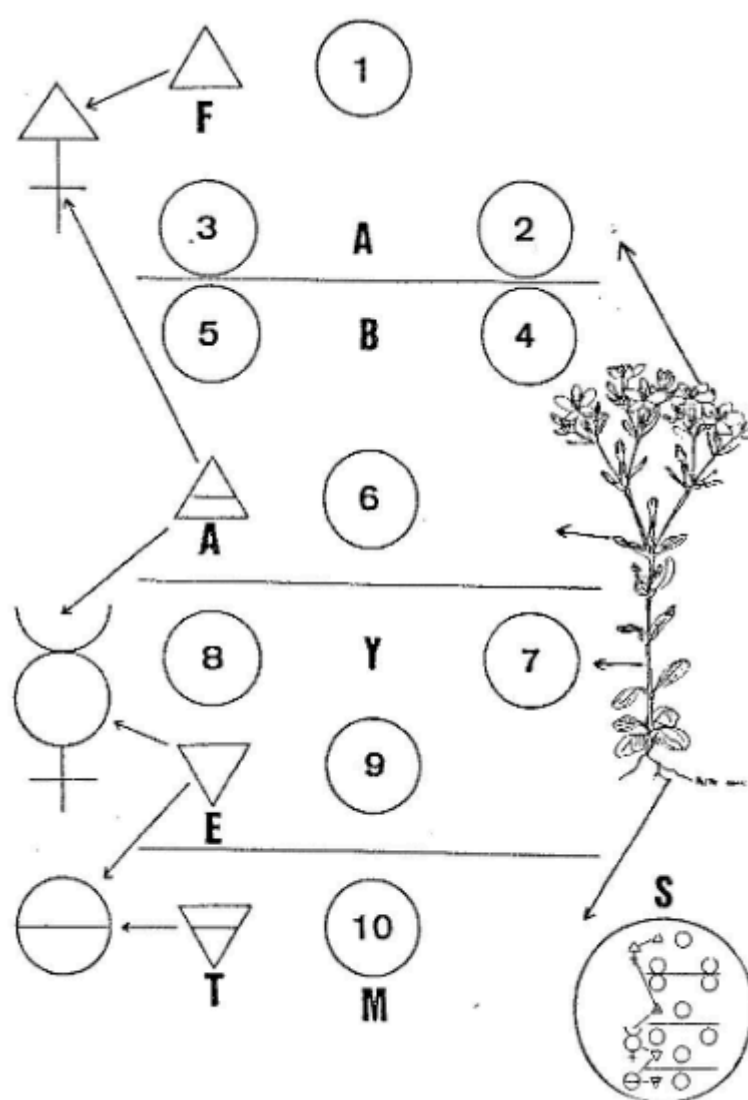
A lentidão do fígado pode ser neutralizada com uma planta regida por Mercúrio. Um extrato de sementes de alcarávia ou de flores de lavanda é adequado se você desejar obter um elixir rico em Enxofre e Mercúrio alquímicos. No entanto, o elixir deve circular sobre um pouco de Sal, pois o Sal deve estar sempre presente. Trata-se apenas de variar as proporções.

Seja cuidadoso e não prescreva ao mesmo tempo duas plantas que sejam opostas na Árvore da Vida sem adicionar um agente conciliador: uma planta regida por Saturno. Por exemplo, não prescreva simultaneamente alquemila (regida por Vênus) com alcarávia (regida por Mercúrio). Mas você pode fazer uma mistura das três, por exemplo: cavalinha (Saturno) + alcarávia (Mercúrio) + alquemila (Vênus).

As plantas regidas por Saturno, da sefirah Binah, refletem uma vibração direta vinda do divino e, por isso, possuem um poder superior ao das demais. Isso lhes permite desempenhar um papel conciliador e ajudar as coisas a se manifestarem.

Os elixires destinados a preparar alguém para o despertar iniciático devem conter bastante Fogo, uma boa quantidade de Ar e Água, e apenas um pouco do elemento Terra.

ORA ET LABORA!



Lição 29: Química e Prima Matéria

Caro Amigo,

Atualmente, os cientistas admitem que a matéria nada mais é do que uma coagulação de energia (Fogo). No entanto, eles ainda não têm uma explicação de como ou por que a matéria existe em aspectos tão variados. Comparar as antigas idéias alquímicas com certos dados químicos modernos parece útil para se obter uma compreensão melhor da teoria alquímica e suas implicações.

Além disso, como explicar que a energia etérea e sutil se transforma em terra por meio da coagulação, e quais são os estágios dessa coagulação ou condensação?

A *Cadeia Áurea de Homero* afirma que o Fogo (a energia etérea astral) condensa-se primeiro em Ar. A Astronomia confirma essa condensação da energia do Fogo em uma matéria gasosa, realmente muito diluída. Também afirma que o hidrogênio é o elemento mais abundante no Espaço interestelar. No sistema solar, a energia do Fogo emana do Sol em direção à Terra. Ao atingir a aura da Terra, ela se coagula e se concentra, surgindo gases, especificamente os seguintes elementos gasosos: hidrogênio, nitrogênio, oxigênio. Nesse estágio, a energia etérea e elétrica dá origem às fundações da Prima Matéria. Sob o efeito dessas forças elétricas e etéreas, dois agrupamentos químicos emergirão:

— a) o grupo Fogo-Ar — hidrogênio/nitrogênio — que os Antigos chamavam de Alcalis, que mais tarde será a matriz dos sais de amônio.

— b) o grupo Fogo-Ar/Água — hidrogênio/nitrogênio/oxigênio — de onde se origina o niter. O ácido nítrico é a amônia à qual se acrescenta o elemento Água.

A *Cadeia Áurea de Homero* é muito específica neste assunto: ela assinala cinco estágios na formação da Prima Matéria:

- | | | |
|---|----|---|
| ⚬ | 1. | 1. Caos, confusão. |
| ⌚ | 2. | |
| ⌚ | 3. | 2. O espírito volátil do mundo não incorporado, Fogo. |
| | | 3. O espírito do mundo, o ácido incorporado (niter: o ácido nítrico do ar). Três elementos ativos no mundo físico resultantes da presença do elemento Água, o elemento ativo do mundo físico. |
| ⊖ | 4. | |
| | | 4. O espírito do mundo, o álcali incorporado, os elementos (idênticos ao princípio como elementos), que são voláteis primeiro e |
| ⊕ | 5. | |

depois fixos.

5. A combinação dos dois dá a Prima Matéria incorporada, sublunar (nitrato de amônio), o sal do orvalho (ver os símbolos).

Ⓢ Ácido + Ⓢ Álcali = Prima Matéria (fazer a conexão álcali — alkahest).

O Espírito do Mundo, o álcali incorporado, é o que a ciência moderna chama de radical amônio, um radical que ainda não foi isolado. Suas propriedades químicas são muito próximas às do sódio e potássio. Vale notar que, por muito tempo, a amônia só foi extraída por meio da fermentação de corpos orgânicos: urina, fezes ou peixe. Essa fermentação ocorre devido a uma levedura *micrococcus ureus*.¹²⁸ Antigamente, a amônia só podia ser isolada através de fenômenos vitais. O sal amoníaco é o primeiro corpo sólido que se origina apenas de elementos gasosos. Ele é depositado na Terra pela chuva e pelo orvalho. A quantidade de sal é muito pequena: entre 0,5 a 4 g por tonelada de água, mas, no caso de uma tempestade, a proporção é obviamente maior. Nota-se aqui a confirmação das recomendações dos antigos:

— a) a água da chuva deve ser coletada preferencialmente durante uma tempestade.

— b) as forças elétricas contribuem de fato para a passagem dos gases de seus estados de Fogo, Ar e Água para o estado do elemento Terra.

Quanto ao sal do orvalho, o nitrato de amônio, considerando a pequena proporção presente na água da chuva, talvez seja melhor sintetizá-lo (ácido nítrico + amônia) ou comprá-lo e revificá-lo alquimicamente.

A Química não conseguiu isolar o radical amônio, e este fato levanta uma questão séria para as teorias modernas, pois, segundo a terminologia científica, trata-se de uma molécula que quimicamente se comporta como um átomo. No entanto, o radical amônio pode ser obtido na forma de uma mistura com potássio, o que permite uma experiência curiosa. Se liberarmos amônia seca e a deixarmos passar sobre o potássio, este adquire um aspecto metálico e brilhante, uma cor um tanto acobreada, porém intensamente vermelha e muito brilhante, tornando-se depois

¹²⁸ Historicamente, a amônia era obtida por fermentação de materiais orgânicos como urina, fezes ou peixe, processo atribuído à ação de microrganismos. O nome *Micrococcus ureus*, citado como “levedura” no texto, refere-se provavelmente a uma bactéria ureolítica capaz de decompor ureia em amônia — embora essa nomenclatura não seja reconhecida atualmente na taxonomia microbiológica. Microrganismos como *Proteus*, *Klebsiella* e *Staphylococcus* são mais comumente associados à produção de amônia por fermentação. A referência a *Micrococcus ureus* reflete a terminologia antiga, comum em textos alquímicos ou médicos históricos.

fusível como manteiga. O corpo assim obtido não é fixo, mas decompõe-se mais ou menos rapidamente ao contato com o ar. Também é possível obter esse corpo mergulhando potássio em amônia liquefeita por frio ou pressão.

Embora diferentes dos conceitos alquímicos, as teorias atômicas modernas não deixam de ser interessantes para a nossa compreensão da teoria alquímica. As teorias modernas dizem que a matéria é composta de átomos e que um átomo tem um núcleo positivo e um ou mais elétrons com carga negativa, que giram ao redor do núcleo como planetas. Como a matéria é eletricamente neutra, a carga positiva do núcleo é equilibrada pela carga negativa dos elétrons planetários. Além disso, as teorias atômicas afirmam que os átomos dos corpos que conhecemos são como múltiplos do átomo de hidrogênio, o átomo mais simples, que possui apenas um elétron e uma carga 1 no núcleo, com a ressalva da presença de nêutrons no núcleo, mas nós, como alquimistas, devemos interpretar isso como um sinal da evolução da matéria na natureza.

Não podemos comparar os átomos exatamente a sistemas solares em miniatura. No sistema solar, há apenas um planeta por órbita; nos átomos, não é assim. Cada nova órbita que aparece com o aumento do número de elétrons contém mais elétrons. No entanto, para cada camada orbital, há um número máximo de elétrons.

A primeira órbita contém apenas 1 ou 2 elétrons, correspondendo ao hidrogênio ou ao hélio. Em todos os corpos com mais de 2 elétrons, a primeira órbita sempre contém 2 elétrons. A partir de 3 elétrons, surge uma segunda órbita: assim, temos dois elétrons na primeira órbita, um elétron na segunda; este é o lítio. O fenômeno continua. No entanto, a órbita externa dos elétrons nunca contém mais de 8 elétrons. Assim que esse número é atingido, uma nova camada orbital aparece.

A ciência moderna atribuiu letras a essas órbitas eletrônicas. Por razões alquímicas, não precisamos nos interessar por corpos que contenham mais elétrons do que o chumbo, ou seja, 82 elétrons. Obtemos as seguintes órbitas:

— K 2

— L 8

— M 18

— N 32

— O 18

— P 4 no caso do chumbo

Essa é uma teoria interessante do ponto de vista químico, pois permite explicar e prever certo número de reações químicas. O princípio básico é que a natureza tende a completar as órbitas externas dos átomos com 8 elétrons.

Figura I-A: Temos 8 átomos. Apenas a órbita externa é representada. Todos esses átomos têm a tendência de se completar entre si para obter 8 elétrons externos, como em H — Figura I-A.

— a — 1 átomo de hidrogênio (1 elétron) completa 1 átomo de cloro (7 elétrons) para obter uma molécula de ácido clorídrico HCl (8 elétrons).

— b — 2 átomos de hidrogênio (2 elétrons) completam 1 átomo de oxigênio (6 elétrons) para obter uma molécula de água H₂O (8 elétrons).

— c — 1 átomo de carbono (4 elétrons) completa 2 átomos de oxigênio (6 elétrons) para dar uma molécula de anidrido ou dióxido de carbono CO₂. Cada átomo de oxigênio está ligado a 2 elétrons do carbono (2 x 8 elétrons).

Quando há 2 elétrons na camada orbital externa — no caso de apenas uma camada orbital — então há pouca ou nenhuma reação química: esse é o hélio, um gás nobre.

Quando há 2 elétrons na camada orbital externa — no caso de mais de uma camada orbital — ocorre uma reação. Por exemplo, os 2 elétrons externos do corpo + os 6 elétrons externos do oxigênio formam o óxido do corpo.

Assim que o número 8 é atingido, a estabilidade química é grande e o corpo é estável (fixado, na alquimia). Mas estamos apenas observando essa teoria rapidamente, e ela deixa de ser válida, especialmente quando o número atômico — o número de elétrons — atinge 21. No entanto, o número de elétrons na órbita externa determina essencialmente as propriedades químicas do corpo, enquanto o número de órbitas indica suas propriedades físicas gerais. Como regra geral, a densidade do elemento aumenta com seu número atômico.

Se você olhar para uma tabela periódica dos elementos (ver Figura II), verá que ela não é uma tabela muito satisfatória. No entanto, algumas informações são de interesse para o alquimista.

Esta é uma tabela simplificada dos elementos que revela elementos interessantes para nós, alquimistas. Os elementos são representados por seu símbolo:

— Primeira coluna à esquerda: indica o número máximo de elétrons em cada órbita.

— A linha superior indica o número de elétrons na órbita externa.

— A segunda linha, a primeira camada orbital: a órbita mais próxima do núcleo, que só pode ter 2 elétrons. Se tiver 1 elétron, temos o hidrogênio, o átomo básico da matéria. 2 elétrons formam o hélio, um gás proveniente da fusão de 2 átomos de hidrogênio.

— A terceira linha, a segunda camada orbital, que só pode conter 8 elétrons. Nessa órbita, encontramos:

Carbono (C), com um total de 6 elétrons, 4 dos quais estão na órbita externa. O carbono é o elemento da vida animal e vegetal; os elétrons ocupam metade da camada externa.

Nitrogênio (N), com um total de 7 elétrons, 5 dos quais estão na órbita externa. O nitrogênio é o elemento da coagulação da matéria, o único corpo que possui 6 estados de oxidação.

Oxigênio (O): 8 elétrons, 6 dos quais estão na órbita externa. O oxigênio é o suporte da energia que introduz nos 3 reinos.

— Quarta linha: terceira camada orbital.

— Quinta linha: 18 elétrons divididos em 2 camadas, uma com 8 elétrons, outra com 10.

— Quarta linha, primeira camada: 8 elétrons.

Exemplos:

— Sódio (Na): 11 elétrons, dos quais 1 está na órbita externa como no hidrogênio. O sódio é a matriz da vida animal (cloreto de sódio no sangue). O amônio (ainda não isolado) teria a fórmula NH_4 e, portanto, teria o mesmo número de elétrons que o sódio; provavelmente é a matriz do reino metálico.

— Fósforo (P): 15 elétrons, com 5 na camada externa como no nitrogênio; contém um interessante ∇ alquímico.

— Enxofre (S): 16 elétrons, 6 dos quais são externos como no oxigênio; também contém um interessante ∇ alquímico.

— Cloro (Cl): 17 elétrons, 7 dos quais estão na camada externa; um gás simétrico ao hidrogênio: 1 elétron; o cloro tem 7 elétrons externos, ou seja, falta 1 para completar a camada. No mar e no sangue, assegura proteção contra o desenvolvimento anárquico da vida. O mar não apodrece como a água doce.

Quinta linha: segunda camada: 10 elétrons

Exemplos:

— Potássio (K): 19 elétrons com 1 elétron externo como o hidrogênio e o sódio. Juntamente com o carbono e o oxigênio, é a matriz da vida vegetal.

— Cálcio (Ca): 20 elétrons, 2 dos quais estão na camada externa. É a base da cal, o último corpo "normal" segundo a teoria atômica.

— De 21 a 28: apesar do aumento do número de elétrons, a camada externa contém apenas 2 elétrons. Quando chegamos a 24 elétrons, há até uma regressão, pois o cromo (Cr) só tem 1 elétron planetário como o hidrogênio.

— Ferro (Fe): 26 elétrons. É a grande incógnita alquímica. Seu número atômico o posiciona na oitava coluna, que indica inércia química. Assim, o ferro deveria ser inoxidável, mas, por outro lado, suas reações químicas e seus raios espectrais o classificam na coluna 2, junto com o mercúrio.

Sexta linha: quarta órbita: 32 elétrons divididos em 4 camadas, sendo a primeira normal com seus 8 corpos:

— Cobre (Cu): 29 elétrons com 1 na camada externa como o hidrogênio.

— Arsênio (As): 33 elétrons, 5 dos quais na camada externa como no nitrogênio.

Sétima linha: a segunda camada, de 37 a 46 elétrons, não é regular.

Oitava linha, de 47 a 54 elétrons: a camada volta a ser regular e é muito interessante.

Exemplos:

— Prata (Ag): 47 elétrons, dos quais 1 está na camada externa como no hidrogênio.

— Estanho (Sn): 50 elétrons, 4 dos quais na camada externa como no carbono.

— Antimônio (Sb): 51 elétrons, 5 dos quais na camada externa como no nitrogênio. Observe que apenas 3 elétrons separam o estanho da prata, 4 elétrons separam a prata do antimônio e 1 elétron separa o antimônio do estanho.

Nona linha: de 55 a 78 elétrons, a classificação volta a ser irregular, retomando a série de 8 apenas com 79 elétrons.

Décima linha:

— Ouro (Au): 79 elétrons, 1 dos quais na camada externa como no hidrogênio.

— Mercúrio (Hg): 80 elétrons, 2 dos quais na camada externa como no ferro; são os únicos elementos neste caso. Apenas 1 elétron separa o mercúrio do ouro e 2 elétrons o separam do chumbo.

— Chumbo (Pb): 82 elétrons, 4 dos quais na camada externa como no carbono; 3 elétrons o separam do ouro.

NOTA

As matrizes Θ dos 3 reinos têm como base um corpo com 1 elétron externo:

— Amônio para o reino mineral.

— Potássio para o reino vegetal.

— Sódio para o reino animal.

Esses corpos formam a matriz em complemento com H—C—N—O.

— Coluna 4: o Carbono (C) é o elemento da vida orgânica dos reinos vegetal e animal. No mineral, temos os elementos estanho e chumbo. Como dizem os Antigos Alquimistas, o chumbo é o topo do céu porque é o último elemento que possui vida alquímica. As três cadeias de isótopos radioativos dos corpos com número atômico superior a 82 são todas isótopos de chumbo. Esses corpos são cadáveres minerais que retornam ao caos.

— Coluna 5: o fósforo desempenha, em outro nível, o papel do niter, especialmente nos reinos vegetal e animal. No mineral, esse papel é desempenhado pelo arsênio e pelo antimônio.

— Coluna 6: a coluna dos elementos purificadores: o oxigênio permite a purificação pelo fogo. O enxofre purifica diretamente o mundo vegetal ou animal (ver enxofre na homeopatia). Para o mineral, temos o selênio (Se: 34 — o metal é a selenita) e o telúrio (Te: 52), metal das energias telúricas da Terra.

— Sétima coluna: o cloro (Cl), um veneno para a vida animal ou vegetal, evita a putrefação prematura ou inútil. O bromo (Br: 35) e o iodo (I: 53) têm o mesmo efeito na vida animal e mineral. Estes dois últimos devem ser cuidadosamente evitados nos caminhos da fermentação metálica.

Destilação Alquímica e Isótopos:

Na Figura 42, estão indicados o número atômico e a massa atômica de cada elemento. Esses números são reduzidos a uma escala onde o hidrogênio está muito próximo de 1. Na massa atômica, a massa dos elétrons é desprezível. A massa do átomo provém dos prótons do núcleo e de partículas eletricamente neutras chamadas nêutrons. O número de prótons é igual ao número de elétrons, portanto ao número atômico, e a massa atômica é:

massa atômica = número atômico + número de nêutrons

Para um dado elemento, o número de nêutrons pode variar, e o corpo é, portanto, uma mistura de átomos com diferentes massas atômicas; conseqüentemente, essa massa média não corresponde a um número inteiro. Os elementos que possuem número diferente de nêutrons são chamados de isótopos. Para nós, alquimistas, eles são uma prova da evolução dentro da matéria. Numa destilação, há uma diferença muito pequena nas temperaturas de ebulição entre os isótopos, de modo que a repetição de um grande número de destilações separa progressivamente os diferentes isótopos e é possível escolher o isótopo mais evoluído para o corpo que estudamos. Isso justifica o processo alquímico de repetição de destilações.

Kee

Esta lição, acreditamos, contém elementos suficientes para reflexão. Sentimos que o que está escrito aqui é provisório, porque, no dia em que foi escrito, previmos várias experiências para completá-lo, especialmente estudos para mudar o reino de uma Pedra, o que mencionaremos posteriormente. Já podemos dizer que os

estudos da ciência moderna demonstram que as revelações alquímicas dos Antigos estão sendo confirmadas, no que diz respeito ao papel da amônia. Nos fenômenos biológicos, a amônia está presente no início da vida; os sais de amônio são essenciais para o crescimento das plantas. Os corpos animais, após morrerem, devolvem sua amônia ao reino vegetal, ao se decomporem.

A análise astronômica demonstra que a atmosfera dos planetas em formação (Vênus) tem uma atmosfera de amônia e que a atmosfera dos planetas que retornam ao caos (Saturno, Júpiter) também é feita de amônia. A vida do planeta é como a vida de um ser vivo, mas é provável que a amônia em decomposição, como por exemplo em Júpiter, seja liberada na forma de energia Fogo de volta ao caos original. Isso pode explicar a influência energética desse planeta; de fato, em Júpiter, há mais energia irradiando do que a energia que ele recebe do Sol.

ORA ET LABORA!

FIGURAS ANEXAS:

Figura I - Tabela Periódica Dos Elementos

1

H

hidrogênio

1,008

2

He

hélio

4,0026

3

Li

lítio

6,94

4

Be

berílio

9,0122

11

Na

sódio

22,990

12

Mg

magnésio

24,305

19

K

potássio

39,098

20

Ca

cálcio

40,078(4)

37

Rb

rubídio

85,468

38

Sr

estrôncio

87,62

55

Cs

césio

132,91

56

Ba

bário

137,33

87

Fr

frâncio

[223]

88

Ra

rádio

[226]

3

Li

lítio

6,938 - 6,937

4

Be

berílio

9,012

11

Na

sódio

22,990

12

Mg

magnésio

24,305

19

K

potássio

39,098

20

Ca

cálcio

40,078(4)

37

Rb

rubídio

85,468

38

Sr

estrôncio

87,62

55

Cs

césio

132,91

56

Ba

bário

137,33

87

Fr

frâncio

[223]

88

Ra

rádio

[226]

5

B

boro

10,81

6

C

carbono

12,011

7

N

nitrogênio

14,007

8

O

oxigênio

15,999

9

F

flúor

18,998

10

Ne

neônio

20,180

13

Al

alumínio

26,982

14

Si

silício

28,085

15

P

fósforo

30,974

16

S

enxofre

32,06

17

Cl

cloro

35,45

18

Ar

argônio

39,948

31

Ga

gálio

69,723

32

Ge

germânio

72,630(8)

33

As

arsênio

74,922

34

Se

selênio

78,971(8)

35

Br

bromo

79,904

36

Kr

criptônio

83,798(2)

49

In

índio

114,82

50

Sn

estanho

118,71

51

Sb

antimônio

121,76

52

Te

telúrio

127,60(3)

53

I

iodo

126,90

54

Xe

xenônio

131,29

81

Tl

talho

204,38

82

Pb

chumbo

207,2

83

Bi

bismuto

208,98

84

Po

polônio

[209]

85

At

astato

[210]

86

Rn

radônio

[222]

113

Nh

nihônio

[286]

114

Fl

fleróvio

[289]

115

Mc

moscóvio

[288]

116

Lv

livermório

[293]

117

Ts

tenessio

[294]

118

Og

oganessônio

[294]

1

H

hidrogênio

1,008

2

He

hélio

4,0026

3

Li

lítio

6,94

4

Be

berílio

9,0122

11

Na

sódio

22,990

12

Mg

magnésio

24,305

19

K

potássio

39,098

20

Ca

cálcio

40,078(4)

37

Rb

rubídio

85,468

38

Sr

estrôncio

87,62

55

Cs

césio

132,91

56

Ba

bário

137,33

87

Fr

frâncio

[223]

88

Ra

rádio

[226]

5

B

boro

10,81

6

C

carbono

12,011

7

N

nitrogênio

14,007

8

O

oxigênio

15,999

9

F

flúor

18,998

10

Ne

neônio

20,180

13

Al

alumínio

26,982

14

Si

silício

28,085

15

P

fósforo

30,974

16

S

enxofre

32,06

17

Cl

cloro

35,45

18

Ar

argônio

39,948

31

Ga

gálio

69,723

32

Ge

germânio

72,630(8)

33

As

arsênio

74,922

34

Se

selênio

78,971(8)

35

Br

bromo

79,904

36

Kr

criptônio

83,798(2)

49

In

índio

114,82

50

Sn

estanho

118,71

51

Sb

antimônio

121,76

52

Te

telúrio

127,60(3)

53

I

iodo

126,90

54

Xe

xenônio

131,29

81

Tl

talho

204,38

82

Pb

chumbo

207,2

83

Bi

bismuto

208,98

84

Po

polônio

[209]

85

At

astato

[210]

86

Rn

radônio

[222]

113

Nh

nihônio

[286]

114

Fl

fleróvio

[289]

115

Mc

moscóvio

[288]

116

Lv

livermório

[293]

117

Ts

tenessio

[294]

118

Og

oganessônio

[294]

57

La

lantânio

138,91

58

Ce

cério

140,12

59

Pr

praseodímio

140,91

60

Nd

neodímio

144,24

61

Pm

promécio

[145]

62

Sm

samário

150,36(2)

63

Eu

európio

151,96

64

Gd

gadolínio

157,25(3)

65

Tb

térbio

158,93

66

Dy

disprósio

162,50

67

Ho

hólmio

164,93

68

Er

érbio

167,26

69

Tm

túlio

168,93

70

Yb

itêrbio

173,05

71

Lu

lutécio

174,97

57

La

lantânio

138,91

58

Ce

cério

140,12

59

Pr

praseodímio

140,91

60

Nd

neodímio

144,24

61

Pm

promécio

[145]

62

Sm

samário

150,36(2)

63

Eu

európio

151,96

64

Gd

gadolínio

157,25(3)

65

Tb

térbio

158,93

66

Dy

disprósio

162,50

67

Ho

hólmio

164,93

68

Er

érbio

167,26

69

Tm

túlio

168,93

70

Yb

itêrbio

173,05

71

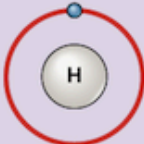
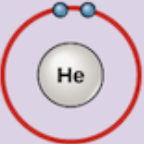
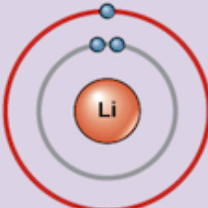
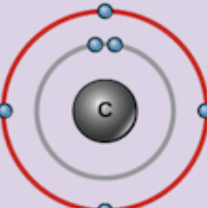
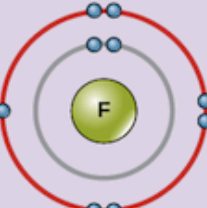
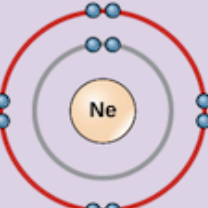
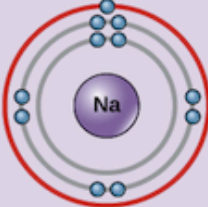
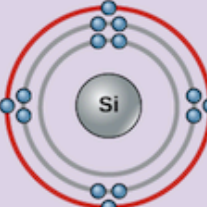
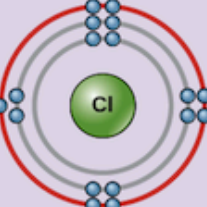
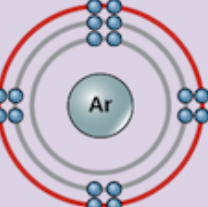
Lu

lutécio

174,97

Figura II:

A: — Esquema da órbita eletrônica externa

	Group 1	Group 14	Group 17	Group 18
Period 1 (1n is filling)				
Period 2 (2n is filling)				
Period 3 (3n is filling)				

B: — Tabela periódica organizada em colunas mostrando a camada externa de elétrons e as relações entre elementos selecionados

	1	2	3	4	5	6	7	8		
2	1 H	2								
8	3	4	5	6 C	7 N	8 O	9	10		
18	11 Na	12	13	14	15 P	16 S	17 Cl	18		
	19 K	20 Ca	21 2	22 2	23 2	24 1	25 2	26 Fe 2	27 2	28 2
18 14	29 Cu	30	31	32	33	34	35	36		
	37	38	39 2	40 2	41 1	42 1	43 2	44 1	45 1	46 O
	47 Ag	48	49	50 Sn	52 Sb	52	53	54		
	55	56	57 a 78							
	79 Au	80 Hg	81	82 Pb						

Lição 30: Aforismos da Grande Obra, Pedra Filosofal e Comentários Rosacruz

Caro Amigo,

Nas lições anteriores, apresentamos uma síntese do texto *Nature Unveiled*, mais especificamente conhecido como *A Corrente Dourada de Homero*.¹²⁹

Nossa intenção é oferecer, desta forma, diversos textos pouco conhecidos, com origem nas sociedades Rosacruz que atuavam antes da Revolução Francesa.

Temos razões para acreditar que os ensinamentos dessas sociedades tratam exclusivamente de Alquimia e Qabalah. Nas próximas lições, nos empenharemos em apresentar textos provenientes dessas sociedades. Esses textos decodificam os significados alquímicos e qabalísticos das lendas de Rosenkreuz ou das Núpcias Alquímicas.

No texto a seguir, dois avisos são necessários:

— o sangue do jovem é o sangue do adepto que já se tornou rejuvenescido por meio de seu trabalho preliminar nos reinos vegetal e mineral.

— a partir do aforismo 14, o processo é válido em todos os caminhos.

Os comentários e os projetos para uma incubadora são duas proposições dos Filósofos da Natureza (LPN).

O texto original anexado é da *Bacstrom Rosicrucian Society*.¹³⁰

¹²⁹ *Nature Unveiled* e *A Corrente Dourada de Homero* são textos distintos, embora compartilhem afinidades temáticas. *Nature Unveiled* é uma tradução inglesa moderna da obra alquímica *Aurea Catena Homeri* (Corrente Dourada de Homero), atribuída a Homero, o alquimista, não o poeta épico grego. A versão inglesa, publicada por William Wynn Westcott no século XIX, adapta e interpreta os conceitos originais com linguagem esotérica voltada ao público ocultista. Já *A Corrente Dourada de Homero* em sua forma original latina (publicada em 1723) apresenta uma cosmologia alquímica que descreve o ciclo da geração natural — desde os elementos até os metais — com forte influência hermética. As diferenças entre os textos residem principalmente na abordagem editorial, na linguagem e na ênfase simbólica: enquanto o original latino é mais sistemático e filosófico, *Nature Unveiled* tende a enfatizar aspectos místicos e espirituais da natureza.

¹³⁰ A *Bacstrom Rosicrucian Society* foi uma fraternidade esotérica formada por **Sigismund Bacstrom** após sua iniciação na *Societas Roseae Crucis* em **12 de setembro de 1794**, na ilha de Maurício, pelo conde **Louis de Chazal** — supostamente discípulo do lendário *Comte de Saint Germain*. Ao retornar a Londres, Bacstrom reuniu um círculo de estudiosos, como **Ebenezer Sibly**, **General Rainsford** e **Alexander Tilloch**, com os quais compartilhou traduções alquímicas e ensinamentos herméticos. Seus manuscritos influenciaram diretamente o ocultismo britânico do século XIX, chegando à *Ordem Hermética da Aurora Dourada* por meio de estudiosos como **Westcott**, **Mathers** e **Ayton**. O documento de admissão à sociedade, preservado na *Ferguson Collection* da Universidade de Glasgow, destaca princípios como a igualdade espiritual entre os sexos e o compromisso com a cura e o conhecimento oculto.

Existem várias versões desse texto, em edições inglesas que diferem muito pouco entre si.

ORA ET LABORA!

Em Nome de Deus Onipotente, que em sua imensa misericórdia quis nos conceder tantos dons. A Ele seja a glória e o louvor por toda a eternidade. AMÉM.

AFORISMOS da Grande Obra dos Antigos Sábios A MAIOR OPERAÇÃO DA SABEDORIA ANTIGA

1. A alma do homem, assim como todos os espíritos racionais (os Anjos), consiste (segundo sua essência primitiva) do Espírito do Mundo ou Anima Mundi e do poder de raciocínio. São unidos e extremamente simples e, conseqüentemente, em sua própria essência, imortais.
2. No princípio, Deus criou o Espírito Universal ou o Agente Universal da Natureza, a Alma do Universo. Esta é a primeira emanção da Luz Divina; é Unidade e imortal, capaz de manifestar-se, quando movida ou agitada, em Luz ou Fogo. É multiplicável e, no entanto, é e permanece sendo uma só. É onipresente, mas não ocupa espaço ou lugar visível, exceto quando manifestada ou multiplicada em seu terceiro princípio: o Fogo. Tem o poder de se tornar material e de retornar novamente à universalidade. Este é o assunto da Pedra ou do Medicamento dos Filósofos. Quanto mais você toma esta substância em seu estado simples, universal, não especificado ou não "casado", mais fácil, simples e grandiosa será sua obra; porém, quanto mais esta substância já estiver especificada, mais trabalhosa, complexa e dispendiosa será a sua operação.
3. Nosso Ímã para atraí-la (embora todo ser na Natureza seja magnético) é o Homem, e principalmente **צֶלֶם אָדָמִי מְחוּמֵר הָאָדָם** (a Poeira ou terra vermelha do Homem), que, nos meses de março, abril e maio, com o Sol em ♈ (Áries) e ♉ (Touro), é encontrado abundantemente em **דָּם** (sangue) de um homem saudável; o Espírito do Universo, durante esta estação, residindo ali dentro de forma extremamente abundante, universal e não especificada. **אָדָם** (Adam) significa o primeiro Homem, ADÃO ou Terra Vermelha, que aparece quando o sujeito é secado. Em **אָדָמִי** (Admati) está oculto **דָּם** (Dam), aquele fluido precioso, no qual habita o Espírito Universal, atraído por operações internas e

עפר (Afar). O Pó da Terra Vermelha, que permanece por si só quando o Fogo Universal da natureza a abandona. Este Fogo Universal é verdadeiramente a própria Natureza.

4. O sucesso feliz depende de o sujeito ser de boa qualidade, vindo de um homem jovem, se possível de temperamento jovial ou colérico, em boa saúde, coletado na estação apropriada, que é em março, abril e, no máximo, em maio, enquanto o Sol está em ♈ (Áries) e ♉ (Touro); sendo melhor após a predominância de ventos do norte.

PROCESSO

Este é o primeiro de todos os trabalhos, o mais simples, o menos dispendioso, o mais fácil e o maior em seus efeitos. Existem vários trabalhos e diferentes processos, mas este é o mais antigo.

1. O sujeito contém fogo, ar, água e terra, e não requer a adição de nenhuma matéria estranha, exceto quando introduzido no departamento metálico. Ele contém o fogo da Natureza ou o Espírito Universal, com o ar como seu veículo; contém a água, que deve ser separada dele no início do trabalho, e também a terra, que permanece ao final na forma de **Caput Mortuum**¹³¹, quando o fogo o abandona, sendo o verdadeiro עפר (Afar), onde o fogo habitou por um tempo.

O sujeito, devidamente coletado, não deve ser inferior a oito nem superior a dezesseis onças (não menos que 250 gramas e não mais que 500 gramas); coloque-o em uma tigela de porcelana ou esmaltada e cubra-a de forma frouxa para impedir a entrada de poeira.

2. Em cinco ou seis horas, realiza-se a primeira separação natural: a ∇ sendo cuidadosamente derramada, pois é inútil e perniciosa. (Essa água é chamada de "Águas do Dilúvio", que não se secam facilmente).

O sujeito frio é então colocado em uma dupla camada de linho limpo, dentro de uma tigela de porcelana igualmente limpa, para que essa ∇ supérflua seja absorvida pelo linho e o bolo possa secar em um local fresco, sombreado e livre de poeira. A água em excesso retardaria e impediria a putrefação, que é a chave para a regeneração.

¹³¹ **Caput Mortuum**, é o resíduo inerte que resta após a extração dos princípios ativos da matéria. Representa o que já não serve à Obra e deve ser abandonado, tanto no laboratório quanto na jornada espiritual do alquimista.

3. Assim que o bolo estiver livre de toda a umidade supérflua, corte-o em pedaços com uma faca de marfim (não o toque com nenhum metal) e coloque-o, com o auxílio de um funil de vidro, dentro do seu Globo de vidro.
4. O Globo de vidro deve ser imediatamente fechado com uma rolha feita de carvalho, bem ajustada, de modo que a umidade remanescente (o fleuma), durante a putrefação, possa penetrar e evaporar através dos poros do carvalho.

A junção entre o gargalo e a rolha deve ser vedada com algum material capaz de resistir ao calor e à umidade externos.

5. Coloque o(s) seu(s) globo(s) de vidro vedado(s) (pois é mais prudente trabalhar com cinco ou seis globos ao mesmo tempo, cada um com um bom sujeito) dentro de um barril ou pipote de vinho, preenchido até dois terços com צכול, já em fermentação apropriada, de modo a produzir um grau de calor entre 120 a 140 ou 150°F (aproximadamente 49°C a 66°C). O maior calor se concentra no meio, onde geralmente varia de 120 a 150°F; há menos calor junto às aduelas, onde varia de 90 a 100°F (cerca de 32°C a 38°C), podendo chegar até 120°F (49°C).

É necessário providenciar o seu ל י כ ז com antecedência, pois às vezes leva cinco, seis ou mais dias para fermentar e gerar o calor necessário. Isso logo se percebe pelo vapor que se eleva e por um termômetro enterrado a nove ou dez polegadas.

Você deve ter dois pipotes ou tonéis, para poder preparar um segundo antes que o calor fermentativo tenha deixado completamente o primeiro; esse calor raramente dura mais do que três semanas, e sua obra nunca deve esfriar, nem por um único momento.

Você deve cobrir a parte superior com palha limpa, bem espessa, e também ao redor de todos os tonéis, especialmente no inverno, caso contrário o trabalho ficará frio demais e suas operações serão muito retardadas, se não resultarem em um fracasso total.

6. Seu banho, assim previamente preparado, e seus frascos bem vedados e envernizados ao redor de toda a junção entre o gargalo e a rolha (exceto a superfície da rolha de carvalho), devem ser enterrados no banho, ao longo dos tonéis, onde prevalece o calor mais suave, enterrados de modo que apenas a parte superior do gargalo e da rolha, a parte vedada, fique visível ou ao nível da superfície do banho. Se fossem enterrados no meio, no início

do trabalho, seu sujeito secaria em vez de se liquefazer e putrefazer.

7. Todas as manhãs e noites, retire seus frascos e agite-os suavemente, cada um, com um movimento circular, para promover a dissolução da terra vermelha, o que geralmente ocorre em duas ou três semanas. Toda a terra se dissolve em um líquido de um vermelho rubi profundo, chamado por nós de **AQUA PERMANENS** ou **CAOS**.

Após essa liquefação estar completa, os frascos não devem mais ser agitados, pois isso se torna desnecessário.

8. Dessa maneira, seguindo este processo tão simples, movendo seus frascos de um tonel para outro, sempre que o calor cessar, você deve continuar com o seu banho de כוֹל durante oito ou nove meses, ou até mais tempo, já que o tempo exato não pode ser determinado por ninguém (os Filósofos dizem: **“coque nec desine coquere”**¹³² . Cuidando sempre para nunca permitir que seu trabalho esfrie, a ponto de os frascos sentirem frio, nem por um único instante, pois nisso todo o seu esforço seria perdido.

A superfície de suas rolhas de carvalho ficará preta e úmida devido ao fleuma penetrante. Isso faz com que a rolha inche e acabará por romper o gargalo de cada um dos globos de vidro, caso você não tenha previamente reforçado esses gargalos com tiras de linho coladas ao redor deles, com fio de cravo de harpsicórdio¹³³ (similar ao piano) enrolado sobre o linho, com uma camada de verniz sobre tudo, além de vedação (lute) onde a rolha se junta à borda superior do gargalo. A vedação pode ser feita com cera de lacre derretida ao redor, usando uma vela acesa, ou com resina, ou com verniz de secagem rápida engrossado com limalhas de ferro ou qualquer outro bom material de vedação que resista ao calor e à umidade; mas tenha o cuidado de manter o fundo da rolha visível, não cobrindo o gargalo do vidro tão baixo a ponto de escondê-lo.

¹³² Do latim: "cozinhe e não deixe de cozinhar".

¹³³ O *fio de cravo* utilizado no **harpsicórdio** (ou cravo) é tradicionalmente feito de **latão**, **ferro** ou **bronze**, dependendo da região e do período histórico. Esses fios metálicos são esticados sobre uma caixa de ressonância e pinçados por pequenos plectros — originalmente feitos de pena de corvo ou couro — acionados por um mecanismo chamado *saltador*. O harpsicórdio é um instrumento de teclado que produz som ao pinçar as cordas, diferindo do piano, que as percute. Popular entre os séculos XVI e XVIII, o cravo possui uma sonoridade clara e brilhante, sendo essencial na música barroca. Modelos mais elaborados podem ter dois manuais (teclados) e múltiplos registros, permitindo variações tímbricas.

9. Após a liquefação do sujeito, a putrefação ocorre imediatamente. A princípio, você verá veios semelhantes a ☿ (Mercúrio) descendo do gargalo até a ∇ rubi permanente. Após o desaparecimento desses veios ou fluxos, a **Cauda Pavonis**¹³⁴ começa a aparecer por todo o globo, às vezes colorida como o Arco-Íris, às vezes púrpura, verde, até mesmo com cores douradas e prateadas, apresentando-se de maneira maravilhosamente bela.
10. Durante a putrefação, que geralmente dura 150 dias, às vezes mais, o sujeito exala um cheiro que atravessa a rolha e lembra um cadáver humano, às vezes tão forte que pode ser sentido por toda a casa; e as cores se alternam de forma lindíssima.
11. Depois dessa putrefação, chamada de **Cabeça de Corvo**¹³⁵, que geralmente dura 150 dias ou mais, o fedor diminui gradualmente, e o sujeito se transforma numa cor de tijolo seco, vermelho ∇ ou עפר (Afar), ou pó, que permanece assentado no fundo do vidro. Isso não deve ser removido nem perturbado.
12. A sublimação ocorre, o Espírito Universal abandona o corpo morto עפר (Afar), sobe e desce de forma invisível e, agora, produz cores em grande escala; num dia o globo está negro, alguns dias depois torna-se verde-oliva, depois azul-celeste e de um verde-papagaio belíssimo, em seguida púrpura ou violeta, e carmesim, geralmente apresentando-se em cores espalhadas ao redor de todo o globo, com pequenas e belas manchas de ouro, prata, verde e púrpura no gargalo, como a Cauda de um Pavão ou um Arco-Íris. Às vezes parece cobre polido, depois aço polido, e por vezes como bronze de sino.
13. Após oito ou nove meses, tudo aparece branco, ou melhor, como mercúrio fluente, de cor metálica, e o Espírito Universal se sublima e fixa a si mesmo na base da rolha de carvalho, no gargalo, permanecendo ali por três ou quatro semanas, tão branco quanto prata; e é o Espírito Universal regenerado, corporificado em um doce sal fusível da Natureza, semi-fixo.

¹³⁴ A **Cauda Pavonis** (“cauda do pavão”) é um fenômeno visual e simbólico descrito como o surgimento de múltiplas cores iridescentes durante o processo de putrefação e regeneração da matéria. No trecho citado, ela aparece após a liquefação e o desaparecimento dos veios mercuriais, manifestando-se como tons de púrpura, verde, dourado e prateado — sinalizando que a matéria está se purificando e se aproximando da fase de transmutação espiritual. Tradicionalmente, a Cauda Pavonis é interpretada como um indício de que o operador está no limiar da *albedo* (embranquecimento) e da *rubedo* (enrubescimento), estágios finais da Grande Obra.

¹³⁵ A **Cabeça de Corvo** designa o estágio de **putrefação profunda** da matéria, caracterizado por sua aparência escura e odor fétido. No trecho citado, representa a base fixa da futura transmutação. A cor negra associada ao corvo simboliza a **morte simbólica da substância**, necessária para que ela renasça purificada.

Abaixo permanece uma ∇ foliácea, de cor cinza, chamada por nós de **TERRA FOLIATA**, que não tem utilidade se você optar por retirar esse sal branco ou sublimação para multiplicação, com o objetivo de produzir o **Medicamento Branco**; mas, se você preferir continuar a digestão, de modo algum deverá abrir o vidro ou interferir com ele. Esta sublimação branca, de um único vidro, não será mais do que três, quatro, cinco ou no máximo seis grãos.

Agora você tem em sua posse o **Espírito Corporificado do Universo**, o **Fogo Regenerado da Natureza**, o **Salvador e Regenerador da Matéria**, ou o **Medicamento Branco** em seu primeiro estado infantil, a מ י ו ר ou **Luz Regenerada** Isto já é uma medicina universal para o reino animal, mas ainda precisa ser levado adiante para uma perfeição maior. Este sal doce ou sublimação tem aparência de prata refinada por copelação, ou como a lua ao amanhecer.

PROCESSO PARA O MEDICAMENTO VERMELHO OU SAL PERFEITO DA NATUREZA

מ י מ ת ou seja, **Consummatio et Perfectio**

14. Os vidros devem agora ser removidos para o meio do banho e mantidos lá, pois o trabalho agora exige mais calor. (Pelo termômetro Fahrenheit, o calor no meio, a uma profundidade de 10 a 12 polegadas, geralmente varia de 130 a 150°F.). Continue a digestão **Coque nec desine coquere**, renovando sua מ י ו ר (digestão) a cada quinzena ou três semanas, alguns dias antes de o calor cessar, transferindo seus vidros de um recipiente para outro de tempos em tempos, conforme o calor exigir.

Sua sublimação branca, fixada no fundo dos seus frascos com tampas, descenderá novamente para עפר e de lá ascenderá novamente, passando por todas as cores anteriores várias vezes, até que se fixe mais uma vez no fundo do frasco (chamado por nós de **quærea domus**) e se transforme primeiro numa **cor açafão**, mas no decorrer de algumas semanas, numa **cor vermelha ardente**. Este processo (do Branco ao Vermelho) às vezes requer três ou quatro meses, mas o tempo exato não pode ser determinado. Agora você está na posse de o מ י מ ת **Consumation est** de Moisés e Aarão.

15. Durante a primeira e a segunda digestão, o sujeito seca e se liquefaz várias vezes, e passa por muitas mudanças de cor, que aparecem por todo o globo e no pescoço do frasco, e nunca cessam até que o vermelho sublime seja

levado à perfeição. Resta então novamente uma terra, o עפר (pó), que se refina ainda mais, tornando-se totalmente privado de Δ , que é a vida (admire a simplicidade e a verdade) na qual **O Sujeito e seus Tinturas** são claramente declarados nas palavras ע פרסינה אדמה, bem como no Ímã.

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DO MEDICAMENTO VERMELHO EM
QUALIDADE E PODER, PELA UMIDADE RADICAL METÁLICA; E SUA
ESPECIFICAÇÃO EM DIREÇÃO À NATUREZA MINERAL PARA
TRANSMUTAÇÃO

16. Existem apenas três fluidos ou umidades passivas universais na Natureza. Esses três, em essência, são muito análogos entre si. Para o reino animal, o fluido animal ou Sangue é designado; para o reino vegetal ∇ , e para o reino mineral ☿ , que é a umidade radical dos metais.

Cada um desses três fluidos contém $\Delta \nabla \Delta$ — alma, espírito e corpo — $\text{☿} \ominus$. De cada um desses fluidos, se devidamente tratado e animado pelo Espírito Universal, pode-se fazer uma medicina universal. Agora, para especificar em direção à natureza metálica, seu Espírito ou Sal universal regenerado, o **Medicamento Branco** ou **Vermelho**, proceda assim:

17. Tome quatro partes do **Medicamento Branco** ou **Vermelho** e dez partes de mercúrio ☿ altamente purificado (de preferência revivido do cinábrio) e faça uma amálgama da seguinte forma:

Pese com exatidão dez partes de ☿ em uma pequena xícara de porcelana ou em um pequeno cadinho liso, sobre um fogo brando de carvão, e deixe ali até que o ☿ comece a exalar fumaça. Nesse momento, retire-o do Δ (**EVITE inalar QUALQUER quantidade dos vapores, pois são nocivos e corrosivos!**) e no mesmo instante adicione as quatro partes do **Medicamento Branco** ou **Vermelho** (previamente envolto em cera amolecida) ao ☿ recém aquecido. Mexa com uma haste sólida de vidro limpa e você terá uma amálgama.

A multiplicação é realizada de acordo com a tabela de Pitágoras; o raio ou um dos lados do triângulo equilátero para a figura inteira: ou seja, quatro partes de remédio para dez partes da ∇ metálica

.PROCESSO DE DIGESTÃO COM A ÁGUA METÁLICA OU FERMENTO

18. Esta amálgama deve ser colocada imediatamente em um pequeno globo de vidro de resistência adequada (com o gargalo previamente vedado com linho, arame e verniz para evitar que estoure), com não mais de 2 polegadas de diâmetro ou de tal capacidade que a amálgama preencha no máximo um quarto da altura do globo. No entanto, se o globo for um pouco maior, não haverá problema: ou seja, é melhor que seja um pouco grande do que um pouco pequeno.

Feche o vidro com uma rolha de carvalho e vede-o exatamente como fez anteriormente.

19. Coloque-o em seu banho, mas agora no centro, onde o calor é mais intenso, entre 60 e 65°C (140 a 150°F). Enterre-o na ל ו כ ז de forma que a rolha fique um pouco abaixo da superfície do banho..

20. Não o mova, a não ser que seja obrigado a transferi-lo para outro recipiente. Com o tempo, a Medicina Universal une-se radicalmente com a Água Metálica e torna-se, em dois ou três meses, se o sublimado branco tiver sido utilizado, uma medicina tintorial branca prateada, uma substância seca extremamente fusível, em uma massa sólida, após ter passado por todas as cores; mas, se a Medicina Vermelha tiver sido usada, transforma-se em uma Medicina Metálica Tintorial Vermelha, que no escuro parece um carvão incandescente ou em brasa. Esta é a ורים (Urim) mais perfeita e multiplicada, se a branca; תמימ (Thummim) ou "consumação", se a vermelha.¹³⁶

21. Ambas as medicinas, tanto a Branca quanto a Vermelha, quando perfeitamente fixadas, permanecem no fundo do globo de vidro, e devem ser cuidadosamente separadas do ☿ ou ☼ do ☿ que fica por baixo, aderido ao fundo do vidro sob as medicinas. É necessário quebrar o gargalo do vidro.

22. Ambas as medicinas, uma vez multiplicadas ou fermentadas com a umidade radical metálica ☿, não requerem mais nenhuma fermentação com ☼; já tingem após esta primeira multiplicação.

Uma parte da Medicina Branca tinge dez partes de mercúrio, chumbo, estanho, cobre e ferro, transformando-os em prata pura de 16 finuras. Uma parte da Medicina Vermelha, uma vez multiplicada, tinge dez partes de mercúrio, chumbo, estanho, prata, cobre e ferro em ouro puro de 24 quilates

¹³⁶ **Urim e Thummim** são referências bíblicas usadas aqui em um contexto esotérico; segundo a tradição, eram objetos usados pelo sumo sacerdote para oráculos.

de finura.

As medicinas metálicas tingem cada metal na proporção em que estes contêm ☿, portanto o próprio ☿ é o que se obtém em maior quantidade, com muito pouca perda; ♄ (Saturno, ou chumbo) vem em seguida com um pouco mais de perda; depois ☾ (prata) e ♃ (Júpiter, ou estanho) com mais perda que ♄; e por fim ♀ (Vênus, ou cobre) e ♂ (Marte, ou ferro), com muita perda e uma grande escorificação do ☿ metálico externo, já que esses dois últimos metais contêm apenas uma pequena proporção de ☿, que é o único princípio metálico que é melhorado e fixado.

23. Após a primeira multiplicação com a água metálica, a Medicina Branca é o וּרִים (Urim) em seu primeiro estado multiplicado, tingindo e melhorando os metais inferiores em ☾ da mais pura e macia qualidade. A Medicina Vermelha, uma vez multiplicada com o ♄ metálico, é o תַּמִּימִים (Thummim) em seu primeiro estado multiplicado — a Medicina Universal Exaltada, agindo na raiz de muitas doenças agudas e crônicas de homens e animais, e tingindo o princípio mercurial de todos os metais e minerais inferiores no mais puro e macio ouro de 24 quilates.

Ambas as medicinas são solúveis em Espírito de Vinho retificado — e até mesmo em água.

AUMENTO DAS MEDICINAS EM QUANTIDADE, NÃO EM QUALIDADE NEM EM PODER

24. Se a Medicina Branca, uma vez multiplicada, for fundida com prata pura — uma parte da medicina para quatro partes de prata refinada pura — a prata transforma-se em uma substância branca, quebradiça e vítrea. A medicina é assim aumentada apenas em quantidade, mas não em qualidade nem em poder, pois agora não tinge mais do que dez partes da mesma forma que antes; mas, dessa maneira, obtém-se uma quantidade maior da mesma medicina, apenas para Transmutação.
25. Se a Medicina Vermelha, uma vez multiplicada com mercúrio, for fundida com ouro puro refinado — uma parte da medicina para quatro partes do metal puro — o ouro transforma-se em uma substância vítrea, quebradiça e de cor laranja profunda, e a medicina é aumentada, mas não em qualidade nem em poder: ela tinge apenas como antes, uma parte tingindo dez partes de metais inferiores no mais puro ☉, mas com maior quantidade de medicina disponível.

As Medicinas Branca e Vermelha, assim fermentadas com ☾ ou com ☼, já não são mais solúveis em Espírito de Vinho retificado e muito menos em ☿, e portanto deixam de ser medicinais para o corpo humano ou para os animais. Pelo contrário, tornam-se agora altamente venenosas, corrosivas e destrutivas para a vida animal e também para a vegetal; e não podem mais ser multiplicadas pela umidade metálica.

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DO MEDICAMENTO, A SABER, EM QUALIDADE PELAS ÁGUAS METÁLICAS

A Segunda e cada multiplicação subsequente da medicina, com a umidade metálica ☿, em qualidade e poder, é feita exatamente como a primeira, de acordo com a Tábua de Pitágoras, como já foi mencionado e explicado anteriormente.

26. Prepare sua amálgama como antes, com a mesma precisão e cuidado — quatro partes da medicina para dez partes de ☿ puro —, coloque sua amálgama em um globo de vidro de modo que pelo menos três ou quatro partes permaneçam vazias, vede o gargalo com a rolha de carvalho e enterre-o novamente no centro do seu banho, onde o calor é mais intenso.

Este processo será concluído em um tempo muito menor do que o primeiro; e cada multiplicação subsequente é realizada mais rapidamente do que a anterior, pois a medicina multiplicada aumenta maravilhosamente em fusibilidade, poder de penetração e fixidez, sendo, portanto, mais rapidamente multiplicada do que antes. Ela passa novamente por todas as cores, morre e é regenerada como anteriormente.

Isso também pode ser feito sobre uma lamparina, desde que o calor seja regulado cuidadosamente para imitar aquele calor suave e vivificante necessário, o צכול.

Durante os primeiros trabalhos de liquefação e putrefação, preferimos o צכול à lamparina, por ser o meio mais natural, embora diversos filósofos tenham utilizado meios diversos.

27. Você encontrará novamente sua medicina exaltada no fundo do globo, sobre uma pequena ☼ ou terra mercurial, da qual deve separar cuidadosamente sua medicina; o que é facilmente feito, pois as substâncias são suficientemente distintas.

Agora, você terá a Medicina de Segunda Ordem, mais ígnea do que a primeira e dez vezes mais poderosa. Uma parte desta medicina tinge cem partes de metais inferiores em ☾ ou ☼, conforme você tenha empregado a

Medicina Branca ou a Vermelha.

28. Esta medicina, infinitamente mais solúvel, mais ígnea, mais renovadora, mais poderosa, já não pode mais ser administrada em substância ao corpo humano, sendo um fogo demasiado intenso para que nossa constituição o suporte.

A medicina da Primeira Ordem pode ser administrada em substância, em doses de 1/4 de grão ou menos, mas forneceremos nosso método de como dissolver e administrar nossa medicina com segurança.

29. A terceira, quarta e quinta multiplicação, sempre com a unidade metálica pura ∇ ou ϕ , são realizadas exatamente da mesma maneira que a primeira e a segunda, mas cada multiplicação subsequente é concluída mais rapidamente que a anterior.

Não sabemos de nenhum filósofo que jamais tenha se aventurado além da quinta multiplicação, pois acreditamos verdadeiramente que uma substância tão fusível, agressiva e penetrante, que é na verdade Δ e luz, atravessaria qualquer vidro.

30. A Medicina, seja Branca ou Vermelha, da Primeira Ordem da primeira multiplicação com Δ , tinge dez vezes o seu peso. Após a terceira multiplicação, uma parte tinge mil partes. Após a quarta multiplicação, uma parte tinge dez mil partes. Após a quinta multiplicação, uma parte tinge cem mil partes; ou seja, um único grão produziria 17 libras e 4 onças (17 libras e 4 onças correspondem a aproximadamente **7,85 kg**) de $\mathbb{C}$ ou $\odot$.

(Quem pode compreender o incalculável Δ da Natureza! Infinitamente multiplicável).

MÉTODO DE ADMINISTRAÇÃO SEGURA DO MEDICAMENTO NO CORPO HUMANO

31. Tome quatro onças (Quatro onças (oz) equivalem aproximadamente a **113,4 gramas (g)**)

32. do mais puro e altamente retificado Espírito de Vinho (não use álcool de milho)¹³⁷: dissolva nele, sem aquecimento ou, no máximo, apenas ao calor do sol, um grão da Medicina Vermelha de primeira, segunda ou terceira multiplicação e, observando bem a cor da tintura assim formada, adicione um segundo ou terceiro grão (conforme o poder da sua medicina) e um quarto, quinto ou mais, até que seu Espírito de Vinho fique tingido de uma cor rubi transparente, semelhante a um vinho da Borgonha — então, pare de adicionar mais medicina.

A medicina de terceira ordem tingirá o Espírito de Vinho suficientemente rápido e com maior intensidade do que a da primeira ordem. Esta essência celestial é o mais elevado e universal **Aurum Potabile** das eras mais antigas.

Com esta essência gloriosa, tingimos um pint de Madeira, Lisboa ou um bom vinho do Reno envelhecido, pingando nossa essência rubi no vinho branco até que este adquira uma cor laranja profunda, ou um tom de Borgonha claro, ou ainda de Málaga escuro, e que apareça assim quando colocado em uma pequena garrafa de duas onças.

Este vinho medicinal pode ser administrado com segurança e sem o menor perigo a ambos os sexos e a todas as idades, em qualquer doença, seja ela quente ou fria, aguda ou crônica — isso não faz diferença. Uma colher de chá pode ser dada como dose uma ou duas vezes em 24 horas em doenças agudas perigosas ou crônicas obstinadas, como cânceres e semelhantes; mas em casos leves, uma única dose será suficiente para efetuar a cura.

33. A Medicina Vermelha, triplicada, colocada em um globo de vidro com uma rolha bem vedada, e suspensa em um cômodo, emite luz no escuro como uma brasa incandescente.

34. A Medicina Branca, após a primeira multiplicação, coagula e fixa um copo cheio de água limpa em cristal de rocha. Coloque um grão após o outro na ∇ até que se observe uma perturbação na ∇ , então pare, e em meia hora o

¹³⁷ Jean Dubuis recomenda o uso exclusivo do **Espírito de Vinho mais puro e retificado** — ou seja, álcool obtido da destilação do vinho — em seus cursos de alquimia vegetal, por considerar que apenas esse tipo de álcool carrega as **qualidades espirituais e vibracionais necessárias** para as operações alquímicas. Ele alerta contra o uso de **álcool de milho ou industrial**, pois estes são “mortos” do ponto de vista alquímico, não possuindo a energia vital que se deseja extrair e transmutar. No *Curso Prático de Espagíria*, Dubuis afirma:

“O álcool de milho não possui nenhuma energia espiritual. Ele é um produto químico, não um produto vivo. O Espírito de Vinho é o único que pode ser considerado como veículo da energia vital da planta.”

vidro se romperá, deixando o cristal fixado.

35. A mesma Medicina Branca, projetada sobre vidro em fusão, ao esfriar, deixa o vidro perfeitamente dúctil e maleável.

36. Com a Medicina Vermelha multiplicada, fluxos de vidro ou cristais são fixados em diamantes, rubis, esmeraldas e outras pedras preciosas.

SOBRE OS GLOBOS DE VIDRO

Os vidros usados são globos digestores de forma esférica, com cinco ou, no máximo, seis polegadas de diâmetro, com um gargalo de cinco ou seis polegadas de comprimento e largo o suficiente para permitir a entrada do polegar ou, pelo menos, do dedo médio.

Você deve fazer rolhas de carvalho muito antigo e de grão fino, ajustadas cuidadosamente aos gargalos, os quais devem ser lixados internamente por um pequeno trecho para formar um orifício redondo e bem acabado para a rolha. A rolha deve entrar uma polegada dentro do gargalo e deixar uma polegada acima do gargalo.

Os globos para a multiplicação têm cerca de duas polegadas de diâmetro, com gargalos de três ou quatro polegadas de comprimento e largos o suficiente para permitir a entrada de um dedo.

Todos os vidros devem ser feitos com uma espessura considerável, de pelo menos um oitavo de polegada.

FIM DOS AFORISMOS

SUPLEMENTO AOS AFORISMOS ANTERIORES

Se os globos contendo o sujeito forem eletrificados três, quatro ou mais vezes no início, antes de serem colocados no banho, de modo a introduzir o princípio elétrico universal, ou o Espírito Universal da Natureza no sujeito por meio do movimento, o mesmo espírito dentro do sujeito será grandemente fortalecido, as operações serão aceleradas e melhoradas, e você obterá um aumento do primeiro Θ branco ou Ψ abaixo das rolhas de carvalho.

Acima, comuniquei fielmente nossos Aforismos.

SIGISMUND BACSTROM¹³⁸

MDFRC. Londres, 5 de abril de 1797

COMENTÁRIOS AOS AFORISMOS

*Operis Maximi Antiquorum Sapientum*¹³⁹

1 — O que é dito demonstra a ligação espiritual entre o homem e a substância da Obra.

2 — Este parágrafo explica o mecanismo da Obra e expõe a natureza da substância da Obra. O ponto mais importante é a especificação da substância quando esta se corporifica.

3 — Em poucas palavras e sem detalhes, este parágrafo expõe o princípio do Ímã que atrai o Espírito Universal. Podemos usar carbonato de potássio ou sal de antimônio em outro método.

Significado das palavras hebraicas:

Ain Pe Resh: pó

Mem Yod Nun: tipo ou qualidade

He Aleph Daleth Mem: esta palavra contém no centro **Aleph Daleth Mem — ADAM** — mas também a palavra "vermelho". A letra **He**, colocada no início e no final de uma palavra, confere o valor de "Ser", pois **He** significa "ser".

A próxima palavra, **Daleth e Mem**, significa sangue. Acreditamos que este sangue deve ser o do operador, devendo ser purificado e carregado com os elixires vegetais e as tinturas dos sete metais planetários.

As letras hebraicas, novamente, especificam que a terra vermelha está oculta no sangue e que este, por sua vez, é vermelho por estar carregado com o Fogo Universal.

¹³⁸ **Sigismund Bacstrom** (c. 1750–1805) foi médico, cirurgião naval, naturalista e um dos mais influentes tradutores e estudiosos da alquimia no final do século XVIII. Iniciado na Fraternidade Rosacruz em 1794 pelo conde Louis de Chazal na ilha de Maurício, Bacstrom traduziu diversos tratados alquímicos do latim, francês e alemão para o inglês, incluindo a *Corrente Dourada de Homero*. Seus manuscritos circularam entre ocultistas britânicos e influenciaram figuras como William Wynn Westcott e a Ordem Hermética da Aurora Dourada. Parte de sua coleção foi adquirida por Manly P. Hall e hoje está preservada no Getty Research Institute.

¹³⁹ **Operis Maximi Antiquorum Sapientum** (em tradução livre, "A Obra Máxima dos Antigos Sábios") é uma expressão frequentemente usada em tratados alquímicos para designar a *Magnum Opus*, ou Grande Obra — o processo completo de transmutação espiritual e material que culmina na obtenção da Pedra Filosofal. Embora não se refira a um título específico amplamente reconhecido na bibliografia alquímica, a frase aparece em compilações como o *Theatrum Chemicum* e outros textos herméticos latinos como uma forma reverente de se referir ao conhecimento ancestral dos filósofos naturais.

O final do parágrafo indica a preparação necessária e, particularmente, o papel de Marte, que carrega o sangue com Fogo.

PROCESSO

1. O sangue contém os quatro elementos, assim como a água fermentada pelo Arquéus¹⁴⁰, mas este é um método mais simples. Não deve conter nenhuma matéria estranha antes que a especificação tenha ocorrido.

A água — o plasma — deve ser cuidadosamente separada porque o sal contido na água impede o início da fermentação.

2. A operação descrita aqui é a coagulação natural do sangue. Em seguida, insistimos na secagem, deixando-o escorrer; através da evaporação, o sal permanecerá e nada ocorrerá.
3. Nenhum contato com metal durante a preparação. Operar fora do laboratório alquímico, pois há riscos de contaminação pelos ♄.
4. A rolha de carvalho deve ser cortada seguindo a direção das fibras. Um vedante moderno feito de teflon elimina o risco de explosão do gargalo do frasco (ver figura a seguir).
5. A palavra hebraica **Tzadde Kaph Vav Lamed** significa: digestão. Aqui se trata de um líquido capaz de provocar a fermentação. A natureza do líquido não é especificada. A temperatura no texto original é dada em Fahrenheit. Como este método não é muito prático atualmente, a figura descreve um incubador que pode ser usado mais facilmente.
6. Este parágrafo indica a posição do frasco no início e a baixa temperatura inicial. A maioria dos Artistas usa a temperatura produzida por uma galinha choca, ou seja, 41–42°C.

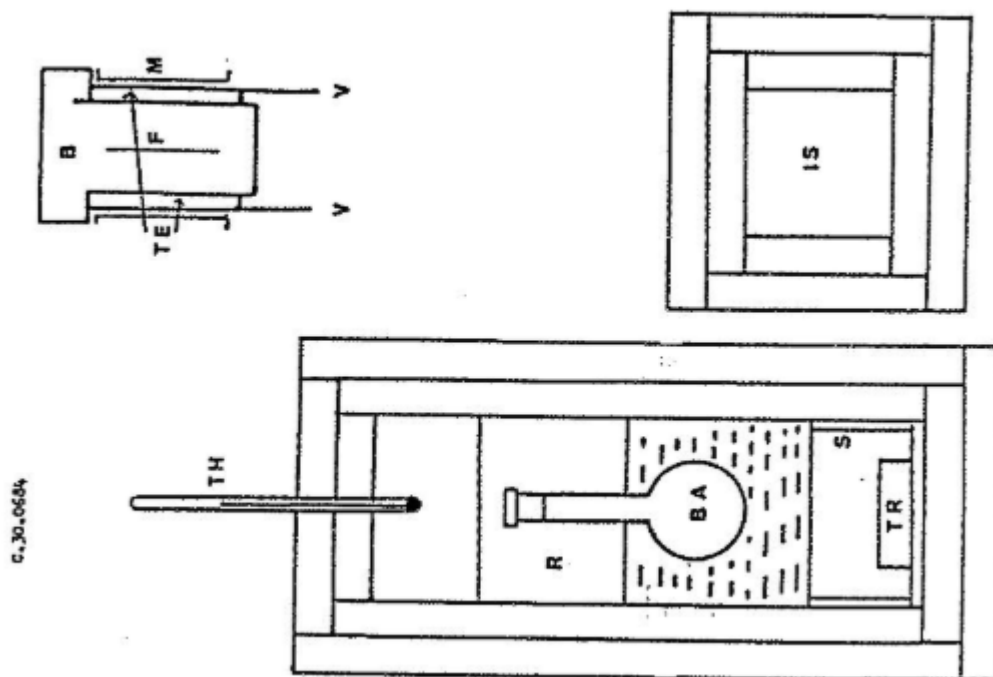
¹⁴⁰ **Arquéus** (ou *Archeus*) é um conceito introduzido por **Paracelso** no século XVI para designar a **força vital invisível** que governa os processos naturais e orgânicos. Na alquimia e espagíria, o Arquéus é visto como o **agente intermediário entre o espírito e a matéria**, responsável pela organização das formas e pela manutenção da saúde. Ele atua como um “artesão interior”, moldando tecidos, órgãos e energias sutis. Cada ser possui seu próprio Arquéus, que interage com o macrocosmo.

7. Isso requer um incubador com grande inércia térmica¹⁴¹.
8. Indicação da duração do processo. Quanto à rolha, veja a figura.
9. Indicações concisas mas preciosas sobre as cores.
10. Durante este período, há risco de expulsão da rolha ou explosão do frasco.
11. Atenção: o menor choque pode aniquilar o início da formação do Espírito na rolha. O tempo proposto parece pessimista.
12. Sem comentário sobre este capítulo interessante.
13. A palavra hebraica **Vav Resh Yod Mem** não é clara. Podemos considerar que significa uma água com energia viril e uma força evolutiva poderosa.
14. Método para a Medicina Vermelha. A palavra inicial é **Tav Mem Yod Mem**, que pode ser traduzida como "Água Universal". A palavra **Tav Mem Yod Mem** pode ser entendida como Água Universal. A palavra **Tav Mem Vav Mem** pode ser compreendida como "Água Universal com grande força evolutiva".
15. A palavra do final é a mesma do início.
16. Lembre-se da multiplicação para os três fluidos especificados da Pedra.
17. Use mercúrio comercial que foi destilado três vezes. Observe a regra de Pitágoras.
18. Atenção: use frascos de Pyrex com pelo menos 3 mm de espessura.

¹⁴¹ A **inércia térmica** em incubadoras é essencial para garantir **estabilidade na temperatura interna**, protegendo o ambiente contra variações bruscas causadas por aberturas, falhas energéticas ou mudanças externas. Incubadoras com alta inércia térmica funcionam como **reservatórios de calor**, absorvendo e liberando energia lentamente, o que assegura um **ambiente termoneutro** — especialmente crítico para processos que necessitem de estabilidade. Essa característica reduz o risco de **estresse térmico** e **melhora a eficiência energética**.

19. Ajuste o termostato do incubador primeiro para 70°C.
20. Atenção: sem choques ou vibrações no incubador. A frase misteriosa deste parágrafo expressa que a Pedra Vermelha possui as faculdades das duas Pedras: Vermelha e Branca.
21. Precauções finais.
22. Capítulo muito interessante, merece estudo.
23. O final do parágrafo é muito importante.
24. Direcionando a Pedra para o reino metálico.
25. Muito interessante para experimentos metálicos.
- 26 até 30. Em conjunto: chave para a multiplicação.
31. Método para uso humano. Não ultrapassar essas doses que já são altas demais.
- 32 a 35 - Usos variados e diferentes da Pedra.

FIGURAS



LEGENDA

TH – Termômetro

R – Reserva de água

BA – Frasco de fundo redondo

S – Suporte da reserva de água; o peso, de 8 ou 10 kg, deve ser distribuído sobre o poliestireno

TR – Sistema de aquecimento e termostato

Observação: usar um painel com casco + espessura de 40 mm, para um isolamento de 88 mm; isso permite reduzir as perdas térmicas nas juntas

IS – Vista vertical dos painéis para reduzir as perdas térmicas

B – Rolha de carvalho

F – Direção das fibras da madeira

TF – Vedação de teflon entre o vidro e a rolha; a vedação deve ser muito firme

V – Gargalo do frasco de vidro

M – Revestimento metálico para aliviar o gargalo do tubo da pressão do teflon

Importante: o teflon e o revestimento não devem encobrir a base da rolha

Lição 31: O Caminho de Saturno

Caro Amigo,

Entre os muitos temas que apresentamos nas Lições anteriores, mencionamos frequentemente o antimônio, mas pouco falamos sobre o chumbo. Vamos tratar desse assunto agora.

Basil Valentine afirma que todos os elementos da Pedra podem ser encontrados no chumbo, e Von Bernus¹⁴² diz que o chumbo conduz a remédios milagrosos. Além disso, Saturno, o planeta do chumbo, é o Meio do Céu e também o Caminho 32, o caminho inicial para a Iniciação.

De fato, não há muita diferença entre o Caminho do antimônio e o do chumbo. A partir de agora, chamaremos este último de Caminho de Saturno. Contudo, no nível prático, existem diferenças importantes. Do ponto de vista operativo, o antimônio é tóxico, mas pode ser facilmente eliminado, enquanto o chumbo é eliminado muito lentamente e, portanto, é cumulativo. Aliás, se Newton falhou tão próximo de seu objetivo, provavelmente foi devido ao acúmulo de chumbo em seu organismo, o que provocou a doença fatal. Outra diferença que observamos após experimentações é que os vapores mercuriais do antimônio se liberam independentemente de quem esteja presente no laboratório. Por outro lado, no caso do chumbo, até hoje a mesma experiência só foi bem-sucedida quando apenas o operador estava presente no laboratório.

TRABALHO COM O CHUMBO OU O CAMINHO DE SATURNO

O Caminho de Saturno consome muito tempo e deve ser cuidadosamente preparado, com bastante antecedência. Só pode ser realizado com minério nativo de chumbo. Na França, o único minério praticamente disponível é a galena (sulfeto de chumbo). Ela apresenta uma vantagem e um incômodo extremamente trabalhoso. A vantagem é que a galena só se decompõe por volta de 1450°C, podendo assim manter seu mercúrio a uma temperatura muito superior à fusão do chumbo (327°C). O inconveniente é que a galena nativa frequentemente contém excesso de enxofre, arsênico e prata.

A calcinação, para eliminar o enxofre, deve ocorrer da mesma forma que para a estibina: uma ou duas semanas a cerca de 100°C, sem jamais ultrapassar 110°C, pois do contrário o enxofre se fixa alquimicamente. Uma vez eliminado o excesso de

¹⁴² **Alexander von Bernus** (1880–1965) foi poeta, filósofo e alquimista alemão, conhecido por integrar práticas espagíricas à medicina hermética. Fundador do laboratório **Soluna**, dedicou mais de quatro décadas à preparação de remédios alquímicos inspirados nas fórmulas de Paracelso. Sua obra *Alquimia e Medicina* (1981, ed. espanhola) destaca a importância da experiência prática no fogo e da observação astrológica na produção de essências curativas. Von Bernus também manteve vínculos com Rudolf Steiner e outros pensadores esotéricos, renovando a tradição alquímica alemã com rigor experimental e profundidade espiritual.

enxofre, o arsênico é eliminado por calcinações sucessivas em torno de 650°C, o que é impossível de fazer com a estibina. A partir daí, o processo é o seguinte:

- primeiro, uma longa calcinação a 100–110°C, seguida de uma lixiviação;
- depois, uma calcinação com aumento progressivo de calor;
- entre as calcinações, uma lixiviação até atingir 650°C;
- interromper as calcinações quando a água da lixiviação não extrair mais impurezas. Isso pode exigir de 20 a 30 operações de calcinação e lixiviação.

A química diz que o vinagre destilado (ácido acético) não reage com a galena. Portanto, é inútil tentar uma extração rápida com soxhlet. No entanto, uma maceração de galena com vinagre destilado em uma incubadora a 40–45°C provoca uma ação do ácido acético sobre a galena. Agite os frascos ao menos uma vez por semana. O vinagre adquire uma cor vermelha quando saturado e deve então ser substituído por vinagre destilado fresco. O vinagre radical não é essencial para essa operação; um vinagre destilado a 10–20% é melhor.

Os vinagres coloridos devem ser reunidos e destilados até formarem um mel que, ao esfriar, cristaliza. Os cristais devem ser separados do líquido e secos. O mel é novamente espessado para obter novos cristais, e assim por diante, enquanto continuarem a se formar cristais. Depois disso, pode-se circular os cristais em um soxhlet com álcool absoluto e recrystalizá-los. Circule com álcool até que este adquira um leve odor de éter ao final das circulações. Entre as circulações, regenere o álcool por destilação, eliminando primeiro os éteres e, por fim, o resíduo de ácido acético. Considerando a sensibilidade ao calor do acetato de chumbo, é melhor realizar este processo em banho-maria.

Para ter sucesso, você precisará entre 0,5 a 1kg de cristais. Se você tiver cerussita, um carbonato natural de chumbo, o problema é diferente. A cerussita, quando circulada em um soxhlet com vinagre radical, cede imediatamente um acetato. A extração ocorre em duas partes e produz primeiro uma tintura vermelha e depois uma verde. Preferimos não misturar essas duas tinturas. Coagule como antes e separe os cristais do líquido. Com a cerussita, quase todo o mel cristaliza. A cerussita acelera o Caminho em vários meses.

Precaução prática:

Assim que ocorrer a primeira cristalização, seja a partir da cerussita ou da galena, reserve vários cristais em um frasco. De fato, o mel do chumbo tende a permanecer em forma fundida com mais facilidade do que o do antimônio. A recusa em cristalizar é frequente. Nesse caso, basta introduzir um fragmento de cristal no mel e a cristalização ocorrerá em poucos segundos.

Em seguida, coloque os cristais na incubadora a 40–45°C por pelo menos 40 dias e cubra-os com 1 a 2cm de álcool. Uma parte dos cristais se dissolverá, mas não deve haver mais álcool do que o necessário para dissolver cerca de 1/3 dos cristais. Não encha o frasco além da metade. Os cristais geralmente adquirem uma cor

escura e o álcool torna-se vermelho-fogo. Não separe os cristais dessa tintura e utilize, para a próxima destilação seca, o mesmo frasco usado na digestão. O frasco usado na destilação destrutiva provavelmente será destruído, por isso é melhor utilizar frascos de 1 ou 1/2 litro de pirex, sem boca de vidro esmerilhado.

A operação completa consome bastante tempo e a destilação final é delicada. Não comece a praticar com um acetato vindo de chumbo ou cerussita. Para ganhar experiência, prepare o acetato da seguinte maneira: em um soxhlet, circule litargírio amarelo de chumbo com ácido acético comum. Não utilize ácido acético glacial, pois, nesse caso, os cristais não encontrariam a água necessária para sua formação.

Para realizar a destilação seca, o frasco deve ser mantido em banho de areia ou, se você usar um aquecedor de frascos comum, o revestimento elétrico deve ser separado do frasco com uma camada de caulim de 2 a 3mm de espessura; caso contrário, há risco de danificar o frasco e o aquecedor. De fato, o produto residual, o Leão Negro, é pirofórico e qualquer entrada de ar ao final da destilação pode provocar um aumento de temperatura tal que o pirex derreterá e se soldará ao revestimento do aquecedor.

O frasco deve ser fechado com uma rolha de silicone, atravessada por um tubo curvo de 8mm e um termômetro de mercúrio graduado até 350°C. Coloque o primeiro condensador, que deve ser resfriado preferencialmente por um circuito de água à temperatura de gelo derretido, usando pedaços de gelo em um reservatório de 2 ou 3 litros e circulando a água com uma pequena bomba elétrica. A água só circula quando for necessária para a condensação dos vapores.

O aquecimento do frasco deve ser regulado de forma muito progressiva. No início, passa o álcool e o termômetro marca 78°C. Este álcool pode ser recolhido e destilado, mas só deve ser usado para a lixiviação de Saturno. Assim que a temperatura ultrapassar 80–82°C, pare de coletar o álcool. Em seguida, obtém-se o fleuma e a temperatura sobe rapidamente para cerca de 100°C. Não descarte o fleuma.

Observe cuidadosamente o frasco, pois várias fases vão ocorrer, e é bom se familiarizar com elas. Após uma fase em que tudo fica líquido, inicia-se uma fase de solidificação. Um ponto crítico ocorre quando o líquido aumenta de 3 a 4 vezes seu volume em poucos momentos, transformando-se numa massa esponjosa acinzentada. Reduza o calor nesse momento, ou melhor ainda, um pouco antes — com a prática, você saberá identificar esse ponto. Em seguida, coloque um novo recipiente na base do primeiro condensador e conecte este a uma segunda serpentina condensadora, que deve estar em uma mistura refrigerante de gelo triturado com sal de cozinha ou, melhor ainda, gelo triturado com cloreto de cálcio. Se o calor tiver sido suficientemente reduzido, a temperatura dos vapores cairá para cerca de 35°C. Então, recolhemos um óleo vermelho no condensador. Uma fumaça

branca e espessa dará um líquido transparente e muito volátil no segundo condensador. O ponto de ebulição desse líquido geralmente fica entre 20–2°C.

Em uma lição futura, examinaremos o uso do vinho branco e do vinho tinto. Após esfriar e evitando qualquer entrada de ar, recolha o produto negro que restou no frasco aquecido. Esse produto deve ser reduzido a pó. Tenha cuidado: use máscara para se proteger do pó nesta operação. Espalhe esse pó em camadas finas sobre azulejos de porcelana ou cerâmica (como os de cozinha). A camada não deve ter mais que 1 ou 2mm de espessura. Coloque os azulejos em um forno, deixando de 4 a 5mm de espaço entre eles, e aqueça o conjunto a cerca de 700°C, depois deixe esfriar. Você obterá um pó vermelho-alaranjado que será tratado com o fleuma da destilação destrutiva. O que não tiver sido destilado com o fleuma será tratado com vinagre radical e o acetato assim obtido será cristalizado e reciclado conforme o ciclo anterior.

O resíduo restante após a destilação do fleuma fornecerá um sal metálico.

Nota:

- a) Não respire os vapores do vinagre destilado que foi usado para Saturno.
- b) Para o uso alquímico ou espagírico desses produtos, citamos os seguintes livros:

— *Encyclopædia Britannica*, edição de 1771

— *L'art de la distillation* (A Arte da Destilação), de John French¹⁴³

— *La médecine métallique* (Medicina Metálica), de Duchesne, senhor de la Violette¹⁴⁴

— *Acetone*, de Becker¹⁴⁵

¹⁴³ *L'art de la distillation* (em inglês, *The Art of Distillation*) é um tratado publicado originalmente em **1651** por **John French**, médico e químico inglês. Considerado uma das primeiras obras sistemáticas sobre destilação, o livro reúne práticas espagíricas extraídas de autores alquímicos e da experiência pessoal do autor. Dividido em seis livros, aborda técnicas de destilação, tipos de fornos e vasos, aplicações medicinais e químicas, além de curiosidades alquímicas como a anatomia do ouro e da prata.

¹⁴⁴ *La Médecine Métallique*, atribuída a **Joseph du Chesne**, senhor de La Violette (1546–1609), é uma obra emblemática da medicina espagírica francesa do século XVII. Publicada postumamente em **1648**, sob o título *Recueil des plus curieux et rares secrets touchant la médecine métallique et minérale*, reúne receitas e procedimentos extraídos de seus manuscritos, voltados à preparação de remédios a partir de metais e minerais. Du Chesne, médico do rei Henrique IV e defensor de uma forma moderada do paracelsismo, buscava integrar alquimia e medicina prática.

¹⁴⁵ *Acetone*, de **Ernst Becker**, é uma obra técnica que aborda as propriedades físico-químicas, aplicações industriais e métodos de obtenção da acetona — solvente orgânico amplamente utilizado em síntese química, cosméticos e limpeza laboratorial.

— Os experimentos metálicos de Respour¹⁴⁶

— *Traité de l'eau de vie et anatomie théorique et pratique du vin* (Tratado da Aguardente e Anatomia Teórica e Prática do Vinho), de J. Brouant, doutor.¹⁴⁷

c) Um desenho da serpentina e as proporções dos sais refrigerantes estarão na próxima lição.

d) Na Lição nº 24 e nas seguintes, o vinagre radical para a fabricação dos acetatos não deve ter mais que 60 a 65% de ácido puro; caso contrário, deve ser preferencialmente diluído em água de chuva destilada.

ORA ET LABORA!

¹⁴⁶ Os *Experimentos Metálicos de Respour* são mencionados em alguns círculos alquímicos e esotéricos como uma série de operações envolvendo a reatividade de metais em soluções ácidas e salinas. No entanto, não há registro consolidado de uma obra formal com esse título atribuída a um autor chamado Respour. É possível que o nome se refira a uma corruptela ou pseudônimo usado em manuscritos alquímicos ou que represente uma tradição oral ou prática experimental transmitida entre iniciados. A ausência de referências bibliográficas claras sugere que o conteúdo pode estar disperso em compêndios de química experimental ou em tratados alquímicos como o *Theatrum Chemicum* ou o *Musaeum Hermeticum*. Recomenda-se cautela ao interpretar o nome e buscar fontes confiáveis para validação.

¹⁴⁷ *Traité de l'eau de vie et anatomie théorique et pratique du vin*, publicado em 1646 por Jean Brouaut, médico francês, é uma obra clássica que explora os aspectos químicos, médicos e simbólicos do vinho e da aguardente. Dividido em três livros, o tratado aborda desde os processos de destilação até os efeitos terapêuticos e espirituais das bebidas alcoólicas, com linguagem influenciada pela alquimia e medicina galênica.

Lição 32: Acetatos e Extração com Aldeídos

Caro Amigo,

Examinamos, na última lição, as destilações dos acetatos de antimônio e de Saturno.

Para entender o que segue, parece interessante traçar um paralelo entre álcoois e acetatos, do ponto de vista alquímico.

A destilação de fermentações vegetais produz álcool, mas todos nós notamos que sua qualidade depende da planta de onde é extraído. Assim, álcoois feitos de maçã ou de uva não são idênticos. Embora uma sequência de destilações os torne quimicamente semelhantes, eles não são necessariamente semelhantes do ponto de vista alquímico. Se o álcool for originário da madeira, teremos álcool metílico, e nenhuma destilação pode aproximá-lo de um álcool feito de vinho, pois esses dois álcoois são quimicamente diferentes. Vamos ser claros: o álcool metílico é um veneno que destrói o nervo óptico e, portanto, pode causar cegueira.

Da mesma forma, a destilação seca dos acetatos minerais não produz acetona como a concebemos hoje, mas diversos produtos que dependem do minério ou do metal de que o acetato é constituído.

Podemos classificar os acetatos em duas categorias:

1. Os acetatos constituídos de um minério ou metal que retoma seu estado original após sofrer uma destilação seca. Neste caso, não se obtém acetona, mas um ácido acético mais ou menos puro e mais ou menos forte. Por exemplo, não resta Leão Negro após a destilação destrutiva do acetato de cobre, mas permanece um metal finamente dividido como resíduo. O líquido destilado é vinagre radical e, após uma segunda destilação, é um ácido acético já bastante puro.
2. O resíduo sólido deixado após a destilação seca é um Leão Negro. Neste caso, não obtemos uma acetona, mas um óleo vermelho e um líquido volátil da família dos aldeídos, composto por líquidos muito voláteis e quimicamente muito instáveis.

O vinho tinto e o vinho branco dos Antigos, descritos por Paracelso¹⁴⁸, Lúlio¹⁴⁹, Hollandus¹⁵⁰ e Weidenfeld, pertencem a estas categorias de líquidos.

Experimento Proposto

— Compre um pouco de aldeído acético ou etanol. Atenção: este produto deve ser sempre mantido a uma temperatura inferior a 20°C, seu ponto de ebulição. Portanto, mantenha-o na geladeira.

— Coloque previamente no congelador todos os recipientes que serão usados, para que o líquido seja vertido em recipientes muito frios. Use apenas frascos de vidro com boca esmerilhada ou frascos de vidro equipados com rolha de silicone, pois outras rolhas não resistem aos aldeídos.

— Prepare um pouco de estibnita que tenha sido cuidadosamente calcinada — nesse caso a estibnita fica branca — ou um pouco de kermes de antimônio, desde que esteja bem purificado — lavado com água e seco, depois lavado com álcool e seco novamente.

— Encontre um tubo de ensaio feito com vidro grosso (3 a 4 mm), com 200 mm de altura e um diâmetro de 30 a 40 mm. Coloque um pouco de estibnita no fundo ou um pouco de kermes seco, numa altura de 40 a 50 mm.

— Prepare a rolha de silicone e encontre um sistema para travar a rolha, por exemplo, um dispositivo de madeira que possa tanto envolver o tubo quanto fixar a rolha.

¹⁴⁸ **Paracelso** (1493–1541), pseudônimo de Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, foi um médico, alquimista e filósofo suíço que revolucionou a medicina renascentista ao integrar práticas alquímicas à terapêutica. Rejeitou a medicina galênica e a teoria dos quatro humores, propondo em seu lugar os três princípios fundamentais da matéria: enxofre (alma), mercúrio (espírito) e sal (corpo), que deveriam ser purificados e recombinados para produzir remédios eficazes — base da medicina espagírica. Paracelso também foi pioneiro no uso de substâncias químicas e minerais no tratamento de doenças, como o uso do mercúrio contra a sífilis, e é considerado o pai da toxicologia por afirmar que “a dose faz o veneno”.

¹⁴⁹ **Raimundo Lúlio** (c. 1232–1316), também conhecido como Ramon Llull, foi um filósofo, teólogo e místico catalão, considerado um dos pioneiros do pensamento combinatório e da lógica simbólica na Idade Média. Em obras como *Ars Magna* e *Ars Generalis Ultima*, Lúlio propôs um sistema de raciocínio baseado na combinação de atributos divinos e conceitos filosóficos, com o objetivo de demonstrar verdades universais e promover o diálogo inter-religioso. Embora não tenha praticado alquimia em sentido estrito, seu nome foi posteriormente associado a textos alquímicos pseudo-lulianos, que exploram o uso do “espírito de vinho” (álcool altamente purificado) como agente de transmutação e cura.

¹⁵⁰ **Johannes Isaac Hollandus**, alquimista medieval cuja identidade permanece envolta em mistério, é tradicionalmente associado a uma série de tratados alquímicos dos séculos XIV e XV, como *Opus Minerale* e *De Lapide Philosophorum*. Embora não se saiba ao certo se Hollandus foi uma figura histórica ou um pseudônimo coletivo, suas obras influenciaram profundamente a alquimia prática europeia, especialmente no que diz respeito à preparação do elixir da longa vida e à transmutação dos metais. Seus textos combinam instruções laboratoriais com simbolismo hermético, sendo amplamente citados por alquimistas posteriores como Paracelso e Sendivogius.

— Resfrie o tubo e seu conteúdo no congelador e, rapidamente, preencha até 3/4 com aldeído.

— Feche e deixe repousar por uma ou duas semanas na geladeira (não no congelador) ou numa adega onde a temperatura ambiente seja de cerca de 30°C.

— Destile o aldeído usando o condensador com gelo picado, como na lição anterior. Não aqueça o aldeído. No máximo, pode submergir o tubo de ensaio em água a 30°C.

— Feche cuidadosamente o frasco com o aldeído destilado e mantenha na geladeira.

Depois, prepare 7 pequenos tubos de ensaio nos quais você colocará cerca de 1 cm de metal em pó:

- um com chumbo
- um com estanho
- um com ferro
- um com uma folha de ouro
- um com cobre
- um com algumas gotas de mercúrio
- um com uma folha de prata

— Preencha metade de cada tubo com aldeído. Feche e bloqueie cada um deles e, se possível, mantenha-os a 18°C.

— O aldeído tomará uma coloração relativamente rápida (em um ou dois meses). Separe cuidadosamente o aldeído do metal destilado. Restarão algumas gotas de óleo em cada tubo.

— Dissolva o óleo em cerca de 30 ml de álcool absoluto. Filtre e coagule.

— Dissolva novamente o óleo em cerca de 20 vezes o seu volume de álcool absoluto.

A dose espagírica desta tintura é de uma gota em vinho branco ou em água com um pouco de álcool. As recomendações sobre a escolha do dia para as tinturas vegetais também são válidas para estas tinturas.

Atenção: a filtragem deve ser feita com extremo cuidado nos casos de chumbo, cobre e mercúrio.

Cuidado: o aldeído pode ser facilmente modificado se a temperatura for muito alta, portanto só deve ser destilado com água morna. Além disso, o aldeído é um líquido inflamável. Não tente estas extrações em sais minerais, pois alguns explodem ao contato com o aldeído. Para tentar uma extração em metais, não é necessário fazer o aldeído por destilação de um acetato, nem comprá-lo e tratá-lo com antimônio, como explicado anteriormente. Basílio Valentim, especialmente em **"A Carruagem Triunfante do Antimônio"**, faz alusão a um método que gera um líquido extrativo que contém aldeído.

Aqui estão as precauções necessárias caso você queira experimentar este processo:

— Use óculos de proteção e luvas. Instale um painel de vidro, do tipo triplex, à frente do aparato.

O aparato deve incluir um pequeno balão de destilação (com cerca de 5 cm de diâmetro) conectado a um condensador — com banho de gelo salgado (ver figura e tabela na página 5).

— Acima do balão, coloque uma ampola de decantação ou um funil. Ambos devem terminar com um tubo capilar de saída muito fraco, penetrando no gargalo do tubo através da rolha. No caso do funil, a ligação com o tubo capilar é feita por um pedaço de tubo de silicone de 6 a 7 cm de comprimento e um alicate de pressão para regular a saída do líquido. Todo o aparato deve estar cuidadosamente amarrado, pois as reações são violentas e podem ser explosivas.

— Também planeje ter um béquer, ou outro recipiente, que possa ser rapidamente colocado ao redor do balão durante o experimento, com água morna para iniciar a reação e com água gelada para desacelerá-la.

Primeiro caso:

Despeje um pouco de ácido nítrico no balão, não mais de 1 cm de altura. Coloque no funil o equivalente a 2 ou 3 colheres de álcool metílico para testar inicialmente e, depois, álcool absoluto quando tiver dominado a experiência. O alicate deve ser aberto de modo que o álcool caia gota a gota, uma gota a cada 1 ou 2 segundos. Inicialmente, nada acontece. A reação começa de forma repentina, com qualidade semi-explosiva. O balão se enche de vapores avermelhados e o balão do condensador recebe um líquido azul-celeste que é extremamente volátil. Um de seus componentes ferve a poucos graus Celsius. Este líquido, se destilado com muito cuidado uma ou duas vezes, possui um poder de extração incrível.

Segundo caso:

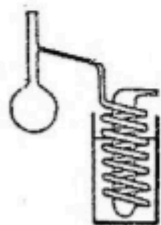
Preencha metade do balão com álcool. Coloque um pouco de ácido nítrico no funil. Para evitar projeções, despeje o ácido em pequenas doses (colher de chá) em diferentes momentos. Coloque água a 70 ou 80°C no béquer, de forma que o álcool no balão possa ser aquecido. Deixe o ácido fluir lentamente no início, cerca de uma colher. Neste caso, a reação não é explosiva. O líquido começa a ferver e destila espontaneamente. Mantenha a reação deixando o ácido fluir novamente. Se a reação tender a sair de controle, desacelere resfriando o balão com água gelada. No balão do condensador, coleta-se um líquido com um odor muito forte de maçã. Isso indica que ele pode conter uma alta porcentagem de aldeído. Este líquido também tem um grande poder de extração.

Esses dois líquidos produzem extrações bem-sucedidas nos sete metais e no sal de cozinha. Atenção ao extrair outros sais: não despeje o líquido diretamente, introduza-o gota a gota para evitar uma reação muito violenta e explosiva. Sobre os fosfatos, cuidado: a reação é violenta, mas a decomposição ternária terra-amarela-vermelha é dramática. Na figura da página 5, o desenho do alquimista antigo mostra o aldeído sendo condensado por descompressão súbita, mas isso obriga a ter uma válvula de segurança no balão, com perda considerável de produto.

ORA ET LABORA!

FIGURAS ANEXAS:**Misturas de sal a -1 °C ou de ácido, e de 100 g de neve ou gelo picado seco**

Sal	g por 100 g de neve	temperatura final em °C	Sal ou ácido	g por 100 g de neve	temperatura final em °C
NaCl	30	21,3	CaCl ₂ · 6H ₂ O	200	20.7
NaNO ₃	50	17,75		160	40.0
KCl	30	10,9		143	55.0
NH ₄ Cl	25	15.4		124	41.3
(NH ₄)NO ₃	45	16,75		80	22.5
	75	18,5		40	10.0
	85	15		20	5.0
	105	5	SO ₄ H ₂ · H ₂ O (61,1% de SO ₄ H ₂)	90	37
Álcool	105	31		40	30
CaCl ₂	30	10,9		23	25
				13	20
				7.5	16



Lição 33: Sobre a Pedra Vegetal

Caro Amigo,

O cronograma para as extrações propostas nas lições anteriores não é fixo. O tempo varia consideravelmente dependendo das condições astrológicas no momento em que o líquido de extração é derramado sobre o metal ou seu óxido. O alquimista Carl W. Stahl¹⁵¹ elaborou uma teoria sobre este assunto e a examinaremos mais adiante.

Hoje retomaremos a questão das pedras, das energias e dos sais.

Na natureza, todos os processos são semelhantes e a energia primária, a energia Mezla da Qabala, sempre desce seguindo o mesmo caminho, ou seja: chumbo — estanho — ferro — ouro — cobre — mercúrio — prata — antimônio.

O chumbo recebe a energia indiferenciada de Mezla; portanto, a energia alquímica do chumbo é chamada de **CRUD** pelos Antigos, mas pode ser direcionada a pedido do operador.

O estanho recebe a energia que atravessou o Abismo. Esta energia tem uma característica mais material resultante da dualidade. Assim, o Mercúrio do estanho é um solvente universal (ver Espagíria — Lição nº 41).

O ferro recebe a energia de Chesed. Neste estágio, adquire a força que o torna a semente do ouro. O Mercúrio do ferro é dissolvido pelo antimônio em régulo de Marte e este último se torna adequado para a via seca, pois possui a semente do ouro preparada por Marte.

O Sol recebe a semente do ouro de Geburah, amadurece-a e multiplica-a.

O cobre recebe de Tiphereth a semente que não foi absorvida pelo Sol. Então, ele é enriquecido com uma semente muito madura e abundante. A preparação do vinagre radical pela decomposição do acetato de cobre torna este vinagre um portador da semente madura do ouro que será utilizada na via úmida. A energia se solidifica ainda mais.

O mercúrio ou azougue recebe a energia de Netzach e a prepara para ser a semente da prata (a pedra branca).

¹⁵¹ **Carl W. Stahl** foi um dos poucos autores que desenvolveram uma teoria astrológica aplicada à alquimia prática, especialmente no contexto das **extrações espagíricas**. Stahl correlacionava **condições astrais específicas** — como aspectos planetários e posições zodiacais — com os momentos ideais para realizar operações alquímicas, como destilações e calcinações. Sua abordagem, baseada na **astrologia sidereal**, buscava alinhar os ritmos celestes com os processos laboratoriais, propondo que a eficácia das extrações dependia da harmonia entre o macrocosmo astral e o microcosmo vegetal ou mineral.

A Lua recebe a semente da prata de Hod, amadurece-a e multiplica-a.

A Terra recebe de Yesod a semente que não foi utilizada; ela a amadurece no antimônio.

O chumbo contém a energia indiferenciada e o crud, como acabamos de mencionar.

O antimônio contém a semente dos sete planetas; ela é madura e fixa (ver Basílio Valentim sobre os sete raios do antimônio).

O azougue desempenha em relação à prata o mesmo papel que o ferro em relação ao ouro.

O antimônio desempenha em relação à prata o mesmo papel que o cobre em relação ao ouro.

Durante sua evolução, o homem ascende uma sefirá de cada vez até o ponto focal de sua consciência. A sefirá que ele alcança é aquela que será sua morada entre duas encarnações. Acreditamos que ninguém pode fazer uma pedra se o planeta da pedra corresponder a uma sefirá um grau acima daquela que é sua morada.

A **Pedra de Fogo** de Basílio Valentim é um princípio acessível a todos, ao contrário da **Pedra Branca** feita a partir do antimônio. De qualquer forma, todos os seres que estão no caminho evolutivo alcançam automaticamente Yesod, a sefirá lunar. Se você conseguir fazer esta pedra e sua medicina, automaticamente ascende para Hod e Netzach. Nesse ponto, a Pedra Vermelha se torna acessível.

Entretanto, acreditamos que o caminho através do chumbo é acessível apenas àqueles que chegaram a Geburah ou Chesed. Esta afirmação foi confirmada por várias experiências, que também revelaram que a separação dos três princípios do chumbo só pode ser realizada se o alquimista estiver sozinho em seu laboratório. Por outro lado, a mesma operação pode ser feita em público com o antimônio.

Isso indica claramente que, para os primeiros experimentos com antimônio, é melhor limitar-se ao estágio branco. Pois, neste caso, apenas a semente da prata é necessária e pode ser encontrada no antimônio. Assim, o vinagre radical, portador da semente do ouro, já não é necessário e o acetato pode ser produzido usando um ácido pirolenhoso destilado 2 ou 3 vezes.

Suplemento à Pedra Vegetal

Notamos em um workshop que os alunos da classe metálica não compreenderam o objetivo e o uso da **Pedra Vegetal**.

A Pedra Vegetal, colocada na maceração de uma planta feita com água, separa os três princípios e dá um elixir que leva as qualidades da planta ao máximo. Para

obter, por um método clássico, o equivalente deste elixir oleoso, seriam necessárias pelo menos 30 a 40 circulações.

A Pedra Vegetal extrai o elixir indiferentemente de todas as plantas, independentemente de qual planta foi feita.

A Pedra Vegetal decompõe os óleos vegetais comerciais e extrai suas partes filosóficas.

A Pedra Vegetal líquida decompõe minerais que estão nos limites do reino vegetal: coral, pérolas...

A **Pedra Vegetal sólida** é muito importante para os 7 elixires planetários.

A **Pedra Vegetal líquida** é muito importante para a espagíria e experimentação.

Notas sobre os processos para a confecção da Pedra Vegetal:

- Extrair a tintura
- Calcinar os sais sem lixiviar
- Circular a tintura sobre o sal em banho-maria com uma esfera equipada com válvula de retenção e condensador, por cerca de 10 horas
- Filtrar em filtro sem cinzas¹⁵²
- Calciná-lo junto com o conteúdo
- Recomeçar, começando a partir da etapa C.

São necessárias de 20 a 30 circulações.

Pedra de Fogo (antimônio)

a)

¹⁵² **Filtro sem cinzas** é um papel de filtro de alta pureza, geralmente feito de celulose altamente purificada, sem aditivos orgânicos ou inorgânicos. É amplamente utilizado em análise química quantitativa, em procedimentos que exigem precisão extrema e **não deixa resíduos minerais ou orgânicos** após a calcinação. Isso permite que o material filtrado seja posteriormente calcinado sem interferência de contaminantes do próprio papel.

- Imbibicionar o sal com o óleo vermelho — 8 dias no incubador a 42°C.
- Continuar as imbibições até que o óleo seja recusado; cerca de 6 semanas.
- Colocar tudo no Ovo Filosófico (espessura do vidro de 4 a 5 mm).
- Imbibicionar com o Mercúrio.
- Fechar o Ovo com o selo de Hermes.
- Colocar no incubador a 42°C:
 - se o produto ficar preto: esperar
 - se o produto ficar vermelho: abrir, adicionar mais mercúrio e fechar novamente com o selo de Hermes.

Atenção:

- Se houver pouco mercúrio, ocorre vitrificação vermelha e tudo se perde
- Se houver mercúrio em excesso, há risco de explosão e tudo se perde.

O ciclo da Pedra de Fogo é de cerca de 9 meses a 42–44°C. Durante o enchimento do Ovo, evite contaminações bacterianas ou por enxofres vegetais. Nenhum odor nem perfumes vegetais no laboratório durante esta operação.

Volatilização dos sais:

A operação é descrita da seguinte forma no **Trípode de Vitriol**:

- a) Dissolver sal comum em água
- b) Filtrar, evaporar e repetir, mas **não filtrar** após a 3ª ou 4ª vez.

O autor anuncia uma modificação dramática do sal. Tal como está descrito, a experiência deveria falhar, pois seu verdadeiro objetivo é carregar o sal com o Espírito Astral; caso contrário, as propriedades do sal não podem ser modificadas.

O sal é o Ímã dos antigos, o aço: o Espírito Astral. Portanto, para uma operação bem-sucedida, deve-se realizá-la com água da chuva colhida em boas condições. Somente essa água contém o Espírito e, a cada dissolução, o sal absorve o Espírito da Água.

Outro método, muito mais simples, consiste em capturar diretamente o Espírito Astral com o sal. O sal mais adequado para este experimento é o **carbonato de potássio (o tártaro calcinado dos Antigos)**. Secá-lo a vácuo e colocá-lo em um

ambiente ventilado até começar a putrefação. Secá-lo novamente e assim por diante. Quando o sal estiver suficientemente carregado com o Espírito, torna-se pastoso. Então, pode ser destilado. Este sal é uma matriz excelente para a Pedra Vegetal ou, possivelmente, para a **Pedra de Vinho**.

Nota:

- O tártaro calcinado (carbonato de potássio) putrefaz rapidamente.
 - O **sal do orvalho (nitrato de amônio)** putrefaz menos rapidamente. Atenção, este sal é instável, secá-lo com muito cuidado, em pequenas quantidades por vez.
 - Nitro ou **salitre (nitrato de potássio)** tem uma deliquescência muito fraca. É mais uma imbibição pela umidade do ar.
-

ORA ET LABORA!

Lição 34: Sobre o Acetato de Saturno

Caro Amigo,

Em uma lição anterior, ao mencionarmos que um nível específico de sefirá era necessário para realizar com sucesso o trabalho de Saturno, foi de acordo com o adágio de Paracelso: "Você não pode transmutar nada a menos que você mesmo seja transmutado." Isso não significa que não devamos tentar o experimento ou, ao menos, nos preparar para ele. Se o experimento falhar, isso não prova nada sobre o nosso próprio nível sefirótico, considerando as inúmeras causas materiais que podem provocar uma falha. Por outro lado, se for bem-sucedido, então teremos consciência do caminho que percorremos.

Para realizar este experimento, retorne às instruções da Lição nº 31. Quando dominar a destilação seca e assim que o acetato filosófico estiver pronto — ou seja, um acetato originado de galena ou cerussita — proceda da seguinte forma:

— Na quinta ou sexta-feira, prepare apenas o material.

— No sábado pela manhã, poucos minutos após o amanhecer, coloque quantidade suficiente de acetato para preencher 1/3 do balão de destilação.

Se você pratica Qabala, invoque Kether e depois Chockmah, ambos em seus quatro nomes, antes do nascer do sol. No momento em que o sol nascer, inicie a destilação. Em seguida, invoque Binah-Saturno em seus quatro nomes. Note que, a partir do momento da invocação de Kether, e durante todo o restante do experimento, o alquimista deve estar sozinho em seu laboratório. Neste experimento, oratório e laboratório são um só. Para observar a destilação, posicione a cadeira de modo que seu olhar fique voltado para o leste.

Se você não pratica Qabala, não realize nenhuma das invocações. Inicie a destilação imediatamente após o nascer do sol. Se você não pratica Qabala, em nenhuma circunstância deve invocar Binah-Saturno por conta própria.

O acetato primeiro liquefaz, depois solidifica: deve liquefazer-se e solidificar-se mais uma vez, então seu volume aumentará. Neste momento, a destilação começa. Você verá o fleuma, resultado da liberação da água de cristalização do acetato. Se a lixiviação com álcool não foi suficiente, ainda poderá haver ácido acético residual. Separe o fleuma. Após isso, surgirão os óleos vermelhos e então o Mercúrio, ou como os Antigos dizem, os Espíritos. Se o experimento for filosófico, a cor dos vapores brancos será muito densa e o tubo de 8 mm ficará tão opaco quanto uma haste de porcelana.

— O fleuma de um corpo fornece o melhor líquido extrativo para obter o Sal desse corpo.

Assim, o fleuma obtido neste experimento será usado na circulação do Leão Negro calcinado do chumbo, para extrair dele o Sal que está presente nesse metal em quantidade muito pequena.

Se o fleuma contiver ácido acético, haverá novamente a formação do acetato de Saturno e ele não poderá ser separado do Sal.

Após extrair o Sal com o fleuma, circule o restante com vinagre destilado. Obterá novos acetatos, que serão novamente destilados. Este ciclo é repetido várias vezes, a fim de acumular uma boa quantidade de Sal, que só pode ser obtido em pequenas quantidades por vez.

O Mercúrio deve ser destilado várias vezes, caso tenha sido coletado em estado líquido. Se tudo correr bem, ao final da operação você deverá ter coletado o óleo vermelho (o Enxofre), o líquido branco e transparente (Mercúrio) e o Sal do metal. Então, pode proceder com a cohobação.

Atenção: Insistimos no fato de que os vapores do ácido acético são altamente tóxicos quando carregados com chumbo. Você deve planejar instalar, nos seus sistemas de extração Soxhlet, lixiviação Soxhlet e no seu arranjo para coagulação, um sistema hermético com um tubo de saída para evitar sobrepressões (ou subpressões que podem colar o Soxhlet); estenda esse tubo com um tubo plástico que conduza para fora do ambiente.

O problema dos acetatos é essencial no trabalho mineral e metálico, e as próximas lições apresentarão citações e capítulos importantes de vários alquimistas renomados.

ORA ET LABORA!

Se o seu sistema de condensação não for suficiente, deixe o gás borbulhar no vinagre radical (em um bom laboratório alquímico, sempre deve haver vinagre radical disponível). O vinagre deve se tornar capaz de dissolver o ouro. A dissolução pode ocorrer dentro de um dia a um mês, dependendo da quantidade de gás fixado pelo vinagre. Se for esse o caso, comece a se preparar para o trabalho com o chumbo, conforme o método de Cockren, Becker, La Violette, etc.

Por razões práticas e materiais, devemos considerar preparar o chumbo de ambas as maneiras: uma que produza um acetato comum e outra um acetato filosófico.

Em princípio, o acetato comum não é necessário; na prática, ele simplifica muito o trabalho. Geralmente, não produzirá nenhum Mercúrio, ou muito pouco. Seu papel é essencialmente fornecer o fleuma. Lave cuidadosamente este acetato com álcool absoluto previamente, para que fique completamente livre de ácido acético. Para garantir, destile novamente o fleuma e controle a temperatura para que qualquer substância que passe acima de 100°C seja eliminada. Isso é para garantir que o fleuma não contenha ácido.

Na alquimia, nunca perca de vista os dois princípios seguintes:

— O Sal de um corpo é o melhor elemento possível para fixar o Mercúrio desse mesmo corpo.

— O fleuma de um corpo fornece o melhor líquido extrativo para obter o Sal desse corpo.

Assim, o fleuma que obtivemos neste experimento é usado na circulação do Leão Negro calcinado do chumbo, para extrair dele o Sal, presente neste metal em quantidade muito pequena.

Se o fleuma contiver ácido acético, haverá novamente formação de acetato de Saturno, e ele não poderá ser separado do Sal.

Depois de extrair o Sal com o fleuma, circule o restante com vinagre destilado. Obterá novos acetatos, que você destilará novamente. Este ciclo é repetido várias vezes, para acumular uma boa quantidade de Sal.

Você deve destilar o Mercúrio várias vezes, caso o tenha coletado em estado líquido. Se tudo correr bem, ao final da operação você terá o óleo vermelho (o Enxofre), o líquido branco e transparente (Mercúrio) e o Sal do metal. Então, pode proceder com a cohobação.

Atenção: Reforçamos que os vapores de ácido acético são muito tóxicos quando carregados com chumbo. Planeje seu sistema de Soxhlet com vedação hermética e saída para o exterior.

O problema dos acetatos é essencial no trabalho mineral e metálico. As próximas lições apresentarão trechos importantes de diversos alquimistas conhecidos.

ORA ET LABORA!

Lição 35: Sobre a Acetona

Caro Amigo,

Esperamos que você já tenha conseguido reunir o material necessário para os experimentos com os acetatos. Em termos práticos, devemos lembrar-lhe de dois pontos importantes:

- a) Para começar a praticar, a litargíria ou a cerusa (chumbo branco) são uma solução rápida (o chumbo branco comercial pode ser usado).
- b) Acima de tudo, siga a advertência dada ao final da última lição, a fim de evitar ao máximo a inalação de vapores nocivos.

A partir desta lição, haverá uma seção traduzida do livro de **BECKER** sobre a **Acetona**. Esta tradução foi feita por um grupo de pesquisa a partir de uma versão em inglês. Nas próximas lições, comentaremos este texto.

Este texto está repleto de indicações interessantes, especialmente no que diz respeito ao **vinho de Lúlio**, que, de fato, é um produto da destilação seca de acetatos.

De acordo com o livro de **Monsieur de Respour**, *Curieuses expériences sur l'esprit minéral (Experiências Curiosas sobre o Espírito Mineral)*¹⁵³, o acetato de zinco mencionado no texto é, na verdade, o de antimônio.

ACETONA

*O Espírito Secreto do Vinho dos Adeptos
(Spiritus Vini Lulliani sive Philosophici)*

E SUA APLICAÇÃO MÉDICA PARA QUÍMICOS E MÉDICOS

Editado por **Dr. Christian August BECKER**

Físico aposentado especializado em circulação e Conselheiro do Sistema Sanitário Secreto. Também Cavaleiro da Ordem da Coroa, 2ª classe, detentor da Cruz de Ferro II e membro da Ordem Russa de São Jorge, 5ª classe.

Segunda edição com introdução adicional

Heinrichshofen'sche Buchhandlung – 1867 – H. Lichtenberg

¹⁵³ *Curieuses expériences sur l'esprit minéral*, publicado em 1777 por **P. M. de Respour**, é um tratado alquímico raro que explora a **preparação e transmutação de corpos metálicos** por meio do chamado *espírito mineral*. A obra ensina a fabricação de agentes secretos e descreve o movimento dos elementos, a geração das pedras e os processos de extração do espírito mineral — considerado essencial para a obtenção da Pedra Filosofal. Respour, identificado como alquimista flamengo, teria sido o primeiro a extrair **zinco metálico do óxido de zinco** em 1668.

PREFÁCIO

Os tempos mais recentes, que provocaram uma curiosidade nas Ciências Históricas ao assimilarem o passado com o presente, também suavizaram, até certo ponto, as críticas em relação a **Paracelso**, mas houve repetidas tentativas de obter reconhecimento por sua obra. Contudo, esses trabalhos se concentraram mais em seu sistema do que em suas meditações, pois o sistema, enquanto abstração da razão, pode ser analisado e criticado pelos pensamentos de qualquer período histórico, enquanto o conhecimento das medicações, oculto por trás do véu da linguagem alquímica, impõe enormes dificuldades à ciência e à pesquisa. **Van Helmont**¹⁵⁴ já havia provado o erro do sistema paracelsista, mas manteve as medicações nele contidas em alta consideração.

Meus estudos sobre magnetismo, em 1877, levaram-me a Paracelso, cuja profunda compreensão médica sobre o tema me encheu de admiração. Isso me motivou a me familiarizar ainda mais com sua obra. A obscuridade de sua linguagem tornou necessário buscar esclarecimento através da comparação de tratados alquímicos.

Percebi, então, que o virtualmente intocado "**Campo dos Arcanos**" (**Feld der Arkane**)¹⁵⁵ deveria ser o objetivo principal da cultura, e as curas brilhantes de **Poterius**¹⁵⁶ aumentaram ainda mais meu interesse. A atração pelo mistério foi um fator considerável nas minhas investigações. Teste após teste foi realizado e fui imensamente apoiado por dois farmacêuticos de mentalidade científica, os **Drs. Grager e Klauer**. Meu principal foco era a descoberta dos **sulfuros analgésicos do**

¹⁵⁴ **Jan Baptista Van Helmont** (1579–1644), médico e alquimista belga, foi um crítico do sistema paracelsista, embora tenha se inspirado em alguns de seus conceitos. Ao contrário de Paracelso, que defendia os três princípios fundamentais da matéria — enxofre, mercúrio e sal — Van Helmont rejeitou essa tríade como explicação universal. Em seu lugar, propôs o conceito de **Archeus**, uma força vital interna que governaria os processos fisiológicos e patológicos do corpo humano. Para Van Helmont, cada doença teria uma origem específica e não derivaria de desequilíbrios entre princípios universais, como sustentava Paracelso.

¹⁵⁵ **Campo dos Arcanos** (*Feld der Arkane*, em alemão) não possui uma definição técnica consolidada nas ciências naturais, mas é frequentemente utilizado em contextos esotéricos, alquímicos ou filosóficos para designar um espaço simbólico onde atuam forças ocultas, princípios fundamentais ou entidades arquetípicas. Em tradições herméticas, esse "campo" representa o domínio dos mistérios — os *arcanum* — que regem tanto a matéria quanto o espírito, sendo acessível apenas por meio de iniciação ou revelação. A expressão sugere uma dimensão intermediária entre o mundo físico e o metafísico, onde operam os agentes da transformação interior e da sabedoria oculta.

¹⁵⁶ **Poterius**, também conhecido como Petrus Poterius, foi um médico e alquimista do século XVII, associado à tradição espagírica e à escola paracelsista. Em suas obras, como o *Medicina Spagyrica Tripartita*, Poterius descreve diversas "curas brilhantes" baseadas na separação e recombinação dos princípios ativos das substâncias naturais — sal, enxofre e mercúrio — conforme os ensinamentos de Paracelso. Ele atribuía à alquimia não apenas o poder de transmutar metais, mas também de purificar o corpo humano, defendendo que os remédios deveriam ser preparados por meio de processos alquímicos para alcançar sua máxima eficácia terapêutica.

vitriolo (*Sulphur... Vitrioli Narcoticum Paracelsi*), quando, em 1835, cheguei à descoberta do **Ferrum carbonicum sacharatum**.

Também descobri o **Aurum diaphoreticum Poterii**, que, por sublimação do amálgama de ouro, surgiu como um ouro metálico finamente separado, que, entretanto, pode ser ainda mais subdividido, como se pode observar ao microscópio, por uma simples precipitação da solução de ouro com **Eisenvitriol** ou **Vitriol de Ferro**.

Ao contrário da opinião popular, é muito eficaz, mesmo em pequenas doses, e demonstrou ser especialmente efetivo contra o reumatismo, em particular.

Continuei esta linha de pesquisa e descobri inúmeros medicamentos que não estão listados na **Farmacopeia**, mas que, ainda assim, são eficazes na prática.

Eu esperava obter mais informações nos escritos de **Weidenfeld**, *De Secretis Adeptorum*¹⁵⁷, mas o tema central, o **Spiritus Vini Lullianus**, permaneceu um mistério, exceto por alguns vislumbres ilusórios, e apenas agora, após mais de vinte anos de novos estudos, reconheci a ideia da **Acetona** no texto. Isso lança nova luz sobre os medicamentos dos Adeptos e ilumina muitos de seus escritos.

Devido ao preconceito das autoridades contra a alquimia, provavelmente não posso contar com grande participação em minha causa, mas, de tempos em tempos, pode haver um colega que secretamente se interesse por essa linha de pesquisa. Por esta razão, e também porque desejo oferecer uma liberação dos obstáculos neste domínio, além de querer deixar os **70 anos de minha pesquisa** como um legado, torno este pequeno escrito público.

Mulhausen, 30 de junho de 1862

Dr. A. Becker

INTRODUÇÃO

Nos antigos escritos de química, nas páginas 10 a 14, são dadas todas as características do *Spiritus Vini Philosophici*, sendo apenas mantida em um obscuro mistério a substância a partir da qual ele é feito, através de referências ao vinho tinto ou branco. Para uma revelação completa, recorreremos, portanto, àquela parte

¹⁵⁷ **Weidenfeld, Johann Seger von**. *De Secretis Adeptorum, sive De usu Spiritus Vini Lulliani*, Hamburg: Apud Gothofredum Schultzen, Typis Nicolai Spieringii, 1685. Nesta obra em quatro livros, Weidenfeld apresenta um tratado prático de alquimia, conciliando ensinamentos de filósofos antigos e modernos sobre o uso do “espírito de vinho de Lúlio” — uma forma altamente purificada de álcool — na preparação de remédios e substâncias metálicas. O autor busca distinguir processos alquímicos verdadeiros dos enganosos, oferecendo instruções acessíveis até mesmo aos iniciantes, e advertindo contra charlatões e práticas ilusórias.

onde Weidenfeld, sob o título *Menstruum Sericonis Riplei* (na página 329), diz o seguinte:

Sericon ou Antimônio — ambos são nomes fictícios, segundo Dean, o minium (óxido vermelho de chumbo) é dissolvido em vinagre destilado e evaporado em banho-maria até atingir uma consistência de gomas verdes. Este sal acetato é então destilado a partir de um balão de vidro pesado, passando uma água clara para o recipiente. Assim que aparece um vapor branco, conecta-se um grande recipiente e este é bem vedado. Em seguida, quando um vapor avermelhado começa a sair, aumenta-se o calor e, posteriormente, com um fogo mais forte, surgem gotas vermelhas. Neste ponto, o fogo é reduzido e, quando tudo esfria, o recipiente é retirado e rapidamente selado para evitar a perda das matérias voláteis destiladas. No pescoço do balão, pode-se encontrar um sublimado branco e duro.

O resíduo no fundo do balão é preto como fuligem. Esta fuligem será espalhada sobre uma placa de pedra, e na página 331, diz-se o seguinte:

NOTA: Neste ponto, no texto original em alemão, várias páginas estão faltando. Parece que há cerca de duas páginas ausentes. Pesquisas em várias bibliotecas indicam que essas páginas estão faltando em várias das cópias existentes de *DAS ACETON*. No entanto, considerou-se que isso não prejudica seriamente a continuidade do conteúdo textual, já que esta é apenas uma introdução.

No entanto, também parece faltar uma ou duas páginas do primeiro capítulo. Isso é determinado pelo fato de que o texto original em alemão começa o que aparenta ser o primeiro capítulo com uma parte de uma citação em latim. Como é impossível determinar o conteúdo dessas 3 a 4 páginas, não se pode avaliar o quão séria é essa perda. De qualquer forma, uma vez que, até onde se sabe, não existem outros tratados sobre Acetona, essas páginas devem ser bem-vindas aos pesquisadores e experimentadores alquímicos.

HAN

(*Das Aceton*) ÍNDICE

Capítulo – Página

I INTRODUÇÃO

A Tintura de Ouro – 2
Três Essenciais – 4
Aurum Potabile – 5
A cura da Podagra – 10
Acetonol – 12

II O ESPÍRITO DO VINHO DOS ADEPTOS

Helias Artista – 14

III A PREPARAÇÃO DOS ESPÍRITOS DE VINHO DOS ADEPTOS – 22

Cocium Vinosum Parisini – 24

Coelum Vinosum Lulli – 25

Sal Harmoniacum Vegetabile Parisini – 25

Sal Harmoniacum Vegetabile Lullii – 26

Sal Harmoniacum Lullii – 27

Coelum Vegetabile Circulatum Lulli – 27

Mercurius Vegetabilis Luli – 27

Aqua Vitae Rectificata Lulli – 28

Sal Tartari Volatile – 30

Sal Tartari Volatile Lullii – 31

IV EXPLICAÇÃO DO SEGREDO DO VINHO DOS ADEPTOS – 32

As Acetonas – 34

V A ACETONA – 39

(1) Acetona a partir de Zinco – 39

(2) Acetona a partir de Acetato de Chumbo – 40

Oleum Saturnii Lulli – 41

Aqua Paradisi Johannis Hollandi – 42

Spiritus Ardens Saturni – 42

Spiritus Saturni – 42

Quinta Essentia Saturni – 43

Óleo vermelho de Chumbo – 44

Spiritus Aceti Ardens – 44

(3) Acetona a partir de Cobre – 45

Spiritus Aeruginis – 45

(4) Acetona a partir de Ferro – 46

(5) Acetona a partir de Estibina – 47

Quinta Essentia Oleum Antimonii B. Valentine – 48

(6) Acetona a partir de Potássio – 49

(7) Acetona a partir de Acetato de Sódio – 49

Capítulo – Página

(8) Acetona a partir de Acetato de Cálcio – 51

VI APLICAÇÃO MÉDICA DA ACETONA

Quinta Essentia Oleum Antimonii Basilii – 53

Acetona de Ferro – 53

Acetona de Chumbo – 54

Acetona de Acetato de Potássio – 55

Tinctura Antimonii Thedenii – 56

VII MINHAS PRÓPRIAS OBSERVAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA ACETONA – 59

Um Experimento com Acetona Pura – 65

Antipyreton Poterii – 68

Sudor Intermittens Quotidianus – 69

Zoster – 70

Febris Gastrica Nervosa – 71

Hiperidrose Suprimida dos Pés – 71

Reumatismo Agudo – 72

Isquias – 73

Reumatismo Dorsal – 74

Sedativo – 74

Exaestuatio Sanguinis – 74

DAS ACETON

Este é o único ponto em todo o livro onde o comportamento do resíduo é descrito com tanta clareza e, depois de anos perdido em palavras obscuras, de repente fui iluminado. A característica de queimar como isca tornou claro, sem sombra de dúvida, que o resíduo semelhante a carvão só poderia resultar da decomposição de um sal de acetato. Assim, o segredo do *Spiritus Vini Philosophici* foi descoberto e todos os produtos da destilação estavam corretos. Agora, a *Aqua ardens* com a quintessência tornou-se um simples fato químico, e a única coisa que restava de surpreendente era como os antigos químicos conseguiram trabalhar com isso por séculos sem que se tornasse conhecido. Naturalmente, todos lançaram uma maldição sobre quem revelasse o segredo, e essa maldição aparentemente representava um poder moralista, pois Weidenfeld, em um livro que deveria ser publicado mais tarde, indica esperança pela descoberta, mas o livro jamais foi publicado. E Pott, que tinha um conhecimento profundo e que não precisava temer a maldição, afirma que, seja por uma promessa ou por inveja: a preparação é fácil, mas é um segredo.

O resíduo amarelo, carbonizado como isca, é dissolvido com vinagre, evaporado até virar uma goma e destilado. O resíduo é novamente tratado com vinagre e também destilado. Os destilados são reunidos, combinados com os anteriores, deixados a digerir por 14 dias, e então destilados. Primeiro passa o *Spiritus ardens*, que é então retificado até ficar tão forte que um pano de linho embebido nele, ao ser incendiado, queimará. Durante essas retificações, um óleo branco aparece na superfície e também permanece um óleo amarelo, que é destilado com fogo mais forte.

O sublimado no pescoço do balão é pulverizado e colocado para fundir sobre uma placa de ferro em um local frio. O líquido é filtrado e acrescenta-se um pouco de *Aqua ardens*, com o que um óleo verde se separa e se acumula na superfície. Em seguida, destila-se. Primeiro surge água e depois um óleo espesso. A água é destilada em outro recipiente e evaporada em banho-maria até restar uma substância espessa e oleosa, semelhante a piche derretido, no fundo. Essa

substância líquida negra é posteriormente tratada com *Aqua ardens*, porém o processo não é mais detalhado aqui.

A TINTURA DE OURO

Assim como o ouro é considerado o mais nobre dos metais, os hermetistas também o consideravam a mais nobre das medicações, e foi assim que o *Aurum Potabile* foi colocado em um trono, no qual permaneceu por muitos séculos. Mas, por mais que o venerassem, sua dissolução secreta era igualmente, ou talvez ainda mais, reverenciada — e eles também o chamavam de ouro. Em sua velhice, Raimund, pela sua força, preparou o óleo bruto a partir do chumbo e disse que era mais delicioso do que o próprio ouro. Basilio Valentim, que descreveu a preparação do *Spiritus Vini Philosophici* sob o disfarce da destilação do vitríolo, chamou o óleo bruto de pesado como ouro, espesso como sangue, ardente e ígneo, o verdadeiro ouro líquido dos filósofos.

O ideal dos alquimistas e a obra-prima da arte era o *Lapis Philosophorum*, a pedra dos sábios. O ouro comum não era adequado para esse propósito, pois estava morto devido ao fechamento firme de suas partículas, e, por isso, precisava primeiro ser animado. Isso era alcançado pelo tratamento com o *Spiritus Vini Philosophici*, pelo qual a alma, as características, eram separadas do corpo impuro e dissolvidas. Isso então dava origem ao ouro filosófico, *Aurum nostrum*, a quintessência, a dissolução radical sem corrosão, que era obtida através do óleo bruto da Acetona, chamado *Acetone aerrimum e Dissaeveus Auri*.

Esse poder dissolvente é confirmado por um experimento relatado por Fuchs (*Geschichte des Zinks*¹⁵⁸, p. 200). Hellot¹⁵⁹ destilou zinco acético. Primeiro transformou-se um fleuma levemente acético; depois apareceram estrias e, em seguida, um sublimado em flores brancas e frágeis. Vapores brancos se elevaram, que se condensaram no topo do frasco formando um óleo amarelo-esbranquiçado, depois verde-escuro. O recipiente continha um líquido que se inflamava exatamente como o *Spiritus Vini*. Derramado sobre água, inicialmente flutuava na superfície, depois se misturava com a água, e apenas algumas gotas de um óleo avermelhado

¹⁵⁸ **Fuchs, Georg Friedrich Christian.** *Geschichte des Zinks in Absicht seines Verhaltens gegen andere Körper und seiner Anwendung auf Arzneiwissenschaft und Künste*. Erfurt: Georg Adam Keyser, 1788. Nesta obra, Fuchs apresenta um estudo abrangente sobre o zinco, abordando suas propriedades químicas, reações com outros corpos, e aplicações terapêuticas e técnicas. O livro é considerado uma das primeiras monografias dedicadas exclusivamente ao zinco, combinando observações experimentais com reflexões médicas e químicas.

¹⁵⁹ **Hellot, Jean.** *L'Art de la Teinture des Laines et des Étoffes de Laine*, Paris: Imprimerie Royale, 1750. Jean Hellot (1685–1766), químico francês e membro da Académie des Sciences, foi um dos primeiros a aplicar sistematicamente princípios químicos à tinturaria e à metalurgia. Em suas obras, Hellot descreve o uso de sais metálicos — incluindo acetatos — na fixação de corantes e na preparação de ligas, contribuindo para a transição da alquimia prática para a química industrial. Sua abordagem experimental influenciou gerações de químicos e artesãos.

e picante permaneciam na parte superior. O resíduo da destilação era da cor de cinzas. Sobre ele, derramava-se novamente o fleuma acético, deixava-se digerir por 8 a 10 dias, depois era drenado e destilado, restando uma substância resinosa no fundo. O processo era repetido até que se obtivesse resina suficiente. Esta, por sua vez, era então destilada em um pequeno balão e aquecida até o ponto de incandescência, quando um líquido amarelo se transformava, seguido por vapores brancos e espessos. Quando o destilado era derramado sobre o sublimado branco no pescoço do balão, dissolvia-o imediatamente, e algumas gotas de óleo avermelhado se separavam na superfície. O óleo então era esfregado sobre bandejas de ouro e prata, que em 4 horas dissolviam-se nas áreas cobertas.

A alquimia, através de ajudantes de laboratório obscuros, trapaceiros e sonhadores, ganhou ao longo dos anos uma reputação tão ruim que, em geral, passou a ser considerada superstição, engano ou fraude. Apenas em tempos mais recentes vozes individuais do mundo instruído voltaram-se à expressão de Marcillus Ficinus¹⁶⁰, dizendo que os antigos e novos filósofos, como os cientistas naturais se chamavam então, dedicaram muito esforço e trabalho para explorar a natureza, e, posteriormente, reconheceram o esforço honroso dos antigos químicos. Era a ciência natural em sua forma antiga. Como regra básica, estabeleceu-se que todos os corpos eram compostos dos 3 elementos químicos: sal, enxofre e mercúrio. Os nomes, que serviam apenas como símbolos e que significavam algo bem diferente, corresponderiam ao seguinte em terminologia atual:

mercúrio = hidrogênio

enxofre = carbono

sal = oxigênio

Faltando o nitrogênio, cuja existência como elemento simples, no entanto, ainda é duvidosa.[aka **1867**]

A teoria dizia que as diferenças entre os metais se baseavam nas proporções qualitativas desses 3 elementos, e que, por meio de alterações nessas proporções, seria possível transformar os metais até alcançar a perfeição do ouro e da prata. Como as proporções da mistura eram determinadas apenas hipoteticamente, o experimento era apenas técnico e empírico; mas, como todos os metais e muitos minerais foram usados nas experiências, isso proporcionou uma oportunidade para muitas descobertas químicas que serviram à ciência em geral. Os antigos

¹⁶⁰ **Marsilio Ficino** (1433–1499), filósofo, médico e sacerdote florentino, foi o principal articulador do neoplatonismo renascentista e fundador da Academia Platônica de Florença sob o patrocínio dos Médici. Tradutor de Platão, Plotino e do *Corpus Hermeticum*, Ficino buscou reconciliar a filosofia clássica com o cristianismo, propondo uma visão espiritualizada do cosmos e do ser humano como microcosmo. Em obras como *Theologia Platonica* e *De triplici vita*, defendeu que a alma humana participa do *spiritus mundi* e pode elevar-se ao divino por meio da razão, da contemplação e da harmonia interior.

especialistas e pessoas altamente respeitadas como Albertus Magnus¹⁶¹ e Roger Bacon¹⁶², analogamente aos esforços da ciência atual, tendiam a desmontar os corpos e criar novas combinações. A antiga química, usando a transmutação dos metais, não chegou a resultados positivos comprovados, enquanto a química moderna não só calculou os átomos, mas também suas aberrações.

A química, que era ensinada livremente nas ciências árabes e protegida pelos califas, encontrou desconfiança e suspeita ao ser transferida para o mundo cristão. Era derivada dos não-crentes, cujas ações eram associadas ao mundo da magia e do demônio; foi perseguida pela Igreja. Trabalhar com ela, portanto, era socialmente perigoso e fisicamente os vapores dos minerais e o enorme esforço não eram benéficos para a saúde. Grandes incentivos eram necessários para encontrar seguidores e discípulos, mas eles não eram escassos. Assim como a Igreja prometia aos seus fiéis a felicidade eterna, a alquimia prometia a manutenção da saúde por meio da pedra filosofal (*lapis*) e, com isso, uma vida mais longa e grandes riquezas, ou o paraíso na Terra; além disso, havia o segredo com seu apelo misterioso. Permeados pela grandiosidade de seu ideal, os alquimistas mergulhavam-se em um misticismo religioso; tudo começava com Deus e tudo era feito sob sua proteção, e apenas pela graça e iluminação divina a pedra da sabedoria poderia ser obtida.

ORA ET LABORA!

¹⁶¹ **Albertus Magnus** (c. 1193–1280), também conhecido como Alberto, o Grande, foi um frade dominicano, filósofo, teólogo e cientista alemão, reconhecido como *Doctor Universalis* pela amplitude de seu saber. Em obras como *De Mineralibus* e *De Animalibus*, combinou observação empírica com especulação filosófica, abordando temas que iam da alquimia à botânica, da metafísica à teologia. Foi o primeiro a comentar sistematicamente todas as obras de Aristóteles no Ocidente, integrando-as ao pensamento cristão e influenciando profundamente seu discípulo Tomás de Aquino. Canonizado em 1931, é considerado padroeiro dos cientistas e das ciências naturais.

¹⁶² **Roger Bacon** (c. 1214–1294), conhecido como *Doctor Mirabilis*, foi um frade franciscano, filósofo e cientista inglês que se destacou por sua defesa do empirismo e da experimentação como fundamentos do conhecimento natural. Em obras como *Opus Majus*, *Opus Minus* e *Opus Tertium*, Bacon propôs uma abordagem sistemática da ciência baseada na observação, na matemática e na verificação independente, antecipando elementos do método científico moderno. No campo da alquimia, Bacon dividia a prática em aspectos especulativos e operativos, buscando integrar o conhecimento natural à teologia e à moral cristã como parte de uma *scientia integralis*, ou ciência universal.

Lição 36: Fontes, Preparações e Controvérsias Alquímicas

Caro Amigo,

Apenas pouquíssimos livros existem que permitem efetivamente trilhar o caminho que leva ao limiar do Templo alquímico.

No que diz respeito aos livros teóricos, apresentamos um resumo da *Corrente Dourada de Homero* ou *A Natureza Desvelada*, que é uma exposição teórica da dinâmica da natureza. Também disponibilizamos *As Chaves da Filosofia Espagírica*, de Le Breton¹⁶³: um texto teórico sobre operações alquímicas. Nas próximas lições, apresentaremos *A Mão do Filósofo*, de Isaac Hollandus, bem como seus trabalhos com plantas e metais.

Os quatro Livros Secretos de Weidenfeld confirmam o interesse pela obra de Becker. Quando este livro surgiu, as lojas Rosacruz da época rapidamente fizeram desaparecer os exemplares; por isso, hoje, apenas alguns originais restam. Nestes livros, tudo é revelado, mas ainda falta uma chave. Tudo gira em torno da questão da identidade do famoso vinho tinto e branco de Raimundo Lúlio, ou seja, o Espírito de Vinho dos Adeptos. Weidenfeld havia prometido nos dar a resposta a essa questão em um quinto livro que nunca veio à luz. Na obra de Becker, porém (é essa obra que estamos apresentando no momento), encontram-se algumas das importantes receitas de Weidenfeld, mas também e sobretudo, a verdadeira natureza e origem deste vinho filosófico.

O texto abaixo diz respeito à preparação do ouro potável, um tema ao qual voltaremos, uma vez que existem na verdade dez qualidades de ouro potável, uma para cada sephirá.

Das Aceton (Parte II)

A dissolução radical do ouro, que foi realizada sem corrosivos e da qual o metal não pôde ser reduzido, era o verdadeiro *Aurum Potabile*, a quintessência. Rupescissa diz que a quintessência do ouro é o *Aurum Dei* e parte do *lapis*, e que é totalmente transformada em nutriente. O ouro genuíno não é transformado em nutriente, mas é

¹⁶³ **Le Breton, M.** *As Chaves da Filosofia Espagírica*. Embora não amplamente indexado em bibliotecas acadêmicas, Le Breton é citado em círculos alquímicos contemporâneos como autor de uma obra dedicada à prática espagírica — ramo da alquimia que trata da preparação de remédios por meio da separação e recombinação dos princípios naturais: sal, enxofre e mercúrio. Com estilo simbólico e operativo, Le Breton enfatiza a “tintura física” como expressão da Fênix alquímica, renascida das cinzas pela ação do Sol e da Lua, e propõe uma leitura espiritualizada dos processos laboratoriais.

excretado na forma em que foi ingerido. O *Aurum alchymicum*, que é composto de corrosivos, destrói a natureza; por isso, o *Aurum Lapidis* é chamado de *Aurum Dei*.

Paracelso explica que a quintessência no ouro é muito pequena, mas que ela tem poder na cor, e que, quando extraída, o metal restante perde sua força. Distingue-se do *Aurum Potabile* na medida em que este último pode ser novamente transformado em corpo metálico, enquanto que o primeiro não pode ser reduzido a ouro metálico pela segunda vez; por isso sua quintessência é mais refinada.

Raimundo Lúlio¹⁶⁴ faz a seguinte afirmação eloquente, mas complicada:

1. O *Spiritus Vini Philosophici* é destilado três vezes sobre *Sal ariari*, e esta destilação é mantida em digestão por 50 dias, ao final dos quais um resíduo amarelo aparece no fundo.
2. O ouro e a prata são agora calcinados separadamente, ou seja, amalgamados e o mercúrio é evaporado.
3. Sobre cada um dos metais calcinados restantes, separadamente, verte-se uma quantidade de três dedos de largura do espírito forte nº 1, e então mantém-se primeiro em banho-maria e depois em banho de cinzas a temperaturas de ebulição. A dissolução do ouro é amarela e deve ser cuidadosamente decantada; a dissolução da prata é verde ou azul e também é cuidadosamente decantada.
4. O resíduo dos metais é repetidamente tratado da mesma maneira até que tudo esteja dissolvido.
5. Essas soluções são mantidas em digestão por 40 dias; depois, o solvente é destilado em banho-maria, deixando os metais para trás, como óleos. O destilado é vertido novamente sobre o óleo, deixado em digestão em banho-maria por 24 horas e então destilado.
6. O destilado é primeiramente suavemente destilado em banho de areia, passando primeiro a água, depois, a temperaturas mais altas, o espírito, e, a temperaturas ainda maiores, uma parte do óleo se transforma.

¹⁶⁴ O *Liber de Quinta Essentia*, atribuído a Raimundo Lúlio (Ramon Llull), é uma obra central do corpus alquímico pseudo-llulliano. Embora muitos estudiosos considerem que o texto não foi escrito diretamente por Lúlio, ele exerceu grande influência na tradição alquímica europeia, especialmente por sua abordagem da **quinta essência** — uma substância pura e incorruptível extraída do vinho, associada à longevidade e à transmutação.

7. A água que passou primeiro no banho-maria é adicionada ao destilado, digerida, destilada no banho de areia, e esse processo é repetido tantas vezes quanto necessário até que todo o ouro e prata tenham sido transferidos.
8. As soluções são retificadas no banho de areia 7 vezes.
9. Agora, ambas são misturadas e circuladas por 60 dias.

Com isso, o grande solvente está preparado, que dissolve todos os metais radicalmente.

Agora, outro ouro, que foi amalgamado e calcinado através da evaporação do mercúrio, é digerido com o solvente nº 1 e, após sua destilação, é submerso por *Menstruum Majus* para dissolver o ouro. Quando isso estiver feito, drena-se. Sobre o resíduo, verte-se um novo *Menstruum Majus* para uma dissolução completa, que é então combinada com a anterior. A solução tem a cor de um rubi ou carbúnculo mais belo. Ela é circulada por 20 dias em banho-maria e 20 dias em banho de cinzas. Então você encontrará o ouro transformado no fundo em uma bela resina, e a água sobreposta pode ser cuidadosamente drenada. A resina é solúvel em qualquer líquido. Este é o verdadeiro *Aurum Potabile*.

O procedimento é descrito de forma tão clara que, com exceção do agente solvente secreto, é totalmente compreensível. Notável é que não apenas o ouro, mas também a prata são necessários.

O procedimento de Rupescissa¹⁶⁵ é mais simples. O amálgama de ouro é finamente atomizado pela evaporação do mercúrio e, depois de adicionar o *Acetum Philosophorum*, é colocado ao sol. Isso provoca a formação de uma película oleosa na superfície, que é retirada à medida que se forma e colocada em um vidro com água. A água é evaporada e permanece a quintessência do ouro, que contém a mais alta doçura.

¹⁶⁵ **Johannes de Rupescissa** (c. 1310–c. 1366), também conhecido como Jean de Roquetaillade, foi um frade franciscano e alquimista francês cuja obra teve profundo impacto na tradição alquímica europeia. Em seu tratado *Liber de consideratione quintae essentiae*, escrito por volta de 1351, Rupescissa descreve um procedimento detalhado para a extração da **quinta essência** — uma forma purificada de álcool destilado a partir do vinho, considerada uma substância incorruptível e terapêutica. Seu método, baseado em múltiplas destilações e filtrações, visava obter um remédio universal capaz de prolongar a vida e curar doenças, antecipando práticas da química médica.

Um caso semelhante seria a *Essentia Dulcis* do orfanato de Halle. Segundo o relato do Dr. Richter¹⁶⁶, seu inventor, o elemento essencial é um ouro vermelho sutil, que se dissolve rápida e completamente, sem resíduo ou turbidez, no espírito de vinho. Quando o álcool (espírito) é retirado, permanece um pó escuro, que pode facilmente ser transformado em um pó vermelho-púrpura claro, frágil e doce: há uma leve perda de peso durante esse processo, porque o mais sutil, mesmo a baixas temperaturas, sobe na forma de vapor, que, ao ser captado, condensa-se em gotas vermelhas.

O modo de preparar o ouro é muito diferente do método usual, e mesmo que minerais inofensivos sejam necessários para a preparação, todos os aditivos estranhos são tão bem separados que todas as amostras podem provar que nenhum corrosivo está contido nelas.

Meia onça (14,175 gramas) da essência comum custa 2 Táleres¹⁶⁷.

Meia onça da essência concentrada custa 8 Táleres, já que esta contém quatro vezes mais ouro. A substância era considerada cara demais e dizia-se que a parte de ouro dificilmente correspondia a 1/8 do preço. O ouro é, no entanto, o de menos, mas as demais despesas e os esforços para a preparação, que mantêm várias pessoas ocupadas ano após ano, são tais que o preço, em comparação com o de outros medicamentos, deveria ser ainda mais elevado.

Nos registros de Crell de 1747, o médico do orfanato, Dr. Richter, neto do inventor, afirma que o processo seria revelado com o tempo. Não encontrei notícias a esse respeito e uma explicação é aguardada de Halle.

Essas informações são muito escassas e, por isso, um relato mais eloquente de Wollner¹⁶⁸ (*Di inan i i j icam. iii Essentia dulcis appellato. Lugduni Batavorum 1706, 4.p.22*) deve ser mencionado. Segundo ele, ela é preparada a partir do ouro mais puro, tão refinado que até o *Spiritus Vini Rectificatissimus* mais simples dissolverá uma grande quantidade dele e então se tornará vermelho-rubi. As características atribuídas pelos químicos ao *Aurum Potabile* radicalmente dissolvido também são

¹⁶⁶ A **Essentia Dulcis** foi uma famosa tintura medicinal desenvolvida no início do século XVIII no *Orfanato de Halle*, na Alemanha, sob a direção do médico e teólogo **Dr. Christian Friedrich Richter** (1676–1711). Produzida a partir de ouro e cânfora em solução alcoólica, essa preparação alquímica era considerada uma espécie de “aspirina” da época, amplamente utilizada para tratar dores, inflamações, distúrbios nervosos e até epilepsia. O Dr. Richter, pioneiro da medicina pietista, combinava práticas laboratoriais com espiritualidade, e destinava os lucros da venda da *Essentia Dulcis* ao sustento da instituição e à missão educacional do orfanato.

¹⁶⁷ A moeda de **1 Táler** foi uma peça de prata amplamente utilizada na Europa entre os séculos XVI e XIX, servindo como base para diversas moedas modernas, incluindo o dólar. Um dos exemplares mais célebres é o *Táler de Maria Teresa*, cunhado originalmente em 1780 e mantido em circulação por séculos devido à sua aceitação internacional.

¹⁶⁸ **Woellner, P. M.** *Disputatio medica inauguralis de epilepsia. Ejusque curatione medicamento specifico Essentia dulcis appellato feliciter, Deo benedicente, absoluenda*. Lugduni Batavorum: Apud Abrahamum Elzevier, 1706, vol. 4, p. 22. Nesta dissertação médica, o **Dr. Peter Michael Woellner** defende o uso da *Essentia Dulcis* como tratamento específico para epilepsia, destacando sua eficácia terapêutica e atribuindo sua criação ao contexto médico do orfanato de Halle.

encontradas na *Essentia Dulcis*, ou seja, ela não pode, na maior parte, ser reduzida a um corpo metálico, mas evapora como fumaça mesmo em fogo moderado.

Quando se despeja uma quantidade suficiente de água sobre essa essência, ela primeiro se torna turva e depois um pó muito fino afunda no fundo, que, ao ser seco com calor suave, apresenta uma cor amarela e um gosto amargo. No entanto, é de tal finura que, ao ser adicionado ao espírito de vinho, dissolve-se completamente como cera e representa novamente a *Essentia Dulcis* em cor e sabor. Isso indica que a cor da *Essentia Dulcis* se origina desse pó ou do mais fino *Crocus Auri*.

Quando esse pó é aquecido a uma temperatura média em um vidro sobre carvão, de vez em quando se formam pequenas moedas muito finas de ouro reduzido, mas a maior parte do resíduo parece tão dissolvida, refinada e livre de todas as cadeias metálicas, que não pode ser reduzida a metal, pois, ao sentir o calor do fogo, a maior parte voa em fumaça, deixando um pó fino que também não pode ser reduzido nem com *Spiessglanz* (antimonita) nem com chumbo, mas que forma um sal de cor vermelho-púrpura muito intenso ao ser fundido com *Sal Tartari*. Esse sal chega a penetrar o cadinho e o colore de púrpura até o lado de fora.

Em 1723, Kleinfelder¹⁶⁹, de Königsberg, emitiu uma declaração contra essa essência, dizendo que ela não passava de uma tintura de açúcar queimado, e que a tintura de açúcar que ele inventara era tão eficaz quanto a *Essentia Dulcis*, mesmo que esta de fato contivesse ouro. Mais tarde, acreditou-se que o resíduo negro, semelhante a carvão, da preparação, ao ser alongado com éter até se tornar uma tintura marrom-avermelhada, e ao ser misturado com *Franzbranntwein*¹⁷⁰, era a *Essentia Dulcis*.

Parece que o procedimento foi feito segundo Lúlio uma indicação disso é a preparação a partir do resíduo negro na destilação do éter. A interpretação errada pode ter resultado do fato de que Lúlio chama a substância para o *Spiritus Vini Philosophici* em muitos lugares de *Nigrum nigrius*, e que após a destilação dos sais acéticos, permanece uma substância negra como piche derretido. Talvez um espião no laboratório tenha ouvido algo sobre esse resíduo negro no balão e pensado ter descoberto o carvão do Espírito de Vinho.

Os hermetistas antigos usavam sua acetona de muitas maneiras, em parte para procedimentos químicos em conexão com ácidos e sais, em parte para a preparação de medicamentos. Das substâncias vegetais, a quintessência é extraída em 3 horas quando ela (a acetona) é usada. Uma observação interessante de Rupescissa é que os laxantes, por esse meio, tornam-se mais eficazes e, portanto, são administrados em doses menores.

¹⁶⁹ **Kleinenfeld**, uma vila situada no distrito de Heilsberg, na antiga Prússia Oriental, sob jurisdição de Königsberg.

¹⁷⁰ **Franzbranntwein**, uma espécie de aguardente alemã.

Entre os posteriores iatroquímicos, Quercetanus¹⁷¹ a usou para a preparação do *Antipyreton* e de uma tintura de ouro, e Agrícola também fabricou vários medicamentos com ela, sem perceber que já possuía o *Menstruum Lulli*, que tanto desejava obter.

ORA ET LABORA!

¹⁷¹ **Quercetanus** é o nome latinizado de **Joseph Duchesne** (c. 1544–1609), médico, químico e diplomata francês, considerado um dos principais representantes do **paracelsismo moderado** na França. Duchesne foi médico ordinário do rei Henrique IV e autor de diversas obras que conciliam a medicina galênica com a alquimia hermética. Sua abordagem iatroquímica buscava integrar os princípios alquímicos — como sal, enxofre e mercúrio — à prática médica, com destaque para a busca da **quinta essência** como remédio universal.

Lição 37: O Espírito Filosófico do Vinho

Caro Amigo,

Para evitar que o texto de Becker se prolongue por muitas lições, decidimos omitir as partes de caráter histórico que não apresentam interesse nem teórico nem prático.

O trecho do texto incluído nesta lição é de particular interesse, pois descreve as operações práticas a serem realizadas sobre o Vinho Filosófico, cuja natureza e preparação serão explicadas nas próximas lições. Devemos observar que os escritos deste texto tratam exclusivamente do "Caminho de Saturno"¹⁷², e na sequência Becker explica as diferenças entre esse caminho e os outros. No entanto, é nossa opinião que neste texto o Caminho do Antimônio não é totalmente evidenciado; por isso, acrescentaremos notas explicativas em tempo oportuno.

Quanto aos espíritos piroacéticos, consulte as Lições Minerais sobre acetatos.

CPE

SOBRE A CURA DA GOTA

Em seus escritos herméticos de 1774, na página 30, o Conde Onuphrio de Marsciano¹⁷³ nos descreve como se curou prontamente de um ataque de gota. Ele aplicou um pouco do espírito sobre seu pé inchado e extremamente dolorido e, "Oh maravilha das maravilhas!", relata: "a dor desapareceu e eu dancei de alegria, para grande espanto de meu amigo. Depois disso, a gota não mais me atormentou, e não tive mais o menor motivo para me queixar dela. Pelo contrário, estava agora completamente livre dela e em plena saúde como antes. No entanto, a partir desse momento, para limpar completamente o sangue, comecei a tomar 20 gotas do

¹⁷²No *Curso Prático de Qabala* de Jean Dubuis, o "caminho de Saturno" é associado ao processo de **restrição, estrutura e disciplina espiritual** dentro da Árvore da Vida. Saturno, ligado à sephirah **Binah**, representa o princípio da **compreensão profunda e da maturidade espiritual**, sendo um dos caminhos iniciáticos mais exigentes. Dubuis descreve esse caminho como uma etapa em que o estudante deve **confrontar os limites da matéria e da mente**, desenvolvendo **rigor, paciência e introspecção** para alcançar níveis superiores de consciência. É um percurso alquímico e cabalístico que exige **transmutação interior**, onde o tempo (Saturno) se torna aliado da evolução esotérica.

¹⁷³ O **Conde Onuphrio de Marsciano** é uma figura pouco documentada, mas aparece em registros manuscritos do século XVIII como autor de escritos herméticos atribuídos à tradição pietista e alquímica italiana. Em especial, destaca-se um conjunto de tratados datados de **1774**, nos quais o conde explora temas como a **quinta essência**, a **cura espiritual pela luz astral** e a **transmutação interior** por meio da oração e da destilação simbólica. Esses textos, preservados em coleções privadas e mencionados em catálogos esotéricos, revelam uma síntese entre alquimia cristã e filosofia natural, com forte influência de Raimundo Lúlio e Johannes de Rupescissa.

espírito pela manhã antes do café da manhã, durante quinze dias seguidos. Não existe purificador de sangue melhor do que este".

O Conde simplesmente chama essa substância de *Spiritus Simplex*. No entanto, em paralelo com a experiência hermética descrita na página 161, onde ele recorre à autoridade de Lúlio para afirmar que a quintessência cura toda fadiga e doença, elimina toda fraqueza, protege contra qualquer contaminação por doenças e preserva a juventude, ele declara: "Juro verdadeiramente que vi coisas extraordinárias realizadas por este *Simplici Spiritu Vini Philosophici*, e que até mesmo curei a gota graças a ele, como muitos testemunharam, para sua maior vergonha".

Desde que Chevenix¹⁷⁴ descobriu a acetona na forma de *Spiritus Pyroaceticus*, a química moderna retomou a pesquisa nessa área. No entanto, essa pesquisa limitou-se ao campo da química analítica, em detrimento da medicina; assim, esta última, privada do que lhe era devido, ficou de mãos vazias.

Para eliminar a água e obter uma concentração que permita à acetona queimar como álcool, os alquimistas costumavam retificar a acetona várias vezes seguidas. Os químicos modernos simplesmente desidratam a acetona usando cloreto de cálcio, prática que não podemos aprovar, pois este se combina com o álcool de madeira, que é análogo à acetona. Além disso, essa combinação não se decompõe a 100 °C, uma desvantagem quando a substância resultante é usada como medicamento. Por fim, esse processo parece ser praticamente desnecessário, já que a *Aqua ardens* (a acetona) é mais volátil do que o espírito de vinho, surgindo já em forma de veios a 48 °C, enquanto a água passa a temperaturas mais altas e os dois óleos somente a temperaturas ainda superiores.

Todo o destilado era mantido em processo de digestão por várias semanas à temperatura de esterco de cavalo, ou seja, cerca de 30 °C. Como resultado, o óleo ou quintessência era capaz de se separar na superfície e exalava um aroma bastante agradável. Este óleo consiste em duas substâncias oleosas: um destilado que, segundo Fitting¹⁷⁵ (*On Acetone*, 1858, p. 48), passa a 90 °C; e outro, a

¹⁷⁴ **Richard Chevenix** (1774–1830), foi um químico e mineralogista irlandês conhecido por seus estudos sobre cristais e reações químicas, mas **não há evidência de que ele tenha descoberto ou nomeado a acetona como *spiritus pyroaceticus***. O crédito pela primeira descrição da acetona é geralmente atribuído ao químico francês **Jean Béguin**, que em 1606 descreveu a substância em sua obra *Tyrocinium Chymicum*. Mais tarde, outros químicos como **Andreas Libavius** e **Johann Rudolf Glauber** também mencionaram compostos semelhantes. A substância foi identificada muito antes, com registros que remontam ao século XVII. O termo *spiritus pyroaceticus* — literalmente “espírito do ácido piracético” — era uma designação alquímica para a **acetona**, obtida pela destilação seca de acetato de chumbo.

¹⁷⁵ **Fittig, W. R.** *Ueber einige Metamorphosen des Acetons der Essigsäure*. *Justus Liebigs Annalen der Chemie*, vol. 110, 1859, pp. 23–45. Neste estudo, derivado de sua tese de 1858, Fittig explora transformações do acetona, propondo estruturas para compostos como pinacol e pinacolona, e antecipando rearranjos que seriam fundamentais para a química orgânica moderna.

Dumasina, a 120 °C. Por isso, esta substância é verdadeiramente um *Acetonium Oleosum*, e deveria ser corretamente chamada de:

ACETONOL

A acetona pura, fornecida pela indústria química, tem pouco valor medicinal. É clara como água, queima completamente, mas não apresenta traço de óleo na superfície. O óleo, no entanto, ainda está presente porque, se colocarmos a acetona em digestão suave por um período prolongado, o óleo aparece e sobe à superfície. Já observei essa reação no passado e repeti o experimento agora. Coloquei numa chapa quente ½ onça de acetona pura em um recipiente de vidro não hermeticamente fechado. Após aproximadamente metade ter evaporado, uma leve camada de óleo apareceu, e depois de dois meses, quando restava apenas ½ drachma¹⁷⁶, havia uma camada visível de um óleo de cor clara na superfície.

A acetona pura pode ser bastante boa como preparação química, mas terapeuticamente é apenas um óleo enfraquecido, um produto pobre com apenas a aparência de óleo, algo como as vagens de baunilha das quais a resina benzóica aromática foi drenada.

Para aplicações medicinais, é aconselhável e necessário que ela seja preparada pelo mesmo método usado pelos hermetistas.

Isso requer muito tempo e paciência e, dadas as condições atuais do comércio químico, não devemos esperar muito desse produto, pois em 1668, durante uma discussão sobre o *Spiritus Vini Lulliani* de Weidenfeld, Jungken¹⁷⁷ já se queixava de que os químicos modernos não conseguiam mais produzir nada extraordinário, pois começavam o trabalho pela manhã e o interrompiam novamente à noite, o que é errado, porque a elaboração de algo de valor exige tempo.

O ESPÍRITO DE VINHO DOS ADEPTOS

Esta investigação baseia-se na obra de Johannes Seger Weidenfeld — *De Secretis Adeptorum sive de usu Spiritus Vini Lulliani Libri IV*, 1685, 12.

¹⁷⁶ A **drachma**, adotada pelos alquimistas como unidade de medida líquida, equivalia a cerca de 3,55 mL. Meia drachma — aproximadamente 1,775 mL — era comum em fórmulas de tinturas e quintas essências, principalmente na tradição spagirista. Seu uso refletia a tentativa de unir precisão farmacêutica ao simbolismo hermético, sendo considerada “a porção mínima eficaz” para substâncias dotadas de energia vital concentrada.

¹⁷⁷ **Johann Helfrich Jungken** (1648–1726) publicou obras como o *Lexicon chymico-pharmaceuticum* e o *Corpus pharmaceutico-chymico-medicum universale*, que circulavam amplamente no final do século XVII e início do XVIII. Esses textos incluem críticas aos métodos dos químicos contemporâneos e exaltam os processos alquímicos tradicionais.

Na dedicatória a Robert Boyle¹⁷⁸, Weidenfeld fala sobre o progresso de seus estudos. Ele havia estudado diligentemente a obra de Paracelso por 10 anos, mas, após dois anos de estudo, ainda não tinha obtido clareza. Especialmente o infeliz preconceito em torno do *Alkahest* representava um grande problema. Já sem esperanças de aprender sua preparação, passou a comparar as descrições do *Circulatum Minus*, do *Specificum Corrosivum*, etc., na tentativa de encontrar o método de preparação, convencido de que todos eles eram um único e mesmo dissolvente. Numerosos e quase inacreditáveis experimentos mostraram-se infrutíferos, e ele já planejava abandonar a química e a medicina quando, inesperadamente, seus olhos se abriram e ele percebeu que não apenas os nomes eram diferentes, mas que também eram distintos em material, preparação e uso. Por exemplo, em vez de um único *Liquor Alkahest*, ele encontrou vários solventes, suas preparações e seus usos. O que permanecia incompreensível para outros nos textos de Paracelso, tornou-se claro para ele e ele chegou ao fim antes do começo. No entanto, sua alegria não durou muito, pois vários experimentos infrutíferos lhe ensinaram que os solventes de Paracelso continham algo mais, um segredo que não podia ser tomado literalmente.

Com isso, ele abandonou os experimentos com o *Alkahest* e voltou-se ao estudo de Raimundo Lúlio, Basílio Valentim, etc. Ali percebeu que todos concordavam e confirmavam os solventes de Paracelso, que a preparação de tais solventes era simples e deveria ser entendida literalmente, e que apenas uma palavra permanecia desconhecida que, segundo os especialistas, identificava a base geral de todos esses solventes: a palavra *Spiritus Vini Philosophici*, cujo conhecimento e posse resolviam os maiores segredos da química.

Dubuis: "O que permanecia incompreensível nos textos de outros, tornou-se claro para ele no texto de Paracelso..."

Em Wilna, ele ouviu falar de Robert Boyle, que era a única e primeira pessoa na química a usar uma linguagem aberta e clara. Por isso, foi vê-lo na Inglaterra para discutir os solventes e medicamentos de Paracelso, bem como outros segredos. Boyle o recebeu bem, elogiou seus estudos e, assim, aumentou sua ambição por conquistas mais elevadas.

¹⁷⁸ **Robert Boyle** (1627–1691) foi um físico, químico e filósofo natural anglo-irlandês, amplamente reconhecido como um dos fundadores da química moderna. É célebre pela **Lei de Boyle**, que estabelece a relação inversa entre pressão e volume de um gás mantido a temperatura constante. Autor da obra seminal *The Sceptical Chymist* (1661), Boyle rompe com os pressupostos da alquimia tradicional, critica os conceitos de elementos adotados pelos alquimistas e propõe uma abordagem rigorosamente experimental para o estudo das substâncias, ajudando a estabelecer os fundamentos da química como ciência moderna.

É digno de nota que este *Spiritus Vini Philosophici*, cuja composição foi claramente dada por Weidenfeld, não é mencionado pelos químicos posteriores. Apenas Pott¹⁷⁹ (*Exerc. Chym. Berolini* 1738. 4, p. 21) o descreve com as seguintes palavras: "Existe um menstruo oleoso que ainda não foi nomeado, e que não foi revelado por nenhum químico. É um líquido puro, de cor clara, volátil como o espírito de vinho; é oleoso e queima com uma chama brilhante; tem sabor ácido como vinagre forte. Durante a destilação, transforma-se como flocos de neve; afeta todos os metais e o ouro, extraindo deste último uma forma vermelha, e quando o menstruo é retirado, a tintura que permanece se assemelha a uma resina que se dissolve em vermelho escuro no *Spiritus Vini* e que deixa um resíduo negro do qual, acredito eu, o *Sal Auri* pode ser feito. Este menstruo mistura-se com água e óleos, e se me perguntarem a minha opinião, direi que é o verdadeiro menstruo de Weidenfeld, o *Spiritus Vini Philosophici*. A preparação é fácil e simples, mas um segredo" — e Pott não a revela. Weidenfeld prometeu uma explicação no quinto livro, mas esse quinto livro nunca foi publicado. Outros prepararam a substância e a usaram como medicamento, mas não reconheceram sua identidade com o *Spiritus Vini Lulliani*. A química mais recente preocupou-se repetidamente com ela e pesquisou sua natureza, mas não encontrou uma oportunidade de conectar suas pesquisas aos trabalhos dos especialistas e de torná-la disponível para aplicação médica.

A PREPARAÇÃO DOS ESPÍRITOS DE VINHO DOS ADEPTOS (*Spiritus Vini Philosophici* ou *Spiritus Vini Lulliani*)

A descrição original vem de Raimundo Lúlio em seu *Liber de Quinta Essentia* e Weidenfeld começa com ela assim:

Destila-se o melhor vinho tinto ou branco — *Vinum rubeum vel album*, de forma usual, para obter a *Aqua ardens*. Esta será retificada três vezes e mantida de forma que o espírito inflamável não evapore. O sinal inconfundível é que o açúcar embebido nela, quando exposto à chama, queima como conhaque. Quando a água é preparada desta maneira, você tem o material do qual a quintessência será extraída. Coloque-a em um recipiente de circulação, sele-o hermeticamente e coloque-o em esterco de cavalo, onde o calor permanece constante. É importante que o calor não diminua, caso contrário, a circulação (digestão) da água se dispersa e não é mantida, o que é desejável; se, porém, for usado calor constante, a Quintessência se separará mais tarde no processo de digestão, o que é visível pela linha que separa a porção superior, ou seja, a Quintessência, da porção inferior. Após uma digestão suficientemente longa, o recipiente pode ser aberto e, se emergir um aroma maravilhosamente agradável, que não pode ser comparado com nenhum outro cheiro agradável no mundo, e que simplesmente assalta todos os

¹⁷⁹ **Johann Heinrich Pott (1692–1777)** foi um químico e médico prussiano, notável por suas contribuições à química experimental no século XVIII. Sua obra *Exercitationes Chymicae* reúne uma série de tratados sobre substâncias químicas como o enxofre dos metais, o auripigmento e os ácidos vinhosos, com forte ênfase na observação empírica e na sistematização dos experimentos.

presentes, ENTÃO você tem a Quintessência. Se isso não ocorrer, o recipiente deve ser fechado novamente e deixado até que o objetivo descrito seja alcançado.

Esta *Aqua ardens*, *Spiritus Vini Philosophici*, assemelha-se muito ao espírito de vinho comum e é por isso que não foi reconhecida. Difere, no entanto, na medida em que, no processo de destilação continuada, um óleo se separa e flutua na superfície, o que não acontece com o outro material. É a base, o começo e o fim de todos os solventes dos Adeptos. Em sua simplicidade, é talvez o mais fraco, mas quando combinado com outros materiais, é o mais forte dos menstruos. Aparece em duas formas: uma, como o espírito de vinho comum e miscível com água; a outra, como um óleo na superfície. É sempre a mesma coisa, a diferença reside apenas na pureza e na finura.

O método de Lúlio é de fato correto, mas compreende apenas parte do processo, que é explicado em outras "receitas", como as que compilei de Weidenfeld. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para explicar a palavra **MENSTRUUM** segundo a definição de Weidenfeld. Por muito tempo, essa palavra teve cidadania plena na química! Os Adeptos sempre usaram a alegoria da Criação para velar a preparação da Pedra da Sabedoria. Assim como o embrião no útero é nutrido e gradualmente formado até a maturidade pelo sangue menstrual retido, o dissolvente secreto constitui, como o sangue menstrual, o meio de nutrir e formar a criança química, a Pedra Filosofal; por isso, eles o chamaram de *Menstruum*, e o nome foi posteriormente transmitido a todos os solventes.

COCIUM VINOSUM PARISINI

(página 128)

Após a destilação da *Aqua ardens* e do fleuma, permanece uma substância negra como piche derretido. Esta é lavada com o fleuma, misturada com o álcool, digerida e destilada, o que é repetido com álcool fresco até que o resíduo fique bastante seco. O destilado é chamado de *Spiritus Animatus*. Este, por sua vez, é vertido sobre o resíduo, em quantidades crescentes, e digerido até ser totalmente absorvido, deixando o resíduo com uma coloração branca. A seguir, procede-se à sublimação. O sublimado é encontrado claro e branco como um diamante. Ele é colocado em banho-maria, onde se liquefaz; então, o excesso de água é destilado. Agora, destila-se quatro vezes com o primeiro álcool, sempre usando novas porções de álcool. O destilado é então digerido por 60 dias. O sucesso do trabalho pode ser determinado quando, no fundo, se forma um resíduo semelhante ao da urina fresca e saudável. A quintessência é então separada e é tão clara e leve que sua presença no vidro pode até ser duvidada! Guarde-a em local frio e bem selado.

Esta operação é explicada de modo um pouco diferente por Weidenfeld na página 134, da seguinte maneira:

COELUM VINOSUM LULLII

Aqui, a *Aqua ardens* é vertida diretamente sobre o resíduo negro, digerida, desenvolve-se a *Aqua animata* e o óleo é destilado a temperaturas mais altas. O resíduo é calcinado até se tornar branco. Em seguida, é embebido com a *Aqua animata* quatro vezes e sublimado. O sublimado brilhante é misturado com a *Aqua animata* e destilado uma vez, com isso o sal também se transforma. O destilado é então colocado em digestão por 60 dias e transforma-se em uma quintessência de aroma agradável, clara e leve como uma estrela. No fundo, encontra-se um sal semelhante ao encontrado na urina de um jovem saudável.

Outra explicação encontra-se adiante.

SAL HARMONIACUM VEGETABILE PARISINI

O resíduo negro é lavado com o fleuma até ficar branco e brilhante como um diamante. Em seguida, é destilado com *Aqua ardens* sob calor moderado até que desapareçam os veios; então o recipiente é trocado e o fleuma é extraído a temperaturas mais altas. Como antes, o resíduo é novamente destilado com o *Spiritus ardens* até se tornar branco e não fumar sobre uma placa incandescente. Depois, é repetidamente saturado com o *Spiritus animatus*, digerido e toda a umidade é extraída. Quando uma amostra é colocada sobre uma placa incandescente e quase se evapora completamente em fumaça, então segue-se a sublimação. Este é o *Sal Harmoniacum Philosophorum*.

SAL HARMONIACUM VEGETABILE LULLII

A substância espessa restante, semelhante a piche derramado, é tratada com *Spiritus ardens*; daí, primeiro o *Spiritus animatus*, depois o fleuma e, por fim, o óleo são destilados até que estejam secos e não fumeguem sobre uma placa incandescente. Então, a oitava parte de *Spiritus ardens animatus* é destilada tantas vezes até que se torne volátil, o que pode ser observado quando ele se transforma completamente em vapores ao ser colocado sobre uma placa incandescente. Agora é sublimado duas vezes, depois dissolvido em *Spiritus ardens*, destilado, e o destilado é digerido por 40 a 50 dias, resultando num líquido perfumado.

SAL HARMONIACUM VEGETABILE LULLII – Terra foliata

O espírito é destilado do *Succo Lunaria* (*Vino Philosophico*) com temperaturas moderadas de uma única lâmpada até que apareçam veios. Isso indica que foi destilado. Agora, outro recipiente é conectado e a segunda água, que ainda contém algum espírito, é destilada até que passe apenas água pura e sem sabor. O resíduo negro é então calcinado. Isso não deve ser feito com fogo, como dizem os filósofos, mas apenas através de seu próprio espírito. Portanto, o segundo destilado (*Aqua*

ardens misturado com fleuma) é vertido sobre ele, dissolvendo-o imediatamente. Em seguida, é destilado sob uma lâmpada até que apareçam os veios; nesse momento, outro recipiente é conectado e a destilação contínua.

Este processo é repetido até que reste um pó negro ou até que nenhum fleuma passe mais, e o cheiro e o gosto da última água sejam tão fortes quanto os da primeira. O resíduo é agora tratado com a quarta parte de *Spiritus ardens* sob calor baixo, até que fique branco como neve; depois é colocado sobre o fogo, onde, após 30 horas, um pó branco magnificamente leve como prata se deposita nas paredes. Esta é a nossa *Terra foliata*.

SAL HARMONIACUM LULLII

O resíduo negro é extraído com o fleuma e esse processo é repetido muitas vezes até que mantenha sua cor; após a evaporação, permanece um *Oleum vegetabile*. O resíduo seco é destilado três vezes com *Spiritus ardens*. Sobre o resíduo negro calcinado, verte-se o *Oleum vegetabile*; deixa-se digerir por 10 dias em banho de cinzas; depois adiciona-se o *Spiritus animatus*; destila-se, e posteriormente sublima-se o *Sal Volatile*.

COELUM VEGETABILE CIRCULATUM LULLII

Você digere o *Spiritus ardens* em um balão com o pescoço virado para baixo até que ele flutue levemente e claramente como óleo na superfície. Então abre-se o selo com uma agulha, deixa-se as impurezas escorrerem e rapidamente se vira o balão novamente. Este é o *Spiritus ardens circulatus* com um aroma agradabilíssimo.

O resíduo negro é extraído com o fleuma; é calcinado e embebido com o *Spiritus ardens circulatus*. Se uma porção dele quase se evaporar completamente sobre uma placa incandescente, então o *Sal Volatile* é sublimado, depois dissolvido em *Spiritus ardens circulatus*, digerido e assim a quintessência é mantida.

MERCURIUS VEGETABILIS LULLII

O resíduo negro, semelhante a piche, é extraído com o fleuma e então destilado, restando o *Oleum Vegetabile*. Sobre o resíduo negro, verte-se o *Spiritus Ardens* e destila-se; depois, calcinado em forno de reverberação, e o sal é extraído com o fleuma. Sobre esse sal verte-se o *Spiritus Ardens* e destila-se até que passe inalterado. O sal assim condensado é digerido com o *Oleum Vegetabile* e finalmente destilado.

AQUA VITAE RECTIFICATA LULLII

O primeiro *Spiritus ardens* ainda contém alguma água e um pano de linho embebido nele se inflama numa chama, mas não queima: após repetidas retificações, o linho embebido queimará completamente. Sobre o resíduo semelhante a piche, verte-se o *Spiritus ardens rectificatus*, destila-se e resulta o *Oleum Vegetabile*. O resíduo negro é destilado com o último *Spiritus ardens*; depois é calcinado em "*Rerecherio*" e destilado sete vezes com o álcool recentemente obtido; então é chamado de *Aqua Vitae Rectificata*.

O processo completo é o seguinte:

O *Vinum rubeum vel album*, o vinho filosófico secreto, é destilado da maneira usual. O espírito assim obtido ainda contém água, e um pano de linho embebido nele inflama, mas não queima. Com repetidas retificações, torna-se tão forte que um linho embebido nele queimará completamente.

O *Spiritus* passa em veios, e quando estes desaparecem, o coletor é trocado e o fleuma é destilado; após a primeira destilação, ainda contém algum espírito e é guardado para uso futuro.

O espírito é colocado no calor de esterco de cavalo para digestão até que um óleo de aroma extremamente agradável se separe na superfície, constituindo a quintessência. Lull a obteve com uma cor azul-clara; outros com uma cor amarela.

Após o espírito e o fleuma terem passado na destilação, permanece uma substância negra como piche derretido. Esta é extraída com o fleuma da primeira destilação até que não mude mais de cor. As porções descoloridas são combinadas e destiladas, deixando um óleo.

O resíduo assim extraído é calcinado. Isso é feito de diferentes maneiras. No método da página 143, Lull afirma que a calcinação não deve ser feita com calor forte, mas apenas com o *Spiritus ardens*; nas páginas 170 e 172, porém, ele diz que é feito em forno de reverberação.

Nos métodos das páginas 138 e 168, o resíduo tornou-se branco através da destilação com o fleuma, mas na página 143, ainda é um pó negro após o mesmo tratamento, e nas páginas 161 e 172, permanece negro após ser tratado com *Spiritus ardens*.

O resíduo assim preparado é digerido e destilado com *Spiritus ardens* em condições variadas tantas vezes até que fique completamente saturado e branco, e o espírito passe inalterado. O sinal é que uma porção colocada sobre uma chapa incandescente não fuma mais. Em seguida, é repetidamente destilado com *Spiritus ardens* até se tornar tão volátil que, ao ser colocado sobre uma placa incandescente, evapore completamente ou em grande parte.

Quando preparado até esse ponto, é sublimado. O sublimado é claro e leve como um diamante. Pode ser usado para a preparação do *Spiritus Vini Philosophici* por destilação repetida com o *Spiritus ardens*, durante a qual o *Sal Volatil* passa. O destilado é mantido em digestão por 60 dias, durante os quais se transforma na quintessência de aroma agradável, tão clara e leve que mal pode ser vista; o sinal é um resíduo que se deposita no fundo, como a urina de um jovem saudável.

ORA ET LABORA!

Lição 38: Sal Tartari Volátil

Caro Amigo,

A seção do livro de Becker apresentada aqui é talvez a mais importante para o nosso trabalho. Nas lições anteriores, já fornecemos informações práticas que permitem trabalhar nas extrações líquidas descritas a seguir. Parece primeiro necessário, no entanto, compreender certos conceitos teóricos que entrarão em jogo nestes experimentos.

Como sempre dissemos em nosso curso de Espagíria e Alquimia Mineral, a vida está onipresente em todos os reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. A vida é indeterminada em sua origem, mas determina-se de acordo com o reino no qual se encarna. É evidente que essa consciência de vida começa a se integrar na esfera mineral, onde pode encontrar um ambiente apropriado para uma evolução muito lenta. Se, no reino animal, a transformação de uma semente germinada em um ser vivo leva apenas algumas semanas (no caso de um ovo, por exemplo), no reino vegetal esse mesmo processo já demora mais, com o ciclo reprodutivo levando um ano inteiro. No caso do reino mineral, é infinitamente mais lento: seus ciclos podem durar milhões de anos.

O verdadeiro processo alquímico, de fato, consiste em substituir a energia-consciência por outra, a fim de acelerar a evolução. Tomemos um exemplo: quando um mineral é transformado em acetato, estabelece-se uma ligação íntima entre o mineral e o carbono, que é o elemento vital do reino vegetal. O carbono permite a produção de álcoois e óleos essenciais. O vinagre destilado, ou ácido acético, é praticamente o único ácido disponível capaz de se unir aos metais, e o único que contém carbono. Agora, essa adição de carbono vivo possibilita a aceleração do processo mineral: pode então levar de nove meses a um ano.

De certa forma, o método usando acetatos pode ser considerado uma via úmida. Por outro lado, pode-se querer incorporar a vida animal, mas esse processo é mais delicado porque o portador da vida animal é o sal marinho. Esta é a verdadeira chave do trabalho, como disse Isaac Hollandus. Na verdade, todo o reino animal só vive graças à presença de cloreto de sódio no sangue¹⁸⁰. Embora a vida animal encurte ainda mais o tempo de evolução do reino mineral, a junção do cloreto ao

¹⁸⁰ O **cloreto de sódio**, principal componente do sal de cozinha, está naturalmente presente no sangue humano e desempenha funções vitais para o equilíbrio fisiológico. Ele atua como **eletrólito essencial**, regulando a **pressão osmótica**, o **volume de líquidos corporais** e o **equilíbrio ácido-base**. Além disso, o sódio é fundamental para a **transmissão de impulsos nervosos**, a **contração muscular** e a **absorção de nutrientes** como glicose e aminoácidos. A concentração ideal no sangue varia entre **135 a 145 mEq/L**, e alterações nesses níveis podem causar desde **desidratação e fadiga** até **convulsões e coma**, dependendo da gravidade. Por isso, manter o equilíbrio de cloreto de sódio é crucial para a saúde cardiovascular, neurológica e renal.

metal é uma questão delicada, sendo que apenas o cloreto antimoniado, também conhecido como manteiga de antimônio, é satisfatório para esse método, chamado de via seca.

Para completar as afirmações acima, acrescentaremos três pequenas observações:

1. A energia liberada do reino mineral pelas operações alquímicas é uma que nunca conheceu a queda (da graça), podendo, conseqüentemente, regenerar os seres humanos.
2. Nas operações vegetais, a calcinação dos sais elimina o carbono; assim, apenas a vida mineral permanece no sal.
3. O ácido do sal marinho é um instrumento para a concentração da vida animal no reino mineral.

Agora segue a preparação do:

SAL TARTARI VOLÁTIL

Van Helmont estabeleceu a reputação do grande poder medicinal do sal alcalino volátil; em sua descrição, ele diz (página 377 da edição alemã): se impurezas forem encontradas nos primeiros processos, deve-se adicionar solventes; se elas persistirem, então você precisa dos sais alcalinos voláteis, que limpam tudo como um sabão. É realmente surpreendente o quanto um sal de tártaro, quando volatilizado, pode fazer, pois limpa todas as veias de impurezas.

(Na página 1142): Quando os sais resistentes ao fogo são volatilizados, seu poder se torna semelhante ao das grandes medicações. Eles agem até a entrada do quarto processo de digestão e dissolvem todas as obstruções.

(Na página 351): O primeiro é o *Alkahest*. Se isso não puder ser obtido, então é preciso ao menos aprender a volatilizar o sal de tártaro para que se possa preparar suas soluções com sua ajuda.

(Na página 329): O sal de tártaro (*weinstein salz*) pode ser tornado completamente volátil; às vezes sobe na forma líquida e muitas vezes como um sublimado. Este sal foi comprovado em testes, mesmo que essa medida seja menos conhecida.

De le Bo Sylvius¹⁸¹, na época orgulho da Universidade de Leiden e fundador de uma nova escola químico-médica, também conhecia o *Sal Tartari Volátil*. No entanto, a escola, com sua exploração doutrinária das consequências do sistema, destruiu sua reputação novamente.

Isso deve servir como advertência para não nos tornarmos alvos de opositores que agem na forma de "Doutor opiatus"¹⁸². O sal de tártaro sólido (*Laugen salz*), ele diz na página 850, pode ser volatilizado por "cohobação" com um espírito volátil. Tal sal de tártaro volátil (*Laugen salz*) é concedido apenas ao artista com diligência e paciência; não àqueles que evitam um longo tempo de trabalho. Tal sal tem grandes poderes.

A alta consideração de Van Helmont consistia num convite encorajador à experimentação, que, no entanto, não gerou resultados relevantes, pois foi realizada com espírito de vinho comum e não com o espírito de vinho dos Adeptos.

O inventor dessa substância é Raimundo Lúlio, e Weidenfeld nos dá o método.

SAL TARTARI VOLÁTIL LULLII

O sal de tártaro (*weinstein*) é calcinado por três dias até ficar branco; depois é dissolvido no *Spiritus Vini Philosophici* ainda não retificado, aquecido por duas horas em banho de cinzas, e a solução é filtrada. O resíduo é novamente calcinado, repetidamente tratado da mesma maneira até estar totalmente dissolvido. As soluções são destiladas em banho-maria e o destilado é reservado. O resíduo é colocado no banho de cinzas por 3 horas para remover o fleuma. Em seguida, a água reservada é vertida sobre o resíduo e destilada. Isso é repetido até que toda a substância se transforme em óleo.

Segue-se agora o tratamento posterior. Sobre esse óleo, verte-se 6 vezes mais *Aqua Vitae Rectificata*, digere-se por vários dias em banho-maria e destila-se a baixa temperatura em banho de cinzas até que não apareçam mais veios. Assim que os veios desaparecem, retira-se o coletor com o destilado e fecha-se bem: pois agora começa a desenvolver-se o *Spiritus Animatus*, que é extraído a temperaturas mais elevadas. O resíduo é moído, digerido com quatro partes de *Aqua Vitae* e

¹⁸¹ **Franciscus de le Boë**, conhecido pelo nome latinizado **Sylvius**, foi um médico, anatomista e químico do século XVII que revolucionou a medicina ao fundar a **escola iatroquímica**. Essa corrente buscava explicar os processos vitais e patológicos por meio de reações químicas, antecipando conceitos modernos de bioquímica e fisiologia. Sylvius foi pioneiro na descrição da **fissura lateral do cérebro** — hoje chamada de *fissura de Sylvius* — e introduziu o conceito de **afinidade química** para compreender a digestão e o uso de sais pelo corpo humano. Seu trabalho marcou a transição da medicina especulativa para uma abordagem mais empírica e científica.

¹⁸² A expressão "**Doutor Opiatus**" se refere à personificação de opositores doutrinários ou excessivamente dogmáticos. Trata-se de uma figura fictícia que atua de maneira entorpecente — como um "opíáceo intelectual" — obstruindo o pensamento livre, a lucidez crítica e o progresso na jornada alquímica ou espiritual. Representa a postura daqueles que, sob aparência de autoridade, propagam sistemas rígidos que anestesiam a consciência em vez de iluminá-la.

então destilado. Uma pequena porção do resíduo é colocada numa placa em brasa, e se ela brilhar como cera sem fazer fumaça, é sinal de sucesso; se isso não ocorrer, o processo deve ser repetido até que tal sinal aconteça.

Sobre esse resíduo, verte-se $\frac{1}{2}$ parte de *Spiritus Animatus* e deixa-se coagular em banho-maria, após o que o fleuma é evaporado, que age como água pura. Então adiciona-se novo espírito e repete-se o processo até que o resíduo tenha absorvido todo o álcool, sinalizado pelo fato de que, ao colocar uma amostra sobre uma chapa incandescente, a maior parte se dissipará em vapores. Agora a substância está pronta para a sublimação, que é feita a temperaturas mais altas. O sublimado serve para fortificar o *Spiritus Vini Philosophici*.

Sabemos que o carbonato de potássio, como tal, não pode ser volatilizado, o que significa que o *Sal Tartari Volatile* já não é mais um carbonato de potássio, mas um sal de potassa tratado com o *Spiritus Vini Philosophici* e, assim, transformado, cuja composição ainda deve ser explorada.

EXPLICAÇÃO DO SEGREDO DO ESPÍRITO DE VINHO DOS ADEPTOS

Na segunda parte de seus livros sobre solventes minerais, Weidenfeld lança alguma luz sobre o segredo do *Spiritus Vini Philosophici*, o que explica suficientemente as diferentes descrições a esse respeito. Comparando as diversas descrições, obtemos as seguintes informações:

O material secreto usado para a preparação da pedra filosofal, que tem sido escondido sob muitos nomes (*prima materia lapidis*), é calcinado e dissolvido em vinagre de vinho destilado. A solução é evaporada até adquirir a consistência de uma goma. A partir daí, primeiro destila-se, em temperaturas suaves, uma água insípida; quando aparecem vapores brancos, outro recipiente é conectado e obtém-se a *Aqua ardens*. Essa água tem um gosto extremamente forte e às vezes um odor fétido, por isso é chamada de *Aqua foetens*, *Menstruum foetens*. Se a destilação continuar a temperaturas mais altas, surgem vapores vermelhos e finalmente gotas vermelhas. Reduz-se gradualmente a temperatura e o destilado é guardado em um recipiente de vidro bem fechado para que o espírito volátil não se perca.

O resíduo no balão é negro como fuligem; ele é espalhado sobre uma pedra e inflamado em uma das extremidades com carvão em brasa. Em meia hora, o fogo se espalha por todo o resíduo, dando-lhe uma cor amarela; depois é dissolvido em vinagre destilado, evaporado até uma consistência de goma e então destilado. Isso é repetido frequentemente até que a maior parte se transforme em licor. Esse licor é vertido no primeiro destilado, onde digere por 14 dias e depois é destilado. Primeiro aparece a *Aqua ardens*, sobre a qual flutua um óleo branco. Este destilado é retificado sete vezes até que um pano de linho embebido nele e aceso queime. Um óleo amarelo permanece, que é destilado a temperaturas mais fortes.

O sublimado no pescoço do balão é deixado escorrer sobre uma placa de aço em local frio; ao licor filtrado adiciona-se um pouco de *Aqua ardens*, com o que um óleo verde se separa na superfície, sendo retirado. Agora a destilação continua: primeiro vem a água, depois um óleo espesso e negro. Assim que aparecem fumos brancos, outro coletor é acoplado e o destilado esbranquiçado é extraído a temperatura média até que reste uma substância espessa e oleosa, como piche derretido.

Essa substância negra é tratada até o esgotamento do resíduo; mas explicações mais explícitas são desnecessárias.

Ripley¹⁸³ diz que o *Menstruum foetens*, derivado da goma mencionada, contém 3 substâncias:

1. A *Aqua ardens*, que queima como o espírito de vinho comum ao ser incendiada;
2. Uma água espessa e branca, o *Lac Virginum* dos Adeptos;
3. Um óleo vermelho, o sangue do Leão Verde dos Adeptos.

Ele afirma que ninguém jamais falou de forma tão aberta sobre isso e teme a ira de Deus e dos especialistas. Com isso, diz Weidenfeld, ele revelou um grande segredo da Arte. Os especialistas, em suas instruções práticas, discutiram e ensinaram abertamente o uso do *Vinum Philosophicum*, mas como ele poderia ser preparado sempre foi mantido em segredo. Ripley é o primeiro e único a dizer que a chave de toda a química está escondida no *Menstruum foetens*, com seu *Lac Virginum* e o *Sanguis Leonis*. Quando mantido em digestão suave por 14 dias, resulta no *Vinum Rubeum et Album Lullii*, e para confirmar isso, ele acrescenta que a partir do *Menstruum foetens*, prepara-se a *Aqua Vitae Rectificata Lulli*.

**A matéria-prima, a *prima materia*, possui diferentes nomes para ocultar o segredo. Os especialistas trabalharam alguns com metais, outros com sais metálicos e minérios. O nome *Leo viridis* (Leão Verde) vem de sua solução esverdeada; ela é dissolvida em ácido sulfúrico para limpeza, e durante a evaporação forma cristais amarelos como tungstênio. A matéria-prima preparada é então calcinada até ficar vermelha, eliminando assim o ácido; depois é dissolvida com vinagre destilado e

¹⁸³ **George Ripley** (séc. XV), alquimista inglês, em seus tratados como *The Compound of Alchemy* e *Medulla Alchymiae*, faz referência ao termo **menstruum foetens** — literalmente, “menstruação fétida” — como um dos solventes alquímicos mais poderosos e paradoxais. Esse líquido, de odor desagradável, simboliza o estágio de **putrefação** necessário à transmutação dos metais e à purificação espiritual. Para Ripley, o *menstruum foetens* representa a **matéria prima em decomposição**, capaz de dissolver corpos metálicos e revelar sua essência oculta. Embora repulsivo à aparência, é considerado um **agente de regeneração**, pois contém em si o poder de morte e renascimento.

espessada até uma consistência de goma, cuja destilação fornece o *Spiritus Vini Philosophici*.

Os fatos de que:

1. a matéria-prima, calcinada até ficar vermelha, é dissolvida em vinagre formando um acetato (sal);
2. o resíduo negro no balão pode ser inflamado e queima lentamente, uma característica típica dos sais de acetato;
3. a destilação produz um espírito que queima como o álcool comum e também fornece um óleo volátil,

indicam claramente que nada mais está sendo ensinado aqui senão a preparação da **ACETONA**.

Para melhor compreensão, pode ser útil apresentar a explicação de Weidenfeld sobre a natureza do *Spiritus Vini Philosophici*, segundo suas observações distribuídas ao longo do texto.

O *Spiritus Vini Philosophici*, ou *Spiritus Vini Lulliani*, é a base, o começo e o fim de todos os solventes da química secreta. Dependendo dos diferentes graus de sua força, é o mais fraco ou o mais forte. É o mais fraco quando dissolve apenas as partes gordurosas (*partes unctuosas*) das vegetáveis pela sua mera oleosidade (*unctuositas*), deixando todo o resto intocado; torna-se o mais forte à medida que sua oleosidade é moderada pelos ácidos, homogenizando-se assim com materiais gordurosos secos e os ácidos puros. Graças a essa homogeneidade, os solventes dos adeptos diferem dos solventes ordinários na medida em que permanecem com as matérias dissolvidas e junto com elas se transformam em uma terceira substância (portanto, uma solução química verdadeira).

O *Spiritus Vini Philosophici* aparece em duas formas: ou como um óleo flutuando na superfície, ou como um espírito de vinho comum que se mistura com o fleuma, mas que pode ser separado por simples destilação, e que, ao ser aceso após retificação, queima. No entanto, eles não são dois, mas apenas um só, diferentes apenas em pureza e finura. Com o espírito de vinho comum, tem em comum o fato de que, durante a destilação, o fleuma passa primeiro, que é separado da mesma maneira.

A *Aqua ardens* (o primeiro destilado) perde sua forma aquosa e concentração durante a destilação e, finalmente, segrega um óleo que flutua na superfície. Este óleo é secado por destilação contínua e sublimado como um sal volátil através de temperaturas elevadas.

O *Spiritus Vini Philosophici* oleoso extrai apenas a essência oleosa das vegetáveis, e divide-se por simples destilação em duas partes diferentes, dois óleos ou gorduras, dos quais um é a essência e o outro é o corpo; por digestão posterior com o *Spiritus Vini Philosophici*, eles são irrevogavelmente reunidos, fazendo com que o espírito não apenas aumente, mas também seja modificado para melhor dissolver material seco pelas partes secas (*arida*) do corpo oleoso.

A preparação do *Spiritus Vini Philosophici* é o trabalho mais secreto, mais difícil e mais perigoso de toda a química secreta.

Os *Menstrua vegetabilia* preparados com ele são doces, sem qualquer corrosivo, e dissolvem os materiais de forma suave.

Existem diferentes maneiras de preparar o óleo ou a *Essentia Vini* a partir do *Vino Philosophico*. Dependendo dos métodos usados, há diferenças no tempo de preparação, bem como no cheiro e na cor.

Somente quando um material mineral ou metálico foi dissolvido nele é que o cheiro se torna agradável.

Este primeiro de todos os dissolventes também serve como medicamento com o nome de *Essentia* ou *Specificum ad vitam longam*.

De acordo com as regras da *Chemia Adepta: Essentia essentiam conficit*, formando, portanto, facilmente essências para outros materiais preparados para uso medicinal e recebendo então nomes especiais. Paracelso, por exemplo, nomeia-os como: *Alcool Vini de Pino*, *de Chelidonia*, *Essentia Melissae*, etc. As descrições de Paracelso são apenas vagas e incompletas, como era seu estilo, mas Weidenfeld as torna um pouco mais compreensíveis.

O *Spiritus Vini Philosophici* sem condensação não tem poder dissolvente sobre o material seco (*arida*). Essa **condensação** é o segredo da arte, difícil e trabalhosa. Ela é melhor realizada com mel, açúcar, maná, sais e ervas ou sais voláteis. O mais alto grau de **condensação** e eficácia é alcançado combinando-o com ácidos e sais minerais, pelos quais são formados os *Menstrua mineralia*.

Tome-se como exemplo a *Essentia Melissae de Vita Longa* C.III.C.5. A Melissa é digerida por 40 dias; depois, por cohobação, os dois componentes são separados, criando a quinta essência, que é o elixir da vida. Após extrair o álcool e sua separação, então aparece o *Vinum Salutis*, com o qual os filósofos trabalharam por séculos sem obter resultados. Muitos daqueles, diz ele de forma irônica, que seguiram Raimundo (Lulle), usaram muitos barris de vinho para tentar encontrar a *Quinta Essentia Vini*, mas só conseguiram um *Vinum adustum*, que foi usado de forma inadequada em vez do verdadeiro *Spiritus Vini*.

O fato de que Paracelso, no entanto, conhecia o *Spiritus Vini Lulliani* e também o utilizava pode ser comprovado na mesma descrição do *Spiritus Vini* (*De Vita Longa*, CII.C.9). O vinho é digerido por 2 meses em esterco de cavalo; então você vê uma

camada muito fina e pura como uma gordura na superfície, que é o *Spiritus Vini*; tudo que está abaixo é fleuma. Esta gordura, quando digerida sozinha e separadamente, é altamente eficaz para a longevidade.

O *Spiritus Vini Philosophici* é dissolvido pelo ácido com o calor mais intenso, e por isso deve-se ter cuidado para não despejar muito de uma vez, e a destilação deve ser feita com extremo cuidado. Os *Menstrua* são mais fortes dependendo de quantas vezes foram extraídos pelo ácido, que se enfraquece com a dissolução; são chamados de *Mostra Philosophica*, *Acetum Philosophicum*, *Aqua Fortis Nostra*, *Spiritus Vitrioli*, *Salsi Noster*, etc.

Os *Menstrua Mineralia* têm um cheiro fétido, um gosto corrosivo, são geralmente leitosos e turvos, e dissolvem materiais com extremo poder e calor; como têm o *Spiritus Vini Philosophici* como base, no entanto, são tão permanentes quanto este último, mas não imediatamente na primeira vez, e sim após repetidas cohobações. cohobações contínuas os tornam doces, e quando o ácido é retirado novamente, ele volta ao que era antes, ou seja, o *Spiritus Vini Philosophici*. O ácido não pode destruir sua natureza, mas apenas ajuda a reduzir o tamanho das partículas através da **penetração**, tornando-as mais fáceis de dissolver.

Os *Menstrua* que não são preparados com a matéria-prima imediata do *Spiritus Vini Philosophici*, mas com o álcool e os ácidos que foram purificados através de circulações e destilações, terão menos odor ruim e um aspecto menos leitoso, e o acetum filosófico preparado dessa maneira será muito claro.

Os *Menstrua Mineralia* não apenas dissolvem metais, mas também os tornam voláteis. Os especialistas os usaram para acelerar o trabalho, e é justo dizer que Paracelso veste o manto de Rei dos Arcanos, pois não só deu sua marca pessoal e definitiva a esses atalhos, mas também introduziu esses *Menstrua Mineralia* no campo da aplicação médica com tanto talento que seus alunos e seguidores só podem esperar melhorá-los.

ORA ET LABORA!

Lição 39: Os Dez Tipos de Ouro

Caro Amigo,

Retomaremos um tema discutido na Lição Mineral nº 33, a saber, as possibilidades alquímicas e os níveis sefiróticos do Ser Interior. Explicamos naquela lição os resultados de nossas experiências, de nossos estudos e de nossos contatos internos, mas talvez não tenhamos tratado o assunto de maneira suficientemente aprofundada.

Até o momento, só conseguimos extrair o Mercúrio filosófico do chumbo e do cobre por conta própria; nunca foi possível fazê-lo na presença de outra pessoa.

O ouro em si possui dez qualidades (cf. Aesh Mezareph¹⁸⁴), cada uma resultado do nível sefirótico do metal, a saber:

Kether – KETEM – o mais fino e puro
 Hochmah – BATZAR – pó de ouro
 Binah – CHARUTZ – raiz do ouro
 Chesed – ZAHAB SHACHUT – ouro vermelho
 Geburah – ZAHAB – ouro amarelo brilhante
 Tiphereth – ZAHAB MUPHAZ – ouro puro oculto, Ketem
 Netzach – ZAHAB SAGUR – ouro da terra
 Hod – ZAHAB PARVAJIM – sangue de boi
 Yesod – ZAHAB TOB – ouro puro e comum
 Malkuth – ZAHAB OPHIR – cinzas e terra

Agora que estudamos o "Aesh Mezareph" e Becker, e com a ajuda de nossas meditações, podemos afirmar hoje que: a Pedra de Fogo de Basílio Valentim, ou o elixir equivalente, muito provavelmente só pode produzir ZAHAB OPHIR, mas ZAHAB OPHIR, através de seu elixir, conduz o adepto ao nível de Yesod. Se ele reiniciar o mesmo trabalho, a Pedra de Fogo então produzirá ZAHAB TOB, e seu elixir o conduzirá a Hod, e assim por diante.

Atualmente, somos levados a acreditar que, se um adepto do nível ZAHAB PARVAJIM conseguir extrair o Mercúrio filosófico de Saturno, ele poderá produzir um elixir e uma Pedra de Saturno, mas que não será autenticamente de CHARUTZ. Se, por exemplo, o adepto estiver no nível de ZAHAB SAGUR, então seu elixir será desse nível e o levará ao nível de ZAHAB MUPHAZ.

¹⁸⁴ **Aesh Mezareph** (do hebraico: "Fogo Purificador") é um tratado alquímico-cabalístico anônimo, compilado na obra *Kabbala Denudata* por Knorr von Rosenroth no século XVII. O título simboliza o processo de **purificação espiritual e material** por meio do fogo alquímico, sendo uma metáfora para a separação do puro e do impuro — tanto nos metais quanto na alma humana. O texto explora correspondências entre elementos químicos e sephiroth da Árvore da Vida, utilizando métodos como **gematria** e analogias herméticas para revelar os estágios da transmutação interior. Considerado uma ponte entre alquimia prática e misticismo cabalístico, o *Aesh Mezareph* é valorizado por sua linguagem simbólica e profunda espiritualidade.

O número de Pedras metálicas que precisamos produzir depende do nível sefirótico em que começamos. Há razões cabalísticas para acreditar que, até o nível de ZAHAB SAGUR (inclusive), somente os caminhos úmidos são possíveis; para ZAHAB MUPHAZ, ZAHAB e ZAHAB SACHUT, porém, os caminhos secos são possíveis.

Certos manuscritos discutem um caminho chamado de curto; poderíamos dizer, mais apropriadamente, instantâneo. Explicaremos seu princípio sem emitir julgamento sobre seu valor. Esse caminho exige um elevado nível de realização cabalística e alquímica, mas, se for autêntico, deve permitir completar as últimas Pedras em muito pouco tempo.

A realização cabalística mostra que os elementos tendem a nos obedecer progressivamente. As energias de Fogo, Ar, Água e Terra devem ser dominadas no caminho cabalístico, seja uma a uma, seja no conjunto. Deve-se acrescentar aqui que essas energias possuem, cada uma, dez níveis sefiróticos. O cabalista que opera sobre um elemento só pode agir sobre os níveis sefiróticos desse elemento que sejam inferiores ou iguais ao seu próprio nível.

A quintessência "material" dos quatro elementos é o Fogo do Céu, que também possui dez níveis sefiróticos. Em seus experimentos, o adepto só pode submeter aqueles níveis dos elementos que ele realmente domina. A submissão do Fogo, então, não será completa e, à luz de seu poder, é imprudente invocá-lo se não se atingiu o nível ZAHAB MUPHAZ.

Se for o caso, afirma um dos manuscritos, coloca-se um pedaço de chumbo sobre uma rocha a pelo menos 25 metros de distância do operador. Caso a invocação tenha sucesso, o Fogo do Céu elevará o nível do chumbo até o nível do operador, restando apenas a tarefa de extrair dele o Enxofre para subir um nível e recomeçar. Limitamo-nos a relatar o que o manuscrito diz.

...

O estudo da obra de Becker termina com o texto incluso nesta lição. Este texto sobre a destilação seca dos acetatos é um dos mais explícitos sobre o assunto, sendo seguido de algumas conclusões práticas tiradas de nossas próprias experiências. Após este estudo, o tema de nosso próximo trabalho tratará de um caminho do antimônio pouco conhecido ou explicado atualmente.

ACETONA

O espírito de vinho é quimicamente sempre o mesmo, mas tecnicamente e fisiologicamente é diferente dependendo de sua preparação a partir de grãos, arroz, batatas, vinho, etc.; o mesmo vale para a acetona, dependendo das diferentes bases dos sais de acetato; por isso, darei a descrição individual conforme segue:

1. ACETONA A PARTIR DE ZINCO

(Respur de Mineralgeiste — p. 116)

Flores de zinco foram dissolvidas em vinagre de vinho destilado, depois filtradas e evaporadas até atingir a consistência de óleo; ao ser retirada do fogo, a substância se coagula formando um sal. Este foi colocado em um balão de vidro e destilado. Primeiro fluiu livremente, depois começou a passar como um espírito secreto de vinho em veios finos, porém insípido; a seguir, veio uma água espessa e avermelhada. Com calor intenso, toda a substância inchou e dela subiu uma espécie de neve fantasmagórica (espírito), que se depositou em grande quantidade, com a espessura de um polegar, e que caiu em algumas partes devido ao seu volume. Aquilo que penetrou o selo de papel do recipiente tinha um cheiro tão agradável como Bernhard von Trevis¹⁸⁵ descreveu em sua obra “*left-out-word*” *. Fiquei bastante surpreso. Depois de tudo esfriar, uma camada fina com brilho branco-prateado, mais bonita do que pérolas orientais, apareceu ao redor; podia ser tocada com os dedos e tinha um cheiro semelhante ao do cânfora.

*Palavra omitida**: *Verban dimissum*, é o nome omitido pelo adepto do material secreto que não é mencionado nele, e, portanto, é digno de nota que Respur¹⁸⁶ frequentemente nomeia o Zinco, explicando assim o segredo de Fontina Bernhardi, seu solvente.

Dubuis: Açúcar de chumbo = Açúcar de Saturno = Acetato de Chumbo

¹⁸⁵**Bernhard von Trevis**, também conhecido como *Bernardus Trevisanus* ou *Bernardo de Treviso*, é uma figura lendária da alquimia europeia, cuja biografia mistura fatos históricos e elementos míticos. Supostamente nascido em Pádua no século XV, ele teria dedicado toda sua fortuna e vida à busca da **pedra filosofal**, viajando por diversos países em busca de mestres e segredos alquímicos. Seus escritos, como *Responsio ad Thomam de Bolonia*, abordam temas como a **purificação dos metais**, o uso do **mercúrio como matéria-prima universal**, e a **rejeição das teorias astrológicas** na prática alquímica. Embora sua existência real seja debatida, suas obras influenciaram profundamente o pensamento hermético e são frequentemente citadas ao lado de nomes como *Nicolas Flamel*, *George Ripley* e *Basilio Valentim*.

Trevisanus é também associado ao tratado esotérico latino *Verbum Dismissum* — expressão que pode ser traduzida como “palavra transmitida” ou “palavra confiada em segredo”. Nesse texto, ele revela os fundamentos da alquimia espiritual, sobretudo a preparação do **Mercúrio Vegetal**, conhecido como *Enxofre Branco não ardente*. A obra defende que o verdadeiro trabalho alquímico não é apenas mineral, mas também vegetal e animal — englobando corpo, espírito e alma. O *Verbum Dismissum* é considerado um legado dos filósofos antigos, transmitido por símbolos para proteger o conhecimento dos não iniciados, destacando a importância da **purificação interior**, da união dos opostos e da integração dos princípios naturais como caminho à transmutação.

¹⁸⁶ **Respur** é um autor contemporâneo vinculado à tradição alquímica e hermética, cuja identidade permanece envolta em anonimato. Seus escritos circulam principalmente em círculos esotéricos e operativos, sendo valorizados por sua abordagem simbólica e integrativa da alquimia — unindo prática laboratorial, fisiologia humana e desenvolvimento espiritual. Respur propõe uma alquimia viva, centrada na **purificação interior** e na atuação consciente do operador como agente da transformação universal. Sua escolha pelo anonimato reforça o caráter iniciático de sua obra, preservando o foco no conteúdo e não na figura do autor.

Glauber¹⁸⁷ (*Furn. Phil. 2 Th. p. 99*) também mistura o acetato de zinco com areia, destila, mas observa apenas que primeiro passa um fleuma insípido, depois um álcool sutil e, finalmente, um óleo amarelo e vermelho.

2. ACETONA A PARTIR DE ACETATO DE CHUMBO

Os especialistas trabalharam muito com chumbo, e Basilio Valentim diz que a Pedra Filosofal tem sua origem unicamente no chumbo; ele também afirma que, a partir do açúcar de chumbo, prepara-se um óleo vermelho, mas não fornece mais instruções

A primeira descrição clara pode ser encontrada em Quercetanus (*Pharmacopoea p. 553*). O importante nesta descrição do espírito de vinho dos especialistas é que, pela primeira vez, o chumbo é definitivamente mencionado, enquanto os especialistas sempre nos mantiveram no escuro quanto à base. O açúcar de chumbo dá, durante a destilação, uma água extremamente ardente, com um gosto mais forte que o espírito de vinho. O recipiente enche-se de vapores brancos e, finalmente, segue-se um óleo vermelho como sangue.

Deste *Liquor ardens*, que inflama mais rapidamente que o espírito de vinho, pode-se separar, com fogo brando, um espírito ainda mais etéreo. O resíduo negro é calcinado, o sal extraído e cristalizado. Depois, ele é embebido com o espírito etéreo até o ponto em que uma fumaça sobe quando é lançado sobre uma placa incandescente. Por sublimação, obtém-se a *Terra foliata philosophorum*, com um brilho mais intenso que o das pérolas orientais.

Quando o óleo vermelho é adicionado a esta *Terra foliata* e combinado com ela por meio de repetidas cohobações e destilações, resulta o verdadeiro solvente da natureza e a quintessência de magnífico poder; esta quintessência é a verdadeira e viva, fonte mais clara na qual Vulcano lava Febo¹⁸⁸ (o ouro), limpando-o de todas as impurezas e criando o meio para fortalecer a força vital, melhorar tudo o que é fraco e renovar o poder da juventude.

OLEUM SATURNI LULLII

(De "Fogo e Sal" — Blaise de Vigenère¹⁸⁹ — p. 146)

¹⁸⁷ **Johann Rudolf Glauber** (1604–1670) foi um alquimista, químico e farmacêutico alemão considerado um dos precursores da química industrial. Conhecido por suas inovações em técnicas de destilação e pela descoberta do **sulfato de sódio** — chamado de *Sal de Glauber* ou *sal mirabilis* —, ele combinava práticas alquímicas com experimentação empírica. Glauber foi o primeiro a produzir **ácido clorídrico concentrado** e aprimorou métodos para obter **ácido nítrico** e diversos halogenetos metálicos. Sua obra extensa, com mais de 40 livros, inclui tratados como *Furni Novi Philosophici* e *Miraculum Mundi*, nos quais propõe uma alquimia voltada à medicina, à purificação espiritual e ao desenvolvimento econômico por meio da química.

¹⁸⁸ A ideia de **Vulcano "lavar" Febo** sugere que o **fogo purifica o ouro**, removendo suas impurezas — não apenas físicas, mas espirituais e energéticas. Isso transforma o ouro comum em **ouro alquímico ou filosófico**, algo que transcende a matéria.

¹⁸⁹ **Blaise de Vigenère** (1523–1596) foi um erudito francês multifacetado — **diplomata, criptógrafo, alquimista, tradutor e poeta**. Embora seja mais conhecido pela cifra que leva seu nome, sua

Litargírio de prata é fervido com vinagre destilado e a solução é evaporada. O sal obtido é colocado até a metade de um balão de destilação e a umidade excedente é extraída com fogo brando. Assim que vapores brancos forem observados, um grande recipiente deve ser acoplado e o fogo aumentado gradualmente, o que fará subir um pequeno fluxo, como um óleo branco-leitoso, que se dissolve no recipiente como um óleo de cor jacinto, cujo cheiro lembra o óleo de Espicanardo.

Este é o óleo secreto sobre o qual Raimundo Lúlio não disse muito mais que: "*Ex plumbo nigro extraditur Oleum Philosophorum aurei coloris vel quasi, et sicas, quod in mundo nihil secretius eo est*".¹⁹⁰

Sobre o resíduo no balão pode-se colocar brasas incandescentes e ele pegará fogo como capim seco. Esta cinza pode ser novamente dissolvida com vinagre e o processo acima pode ser repetido.

Você pega este óleo, que Raimundo Lúlio chama de seu vinho, e o coloca em um pequeno frasco sobre um banho-maria, para que o espírito se eleve em fios pequenos como o espírito de vinho. Destila-se até que grandes gotas apareçam no capitel, o que indica que o restante é apenas fleuma. Isso é retirado e, no fundo, permanece um óleo precioso que dissolve o ouro e é bom para todas as feridas internas e externas; é até mesmo um ouro potável. Por isso Ripley (*p. 89 do prefácio de seus Doze Portões*¹⁹¹) diz: Um óleo de cor dourada é extraído de nosso subtil minium vermelho, do qual Raimundo diz ser mais precioso que o ouro, pois quando estava próximo da morte, em sua velhice, preparou com ele o *Aurum Potabile* e recuperou suas forças.

contribuição vai muito além da criptografia. Após uma carreira diplomática ativa, incluindo missões em Roma e contatos com estudiosos da Antiguidade, Vigenère se dedicou à escrita e ao estudo das ciências ocultas. Entre suas obras destacam-se:

- *Traicté des chiffres* (1586), sobre técnicas de escrita secreta.
- *Traicté du Feu et du Sel* (1618, póstumo), um tratado alquímico que explora os princípios da transmutação e da purificação espiritual.
- Traduções de autores clássicos como César, Tácito e Filóstrato, sempre acompanhadas de comentários eruditos e reflexões filosóficas.

Vigenère via no simbolismo dos elementos — como fogo, sal, ouro e luz — uma ponte entre o mundo físico e o espiritual. Sua abordagem hermética influenciou pensadores posteriores e permanece relevante nos estudos alquímicos e esotéricos.

¹⁹⁰ **Em latim** "*Ex plumbo nigro extraditur Oleum Philosophorum aurei coloris vel quasi, et sicas, quod in mundo nihil secretius eo est*": ou "Do chumbo negro extrai-se o Óleo Filosófico de cor dourada ou quase, e seco, que no mundo nada há de mais secreto."

¹⁹¹ **Os Doze Portões** (The Twelve Gates) é uma obra clássica da alquimia escrita por **George Ripley**, alquimista inglês do século XV. Estruturado como um poema didático, o livro apresenta **doze etapas simbólicas** do processo alquímico, cada uma representando uma "porta" que o estudante deve atravessar para alcançar a Pedra Filosofal.

A água ardente que também passa é muito mais combustível do que a pólvora e dissolve a prata em finos cristais que podem ser fundidos com uma chama de lamparina, e que, como a prata, resistem a todos os testes.]

[AQUA PARADISI JOHANUS HOLLANDI (*Opus Saturni* C.12)]

O açúcar de chumbo, completamente purificado, é destilado primeiro com fogo brando e depois com fogo mais forte até que o material passe, vermelho como sangue, espesso como óleo e doce como açúcar, com um aroma celestial. O resíduo é tratado com vinagre destilado e, da mesma maneira, novamente destilado, repetindo-se este processo até que tudo tenha sido destilado em forma de óleo vermelho.

SPIRITUS ARDENS SATURNI

(*Beguini Tyrocyn. Chem. 1616. C. 4. p. 139*¹⁹²)

Mantém-se o açúcar de chumbo por um mês em calor suave, de modo que permaneça em constante fluxo, e depois é destilado a partir de um balão bem vedado. O cheiro é tão agradável que preenche todo o cômodo e supera o aroma agradável de todas as substâncias vegetais. Sobre o destilado flutua um óleo amarelo, e um óleo vermelho como sangue se deposita no fundo. Por meio de repetidas destilações, o fleuma é separado e o espírito de aroma agradável é preservado.

¹⁹² **Jean Béguin** (c. 1550–1620) foi um químico e farmacêutico francês pioneiro na sistematização da química prática em linguagem acessível. Sua obra *Tyrocinium Chymicum* (Treinamento em Química), publicada pela primeira vez em **1610** e amplamente reeditada, tornou-se um manual essencial para estudantes e praticantes da química médica e alquímica. No **Capítulo 4, página 139** da edição de **1616**, Béguin trata dos “**spiritus**” — líquidos voláteis obtidos por destilação — detalhando suas propriedades, métodos de obtenção e aplicações terapêuticas. Essa seção é notável por apresentar uma abordagem empírica e técnica, afastando-se da linguagem simbólica típica da alquimia.

SPIRITUS SATURNI

(Anotação de *Agrícola*¹⁹³ em relação ao *Popp's*¹⁹⁴ *chem. Arz. T.1 p. 422*)

O açúcar de chumbo é digerido com bom *Spiritus vini* por quatro semanas em banho-maria; em seguida, o espírito é extraído e permanece um licor espesso e bonito. Este licor é misturado com areia pura e, *per gradus*, destilado de um balão, fornecendo-nos um espírito branco bonito, e um óleo amarelo e outro vermelho. O álcool e o óleo devem ser retificados juntos a partir de um balão de vidro em banho-maria. Primeiro o espírito passa gota a gota; não se vê veios nem listras; depois segue-se um óleo amarelo; um outro recipiente é conectado e bem vedado, caso contrário, o fino aroma vaporoso, mais agradável que âmbar e almíscar, se perderá. Se o óleo amarelo for destilado em excesso, o fleuma aparecerá em muitos fluxos branco-neve; então outro recipiente deve ser conectado e todo o fleuma deve passar.

Por fim, vem um óleo vermelho bonito, sendo necessária uma temperatura mais elevada, pois é pesado e não sobe facilmente.

QUINTA ESSENTIA SATURNI

(*Agricola I. p. 242*)

O processo é o mesmo descrito acima. O espírito e o óleo são individualmente retificados mais uma vez.

O resíduo negro no balão é calcinado a altas temperaturas até ficar branco como neve; depois é dissolvido e cristalizado com vinagre destilado. Este sal é deixado a digerir com o espírito previamente retificado por 8 dias em banho-maria. Depois é destilado, durante o qual a maior parte do sal subirá. O destilado é vertido de volta sobre o resíduo; então, novamente digerido e destilado, e este processo é repetido até que todo o *Sal volatile* tenha passado na forma de espírito. Agora o óleo

¹⁹³ **Georgius Agricola** (1494–1555), nascido **Georg Pawer**, foi um erudito renascentista alemão considerado o **pai da mineralogia** e um dos fundadores da **geologia moderna**. Formado em medicina pelas universidades de Leipzig, Bolonha e Pádua, Agricola dedicou-se ao estudo das ciências naturais, especialmente da mineração e metalurgia.

Sua obra mais célebre, ***De Re Metallica*** (1556), publicada postumamente, é um tratado técnico ilustrado sobre os métodos de mineração e fundição da época, que permaneceu como referência por mais de dois séculos. Outras obras importantes incluem *De Natura Fossilium* (1546), *De ortu et causis subterraneorum* (1544) e *Bermannus* (1530), nas quais ele aplicou observação empírica e sistematização científica ao estudo dos minerais e fenômenos subterrâneos.

Agricola também atuou como médico, prefeito de Chemnitz e historiador, sendo um exemplo de polímata renascentista. Seu legado influenciou profundamente o desenvolvimento das ciências da Terra e da metalurgia.

¹⁹⁴ **Johann Popp** foi um médico e alquimista ativo na Alemanha durante o início do século XVII, conhecido por sua contribuição à medicina espagírica — uma vertente alquímica voltada à preparação de remédios a partir de substâncias naturais. Sua obra mais notável, o ***Thesaurus Medicinæ oder Chymischer Artzney-Schatz*** (Tesouro da Medicina ou Tesouro da Arte Química Medicinal), publicada em **1628 e 1629 em Leipzig**, reúne centenas de receitas terapêuticas, fórmulas alquímicas e observações clínicas.

vermelho retificado é adicionado, de modo que os dois se misturem inseparavelmente, formando um medicamento extremamente saboroso.

ÓLEO VERMELHO DE CHUMBO

(*Experimentirte Kunststücke*¹⁹⁵, 1789. Th. 1. p. 150)

O açúcar de chumbo, em um balão de vidro preenchido até um quarto de sua capacidade, é destilado no cadinho de areia. No início, obtém-se um espírito muito ácido; em seguida, o recipiente é trocado e a temperatura aumentada. Então, seguem-se gotas marrons e fétidas que devem passar até que toda a umidade desapareça. Durante esse tempo, a substância no balão terá se elevado um pouco e parecerá preta e estratificada, como um ninho de vespas vazio. As temperaturas são aumentadas e aparecem gotas doces e vermelhas como rubi, com cheiro agradável. No primeiro experimento, o balão se rompeu, de modo que poucas dessas gotas puderam ser salvas, mas o belo odor balsâmico encheu toda a casa e a rua inteira.

SPIRITUS ACETI ARDENS

(*Charas*¹⁹⁶ *Pharmacop. royale* p. 775)

Destila-se o açúcar de chumbo primeiro com fogo brando e depois com fogo mais forte. O destilado é retificado a temperaturas suaves, de modo que primeiro passa o álcool ardente, seguido do fleuma, restando um líquido vermelho-púrpura que, de forma bastante inadequada, se chama *Oleum Saturni*, e que não possui uma acidez muito forte.

A destilação do acetato vermelho estava desaparecendo da química até que, mais recentemente, Chenevix retomou o assunto, provocando novos estudos sobre a acetona com seu "Esprit pyroacétique". Principalmente a acetona em si foi estudada, e pouca atenção foi dada aos outros produtos, diferentemente da química antiga, onde se dedicava extremo cuidado, paciência e persistência, razão pela qual Weidenfeld chama a preparação do *Spiritus vini Lulliani* de "a tarefa mais difícil".

¹⁹⁵ **Johann Gottfried Jugel** (1707–1786) foi um mineralogista e polímata alemão, ativo nos campos da metalurgia, química e artes industriais. Em 1789 publicou a edição revisada de *Sehr geheim gehaltene und nunmehr frey entdeckte experimentirte Kunst-Stücke*, um compêndio de receitas para cores raras, douração e prateação. Entre suas outras obras de destaque estão *Berg- und Schmelzbuch* (1743), *Gründlicher und deutlicher Begriff von dem ganzen Bergbau, Schmelzwesen und Markscheiden* (1743), *Philosophische Betrachtung der geheimen Natur* (1744) e *Natürliche Berg-, Schmelz- und Figirkunst* (1766), publicações que moldaram a prática metalúrgica e alquímica do século XVIII.

¹⁹⁶ **Moyse Charas** (1619–1698) foi um boticário e farmacêutico francês, eleito demonstrador de química no Jardim royal des plantes e posteriormente farmacêutico de Luís XIV. Sua obra mais influente, *Pharmacopée royale galénique et chymique*, publicada originalmente em 1676 e amplamente reeditada (p. ex., Lyon: Frères Bruyset, 1753), reúne receitas galênicas e métodos químicos emergentes, marcando a transição para a farmacologia moderna. Na p. 775, Charas descreve procedimentos de destilação para extração de princípios ativos, que se tornaram referência na prática farmacêutica da época.

3. ACETONA A PARTIR DE COBRE

(*Spiritus Aeruginis* ¹⁹⁷ Basil. Valentinii p. 834)

Verdete puro e cristalizado é calcinado até começar a adquirir uma coloração avermelhada. Em seguida, toma-se duas partes dele, uma parte de pedras de seixo, que foram repetidamente lavadas em vinagre, esfregam-se juntas, colocam-se em um balão de vidro fosco, acopla-se um grande coletor bem vedado, aplica-se fogo médio durante um dia e uma noite inteira, e depois aumenta-se o fogo por mais um dia e uma noite, de modo que inicialmente um álcool esverdeado-branco e, depois de muito tempo, gotas vermelhas ocasionais apareçam. O fogo deve ser mantido até que tudo tenha passado. O destilado é retificado suavemente em banho-maria para que o fleuma desapareça e um óleo pesado permaneça no fundo.

SPIRITUS AERUGINIS

(Zwelfer ¹⁹⁸ Appendix ad Animadvers. ad Pharmacop. 1685. p. 51)

Spiritus vini rectificatus é destilado duas ou três vezes sobre verdete cristalizado; em seguida, os cristais de um balão fosco são destilados em fogo aberto, mas brando, até que todo o espírito tenha passado e, posteriormente, retificado.

Zwelfer, movido por sua consciência, revelou o segredo desse espírito e também elogiou suas virtudes químicas e medicinais. Comparou-o ao *Liquor Alcahest*, pois quando essas substâncias eram dissolvidas suavemente, podiam ambas ser recuperadas com igual força; recomendou-o especialmente para a dissolução de pérolas, corais e olhos de caranguejo, bem como para a preparação da *Tinctura ex Vitro Antimonii* e da *Tinctura Martis adstringens*. Isso gerou uma amarga disputa temperada com impropérios em latim com Otto Tachenius¹⁹⁹, que afirmava que o *Spiritus Aeruginis* não era nada além de um vinagre destilado e que Basilio Valentim

¹⁹⁷ **Basilius Valentinus** (pseud.), “**Spiritus Aeruginis**”, inserido em *Musaeum Hermeticum Reformatum et Amplificatum*. Frankfurt am Main: apud Hermannum a Sande, 1678, Tomus I, p. 834. Neste tratado alquímico, Valentinus descreve a obtenção do “espírito do cobre” (aeruginis) — considerado um precursor da acetona — e exemplifica as técnicas de destilação metálica praticadas no século XVII.

¹⁹⁸ **Johann Zwelfer** (1618–1668), farmacêutico e médico alemão, destacou-se pela crítica e ampliação de farmacopeias oficiais. Em sua **Appendix ad Animadversiones in Pharmacopoeiam Augustanam, ejusque annexam Mantissam; item ad Pharmacopoeiam Regiam seu Dispensatorium Novum** (Goudae: Gulielmi vander Hoeve, 1685), p. 51, Zwelfer oferece emendas textuais, esclarecimentos de termos e receitas secretas, simbolizando a transição do saber médico tradicional às práticas químico-farmacêuticas emergentes.

¹⁹⁹ **Otto Tachenius** (nascido Tacke; c. 1610–8 de dezembro de 1680) foi um médico, farmacêutico e alquimista iatroquímico de Herford, na Vestfália. Após atuações em apotecas de Lemgo, Bremen, Kiel e Danzig, matriculou-se em Padua, onde obteve o doutorado em medicina em 1647, e estabeleceu-se em Veneza, produzindo e comercializando o célebre “sal viperinum” como remédio espagírico. Em 1677 publicou *Hippocrates Chymicus*, obra pioneira ao propor que sais e reações ácido-base influenciam a fisiologia humana, antecipando princípios da química orgânica moderna. Suas polêmicas com Helwig Dieterich e outros críticos renderam-lhe diversas defesas, como *Apologia contra falsarium et pseudo-chimicum Helwig Didericum* (1652), e consolidaram seu papel na transição da alquimia para a química médica.

já o havia descrito. Boerhaave²⁰⁰ também declarou tratar-se de um ácido acético, porém o mais forte que se poderia obter do vinagre.

A análise de Chenevix resolveu a questão; o *Spiritus Aeruginis* não é um ácido acético puro, pois contém O... (um espírito acético inflamável devido ao seu volume), e com isso justificou Zwelfer. Os dois Derones destilaram o acetato de cobre em quatro frações. A primeira parte era de cor clara e tinha um odor fraco; a segunda parte possuía um cheiro mais forte e uma cor mais escura; a terceira era ainda mais escura e tinha um forte cheiro de espírito acético inflamável. A quarta era ligeiramente amarelada e continha uma quantidade considerável de espírito acético inflamável (*Thenards Chemie*).

4. ACETONA A PARTIR DE FERRO

(*Agricola I. p. 418*)

O resíduo de destilação amarelado-preto do "*Eisenvitriol*" (sulfato ferroso) é repetidamente extraído com o auxílio de vinagre destilado. As soluções são evaporadas até restar um licor verde. Este é misturado com seixos calcinados e depois destilado. O destilado é digerido por algum tempo; então o fleuma é cuidadosamente extraído e o resíduo é retificado duas vezes a partir de um banho de areia, resultando em um óleo bonito e doce. Segundo Chevenix, o destilado de acetato de ferro contém espírito acético inflamável, considerando seu volume.

5. ACETONA A PARTIR DE ESTIBNITA

(*Tinctura et Oleum Antimonii Roger Baconis*)

(*Deutsches Theatrum chemic. III. p. 207*)

O minério de estibnita, finamente pulverizado, é colocado individualmente em água régia. Assim que estiver dissolvido, extrai-se o líquido e o resíduo é limpo. Esse resíduo é digerido com vinagre destilado durante 40 dias em banho-maria, adquirindo então uma cor vermelha como sangue. O líquido claro é vertido e adiciona-se novo vinagre, deixando-o digerir por mais 40 dias. Isso deve ser feito quatro vezes. O resíduo é descartado.

As soluções são reunidas em um balão; o vinagre é destilado e novamente cohobado, ou, se estiver muito fraco, adiciona-se vinagre fresco e, após dissolução, destila-se novamente. O resíduo é lavado com água doce até que toda a acidez desapareça. A substância, que se torna vermelho-brilhante, é seca ao sol ou com fogo brando.

²⁰⁰ **Herman Boerhaave** foi um médico, químico e botânico neerlandês cuja influência na medicina europeia do século XVIII foi profunda. Considerado o "pai da medicina clínica moderna", ele reformulou o ensino médico ao integrar a observação prática dos pacientes com fundamentos anatômicos e fisiológicos. Boerhaave também teve grande importância na sistematização dos princípios da química, aproximando-a da alquimia tradicional por meio de métodos mais empíricos, embora mantendo certa reverência aos processos naturais de transformação. Sua obra *Elementa Chemiae* consolidou a química como ciência autônoma e influenciou gerações de cientistas e alquimistas em transição para uma abordagem mais experimental.

A este pó vermelho adiciona-se *Spiritus vini* bem retificado e deixa-se totalmente em banho-maria por 4 dias para dissolver. A solução é colocada em um balão com um capitel em banho-maria; um recipiente é acoplado e o álcool é destilado a baixa temperatura. O álcool é adicionado novamente, destilado novamente, e este procedimento é repetido até que o álcool suba em várias cores sobre o capitel.

Nesse momento, é necessário um calor mais alto para fazer o álcool puro subir até o capitel, gotejando no coletor como um óleo vermelho-sangue. Este é o método mais secreto dos sábios para a destilação do muito louvado óleo de Antimônio, um óleo nobre, forte, de aroma agradável e poderoso.]

O destilado, a mistura de espírito de vinho e óleo, é colocado em um balão com um capitel, e o álcool é completamente destilado em banho-maria, o que pode ser determinado por algumas gotas de óleo que começam a passar. O álcool se conserva bem, pois ainda contém grande poder do óleo dissolvido nele.

No balão, encontra-se o óleo vermelho-sangue que brilha à noite como carvão incandescente; ele é utilizado para o aprimoramento alquímico dos metais.

O espírito de vinho, a Tinctura Antimonii, é um medicamento muito poderoso. Quando se sofre de gota e se tomam 3 gotas dissolvidas em vinho com o estômago vazio, a dor diminui; no dia seguinte segue-se um suor espesso, forte e de cheiro azedo, especialmente nas articulações, e no terceiro dia, mesmo sem medicação, ocorre uma purgação fácil. É igualmente útil para outras doenças graves.

QUINTA ESSENTIA OU ÓLEO DE ANTIMÔNIO DE BASÍLIO VALENTIM

(*Triumphal Chariot of Antimony, tradução de Kerkring, p. 147*)

Sobre um Vitrum Antimonii muito finamente pulverizado, verte-se vinagre destilado e, com agitação frequente para evitar uma assimilação, digere-se com calor suave até que o vinagre se tinja de um amarelo brilhante. Isso se repete até que o vinagre não se colore mais. As soluções são filtradas e o vinagre é destilado em banho-maria até que quase seque. Isso deve ser feito com extremo cuidado, pois um calor excessivo estraga a preparação. O pó avermelhado-amarelado precisa ser seco ao sol em temperaturas amenas. O pó é repetidamente lavado (edulcorado) para que toda a acidez desapareça. Depois, é finamente moído em um almofariz de vidro levemente aquecido; então, verte-se sobre ele espírito de vinho altamente retificado até uma altura de três dedos; digere-se e resulta uma tintura vermelho-brilhante. Esta tintura é digerida por um mês e, posteriormente, com um método especial (segundo o *Microscop. Basil. Valent. p. 109*, misturando com *Terra sigillata*), é destilada. Obtém-se assim um medicamento doce e agradável, na forma de um belo óleo vermelho, que é a Quinta Essência do Antimônio.

6. ACETONA A PARTIR DO POTÁSSIO

(*Agricola II. p. 15*)

Uma solução saturada de acetato de potássio é moldada em bolas com argila de oleiro. Estas são secas ao ar e depois destiladas de um balão. Um espírito forte, mas muito agradavelmente aromático, passa, branco como leite, que se deposita em toda parte nas paredes do recipiente, como um sal volátil. Deixa-se repousar por 24 horas e então se dissolve em um óleo amarelo, bonito e claro.

Pott (*Exercit. chym. de Terra foliat. Tart. p. 152*) menciona que, ao retificar uma parte de acetato de potássio com seis partes de vinagre por três vezes, durante a quarta vez metade do sal já passou volatilizado.

7. ACETONA A PARTIR DE ACETATO DE SÓDIO

Por minha iniciativa, em 1840, o farmacêutico Klauer²⁰¹ encarregou-se de sua preparação e relatou o seguinte:

Quatro libras de acetato de sódio forneceram 20 onças de destilado. A destilação em banho de areia foi completada dentro de 3 dias. O destilado foi então destilado em banho-maria; primeiro passou a acetona com um pouco de água, a acetona passando a 55°C. A destilação mais forte forneceu água, ácido acético e um pouco de óleo (*Metacetona*). O resíduo é um óleo escuro, de consistência espessa, que se dissolve facilmente na acetona.

Para manter a acetona isenta de água, ela é retificada sobre cloreto de cálcio. Das 614 onças de água contendo acetona, obtidas a partir de 4 libras de acetato de sódio, resultaram 4,5 onças de acetona isenta de água com as seguintes características:

1. Um líquido fino e incolor com um cheiro fino e penetrante, semelhante ao éter acético (*Essigäther*).
2. Miscível com espírito de vinho e éter em todas as proporções.
3. Peso específico: 0,708.
4. Facilmente inflamável, queima com uma chama muito brilhante e pouco fuliginosa, sem deixar resíduo.

A acetona produziu os seguintes precipitados:

²⁰¹ **Klauer** foi um farmacêutico espagírico ativo em meados do século XIX, autor do manuscrito *De Distillatione Aceti Sodii* (c. 1840). Nesse relatório, ele documenta a destilação fracionada do acetato de sódio em quatro frações distintas — acetona, água, ácido acético e um óleo inflamável chamado metacetona — demonstrando a transição das técnicas alquímicas clássicas para procedimentos do nascente campo da química orgânica.

1. Com óxido nítrico de mercúrio — amarelo e abundante.
2. Com óxido nitroso de mercúrio — preto.
3. Com sulfato de cobre }
4. Com acetato de cobre } — azul.
5. Com sulfato de óxido ferroso — esverdeado, depois amarelado.
6. Com sulfato de “Maagenoxydul” }
7. Com acetato de “Maagenoxydul” } — avermelhado.
8. Com cloro-ouro — separação de ouro metálico.
9. Com cloreto férrico — uma substância gelatinosa.
10. Com cloreto de mercúrio

A acetona é combinada com os dois óleos e foi prescrita por mim como medicamento sob o nome de *Spiritus Aceti oleosus*.

8. ACETONA A PARTIR DE ACETATO DE CÁLCIO

(*Poterii Opp. p. 612*)

Os corais são dissolvidos em vinagre destilado; a solução é vaporizada e o sal seco é colocado em um balão bem vedado. O fleuma é removido primeiro com temperatura baixa; depois, com um recipiente diferente, o espírito é destilado junto com uma pequena quantidade de óleo vermelho, ambos com cheiro muito agradável e vermelho-brilhante.

Quercetanus obteve 6 onças (170,1 gramas) de espírito de uma libra de sal de coral.

Em um experimento realizado em 1841, onde a acetona foi preparada a partir de acetato de cálcio, o produto diferiu daquele feito com acetato de sódio. Não tinha um cheiro tão picante, mas lembrava o pirolignito²⁰²; o sabor era menos refinado; o óleo

²⁰² **Pirolignito** (vinagre de madeira): fração líquida obtida por pirólise de madeira, rica em ácido acético (10–12 %), metanol e compostos fenólicos; pH 2,5–3,5 e densidade $\approx 1,05 \text{ g/cm}^3$; usada como conservante, biocida e matéria-prima para solventes.

empírico tinha gosto de queimado e um cheiro mais forte; portanto, não foi usado como medicamento.

Quanto às características químicas da acetona, observei o seguinte: em novembro de 1861, na farmácia, encontrei algumas onças de uma amostra antiga de *Spiritus Aceti oleosus*. Estava levemente amarelado e com todo o seu odor preservado. Uma amostra, quando combinada com ácido sulfúrico, tornou-se vermelho-escuro imediatamente, enquanto essa mudança de cor ocorreu muito mais tarde ao se usar a acetona de uma fábrica química.

Coloquei o recipiente de vidro, fechado com uma rolha de vidro esmerilhado, sobre o aquecedor traseiro. Após 14 dias, partes dele haviam evaporado e um óleo vermelho-rubi havia se segregado na superfície. Este último tinha cheiro de acetona; o gosto era amargo e persistente. Descoloriu o papel de tornassol para vermelho-cinábrio, enquanto a acetona pura mostrava apenas uma reação ácida fraca após vários minutos.

Adicionei meia onça (14,2 gramas) de acetona pura, que dissolveu o óleo instantaneamente.

Coloquei novamente o recipiente de vidro, ainda protegido com gesso, sobre o aquecedor traseiro. Após algum tempo, com o afrouxamento do gesso e a evaporação parcial do líquido, o óleo vermelho-rubi formou-se novamente e permaneceu desde então, mesmo quando removido do calor. Quando algumas gotas são misturadas com água, ele se separa rapidamente e deposita-se no fundo, mas o gosto da água é amargo como o óleo e cheira a acetona.

A PREPARAÇÃO DO KERMES

1. Neste método, não é necessário calcinar a estibnita antes da operação.
2. Deve-se escolher uma estibnita o mais pura possível, ou seja, um mineral cristalizado. Elimine manualmente o calcáreo e o enxofre, se houver.
3. Dilua a amônia comercial entre 1/5 e 1/10, isto é, entre 200 e 100 cm³ para um litro de água destilada ou água de chuva filtrada.
4. Agite continuamente a mistura de estibnita e amônia. Não exceda de 3 a 4 gramas de estibnita por litro da mistura.
5. Filtre a mistura através de papel.

Princípio da operação do kermes

Assim como a solução de soda ou potassa, a solução de amônia dissolve a estibnita (utilize cerca de 2,8 a 3 g por litro a 10%). No entanto, o ácido acético neutralizante é desnecessário. De fato, se a solução de amônia for aquecida, o gás escapa, pois a concentração possível do gás no líquido diminui com a temperatura. O poder de dissolução da estibnita diminui na solução. De repente, no espaço de alguns segundos, o líquido torna-se vermelho-púrpura. O aquecimento deve então ser interrompido urgentemente. O líquido é filtrado para recuperar o kermes. O líquido filtrado é reaquecido mais uma vez, o kermes reaparece subitamente e é novamente filtrado; e assim por diante até que não reste mais.

Nota: O gás amônia passa através de um tubo de dupla borbulha (já descrito neste curso), preenchido com água: desta forma, a amônia é recuperada e pode ser reutilizada.

A vantagem deste método é que o fino kermes vermelho carmim assim obtido não contém qualquer acetato parasita. Qualquer lixiviação posterior torna-se desnecessária.

Cuidado: Assim que a cor vermelha aparecer, todo o aquecimento deve ser imediatamente interrompido.

Todo vidro com junta esmerilhada deve estar firmemente fixado, já que há incríveis sobrepressões no balão assim que o kermes começa a precipitar.

Com o texto de Becker nesta lição e com as indicações práticas a seguir, nossos estudos sobre os acetatos estarão completos.

Precauções para a preparação do acetato

Exceto no caso do acetato obtido a partir do kermes preparado com soda, assim que o líquido (ou seja, o acetato de chumbo ou de antimônio) adquirir a consistência de mel, a evaporação deve ser interrompida e o acetato despejado no balão que será usado para a destilação seca. Obtenha a coagulação deste acetato em um recipiente aberto, do tipo Becker. Encha um Soxhlet equipado com um dedal de vidro com um pouco dessa substância coagulada. O Soxhlet é preenchido com álcool absoluto de pelo menos 99,5%. Deve-se vigiar a circulação. O acetato descolore-se rapidamente e, após cada sifonagem, o dedal deve ser examinado. Pare assim que o acetato estiver branco.

O resíduo no dedal é essencialmente acetato de sódio.

O acetato de antimônio que está no álcool é recuperado por destilação.

O acetato de sódio dissolve-se muito lentamente no álcool, enquanto o de antimônio o faz rapidamente; é a diferença na velocidade de dissolução que garante a separação, se a circulação for interrompida no momento certo. Como o acetato de potássio é mais solúvel, esse processo não resulta numa boa separação para o

acetato de kermes preparado com potassa. Já o acetato de kermes preparado com amônia não requer essa separação.

A eliminação do ácido acético

O *Oraculum* insiste na necessidade absoluta de eliminar o ácido acético livre de qualquer tipo de acetato (acetato de chumbo ou de antimônio).

O balão contendo o acetato possui um tampão de silicone equipado com um termômetro (até 150°C) e um tubo levando a um condensador.

O balão é então colocado num banho de óleo que deve ser suficientemente profundo para assegurar uma temperatura ligeiramente superior na superfície do óleo do que na base do tampão de silicone.

O banho de óleo deve ser mantido termostaticamente a 130°C. Esta temperatura é suficiente para eliminar qualquer possível resíduo alcoólico, ácido ou aquoso. O termômetro indica a temperatura dos vapores que passam e, conseqüentemente, sua natureza. Isso permite recuperar separadamente os líquidos removidos, especialmente o vinagre radical.

Se o banho de óleo for mantido corretamente a temperatura constante pelo termostato, o balão pode permanecer ali por dez horas para assegurar uma eliminação completa, sem risco de causar a decomposição do acetato; a temperatura deve ser uniforme e mantida a 130°C.

Após o resfriamento, álcool absoluto é despejado no balão a uma altura de 2-3 cm; o balão é colocado em uma incubadora a 40°C. Neste caso, o álcool já não precisa transformar o ácido acético livre em éter; sua tarefa se limita a uma extração preliminar do “óleo vermelho”.

Na destilação seca, o álcool permanece no balão. O álcool é recuperado separadamente no início da destilação seca.

Outra vantagem desse álcool é que ele realmente limpa o condensador em serpentina que mais tarde condensará o “óleo vermelho”.

Notas sobre o leão negro

Se, após o resfriamento, o leão negro for tratado com vinagre radical (seja fresco ou recuperado de operações anteriores), a coagulação do acetato causará a deposição de carvão negro, o que impedirá a recuperação do precioso resíduo, ou seja, o sal branco. Além disso, calcinar o leão negro não é isento de inconvenientes, já que sua temperatura de calcinação é crítica.

A solução prática:

- Espalhe o leão negro em pó em camadas finas de 1 a 2 mm de espessura, sobre azulejos de porcelana ou cerâmica.
- Toque o leão negro com um objeto incandescente. A combustão começará e rapidamente se espalhará por toda a sua superfície.
- Trabalhe constantemente a mesma substância, repetidamente, para produzir a quantidade máxima de ... a partir da mesma quantidade de mineral.

A destilação dos “vinhos filosóficos”

– O “vinho filosófico vermelho” e o “vinho filosófico branco” devem ser destilados várias vezes com o maior cuidado antes de serem utilizados da forma descrita abaixo.

– É importante não perder o espírito sutil durante estas destilações.

Portanto, assegure-se de que o resfriamento seja vigoroso, que a destilação ocorra em circuito fechado, e que haja segurança contra eventuais sobrepressões.

– Sempre destile o mais lentamente possível em banho-maria ou banho de óleo.

Uso dos “vinhos filosóficos”

– Coloque o sal no balão a ser usado como “ovo” (feito de pyrex, de 3 a 4 mm de espessura ou mais).

– Embeba-o com um pouco de “vinho filosófico branco” até o ponto de saturação.

– Deixe-o por uma semana em uma incubadora a 40°C.

– Embeba-o mais uma vez.

– Deixe por mais uma semana na incubadora a 40°C até que o sal esteja completamente saturado com o vinho branco.

– **Cuidado:** Assim que a embebição começar, parasitas ou bactérias são fatais para o trabalho.

– Depois que todo o sal estiver saturado com o vinho, embeba-o com o vinho vermelho lentamente para que não haja líquido excedente.

– Feche hermeticamente (um problema complexo para evitar o “Selo de Hermes” no início). Um bom adesivo parece ser a única solução prática.

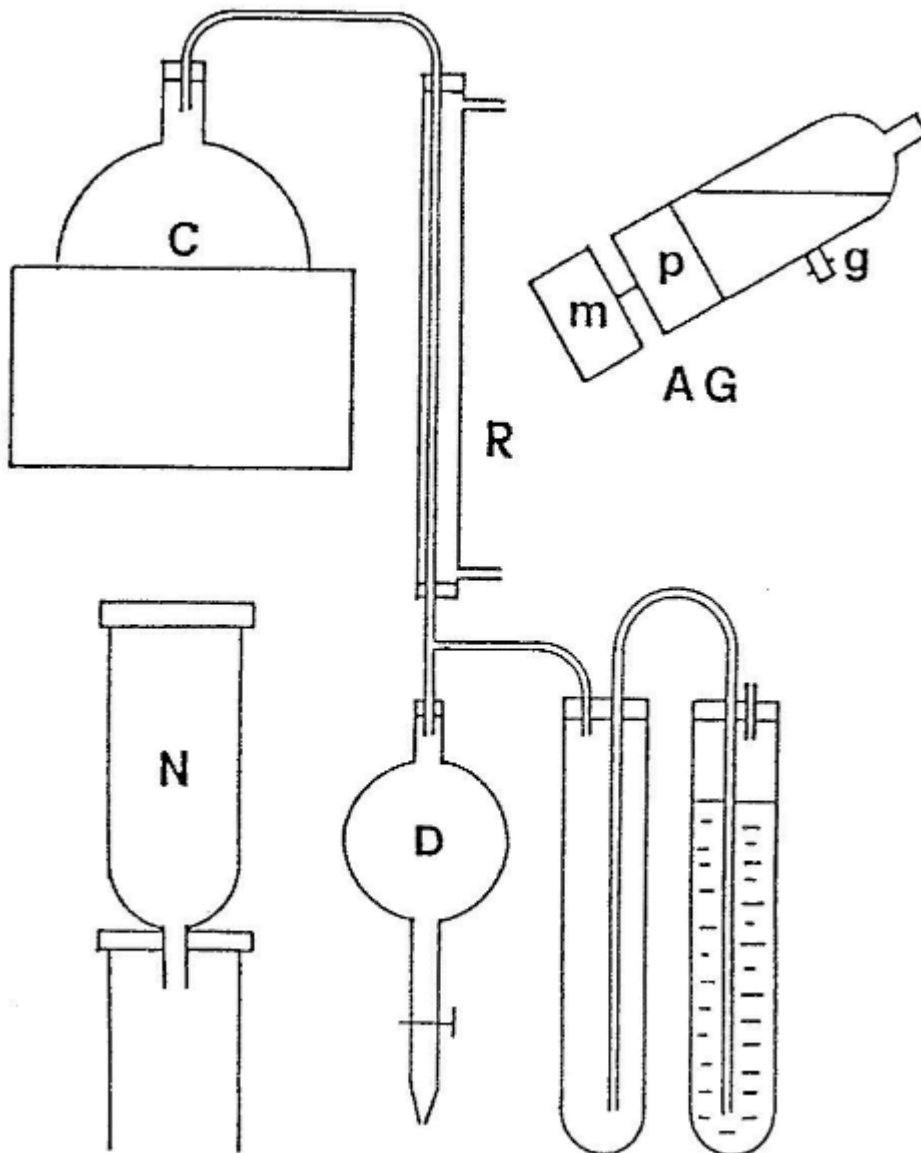
– Observe atentamente e com frequência a coloração. Se começar a tender para o vermelho, abra e adicione um pouco de “vinho vermelho”, mas com cautela, pois excesso pode causar explosão.

- Assim que a cor se tornar negra, feche o ovo fundindo o pyrex a partir do topo do gargalo com um maçarico. Não abra o balão para este procedimento.
- Em seguida, observe as mudanças de cor e ajuste adequadamente a temperatura da incubadora. Muitos autores dizem que, após o negro, o ovo não deve mais ser movido.

Nota: Segundo muitos autores, assim que o sal estiver saturado com vinho branco, todas as substâncias devem ser destiladas. O líquido branco destilado traz consigo um sal: este é chamado de Sal da Natureza. Só ele, então, é embebido com o vinho vermelho. Há muito pouco desse sal. O restante é idêntico. Se a quantidade de substância for suficiente, é aconselhável tentar ambos os caminhos.

ORA ET LABORA!

Figura e chave anexa: Kermes preparado com amônia



CHAVE PARA O KERMES DE AMÔNIA

A – G – (Agitação)

A amônia e a estibnita são colocadas no balão de vedação hermética (não liberando nenhum odor).

m – pequeno motor que gira o balão devido a **p – p** (que sustenta a base do balão). A velocidade de rotação não é crítica, contanto que seja lenta.

g – dois rolos de suporte.

N – Filtração em circuito fechado para evitar odores.

A base de **N** é preenchida com um rolo de papel de filtro.

C – Balão de evaporação.

R – Condensador para condensar os vapores de água.

D – A água é coletada.

Lição 40: Aforismos da LPN

Caro Amigo,

Nesta lição, você encontrará uma série de aforismos que se aplicam tanto às lições anteriores quanto às que virão a seguir. Embora, como dissemos, o estudo dos acetatos esteja agora concluído, voltaremos, no entanto, à extração do Leão Negro.

Para maior clareza, seguem as definições dos símbolos utilizados:

△ Fogo Universal

△☼ Fogo Solar Universal (determinado pelo sistema solar)

☼ Sal Harmônico, harmonizando a energia solar; assim, ☼ refere-se ao fogo que harmoniza o sistema solar, geralmente designado como "espírito".

eke

OS AFORISMOS LPN (Le Philosophes du Nature)

1. Se △☉ está presente, as operações são Filosóficas; se ausente, são químicas.
2. △ é a energia suprema em todas as coisas, especificada por nosso sol no △☉ para nosso sistema solar; ela se difunde por todo o planeta pela △.
3. A encarnação de △☼ em um corpo adequadamente adaptado constitui um medicamento universal.
 - a) Se o corpo for indeterminado, obtém-se o medicamento animal universal.
 - b) Se o corpo for animado pela semente da prata, obtém-se o medicamento metálico feminino universal.
 - c) Se o corpo for animado pela semente do ouro, obtém-se o medicamento metálico masculino universal.
4. Em estado sólido, o corpo está submetido às forças da terra +
Em estado líquido, o corpo está submetido às forças siderais, e especialmente ao △☼.

5. O Δ ☿ é mantido prisioneiro em um corpo sólido pelas forças da terra.

O Δ ☿ é liberado pelas forças da terra através da fusão; ele escapa se um Ímã não o reter.

6. O Δ ☿ possui uma dupla natureza:

- uma natureza sulfúrea masculina no niter ☿
- uma natureza mercurial feminina no ácido de Θ do mar ☿

(☿ pode representar Mercúrio, mas no texto anterior é o símbolo de um ácido mercurial.)

7. A dupla natureza de Δ ☿ encontra-se nos vitríolos, nas marcasitas e particularmente no δ .

8. No δ estibnificado bruto, o Δ contém a natureza sulfúrea, a semente do ☉
A natureza mercurial, ou seja, a semente feminina, está no régulo.

9. Os Ímãs adequados (ex.: manteiga de antimônio, sal do orvalho, tártaro branco calcinado, etc.) atraem o Δ ☿ e o incorporam na ∇ da deliquescência.

10. O Δ ☿ é determinado pela natureza do Ímã.

11. Na natureza, o Δ ☿ atravessa Δ , depois ∇ e então ∇ .

12. Na terra, o Δ ☿ de natureza metálica incorpora-se nos sete metais sucessivamente e sempre na mesma ordem, a saber: ♂ ♀ ♂ ♀ ♂ ♀ ♂ , para terminar com δ .

13. ♂ recebe o Δ ☿ virgem e indeterminado; os Antigos dizem que ele é bruto.
 δ recebe o Δ ☿ determinado pelos sete metais.
Basílio Valentim diz que δ contém os sete planetas e as sete cores.

14. Quando o Θ é repetidamente colocado em deliquescência com $\Delta\text{☿}$, essa repetição o torna volátil na ∇ da deliquescência.

15. A extração da ∇ a partir do Θ volátil só é possível após a digestão—putrefação. Sua natureza mercurial então se separa de sua natureza sulfúrea.

16. O Θ é o corpo da pedra. A união da natureza sulfúrea com a natureza mercurial produz a "criança química viva", na qual o $\Delta\text{☿}$ se encarna.

17. A criança química só pode ser aperfeiçoada se a matéria tiver alcançado o fim de sua evolução.

18. A evolução da matéria pode ser acelerada e conduzida ao seu término pela incorporação nela da consciência vital de outro reino:

- para a vida vegetal, o caminho úmido
- para a vida animal, o chamado caminho seco (Não existe um verdadeiro caminho seco, já que o estado líquido é uma fase indispensável para se libertar das energias da terra, mesmo que apenas através da fusão).

19. A extração do Θ

Os fleumas aquosos da destilação são o melhor líquido para a extração do Θ da matéria de onde eles surgem.

20. Nos caminhos minerais ou metálicos úmidos, o Θ só é extraído do "leão negro" quando todo o ♂ e ♀ tiverem sido extraídos; isso exige que o mesmo processo seja repetido sobre o mesmo metal.

Nota: a segunda operação após o "leão negro" e as seguintes são muito mais fáceis que a primeira.

21. Os fogos secretos dissolvem ou volatilizam sem a ajuda do fogo externo comum.

22. A transmutação alquímica só pode ser alcançada por dois processos:

- a) com o Δ ~~☿~~ encarnado em Θ purificado e determinado por uma semente.
- b) por uma série de cohobações com um líquido carregado com Δ ~~☿~~ mercurial ou sulfuroso sulfúrico.

23. Durante as operações, não esqueça que:

Δ Δ ativo = volátil
 ∇ ∇ passivo = fixo

O ativo não pode operar sem o passivo.

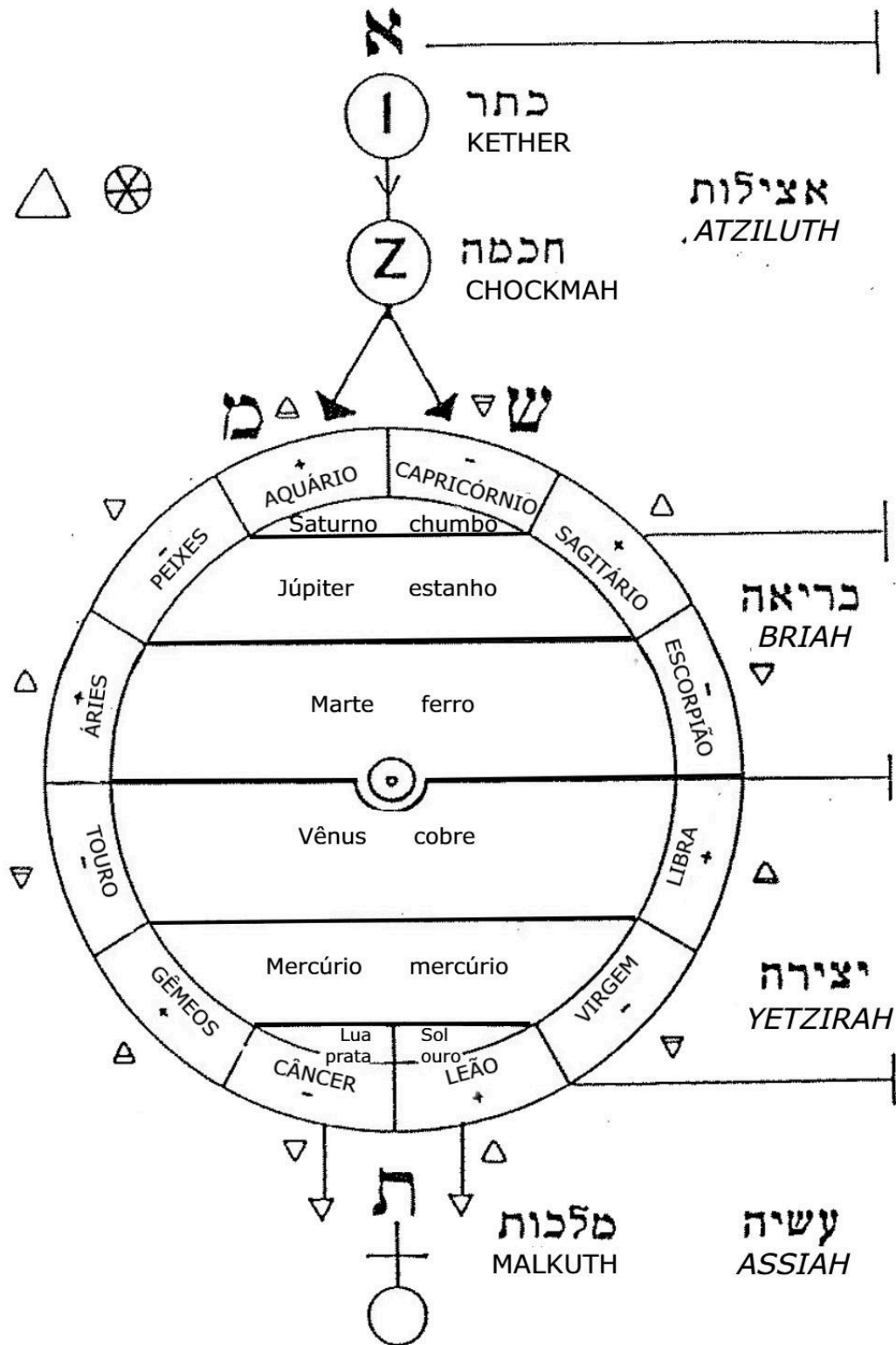
24. Se a semente de ouro não estiver presente no minério, ou se tiver sido descartada, a semeadura com ouro natural é necessária.

25. No caso do régulo marcial do antimônio, a semente de ouro é descartada na primeira escória.

ORA ET LABORA!

FIGURA ANEXA:

O Céu Químico²⁰³



²⁰³ Curso de Qabala de Jean Dubuis Lição 24 — Estrutura Oculta do Homem. Referência ao conceito de "céu químico" como plano intermediário entre os mundos espirituais e materiais, associado à descida da energia de Mezla.

Símbolos Alquímico-Qabalísticos

1. Em Atziluth, o mundo superior, a energia A entra através de Kether, a Unidade.

2. Em Chochmah, o zodíaco, a energia se diferencia; o mundo da dualidade é adentrado.

3. O Δ  entra através de Saturno no Topo dos Céus e se divide em duas partes:

— uma parte positiva, Shin, no signo de Capricórnio;

— uma parte negativa, Mem, no signo de Aquário.

4. A energia da Água percorre os signos de: Aquário, Peixes, Áries, Touro, Gêmeos, Câncer.

A energia do Fogo percorre os signos de: Capricórnio, Sagitário, Escorpião, Libra, Virgem, Leão.

5. O chumbo está em Atziluth.

6. O estanho, o ferro, o Sal Harmônico e a Semente do Ouro estão em Briah.

7. O cobre, o mercúrio e a prata estão em Yetzirah.

Nota: Câncer — Prata | Leão — Ouro

8. Em Assiah, Malkuth, o metal do antimônio recebe as energias da prata e do ouro.

9. Todo o ciclo começa com Aleph e termina com Tau, exatamente como o ciclo de Alfa a Ômega.

10. O ciclo dos elementos é:

— para Shin: Terra Fogo Água Ar Terra Fogo

— para Mem: Ar Água Fogo Terra Ar Água

Lição 41: O Caminho do Antimônio

Caro Amigo,

Vamos agora estudar os aforismos de Urbiger ²⁰⁴, que tratam exclusivamente do caminho do antimônio.

Os aforismos descrevem três métodos diferentes em um único texto:

- a) o método utilizando o régulo marcial do antimônio, no qual a semente de ouro é recuperada na escória da primeira fusão.
- b) o método utilizando o régulo marcial do antimônio, no qual a semente de ouro é fornecida por ouro comum.
- c) o método do antimônio "bruto" que, aliás, parece ter sido o utilizado por Urbiger. A semente de ouro é extraída do enxofre da estibina.

O estudo deste texto será completado e enriquecido com os comentários de S. Bacstrom, aqui incluídos em *itálico*, e mais adiante por dois outros textos: um de Roger Bacon e outro de Paracelso.

A criação da manteiga de antimônio com sublimado corrosivo descrita nesses textos não deve ser tentada, pois existe um método muito menos perigoso, que será apresentado em uma lição futura.

CHAVES SIMBÓLICAS

 amalgamar

 espírito

 regulus

 retorta

 ácido

 tintura vermelha

 dia e noite

²⁰⁴ **Urbigerus** (também referido como **Urbiger**) é o autor do tratado alquímico "**Aphorismi Urbigerani**" (1690), um clássico da alquimia hermética. Seus aforismos detalham a preparação do *Mercúrio Filosófico* e as operações da *via seca*, com ênfase na regeneração da matéria e na união dos princípios alquímicos. Sua obra influenciou alquimistas posteriores ao propor que a verdadeira transmutação ocorre pela purificação dos elementos internos — não apenas pela manipulação dos metais externos.

☿ aqua fortis

☿ ?

☿ cadinho

☿ solvente

☿ caput mortuum

☿ sublimação

☿ sublimado

☿♂☿ regulus marcial do antimônio

☿ pó

☿ nitro

☿ vitriol

☿ arsênico

☿ cinabrio

☿ serpente - mercúrio sublimado

☿ sal do antimônio

☿ kermes

APHORISMI URBIGERANI

*ou Certas Regras que Demonstram Claramente as
Três Maneiras Infalíveis de Preparar o*

GRANDE ELIXIR

dos Filósofos

-
1. *A Ciência Hermética consiste apenas no correto Conhecimento da primeira matéria dos Filósofos; que está no reino mineral, ainda não determinada pela natureza.*

Nota: Este é o processo de Artephius, Flamel²⁰⁵ e Monte-Snyder²⁰⁶.
Artephius e Monte-Snyder apontam que o sujeito mineral mais claro é ♂.

2. A matéria indeterminada, sendo o princípio de todos os metais e minerais, segue-se que assim que alguém tiver a felicidade de conhecê-la e concebê-la, poderá facilmente compreender também suas naturezas, qualidades e propriedades.

A matéria indeterminada é ♂.

Embora algumas pessoas, possuídas de noções tolas, sonhem que a **Primeira Matéria** deva ser encontrada apenas em algum lugar particular e em tal ou tal época do ano e pela virtude de um Ímã Mágico; estamos mais certos (segundo nosso Divino Mestre Hermes) de que todas essas suposições são falsas. Pois ela deve ser encontrada em toda parte, em todos os tempos, e somente por nosso próprio país.

3. A Arte Hermética consiste na verdadeira manipulação de nosso sujeito divino indeterminado (♂), que antes que possa ser elevado ao mais alto grau de perfeição, deve necessariamente passar por todas as gerações alquímicas.

3 & 4. A primeira matéria original, que anima o Ar atmosférico e faz com que ele se torne Ar Vital Δ, manifesta-se em calor e luz. Mais adiante, em espírito é incorporado em ⊕ e ⊕, a mesma Matéria é atraída e fixada em nosso sujeito mineral ♂ e aí aparece o 'TRIUNFO HERMÉTICO' por Sendivogius²⁰⁷ e outros Filósofos.

²⁰⁵ **Nicolas Flamel** (c. 1330–1418), escrivão e livreiro parisiense, tornou-se célebre por sua associação à alquimia e à suposta criação da **Pedra Filosofal**. Segundo a lenda, teria decifrado um manuscrito cabalístico que revelava os segredos da transmutação dos metais e do elixir da longa vida. Sua obra mais conhecida é o *Livre des Figures Hiéroglyphiques* (1612), atribuído postumamente. Flamel e sua esposa Perenelle são figuras centrais na tradição hermética e na cultura esotérica europeia.

²⁰⁶ **Johannes de Monte-Snyder** (c. 1625–1670), alquimista alemão da era barroca, é lembrado por suas transmutações públicas e por obras como *De Medicina Universali* (1662) e *Metamorphosis Planetarum* (1663). Considerado um hermetista enigmático, influenciou pensadores como Isaac Newton, que traduziu seus escritos e manteve cópias autografadas. Sua fama se espalhou pela Europa, chegando à corte do imperador Leopoldo I, onde teria realizado transmutações de metais diante da nobreza.

²⁰⁷ **Michael Sendivogius** (1566–1636), alquimista, médico e filósofo polonês, é reconhecido por sua obra *Novum Lumen Chymicum* ("Nova Luz da Química"), publicada em 1604. Considerado um dos poucos alquimistas que teria dominado os segredos da Pedra Filosofal, Sendivogius desenvolveu uma teoria da matéria baseada na existência de "sementes" nos metais e na ação do salitre como veículo do "espírito vital" presente no ar — substância que hoje identificamos como oxigênio. Seus escritos, cifrados em linguagem hermética, influenciaram alquimistas posteriores e anteciparam descobertas químicas modernas.

Aqui, torna-se evidente que o Triunfo Hermético é uma excelente anotação sobre os Aforismos de Urbigerus, os quais o ilustram tanto quanto razoavelmente se pode esperar em tão pequeno tratado.

Artephius aponta muito claramente uma matéria devidamente feita e bem retificada: Butyrium Antimonii Martiale, que depois flui muito livremente, enquanto o ☉ está em ♈, ♉, ♊ a fim de atrair o ☉ astral – vide “Triunfo Hermético”.

¹ Dubuis: veja o segredo oculto de Artephius e o livro de Abraham, o judeu²⁰⁸.

² No texto de ‘Dubuis’: duas matérias indeterminadas são mencionadas. A primeira, a antinomia, que é usada como um Ímã para atrair a segunda, a matéria mineral, mais conhecida.

5. *Nossas operações químicas são estas: Amalgamação, (atação), sublimação, dissolução, filtração, cohobação, destilação, separação, reverberação, imbibição e digestão.*
6. *Quando chamamos todas essas operações de nossas, elas não devem ser entendidas conforme as operações comuns dos filosofos dos metais, cuja indústria consiste apenas em disfarçar os sujeitos a partir de sua forma e natureza originais; a nossa é realmente transfigurar nosso sujeito, ainda assim conservando sua natureza, qualidade e propriedade.*
7. *Este, nosso sujeito, depois de ter passado por todas essas operações artificiais, que sempre imitam a natureza, é chamado de **Pedra Filosofal** ou **Quinta Essência** (Q.E. = Quinta Essência) dos metais, sendo composto da essência dos quatro elementos.*

Terminando em um Agente universal corpóreo ou Δ corporificado.

8.

Os metais e minerais que a Natureza já determinou, embora possam ser

²⁰⁸ **Abraham, o Judeu** é uma figura lendária da tradição esotérica europeia, conhecido principalmente como o autor do *Livro da Sagrada Magia de Abramelin*, um grimório do século XV que descreve um sistema de magia cerimonial voltado à obtenção do contato com o Anjo Guardião. O manuscrito, escrito originalmente em francês, teria sido baseado em ensinamentos recebidos por Abraham durante uma viagem ao Egito, onde conheceu o mago Abra-Melin. A obra influenciou profundamente ordens ocultistas como a *Golden Dawn* e pensadores como Aleister Crowley. Apesar de sua importância no ocultismo moderno, não há evidências históricas concretas sobre a existência real de Abraham, o Judeu, sendo considerado por muitos estudiosos uma figura simbólica ou pseudônima.

retrogradados novamente ao estado ☿ ∇ e **Vapor**, de modo algum podem ser considerados como a primeira matéria dos Filósofos.

9. Nossa verdadeira e real matéria é apenas um **Vapor** ⚡ impregnado com a semente metálica, ainda indeterminada, criada pelo Deus Todo-Poderoso, gerada pela **concordância e influência² do astral** ☼ contido nas entranhas da Terra como matriz de todas as criaturas.

Butyr: ☿ é um Vapor – é um ⚡ altamente concentrado de ☾ marinho ∇ que carrega sobre si ☿☿☿ estelar, que é chamado ☿ . Dá assim as indicações da necessária magnetização e atração dos ingredientes com seus espíritos internos.

10. Esta **Nossa Matéria** é chamada de indeterminada, sendo entre metais e minerais sem ser nenhum dos dois. E tem em si o poder de produzir ambos de acordo com o sujeito que encontra.

11. ☿ é **Marcassita**. Uma **Marcassita** é, sem dúvida, um meio entre minerais como ⚡, ☼, ☿, ☿, **Níquel e metais afins**, ou seja, metais fusíveis, maleáveis e dúcteis.

12. Tal Vapor metálico, rapidamente condensado dentro dos intestinos da Terra, é chamado de **Dragão Verde determinado³**, de onde encanta a serpente com a beleza de sua luz interna do Δ **adicional**, chamado **Dragão Verde dos Filósofos**. Sem o verdadeiro conhecimento e a correta manipulação dele, nada pode ser feito em nossa Arte.

² 'In Dubuis': pela concordância e influência harmoniosa.

³ 'In Dubuis': o determinado Dragão Verde.

11. O vapor metálico nas minas é chamado de CLIMA e gera todos os metais, cuja vida é ⚡ mas o corpo é ☿

Encantar a serpente (☿) acredito que signifique a união de ☿ com ☿ do ☿.

A serpente é ☿ às vezes ☿ quando ela segue para o butyrum ²⁰⁹.

O Dragão Verde determinado é o Butyrum após a animação, e o Dragão Verde é o ♁ Filosófico.

12. *O Dragão Verde é o ouro natural dos Filósofos, extremamente diferente do vulgar, que é corporal e morto, tendo chegado ao período dnos que seja primeiro regenerado pelo nosso ∇ Mercurial; mas o nosso é espiritual vivente, possuindo em si mesmo e em sua própria natureza a faculdade geradora, tendo recebido a qualidade masculina do Criador de todas as coisas.*

Quando o ☉ fino é dissolvido em nosso ☿ simples, ele é então regenerado, que é o longo caminho de Urbigerus e Irineu Filaeto²¹⁰. "Chegar à perfeição", significando que ele se torna Nosso ☉.

13. *Nosso ☉ é chamado de natural porque não é feito pela Arte, e como é conhecido apenas pelos verdadeiros discípulos de Hermes, que sabem como separá-lo de seu caos original. Também é chamado de Filosófico; e se Deus não tivesse criado este primeiro caos de ☿ e de todos os corpos, toda a habilidade e a constituição do Grande Elixir seriam em vão.*
14. *Este caos ou Dragão Verde Indeterminado, sem a adição de qualquer outra coisa, sabemos como, através do nosso Menstruo Universal (Δ), extrair o centro dos princípios necessários para a realização da nossa Grande Obra; o que nos dá a base para fabricar o Grande Elixir. Como este nosso primeiro caos (☿) deve ser extraído das entranhas da terra, em vez de ser escavado das minas (☿), é justamente chamado de "O único caminho dos pobres"*

Este Dragão Verde Indeterminado é o ☿ bruto, que contém um ☿ e ☿, e por meio de e ☿, por meio do Menstruo Universal, o Agente Universal (Δ), ele é

²⁰⁹ **Butyrum**, refere-se a uma substância alquímica de natureza oleosa e altamente volátil, frequentemente associada ao mercúrio espiritual (☿). Sua principal característica é a capacidade de atuar como um agente de ligação entre os princípios fixos e voláteis durante os processos de destilação e separação alquímica. O Butyrum possui propriedades sutis e espirituais, sendo essencial para a extração e elevação dos componentes mais elevados da matéria.

²¹⁰ **Irineu Filaeto (Irenaeus Philaletha)** (século XVII), pseudônimo atribuído ao alquimista anglo-americano George Starkey, é autor de alguns dos tratados mais influentes da alquimia hermética. Sua obra mais conhecida, *Introitus apertus ad occlusum regis palatium* ("Entrada aberta ao palácio fechado do rei", 1667), apresenta em linguagem simbólica os processos alquímicos de transmutação metálica e obtenção da Pedra Filosofal. Admirado por cientistas como **Isaac Newton** e **Robert Boyle**, Filaeto combinava prática laboratorial rigorosa com especulação filosófica, sendo reconhecido como um dos principais expoentes da alquimia espiritual e experimental do período barroco.

reduzido a umidade lunar, que se torna nosso ☿ simples.

15. Os filósofos no primeiro caminho começam de maneira semelhante aos do nosso segundo, dissolvendo este Dragão Indeterminado (♁) com o nossa serpente; ambos evitamos recepções ao ar livre; mas o segundo fornece instruções tanto para o segundo quanto para o primeiro.

Quando unimos o nosso Dragão indeterminado bruto ♁, com a nossa Serpente, com ☿ corrosivo, se você usar o ☿ e ☿ bruto, você obtém o Cinábrio de ♁, que contém o ♀ externo de ♁. Se você usar o ☿♂ e ☿, você não obterá Cinábrio de ♁, pois o ♀ externo de ☿ foi separado e está contido na primeira escória, quando o ☿♂ é feito.

Nota: Parece que Urbigerus usou apenas o bruto ☿ e não o ☿♂.

16. Nossa Serpente (☿), que também está contida nas entranhas da terra, sendo, de todas as coisas criadas, o sujeito mais próximo de uma natureza feminina em relação ao nosso Dragão, através de sua copula, uma Semente Astral e Metálica, contendo os nossos elementos, é gerada, que pode, embora com um pouco mais de custo e tempo, realizar todo o Magistério de Hermes.

Nossa Serpente, isto é, ☿ e ☿ corrosivos. nosso Dragão, ou seja, o bruto ♁, ☿ está contido nas minas de minério de Cinábrio, e em uma forma fluida.

Nota: ☿ é sublimado pela Arte.

Nota: ☿ é ☿ sublimado pela Arte.

17. Como nossa Serpente é, de todas as coisas criadas, o sujeito mais próximo de uma natureza feminina em relação ao nosso Dragão, ela deve, após sua copulação, ser tomada como base do nosso trabalho filosófico. Pois de suas entranhas, sem a ajuda de qualquer outro metal ou mineral, devemos extrair nossos princípios ou elementos, necessários à nossa Obra, sendo retrógrados por nosso Menstruo Universal (pelo ♀, ou melhor dizendo, pela Luz Solar e pela umidade Lunar)

Nossa Serpente ☿ ou ☿. “Nosso Dragão” é ♁. A última frase acima significa o princípio vital no ♀, descendendo do Sol, da Lua e das Estrelas. Influências Astrais.

18. Este sujeito feminino (☿) não pode ser retrogradado a menos que a libertemos de suas impurezas e qualidades heterogêneas, o que deve ser feito por meio de suas partes homogêneas (por seus iguais). Assim, ela

poderá estar em melhor condição para receber o Amor Espiritual do nosso Dragão Verde (♂).

♀ Esta purificação é feita por sublimação. As impurezas de ♀ são ∇ e ∇ arsenical, ♀ é um ∞ fluido, ∞ permanece ∞ em ♀, ♀ em ♀, e ⊙ em ⊙. A união com ♂ ou ☿♂ forma o butyrum.

19. *Depois que nossa Serpente tiver sido acorrentada, penetrada com o sangue do Dragão Verde e impulsionada 9 ou 10 vezes pelo combustível Δ ao Δ elementar, se você não a encontrar extremamente furiosa e extremamente penetrante, é um sinal evidente de que você não atingiu o nosso sujeito, ou então não compreendeu a noção da[6] Homogênea ou suas proporções.*

[6] Dubuis: a noção da união dos Homogêneos

Depois que ♀, foi sublimado (a corrente é o ⊕ do ⊖ marinho) – No ⊖ marinho repousa o ♀ universal. como ⊕ está no ⊕ natural.

Penetrante: Le. unido ao ♀, vitae, destilado em butyrum, e esse butyrum retificado 9 ou 10 vezes torna-se extremamente furioso, ou seja, venenoso e penetrante (A proporção é aa).

20. *Nesta serpente furiosa, depois de ter sido dissolvida pelo Menstruo Universal, filtrada, evaporada e congelada 9 ou 10 vezes, não se eleva em forma de nuvem nem se transforma em nosso Leite Virginal ou em nossa ∇ argêntea metálica, de forma alguma corrosivo e ainda assim, insensivelmente e invisivelmente, devorando e alterando tudo o que se aproxima dela, fica evidente que você erra na noção do seu Menstruo Universal (Δ).*

A Serpente furiosa é o butyrum retificado em Cristais, que deve ser magnetizado e atrair o Princípio Universal do Sol, da Lua e das Estrelas na Estação da Primavera, durante dias e noites serenos, de modo que flua por delíquio.

A serpente furiosa ou o butyrum fumegante deve ser cuidadosamente animado com o Cinábrio de ♂ ou com a scoria primae, caso você use ☿♂. Depois, retifique até que o butyrum atinja um tom alaranjado ou vermelho profundo.

NOTA: O COMENTÁRIO ABAIXO DO DR. BACSTROM FOI RISCADO NO MANUSCRITO ORIGINAL, MAS O INCLUÍMOS PARA COMPLETUDE.

Este Nº20 é difícil de explicar. Significa, depois que ele atraiu, e o butyrum fluiu por delíquio, ele o filtra por papel, depois evapora a umidade supérflua e o congela, ou seja, obtém novamente o butyrum cristalizado, mas isto é MUITO perigoso, pois os vapores provenientes do ☉ e ☿ são MORTAIS no ato ao serem inalados e, portanto, essa evaporação deve ser feita por destilação.

[7] Dubuis: depois que ele atraiu as influências celestiais”

21. *A Serpente de que agora falo é a nossa verdadeira Água das Nuvens, ou a verdadeira Águia e Mercúrio dos filósofos, muito diferente do ☿ vulgar, que é corporal, grosseiro, morto e cheio de qualidades heterogêneas, sendo um sujeito caído de sua esfera, como fruto verde caído da árvore. Nossa água é Espiritual, Transparente, viva, residindo em sua própria Esfera como um rei em seu trono. (☿ é o símbolo do Monte-Snyder).*

Ou seja, o butyrum magnetizado, atraído, purificado e destilado como um vapor, que é a verdadeira Águia e Mercúrio dos Filósofos, ou seja, o ☿ simplex, e ele deve atravessar (no processo de destilação) sem umedecer o alambique, como o S.V.R. (Spiritus Vini Rectificatus).

*"Espiritual, Transparente, vivo, residindo em sua própria Esfera (no Vidro)"
"☿ Universal descendo de ☿ acima e penetrando no centro do butyrum ☉"*

22. *Embora o vulgar ☿ seja tal fruto verde, corporal e morto; ainda assim, se você souber como amalgamá-lo com o nosso Dragão (☉) e retrógradá-lo com o Menstruo Universal ☿, pode ter certeza de que também a partir disso você conseguirá preparar um ☿ Filosófico, com o qual certamente produzirá o Grande Elixir, descobrirá o Segredo dos Segredos, abrirá as fechaduras mais difíceis e comandará todos os Tesouros do Mundo.*

Isto é apenas uma repetição dos aforismos 18 e 19: combinar ☿ com o nosso Dragão (☉) é misturar ☿ com o ☉ cru ou com ☿☉ para destilar um butyrum a partir disso, que deverá ser animado por uma ☿ retrógrado com o Menstruo Universal[8]. Trata-se da magnetização, impregnação ou liquefação do butyrum cristalino pelo ☿, pelo Sol, Lua e Estrelas, digerido e fermentado ou putrefato. Este Aforismo 22 prova que esta é a sua segunda via. Sua primeira via é a do ☉ per se.

[8] Dubuis: que deve ser animado pelo Menstruo Universal

23. O nosso ☿ é chamado de ☿ dos Filósofos, o qual não se encontra pronto e preparado em nossas mãos, pois deve, necessariamente, ser feito por nossas preparações filosóficas a partir do primeiro caos, e embora seja artificial, ainda assim é naturalmente preparado. A Natureza, que é imitada na sua preparação, contribui também para isso por meio da magnetização.

O nosso ☿, ou seja, ☿ simplex. O "primeiro caos" é o butyrum putrefato, magnetizado e liquefeito, que, pela putrefação, torna-se um Verdadeiro Caos. O primeiro Caos é a mistura do ☿ cru ou ☿♂☿ com ☿ corrosivo. A Natureza, pela atração, liquefação e putrefação, contribui para a obtenção do ☿ simplex dos Filósofos.

24. Já que o nosso sujeito não pode ser chamado de Serpente ígnea dos Filósofos, nem ter o poder de superar qualquer coisa criada antes de ter recebido tal virtude e qualidade de nosso Dragão Verde e do Menstruo Universal; pelos quais ele próprio (☿) é primeiro superado, devorado e enterrado em suas entranhas, segue-se que tal Virtude de Matar e Vivificar é natural ao ☿ nosso Dragão e ao Menstruo Universal Δ. (Nosso Dragão ☿ contém um ☿ leia-se ☿ ou ☿ Vitae.)

25. Nosso sujeito, ou seja, o nosso ☿ — ele se refere aqui ao butyrum. Do nosso Dragão Verde ☿, ou seja, ☿♂☿ stellatus, o Leão Verde de Ripley, e o Menstruo Universal, ou seja, o Mar dos Filósofos, a atmosfera, o ☿♂☿.

Nosso sujeito, nosso ☿, recebe sua virtude do ☿ ou ☿ Vitae presente no butyrum e do ☿ astral ou o agente universal Δ, comunicado a ele por atração.

O Menstruo Universal dos Filósofos é aquele Celestial, sem o qual nada pode viver nem subsistir no Mundo. É também aquele nobre Campeão (Perseu) que liberta a Virgem incorrupta, Andrômeda, que estava acorrentada fortemente à rocha, sob o poder do Dragão. E cujo amor espiritual, tendo admitido por medo de ser externamente arruinada e devorada pelo Dragão (o que não poderia ter sido evitado, se este nobre campeão Δ, a Luz, Δ não tivesse vindo em seu auxílio), está destinada a dar à luz uma criança, que será a maravilha das maravilhas, e um prodígio da natureza (☿).

Isto confirma que estou certo ao explicar o menstruação universal dilatado no Δ : Uma alegoria em Ovídio descrevendo a liquefação do butyrum ☿.

Perseu é o agente universal Δ manifestado na Luz, enviado a nós pelo ☿ e aos mundos mais distantes pelas estrelas fixas ou Sóis. A Virgem Andrômeda é o ☿ filosófico contido no butyrum, na concentração de ☿ do ☿

marinho do ☿ e no ☿ Vitae, ou no ☿ volatilizado

.Esta ANDRÔMEDA é simplex, duplex e triplex, como você verá pela sequência:

SIMPLEX: É o ☿ metálico filosófico.

DUPLEX: Quando é tingido com o Δ vermelho, ou o Δ interno oculto no ☿ Vitae, e se torna vermelho-sangue (ou seja, ÁGUA DOURADA).

TRIPLEX: Quando o ☿ fixo é unido a ela e se transforma na medicina de primeira ordem ☿. O ☿ filosófico está preso à rocha (♄) com uma corrente forte, com o ☿ do ☿ marinho e no ☿ corrosivo: cujo ☿ concentrado do ☿ segura e suspende o ☿ do ☿ Vitae e o volatiliza.

Antes da magnetização, ou liquefação, mas por purificação, esse ☿ Vitae finalmente se deposita no fundo, enquanto Andrômeda, ou ☿ Sophorum Simplex, é libertada pela destilação. Atenha-se à sutileza e à invenção dos antigos filósofos.

ORA ET LABORA!

Lição 42: Mercúrio Filosófico, Óleo vermelho e o Caminho do Acetato de Chumbo

Caro Amigo,

Após os Aforismos de Urbiger, estamos apresentando um texto proveniente da obra alemã *Oraculum*. A seção incluída nesta lição traz alguns detalhes interessantes sobre o caminho do acetato de chumbo.

OS AFORISMOS DE URBIGERUS (continuação)

26. Se a nossa Virgem, durante seu confinamento, antes de ser libertada, não manifestar sua extrema beleza, com todas as suas diversas e delicadas cores naturais internas, maravilhosamente encantadoras e muito agradáveis aos olhos, isso significa que ela ainda não atraiu suficientemente a companhia espiritual do Dragão (♄).

Nossa Virgem, o ♀ filosófico, Simplex. Enquanto você destila e retifica o butyrum, pode ver todas as belas e delicadas cores do arco-íris no gargalo da ☿ e, às vezes, também no recipiente, o que eu mesmo já contemplei muitas vezes com grande deleite. Isso indica que o butyrum ainda não carregou completamente o ☿ ou o ♀ Vitae, que contém internamente a tintura ♀ ou ☿ do ☿ ou ☿ de ☿ e ☿. Este ☿ é o causador dessas belas cores, ☿ é o pai de todas as cores e tinturas.

27. Se o Menstrúo Universal ainda não libertou totalmente a Virgem das garras do Dragão, é sinal de que ou ela ainda não estava suficientemente livre de suas qualidades heterogêneas, ou que não recebeu do calor externo uma qualidade suficientemente penetrante, ou ainda que o Menstrúo Universal estava fraco demais para cumprir sua função.

Se o Menstrúo Universal, o Δ, ou melhor dizendo, o agente universal Δ,, Luz, Calor e Frio Lunar ou Umidade Lunar, causando o Δ Vitae, não libertou a Virgem, o ♀ filosófico Simplex, por meio da sua atração e liquefação, das garras do Dragão, daquele butyrum corrosivo que mantém o ♀ filosófico aprisionado em ♀, isso é um sinal ♀ de que o menstrúo universal era demasiado fraco, ou seja, que você não atraiu nem liquefez por tempo suficiente ou com a frequência necessária. Assim, Van Outer está errado em Digby (página 8), onde fala de apenas uma hora de atração.

28. Para saber se a ☿ção, sublimação, dissolução, filtração, coagulações e destilações foram naturais e filosóficas, todo o corpo da Serpente deve ser transportado de forma espiritual e transparente, deixando apenas algumas

poucas e muito leves fezes no fundo. Estas, por nenhuma arte, podem ser reduzidas a um ☿ fluido ou a qualquer outro tipo de substância metálica.

Isso se refere à última destilação do ☿ simplex atraído, digerido, desfleumado e destilado. Deve sair como uma nuvem ou vapor enevoadado, e então é o ☿ simplex (não corrosivo de forma alguma, diz o autor: Sim, está certo!).

Durante essa última destilação para obtenção do ☿ filosófico, ou seja, da Virgem Andrômeda, não devem permanecer fezes. Pelo menos, não daquelas que possam ser reduzidas a um ☿ fluido ou a uma substância metálica.

29. Depois de todas essas operações mencionadas e da separação da nossa Serpente, se for $\overline{\text{ada}}$ -ada a qualquer metal, puro ou impuro, ela não suportará a fusão. Será em vão que você vá mais longe com isso, pois você pode ter certeza de que não está caminhando nos verdadeiros caminhos da Arte Hermética.

Após a separação do ☿ filosófico simplex de sua própria ∇ Branca como Neve precipitado, que ∇ é um ☿ Vitae, ou um Ξ delicado e altamente puro contendo o Δ filosófico, um $\ominus$ metálico fixo para a Grande Obra, por si só, sem o ouro comum, se a nossa serpente, ou ☿ Vitae, ou ∇ , não puder suportar a fusão, etc. (Sei com certeza que pode ser fundido com qualquer metal).

30. Nossa destilação filosófica consiste apenas na separação correta do nosso ☿ espiritual correto e de toda a sua substância oleosa e venenosa (dos corrosivos ys), substância esta que não tem nenhuma utilidade em nossa arte, e também do $\$$? que fica para trás após a primeira destilação (quando você fez o butyrum $\odot$ pela primeira vez).

Isso é bastante explicativo. Nosso ☿ Z espiritual, ou seja, nosso ☿ . simplex atraído, a Virgem, deve ser separada pelas destilações mais suaves, do butyrum oleoso e venenoso. Então, acredito que esse ☿ espiritual SZ não precisa mais ser corrosivo, desde que esteja livre do 4 ou ☿ vitae, que é justamente o que torna o butyrum $\odot$ tão venenoso e perigoso quando quente e enquanto está unido ao $\oplus$ do $\ominus$ marinho.

31. Se, após a primeira destilação, não subir um óleo vermelho extremamente corrosivo e profundamente penetrante (que, assim que começar a aparecer no gargalo do $\mathfrak{C}$, o recipiente deve ser trocado), isso significa que a destilação

não foi realizada corretamente e, por consequência, que o Δ interno (☿) do nosso ∇ vaporoso metálico ainda está misturado com o seu próprio ☉ , e foi corrompido pelos vapores venenosos e pelo Δ externo, e, portanto, não está apto para o nosso trabalho.

(Nota de HWN²¹¹: Se você usar ☿ cru e ☿ corrosivo, obterá um cinábrio vermelho de ☿ , que sobe como um sublimado, mas eu nunca o vi na forma de um óleo vermelho — mas isso não significa muito. De qualquer forma, é uma prova de que o Barão Urbiger fez uso de ☿ crudum, e não do ☿☿ onde tal cinábrio não pode ser obtido. O vapor metálico ∇ é, sem dúvida, o butyrum ☿ . (O Δ ou ☿ interno ou do nosso vapor metálico ∇ , ou seja, o butyrum, significa o ☿ auratum que deve ascender na forma de Cinábrio de ☿ e não deve permanecer abaixo).

Parece que ele deseja que o Cinábrio de ☿ suba absolutamente para o gargalo da ☿ , e que não permaneça no fundo.

Certamente ele destila o Cinábrio de ☿ na forma de um óleo vermelho corrosivo ~ Este butyrum animado ele magnetiza.

32. *(Muito claro!) Caso você cometa um erro tão grande nessa primeira destilação, embora nunca mais tenha condições de preparar o ☿☿ duplex dos Filósofos, a menos que recomece todo o trabalho desde o início, ainda assim, se você parcialmente compreende nossa Arte, você poderá facilmente preparar nosso ☿ simplex, com o qual poderá efetuar coisas grandes e milagrosas.*

Como nunca vi o óleo vermelho do Aforismo 31, pois sempre utilizei ☿☿ , ele certamente deve estar se referindo ao Cinábrio de ☿ , do qual ele diz que, se não ascender, a destilação não foi corretamente realizada. Portanto, parece que o Cinábrio deve subir pelo gargalo do ☿ , o que sempre acontecerá se você empregar ☿ cru e ☿ mas, se você usar o ☿☿ , nunca obterá Cinábrio, e se não conseguir nenhum Cinábrio, deverá animar seu butyrum com a scoria primae, ou com __ (??).

33. *O óleo acima descrito, vermelho-sangue (um ☉ potavel — ele quer dizer o butyrum animado), penetra com seus vapores cada parte e átomo de todos os metais e minerais e, principalmente, do ☉ , a partir da dissolução do qual pode-se facilmente extrair o verdadeiro ☿ ou essência com um S.V. altamente retificado e trazer o ☉ , que é, de fato, um grande remédio para o corpo humano. (O autor de “O Triunfo Hermético”, Leonar Constantia, e Irineu*

²¹¹ **HWN** = Iniciais do comentarista ou autor de notas marginais no texto original.

Filaleto certamente produziram um ☿♂♂).

O óleo vermelho-sangue ☿ pode ser obtido se você recolher o Cinábrio do ☿, misturá-lo com o ☼, despejar o butyrum claro e transparente sobre esse Cinábrio e destilá-lo novamente por 5 ou 6 destilações e cohobações. O butyrum virá vermelho-sangue, sendo tingido com o ♀ de ☿ contido no Cinábrio, e seu butyrum estará animado com o ☼ filosófico, como deve ser, e este é o butyrum animado de Urbigerus: animado pelo ♀ do ☿.

34. *Um profundo ☿ vermelho-sangue de excelente virtude também pode ser extraído com SVR a partir do ☼ acima mencionado, quando este ☼, por acidente ou infortúnio, tenha sido misturado com o ♀ interno do nosso ☿, ∇ e com o óleo vermelho. (Quando o ☿ Cinábrio permanece misturado com o ☼). Com essa extração, depois que tiver sido evaporado até um ☿, e esse ☿ for embebida (qq) e filosoficamente digerido, pode ter certeza de ter em mãos um grande medicamento, logo abaixo do Grande Elixir, com o qual, para grande espanto de todos os galenistas e químicos vulgares, você poderá curar rapidamente todos os tipos de doenças. É um dos melhores medicamentos, logo após o Elixir.*

Outro grande medicamento, quando o Cinábrio ou o óleo vermelho permanece com o ☼ (ou seja, quando o Cinábrio de ☿ está misturado com o ☼ do ☿) depois que o butyrum foi destilado e permaneceu claro, sem vermelhidão. Então, a partir desse ☼ pode-se extrair um profundo '☿ vermelho' dessa mistura com SVR, essa mistura contendo o Cinábrio de ☿, que ele aqui chama de o ♀ interno do nosso ☿ ∇, ou seja, o butyrum ☿: (Acredito que você pode compreender facilmente tudo isso) — embebido com SV retificado e digerido; quando o SV for destilado, após filtração, e extraído novamente. Estou convencido de que isso seria um glorioso medicamento após a dulcificação: caso contrário, seria corrosivo, mas tendo sido extraído e digerido 2 ou 3 vezes até estar perfeitamente doce ao paladar, sem dúvida seria uma gloriosa medicina interna. KERKRINGUS ensina essas dulcificações com SV Tartárico melhor do que qualquer outro autor.

35. *A maioria dos filósofos, enquanto sua intenção era avançar rumo à mais nobre perfeição da nossa Arte Celestial, ou empregava o óleo vermelho acima mencionado, trazido a uma potabilidade, para medicamentos internos, ou para males externos, sem qualquer preparação adicional, até que tivessem obtido o grande elixir.*

O óleo vermelho, ou seja, o Cinábrio de ☿ destilado até se tornar um óleo vermelho ~ caso contrário, o Cinábrio por si só não é corrosivo, mas quando

o butyrum o carrega consigo e se une a ele, esse óleo vermelho se torna então altamente corrosivo e cáustico.

Se o ☉ não tiver a qualidade magnética de atrair o Spiritus Mundi para si a partir do Astra, é sinal de que, ao final da destilação do óleo vermelho, o Δ externo foi tão violento que queimou totalmente o Ímã, que se encontra nas primeiras fezes do nosso ☿ ∇.

(Não use mais calor do que o necessário em todos os seus trabalhos químicos!)

36. O ☿ vitae restante, porém, deve absolutamente ser magnético e ávido por atrair Luz, Δ e umidade, o que acredito que ele fará e deve fazer.

37. Após a primeira destilação (depois que o butyrum vermelho tiver sido magnetizado, etc.), se a menor parte do ☿ Virgem ∇ pode, por qualquer Arte, ser transformada em um ☿ fluido ou qualquer outro tipo de substância metálica, é um sinal evidente de que ou o sujeito, ou suas preparações e sua redução a ∇, não foram reais, naturais ou filosóficas.

Isso deve ser observado com atenção e, acredito, é fácil e verdadeiro..

38. * Sr. Clark de Bermondsey²¹² —

Embora o Spiritus Mundi acima mencionado não tenha nenhuma utilidade nesta nossa Grande Obra, ainda assim é um grande menstruo para extrair Tintureiros de metais, minerais, animais e vegetais, e pode realizar grandes feitos na Arte ao volatilizar todos os corpos fixos, principalmente o Ouro.

O Mundi atraído ☿ acima mencionado, que aparece sob a forma de um ∇ espiritual muito volátil, e é uma Umidade Lunar impregnada de Luz e Δ, não tem valor algum nesta nossa Grande Obra, diz Urbigerus, porque o butyrum restante é certamente o processo e o segredo dele (Sr. Clark em Bermondsey) para volatilizar o Ouro dissolvido.

** Aqui estou errado: todo o butyrum deve ser universalizado e tornar-se ☿*

²¹² **Sr. Clark de Bermondsey** — aqui mencionado, apresentado como um alquimista provavelmente inglês e que teria realizado importantes experimentos com antimônio e mercúrio filosófico. Embora não existam registros históricos amplamente reconhecidos sobre Clark, Dubuis o cita como exemplo de um praticante que teria compreendido os princípios da “vida metálica” e da atração astral no processo alquímico. Bermondsey, bairro de Londres, sugere uma origem britânica, mas é possível que o nome seja simbólico ou pseudônimo, como é comum na tradição.

simplex primeiro.

39. *Muitos pretensos alquimistas preparam menstrua para dissolver o ☿ comum e convertê-lo em água por diversos meios e com adições de sais, enxofres, metais e minerais, mas como todas essas preparações são filosóficas, qualquer um que seja experiente em nossa Arte será capaz de reduzi-lo novamente a um ☿ fluido.*

O Conde Bernard Trevisan²¹³, Ireneu Filaleta e Monte-Snyder condenam todos esses métodos, no entanto, Lamspring trabalhou dessa maneira e Theo. Paracelso tinha um ☿ ∇ feito de um ☿ corrosivo. Becker e Stahl recomendam altamente tal ☿ ∇. Quem pode dizer o que é impossível para a natureza tão generosa? Embora alguns Adeptos o condenem.

40. *(Sr. Clark de Bermondsey) A qualidade do nosso ☿ ∇ é volatilizar todos os corpos fixos e fixar todos aqueles que são voláteis, fixando-se com os que são fixos de acordo com sua proporção, e quando dissolve seu próprio corpo, une-se a ele inseparavelmente, e ainda assim conserva sempre suas próprias qualidades e propriedades, sem receber aumentos de qualquer outra coisa criada, mas apenas de seu corpo bruto.*

Essa qualidade é atestada pelo Sr. Monte-Snyder.

"Seu próprio corpo" significa o ☿ fixo obtido pela calcinação da ∇ branca.

"De seu corpo bruto" significa de ☿ ou de ☿♂ ou ☿ vitae.

41. *Nosso ☿ ∇ tem tal simpatia com o Astra que, se não for mantido muito bem fechado e hermeticamente selado, em muito pouco tempo, como uma serpente alada, fugirá de maneira maravilhosa para sua própria esfera, levando consigo todos os elementos e princípios dos metais, sem deixar para trás sequer uma única gota.*

Ele se refere com isso principalmente ao butyrum magnetizado e ao ☿ simplex, embora Boerhaave diga que o butyrum ♂, principalmente quando quente, é extremamente volátil e pronto para evaporar, e que esses vapores são mortais (fatais) quando inalados pelos pulmões ~ quando frio, não há

²¹³ **Bernard Trevisan** (c. 1406–1490), também conhecido como Conde de La Marche Treviso, foi um alquimista italiano cuja vida se tornou símbolo da busca obsessiva pela Pedra Filosofal. Iniciou seus estudos aos 14 anos e dedicou mais de cinco décadas a experimentações alquímicas com minerais, vegetais, compostos animais e até ovos de galinha. Viajou extensivamente pela Europa e Oriente Médio em busca de mestres e segredos herméticos. Suas obras, como *La Philosophie Naturelle des Métaux* e *Le Songe Vert*, são marcadas por alegorias e simbolismos profundos. Embora sua existência histórica seja debatida, Trevisan permanece como um arquétipo da perseverança alquímica na tradição esotérica europeia.

perigo.

42. *Vários pretendentes à Ciência Mágica preparam Ímãs Mágicos para atrair do ar, como afirmam, a partir do Astra, tais menstrua como acham necessários para a produção do Grande Elixir, mas sendo seus Ímãs compostos de coisas determinadas, embora seus menstrua sejam grandes dissolventes, nós afirmamos com certeza que eles não podem realizar qualquer experimento real em nossa Arte.*

Sem comentários.

43. *Alguns têm a opinião de que a Ciência Mágica e todos os seus experimentos são necessários para produzir o Grande Elixir. Não negamos que a Magia seja necessária para atingir o mais alto grau de perfeição e conhecimento, no entanto, estamos absolutamente certos de que ela não é de forma alguma necessária para a elaboração do Grande Elixir em animais, metais, pedras preciosas e vegetais.*

Sem comentários

44. *A OBRA (per se)*

Nosso leite virginal ou ∇ metálica, sendo trazido a uma perfeita espiritualidade e excelente diaphaneidade (o manuscrito original é ilegível aqui, mas creio que foi isso que ele quis dizer – HWN), é chamado o verdadeiro CAOS dos Filósofos, pois, somente a partir dele, sem adição de qualquer coisa criada ou artificialmente preparada, devemos preparar e separar todos os elementos necessários para a formação de nosso microcosmo filosófico.

O Butyrum ou ∇ metálica, quando altamente retificado, é O Verdadeiro CAOS dos Filósofos, e é o mesmo que o ☿♂ de Irineu Filaeto, igualmente chamado de Caos, e por Monte-Snyder de "Lac Virginis", extraído do butyrum atraído, magnetizado, destilado e digerido. A Grande Obra pode ser realizada per se, sem qualquer ☉ comum.

45. *Para entender corretamente como, a partir deste Caos, devemos formar nosso microcosmo filosófico, é necessário, antes de tudo, compreender devidamente o grande mistério e o processo de criação do macrocosmo; sendo essencial estimular e utilizar o mesmo método em nosso trabalho que o Criador de todas as coisas empregou na formação do macrocosmo.*

Essa comparação é um tanto forçada.

46. Quando nosso Caos ou Água Celestial tiver se purificado de seu próprio corpo grosseiro e palpável, então será chamado de o Céu dos Filósofos, ou o corpo palpável da terra, que é vazio, deserto e escuro; e se nosso Espírito Divino, que paira sobre a face das águas, não trouxesse à luz, a partir desse corpo palpável, aquela preciosa semente metálica, jamais seríamos capazes, por qualquer Arte, de prosseguir com as criações perfeitas de nosso microcosmo, conforme nossa intenção.

Quando nosso Caos, ou seja, o butyrum atraído, magnetizado e liquefeito, tiver, após a devida putrefação, sob um calor brando (VIDE: DIGBY, página 117), depositado seu próprio corpo, ou seja, seu próprio ☿ vitae animado. Isso é melhor explicado em outra parte.

47. Este Céu dos Filósofos, após ter-se separado da Terra, contendo nossa Semente Filosófica, bem como o Ímã de nosso Sal da Natureza, e após ter sido separado das águas supérfluas ou do fleuma, é então chamado de Mercurius Simplex dos Sábios.

Pois quem quer que o alcance, ao mesmo tempo adquire também o Conhecimento e o Poder de retrogradar metais, minerais, etc., de modo a reduzi-los ao seu primeiro ens, aperfeiçoar corpos imperfeitos e vivificar os mortos, conservando sempre sua propriedade e qualidade própria, e produzindo o Grande Elixir, segundo o modo habitual dos Filósofos.

O butyrum atraído, liquefeito e animado (NB: que deve ser animado com o Cinábrio de ☿, se você tiver usado ☿ crudum, ou com a primeira escória, se tiver usado ☿☿ por digestão e putrefação, libera sua própria ☿ ou ☿ vitae animatum, que precipita como uma gosma ou ☿ úmida.

Esta terra contém a semente Filosófica, ou seja, o e ♀ Ímã para atrair o ☉ fixo do fogo durante a calcinação. Este butyrum putrefeito, atraído e animado deve ser destilado e desfleumado em balneum vaporis.

O ☿, simplex conserva sua própria propriedade e é o solvente ou menstruo para extrair ♀ filosofico da ☿ seca, negra ou avermelhada e, posteriormente, o ☉ fixo da ☿ vazia, após a devida calcinação na fornalha de vento.

48. (Muito claro e satisfatório)

Depois de termos separado o ☿ ☿ das Águas, entendendo por isso o água

☿ celeste (atrativa), da água supérflua, que é o fleuma; pela Bênção de Deus e pela infusão do nosso Espírito Santo, seremos capazes de extrair da terra tais frutos e sujeitos, com os quais certamente realizaremos toda a criação e levaremos nossa obra ao mais alto grau de perfeição.

Após termos separado o ☿, espírito celeste atraído, do fleuma, ou seja, esta ∇ altamente volátil, atraído, espiritual ou etéreo, sobe primeiro com um calor muito brando. Como o S.V. Depois disso vem um fleuma, o qual deve ser rejeitado, e o ∇ permanece. O todo deve ser convertido em ☿ simplex, exceto o fleuma ou a ☾ ∇ supérflua.

49. (Qualidade da ∇)

Nosso ☿ ∇ tendo o mesmo brilho que os céus (e nosso corpo palpável, ponderoso, que se separou de nossa água celeste), possuindo as mesmas propriedades e qualidades da ∇, ninguém, exceto os ignorantes, negará que seja o verdadeiro céu e o verdadeiro ∇ dos filósofos.

Este ☿ ∇ ou ☿ simplex deve ser perfeitamente claro, transparente e tão brilhante quanto o firmamento, e como o autor já disse antes, NÃO deve ser corrosivo de forma alguma!

Portanto, parece ser um espírito universalizado, dulcificado, de ☹ marinho, que deixou para trás seu ☿ vitae animado, ou ∇, durante as últimas destilações, como observado no AFORISMO 48. Assim, aqui temos dois sujeitos:

1 - Nosso ☿ simplex, impregnado de Luz, ou universalizado, ou seja, dulcificado ☼ de ☹ marinho e...

2 - Nossa ∇, ou ☿ vitae animado contendo o ☼ filosofal, nosso ☺ e o ☹ fixo.

50. (Um Paradoxo)

Se (após a separação do espírito das águas supérfluas) o MUNDOii, no qual ele está contido, não parecer extremamente claro e cheio de Luz, e com o mesmo brilho de nosso Celestial __, é sinal de que a separação não foi totalmente realizada, estando o espírito ainda misturado com as águas do fleuma.

ii Talvez o MUNDO seja a fleuma. O "mundo" parece significar um glúten remanescente (veja Digby), mas, nesse caso, todo o butyrum não foi universalizado e, se isso não for feito, não consigo conceber como o ∇ pode

ser separada do Mundo ou do Glúten.

50. (Um Paradoxo)

Depois que você tiver expelido a primeira $\mathbb{C} \nabla$ ou $\mathbb{H}$ volátil, e posteriormente o fleuma supérfluo, ambos sobre um balneum vaporosum, o glúten ou butyrum universalizado restante deve aparecer muito claro e cheio de Luz, e com o mesmo brilho que a primeira $\mathbb{C} \nabla$ altamente volátil e atraída.

Se você não o encontrar assim, não retificou com cuidado ou de forma suficiente.

ORA ET LABORA!

Em anexo texto extraído de “L’ Oraculum”

ORÁCULO

O Sofista

Encontrei muitas coisas no $\mathfrak{h}_2$, fiz um sal a partir delas, um $\mathfrak{s}$ vermelho-sangue, também um $\mathfrak{s}$ verde-campo e um $\mathfrak{q}$ mercúrio líquido, da seguinte maneira: peguei um minério de $\mathfrak{h}_2$, reduzi-o a um pó fino, coloquei-o em um vaso de barro e coloquei-o sobre um fogo de carvão Δ , de modo que o vaso ficasse quente, mas não tanto a ponto de derreter o minério. Deixei aquecer por 2 a 4 horas, para calcinar suavemente até que inchasse; então retirei o vaso do fogo, reduzi o conteúdo a pó e calcinei novamente, e assim sucessivamente, até restarem apenas cinzas cinzentas, que reduzi a pó e coloquei numa retorta; depois, despejei sobre elas um vinagre forte $\mathfrak{t}$ e coloquei a retorta em calor brando (Primeira extração); então esse vinagre $\mathfrak{t}$ tomou uma cor amarela brilhante, e eu o despejei e adicionei novo vinagre sobre ele, duplicando a operação até que o vinagre não adquirisse mais nenhuma cor; então juntei todos os vinagres coloridos, retirei o $\odot$ (substâncias residuais) da retorta, sequei-os e calcinei novamente, depois despejei vinagre recém-distilado sobre eles e extraí todo o sal, até que o vinagre não mais dulcificasse, permanecendo como o havia derramado. Então restou uma terra calcária branca ∇ , que é inútil. Juntei todos os vinagres numa retorta, coloquei esta num $\mathfrak{A}$ (banho de areia), e destilei totalmente; assim obtive um sal espesso, bastante seco, que aqueci com calor brando; começou então a fundir, parei o calor, quebrei a retorta, peguei o sal, reduzi-o a pó e borrfiei água destilada sobre ele (Segunda extração) e extraí novamente. Derramei essa solução lentamente para separar as fecibus (impurezas) e continuei até que tudo ficasse puro novamente; limpo de todas as fecibus, destilei novamente numa retorta e aqueci com forte calor Δ , depois extraí novamente e saíram novas fezes; (Terceira extração) separei-as de novo e destilei a água fora de seu sal. Então derramei novamente água destilada ∇ sobre ele e minha solução ficou da cor vermelho-sangue, o que me agradou. Destilei novamente essa água e ela ficou tão preta quanto alcatrão (Quarta extração). Finalmente, aqueci com calor forte, então tudo fluiu junto para se tornar um sal vermelho-sangue, doce e claro. Fiquei novamente satisfeito, pois pensei ter obtido o verdadeiro Carfunkel, pois todos os filósofos costumavam dizer que o Sal dos Metais é a Pedra dos Filósofos. Devo admitir, com verdade, que era um medicamento de grande potência, e eu havia lido nos livros dos filósofos que a força de transformar a coagulação do Mercúrio em $\odot$ ou $\mathfrak{C}$ reside no coração de $\mathfrak{h}_2$. Coloquei 1 marco (244.5 gr) de $\mathfrak{q}$ mercúrio vivo em um almofariz profundo, quando o mercúrio começou a aquecer, coloquei 1 parte da minha pedra sobre ele, que começou a derreter e cobriu o mercúrio com uma pele vermelho-sangue; apliquei um fogo um pouco mais forte Δ , e a matéria colapsou no almofariz; deixei o calor Δ esfriar, retirei o almofariz e pensei que tudo se transformaria em um medicamento; mas ocorreu o contrário; pois meu mercúrio $\mathfrak{q}$ parecia duro e pesado, mas quando o parti em duas partes e adicionei a uma das partes 4 partes de chumbo, reduzi-os

enquanto os fundia em um copel, então vi, para minha desvantagem, que tudo se volatilizou, exceto 1 parte e 1 quinto (quint) da mais bela prata ☾, da qual metade era ouro ☼, após a separação. Testei com a outra parte e não encontrei nada mais. Vi ali que algo do mercúrio havia se transformado em ouro e prata. Fiz mais de 100 tentativas, mas não consegui mais nada, e deixei aquele trabalho de lado. A verdade é que não consegui extrair mais nada dele, mas estava tão encantado com esse trabalho que comecei outros. Mas me diga: por que esse sal não transformou totalmente o mercúrio em ouro, mas apenas em prata?

A Sabedoria

Você não purificou suficientemente seu sal, pois o ácido não o deixou dessa maneira, e isso impediu o sal de ser capaz de penetrar. Diz-se: o sal dos Metais é a Pedra dos Filósofos, mas uma libra de minério de chumbo mal contém 1 quinto de sal verdadeiro, porém de uma força muito maior que o seu sal; por isso você deve prestar boa atenção à causa seguinte: quando você tiver extraído seu sal de Hg pela terceira vez e tiver destilado a água até o estado de secura, deveria tê-lo deixado aquecer num almorfariz esmaltado até que fundisse, o que acontece facilmente, e rapidamente derramá-lo, depois de esfriar, reduzi-lo a pó e colocá-lo numa retorta (pois por meio da calcinação e fusão, a maior parte do ácido se desprende); derrame sobre ele um álcool de vinho altamente retificado e extraia novamente; o álcali do vinagre permanecerá, junte todas as extrações e destile-as em banho-maria para expulsar o spiritus vini (álcool de vinho), então permanecerá o verdadeiro Sal Saturni, que, uma vez mais extraído com água destilada da chuva, primeiro se dissolverá como sangue e se coagulará com dificuldade. E agora este é a verdadeira Quinta Essentia ou o núcleo (cerne) ou bálsamo de Saturno ou ainda um verdadeiro Sal Metallorum que coagula o mercúrio ☿ ao seu redor em ouro ☼ ou prata ☾. Derreta 2 partes de ouro; quando estiver líquido, adicione 1 quinto (quint) de sal, este último se unirá instantaneamente ao que lhe é semelhante, isto é, o sal como intermediário entre o mercúrio ☿ e o enxofre ♁ no ouro; o sal dominará, portanto, o mercúrio ☿ e o enxofre ♁ no ouro, rejeitando sua terra ♁, e o restante ficará unido como um sal vermelho, mais doce que o açúcar, um grama do qual colore uma taça de vinho como sangue, constituindo um potente remédio para o corpo humano. O que podemos fazer com o restante, você verá em breve, pois é um verdadeiro tesouro.

O Sofista

Oh! não havia sal suficiente! Também tentei fazer o óleo dos metais a partir dele e, para esse propósito, usei o sal mencionado acima, misturei com uma bela AR de terra calcária branca, coloquei numa retorta e assim obtive um spiritum de sal H_2 de cálcio e um óleo vermelho-sangue; destilei novamente este óleo num banho-maria MB, assim formou-se novamente o óleo vermelho-sangue; coloquei o óleo numa garrafa e o congelei junto, ou seja, derramei 1 parte desse óleo sobre 2 partes de

sal I_2 de cálcio, misturei, mas não consegui fazer mais com ele do que com o anterior, exceto que era um excelente medicamento.

Lição 43: A Manteiga de Antimônio

Caro Amigo,

Já afirmamos que a produção da manteiga de antimônio por destilação seca de uma mistura de estibnita com sublimado corrosivo é extremamente perigosa. Além disso, é um processo caro, devido ao preço elevado do sublimado corrosivo. Ainda assim, esse método tem a vantagem de produzir um cinábrio chamado “cinábrio de antimônio”, que é valioso em outros caminhos. Caso você seja um químico, e bem equipado, pode evitar a compra de sublimado corrosivo e trabalhar segundo o método a seguir:

Primeiro método:

~ Prepare sulfato de mercúrio atacando o mercúrio com ácido sulfúrico concentrado em excesso.

~ Misture quatro partes de sulfato de mercúrio com uma parte de sal marinho. O sublimado corrosivo se depositará na parte superior do balão.

~ Misture uma parte do sublimado com uma parte de estibnita (conforme Glaser), e faça a destilação seca. A manteiga irá se condensar nas partes frias do aparelho. Atenção: os vapores são altamente tóxicos e a manteiga é muito corrosiva.

A manteiga é recolhida com acetona que tenha sido previamente destilada duas ou três vezes sobre cal viva.

Segundo método:

~ Coloque um pouco de estibnita reduzida a pó em um tubo de ensaio grande e alto.

~ Despeje sobre ela de dez a doze vezes o seu volume de ácido clorídrico comercial.

~ Adicione um pouco de ácido nítrico, entre dois a cinco por cento do volume do ácido clorídrico.

~ Mexa lentamente com uma vareta de vidro. Atenção: no início a reação é tal que o líquido pode transbordar. A reação estará terminada quando restar um pouco de estibnita e os vapores gasosos tiverem cessado (não inale).

~ Filtre, e no dia seguinte (ou no seguinte a este), a cor da solução terá se tornado vermelho rubi.

~ Destile e recolha a manteiga com acetona pura, que você também deve destilar em seguida. Este segundo método é menos perigoso e serve como boa prática.

Na próxima lição, descreveremos a fabricação do ácido clorídrico filosófico, bem como um método alternativo para fazer a manteiga.

OS AFORISMOS DE URBIGERUS (continuação)

51. (Digestão ou Purificação!)

Se, no espaço de 9 ou 10 semanas, ou dois meses filosóficos (12 semanas no máximo), o nosso ☿ ∇ não tiver concluído sua separação de toda a sua própria terra, que contém a semente metálica, é um sinal evidente de que você errou no seu trabalho, Nota Bene: sua digestão foi violenta demais, tendo confundido e queimado o principal sujeito da Criação — a terra!

No intervalo de 9 a 10, ou no máximo 12 semanas, enquanto você digere o butyrum magnetizado, atraído, liquefeito e animado em um calor extremamente suave, de modo que o vidro apenas “sinta um calor confortável” ao toque, o butyrum liquefeito deve entrar em putrefação e se tornar negro e turvo, o que provoca a separação dos elementos, estando o vidro hermeticamente fechado. Nota Bene: para que você não perca nada. Todo ∇, leia-se todo ☿ vitae animado deve separar-se e depositar-se no fundo do vidro de digestão (NOTA: aqui há um desenho de uma figura semelhante a um balão de fundo redondo tipo "Florence Flask" — HWN), como uma borra escura e viscosa ∇, que é a terra contendo a semente metálica, o ♆ filosofal, o Ímã para atrair o ☊ fixo a partir do ∆, pela última calcinação.

O ☿ filosofal, simplex permanece suspenso no Caos líquido do Mundo (ver # 50). Esta é a digestão e putrefação após a atração e liquefação do butyrum animado, antes da separação dos elementos por destilações. Não tente destilar antes que o líquido esteja perfeitamente claro e transparente e toda ∇ tenha sedimentado.

52. (Isto esclarece o Paradoxo do Aforismo # 50).

Esta ∇ filosofal, contendo o nosso principal sujeito, depois de ter sido separado de todas as Águas (phlegma), deve ser seco com um calor suave para libertá-lo de sua umidade extrínseca, a fim de que esteja em plena capacidade de receber a umidade celeste de nossa Água Argentina, com a qual se une aos seus frutos mais nobres, com cujos princípios o nosso microcosmo filosófico é gerado, nutrido e saturado.

A borra viscosa remanescente, ∇, ou sedimento, depois de ter sido separada de todas as águas, ou seja, depois que o Caos tiver sido destilado sobre um bal. vapor: primeiro, a umidade lunar mais volátil, ou seja, o ☿ simplex, depois o phlegma supérfluo, tudo sobre um bal. vap. no dia seguinte, e então você possuirá nosso ☿ simplex, e o sedimento ∇ animado, ou vitae animatus, permanecerá. O ☿ simplex deve ser retificado 3 ou 4 vezes.

53. Se, depois que a ∇ tiver sido reverberada (ou seja, suavemente seca), e umedecida com nossa Umidade Celeste, ela não enriquecer imediatamente o

Nosso Ar com os frutos Divinos esperados, pode ter certeza de que, durante a secagem, o calor externo foi excessivo, a ponto de queimar o calor interno e a natureza do ∇ , e, conseqüentemente, arruinar sua empreitada quanto à execução de todo o Mistério da Criação, de acordo com o caminho mais nobre, rico, curto, natural e secreto dos Filósofos (isto é, per se, por seus próprios elementos, sem o uso de $\odot$ comum).

A ∇ deve ser seca em um vidro com um calor úmido e suave, conforme o Aforismo # 52. "Nosso Ar" é o ☿ simplex, "nosso Δ " é o ☿ duplex ou ☿ animatus.

leia-se: Δ , Anima Lumínica, ou animada com ♂ , e tudo provém de um único e mesmo princípio.

"Nossa ∇ " é o ∇ clarificado ou o $\ominus$ fixo, a base e o alicerce de toda a construção.

O Aforismo # 53 adverte contra o excesso de calor ao secar o seu, ainda volátil, ∇ animada, para que você não o queime e destrua, ou então a obra, per se, sem o uso do $\odot$ comum, terá seu fim ali.

54. (Digressão)

Caso ∇ seja totalmente destruída pelo calor externo violento, embora seja certo que você não conseguirá prosseguir com toda a nossa Criação a partir dela, ainda assim, se souber como ~~aaa~~ nosso ☿ simplex com $\odot$ comum puro, que é dissolvido, vivificado e renovado por ele, você poderá ter certeza de alcançar o Grande Elixir, ainda que nem tão rápido, nem tão natural, nem tão rico como teria sido feito sem o $\odot$. Esta é a nossa Terceira via.

Digressão para um trabalho com $\odot$ comum e fino. Se você destruiu o ♂ filosofal, ou nosso $\odot$, contido na ∇ ou sedimento, o trabalho será com $\odot$ comum, mas fino e puro

Nota Bene: Este é o trabalho de Artephius, Kalid²¹⁴, Flamel, Zacharias²¹⁵ e Monte-Snyder. Vide Digby²¹⁶, páginas 116-117, etc. etc.

Se você souber como dissolver o ☉ comum puro no nosso ☿ simplex, colocá-lo em putrefação e regenerá-lo, também poderá obter o Lapis Philosophorum, embora não tão natural, etc. etc. Não! Porque o ☉ filosofal, o ♀ filosofal, é o nosso ☉, já está aberto e volatilizado, enquanto o comum precisa, com o tempo, ser aberto, volatilizado e convertido em filosofal ou nosso ☉ __, como Irineu Filaeto observou corretamente.

55. (O trabalho com o ☉ comum)

A ada do nosso ☿ simplex com o ☉ comum consiste apenas na proporção correta e na união indissolúvel de ambos, o que é feito sem nenhum calor externo e em um tempo muito curto, sem o qual, sem essa exata proporção e união adequada, nada de significativo pode ser esperado desse casamento.

“O ☿ simplex dissolve o ☉ sem qualquer calor externo em um tempo muito curto.” Tenho certeza de que uma forma dulcificada de ☉ marinho realmente dissolve uma calx sutil de ☉, mas como o ☿ simplex do autor separou-se do ☿ volatilizado, ou seja, ☿ vitae, e portanto tornou-se uma ☿ universalizada e dulcificada de ☉ marinho, que é um ☿ universal, não consigo conceber que

²¹⁴ **Kalid**, embora cercado por névoas históricas e uma aura de mistério, é reconhecido como uma figura marcante no campo da alquimia esotérica. Presente em manuscritos herméticos entre os séculos XVII e XVIII, seu nome aparece em contextos que evocam práticas iniciáticas e reflexões profundas sobre a transformação interior. Acredita-se que Kalid tenha sido influenciado por tradições persas e árabes, e que seus textos explorem a jornada alquímica como metáfora para o despertar espiritual. Seus escritos — fragmentados, simbólicos e muitas vezes criptografados — indicam domínio tanto dos princípios químicos quanto dos aspectos filosóficos da transmutação, especialmente no uso da “Matéria Prima” como símbolo da essência humana em estado bruto. Apesar de sua identidade permanecer desconhecida, Kalid continua sendo citado por estudiosos como um elo entre alquimistas históricos e correntes esotéricas mais modernas.

²¹⁵ **Abraham Zacharias**, figura envolta em mistério e raramente mencionada fora de círculos especializados, é reconhecido por estudiosos como um dos pensadores alquímicos mais intrigantes de sua época. Atuando entre os séculos XVII e XVIII, seus manuscritos revelam uma profunda articulação entre astrologia, alquimia e espiritualidade, sugerindo que os ritmos celestes influenciam diretamente os processos de transmutação interna. Zacharias defendia que a verdadeira pedra filosofal era o alinhamento entre o microcosmo humano e o macrocosmo universal, conceito recorrente em suas obras que misturam simbolismo planetário, metáforas vegetais e reflexões sobre a luz oculta no homem. Apesar da escassez de registros sobre sua vida, suas ideias continuam a dialogar com correntes esotéricas modernas por sua ousadia filosófica e profundidade mística.

²¹⁶ **Sir Kenelm Digby** (1603–1665) foi um filósofo natural, diplomata e alquimista inglês cuja obra transita entre ciência experimental e saber esotérico. Após sua morte, seu assistente George Hartman publicou *A Choice Collection of Rare Chymical Secrets* (1682), reunindo fórmulas, observações e processos alquímicos que Digby teria testado ou recebido de mestres europeus. A obra menciona figuras como Artephius, Kalid, Flamel e Zacharias, revelando o interesse de Digby por tradições herméticas e pela alquimia como caminho de transformação interior. Seu legado é visto como uma ponte entre o pensamento renascentista e os primórdios da química moderna, com forte influência espiritual e simbólica.

um solvente tão suave tenha o poder de dissolver o ☉ em limalhas, como o autor afirma aqui. Aforismo # 56.

56. Saiba então que essa proporção correta é 10 partes do nosso ☿ simplex para uma parte do mais puro ouro comum em limalhas, que se dissolve nele como gelo em ∇ comum, de maneira imperceptível, e assim que a dissolução termina, a coagulação e a putrefação (devendo ser promovidas por um calor suave) seguem imediatamente. Se isso não ocorrer, é sinal de que o ☿ excede suas devidas proporções.

Agora, quando seu ☉ tiver sido bem ~~ma~~-ado amalgamado (ou seja, dissolvido), unido, putrefato e inseparavelmente digerido com nosso W ☿ simplex, você terá então apenas o nosso ♃ filosófico (assim diz Irineu Filaleto), tempo no qual alguém poderia facilmente ter realizado toda a obra, trabalhando sem o ☉ comum.

Boerhaave afirma que o Butyrum ☿, devido ao seu ☿ vitae, dissolve o ☉ em limalhas, mas a dulcificada ☿ de ☉ marinho dissolve apenas uma calx sutil de ☉ em limalhas, embora eu possa estar enganado.

57. Embora nosso ☿ simplex seja extremamente espiritual e volátil, ainda assim, sendo o agente correto (como o chama Pontanus), digerindo a semente ou essência de todos os metais e minerais, ele, mesmo não digerido, naturalmente aderirá a qualquer um deles, ainda que corpóreo (ainda que um butyrum) que se aproxime dele, e nunca o abandonará, a menos que seja forçado a sair durante o ensaio, mesmo que mantido em grande fusão por muitas horas.

(Nosso ☿ simplex é extremamente espiritual e volátil, sendo o "agente correto"). Boerhaave atesta sua volatilidade enquanto quente e fumegante, cujos vapores invisíveis SÃO MORTAIS NO LOCAL, quando um átomo deles é inalado pelos pulmões durante a inspiração, diz Boerhaave e adverte o operador. (NÃO inale esses vapores letais ~ HWN).

Essa característica do ☿ simplex ou duplex, de aderir tão fortemente aos metais, a ponto de não os abandonar mesmo durante grande fusão ou Δ, é uma prova de que essa propriedade não pode pertencer à primeira humidade de ☾. (Neste ponto, Bacstrom insere a seguinte linha: O QUE EU DIGO ABAIXO É ERRÔNEO), e menos ainda ao phlegma subsequente, mas deve pertencer ao glúten universal restante ou butyrum metálico, que deve ser destilado em estado gasoso ~ N20. Quando a ∇ viscosa ou ☿ vitae

animatus é deixado para trás no ☿.

58. Este ♀ simplex, que antes de sua retrogradação era de natureza feminina e, antes de ter deixado toda a sua própria terra, era Hermafrodita, sendo poderoso em ambos os sexos, agora torna-se novamente de qualidade feminina e, embora tenha perdido o masculino visível Δ (contido na ∇), ainda assim conservou seu próprio fogo, invisível para nós, com o qual realiza operações visíveis ao digerir metais imperfeitos, após sua determinação com qualquer um deles. (Se você trabalhar com o ☉ comum ou ☾)

59. Nota Bene: Este ♀ simplex, antes de sua retrogradação, ou seja, enquanto era o primeiro butyrum, antes de ser magnetizado e liquefeito pela atração da Luz Solar e da Umidade Lunar ~ o que ele chama de retrogradação ou universalização, e antes de ter depositado sua própria ∇ por uma digestão de 10 a 12 semanas, durante a qual o Caos atraído ou butyrum liquefeito é aberto centralmente, e seus elementos são separados, e isso é realizado pelo Δ atraído ou Luz (Oxigênio) e pela ∇ Lunar, com o vidro fechado, assistido externamente por um calor suave que estimula o agente interno a se mover, a putrefazer-se e a separar os elementos no Caos.

Este butyrum era, a princípio, de natureza feminina, mas após as magnetizações, torna-se hermafrodita, e após a separação dos elementos e as destilações para ♀ simplex, volta a ter qualidade feminina novamente. Caso contrário, não poderia ser ♀ simplex. A Mulher ansiosa por ser fecundada com o ♀ filosofal para se tornar tingida tão vermelha quanto sangue, quando se torna ♀ duplex ou ♀ animatus, ou seja, uma mulher casada em cuja união o marido desempenha a parte principal, a parte ativa. O ♀ simplex, embora tenha perdido o volátil masculino Δ (contido no ∇ animado ou ♀ vitae, Nota Bene: ♀ da vida), ainda assim conservou seu próprio Δ , certamente o ♀ universal contido no $\oplus$ de $\ominus$ marinho, dulcificado e universalizado.

(N.B: um $\overline{\text{R}}$ particular ou abreviação)

Se o nosso ♀ (observada a proporção correta observada deve ser $\overline{\text{aaa}}$ com qualquer metal imperfeito), sendo primeiro determinado com um fixo, ele irá regenerar e aperfeiçoar o mesmo, sem perder a menor partícula de sua virtude ou quantidade — Esse metal, após a digestão de um mês filosófico (6 semanas), será capaz de resistir a todo tipo de provas, e será muito melhor do que qualquer natural.

Esta é uma abreviação particular do trabalho, ou uma graduação²¹⁷ ♀ duplex,

²¹⁷ **Graduação**, neste caso que fixa as cores gradualmente.

que fixa ☿ em ☉, e confirma o Trabalho de Yardley na Via Sicca²¹⁸; que fixa ☾ em ☉ ou ☾.

60. (Óleo graduador, um trabalho particular lucrativo)

A determinação do nosso ☿ simplex com qualquer dos corpos fixos deve ser feita dissolvendo-se uma pequena quantidade de limalhas de vermelho ou branco, de acordo com a cor e qualidade do metal que você deseja melhorar, e se você não errar na separação e união dos sujeitos, pode ter certeza de obter seu objetivo após uma digestão filosófica. (De 40 ☿).

61. O ☿ simplex deve ser animado (não por seu próprio ♀ filosofal ou ☉ filosofal, para a obra, per se) mas por dissolver uma pequena quantidade de limalhas de ☉ nele, para obter um ☿ duplex, de ☿ animado, que é uma graduação de ☿ assim como o ☿ animado de Yardley ~ Só que este é per via humidam, enquanto o de Yardley é per via siccam. Este óleo graduador deve tornar-se vermelho-sangue. Se isso não acontecer, certamente não poderá enriquecer limalhas de D ou ☿ vivum com ☉.

Para verificar corretamente se o ☿ simplex foi bem preparado, ou chegou à sua perfeição, uma única gota colocada sobre uma placa de cobre em brasa deve tingi-la ou branqueá-la por completo e não deve abandoná-la, mesmo quando trazida a uma fusão, ou seja, nem mesmo quando derretida. Se isso não acontecer, seu ☿ simplex não está bem elaborado ou ainda não terminou de separar-se de sua própria ♀.

Exame e teste sobre o ☿ simplex.

62. (O Trabalho PER SE)

Se o seu ☿ simplex, quando colocado em seu próprio ♀ seco, não se unir imediatamente com a essência dos metais, aparecendo mais profundo que qualquer sangue e brilhando mais do que qualquer fogo, o que é um sinal da recepção de seu próprio ♀ interno (♀ Sophii) e aquele da Águia, o ☿ simplex retificado, magnetizado e espiritual, que sugou o sangue de nosso leão vermelho) o ♀ ou melhor o ♀ sophii (nosso ☉) ou fogo contido na ♀, é um sinal evidente de que você errou na manipulação da ♀.

Isso confirma novamente o grande trabalho per se sem o uso de ☉ comum. Após o restante ♀ animada ou ☿ vitae, provavelmente de cor escura ou

²¹⁸ **Yardley** é citado como um alquimista ligado à *Via Sicca*, método de transmutação caracterizado pela intensidade e agilidade dos processos. Embora sua identidade permaneça obscura e suas obras não tenham títulos formalmente reconhecidos, relatos atribuem a ele domínio técnico sobre procedimentos com antimônio e cadinhos sob fogo intenso. Sua menção em fontes modernas, como *Adept Alchemy*, reforça sua imagem como representante da tradição hermética, que valoriza o conhecimento oculto e simbólico. Yardley figura mais como arquétipo do alquimista reservado do que como autor documentado.

avermelhada, ter sido cuidadosamente seco para não danificá-lo, uma pequena quantidade do ☿ simplex retificado (como experimento) deve unir-se imediatamente a ♀ seca e tingir-se de um vermelho-sangue profundo, recebendo o ♀ Sophii (nosso ☉), brilhando mais que Δ, ou seja, Δ de uma cor rubi.

Se isso não ocorrer, você errou em algum ponto. Mas quando esse ☿ for percebido, todo o ♀ sophii (nosso ☉) deve ser extraído da ♀ animada seca ou ☿ vitae, enquanto houver qualquer ☿ restante nele, e até que a ♀ apareça perfeitamente vazia. Este ☿ vermelho é o seu ☿ simplex animado com o ♀ Sophi ou nosso ☉, e é, ou deveria ser, de um tom rubi Δ perfeitamente transparente. Eu o purificaria, não por filtração, mas por teste e decantação, se houver qualquer ♀ sutil no fundo. Este Δ vermelho rubi, perfeitamente transparente, é o ☿ duplo ou ☿ animado dos Filósofos, quando o trabalho é feito per se, por seus próprios elementos internos, sem o ☉ comum, na forma húmida, viscosa, enquanto Irenaeus e Yardley trabalharam na forma seca, com um x animado correndo ou impregnado com o mesmo ♀ sophii (Nosso ☉).

Dubuis: graduação significa um meio que fixa a cor gradual ou progressivamente.

63. O processo PER SE sem ☉.

Este ☿, assim impregnado com sua essência, ou ♀ dos metais, é chamado de ☿ duplex dos Filósofos, que é de qualidade muito maior que o ☿ simplex (certamente!), com cujas imbibições no ☉ da Natureza, após o ☉ fixo ter sido saturado com o ☿ simplex, todo o mistério da Criação do Microcosmo Filosófico é mantido e aperfeiçoado.

Descreve de forma honesta e verdadeira todo o processo da Pedra, após os trabalhos preparatórios terem sido concluídos com sucesso.

64. Para saber se o seu ☿ duplex está filosoficamente preparado e suficientemente impregnado com seu próprio fogo natural interno (extraído da terra seca) com o ☿ Sophii (com o nosso ☉), coloque uma única gota sobre uma placa de prata pura em brasa, e se a prata não for penetrada de ponta a ponta por essa gota, com um vermelho ☿ mais profundo suportando o maior calor de fusão, isso significa que você falhou na sua preparação ou que não deu tempo suficiente para que ela recebesse uma saturação completa de sua própria terra.

Exames e teste sobre o ☿ duplex ou ☿ animatus. ☾ fina tratada e derretida, depois achatado no moinho, cortado em tiras e separada por por ☿ restará uma calx preta, que ao ser fundida com bórax, provará ser um ☼ fino de 24 quilates (HWN), porque o ☼ volátil e espiritual, ou "nosso ☼", encontra um corpo na ☾ e torna-se corporificado, maturado e ☼ fixado por meio dos ♀ Naturae, ou o Δ, oxigênio, oculto no ☼ do ☿

65. Este ☿ vermelho profundo, extraído do nosso ☿ filosófico, é chamado de nosso ♀, nosso ☼ não digerido e essencializado, nosso Δ elementar interno e nosso Leão Vermelho, pois sem sua ajuda e concorrência, nosso mundo filosófico não pode ser nutrido, digerido ou completado, sendo o verdadeiro fundamento e a verdadeira essência de toda a obra da nossa criação.

Este ☿ vermelho profundo, que tingiu o nosso ☿ simplex, animou-o e o tornou ☿ duplex animatus, é o nosso ♀, o ♀sophii ou ♀, nosso ☼ essencializado, nosso Δ interno e nosso Leão Vermelho. (Isto não mostra uma probabilidade do processo de de la Brie com ♀ e ☼)? O ☼ não está cheio de Δ?

Nota Bene: É o elemento ativo da vida Δ, o princípio de toda ☿, multiplicável por seu próprio princípio, como uma centelha de Δ ou luz, recolhida na caixa de isqueiro²¹⁹.

ORA ET LABORA!

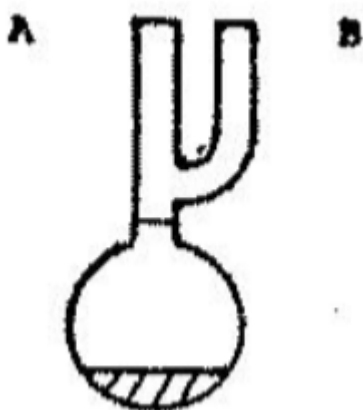
²¹⁹ A expressão **recolhida na caixa de isqueiro** - Uma chama que está potencialmente presente no isqueiro, mas que ainda não se manifestou.

Lição 44: Ácido Clorídrico, Clarificação do Sal e Imbibições do Mercúrio

Caro Amigo,

A PRODUÇÃO DO ÁCIDO CLORÍDRICO FILOSÓFICO

Segundo os Antigos, o sal marinho é o corpo que contém a maior quantidade de Espírito Universal; daí a importância do Espírito de Sal, também conhecido como ácido do sal marinho, ácido clorídrico ou ácido muriático.



Atenção: esta operação é perigosa, portanto é obrigatório o uso de luvas e óculos de proteção.

Encha um frasco de meio litro ou um litro com sal até, no máximo, 1/4 do seu volume (não mais que isso, caso contrário, no final do experimento o frasco pode se romper devido à pressão do sal).

Na boca do frasco, encaixe um adaptador de vidro duplamente esmerilhado 29/32. Em A, fixe um funil de separação; ele deve possuir um tubo de equalização de pressão e uma moagem 29/32 na base, para que o ácido possa ser despejado lentamente (gota a gota) sobre o sal.

Em B, conecte um adaptador para conduzir o gás ao sistema de borbulhamento cheio com água destilada.

Conecte dois sistemas de borbulhamento, um após o outro (usando a tubulação dupla mencionada nas lições anteriores).

Aqueça o frasco; assim que ele começar a esquentar, a reação terá início. O gás HCl seguirá para o sistema de borbulhamento. Quando o gás atravessar o primeiro sistema de borbulhamento sem se dissolver, isso significa que a água do primeiro sistema já está saturada com ácido. Será necessário trocar o aparelho e substituir a água (que deve ser guardada). Esta água saturada de ácido ataca diretamente a estibina e gera uma manteiga que pode ser recuperada por destilação.

- Enquanto a estibina estiver sendo atacada pelo ácido clorídrico concentrado, a reação cessará assim que o ácido não exceder mais $\text{HCl} + 6\text{H}_2\text{O}$ (segundo o químico Johannes).
- Adicione ácido sulfúrico gota a gota através do funil de separação A até que todo o sal tenha sido atacado.
- O ácido clorídrico assim formado a partir do sal marinho natural é filosófico, e apropriado para a produção da manteiga de antimônio.

Precauções para esta operação:

- O ácido sulfúrico deve ser o mais concentrado possível.
- Deve-se usar sal marinho decepitado²²⁰
- O ácido HCl em forma gasosa ataca praticamente qualquer plástico: silicone, poliuretano, etc.
- Todo o aparato deve ser de vidro; pelo menos as junções devem ser de teflon.
- Após o segundo sistema de borbulhamento, conecte um tubo para proporcionar uma saída de gás, caso seja necessário exaurir o excesso.
- A acetona usada para recuperar a manteiga deve ser a mais anidra possível. – Traços de água transformam a manteiga em um pó branco insolúvel chamado pó de Algaroth ou Mercurius vitae.²²¹

Este pó deve ser separado para outro caminho.

Na próxima lição, apresentaremos a continuação e o encerramento dos Aforismos, bem como um método de destilação para a manteiga de antimônio.

AFORISMOS DE URBIGER (Continuação)

66. Quando o ∇ perdeu sua Alma (o enxofre vermelho), o que resta dele é o verdadeiro Ímã, atraindo o Θ da Natureza a partir do Δ combustível após uma calcinação violenta na fornalha de vento por várias horas.

Esse (fixo) $\oplus$, depois de purificado e clarificado, é chamado de ∇ clarificado ou Θ dos filósofos, que, ao unir-se com nossos $\wp$ simples e duplos após sua digestão, é chamado por HERMES de espírito universal convertido em ∇ pela Arte.

²²⁰ **Sal marinho decepitado** - Refere-se provavelmente a um sal previamente calcinado ou seco em alta temperatura para eliminar umidade e impurezas.

²²¹ **Pó de Algaroth ou Mercurius vitae** - Termo alquímico para substância volátil associada à vitalidade do composto.

Isto está tão claro e inteligível quanto qualquer filósofo (de mente desimpedida) poderia desejar, e portanto não requer comentário.

O Θ fixo é purificado, etc., pelo claro φ simplex empregando o princípio feminino. Este é primeiramente imbuído pelo φ simplex até que o $\mathcal{R}$ alba flua como cera, sem o menor vapor. Então, imbuir a $\mathcal{R}$ alba com seu φ duplex vermelho-rubi e saturá-lo completamente até que a $\mathcal{R}$ rubra flua como cera, sem exalar vapores, e o $\mathcal{R}$ vermelho sophii esteja realizado, faltando apenas a última fermentação ou vitrificação do $\odot$ refinado.

q antes da vitrificação do $\odot$ refinado, o $\mathcal{R}$ vermelho é multiplicável ad infinitum em qualidade e poder ou *pondus*, sendo a Medicina universal, ou $\odot$ potável, **qq** vidro solar tintório que não é solúvel em líquidos, apenas no Δ . O $\mathcal{R}$ filosofal vermelho universal ou ∇ naturae é solúvel em SV.R e torna o $\odot$ potável para curar, sem distinção, todas as doenças.

67. A extração, purificação e clarificação do nosso ∇ ou Θ da Natureza é realizada pelo nosso φ simplex, que, sendo aplicado sobre a ∇ calcinada e reverberada, imediatamente atrairá o Θ fixo para si, unindo-se a ele, e pode ser separado por destilação suave; após isso, o Θ clarificado dos filósofos estará à disposição.

Novamente, tão claro e inteligível quanto eu consigo expressar, não necessitando de comentário.

68. Embora usemos nosso φ . simplex para a extração de sua própria Alma (o ∇ vermelho, nosso $\odot$, de seu corpo ∇) e para a clarificação do ∇ , ainda assim, por ser um *menstruum* filosófico e perpétuo, ele nada perde de seu poder inato, nem diminui em quantidade — sendo o nosso verdadeiro ALKAHEST, como Paracelso o chamou.

Isso está claro o suficiente! (O profundo Boerhaave suspeitou que o Alcahest de Paracelso e J.B. van Helmont derivavam do *butyrum* $\ominus$ embora seu tempo não lhe permitisse examinar profundamente o assunto, e Boerhaave NÃO estava errado).

69. Os três princípios e elementos do nosso caos mencionados acima, perfeitamente separados de suas impurezas e levados à sua mais alta perfeição, são devidamente chamados de os três (3) Trabalhos Hercúleos, pois, após sua preparação, todo o esforço, trabalho e perigo já terão passado.

Isto dispensa ilustrações.

70. Alguns operadores tolos fingem que nosso Grande Elixir pode ser preparado de forma muito fácil, sem nenhum trabalho, aos quais respondemos que tais impostores não conhecem nem nossa matéria, nem a preparação correta dela. No entanto, não negamos que qualquer pessoa saudável, de qualquer idade, pode executar todos os trabalhos necessários para realizá-lo.

Alguns adeptos, por exemplo, os dos tempos primitivos, como Maria, ou melhor, Miriam, *prophetissa*, cujas sentenças aparecem na *Turba Philosophorum*²²², outros que trabalharam com o ²²³no Vier Qurt, que conversou com Helvetius²²⁴ cujos processos diferem totalmente deste, bem como seu assunto embora nenhum operador tolo tenha escrito sobre a facilidade do trabalho, e de fato, assim disse o Conde Bernhardus Trevisan. Todos falavam de seus próprios trabalhos, não de todos os trabalhos possíveis na Natureza, e nada sabem deste.

71. Essas nossas operações (trabalhos) são chamadas de Hercúleas em relação ao restante do trabalho, que é extremamente fácil e sem o menor esforço ou perigo, sendo por isso chamado de brincadeira de criança, pois uma criança ou mulher com algum entendimento pode facilmente executá-lo e levá-lo à mais alta perfeição, conforme o dizer de todos os verdadeiros filósofos.

(Uma criança não poderia realizar a digestão! Uma mulher pode — tal era Pernelle ²²⁵, esposa de Nicolas Flamel. Mas uma mulher nem sempre é uma

²²² **Turba Philosophorum** (c. século IX) é um tratado alquímico de origem árabe, traduzido para o latim e outras línguas ao longo dos séculos. Apresenta diálogos entre filósofos antigos — como Anaximandro, Empédocles e Pitágoras — que debatem princípios cosmológicos e alquímicos baseados nos quatro elementos e no conceito da unidade do mundo. Considerado um dos textos fundacionais da tradição hermética ocidental, seu estilo enigmático e simbólico continua sendo objeto de estudos sobre esoterismo e alquimia medieval.

²²³ **Kaf Mem**. Ou abreviação de um livro ou de khemia, como alguns chamavam a alquimia em hebraico.

²²⁴ **Johann Friedrich Helvetius** (1625–1709) foi um médico e alquimista holandês, conhecido por seus relatos sobre a Pedra Filosofal. Em seu testemunho mais famoso, publicado em 1666, Helvetius afirma ter recebido um fragmento da Pedra de um misterioso visitante chamado Elias, com o qual realizou transmutações de metais em ouro. Seu relato, considerado um dos mais detalhados da literatura alquímica, aparece em obras como *Vitulus Aureus* e é citado em compilações como o *Theatrum Chemicum*. Helvetius representa a vertente experimental da alquimia europeia, distinta das abordagens simbólicas e espirituais de outros autores da tradição hermética.

²²⁵ **Perenelle Flamel** (Pernelle) foi esposa de Nicolas Flamel, célebre alquimista francês do século XIV. Embora existam poucos registros históricos sobre sua vida, ela é tradicionalmente associada à prática alquímica e à realização da Grande Obra ao lado do marido. Juntos, são considerados um

criança.)

72. Embora todas as operações mencionadas acima sejam, segundo a opinião comum dos filósofos, consideradas difíceis e perigosas, podemos, com consciência, dizer e assegurar que nós mesmos, sem assistência, às realizamos todas em um fogo comum de cozinha, como é bem conhecido por diversos co-Adeptos, que não puderam deixar de admirar nossa diligência. Isso eu não consigo conceber! Nenhum verdadeiro Adepto ou Artista perfeito pode negar que toda a obra do Grande Elixir pode, do início ao fim, ser realizada em um único forno, em um único tipo de vaso, e por uma única pessoa, a um custo muito baixo.

73. A um custo muito baixo — há cem anos atrás*!

74. Alguns impostores tentam convencer o povo de que ouro, prata e muitos outros ingredientes são necessários para fazer o Grande Elixir, segundo o nosso modo mais nobre; o que a doutrina de todos os filósofos e nossas próprias regras infalíveis demonstram claramente ser falso; pois é certo que não usamos nenhum desses ingredientes, nem ouro nem prata, a menos que seja mencionado em nosso terceiro caminho ou até que cheguemos à fermentação de nossos Elixires.

Artephius não era um impostor, ainda que tenha usado ☉ e ☾ com o *butyrum*. Monte-Snyder usa ☉ e ☾, Siebald Schwartz²²⁶ e Hollander não eram impostores. Eles usaram ☉ e ☾ e *menstrua* corrosivos em suas soluções preparatórias e obtiveram sucesso. Cada um elogiava o caminho que o levou com segurança às Maças Hespérides ou a Colcos, e parece que

dos casais simbólicos da alquimia ocidental, representando a união dos princípios masculino e feminino na transmutação espiritual e material. Além de sua reputação esotérica, Perenelle é lembrada por sua generosidade: o casal financiou hospitais, igrejas e obras de caridade em Paris, onde ainda existe uma rua com seu nome.

²²⁶ **Siebald Schwartz** é uma figura envolta em mistério dentro dos círculos alquímicos e esotéricos. Não há registros históricos confiáveis que comprovem sua existência como alquimista ativo ou autor de tratados reconhecidos. Seu nome aparece ocasionalmente em narrativas simbólicas ou em compilações modernas que exploram o lado oculto da alquimia, muitas vezes associado à ideia de transmutação espiritual e à busca pela pedra filosofal. A ausência de menções em obras clássicas como o *Corpus Hermeticum* ou o *Mutus Liber* sugere que Schwartz pode ser uma criação literária, um pseudônimo usado em contextos iniciáticos, ou mesmo um arquétipo do alquimista sombrio — aquele que opera nas margens do conhecimento oficial.

Urbigerus, ALIAS Barão Sorbiger²²⁷, embora verdadeiro Adepto e Possuidor, conhecia muito pouco além de suas próprias obras. Nunca encontrei Adeptos que fossem muito eminentes em teoria. Alguns raciocinavam como asnos!

75. Asseguramos, juntamente com todos os verdadeiros Filósofos, que tudo o que é necessário para nosso trabalho filosófico, além do combustível, vasos e alguns poucos instrumentos pertencentes à fornalha, pode ser adquirido por menos do que o custo de uma guiné, e isso em qualquer lugar e em qualquer época do ano.

Há cem anos atrás — mas não atualmente*!

76. Como nem ☉ nem ☾ devem ser usados de modo algum na formação e nutrição de seu trabalho filosófico, segue-se que o velho e comum ditado de alguns autores, a saber, "Que sem trabalhar com ouro, é impossível fazer ☉, prova ser apenas uma falsa noção de homens que não entendem nossa arte.

Siebold Schwartzner, Hollandus, Kunkel²²⁸ e vários outros dizem isso com grande verdade com relação aos seus próprios processos. O que diz Irineu Filaleto — P. 1? Paracelso diz: "com metais, pelos metais e nos metais, os metais são aperfeiçoados."

77. Quando nossos trabalhos Hercúleos são levados à perfeição, ou seja, quando nossos 3 princípios ou elementos estão preparados, purificados e perfeitos, a menos que a união filosófica e inseparável deles seja realizada exatamente, o Magistério da nossa Criação não poderá ser esperado.

Tudo correto e verdadeiro.

²²⁷ **Barão Sorbiger** é uma figura pouco documentada na literatura alquímica tradicional, e não há registros confiáveis que confirmem sua existência como autor ou praticante reconhecido. Seu nome aparece ocasionalmente em círculos esotéricos modernos, geralmente associado a relatos simbólicos ou apócrifos sobre práticas herméticas. A ausência de fontes primárias sugere que Sorbiger pode ser um pseudônimo, uma criação literária ou um personagem alegórico usado para ilustrar princípios alquímicos — como ocorre com Elias Artista ou Fulcanelli. Até o momento, não há obras atribuídas diretamente a ele, nem menções em compilações clássicas como o *Theatrum Chemicum* ou o *Aureum Vellus*. Sua presença, quando evocada, parece servir mais como arquétipo do alquimista oculto do que como figura histórica.

²²⁸ **Johann Kunckel von Löwenstern** (c. 1630–1703), frequentemente citado como Kunkel, foi um alquimista e químico germânico que se destacou por seus estudos sobre o fósforo e pela tentativa de sintetizar a Pedra Filosofal. No curso de Alquimia Mineral de Jean Dubuis, Kunkel é mencionado como um dos precursores da alquimia experimental, cuja abordagem prática influenciou o desenvolvimento da alquimia operativa moderna. Dubuis reconhece em Kunkel um exemplo de transição entre a alquimia simbólica e a química nascente, valorizando sua busca pela purificação dos metais e pela compreensão das forças ocultas da matéria.

Dubuis: daqui a três ou quatrocentos anos.

Dubuis: 3 ou 4 séculos a partir de agora.

78. Nossos princípios ou elementos, sendo levados a uma união perfeita e inseparável e à digestão, são chamados de triplo ☿ dos Filósofos, o qual, quando concluído, coroa toda a Criação e formação de nossa Obra.

Quando o elixir vermelho estiver completo, antes da fermentação com ☉ no ☿, ele é chamado ☿ *Philosophorum triplex*, por consistir de ☿, Δ ou Luz, ☿ umidade e Sal ∇ ou base, na qual o Δ é corporificado.

79. Toda a nossa obra da Criação, desde seu início até o fim perfeito, pode, com certeza, ser completada em menos de 9 meses, por qualquer artista hábil e cuidadoso que siga nossas regras, a menos que ocorra algum acidente durante a preparação dos nossos Trabalhos Hercúleos — o que, para evitar, realizamos nós mesmos em um vaso de barro, que consideramos muito mais seguro e melhor do que qualquer vidro, e que é mais condizente com a prática dos mais antigos Filósofos.

Muito bom! (Ele usou um ☿ de barro.)

80. Antes de unir seus elementos, seu ∇ clarificado (o ☉ fixo) deve ser digerido num calor moderado e contínuo de cinzas, para libertá-lo de qualquer umidade antinatural que possa ter atraído após sua purificação, de modo a estar apto a receber seu ☿ simplex, com o qual o ∇ clarificado deve ser nutrido na infância.

Início do último trabalho de imbibições do ☿ branco.

81. Se o seu ∇ clarificado (o ☉ fixo), depois de ter sido digerido por um mês completo, não apresentar-se extremamente seco, sutil e frágil, isso significa que você falhou na purificação ou clarificação dele, ou que a umidade externa que ele atraiu ainda não foi completamente dissipada.

Cautela quanto ao trabalho.

82. Tome muito cuidado para não iniciar suas imbibições do ∇ antes de verificar que ele está muito bem purificado, clarificado, seco e tornado extremamente sutil e frágil; pois isso causaria grande prejuízo à sua Obra, assim como ao seu ☿ e ainda que não a estrague totalmente, acarretará em grande perda de tempo.

Cautelas necessárias.

83. Depois que nosso ∇ clarificado (ou Θ fixo) tiver alcançado pureza, secura e frangibilidade perfeitas, deve ser imbuído com a oitava parte do seu φ simplex, ou “Leite de Virgem”, o qual, em muito pouco tempo, será absorvido como uma esponja — isso indica o estado faminto de nosso Infante — e então o fogo deve ser mantido até que o Infante tenha fome novamente.

Primeiras imbibições do ∇ purificado e clarificado, ou seja, o Θ fixo *metallorum* com o φ simplex — a oitava parte do φ simplex, isto é, uma parte de φ simplex para ser imbuída em 7 partes do Θ fixo e então digerida suavemente durante três ou quatro ϕ até que o infante tenha fome novamente. Isso deve ser feito em um vidro hermeticamente fechado, caso contrário você perderá o φ simplex volátil.

83. Se, no espaço de dois ou três dias, ou quatro no máximo, o Infante não se mostrar extremamente faminto, tornando-se novamente muito seco e frágil, será sinal evidente de que você o sobrecarregou alimentando-o em excesso.

84. Não exagere nas imbibições. Faça gota a gota, com um pequeno frasco contendo um pouco de φ simplex. (Use um conta-gotas – HWN).

85. Deve-se ter extremo cuidado na alimentação do nobre Infante (o ∇ clarificado, ou Θ fixo), pois, se você não observar bem nossas regras infalíveis, jamais conseguirá levá-lo à maturidade perfeita. É justamente na noção e proporção de nossas imbibições e no seu manejo que se espera o fim próspero e infalível de nossa Obra.

Consulte Nicolas Flamel e Artephius.

86. Deve-se sempre observar que o fogo seja muito brando enquanto se fazem as imbibições, para não forçar nenhuma parte do seu φ simplex a abandonar a terra. Pois, assim como o calor moderado ou agradável realiza a união entre a alma e o corpo e aperfeiçoa nossa Obra, o calor forte, ao contrário, os desune e destrói.

Isso deve ser atentamente observado.

87. Estando o Infante seco, deve-se repetir a imbibição novamente, e esse método deve ser seguido até que o ∇ ou $\ominus$ fixo tenha recebido seu peso proporcional de $\wp$, mas se então você não observar que ele flui como cera, seja mais branco que a neve e perfeitamente fixo, é necessário prosseguir com as imbibições até que todos esses sinais se manifestem.

(Ou seja, até que o ∇ esteja totalmente saturado e flua como cera, sem emitir quaisquer vapores. Atenção: cuidado extremo para não sobrecarregá-lo de mercúrio)

Os sinais, etc., são suficientemente claros para serem compreendidos conforme expressos.

88. As imbibições não devem ser feitas com mais frequência do que uma vez a cada três ou quatro dias, tempo no qual você perceberá que sua matéria absorveu todo o $\wp$ simplex adicionado e estará em grande necessidade de alimento, o qual deverá ser fornecido até que esteja saturado. O sinal disso será quando ela fluir como cera novamente.

(Tudo muito inteligível). Observe também aqui com que frequência Urbigerus abre o vidro e parece não temer interromper ou suspender as operações da Natureza, isto é, do Agente Universal da Natureza.

89. Sua matéria, estando levada à flexibilidade perfeita, brancura incomparável e fixidez inalterável (de modo que flui como cera sem emitir vapores voláteis), saiba então que você aperfeiçoou o Elixir Branco, o qual, fermentado com limalha de $\mathbb{C}$ fina, será capaz de transmutar todos os metais inferiores na mais fina $\mathbb{C}$ do mundo!

(**TINCTURA ALBA**) ∇ *Naturae Albuma*. Uma Luz Fixa URIM ainda não THUMIM.

ORA ET LABORA!

Lição 45: Outro método da Manteiga de Antimônio e Transição do Elixir Branco para Vermelho

Caro Amigo,

A manteiga de antimônio também pode ser produzida passando gás HCl sobre estibnita aquecida a cerca de 250 °C.

Montagem e método para esse trabalho:

1. Gerador de HCl com ácido sulfúrico e sal marinho.
2. O gás passa por um tubo com sal decomposto, que serve para absorver a água e o ácido carregados junto com o gás.
3. Em seguida, o gás entra em um tubo onde foram talhadas uma, duas ou três ranhuras de vidro, preenchidas com pó de estibnita. A parte externa do tubo é aquecida com fita ou fio térmico, ou por uma resistência enrolada ao seu redor. O tubo deve estar inclinado de forma que a manteiga produzida possa escorrer para fora da estibnita; então é aquecido a cerca de 250 °C.
4. O tubo se conecta a um balão de duas entradas (29/32); a segunda entrada é ligada a um condensador vertical, que assegura a condensação residual da manteiga.
5. A saída do condensador termina em um borbulhador cheio de água destilada; esta última dissolve o gás não utilizado. "Essa água transforma-se gradualmente em um ácido capaz de atacar diretamente a estibnita.

Precauções especiais:

- a) Toda a montagem deve ser feita com vidro esmerilhado ou com conexões de teflon.
- b) A estibnita deve ser natural, não calcinada.
- c) O gerador de gás é idêntico ao descrito na lição anterior.
- d) Um segundo borbulhador é útil aqui; o gás residual, se houver, pode então ser direcionado para o exterior.
- e) Toda a operação exige uma boa dose de experiência prática.

Destilação da manteiga sem o uso de um alambique

Destilação

Material necessário: dois balões de 125 cm³ com gargalo 29/32, uma extensão macho dupla 29/32, com ângulo entre 105° e 115°.

As conexões devem estar absolutamente limpas nesta operação.

Tenha prontos colares metálicos de conexão para os dois encaixes 29/32.

O balão A, contendo a manteiga, é cuidadosamente encaixado na extremidade da extensão.

Coloque uma tira de teflon na junção com o balão receptor B para que ele permaneça levemente móvel.

O balão A é colocado em um banho aquecedor; no entanto, o conjunto deve estar inclinado de forma que a manteiga derretida fique o mais próxima possível da saída, sem escorrer de fato.

O balão B deve estar semi-submerso em água fria.

Quando não restar mais manteiga em A, deixe tudo esfriar e remova o teflon de forma que a junção de B fique perfeitamente vedada. O conjunto é então submerso em água a 90 °C com o balão A na parte superior. Assim, a manteiga solidificada na extensão ou na parte superior de A escorrerá para o balão B.

Desmonte as junções do balão A, limpe todos os resíduos escurecidos e seque bem.

Após a limpeza das conexões, os balões são trocados (A torna-se B e vice-versa) para uma segunda destilação.

A operação é repetida até não restar mais nenhum resíduo, ou até que este esteja levemente esbranquiçado.

Embora teoricamente não sejam liberados vapores tóxicos durante esta operação, a cautela ainda é recomendada, uma vez que os produtos envolvidos são altamente corrosivos.

Esta lição completa o trabalho de Urbiger, que é esclarecido por alguns textos adicionais.

AFORISMOS DE URBIGER (final)

90. Antes que o Elixir Branco seja fermentado com a ☾ comum, você pode multiplicá-lo tanto em virtude quanto em quantidade pela continuação das Imbibições com o ☿ simplex, pelas quais ele pode, gradualmente, ser levado ao infinito em sua virtude.

Essa multiplicação em virtude ou quantidade difere das primeiras Imbibições. Durante as Imbibições ou Incerções, o Branco da Natureza, predominando sobre o ☿ simplex adicionado, a coagulação e fixação são rapidamente efetuadas, mas durante a multiplicação, a composição deve voltar a se liquefazer, morrer e putrefazer, tornar-se negra, depois branca, fixa e friável, o que deve levar algumas semanas. Então, se uma vez se tornar Branca como Neve e fixa novamente, você pode imbibir outra vez como antes, a cada 2 ou 3 dias, até que ela volte a fluir como cera sem fumegar. Então poderá ser fermentada com ☾ fina em um ☿ para a transmutação em ☾.

91. Uma vez que o Elixir Branco atinja seu grau de maturidade, se você desejar levá-lo ao mais alto grau de perfeição, em vez de fermentá-lo com ☾, deve-se cibá-lo com seu próprio sangue, com o ☿ duplex, pelo qual, sendo nutrido, multiplicado em qualidade e quantidade, toda a obra é realizada. (C. Cramer diz sobre essa obra: Se você quiser aperfeiçoá-la até o ☿ vermelho, ela deve agora esfriar).

Mas se você quiser, com um dos seus vidros, prosseguir até o ♀ VERMELHO da Natureza, não retire o vidro, nem permita que o assunto esfrie, mas imbiba-o com o ☿ duplex vermelho rubi, e prossiga a cada 3 ou 4 dias com suas imbibições como fez antes com o ☿ simplex, sempre em calor suave, dia e noite, até que o ♀ vermelho ou vermelho indeterminado seja obtido, o qual deve ser fusível e fixo, ou seja, deve fluir como cera sem fumegar.

92. Assim que você realizar a primeira imbibição com seu duplex, verá uma grande alteração no vidro, pois aparecerá nada além de uma nuvem, preenchendo todo o espaço do vaso, o princípio fixo estando em reação (em Brait:) com o volátil, e o volátil é o vencedor no início, mas finalmente, por seu próprio Δ interno, unido ao calor externo, ambos são unidos e fixados inseparavelmente (para serem multiplicados ou novamente imbibidos com o ☿ duplex).

Durante as primeiras imbibições, que é sempre a mais longa, uma segunda morte e putrefação ocorrerá antes que a regeneração possa ser efetuada, pois nas coisas espirituais e materiais, toda a natureza é aprimorada por sofrimentos e morte para ressuscitar em um corpo glorificado.

Essa primeira imbibição do Elixir Branco ☿ aperfeiçoado, ou do ♀ Branco da Natureza, com o ☿ duplex, como a Obra deve novamente passar pelo Preto, Branco e perfeito Vermelho, pode provavelmente exigir 3 meses ou um pouco mais até que a substância vermelha esteja perfeitamente fixa e fusível. Quando o vermelho fixo e fusível ♀ Naturae for alcançado, a 2ª, 3ª, 4ª ou 5ª

imbibições então serão realizadas a cada 3 ou 4 ☯ até que esteja fixado novamente. Talvez cada imbibição (Nota: após a primeira) possa ser concluída em 24 horas; pois esse vermelho ☿ Narturae não é mais Luz concentrada e fixada, mas agora é Luz agitada e concentrada manifestada em Δ ou THUMIM, cujo fogo está corporificado na ∇ da substância. Portanto, isso é Urim e Thumim, ou seja, Luz e Perfeição em um corpo que antes era dividido em dois.

93. O vidro deve ser oval com um pescoço de seis (6) polegadas de comprimento e muito resistente, de um tamanho adequado, de modo que a matéria, ao ser colocada no vidro, preencha apenas um terço dele, deixando os outros dois terços vazios. Pois, se for grande demais, atrapalhará muito a realização da obra, e, se for pequeno demais, o vidro se quebrará em mil pedaços.

O conselho de que o vidro deve ser espaçoso mas não excessivamente grande deve ser seguido. Eu recomendaria aquecer o vidro antes de usá-lo, e ele nunca irá se romper.

94. Após você ter cibado o nobre Elixir com seu ☿ duplex, antes que possa atingir sua perfeita fixidez, ele deve necessariamente passar por todos os estados e cores da natureza, pelas quais devemos julgar seu temperamento.

Esta é uma repetição ou confirmação do que já disse em minhas notas sobre o nº 92.

95. As cores constantes e essenciais que aparecem na digestão da matéria, e antes de alcançar a perfeição, são três, a saber: Preto, que significa a putrefação e conjugação dos elementos; Branco, que demonstra sua purificação; e Vermelho, que denota sua maturação. As demais cores que surgem e desaparecem no progresso da Obra são apenas acidentais e inconstantes.

O mesmo aqui é muito inteligível e compreensível.

96. A cada cibação com sua própria carne e sangue (com o ☿ . duplex vermelho), regenerando suas cores e digestão, o Infante se tornará cada vez mais forte até que, finalmente, estando plenamente saturado e digerido, se torne o Grande Elixir dos Filósofos, com o qual será possível realizar maravilhas em todos os reinos — animais, vegetais e minerais.

Estas são as imbibições após a primeira e mais longa imbibição com o ☿ duplex, seu próprio sangue, as quais suspeito que serão todas realizadas em

poucos dias e noites, devido à fixidez da matéria agora Δ corporificada, manifestada por sua vermelhidão, o THUMIM (perfectum est) de Aarão e Salomão. Esse ∇ Naturae vermelho é tudo em tudo, universal, indeterminado, e é o ∇ Universal para estabelecer harmonia perfeita nos corpos doentes de vegetais e animais, e, ao corroborar maravilhosamente a natureza, a própria Natureza torna-se suficientemente poderosa para expulsar toda enfermidade pela raiz em pouco tempo, mas assim como podemos ser mortos por um raio, ou por um choque elétrico muito violento, que é o mesmo agente Universal, podemos também ser mortos e ter a vida extinta por este agente universal corporificado mais poderoso, ou ∇ Naturae vermelho, se não for previamente suficientemente atenuado por S.R.V. até uma essência rubi vermelha, universal e potável, ainda mais enfraquecida por Urina Branca, pois podemos ser reduzidos a cinzas por um grande fogo, e por um calor moderado podemos ser aquecidos e fazer com que esse calor nos sirva.

97. (a 99) Quando seu Elixir alcançar perfeita fusibilidade e fixidez, se você desejar fazer um remédio sobre metais, deve determiná-lo ou fermentá-lo com limalha fina de $\odot$ comum, na qual determinações ele vitrificará o ouro, e então você possuirá um medicamento incomparável capaz de transmutar todos os metais imperfeitos no mais puro $\odot$, segundo a doutrina de todos os filósofos, embora nós mesmos jamais tenhamos tido outra intenção senão um remédio universal para a cura de todas as doenças curáveis incidentes ao corpo humano.

(O bom Barão buscava apenas aliviar o sofrimento de seus semelhantes curando males físicos. Ele indica que NÃO procurava transmutar metais vis em ouro e, assim, dá a entender que nunca tentou essa operação tão importante. — HWN).

Isso é muito sincero, claro e inteligível — se é assim, e deve ser assim, se você raciocinar e refletir sobre os efeitos estupendos e o poder do Δ corporificado, ou Agente Universal de Deus e da Natureza!! Quanto mais você considerar e raciocinar sobre isso, mais estará convencido de que DEVE ser assim e de nenhum outro modo. Pode apostar, a química moderna gradualmente será obrigada a retornar a essa verdade conhecida nas eras primitivas!

1° Agente Universal onipresente, inviolável, tranquilo, não manifestado, contido no sílex e no aço e no ar que nos cerca tanto à noite quanto de dia, preenchendo o espaço infinito em cada átomo de matéria no Espaço.

2. Manifestado na Luz, pelo movimento elétrico, pelo $\odot$ e pelas estrelas fixas

ou sóis, e por cometas, igualmente por máquinas elétricas, pelo diamante na escuridão, por fricção, pelo silex e aço, e mais adiante pela concentração manifestada em calor e aquecimento ~ e...

3. Por agitações e movimento circular adicionais, manifestado nas chamas ardentes de Δ , como vemos com lentes ardentes e pelo silex e aço, mas o Agente Universal onipresente, o Δ não manifestado e tranquilo não deve ser retirado, mas deve ser admitido para alimentar ou sustentar o Δ , e deve ser suprido com um sujeito sobre o qual agir, ou seja, combustível, ou ele retornará ao seu primeiro estado onipresente de universalidade, do qual, no entanto, pode ser re-manifestado por movimento, por máquinas elétricas, ou pelo silex e aço, ou por qualquer outro movimento ou ação apropriada, em linhas retas, por fricção, ou por martelamento ou movimento circular — esse princípio reaparecerá em todo lugar, desde que não seja excluído pela exclusão do Δ atmosférico, e se manifestará em Calor, em Δ , ou em Δ e Luz.

Este é o princípio vital que anima o Δ atmosférico no caráter de espiritual ou $\ominus$ incorpóreo, chamado por Sendivogius de oxigênio. Quando expandido em umidade, torna-se o $\$$ aéreo universal e, quando encontra um Ímã adequado, torna-se $\ominus$ corporificado.

98. Deve-se observar na fermentação que o Elixir não exceda o fermento em quantidade. Caso contrário, o “ligamento nupcial” não poderá ser realmente realizado, e quando o fermento é predominante demais sobre o Elixir, toda a Massa se transformará em pó.

99. O melhor método de fermentação é pegar uma parte do Elixir e colocá-lo no meio de 10 partes de ouro fino em limalha, fundido em $\odot$ para purificá-lo de todas as suas impurezas, e mantê-lo em fogo circulatório por 6 horas, aumentando o fogo gradualmente, de modo que nas duas últimas horas esteja em boa fusão, e quando esfriar você encontrará toda sua matéria extremamente quebradiça e frágil e da cor da pedra granada.

Dubuis: “ligamento nupcial” é uma metáfora alquímica para a união estável e perfeita entre duas substâncias.

Dubuis: “cor de pedra granada” refere-se a um tom vermelho escuro semelhante à gema granada

100. Uma $\overline{aaa}$ comum de ♀ com chumbo é considerado o sujeito mais apropriado para fazer projeções, o qual, estando em fusão, sua matéria

fermentada, envolta em cera, deve ser lançada sobre o $\overline{aaa}$, e imediatamente cobrir o ∇ .

Dubuis: Uma $\overline{aaa}$ comum de ∇ com chumbo é considerado o objeto mais apropriado para fazer projeções, e a tintura deve ser lançada no ∇ em três partes iguais; a primeira, envolvida em cera, no início, a segunda depois que o som de união e separação for ouvido no cadinho e a terceira algum tempo depois; o todo é deixado esfriar por si mesmo.

Continue o Δ até ouvir o ruído da separação e união e mantenha por duas horas no fogo de fusão.

101. Quem quer que se atreva a preparar o Grande Elixir segundo nosso modo mais secreto, sem seguir e observar todas estas nossas regras infalíveis, se verá grandemente enganado ao final, tendo, após muito trabalho, gastos e esforço, colhido nada além de descontentamento. Por outro lado, aqueles que seguirem nossos caminhos verdadeiros e infalíveis, com muito pouco trabalho e despesas, alcançarão o fim desejado.

FINIS

ADENDO

O que segue é um adendo aos aforismos anteriores, e não está claro se pertencem ao autor ou se são comentários do Dr. Bacstrom.

A $\mathbb{C}$ recebe os frios Raios Solares de Luz, e a atmosfera então rarefeita da $\mathbb{C}$ provavelmente concentrava esses raios o suficiente para fornecer um calor apropriado aos seus habitantes, o que deve ser maior quando a $\mathbb{C}$ está entre o $\odot$ e a Terra ($\mathbb{C}$ nova), quando eles têm verão, do que no ponto oposto — quando a Terra está entre o $\odot$ e a $\mathbb{C}$ ($\mathbb{C}$ cheia), quando lá é inverno.

Esses raios $\mathbb{C}$ ou luz ds $\mathbb{C}$ refletidos na Terra são o princípio umectante ou de absorção do ∇ da Natureza universal, e, quando reunidos, produzem frio e umidade lunar, o que eu mesmo comprovei, assim como Kenelen Digby antes de mim.

Acredito que essa umidade (como o princípio feminino universal) seja tão necessária para a produção de vegetais quanto a Luz Solar, ou a Luz trabalhada ou coletada (calor) — o todo universal, que é o ∇ da Natureza universal principalmente manifestada de forma corporificada $\oplus$, mas antes disso, de forma de $\oplus$ não corporificado, assim como a ∇ da $\mathbb{C}$ universal é corporificada no $\ominus$ marinho, mas ambos se unem em $\oplus$ para a geração de marcasitas e em $\otimes$ para metais.

Os raios solares de luz que incidem sobre $\mathbb{C}$ são, pela atmosfera então rarefeita da $\mathbb{C}$, muito enfraquecidos e muito pouco concentrados e coletados e, por isso, a Luz do Δ é fria e produz a umidade da $\mathbb{C}$, enquanto nossa atmosfera, sendo mais

aquosa e mais distante da Terra, faz com que os raios solares sejam mais copiosamente reunidos e concentrados em calor, e até em chama ardente, o que não pode ser feito pelos raios ☾, que, ao contrário, produzem frio e umidade.

A pura umidade lunar ou o ☾ elementar é o ☾ universal ou ☾ simplex da natureza. O princípio umectante, absorvente da Natureza ☾,☾,☾,☾. Assim como a Luz Solar gera a Natureza Tintante, aquecedora, maturadora, sulfúrica ☾,☾,☾,☾; mas quando ambos atuam em conjunto, são ☾, duplicadores da Natureza, ou seja, a esposa casada com seu marido natural; a umidade fria lunar unida à secura solar; e, pelo movimento, coleta e concentração, geram daí o calor e o aquecimento, que, ao impregnarem a umidade da ☾ fria, tornam-se o universalis duplicatus ☆ sive animatus.

Quanto mais você considerar isso sem preconceito, esquecendo que sou eu quem escreve, mais verá que estou certo, e que minha filosofia se baseia no agente universal da Natureza, que tem o poder de gerar sua esposa e sua filha por meio da ☾, e provavelmente todas as outras ☾ ou satélites de ♃, ♄ e Urano; com o propósito de gerar o universal para seus mundos planetários primários, para resfriar, umedecer e absorver aquilo que os raios solares maturam e fixam.

Leia atentamente os capítulos XL e XLI de Jó e verá que Jó descreve o agente universal de maneira nobre sob as alegorias do Beemote, capítulo XL.19, como sendo o principal dos caminhos de Deus, e outras vezes como manifestado no espiritual e no ☾ corporal. Verá que Jó concorda comigo no que digo.

Não saiu um fluxo de ☾ do trono do ALTÍSSIMO? Em Ezequiel e Daniel? Por que esses dois profetas não encontraram uma metáfora melhor para algo que procede diretamente de Deus? Por quê? Porque esse fluxo de ☾ é o principal dos caminhos de Deus, o Pai da Luz e do ☾, do oxigênio e do hidrogênio, do azoto e de tudo o mais!

Se você conseguisse desviar o ácido nítrico fumegante nos vapores vermelhos de cada gota de umidade que contém o ácido universal, acredite: esse fogo úmido concentrado escaparia e retornaria ao seu primeiro estado invisível e onipresente de universalidade, e se dissiparia em uma chama. É o ☾ Universal Aéreo que o mantém suspenso em forma líquida, na umidade da ☾, fortemente impregnada com o ☾ universal.

Estou convencido de que, sempre que se conseguir corporificar o ☾ e fixá-lo em um Ímã adequado, por exemplo em ☾, teremos a transmutação dos metais e poderemos multiplicá-lo como se faz com o ☾ elementar, por meio de seu próprio princípio. O princípio em si não precisa de regeneração, pois o principal dos caminhos de Deus não precisa de regeneração, já que é imortal e imaterial e, portanto, não pode sofrer nem morrer, mas o Ímã em que se deve manipular, corporificar e fixar isso, sendo ☾ ou ☾, seja animal, vegetal ou universal, precisa ser regenerado por sofrimentos e morte, para ressuscitar em um Corpo glorificado. Para

que o princípio imortal do Δ e da Luz possa habitar ali permanentemente e ser multiplicado ali, ad infinitum. Enquanto, a cada multiplicação, a ∇ glorificada é regenerada novamente, até que após a sétima se torne um Δ corporificado fixo na forma de um Óleo Rubi Vermelho que emite Luz no escuro e é o mais alto mistério alcançável na Natureza, e a mais elevada pureza possível da Natureza.

ORA ET LABORA!

Lição 46: Kermes e Tintura de Paracelsus

Caro Amigo,

Voltemos à Lição Mineral nº 24 mais uma vez. Se você não tem aversão a cheiros desagradáveis, pode eliminar a calcinação 6 B. No entanto, após o passo 6 G, é melhor proceder da seguinte maneira:

- ~ secar e calcinar o Kermes;
- não realizar a circulação 7 A.

A circulação com álcool 8 A faz com que o acetato de antimônio se separe do acetato de sódio, sendo este último pouco solúvel em álcool. Esse método não funciona quando se usa

potassa no passo 6 C, já que o acetato de potássio é solúvel em álcool.

Os critérios para um acetato de antimônio satisfatório para as operações seguintes são que, após as lavagens com álcool:

- ele apresente uma coloração vermelho carmim;
- o acetato seja deliquescente.

Note que, se você usar chumbo, o acetato torna-se branco após as lavagens, ao contrário do antimônio.

Os acetatos obtidos do Leão Negro calcinado do antimônio deixarão um depósito negro durante a coagulação. Esse resíduo deve ser eliminado no decorrer de uma coagulação semelhante, a fim de evitar tumultos violentos da substância no balão. No caso do antimônio, assim como no do chumbo, as coagulações e destilações secas tornam-se cada vez mais delicadas à medida que são repetidas sobre o Leão Negro

Precauções para a manteiga de antimônio:

- Evite que qualquer graxa de silicone entre os encaixes, pois pode contaminar a manteiga. Condições herméticas só podem ser obtidas com vedações de teflon.
- Pela mesma razão, evite o uso de tubos de silicone neste trabalho.

Os três textos aqui apresentados — *Tintura de Antimônio de Paracelso*, *Trabalhando com a Manteiga de Antimônio* por um autor anônimo e *Trabalhando com a Manteiga de Antimo* por M. Hand — são esclarecimentos práticos dos *Aforismos de Urbigerus*.

Para o trabalho com a manteiga de antimônio, veja os comentários sobre os vinte primeiros Aforismos de Urbigerus sobre o grande elixir. Os elementos masculino e feminino são, de um lado, o Espírito do sal marinho, e do outro, o nítro atmosférico. Este trabalho só pode ser realizado na primavera.

²²⁹ Por outro lado, o método de Paracelso (ver texto anexo) pode ser realizado em qualquer época do ano, mas o vinagre dos passos 6 e 8 deve ser um vinagre de vinho, condensado a frio e depois destilado. Na verdade, é preferível usar um vinagre radical.

Acreditamos que se possa tentar o chamado “trabalho da manteiga de antimônio” utilizando um acetato vermelho que aceite a deliquescência no lugar da manteiga. Nesse caso, o nítro é carregado pela matéria por meio da deliquescência, e o Espírito do sal marinho é substituído pela ‘flor do antimônio’, se esta não tiver sido eliminada durante a preparação do acetato.

ORA ET LABORA!

N.B. Aguarde a próxima lição antes de iniciar as operações práticas.

A TINTURA DE ANTIMÔNIO DE PARACELSO

1. Prepare uma água régia filosófica:
 - a) adicionando sal marinho ao ácido nítrico;
 - b) ou preparando C L H separadamente com sal marinho e H_2SO_4
2. Dissolva lentamente a estibina, adicionando-a aos poucos.
3. Assim que atingir o ponto de saturação, filtre rapidamente.
4. Imediatamente precipite a estibina dissolvida com excesso de água.
5. Lave e seque o precipitado.
6. Coloque o precipitado em uma estufa de incubação com vinagre destilado por quarenta dias e repita enquanto a tintura apresentar cor.

²²⁹ O “**nítro atmosférico**” refere-se a uma antiga concepção alquímica de substâncias extraídas do ar, não equivalente ao nitrato de potássio moderno.

7. Misture todas as tinturas e destile, mas não até o ponto seco.
8. Dissolva novamente a substância em vinagre e destile.
9. Lave a matéria várias vezes em água destilada.
10. Seque a substância em fogo brando.
11. Submeta o pó em digestão com álcool absoluto por quatro dias; não faça destilação seca.
12. cohobe até que o espírito de vinho manche o alambique com cores delicadas.
13. Aumente a temperatura, e o álcool passará como um líquido vermelho, unido ao óleo de antimônio.
14. Separe o óleo do espírito de vinho por destilação lenta.
15. Guarde o óleo e o espírito de vinho separadamente em um frasco hermético.
16. O álcool separado do óleo é o remédio bendito para o corpo humano.
17. O ☿ deve brilhar em vermelho à noite.
18. Embeba oito partes de chumbo calcinado com uma parte de óleo de antimônio, que devem ter sido misturados gradual e cuidadosamente.
19. Coloque tudo em um cadinho raso; vede a tampa e feche bem.
20. Deixe digerir a uma temperatura de 50-60 °C por 2 dias.

21. Aumente o calor gradualmente até atingir 220 °C no quarto dia, mantendo assim por três dias.
22. No sétimo dia, aumente o calor até que o cadinho fique vermelho-escuro.
23. No décimo dia, apague o fogo e deixe esfriar.
24. Remova a massa negra semelhante a carvão que se encontra sobre uma massa de bela cor amarelo-avermelhada.
25. Reduza essa massa a pequenos pedaços e misture com bórax completamente seco. Derreta, e grande parte do I_2 será fixada no $\odot$.
26. Transforme o $\odot$ em cal $\Psi \odot$ (essa operação é descrita separadamente).
27. Deixe o $\Psi \odot$ digerir em fogo brando por um mês com álcool vínico absoluto.
28. Destile o álcool e cohobe até que o resíduo esteja com consistência de mel.
29. Esse mel, solúvel em álcool e em água, é o ouro potável dos sábios.
30. Embeba uma parte desse óleo altamente volátil com duas partes de óleo de antimônio. Despeje tudo em um frasco de vidro preenchido até um terço e selado hermeticamente.
31. Coloque o frasco em um forno de digestão e deixe lá por dez dias a 90-100 °C.
32. Aumente gradualmente para 150-160 °C e deixe por mais dez dias; depois mais dez dias a 220 °C.
33. Durante os primeiros dez dias, a substância torna-se preto-acinzentada; no vigésimo dia deve estar branco-prateada; e no trigésimo dia, da cor vermelha do cinábrio.

34. Coloque o frasco em um banho de areia e aumente até o quarto grau de calor. Em dez dias a substância deverá começar a derreter, mantendo-se com uma cor vermelho-rubi profunda.
35. Após esfriar, deverá restar uma substância vítrea e transparente. Isto não é a Pedra para o corpo humano, mas é capaz de transmutar ☿ e ♀
36. Aumente em quantidade: prepare uma embebição de ☿ ☉ e ☿ ☼ e adicione um pouco da Pedra anterior, como na primeira operação; desta vez, porém, a presença da Pedra reduzirá o tempo de todo o processo para dez ou doze dias.
37. Aumente em qualidade: misture uma parte da Pedra vítrea com apenas duas ou três partes de ☿ ☼ e eleve até os quatro graus de calor.

Importante: o volátil ☿ ou ☿ de ☉ que Paracelso chama de ♀ de ☉ é idêntico ao que Glauber chama de Chifre da Lua em ♀ de —

Glauber  nomme Corne de la Lune à  d' ☾ .

(provavelmente prata mais omitido).

A multiplicação é de dez para cem.

38. Bacstrom diz que ☿ de ☼ pode ser fixado por si só, sem qualquer ouro, apenas pelo ciclo de aumento de calor. Então a Pedra pode ser feita simplesmente fundindo o ouro em um cadinho com ☿ de ☼ fixado, evitando assim a delicada produção do ☿ de ☉.

TRABALHANDO COM A MANTEIGA DE ANTIMÔNIO (Tricloreto de antimônio)

Atenção: Todos os fumos de antimônio são tóxicos.

1. Prepare um régulo marcial de antimônio, reserve a primeira escória e purifique-o completamente por três fusões sucessivas com nitrato de potássio.
2. Reduza-o a pó em água (para evitar que o pó tóxico se espalhe pelo ar). Depois, seque-o cuidadosamente.

3. Usando sublimado corrosivo (o fogo secreto dos sábios), converta o antimônio (o leão verde) em Manteiga de Antimônio (o glúten da água).
4. Retifique a Manteiga repetidas vezes até que não reste mais nenhum resíduo, ou, no máximo, uma pequena cal branca.

Nota: a Manteiga derrete a 73 °C, ferve a 230 °C, mas começa a passar a 160 °C. A Manteiga se decompõe em contato com a água.

5. Exponha a Manteiga ao ar, em camadas finas em pratos rasos. Deixe-a exposta ao ar durante as noites calmas de março, abril, maio e início de junho. Após a deliquescência, destile o espírito e exponha a Manteiga novamente. Repita o mesmo procedimento a cada exposição até que não haja mais nada a ser atraído. Por esses meios, quase toda a Manteiga passará gradualmente pela destilação.
6. Retifique o fluido várias vezes a baixa temperatura (usando um banho de óleo no início e um banho-maria depois), até que não reste mais resíduo algum ao final da destilação. A cada nova destilação, será necessário menos calor, até que o calor da mão quase seja suficiente para destilar.
7. Despeje todo o fluido em um “capitel cego” e coloque-o em temperatura de putrefação. A temperatura deve ser ligeiramente superior à do sangue (40 °C).
8. A temperatura é mantida por várias semanas até que a substância apresente aspecto espesso e negro, e traços de espuma surjam na superfície.
9. Observe cuidadosamente a substância até que ela dê sinais de querer subir pelas paredes do recipiente. A substância se abrirá sozinha na forma de uma úlcera em um ou mais pontos. Agora está pronta para a separação dos elementos.
10. Retire o capitel cego sem diminuir a temperatura ou perturbar a substância. Coloque um helm. Aumente lentamente a temperatura até que não passem mais vapores sem aumento de calor, ou até que as gotas que caem do helm do alambique fiquem esbranquiçadas em vez de transparentes. Isso indica

que os fleugmas foram separados.

11. Troque o balão coletor e mantenha uma temperatura apenas suficiente para que o líquido branco passe. Perto do fim, as gotas começarão a ficar avermelhadas.
12. Troque o balão coletor para preservar cuidadosamente o líquido branco. Aumente o calor, sempre vigiando a temperatura, até que uma água vermelha e oleosa passe.

Esta é o mercúrio para impregnar o remédio vermelho, após se ter obtido o branco.

13. Retifique o óleo branco para livrá-lo de todos os resíduos. Em seguida, impregne a matéria restante no balão coletor com esse óleo branco. A impregnação deve ser feita suavemente, após o que se mantém um calor baixo e constante. Quando a substância tiver absorvido tudo, após alguns dias, pode-se iniciar novas impregnações. A matéria nunca deve ser afogada pelo óleo, mas apenas umedecida.
14. Quando a substância não absorver mais nenhum líquido (e apresentar-se como cera mole e incandescente), aplique um alambique e destile o espírito.
15. Uma vez que o espírito tenha sido totalmente separado, aplique um capitel cego e aumente gradualmente o calor. Um sal então se sublimará e se fixará nas paredes do vidro. Este processo deve ser cuidadosamente observado, pois o fogo deve ser interrompido assim que o sal estiver sublimado; caso contrário, há o risco de ele cair e vitrificar-se com a matéria, o que arruinaria todo o trabalho. Pare o fogo assim que a fumaça deixar de sair da matéria. Na verdade, é melhor arriscar deixar um pouco de sal na matéria do que correr o risco de perder tudo. Se, após a separação do sal, você suspeitar que ainda resta sal na substância, uma segunda destilação sempre é possível.
16. Despeje uma parte do espírito destilado da seção 15 sobre esse sal, em quantidade suficiente para dissolvê-lo. Destile em baixa temperatura. O espírito passará junto com uma porção do sal. O que restar será novamente dissolvido e destilado, e isso se repete até que todo o sal tenha passado com o espírito. Com isso concluído, obtém-se o verdadeiro Mercúrio Filosofal da

fonte de Conde Trevisan, no qual o Rei se banha.

17. Com uma destilação e putrefação apropriadas, esse mercúrio torna-se um remédio fixo branco. Uma vez obtido, a impregnação com o óleo vermelho, gradualmente e sem arrefecer, dará origem ao remédio vermelho fixo após a digestão.

O TRABALHO COM MANTEIGA DE ANTIMÔNIO

Conforme comunicado verbalmente ao Sr. Hand por um possuidor dos arquivos de:
Sigismond Bacstrom

Prepare cuidadosamente uma manteiga de ♂ a partir do régulo marcial estrelado, bem preparado com ♀ sublimado. Retifique a manteiga. Quando estiver pura, exponha-a às atrações da atmosfera sob os raios lunares. Nos dias seguintes, destile em fogo muito brando toda a umidade que se elevará facilmente.

Exponha novamente o resíduo aos raios lunares e destile outra vez como antes, mas com um calor ainda mais suave. Por exemplo, se a primeira destilação exigiu o calor de três pavios na lamparina, a segunda não precisará de mais que dois. Repita essas atrações e destilações até que a umidade destilada não carregue mais antimônio consigo.

É singular que o licor carregado pela segunda destilação leve consigo tanto ♂ quanto o licor da primeira atração. Isso é facilmente verificado precipitando-se o ♂ em quantidades iguais usando água destilada. Para extrair tudo que o sujeito possa oferecer, pode-se requerer 9, 10 ou 11 atrações e destilações.

Os produtos das diferentes destilações devem então ser reunidos em um ou mais globos de vidro apropriados e expostos a um calor favorável à putrefação do sujeito: basta um calor vaporoso e muito suave. Esta parte do processo, segundo o possuidor, é a que exige maior atenção. Surgirá uma negrura e, por fim, o sujeito apresentará um certo sinal pelo qual se saberá que chegou o momento da

SEPARAÇÃO DOS ELEMENTOS

Surgirá uma espécie de borbulhamento em torno da borda da negrura, como o borbulhar de piche fervente. Uma certa substância de aspecto glutinoso, semelhante à matéria que sai das feridas de um cavalo, se manifestará. Este é o sinal de que a matéria está pronta para a destilação.

DESTILAÇÃO

Acople um capelo ao vaso e destile com calor muito suave. Um fluido incolor passará primeiro. Após algum tempo de destilação, começará a vir um fluido colorido. Deve-se então trocar o recipiente e manter separado o óleo vermelho do óleo branco.

IMBIBIÇÃO

O óleo branco, ou mercúrio, deve agora ser animado derramando-o, em pequenas quantidades, sobre o caput mortuum, do qual foi destilado após a putrefação. A quantidade não deve ultrapassar um oitavo da da terra. Digira em calor brando até que a terra pareça estar seca, por assim dizer, e então embeba e digira novamente. Repita a imbibição e digestão até que a terra se recuse a secar mais.

PROCEDIMENTOS ADICIONAIS

A matéria deve agora ser novamente destilada em fogo brando. Um fluido incolor passará, levando consigo uma substância salina — o verdadeiro sal da Natureza.

Você agora obteve o verdadeiro Mercúrio dos Filósofos, que só requer a devida digestão para passar pela putrefação e tornar-se o remédio fixo branco. Quando isso for obtido, um ou mais dos frascos podem ser embebidos com o óleo vermelho, pouco a pouco, sem deixá-los esfriar, e a obra (com os frascos bem fechados) prosseguirá pela digestão até o remédio fixo vermelho.

FINIS

NOTA: A seguir encontra-se uma carta manuscrita que foi inserida neste ponto do manuscrito por Sig. Bacstrom.

Outro faz ☿♂♀. Ele faz ☿♂, uma parte ♂, duas partes de ♀. Depois toma tanto ♀ puro quanto tiver de ♂, funde ♀ com ☿♂ e adiciona novamente duas partes ♀, funde, fulmina e purifica com ☉. Com esse ☿♂♀ e ☿ corrosivo ele faz sua manteiga, que é o Ímã que atrai o-^-. O calor para destilar ☿ não deve exceder o calor de uma mão aquecida.

Nota: Em um manuscrito anterior, outro autor faz ☿♂♀ mas mistura verdete puro em vez de ☿.

Ele atrai e destila até que não se possa obter mais ☿. Então rejeita sua manteiga gasta. Esre ☿ continha ☿ sublimada ou ☿ volátil. Estes atraíram o ☿ volátil que ele digere em um vaso até a putrefação e o ☿ é gradualmente ☿ para o fundo. Quando a putrefação termina, ele destila seu S.V. filosófico, depois vem o fleuma, a ☿ restante. O Sr. H. diz que o fleuma passa primeiro e o que resta é o ☿ simplex. O Triunfo Hermético diz que o fleuma vem primeiro e então segue o ☿ simplex. Contudo, M. H. cohabita seu ☿ simplex sobre a ☿ e o destila várias vezes para

extrair o Δ filosofal ou ∇ da ∇ . Por essas cohobações ele destila um óleo branco e vermelho, & simplex e dupléx. Ele fixa o simplex sobre a ∇ clarificado e digere até o elixir branco, depois embebe este com duplex e digere até o elixir vermelho. Ele não mencionou a calcinação da ∇ vazia após a extração do ∇ filosofal vermelho ou $\odot$ volátil.

O TRABALHO DO SR. HAND

Nota: Este manuscrito segue os outros dois trabalhos. Está levemente condensado em alguns trechos, mas de forma que nenhum significado seja alterado.

N.B.: EVITE TODAS AS EMANAÇÕES DE ANTIMÔNIO, POIS É VENENOSO.

1. Prepare um ∇ bem purificado.
2. Triture o regulus em pó debaixo d'água. Seque com cuidado.
3. Pelo ∇ corrosivo* ("fogo secreto dos filósofos"), converta este antimônio (seu leão verde) em Manteiga de $\odot$ (o Glúten da Águia).

* Dubuis (cloreto de mercúrio)

4. Retifique a manteiga repetidamente, até que não deixe fezes ou apenas um pequeno calx* branco

*Dubuis: cinzas

5. Exponha a manteiga em pratos rasos ao ar durante noites serenas, em março, abril ou maio (Nota: veja "Mutus Liber"). Destile o ∇ e repita até que não seja mais atraído. Por este meio quase toda a manteiga pode ser levada.
6. Retifique o fluido várias vezes, com calor suave, até que não deixe fezes no balão. Cada destilação sucessiva exige menos calor, até que o calor da mão seja quase suficiente.
7. Coloque um capitel cego, estabeleça calor para putrefação. O calor deve ser ligeiramente superior à temperatura do sangue.

(NOTA: Neste ponto, uma nota de rodapé foi inserida, de punho de Bacstrom,

mas em tinta de cor diferente, talvez indicando inserção em data posterior. Diz: A matéria assim preparada e exposta ao calor nunca sofrerá mudança, portanto o que se segue é um disparate.)

8. Mantenha calor uniforme por várias semanas até que a matéria apareça ligeiramente espessa e uma espuma negra, parecida com piche, surja na superfície.
9. Observe cuidadosamente até que a matéria demonstre disposição para subir pelas laterais do vidro e busque este sinal. A matéria se abrirá em um ou mais lugares como uma ferida feia. Agora está pronta para a separação dos Elementos.
10. Remova o capitel cego, e sem perturbar a matéria ou deixar o calor apagar, encaixe o alambique e o recipiente coletor. Aumente o calor lentamente até que vapores comecem a passar para o recipiente. Mantenha o mesmo calor até que nenhum vapor passe sem pequeno aumento de temperatura, ou até que as gotas, ao caírem do capacete do alambique, apareçam esbranquiçadas em vez de lípidas. Este é o sinal de que o fleuma foi separado.
11. Troque o recipiente e mantenha o calor apenas suficiente para trazer o líquido branco. Por fim, as gotas começarão a adquirir um tom azul-avermelhado.
12. Troque o recipiente, preservando cuidadosamente o líquido branco. Atenha-se atentamente ao calor e a água ou óleo vermelho virá. Este é o ☿ para embebição da medicina vermelha, depois de obtida a branca.
13. Retifique o óleo branco para livrá-lo de quaisquer fezes. Agora embeba a matéria deixada no vidro com este óleo branco. Embeba suavemente, mantendo calor regular e moderado; entre cada embebição, permita alguns dias para que a matéria absorva o óleo adicionado antes de adicionar mais. A matéria nunca deve ser afogada, apenas umedecida.
14. Quando não puder mais beber (e aparecer brilhante como cera mole), aplique um alambique e destile o espírito.

15. Quando todo o espírito tiver sido separado, coloque um capitel cego e aumente o fogo gradualmente, e um sal sublimará e aderirá às laterais do corpo. Observe este processo cuidadosamente para que o fogo seja apagado assim que o sal tiver sublimado, caso contrário, há o risco de ele escorrer e vitrificar com a matéria, caso em que todo o trabalho estará perdido e será necessário começar de novo.

Apague o fogo assim que perceber que não sobem mais vapores da matéria para aumentar a quantidade de sublimado. De fato, é melhor arriscar deixar um pouco de sal na matéria do que ir longe demais e perder tudo. Se achar que pode haver mais sal na matéria, poderá separá-lo por nova sublimação.

16. Quando tudo estiver frio, separe o sal cuidadosamente do vidro, varrendo-o com uma pena. É muito precioso, portanto não deixe que se perca.
17. Sobre este sal, despeje uma porção do espírito destilado (veja #15) suficiente para dissolvê-lo e, então, por alambique ou balão de destilação, em calor suave, destile o que passar. O espírito carregará consigo uma porção do sal. Sobre o que restar, despeje mais espírito para dissolvê-lo e destile novamente; faça isso até que o espírito tenha levado todo o sal.

Você terá em suas mãos, quando isso for concluído, o verdadeiro mercúrio filosofal, a fonte do Conde Trevisan, na qual o Rei banhou a si mesmo.

Lição 47: Experimentos com a Manteiga de Antimônio

Caro Amigo,

Pedimos que você aguardasse esta lição antes de iniciar os experimentos com a manteiga de antimônio.

Com as operações descritas nesta lição, você poderá produzir, em um único dia, manteiga suficiente para experimentar o método indicado na lição anterior.

Atenção: repetimos, os produtos usados ou obtidos neste método são perigosos. É absolutamente necessário respeitar as três regras seguintes:

- usar óculos de proteção;
- usar luvas;
- operar sob uma capela de exaustão ou em um local muito bem ventilado.

Os diferentes componentes e o funcionamento do aparato:

A. Um aquecedor de balão;

B. O balão gerador de HCl. Há duas possibilidades, nas quais o balão é preenchido até 1/3 com sal marinho bruto ou flor de sal marinho.

Primeiro caso

- O HCl é obtido pela fervura de um pouco de ácido clorídrico misturado com flor de sal, para torná-lo “filosófico”
- Coloque o aparato G para obstruir a entrada E do balão B, o que limita a pressão interna do balão a menos de 1 kg/cm².
- O tubo C, que possui quatro pontos Vigreux em sua base, é preenchido com vidro — seja bolinhas ou fragmentos. Este é combinado com o balão e a válvula de retenção D e, assim, elimina o risco de o ácido fluir de B para H, o que poderia fazer este último explodir ou se romper.

Segundo caso

- O HCl é produzido pela ação do H_2SO_4 sobre o sal marinho.
- Em E, introduza o funil de separação contendo o H_2SO_4
- É obrigatório acoplar ao funil de separação F um tubo de contrabalanço de pressão T, caso contrário respingos de ácido podem ocorrer ao abrir a torneira R. O aparato G pode ser colocado sobre o funil de separação F.
- Coloque um pouco de sal grosso decrepitado no tubo C. A cada duas horas, no mínimo, e após cada interrupção da operação, esvazie o sal de C e decrepите-o novamente; caso contrário, ele se acumula no tubo e pode obstruí-lo. Nesse caso, ou o HCl escapa por G ou o balão B explode.

Atenção: em ambos os casos, o ácido se esgota em B antes que todo o líquido tenha sido destilado. A ausência de vapores brancos em I J é um sinal de que o ácido se esgotou.

Aparato H: Válido em todos os casos; são possíveis variações diferentes. Inclui sempre um tubo idêntico ao tubo C, com 30 a 35 cm de comprimento; uma junta esmerilhada 29/32 (24/40), fêmea em cima e macho embaixo, e quatro pontos Vigreux acima da junta.

Primeira variação simples: uma fita de aquecimento feita de tecido de fibra de vidro é enrolada em C. Desvantagens: o consumo de energia é alto; desmontagens frequentes da fita tendem a enfraquecê-la.

Segunda variação:

- H é um aquecedor de balão. O tubo com pontos Vigreux passa por um tubo de cobre ao redor do qual a fita de aquecimento ou resistência é enrolada. Ao redor do tubo de cobre, um anel também de cobre conduz o calor até um tubo de vidro que serve de poço de temperatura para um termômetro ou, preferencialmente, para um termopar. Todo o conjunto é revestido por um manto cheio de vermiculita, o que reduz o consumo de energia.
- O tubo de vidro, introduzido em H, é aquecido a aproximadamente 300 °C. É preenchido com estibnita, em grãos de 6 a 8 mm, obtidos por moagem e peneiramento. Evite grãos muito grandes ou muito pequenos, pois podem obstruir o tubo.
- A maior parte da contaminação da manteiga pelo pó de estibnita é eliminada lavando-o em água e secando bem depois. É possível usar um regulus em

vez da estibnita.

- A operação deve ser interrompida a cada duas horas. Desmonte o tubo e verifique se a estibnita se aglomerou em massas capazes de obstruir o fluxo de gás. Nesse caso, há risco de explosão ou de escape de gás HCl por G.

Tubo I e balão J:

- A manteiga é recolhida nesses dois componentes; é facilmente recuperada em I, geralmente em forma de bastão.
- Quanto ao balão J, o ar quente de um secador de cabelo é suficiente para fazer a manteiga escoar para o balão de destilação.

Sistema de borbulhamento K-L:

- Idealmente, os tubos devem ter uma capacidade de 500 cm³.
- Durante a destilação, a água fica em L; depois de resfriar, a água retorna para K.
- Durante a destilação, o tubo S deve estar conectado a um tubo que evacue os gases para o exterior.

Você também pode operar substituindo o ácido clorídrico do balão B por ácido nítrico. Nesse caso, a temperatura de aquecimento de B é mais baixa. A produção da manteiga é mais rápida, mas o ácido nítrico é arrastado junto com os vapores de HCl e, conseqüentemente, a manteiga fica muito mais impura. A manteiga assim obtida com o ácido nítrico parece ter um comportamento diferente da manteiga obtida com HCl.

Variação do aparato: um outro sistema, um pouco mais complexo, foi testado.

- O cotovelo I é substituído por um condensador vertical.
- A posição do balão J muda: a junta esmerilhada fica em cima, mas muito mais baixa.
- A circulação de água fria é mantida durante toda a operação.

- A manteiga tende a se coagular em longos fios nas paredes internas do condensador e o balão J recolhe apenas o fleuma, que pode ser destilado posteriormente, pois contém manteiga dissolvida.
Ao final da operação, o balão J é removido da base do condensador e substituído por um balão limpo. Empurre a manteiga para o novo recipiente com um raspador plástico comprido. O esforço de adicionar um segundo condensador é largamente compensado por um resultado melhor.

DESTILAÇÃO DA MANTEIGA (suplemento)

O problema é eliminar as impurezas da manteiga, a saber:

- o pó de estibnita;
- os sais minerais (cloretos em geral);
- o ácido residual.

Montagem do equipamento necessário

- Um aquecedor de balão; a temperatura deve ser de 300 °C.
- O balão contendo a manteiga é equipado com um braço de destilação e um termômetro. Atenção: a temperatura máxima indicada pelo termômetro excede 300 °C.
- O braço de destilação é ligado a um condensador vertical com seção interna mínima de 15 a 16 mm.
- A base do condensador chega a uma válvula de vácuo, cujo tubo de extração é ligado a um borbulhador idêntico ao KL, por um tubo. Ao aparato se adiciona um tubo que se estende para fora do laboratório, eliminando assim possíveis gases tóxicos residuais.
- O balão inferior contém duas a três colheres de sopa de soda cáustica (hidróxido de sódio), que neutraliza os gases e os fleumas ácidos.
- Assim que a destilação da manteiga começar, o termômetro deve indicar uma temperatura aproximada de 220 °C. Posteriormente, à medida que a temperatura se aproxima de 280 °C, isso indica que o ácido está sendo

eliminado na sequência das destilações.

- Como na operação anterior, a manteiga é recolhida em um balão limpo, colocado após a remoção da válvula de vácuo. Atenção: a manteiga é extremamente corrosiva e muito deliquescente²³⁰. A manteiga pode ser reunida fundindo-a: basta deixar o balão em água fervente. A limpeza do equipamento de gás pode ser feita:
 - com HCl, que deve ser destilado para recuperar a manteiga;
 - ou com água quente, que deve ser filtrada antes de ser descartada para recuperar o *mercurius vitae*.

Observações: as temperaturas das primeiras destilações variam conforme os métodos usados para produzir a manteiga. Os métodos modificados da presente lição, em oposição aos descritos na anterior, são fruto do trabalho realizado pelo grupo de pesquisa.

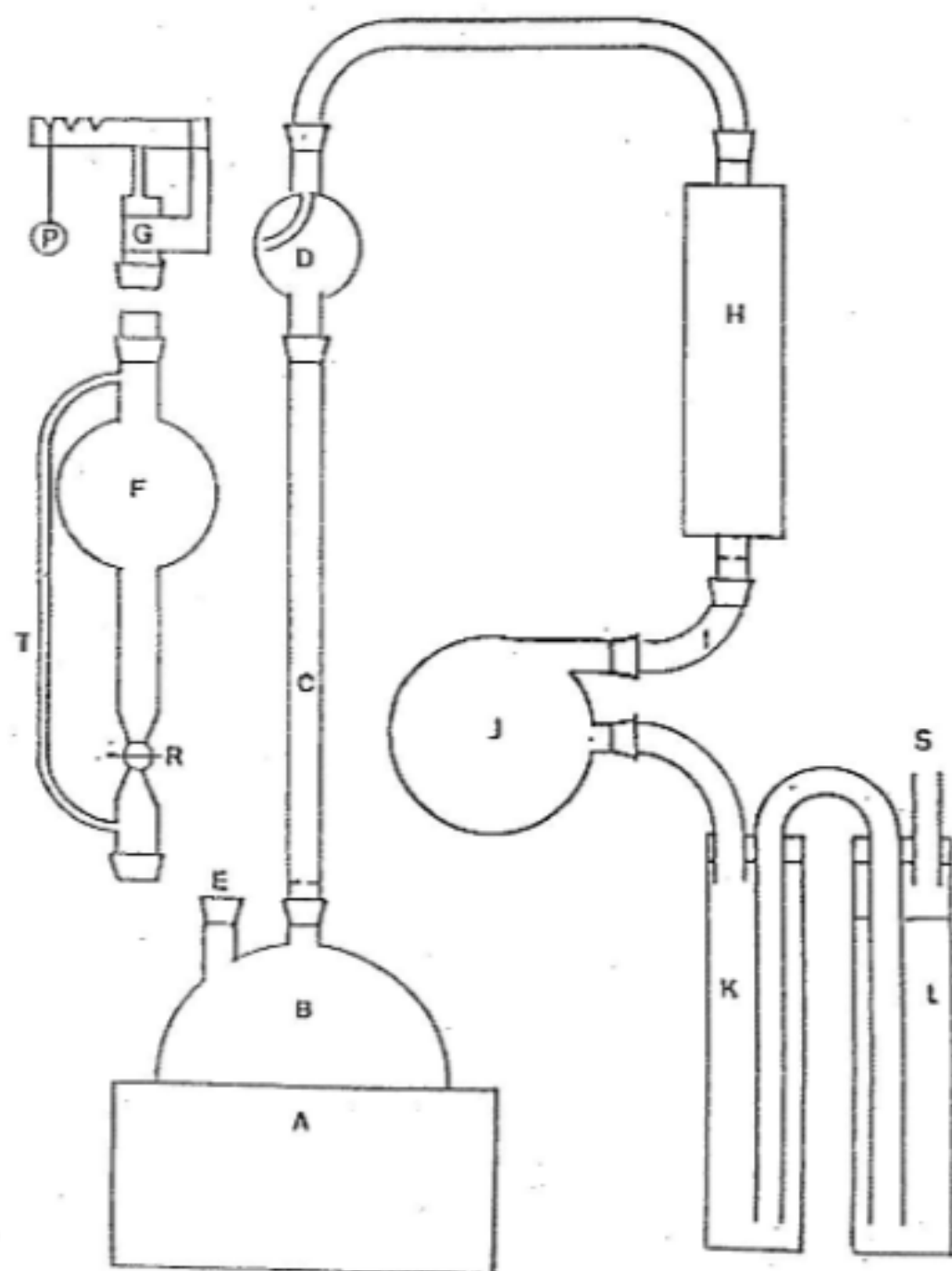
A próxima lição trata da deliquescência da manteiga.

ORA ET LABORA!

Figura anexa:

Montagem para Produção da Manteiga de Antimônio

²³⁰ **Deliquescente**, que absorve rapidamente a umidade do ar.



Lição 48: Manteiga de Antimônio e Deliquescência

Caro Amigo,

PRODUÇÃO DA MANTEIGA (continuação)

Quando a produção de manteiga cessa, é porque: a) o HCl não é mais produzido, já que o sal ou o ácido se esgotaram; b) ou porque a estibina foi totalmente consumida.

O que resta no tubo é composto pelas impurezas do minério. Faça a lixiviação dessas impurezas em álcool absoluto usando um soxhlet, e assim você poderá recuperar uma boa quantidade de manteiga.

Como a manteiga é colocada para deliquescer

Você precisará de pratos rasos feitos de pyrex (pratos pequenos) ou de porcelana (pratos rasos de laboratório).

Coloque um prato sobre uma chapa elétrica. Despeje aproximadamente uma colher de sopa de manteiga e coloque uma placa de vidro sobre o prato.

A manteiga derrete e se espalha no fundo do prato formando uma camada fina. Deixe esfriar, mas não remova a placa de vidro.

A manteiga solidifica e é possível observar que pequenos cristais de manteiga se depositaram na placa de vidro. Isso significa que, assim que a temperatura de fusão é atingida, ocorre uma liberação importante de vapores.

Conclusão: não deixe a manteiga exposta ao ar assim que a temperatura de fusão for atingida, pois vapores muito tóxicos são liberados.

Deliquescência Noturna:

Antes do nascer do sol, coloque o prato em posição vertical sobre um balão, e leva apenas alguns minutos para o leite escorrer para dentro do balão. Durante o restante do dia, mantenha a placa de vidro sobre o prato e só descubra após o pôr do sol.

Ainda hoje, acredita-se que a deliquescência noturna é diferente da deliquescência diurna. À noite, o espírito astral é lunar, feminino; durante o dia, é solar e masculino.

Deliquescência Diurna:

Ocorre entre o nascer do sol e o meio-dia, horário solar.

Se o tempo estiver muito úmido, ou se você demorar demais, a etapa de deliquescência é ultrapassada e forma-se um mercurius vitae que deve ser

recuperado separadamente. Uma vez recuperado, faça a lixiviação com água destilada no dedal de vidro sinterizado de um soxhlet.

O mercurius vitae deve ser seco em fogo brando e incubado com vinagre preparado da seguinte maneira:

Concentre o vinagre três vezes a frio. Destile e cohobe três vezes sobre o seu sal. A tintura vermelha aparece em uma semana a um mês.

O processo de deliquescência, seja noturno ou diurno, é simples, mas possui uma desvantagem: a manteiga continua sua deliquescência após a fase do “Leite da Virgem” e assim se transforma em mercurius vitae. Você só pode evitar essa desvantagem com vigilância intensa e recuperando o leite assim que ele se forma. Preferimos a seguinte solução, já experimentada:

Coloque o prato de deliquescência na vertical sobre um funil de vidro que termina em um conta-gotas e atravessa a rolha do recipiente coletor. Em um segundo orifício da rolha, coloque um tubo capilar. Assim que a deliquescência se inicia, a manteiga escorre para o balão. A pequena abertura do conta-gotas e do tubo capilar impede que a umidade ambiente transforme o “leite” em mercurius vitae.

Consulte a Lição Mineral nº 46 para as operações seguintes.

Propomos aqui um texto teórico sobre o “Sal da Natureza”.

Aforismos Curiosos acerca do SAL UNIVERSAL DA NATUREZA

Copiado de um pequeno manuscrito em octavo: sem nome, comunicado a mim cerca de 20 anos atrás por Mr. F. La Fountain²³¹.

Traduzido do alemão, Ano 1797.

1.

O Curador de todas as Enfermidades é um Filho do Sol e é o Sal da Vida.

2.

Quando uma Matriz pura é fecundada com o princípio da Vida, o Curador de todas as Enfermidades é gerado.

3.

A Matriz Virginal não pode dar à luz o curador das Doenças sem o princípio Celestial da Vida.

²³¹ **Mr. F. La Fountain** é reconhecido por sua contribuição nos estudos alquímicos contemporâneos, especialmente no aprofundamento dos processos descritos nos cursos de Jean Dubuis. Suas anotações manuscritas e observações práticas são frequentemente citadas por estudiosos da alquimia operativa, e continuam a inspirar experimentadores dedicados à arte hermética.

4.

Esta obra é maravilhosa; este Nascimento é de Origem Celestial, embora corpóreo.

5.

O Filho do Sol contém os poderes do Céu e da Terra, porque Céu e Terra são empregados em sua produção.

6.

O doce Centro da Vida, doce como mel, está oculto no Centro do sujeito.

7.

O doce ☿ sulfuroso da Natureza é o Centro da Vida.

8.

O Filho do Sol nutre-se magneticamente do princípio celestial da Vida e assim cresce em poder e Virtude.

9.

Quem compreende perfeitamente o Nascimento do Filho Solar, pode tornar-se um homem feliz; e se puder Matar, ressuscitar e conduzir ao céu, obterá toda Bênção que esta Vida pode oferecer.

10.

A alma ou ☿ do Filho do Sol morto, ressuscitado e Glorificado, é a mais elevada Medicina.

11.

Uma vez nascido, o Filho Solar deve ser alimentado e nutrido, até vestir SUAS TÚNICAS PÚRPURAS e UMA COROA DE ☉ EM SUA CABEÇA.

12.

Quem sabe por que Jesus, o Salvador do mundo, nasceu da VIRGEM Maria EM UMA MANJEDOURA, conhece um grande mistério, e pode também compreender O MISTÉRIO DO FILHO SOLAR, que possui os poderes do Céu e da ∇.

13.

Houve um Homem que conduziu o Rei dos Sais ao Banho tantas vezes, até que ele se tornou totalmente limpo; então o enclausurou nu em um Recinto transparente, trancou a Porta e aqueceu o recinto suavemente, até que o Rei começou a suar, e por fim se dissolveu totalmente, tornando-se uma ∇ salina e 'morrendo'.*

* nota de margem, a saber (passando pelo processo do ☉). Dubuis: passar pelo Nitro

14.

Esta ∇, mantendo-se um calor brando, passou por várias Cores, até que, depois de muito tempo, tornou-se um ♄ fixo: BRANCO e VERMELHO.

15.

O Centro interior puro contém o maior mistério; No Centro da Terra está encerrado o Tesouro desta Vida.

16.

O Centro puro é um Espelho da Onipotência de Deus, por isso um verdadeiro Filósofo não descansa antes de ter descoberto o Centro de todas as coisas.

17.

Todos os que professam Medicina e Química devem estudar O CENTRO DA NATUREZA e as operações da Natureza, como o Superior opera no Inferior, e assim alcançarão o Fundamento da genuína arte de curar.

18.

Quem souber abrir esse Centro poderoso e virtuoso COM A CHAVE CERTA, encontrará o doce Núcleo e Tesouro da Vida.

19.

Para obter o Centro mais puro, é necessário possuir A CHAVE CERTA.²³²

Ars aurum conficiendi. Arte de fabricar Sol.

20.

É muito fácil para um verdadeiro Filósofo produzir ☉, porque ele conhece o Sêmen, o princípio e a geração do Ouro.

21.

O ☉ e seu Sêmen são Filhos do Sol e contêm poderes Solares.

22.

O Ouro é chamado de SOL e é de origem Solar, devendo ser exaltado e levado à perfeição por um poder Solar.

23.

Um verdadeiro Filósofo conhece a Mãe do ☉, seu Sêmen e geração, e por isso é capaz, por uma genuína imitação da natureza, de produzir ☉ em quantidade.

24.

Quando o Sol está exaltado em sua própria casa (☉ em ♌) e quando o tempo é sereno e belo, o Sol se põe e transfunde seus poderes e Virtude numa Matriz pura, então o fino ☉ é gerado.

25.

Se você semear o Sêmen do Sol e da Lua em uma ♀ pura ou matriz, ☾ e ☉ são ali gerados.

²³² Nas passagens **15 e 16** há uma confusão proposital sobre o centro da matéria e o centro do alquimista, sugerindo que ambos são o mesmo, talvez uma chave para a compreensão das passagens de **17 a 19**:

26.

Para gerar ☉, são necessários uma matriz pura e um Sêmen puro ou ☿ Solar, e uma Digestão, Maturação e Fixação suficientes.

27.

A ☿ de Sol e Lua é chamada PRATA e OURO, porque, em um sujeito apropriado, que ☿ torna Prata e Ouro.

28.

O Sol gera, por sua Influência, o Ouro e seu Sêmen.

29.

O ☿ sulfuroso e ígneo das Estrelas é o Sêmen Espiritual remoto dos Metais.

30.

Todos os metais procedem de uma única Raiz, por essa razão todas as cores planetárias aparecem no vidro.

31.

A Natureza ordenou o Sal como um Sêmen dos metais, por isso o Sal da Natureza é chamado mineral e metálico, pois contém a natureza metálica em potência.

32.

O ☉ é o ☿ Corporificado das Estrelas, e nele está a Natureza dos Metais.

33.

O ☉ é o Corpo das Estrelas, cujo ☿ ou Δ central é chamado SOL.

34.

O Sal metálico purificado pode ser maturado em Ouro.

35.

Depois que o Sal metálico foi dissolvido em um Suco, torna-se, por digestão e decocção apropriadas, finalmente um Metal.

36.

Se você entende como ferver suavemente e maturar o suco puro da Terra, obterá aquilo que ele se tornaria nas Veias da Terra, ou seja, ☉ ou ☿; mas o Filósofo leva seu processo natural além do que faz a Natureza.

37.

Sempre que a Natureza deseja gerar ☿ ou ☉, faz uso da substância mais pura da Natureza.

38.

O Licor de ☉ E SÍLEX causa um aumento visível nos metais, de onde se pode concluir com segurança que os Metais têm sua origem NO ☉ e NA PEDRA OU SÍLEX.*

*Nota Marginal: Ver Glauber e Tugiu sobre o Líquido SILICUS

39.

Em nosso SAL MINERAL está a natureza metálica, portanto ele pode ser maturado em ☉.

40.

O artista faz uso de tal matéria que contém em si mesma um poder gerador e multiplicador; poder este que o ☉ comum não possui.

41.

A Arte não pode criar ☉, apenas promover o imaturo à Maturação.

42.

O Sal Metálico da Natureza é ☉ imaturo, pois contém a semente do ☿ de ☉.

43.

Os Alquimistas buscam o ☉, mas encontram apenas ♁, porque perdem o ☿, que deve tingir o corpo do ☉.

* Nota: segundo Basilio Valentim, ☉ é o verdadeiro Sal mineral; ainda assim, em ☉ está ☉ e seu ☿, como o Caractere hieroglífico ☉ muito curiosamente indica. S.B.

44.

O ☿ do ☉ é toda Tinctura.

ORA ET LABORA!

Lição 49: Extração de Líquidos e Sal Universal

OS LÍQUIDOS DE EXTRAÇÃO

O objetivo desta lição é relembrar você de certos elementos sobre os líquidos de extração e completar seu entendimento. Este estudo será feito de acordo com a Figura nº 1, ao final da lição.

Essa figura está dividida em duas partes: a primeira, composta por 4 colunas, trata dos espíritos vínicos, que extraem elementos voláteis e a segunda, composta por 3 colunas, trata do vinagre, que fixa tinturas.

O VOLÁTIL Primeira observação: inicia-se na coluna 1, tratando-se, na verdade, de uma purificação progressiva do líquido.

COLUNA 1: Trata-se de uma sequência de destilações simples. O percentual de álcool aumenta gradativamente conforme o material utilizado e a habilidade do operador. Por volta da 6ª ou 7ª destilação, os “óleos da morte” já terão sido eliminados, obtendo-se então o verdadeiro espírito (eau de vie — a água da vida) cujo teor alcoólico máximo é de 96% ou 96,5%, dependendo da altitude do local onde se realiza o trabalho. Este líquido de extração é bastante apropriado para tinturas ou elixires espagíricos.

COLUNA 2: Tem início ou após a quarta destilação da coluna 1 ou, para um trabalho mais refinado, após a remoção dos óleos da morte. Esta é a coluna da destilação a vácuo e o teor alcoólico pode chegar ou até ultrapassar 99,5%, mas não se deve esquecer que a destilação a vácuo requer grande habilidade. Este espírito vínico, se livre dos óleos da morte, pode ser adequado para o circulatum minor ou para a pedra vegetal.

COLUNA 3: É a coluna do espírito vínico destilado sobre tártaro (como diziam os Antigos). Pode-se, como antes, usar o espírito vínico da coluna 1 após a quarta destilação ou depois de removidos os óleos da morte. O espírito vínico é posto para digerir com o sal de tártaro calcinado e, em seguida, destilado. Esta operação deve ser repetida três vezes para se alcançar a “faixa” dos 99,9996. Naturalmente, o sal de tártaro (carbonato de potássio) é novamente calcinado após cada digestão. Para certas operações, é preferível concluir o processo de três digestões com uma digestão sobre cal virgem. O espírito vínico obtido desta forma realiza uma extração alquímica sobre o sal de tártaro, sendo assim mineralizado e já não atendendo mais aos requisitos de nenhuma operação espagírica.

COLUNA 4: É a coluna do menstruum de Kerkring. O sal amoníaco é sublimado ao menos três vezes até que não sobrem fezes negras após a sublimação. O sal então é posto para digerir com o espírito de 99,99% da coluna 3 por 90 dias; em seguida, é destilado três vezes (garanta que nenhuma umidade penetre no aparato). Este

menstruum pode realizar extrações no reino vegetal, no reino mineral sobre antimônio e na maioria das cales metálicas (óxidos, em linguagem moderna).

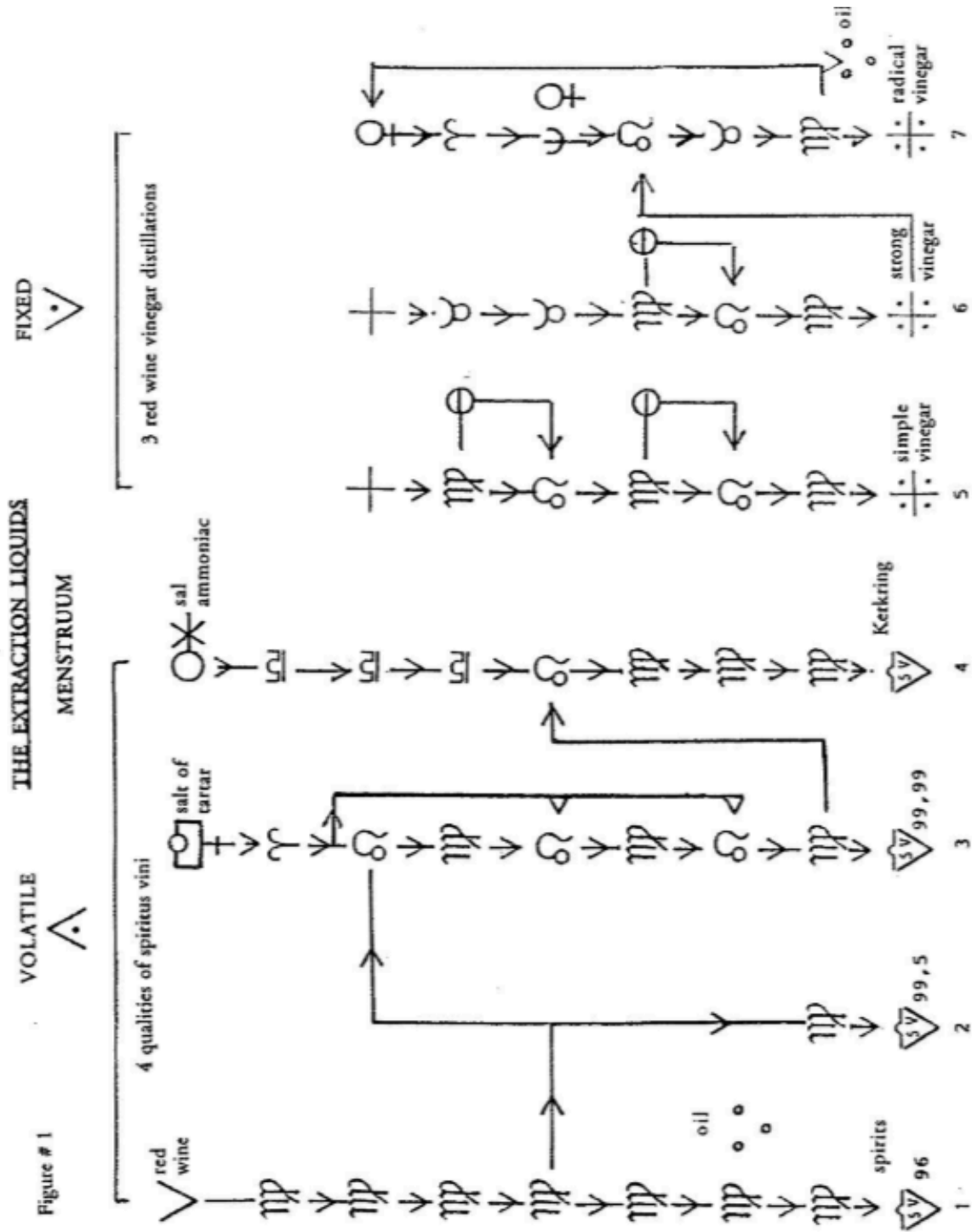
O FIXO

Todas as tinturas extraídas com vinagre são fixas. O vinagre pode fixar tinturas em reinos diferentes de seu reino original.

COLUNA 5: É a coluna do vinagre simplesmente destilado. A cada destilação, a primeira parte do destilado não é aproveitada; ela representa cerca de 1/3 ou 1/2 do volume. Assim que a cor aparecer, interrompa a destilação. O mel residual é então seco e calcinado. E o vinagre é destilado sobre seu sal para torná-lo nitroso.

COLUNA 6: Neste caso, o vinagre foi concentrado por congelamento sucessivo duas vezes. Em seguida, uma ou duas destilações eliminam os fleumas. Por este método, pode-se obter um vinagre contendo 60% de ácido; ele pode ou não ser nitroso, dependendo se a destilação foi feita sobre o sal ou não.

COLUNA 7: Vinagre radical. O vinagre da coluna 6 é digerido sobre o óxido de cobre obtido pela calcinação do metal (termo antigo: Cal de Vênus). A destilação seca do acetato após sua coagulação fornece um vinagre 100% ácido e um óleo vermelho. Este vinagre deverá ter extraído a semente do ouro existente no cobre.



AFORISMOS

Sobre O SAL UNIVERSAL DA NATUREZA (Continuação)

45.

O verdadeiro sujeito contém tudo de que necessita para sua perfeição, portanto pode ser aperfeiçoado por seus próprios princípios.

46.

Nosso Sal, gerado pelos poderes da Natureza, contém os 4 elementos; deve ser fixado com a ajuda da Arte.

47.

Quem quer que saiba como fixar e concentrar o $\equiv$, ou o Δ no Sal da Natureza, possui tudo e compreende nossa Arte.

48.

O $\equiv$ do genuíno Θ da Natureza aperfeiçoa e fixa a si mesmo e seu próprio Corpo, se assistido pela Arte.

49.

Se o Centro do $\oplus$ for voltado para fora pela Arte, reunido novamente ao seu corpo da forma mais íntima e então fixado, seu poder será inteiro e perfeito, como se lê na Tábua de Esmeralda.

50.

Os poderes de toda a substância devem permanecer juntos, e não podem ser separados nem enfraquecidos.

51.

A Natureza se exalta pelo seu próprio $\equiv$.

52.

Se deseja ver o Corpo aperfeiçoado pelo $\equiv$, esse $\equiv$ não deve ser expulso nem forçado a sair do Corpo.

53.

O $\equiv$ que sobe no vidro, quando excitado por calor brando, é O AGENTE que faz tudo.

54.

É preciso tirar a Volatilidade do $\equiv$, trancando-a bem, e com o tempo será o que se procura.

55.

O $\equiv$ é ígneo, o Corpo é frio (assim diz Basilio Valentim, vide manuscrito De La Brie).

56.

A maioria dos Artistas Químicos erra por não conhecer o verdadeiro Δ atuante (isto é, o $\equiv$ na matéria). O Δ excitante é aplicado externamente, mas o Δ operante está dentro do vidro.

57.

Em toda nossa Arte e Trabalho, além do Δ externo e brando, só o secreto Δ interno deve ser considerado.

58.

FERVER é toda a Arte; a Natureza FERVE, a Arte DEVE FERVER também.

59.

Na nossa fervura artificial, o calor externo não deve exceder o Interno.

60.

O Calor externo não pode ser nem muito forte nem muito brando.

61.

O Calor deve ser conduzido com delicadeza, de modo que se possa manter a mão sobre o vidro constantemente, sem queimá-la.

62.

Natureza e Arte devem se ajudar mutuamente para aperfeiçoar as Obras; a Arte opera de fora e a Natureza dentro do vidro.

63.

A preparação é feita em um Vaso fechado, para que nada evapore.

64.

O verdadeiro Sal metálico pode, por outro processo, ser aperfeiçoado EM 3 DIAS em um $\odot$ Espiritual, tornando-se uma Tintura (Uma Pista que confirma a operação de Mr. GARDENS em um ∇).

65.

Em uma Certa Coisa está o BRANCO e o VERMELHO, ☾ e ☉ espiritualmente; vire o Interior para fora e o exterior para dentro.

66.

O Sal puro da Natureza, que aparece sob uma FORMA BRANCA E BRILHANTE, é trazido, pelo poder Solar, a uma Cor púrpura, sob a qual se torna uma Tintura para homens e metais.

67.

Quem consegue transformar o Branco em Vermelho, digerir, ferver e maturar, conhece a Arte.

68.

O Corpo do Sal é frio, o ☿ é ígneo.

69.

☉ é um Δ Frio, aludindo ao frio, (aludindo ao Δ frio e tranquilo ou ☿ mundi na Δ animada). O ☿ é ígneo (quando movido ou agitado, torna-se Δ, encerrado no ☿ da umidade universal).

70.

Quem consegue provocar uma UNIÃO RADICAL entre o Corpo frio (a Base alcalina) e o ☿ ígneo, obtém uma Essência poderosíssima.

71.

O ☿ que sobe no Vaso, excitado pela Arte, é o agente interno, que faz tudo.

72.

Observe! Assim que o Calor Externo cessa, a operação dentro do vidro também cessa, mas sempre que o Calor externo é excessivo, o ☿ de dentro quer escapar, rompe o vidro, volta ao Ar e deixa o Corpo morto.

73.

Assim que o branco aparecer no copo, depois que a escuridão tiver passado, e quando você perceber que ele não sublima mais, aumente um pouco o fogo e continue a digestão até que fique vermelho.

74.

O caminho mais seguro na Cura das Doenças é confortar e fortalecer o ☿ da Vida no Corpo humano, com um puro ☉ celestial.

(Isso é exatamente o que BEANME' e LAVOISIER chamam de PURO Δ VITAL, eu chamo de Δ PURO ou ÉTER ANIMADO PELO NITRO ESPIRITUAL, VOLÁTIL E INCORPÓREO; ou seja: Δ ELÉTRICO ENCERRADO NO ☉ AÉREO que ainda não se corporificou sobre um corpo alcalino. Δ privado desse Δ Vital encerrado no ☉

celestial torna-se UMIDADE, ou seja, UMA ∇ MORTA E INANIMADA e, por isso, tende a se tornar pútrida imediatamente por falta de Vida, como um corpo animal morto. Mas, em minha opinião, tal Δ inanimado ou Umidade logo se impregna novamente de Δ, por meio do Meio Espiritual, o ⊕ Aéreo, e isso por uma Circulação perpétua dos Elementos, Δ atuando constantemente sobre Δ e, pelo meio do Δ na ∇, e por Δ e ∇ sobre o ∇, e vice-versa o Δ central na Terra atua sobre as ∇ subterrâneas, sublima-as em Vapores e Δ para serem impregnados pela ⚡ mundi manifesta no ⊕ espiritual, incorpóreo e universal. Ver AUREA CATENA HOMERI.)

75.

Quem tiver o poder de fortalecer a Natureza animal por um ⊕ celestial puro, pode viver até idade avançada.

76.

Nada na Natureza é tão próprio para curar doenças quanto o princípio que é a Vida de todas as coisas.

77.

Pelo Sal Astral, todas as coisas vivem na terra, pois tudo recebe Vida do Δ (Sendivogius diz: "no Δ há um Alimento Secreto da Vida").

78.

No Δ está o ⚡ e o Alimento da Vida, que também desce no Orvalho e na Chuva.

79.

O Sal astral, que é um Sal celestial, é muito volátil, doce, branco, brilhante como ☾ fina e é uma suave ⚡ mercurial.

80.

O Sal da Natureza está acima, no meio e abaixo; está no Δ, na ∇ e na ∇ e em todas as Coisas, pois SE CORPORIFICA COM A UMIDADE, com ∇, com todos os Vegetais e em todas as Coisas.

81.

Um único e mesmo poder nutre todo o mundo, e DO ORVALHO tudo cresce, por conter Sal celeste, que procede do Sol e da Lua.

82.

O ORVALHO é uma ∇ Espiritual impregnado com Sol e Lua.

83.

No ORVALHO estão os poderes de Sol e Lua. (Será o ORVALHO a chave para abrir o Φ , purificá-lo e regenerá-lo?).

84.

Um ORVALHO bem digerido é tido como a melhor ∇ .

85.

O SUPERIUS é a Vida e o alimento do Inferius.

86.

O Superius é a Vida, o Terrestre é o Corpo, sem o $\rightleftharpoons$ o Corpo está morto.

87.

Nada é tão apropriado para infundir o $\rightleftharpoons$ universal. nos sujeitos quanto as ∇ que caem dos céus.

88.

Os ∇ celestiais são cheios de poderes celestiais.

89.

O sal celestial no corpo terrestre é um verdadeiro poder de vida: o Centro das ∇ celestiais é o mesmo.

90.

O $\rightleftharpoons$ ou poder na ∇ , que é um Θ sutil, não é visto até que o ∇ se torne um corpo sólido.

91.

Quando vi que o ∇ se tornava gradualmente mais espesso e duro, alegrei-me, pois sabia que encontraria o que procurava.

92.

Quando o $\rightleftharpoons$ ou o poder da Natureza no ∇ se torna um Θ , já é um Remédio.

93.

O sal é um $\rightleftharpoons$ corporificado.

ORA ET LABORA!

FIGURAS ANEXAS:

Figura 2: Extração dos Líquidos

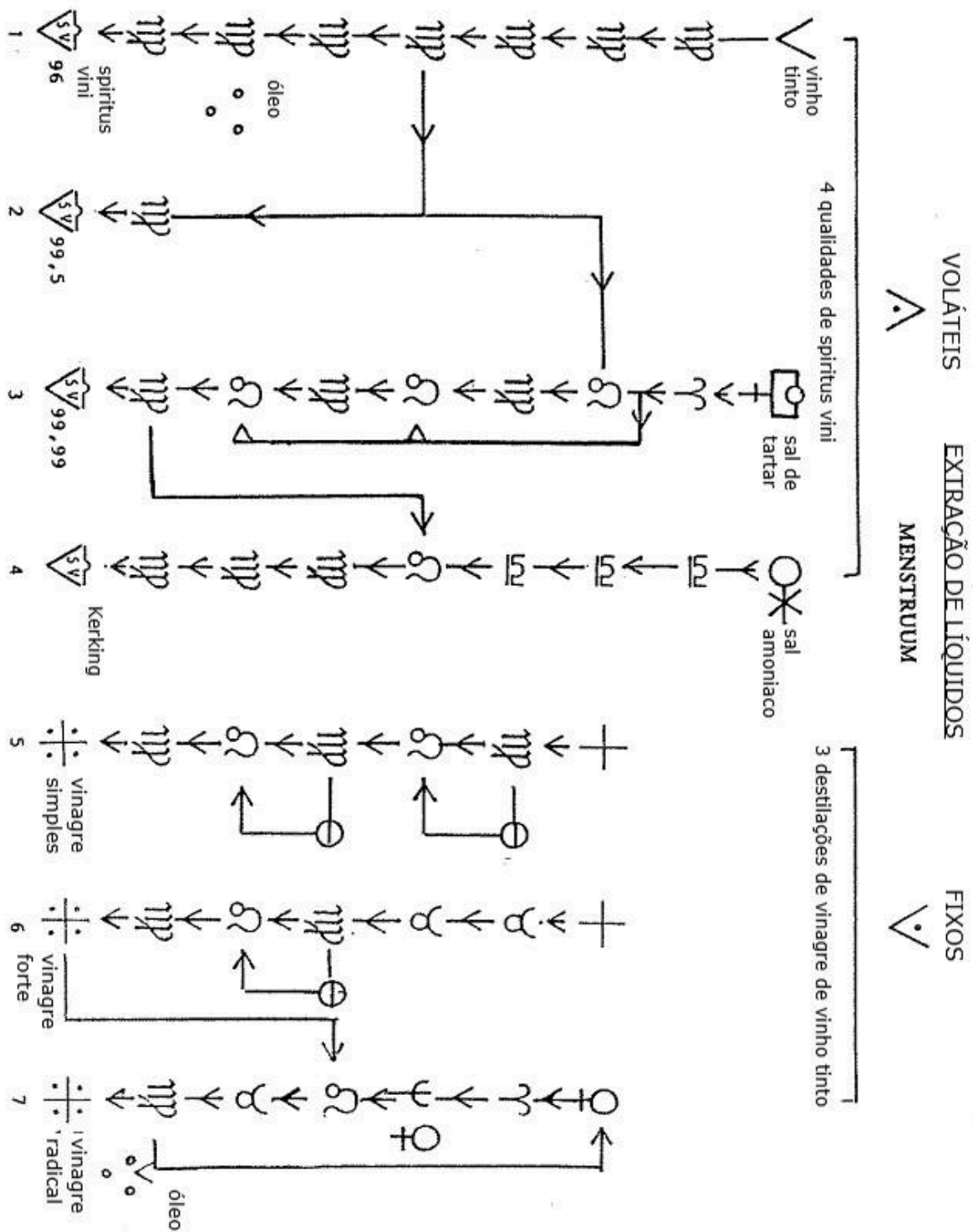


Figura 2: Os signos do Zodíaco e signos alquímicos

Signo	Processo Alquímico	Substância
Áries	Calcinação	Antimônio
Touro	Congelamento	Asfalto
Gêmeos	Fixação	Sal amoníaco
Câncer	Dissolução	Prata
Leão	Digestão	Ouro
Virgem	Destilação	Realgar vermelho
Libra	Sublimação	Vitriol romano
Escorpião	Separação	Enxofre
Sagitário	Incineração	Alume
Capricórnio	Fermentação	Alume de pluma
Aquário	Multiplicação	Sal de Nitro
Peixes	Projeção	Mercúrio

Lição 50: Óleo de Mercurius Vitoe e Tratado do Sais

Caro Amigo,

Voltemos aos quatro métodos descritos na Lição Mineral nº 46.

O primeiro, a “Tintura de Antimônio de Paracelso”, baseia-se na produção do pó de algarote ou Mercurius Vitoe

e. Os outros três métodos se baseiam na deliquescência da manteiga de antimônio.

Para aqueles que ainda não prepararam ou destilaram a manteiga, para utilizar o primeiro método, é possível proceder da seguinte forma:

- compre a manteiga (tricloreto de antimônio) em uma loja de suprimentos químicos;
- espalhe a manteiga em uma camada fina, conforme descrito nas páginas 1 e 2 da Lição Mineral nº 46 (observando todas as precauções especificadas no texto);
- deixe a deliquescência prosseguir dia e noite, até que toda a manteiga tenha sido reduzida a Mercurius Vitoe. Ao final, você pode adicionar um pouco de água destilada para que a manteiga residual precipite;
- recupere tudo e carregue em um dedal de Soxhlet; cubra primeiro o fundo do dedal com uma placa de vidro sinterizado o mais fina possível;
- encha o balão extrator com uma quantidade suficiente de água destilada (preferencialmente água de chuva);
- realize a extração por circulação muito lentamente, pois a massa de pó não é muito permeável à água. Uma floculação branca aparece rapidamente (após sifonar duas ou três vezes) na água do balão. Essa água depois adquire uma coloração verde-esmeralda e a floculação desaparece;
- encerre a operação por volta da décima sifonagem; depois, drene o dedal e reserve toda a água verde para estudo posterior. Limpe o extrator e seque o

dedal drenado sumariamente com um secador de cabelo;

- monte novamente o extrator com o dedal sinterizado e encha o balão até a metade com vinagre destilado muito forte, ou melhor ainda, com vinagre radical. Na terceira ou quarta sifonagem, o vinagre adquire uma coloração amarelo-dourada, tornando-se depois dourado-avermelhado;
- continue as circulações enquanto o nível do pó diminuir e, se a manteiga tiver sido bem destilada, nada deverá restar. Nesse ponto, a oitava fase (ver Lição Mineral nº 46 p. 4) terá sido atingida, mas um dia de extração por circulação substitui os 40 dias de incubação;
- recupere o vinagre radical por destilação, mas ele deve ser marcado com o sinal ♂ no recipiente, acrescentando-se outro sinal ♂ a cada uso. Calcula-se que, após o terceiro uso, a semente do vinagre estará esgotada.

Nota: após o primeiro uso, esse vinagre não pode ser usado em nenhuma outra matéria que não seja antimônio.

Nota sobre destilação da manteiga de antimônio:

Após cada destilação, permanece um pouco de cal branca no balão. Trata-se, na verdade, do Mercurius Vitoe produzido pelos vapores atmosféricos no tempo decorrido entre duas destilações de manteiga. Um balão hermeticamente fechado, aliado à observância das precauções de uso (operar em local seco), reduzirá a quantidade de cal. Este Mercurius Vitoe pode ser utilizado de forma semelhante à defendida no início desta lição. A característica que indica o término das destilações é o fato de que o balão de destilação já não apresenta marcas marrom-escuras.

Em uma lição futura, apresentaremos os resultados de uma tentativa de extração em vidro de antimônio comprado no mercado e de um novo método para obter o óleo vermelho de antimônio, método cujos princípios são conformes aos dos Antigos.

ORA ET LABORA!

ADENDO AO TRABALHO DOS SAIS DE BASÍLIO VALENTIM

“Sobre o Preparo do Sal de Antimônio”

Reduza um bom antimônio húngaro a um pó tão fino quanto farinha e calcine-o em fogo moderado de carvão, como se faz normalmente. Durante o processo, continue mexendo com uma haste de ferro até que tudo fique branco, não solte mais fumaça e suporte bem o calor forte. Em seguida, coloque-o em um cadinho e funde-o até obter um vidro amarelo claro; triture este vidro até obter um pó fino; coloque-o em um balão de vidro e verta sobre ele um vinagre de vinho previamente destilado diversas vezes. Deixe repousar em calor suave, e o vinagre extrairá a tintura de ☿, adquirindo uma cor viva; você pode preparar o extrato de ☿ mais tarde e utilizá-lo como excelente remédio (ver trium mag de Basilio Valentim).

Quando a tintura tiver sido totalmente extraída e não tingir mais o vinagre, seque completamente e perfeitamente o pó, que terá escurecido. Triture-o com uma grande quantidade de ♄ amarelo, coloque-o em um cadinho e, depois de vedá-lo, exponha-o a um calor suficientemente forte, até que todo o ♄ tenha sido consumido. Em seguida, pulverize a matéria restante até obter um pó finíssimo e verta novamente sobre ele um pouco de novo vinagre destilado. Extraia o sal dessa forma e, então, por uma série de destilações, elimine a acidez do vinagre. Clarifique o sal com espírito de vinho até que fique brilhante, límpido e branco. Se você tiver operado corretamente, terá obtido um sal fixo e ativo de ☿, embora exista outro método para preparar esse sal de ☿, o qual será explicado em outro lugar.

Dose: 4 grãos. Equivale ao sal de ☉ e cura todas as doenças. (E FACILMENTE RETORNA AO ESTADO DE ☉).

Sobre doenças: o sal é eficaz contra gota, fraquezas nas articulações. Purifica e limpa o sangue, fortalece o coração, é o bálsamo do corpo humano, quando ingerido com uma colher de espírito. Devolve forças perdidas, abre todos os tumores internos supurantes. Limpa todos os tipos de úlceras quando polvilhado sobre elas ou corretamente aplicado com bons unguentos ou bálsamos. Dissolvido em vinagre de vinho bem destilado, melhora rapidamente doenças incuráveis e malignas, para surpresa e louvor de todos. Tomado com chá de losna²³³ ou cardo-santo, cura febres profundas e resistentes, especialmente as quartãs. Bebido com chá de hortelã ou losna, estimula a digestão; quando ingerido com chá de rosa-mosqueta ou agrimônia, restaura a memória.

Este sal é usado na alquimia, ou na transmutação de metais em ouro, se você acrescentar a ele a gordura que escorre da carruagem do Sol, quando os alquímicos Fáetons se propunham a guiá-la, como explicam os poetas em suas ficções poéticas.

²³³ **Losna (*Artemisia absinthium*)**, também conhecida como **absinto**, é uma planta medicinal da família das Asteraceae, tradicionalmente utilizada na alquimia e na medicina natural por suas propriedades **digestivas, antiparasitárias e estimulantes do fígado**. De sabor amargo intenso, a losna é considerada uma erva solar, associada à purificação e à expulsão de miasmas. Em contextos alquímicos, é empregada na preparação de tinturas, elixires e compostos destinados à limpeza interna e ao despertar dos centros sutis. Seu uso deve ser moderado, pois contém **tujona**, substância neuroativa que pode ser tóxica em doses elevadas.

Pois as excelentes ficções, produzidas e escritas por poetas sobre os deuses celestiais, nada mais são do que metáforas para manter em segredo as artes e mistérios da alquimia. O mesmo se aplica à história de Apolo que matou a serpente Píton; e à história do adultério de Marte e Vênus. E ficará provado, segundo minha visão, que operações químicas são reveladas nas ficções dos poetas, quando eles escrevem sobre os amores e feitos amorosos de deuses e deusas. O mesmo ocorre quando introduzem várias transformações e metamorfoses maravilhosas. Com efeito, se decidirmos entender esses contos literalmente, estamos sendo injustos com os Antigos Sábios. Assim também acontece quando acreditamos que pessoas tão inteligentes e sábias como eles poderiam realmente crer ou escrever sobre os inúmeros e imorais atos dos deuses.

Sobre o uso do sal de antimônio:

Este sal de antimônio tem um efeito prodigioso, pois pode ter a mesma influência que o sal de ouro, quando administrado na mesma dosagem. Limpa todo o corpo humano, purifica o sangue, expulsa demônios, consome todos os maus humores, fonte de todas as úlceras que necessitam de seu uso. Cura a sífilis quando tomado em doses de 4 grãos com uma dracma de água de guaiaco destilada, provocando suores abundantes diariamente, até a recuperação total.

A água de guaiaco é preparada da seguinte forma: primeiro triture e pulverize bem a madeira, umedeça-a com bom espírito de vinho em um recipiente bem fechado. Deixe repousar por alguns dias em calor suave. Depois, verta sobre ela uma boa quantidade de água de fumária ou escabiosa. Digira por 14 dias em banho-maria e destile. Separe a parte aquosa da oleosa em frascos bem vedados. Use a parte aquosa com o sal de antimônio. Também tem sido usada com sucesso contra outras doenças, já mencionadas anteriormente. Contudo, um médico esclarecido conhece bem as virtudes do guaiaco e os benefícios que traz ao tratamento de doenças. Existem outras formas de destilar as partes aquosas e oleosas da madeira de guaiaco, mas seria inútil mencioná-las aqui.

No texto, a referência ao retorno do sal de antimônio ao estado de ouro deve ser comparada ao retorno do $\Psi\hbar$ ao ouro sob a influência do óleo vermelho de antimônio, conforme visto em lição anterior.

ORA ET LABORA!

Lição 51: Destilação em Acetato sem Frio

Caro Amigo,

Se compararmos os três textos de Becker, Paracelso e Bacon, tal como apresentados nas lições anteriores, veremos que, se não há uma semelhança direta, ao menos existe uma forte convergência. Do ponto de vista prático, o importante é que esses textos se completam mutuamente no domínio experimental.

O ÓLEO VERMELHO DE ANTIMÔNIO (a partir do acetato, sem nenhum dispositivo de resfriamento intenso)

Na lição anterior, já tratamos de muitos pontos de detalhe no que diz respeito à destilação seca do acetato de antimônio. Acrescentamos aqui um novo método:

Aquecimento:

- é feito em banho de areia, ou com um aquecedor de balão cujo manto de aquecimento tenha sido protegido por uma fina camada de argila refratária — ponto muito importante para preservar o aquecedor de balão e poder reutilizar o balão 2 ou 3 vezes;
- por questões de custo, o balão não é esmerilhado no gargalo, mas o gargalo tem de 8 a 10 cm de altura para que a junta de silicone resista.

Montagem:

- o balão é ligado a um condensador reto por meio de um tubo de destilação de grande diâmetro interno (16 a 20 mm);
- o condensador é resfriado com água corrente. Não é necessário usar gelo para condensação;
- na parte inferior do condensador há uma torneira de vácuo, na qual se encaixa um balão de vidro esmerilhado; devem ser preparados vários balões para uma possível troca rápida durante o processo de destilação;
- o tubo central da torneira de vácuo deve ser iluminado por trás para que se possa verificar a cor do líquido;

- durante a destilação, deve-se trocar o balão sempre que houver uma mudança significativa de temperatura no topo do condensador e sempre que a cor mudar. O balão inferior é trocado e hermeticamente fechado;
- o tubo lateral da torneira de vácuo é ligado a outro tubo que mergulha em um balão; no topo desse balão sai outro tubo que mergulha no balão seguinte, e assim por diante, de modo que essa sequência de balões represente uma capacidade de cerca de dez litros para cada meio litro de capacidade do balão de destilação seca. Se houver um balão de dez litros, coloque-o primeiro, por exemplo, depois posicione 1 ou 2 balões de 1 ou 2 litros. O tubo de saída do último balão permanece aberto. É entendido que esses balões estejam extremamente limpos e secos, e que seja possível fechá-los hermeticamente depois, de preferência com vidro esmerilhado.

Destilação:

- as primeiras fases da destilação seca fornecem vários líquidos, dependendo do tratamento prévio dos acetatos;
- quando o gás branco e viscoso aparece, ele preenche o primeiro balão e pode preencher os outros em sequência. O gás permanece estável no balão que está sendo preenchido, até o topo do tubo de saída;
- quando a produção de gás cessa, os tubos são rapidamente desconectados e os balões são hermeticamente selados, deixando-os em repouso por 2 ou 3 dias em temperatura ambiente (menos de 20 °C);
- passado algum tempo, entre 12 horas e três dias, forma-se uma pequena poça de óleo vermelho condensado no fundo do balão e gotas claras se depositam nas paredes: o gás se condensa;
- abra o balão e despeje álcool absoluto 99,99% dentro dele (cerca de 100 cm³ para um balão de dez litros). Recoloque a rolha e agite o balão para que o álcool dissolva o óleo vermelho e reúna todas as gotas das laterais. Como o balão foi hermeticamente fechado, o gargalo é posicionado para baixo para que, em poucas horas, todo o álcool fique no fundo;
- uma simples destilação em banho-maria é suficiente para recuperar o óleo. A separação do branco será tema de outra lição. Este óleo dissolvido é usado
- conforme a Lição Mineral nº 46, nota 12 e seguintes, no texto intitulado Tintura de Antimônio de Paracelsus. O óleo é vermelho para antimônio e chumbo, e branco no caso do cobre.

Atualmente acreditamos que a nota 15 do mesmo texto não seja válida para chumbo ou cobre. Acreditamos que poderia ser válida para ferro e estanho, mas não realizamos nenhum experimento a esse respeito com esses dois metais.

ORA ET LABORA!

O LIVRO DAS FÓRMULAS

Uma Coletânea de Escolhidas Preparações Espagíricas, Destinadas à Cura de Doenças e à Conservação da Saúde: Incluindo Alguns dos Mais Raros e Valiosos Segredos da Filosofia Médica e Hermética Antiga.

Reunidos e tornados inteligíveis, com Anotações Explicativas,

Por John Hazelrigg²³⁴, F.H.S.

autor de “The Metaphysical Astrology”, “The Sun Book or The Philosopher’s Vade Mecum”, etc

PREFÁCIO

É com prazer que apresento aqui, aos poucos de propósito benéfico e edificante, esta coletânea de fórmulas e medicamentos valiosos, colhidos e transcritos em linguagem mais clara a partir dos escritos químicos e herméticos de ilustres estudiosos como Paracelsus, Faber²³⁵, Quercetan, Hartmann²³⁶, Rulandus²³⁷, Mynsicht²³⁸ e inúmeros outros filósofos da Arte Espagírica. Que essas preparações — e muitas outras semelhantes, que espero tratar em uma obra subsequente — tenham permanecido ausentes da categoria oficial não é motivo de espanto, sobretudo devido ao reconhecimento, por parte de seus autores, de poderes e

²³⁴ **John Hazelrigg** foi um autor e ocultista norte-americano ativo no final do século XIX e início do XX, conhecido por sua associação com correntes herméticas e astrológicas. Ele é mais lembrado por sua obra *The Metaphysical Astrology*, publicada em 1904, na qual propõe uma leitura espiritual e simbólica dos signos e planetas, integrando elementos da teosofia, alquimia e filosofia neoplatônica. Hazelrigg também esteve vinculado à tradição rosacruziana e à Fraternidade Hermética, sendo citado em círculos iniciáticos como um pensador que buscava reconciliar ciência, misticismo e moralidade.

²³⁵ “**Faber**” citado aqui é provavelmente uma referência a **Basil Valentine**, que também era conhecido em algumas tradições como *Basilius Faber*. O termo “Faber”, do latim, significa “artífice” ou “operário”, e era comumente utilizado como epíteto simbólico na literatura esotérica para designar alquimistas considerados criadores da sabedoria oculta. Por isso, pode ser compreendido como uma referência honorífica ou latinizada a Basil Valentine.

²³⁶ **Eduard von Hartmann** (1842–1906), filósofo alemão conhecido por sua obra *Filosofia do Inconsciente* (*Philosophie des Unbewussten*, 1869), na qual propõe a existência de um princípio inconsciente criador do mundo — ativo, cego e metafísico. A filosofia de Hartmann buscava conciliar racionalismo e irracionalismo, influenciando correntes ocultistas e espiritualistas que viam no inconsciente uma força cósmica e transformadora.

²³⁷ “**Rulandus**”, nome latinizado de **Martin Ruland** (1569–1611), médico e alquimista alemão associado à corte de Rodolfo II, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Rulandus é amplamente conhecido por sua obra *Lexicon Alchemiae*, um dicionário alquímico publicado em 1612, que reúne definições e interpretações de termos herméticos, simbólicos e operacionais usados na alquimia clássica.

²³⁸ “**Mynsicht**”, nome latinizado de **Adrian von Mynsicht** (c. 1603–1638), médico e alquimista alemão conhecido por seu tratado *Thesaurus et Armamentarium Medico-Chymicum*. Mynsicht foi um dos principais representantes da alquimia médica do século XVII, combinando princípios espagíricos com fundamentos da medicina galênica e paracelsista.

potências específicas em processos naturais de natureza tão arcana que não poderiam ser apreendidos pela densa autossuficiência da mente materialista e incrédula; e em parte pelo fato de que, embora lidassem com princípios evidentes, mas apenas compreendidos ocultamente, eram redigidos em termos cujo significado era sabiamente velado daqueles de atitude desrespeitosa e antagonista.

A importância, para o químico oculto, de trabalhar em harmonia com a lei astral, de forma que as qualidades naturais e artificiais de todas as coisas, do Universal ao Particular, possam ser devidamente alcançadas, pode ser melhor apreciada neste extrato de Salmon²³⁹, um astro-filósofo e médico da Idade Média:

1 - O tempo da preparação deve simpatizar com a produção nativa daquilo que se deseja preparar; o que se dá em relação a qualidades manifestas ou ocultas.

2 - Quanto às Qualidades Manifestas, deve-se escolher o tempo em que estas florescem naturalmente: escolhendo uma estação quente e úmida para dissolução, digestão e fermentação; um tempo frio para coagulação; um tempo úmido para destilação e fusão; e um tempo seco para exsicação e calcinação.

3 - Quanto às Qualidades Ocultas, a preparação deve ser iniciada quando o planeta que rege a substância estiver forte e vigoroso em sua casa ou exaltação, e em bom aspecto com Sol, Lua, Júpiter ou Vênus, ou todos eles.

4 - O local de preparação deve ser o laboratório, que deve ser quente, frio, úmido, seco, arejado, fechado etc., conforme a natureza da matéria a ser preparada exigir.

A significância da influência planetária, e sua relação com as potências astrais envolvidas em todas as operações naturais, é assunto demasiado complexo para ser explorado aqui, exceto para dizer que a veracidade dessas breves diretrizes foi amplamente comprovada pela experiência do autor. E, uma vez compreendida sua racionalidade, por meio de estudo atento e investigação da hipótese estelar, não causará espanto que assim seja.

Da mesma forma, ao lidar com os princípios espirituais das coisas físicas, o artista espagírico conseguia perceber as admiráveis analogias que ajudavam a comprovar a unidade de método em todas as esferas de manifestação, e sua identidade com as do reino Superior ou Causativo, evidenciando assim a necessária interação e dependência de uma em relação à outra. Procedendo assim, sob o pressuposto lógico de que a Única Lei deve expressar-se de modo semelhante em todos os planos de atividade, demonstraram a realidade de uma trindade física — classificada espagíricamente como Sal, Enxofre e Mercúrio — que correspondia ao Corpo, Alma e Espírito do mundo noumênico, ou ao Pai, Filho e Espírito Santo da

²³⁹ **William Salmon** (1644–1713), médico e autor inglês conhecido por seus extensos tratados sobre medicina, alquimia e astrologia. Entre suas obras mais notáveis está *Pharmacopoeia Londinensis* e *The Family Dictionary*, que reuniam receitas, práticas terapêuticas e saberes herméticos populares na Inglaterra do século XVII.

escola devocional; também o fato de que esses três princípios primordiais abrangem e compreendem os quatro elementos, Terra, Fogo, Ar e Água, cuja separação, purificação e união inseparável constituíam um quinto elemento, de potência puríssima, que denominavam Quintessência. Isto, no plano espiritual, conforme encarnado nos ensinamentos esotéricos dos antigos místicos religiosos, é idêntico à Regeneração — processo cujo significado a igreja moderna conhece tão pouco quanto o cientista materialista compreende a trindade acima mencionada na natureza. Com essa conquista nos processos químicos, todo veneno é eliminado da matéria operada, e a faculdade espiritual ou curativa é exaltada ao mais alto grau, como se mostra em algumas das fórmulas que compõem esta coletânea. As prescrições antimoniadas de Basilio Valentim e as preparações mercuriais de Paracelso não eram aquelas que hoje passam por medicamentos, mas que na realidade são venenos dos mais perigosos ao princípio vital do organismo físico. Os alquimistas desprezavam o uso de remédios que permanecessem em tal forma imperfeita.

Em tratado posterior, espero elaborar de forma mais completa e prática sobre a Filosofia Hermética no que concerne à preparação de medicamentos metálicos, minerais e vegetais, suas bases espirituais e os meios pelos quais suas diferentes faculdades podem ser desenvolvidas até as mais altas energias vitais.

Com estas breves pistas a título de introdução, recomendo o conteúdo das páginas seguintes àqueles de mente séria, e em particular àqueles cujo objetivo é a mitigação do sofrimento físico humano — uma das mais grandiosas missões a que uma peregrinação terrena pode ser consagrada.

John Hazelrigg

MENSTRUOS

Segundo Dr. Johnson, o uso da palavra menstruum teve origem na noção dos antigos químicos sobre a influência da Lua em suas preparações — fato que contém uma essência de verdade que o químico moderno, alheio aos princípios astrais, não está disposto a admitir, nem é capaz de apreender.

Em todas as fórmulas contidas neste livro, aconselha-se ao praticante que utilize apenas tais menstrua ou dissolventes como os preparados em laboratório particular, pois os de comércio são pouco confiáveis, geralmente por causa da impureza das substâncias empregadas, ou então por um total desprezo pelos princípios espirituais envolvidos. Jamais se poderá alcançar uma perfeita exaltação dos medicamentos por meio de veículos adulterados ou imperfeitos.

Diversas experiências químicas legadas pelos antigos foram tidas por falsas apenas porque os menstruos empregados nas tentativas malsucedidas não eram altamente retificados, ou depurados com a mesma exatidão que os usados pelos autores

originais; sendo assim, muitas vezes a culpa de um mau menstruum é injustamente atribuída a um bom artista. Muitos desses, comprados em farmácias, são totalmente impróprios, por não estarem suficientemente livres de sua aquosidade debilitante, como ocorre frequentemente com o espírito de vinho. Por outro lado, enquanto alguns processos fracassam por o menstruum empregado não ser puro o bastante, outros falham por serem depurados em excesso. Ademais, embora a pureza seja uma exigência primordial, deve-se ter atenção principal à sua adequação ao fim específico a que se destina. Assim, uma água-forte que é apropriada para uma operação, deve ser preparada de forma diferente para o melhor êxito de outra. Por essa razão, os diversos dissolventes, aqui indicados para uso nas fórmulas seguintes, são numerados sucessivamente e assim referidos entre colchetes, para que o essencial possa ser utilizado.

Na maioria dos casos de digestão e putrefação, e mais especialmente quando uma quintessência é o objetivo a ser alcançado, um menstruum homogêneo — como os espíritos, o fleuma ou a água da própria substância — é absolutamente indispensável, para que os princípios astrais nela inerentes não sejam fatalmente perturbados, ou sua eficácia prejudicada. Como disse Paracelsus: “Todo fruto deve morrer naquilo onde está sua vida” (Archidoxies²⁴⁰).

Os químicos modernos, por questão de conveniência e presteza, e em grande parte por ignorância dos métodos interiores da Natureza, operam com veículos estranhos à sua matéria, ferindo assim suas potências naturais ou curativas.

Darei aqui instruções cuidadosas e completas nas fórmulas medicinais que se seguem.

²⁴⁰ **Archidoxes of Magic**, tradicionalmente atribuída ao alquimista suíço Paracelso (1493–1541), é uma coleção de tratados esotéricos que abordam temas como medicina espagírica, alquimia, astrologia médica e operações ocultas. A obra foi escrita no século XVI e tornou-se uma referência para estudiosos do ocultismo renascentista e da alquimia europeia. Apesar de sua autoria ser debatida, seu conteúdo influenciou profundamente correntes esotéricas posteriores, como a teosofia e a alquimia espiritual praticada por autores como Robert Fludd e Jean Dubuis.

Lição 52: Continuação da Manteiga de Antimônio

Caro Amigo

A MANTEIGA DE ANTIMÔNIO

Reiteramos nossas recomendações para a produção e a destilação da manteiga de antimônio.

Após cada operação, examine cada parte do aparato: o enxofre residual da estibina pode obstruir o tubo de exaustão de gases. Nesse caso, pode ocorrer pressão excessiva, além da possibilidade de vapores ácidos ou vapores da manteiga de antimônio escaparem. Tenha cautela, o contato com a manteiga e até mesmo com os vapores pode provocar queimaduras na pele, que demoram a cicatrizar.

Para diminuir o risco de obstrução e forçar a condensação da manteiga em uma superfície ou extensão maior, você pode colocar dois condensadores retos, um sobre o outro. O primeiro, por onde os gases saem, não deve ser resfriado por circulação de água. Um tubo reto, com vidro esmerilhado na extremidade, é bastante apropriado em vez de um condensador.

Se os vapores da manteiga infiltrarem o vidro esmerilhado e o colarem firmemente, será necessário aquecê-los com água fervente para separá-los. Para evitar esse trabalho extra, é recomendável resfriar o aparato ao final da destilação, da seguinte forma:

- primeiro, desligue o aquecimento do gerador de gás HCl;
- cerca de um quarto de hora depois, quando toda a ebulição tiver cessado, desligue a resistência no tubo que contém o antimônio;
- observe o borbulhador assim que o fluxo de gás se inverter, sinal seguro de que todo o aparato está sob baixa pressão;
- usando luvas térmicas, separe as duas partes do vidro esmerilhado — a manteiga ainda não estará sólida — e coloque um pequeno pedaço de papel para evitar que as duas extremidades se colem novamente;

Não respire os vapores, se houver, durante essa operação.

Se a manteiga tiver sido produzida pelo método do ácido nítrico sobre sal, obtemos, durante a destilação, o seguinte resultado: o tricloreto de antimônio destila normalmente, mas o nitrato de antimônio formado pelos vapores nítricos se decompõe. Ao final da destilação, temos no balão um pó ou agulhas de régulo de antimônio.

O ácido, produzido pela decomposição do nitrato, dissolve parte da manteiga, portanto o líquido no fundo do condensador deve ser destilado novamente; obtém-se assim uma boa quantidade de manteiga.

Na próxima lição, retomaremos o problema da deliquescência da manteiga e, em particular, a questão da destilação do “espírito”. Se você já produziu alguma manteiga, pode proceder com a deliquescência, de preferência — mas não necessariamente — em março, abril, maio ou junho. Mais tarde no ano, é necessária uma quantidade considerável de “espírito”. Cada deliquescência, que libera uma quantidade relativamente pequena de “espírito”, deve ser guardada em um recipiente hermético, em baixa temperatura, sem luz; naturalmente, depois de destilada, e em um refrigerador, mas na parte mais quente.

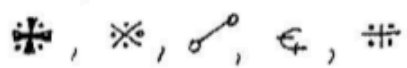
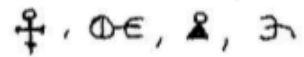
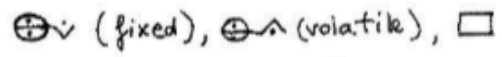
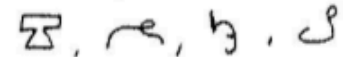
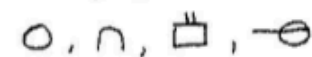
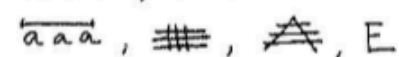
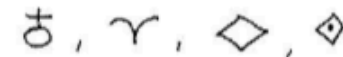
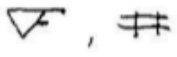
Os experimentos com a manteiga de antimônio e a montagem do material exigem tempo, portanto devemos aproveitar esse tempo “livre” para oferecer alguns elementos muito interessantes de cultura alquímica geral, para aqueles que desejam se dedicar à espagíria.

Na lição Mineral anterior, apresentamos o Livro de Fórmulas de J. Hazelrigg. A leitura deste livro requer um conhecimento de símbolos alquímicos, alguns dos quais não são muito comuns. A seguir, fornecemos um repertório dos símbolos utilizados nesta obra.

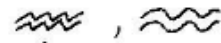
ORA ET LABORA!

TABELA DE SÍMBOLOS ALQUÍMICOS

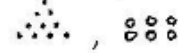
A

Acetum (Ácido, vinagre, atc..)	
Acetum distillatum (vinagre destilado)	
Aes Ustum	
Air	
Alcohol (álcool, também uma antiga definição de antimônio)	
Alembic	
Alkali, common	
Alkali, salt	
Aludel	
Aluminum (Allum)	
Amalgam	
Ammoniac, Sal (Clorido de Amônia, NH3Cl antigamente era Hartshorn ou carbonato de amônio em pó, (NH4)2CO3)	
Ana (partes iguais)	
Annus (ano)	
Antimony	
Antimony, Oil of	
Aqua	
Aqua Fortis (1/2 ácido nítrico + 1/2 Acido Vitriolico)	
Aqua Regia (1/2 Nitríco e 1/2 Acido Hidroclorico)	

AQUARIUS (Multiplicação, Sal Nítrico)



Arena

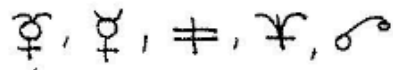


Argentum



(Prata, Lua)

Argentum Vivum



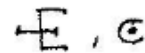
ARIES (Calcinação, Antimônio)



Arsenic



Ashes



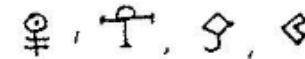
Asphaltum (Congelamento)



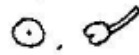
Aunus



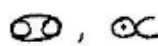
Aurichalcum



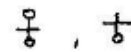
Aurum (Ouro, Sol)



Aurum Pigmentum



Aurum Potabile



Azoth



B

Balneum Mariae



(Banho Maria)

Balneum Vaporis



(BV, Banho de Vapor)

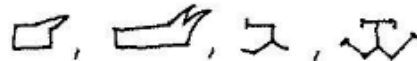
Black Ink



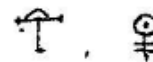
Bone



Borax



Brass



Brick, pulverized
(Larera)



Bull



C

Calcination

γ, A, ρ

Calcine, to

Ω, ∪, ∩

Calx

C, G, W, Ψ

Calx Vive

Υ, ρ, ρ, ρ, ρ, ρ, ρ

Camphor

◇◇◇◇, ◇◇◇◇, m

CANCER (dissolução)

Ω, Ω

CAPRICORN (fermentação)

Υ, ρ

Caput Mortuum

Ω, Ω

Carbonate

—x—

Cera

✦, ✧, ✧

Ceruse (Acetado de Chumbo)

≠, ≠, T

Chalk

C

Ciment, to

Λ

Cincheres Clavellati

Ψ

(Carbonato de Potássio Cru)

⊕, ⊕

Cinis (ashes)

33, ⊕, 33, ⊕, 33, ⊕

Cinnabar

Coagulate, to

H, H, ∪, x x

Cool

—∞

Congelation

Ω

Cohobate

∪

Copper (Venus)

♀, ♂

Copper, Burnt

⊕, 3, ⊕

Cornua Cervi	$\{1\}$, CC
(Hartshorn, Carbonato de Amônia = Sal Amoniaco)	$\circ \nearrow$, ∞e , ∇ , ∇
Crocus Marti	$\circ$, $\circ$, ∞e , Δ
Crocus Veneri	∇ , $\square$, ∇ , $\times$
Crucible	∇ , $\square$, ∇ , $\times$
Crystal	∇ , ∇
Cucurbit	$\circ$, $\bar{8}$

D

Dies (Dia)	δ , δ
Digerere (Separar)	γ
Digest, to	$\bar{8}$, γ
Digestion	γ
Distill, to	γ , ee , ee
Distillation	γ
Dissolution	γ
Dissolve	E
Dissolvere (Dissolver, Destruir)	∇ , f
Drachma (1/8 de onça)	3
Drachma (1/16 de onça)	3 μ
Drop	gt
Dust (Pulvis)	γ

E

Earth	∇
Element	γ -E

Evaporate



Extract



F

Fermentation



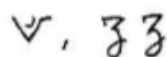
Ferrum



Feu De Roue



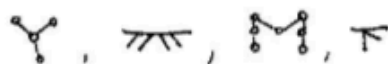
Filter, to



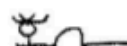
Filings or Iron



Fimus Equinus
(horsedung or gentle fire)



Firune



Fire



Fix, to



Fixation



Fixed



Flask



Flegma (Phlegm)



Flores



Flucre (fluidic, fluxing)



Furnace



G

GEMINI (Fixation)



Glass



Glass Container



Goat

~v3 , 3

Gold

⊙

Gold Pigment

⊙

Glass of Talc (Specula)

⚡

Grana (grain)

gr

Green of Copper
(Copper Chelate)

⊕

Gum

363 , G

Gutta (drop)

gt

H

Handful (Manipulus)

M_s.

Hart's Horn (see Ammoniac, Sal)

⚡

Hematite (Iron, Slate Ore)

⚡

Herb

JB

Hora (Time or Hour)

⌘ , ⌘ , ⌘ , ⇒

Half of any quantity

s.s.

I

Ignis (Fire)

△

Ignus Circulator (Furnace)

⊙ , △

Incineration

→

Ink

⚡

Ink bottle

⚡

Iron (Mars)

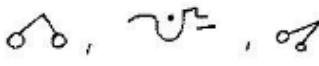
♂ , ♂

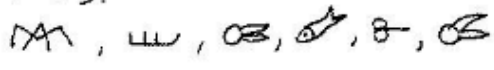
Iron Filings

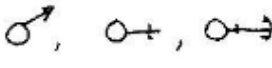
⚡

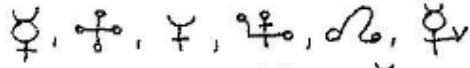
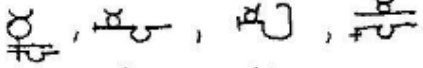
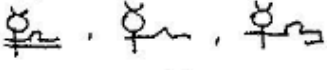
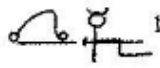
	J	
Jupiter (Tin)		4, w, ⊗, x, 2, ε
	K	
	L	
Lapis		
Latten or Laton		
Layered		sss, ddd
Lead (Saturn)		5, h, 7, p
Lead Acetate		‡
LEO (digestion)		∞
LIBRA (sublimation)		
Libra (scales or pound)		tt
Limatura Martis		o→
Lime (Calx)		c, G, W, O ⊗
Lime, Quick		ψ, ‡, ↗, ↘, ↖, ↗
Litharge (Lead Monoxide)		7, ∞
Lixivium (Liquor)		□
Lodestone (Magnet)		∞, ∞, ∞
Lute, to		N, N
Lute of the Wise		IN, ✕
Luto Lutrine (mud of the Otter)		2
	M	
Magnesia		∞

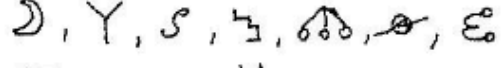
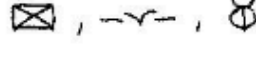
Magnet
Manipulus
Marcasite
Marriage
MARS (Iron)
Materia
MERCURY
Mercury, precipitated
Mercury, sublimated
Mercuriam Rubificati
Miny (Read lead oxide)
MOON
Month (Mensis)
Multiplication
Martial Regulus of Antimony (our Luna)

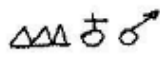






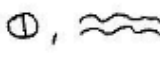







N

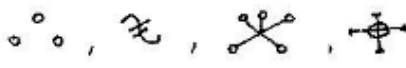
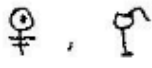
Nitre
(Saltpetre, Potassium Nitrate, Soda)
Not Fixed
Nox (night)





O

Oil (Oleum)
Orichalcum (Brass)

¹Mercury of Saturn

Orpiment

 , 

Orpiment, Red



Oxide of a Metal (Flore)

f

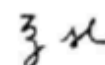
Oxide, Lead

 , 

Oxide, Zinc

 , 7

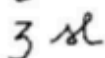
Ounce, half (see Uncia)



Ounce, eighth (Drachma)

3

Ounce, sixteenth



P

PISCES (Projection)



Pitcher (Amphora)



Plumbum (Lead)

 , 7 , #

Porous (Poras)



Potable Gold

 , 

Potassium, Crude (Potash)



Potassium Bitartrate ($\text{KHC}_4\text{H}_4\text{O}_6$)
(Tartar, Cream of Tartar, Algal, Weinstein)
(Adjective of color is red or white depending on
color of wine it came from)



Potassium Carbonate (K_2CO_3 , Salt of Tartar)
(Salt of Wormwood, called Pearlash if pure,
makes "Angel Water")



Potassium Nitrate (KNO_3 , Nitre)
(Nitrate of Potassa, Saltpetre, Stone Serpent)



Potassium Sulphate (K_2SO_4)



Pound

 , # , 

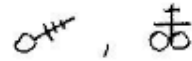
Precipitate



Projection



Powder (Pulvis)



Purify, to

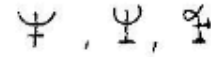


Putrify



Q

Quick Lime



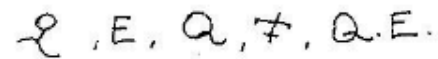
Quick Silver



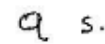
Quick Sulphur



Quinta Essentia



Quantum Satis (sufficient quantity)

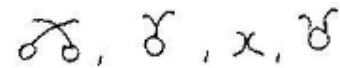


Quantum vis (as much as you like)



R

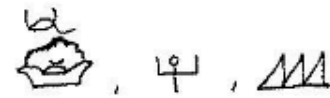
Realgar



Receiver (Vas Recipiens)



Red Lead Oxide (Miny)



Regulus



Retort



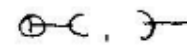
Roots (Radices)

S

Sacharum (Sugar)



Saffrons of Mars



SAGITTARIUS (Incineration)



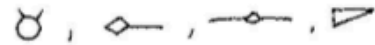
Sal Ammoniac (NH₄Cl)



Sifted Tiles (flowers of tiles)



Sal Gemma
(Pure Salt, a salt mined in Poland)



Sal Prapuratum



Sal Prunella
(Fused Nitre or Saltpetre)

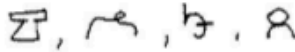
Sal Tartari



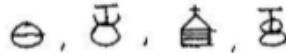
Sand



Salt, Alkali (Salt of Kali)



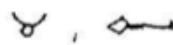
Salt, common



Saltpetre



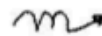
Salt, rock



Salt, Sea (Chelamus)



SCORPIO (separation)



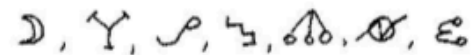
Scruples (1/24 ounce)



Scruples (1/48 ounce)



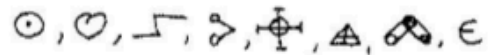
Silver (Moon, Luna)



Soda



SOL (Sun, Gold)



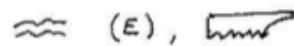
Sodium Biborate



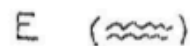
Solid or solidify



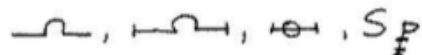
Solution



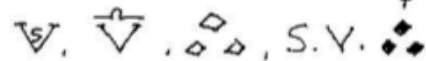
Solvere (weaken, dissolve)



Spirit



Spirit of Wine



Spiritus Vini Root



Stannum (Tin)

24, 3

Steel

0

Stratum Super Stratum

SSS, ddd

Sublimate, to

=, o

Sublimation

=, 4, 6

Sufficient Quantity

q

Sulphur

△, ♀, ♂

Sulphur, Black

⊕

Sulphur, Quick

△

Sulphur, Sophic

△

SUN (Sol, Gold)

○, ♥, ♄, ♀, ⊕, △, ♂, ♀, ♀

Supo (Soap)

◇

T

Talcum (talc)

×

Tallow

⊕

Tartar
(White from white wine
[coat on inner barrel] red from red wine)

⊕, alc, ♄, ♀, ♂, ♂, ♀, ♀

Tartar, Calx

⊕

Tartari, Sal

⊕

TAURUS (Congelation)

♉

Terra

▽

Tigillum (small beam)

⊕

Tin (Jupiter)

♄

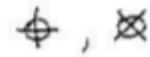
Tincture

♄

Tuna (a vessel for liquid)

⊕

Tutty (Tutia)



Twins (gemini)

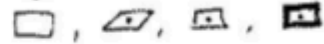


U

Uncia



Urine

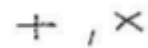


V

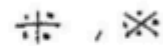
Vas Recipiens



Vinegar



Vinegar, Distilled



Ver-de-Gris (green of copper)



VIRGO (Distillation)



Vitriol



Vitriol, Blue



Vitriol, White



Volatile



W

Water



Water Bath (BM)



Wax (Cera)



Wick



Wine

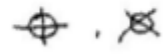


Work Completed



Z

Zinc carbonate
(Tutia or Tuccia Preparatum)



Lição 53: Chaves do Trabalho e o Livro das Fórmulas

Caro Amigo,

AS CHAVES DO TRABALHO

Alguns membros da associação acham o curso de Minerais menos organizado do que o curso de espagiria vegetal. É verdade que o curso de minerais é um tanto mais complexo e interligado, no sentido de que uma lição lança luz sobre outra, à medida que avançamos. Por exemplo, no início deste curso, consideramos satisfatória a via dos acetatos, sem saber nada sobre o tempo necessário para completá-la. Os resultados que obtivemos nos mostraram que essa via é, por um lado, adequada para quem dispõe de tempo; e, por outro, que algumas das etapas envolvidas são úteis para outras vias. Contudo, à via dos acetatos, preferimos hoje um caminho mais rápido, cuja síntese será apresentada a seguir.

Após o estudo desta lição, você será capaz de ler Artephius com mais clareza, compreender a vantagem dos três caminhos sugeridos por Urbigerus e ter uma ideia do interesse extraordinário da Lição Mineral nº 46. Além disso, daremos algumas informações complementares do livro de Lapidus²⁴¹: “The Pursuit of Gold” e de “The Open Entry to the Closed Palace of the King” em sua edição “genuína” por Irineu Filaletto.

No caminho que nos interessa, podemos distinguir três etapas principais da Obra. O primeiro, dos “Trabalhos Hercúleos”, consiste na preparação do régulo estelar marcial de antimônio e na preparação do ferro puro. Desde o início dessa primeira etapa, é preciso fazer uma escolha: ou produzimos o régulo ou eliminamos os “Trabalhos Hercúleos” comprando régulo e pó de ferro com pureza de 99,99%. Como a semente de ouro da estibnita já não existe e precisamos recuperá-la, a terceira etapa exigirá ouro.

A segunda etapa deste caminho requer conhecimento do fogo secreto e, mais ainda, do manejo dele. O princípio da segunda etapa é a dissolução do régulo e do ferro em um único líquido, para que este possa transmitir suas energias sulfúreas ao antimônio.

A dissolução prática da mistura só pode ser realizada com *aqua regia*, a água régia; no entanto, a reação é violenta e a matéria deixa de ser filosófica por causa da temperatura, que, já nessa fase e depois dela, não deve ultrapassar 40 °C. O fogo

²⁴¹ **Lapidus** é o pseudônimo de **David Curwen** (1893–1984), um dos raros alquimistas laboratoriais ativos no Reino Unido durante o século XX. Sua obra *The Pursuit of Gold: Alchemy Today in Theory and Practice*, publicada originalmente em 1976, é considerada uma contribuição singular à alquimia prática moderna. O livro reúne décadas de experimentação silenciosa em seu laboratório subterrâneo na Melcombe Street, em Londres, e interpreta textos clássicos como *The Sophic Fire* de Pontanus, *The Secret Book of Artephius* e *Twelve Gates* de Sir George Ripley

secreto, segundo consta, é um fogo salino composto por 2 sais: o sal amoníaco, ou cloreto de amônio, ClNH_4 , (cloreto de amônia NH_4Cl) e o sal de orvalho, ou nitrato de amônio, NO_3NH_4 (nitrato de amônia NH_4NO_3). Misturados e devidamente umedecidos com água, esses dois sais reagem lentamente entre si e liberam: $\text{HCl} + \text{HNO}_3 + \text{NH}_3$, ou seja, haverá liberação de amônia, e por outro lado formar-se-ão ácido nítrico e ácido clorídrico, ou uma aqua regia nascente. Cuidado, nessa preparação, o sal de orvalho é explosivo.

A dissolução ocorre muito lentamente e sem destruir os elementos alquímicos. Leva vários meses, podendo passar de um ano, sempre a uma temperatura de 38–39 °C (100.4 a 102.20 F). Quando completa, uma destilação cuidadosa do líquido resultará no Mercúrio Filosófico de Irineu Filaletto, o Banho do Rei, ou o líquido que dissolverá o ouro ou a prata na forma de um creme.

A terceira etapa, descrita em diversos livros, é a fermentação desse produto cremoso.

“O aparato necessário é uma incubadora a uma temperatura de 36–38 °C (96.8 a 100.4 F), e uma fornalha especial capaz de fornecer uma temperatura de aproximadamente 60 a 400 °C. (140 a 752 F)Esses dois equipamentos devem funcionar durante vários dias, até mesmo semanas, sem interrupção.

O método que evita as “tarefas hercúleas” e a etapa da dissolução está descrito na Lição Mineral nº 46. O trabalho sobre a manteiga de antimônio tomou um rumo prático com a descrição, em lições anteriores, de um método de fabricação usando estibnita, sal marinho e um ácido.

Atenção, ao ler o aforismo 16 deste texto, no método de Filaletto o Mercúrio já foi destilado.

Prata ou ouro podem ser dissolvidos no Banho do Rei ou no Mercúrio Sáfico²⁴² de Conde Trevisan.

Caso não tenhamos o ouro, podemos seguir o método de Paracelso para a tintura de antimônio (Lição Mineral nº 46). Pare na linha 25 e dissolva no Banho do Rei previamente obtido.

O texto de Filaletto nos leva a crer que a semente de ouro pode ser obtida a partir do cobre. Voltaremos a esse assunto, bem como ao uso, neste sistema, do óleo vermelho de antimônio obtido pela via dos acetatos.

No que foi exposto, usamos quatro sais:

- Salitre: preparação e purificação do régulo;

²⁴² **"Mercúrio sáfico"** é um termo usado para distinguir o mercúrio alquímico espiritual (princípio animador) do mercúrio vulgar (elemento químico Hg). Usa-se a expressão para indicar o mercúrio preparado ou revelado por processos iniciáticos, muitas vezes ligado à consciência ou à energia vital.

- Sal amoníaco e Sal de orvalho: dissolução do régulo marcial;
- Sal marinho: preparação da manteiga de antimônio.

“As Mãos dos Filósofos”, de Isaac Hollandus, afirma que o sal marinho é a chave. O cloro, gás verde, confere ao ácido nítrico seu poder de dissolver o ouro.

Prosseguimos aqui com a leitura muito interessante do Livro de Fórmulas.

ORA ET LABORA!

O LIVRO DAS FÓRMULAS

PARA PURIFICAR O $\oplus$

A forma comum de purificar todo sal é por simples dissolução, filtração e cristalização. Mas observe isto na purificação de todo $\oplus$, que após a dissolução e filtração é preciso deixá-lo em δ (digestão) por um mês médico (40 dias), começando na lua minguante, quando os processos de putrefação se desenvolvem mais facilmente; depois evapore e cristalize. Essa δ é necessária antes que a solução possa ser devidamente separada das fezes. Repita a operação até que não se depositem mais fezes. Segundo Paracelso, $\ominus$ isso em ∇ , evapore até surgir uma crosta na superfície, coloque em um local frio para cristalizar, evapore novamente a ∇ e ponha outra vez a cristalizar, repetindo isso mais três vezes.

O $\ominus$ comum e o $\oplus$ são purificados por dissolução em ∇ comum, seguidos de filtração e cristalização, sem δ .

ÁGUA-FORTE COMUM (AF. communis)

(1). Rx²⁴³. 2 libras de $\oplus$ húngaro seco (preparado como $\wp$ do $\oplus$); misture e coloque num balão de destilação até dois terços cheio, com um grande recipiente coletor, coloque num pequeno forno Δ reverberatório. Proceda com o primeiro grau do Δ até que desapareça o fleuma; quando os vapores vermelhos encherem o recipiente coletor, aumente o Δ aos poucos até que o espírito seja destilado. Isso deve durar doze horas ou mais. Sabe-se que está pronto por sua coloração amarela ou esverdeada e seu cheiro fétido. É um dissolvente para $\mathbb{C}$ e $\mathbb{Q}$.

Observação: O HNO₃ comercial carece das potências desintegrativas essenciais do preparado acima e se mostrará de utilidade duvidosa para os fins necessários. A partir de $\oplus$ e $\ominus$ não deflemados, 1 libra rende cerca de 16 $\mathbb{z}$ (onças) de AF. Para certas outras operações, AF. é feito de $\oplus$ p.i. $\mathbb{z}$ pi.

ÁGUA RÉGIA (Regis Communis)

Na farmacopeia moderna, é conhecida como ácido nitro-muriático, ou ácido cloro-nitroso (NCl₂O₃), sendo este último apenas uma mistura de cloro e ácido hiponitroso. Embora dissolva ouro, platina, etc., não extrai a tintura espiritual. Assim como muitas outras preparações químicas comerciais, falha no propósito para o qual é destinada. Uma Água Régia comum, que dissolve $\odot$, é preparada assim:

(2). Rx. 1 libra de AF, 4 $\mathbb{z}$ de $\ominus$ comum decapitado, $\mathbb{M}$ com um Δ forte três ou quatro vezes até que todo o $\ominus$ passe com o espírito; em cada iii $\mathbb{z}$ das quais $\mathbb{Q}$ $\mathbb{z}$ é i

²⁴³ A abreviação **Rx** vem do latim "receita", que significa "pegue" ou "tome". Usado como abreviação de "prescrição" no início de fórmulas farmacêuticas.

3 triplamente sublimada.

Ou assim: Rx. Espírito de ①_{3iii} ③_{3i}, digerir . Ou,

(3). Água Régia Tentzelii, o Dissolvente Dourado de Tentzelius.

Rx. 1 libra de ①, 3 libras de pó de sílex, destile a água deles em balão; do caput mortuum extraia o ① com água quente; com as cinzas restantes misture 1 libra de ②, destile em balão sobre fogo direto, assim terá AR; destilando em BM ou cinzas em alambique de vidro, ficará ainda mais límpida. Ou,

(4). Rx. Dissolva 6 $\frac{3}{4}$ de $\frac{8}{9}$ em 1 libra de A.F. Ou, segundo Basílio Valentim, o alquimista do século XIV,

(5). AR Basili, o Dissolvente Dourado de Basílio.

Rx. ①, 2 libras de ⚗ A, 3 libras de pó de sílex, destile em balão bem aquecido com tubo. Schroder diz que o método ordinário é usar uma panela de ferro sobre a qual se coloca uma tampa de barro como um alambique com bico, posta em fogo direto com um grande recipiente coletor. Isso não apenas dissolve ② mas também o leva junto pelo recipiente.

DO SAL $\oplus$

Os antigos químicos denominavam este sal de diversos nomes: Cérbero, Sal de Hermes, Anderone, Anatron, Cahalatar, Sal Infernal; Basílio o chamava de Serpente Terrestre. O sal comercial vem principalmente do Chile e Peru e é frequentemente adulterado por mistura com Θ comum, fato que pode ser detectado queimando: quando lançado sobre uma telha ou pedra em brasa, se evaporar completamente é puro; se restar algum resíduo, é sal comum. É purificado por dissolução, filtração e cristalização em água comum, segundo o método usual.

(6). Espírito do $\oplus$.

Rx. 1 libra de **Ⓢ** puro. Terra de oleiro 5 partes, misture-os e encha até o gargalo um balão de vidro bem vedado, coloque-o num forno reverberatório fechado com um grande recipiente coletor; aqueça gradualmente até o máximo por 24 horas; o fleuma sai primeiro com vapores brancos, depois o espírito em vapores vermelhos,

que tornarão o recipiente tão vermelho quanto um rubi.

Observação: Certifique-se de que o recipiente coletor esteja bem vedado ao balão, para que os vapores não escapem, pois sua malignidade é muito nociva ao cérebro e aos nervos, podendo causar paralisia. O fleuma que se mistura ao espírito não lhe fará mal, pois será em proporção tão pequena que não lhe retirará energia ou força.

(7). Espírito Bezoárico de ☉.

Rx. Espírito retificado de ☉, manteiga de ☼, ana, ☿, num balão, assim se obtém o Espírito Bezoárico de ☉. O caput mortuum serve para fazer o Bezoár Mineral de ☉. Se for fortemente aquecido, o espírito será vermelho e capaz não apenas de dissolver ☉, mas também de volatilizá-lo.

O Espírito Bezoárico de ☿ Comum é feito de forma semelhante.

DO ☿ COMUM

Este é purificado por dissolução e cristalização até ficar sem fezes e doce. Salmon diz que ☿ deve primeiro ser decipitado, pois, se colocado em recipiente quente, poderia quebrá-lo. E Basílio calcinava o ☿ comum três vezes com cal, misturando sempre a cada vez nova cal viva.

(8). Óleo ou Espírito Comum de ☿(?)

Rx. ☿ da baía francesa ou espanhola na quantidade que desejar, dissolva em água e filtre; misture com esta salmoura (em recipiente de cobre) pó fino de telhas ou tijolos, em peso duplo ou triplo do ☿ antes da dissolução, coloque em calor uniforme e deixe evaporar toda a água (mexendo continuamente) até secar bem; depois coloque o pó num balão de vidro, bem vedado a um grande recipiente coletor, e aqueça em fogo direto, gradualmente até o máximo; assim obterá no recipiente o Óleo ou Espírito afiado do ☿; retifique este licor em areia, separando o fleuma, conforme a arte; depois conserve-o em recipiente bem fechado para uso.

Observação — Existem várias maneiras de preparar este óleo ou espírito, de acordo com a opinião de diferentes autores. Alguns pegam ☿ comum e o destilam sozinho em um alambique; daí sai primeiro uma água azeda, em seguida um fleuma, depois o ☉ é retirado, borrifado com água e destilado novamente, obtendo-se então um espírito ácido, processo que pode ser repetido até que todo o ☿ se converta em espírito, o qual deve ser retificado em banho-maria. Alguns, para ☿ p. ii., utilizam argila, tijolo, areia ou terra, p. iii., moldam em bolas, secam e destilam como antes

num alambique. Outros misturam Θ p.i. com argila, areia, terra etc., p.v., e (sem moldar em bolas) encham um alambique de vidro, vedam até metade do gargalo e o colocam num reverberatório fechado, acoplando-lhe um grande recipiente; aplicam o fogo gradualmente, chegando o mais rápido possível ao grau máximo, que deve ser mantido por 24 horas ou até o recipiente esfriar, estando o alambique ainda intensamente quente. Por esta regra, de cada libra de Θ pode-se extrair quase $\frac{3}{4}$ de óleo ou espírito. Nestes processos, o Θ não deve ser decritado nem separado do seu fleuma, nem o material deve ser levado ao rubro nos fogos; o fleuma, saindo primeiro, auxilia o óleo ou espírito ácido, servindo-lhe de veículo, sem o qual não se obteriam espíritos ácidos. Este espírito se torna forte e puro mediante desfleumação em calor de areia.

Este Óleo ou Espírito do Θ é um antídoto contra a peste, resistindo a toda forma de corrupção, tanto por uso interno quanto por aplicação externa; é um específico contra febres malignas, contínuas ou intermitentes; misturado com um pouco de água, branqueia e conserva maravilhosamente os dentes; é um poderoso diurético e o mais temível inimigo do escorbuto; desobstrui estômago, fígado, baço, intestinos, rins e bexiga, dissolvendo cálculos e expulsando-os; é eficaz em icterícia, gota etc.; extingue a sede de modo admirável e consome por corrosão, sem dor, toda corrupção em úlceras ou outras feridas antigas, fístulas etc. É transparente, de cor quase citrina e sabor ácido. Dose: 2 gotas, vi a xv ou xx.

(9) Rx. Espírito volátil de Θ de $\square$ (1 libra), Θ comum, ☿ e ♄ , ana, misture tudo e adicione espírito de ☿ , digira num vaso vedado por uma hora, depois em cinzas destile até secura; a estes sais assim secos, adicione lb. x. de tripoli lb. xxx., e extraia um espírito por retorta com fogo forte. Este é usado como menstruo na preparação do ☿ e ♄ . É que entram na fórmula da Tinctura Antimonii cum Auro.

Observação — Existem muitas outras preparações de ☉ , de grande valor medicinal, pelas quais o ouro não só é dissolvido, mas volatilizado e tornado potável. O ácido clorídrico (HCl) comercial não tem utilidade nestes processos.

DO ♄

(10a) Espírito e Óleo de ♄

Rx. ♄ em pó de branco, destile-o em alambique de vidro sobre areia (ou fogo nu); primeiro sairá um fleuma, depois um espírito como uma nuvem e, por fim, um óleo espesso, que deve ser separado do espírito. O espírito pode ser retificado por três cohobações sobre colcotar ou por destilação quatro vezes em banho-maria, lavando-se sempre o alambique num forte lixívia. O óleo é retificado adicionando-se boa quantidade de água ou vinagre destilado, destilando em banho-maria. Separe o óleo, misture novamente com boa água de rosas, destile, separe e guarde o óleo para uso.

Observação: O espírito é sudorífico, diurético, antiescorbútico e anódino. Ele corta, atenua, dissolve e abre todas as obstruções, sendo maravilhoso em hidropsias, gota, escorbuto, paralisias, sarna, coceiras, lepra ou sífilis. Dose: de 20 gotas ad ii de cinzas.

(10b) Espírito Filosófico de ♀

Rx. Θ de ♀, reverbere por 24 horas sobre uma pedra de ensaio de refinador (mas sem fundir), e o Θ ficará azul; adicione $\ddagger$ destilada três polegadas acima dele, $\delta\lambda$, até que o $\ddagger$ fique muito vermelho, depois filtre e coagule; faça isso quatro vezes com $\ddagger$ destilada fresca. Misture esses quatro sais com SV retificado e extraia uma tintura até que cesse de ter cor; $\odot$ o Θ restante no $\ddagger$ destilado, extraia sua tintura com SV, reúna tudo e $\mathfrak{M}$ em banho-maria num alambique com funil; despeje novamente o SV destilado pelo funil na Θ tinturada e cohobe 15 ou 16 vezes, até que se vejam cair gotas vermelhas; então pare e $\mathfrak{M}$ o líquido suavemente por retorta em areia. Assim se obtém o Espírito de Θ de ♀, turvo com gotas vermelhas e um pó vermelho no fundo.

Este espírito cura quartãs e provoca poderosamente os Termos quando estes se encontram interrompidos, sendo eficaz na terceira ou quarta dose. Dose: 4 a 6 gotas em vinho. Este espírito dissolve $\odot$).

(11) Oleum ♀ri per deliquium.

Rx. Derreta o Θ de ♀ numa adega ou dissolva em água, filtre e coagule até a consistência justa. Ou, Θ de ♀ ou o melhor de ♀ calcinado branco; coloque num saco de algodão e pendure numa adega ou em local úmido para dissolver.

Observação — Um pouco de ♀ misturado a qualquer menstruo facilita a putrefação e faz com que se extraiam mais facilmente as virtudes de qualquer vegetal.

DO $\oplus$

Atente-se aqui para as observações precedentes sobre $\oplus$, bem como ao que se diz sobre sua purificação. $\oplus$ pode ser nativo ou artificial, o primeiro sendo extraído da terra em sua forma própria ou em água. O artificial é obtido de ♀ ou ♂ separadamente ou em conjunto. Dentre esses tipos, é melhor escolher o que tiver mais ♀ que ♂ em sua composição, sendo o húngaro o melhor, pois, esfregado sobre ferro polido, faz com que este fique vermelho.

(12) Óleo de $\oplus$.

Rx. Quanto desejar do $\oplus$ nativo húngaro ou inglês; derreta-o em panela de barro não vidrada e exale toda a umidade, mexendo continuamente até se tornar um pó amarelo, que se coloca numa retorta resistente a fogo forte, enchendo-a cerca de dois terços. Aplique fogo direto, aumentando gradualmente por três dias ou até o

recipiente (antes cheio de vapores) ficar limpo e sair o espírito ou óleo; retifique o líquido destilado, separando o fleuma com uma pequena retorta em areia. Nota: na destilação, o fleuma sai primeiro com fogo brando, depois aumenta-se gradualmente até o máximo, que se mantém até que veias negras comecem a escorrer pelo recipiente; nesse momento, remova, decante o fleuma e encaixe novamente o recipiente sem vedar para recolher o óleo. Separado o fleuma na destilação, o que vier depois é espírito e óleo; separe-os num cucúbito de vidro vedado a um recipiente, extraíndo cerca de metade, que é o espírito volátil e sulfuroso de $\oplus$, que deve ser guardado em frasco bem fechado; o que ficar no fundo é o óleo cáustico de $\oplus$ ou o verdadeiro espírito desfleumado.

Este espírito ou óleo, aplicado sobre $\oslash$, transmuta-o em pouco tempo em $\oslash$.

(13) Espírito de $\oplus$ de Tenzelius

Rx. $\oplus$ Húngaro calcinado branco ao sol, com uma lente ardente (lente de aumento, chamado de calcinação filosófica), 1 libra de $\oslash$ E calcinado negro, meia libra; junte a eles (reduzidos a pó) SV. Destile em um alambique com fogo forte, cohobe e separe o SV. do espírito de $\oplus$, retificando-o na areia.

DA $\square$

Deste se preparam alguns dissolventes muito raros de força singular. Incluo aqui apenas os necessários em nossa prática.

(14) Espírito da $\square$.

Rx. $\square$ fresca ou recém-colhida de um rapaz que beba vinho, destilar em alambique em BM., cohobar e obter fleuma e espírito; separar conforme a arte (o que se faz com pequeno balão de destilação em areia), e elevar o espírito em corpo de vidro, ficando assim muito volátil e branco, mas de cheiro extremamente fétido. É um notável litontríptico, capaz de dissolver o cálculo se injetado na bexiga com seringa apropriada.

Rx. (15) Óleo de $\square$.

Daquela matéria arenosa e tartárea que se adere ao fundo e às laterais do urinólito, calcinar, dissolver, coagular e então dissolver novamente per deliquium. Isso, se administradas cinzas em veículo conveniente, dissolve perfeitamente o cálculo.

(16) $\ominus$ Volátil de $\square$.

Rx. A $\square$ de um rapaz ou jovem, SV., ana, misturar e evaporar até consistência de mel novo; colocar em vidro de gargalo longo e destilar com calor tão brando em cinzas ou areia que possa condensar no alambique, surgindo então um espírito branco como neve, que no frio se coagula. Se esse espírito for unido ao sal das fezes e volatilizado por cohobações repetidas, será um notável menstruo para extrair o vitriol dos metais, principalmente de $\mathbb{C}$; se ainda for digerido com $\ominus$ comum

e purificado por sucessivas dissoluções e coagulações durante cerca de dez dias e noites em BV., resolverá; e com adição de SV. retificado e dez dias de digestão, será um bom menstuo para dissolver ☉.

DO ☿

O de vinho é o melhor, e ainda melhor se vitriolado. O químico moderno opina que o álcool não pode ser acetificado se houver qualquer óleo essencial ou ácido pirolenhoso presente. O ☿ de hidromel é o melhor para dissolução de metais, pois possui espírito animal e vegetal, e por isso tem grande poder de dissolução, sendo chamado ☿ Filosófico.

(17) ☿ Destilado

Rx. Coloque em alambique de vidro em BM. ou cinzas com calor brando, retire o fleuma sem gosto, o que será quase um quarto do volume; troque o recipiente e force a passagem do espírito. Se for para uso medicinal, cuide para não queimar, sob pena de seus extratos ficarem com odor desagradável. Se for para metais,

com lente de aumento

retire o fleuma em calor brando em BM. depois destile em areia vigorosamente até subir um espírito vermelho e tudo ter passado.

(18) Espírito de ☿ de Clossœus²⁴⁴

Rx. Seis quartos, destilar em BM. morno até restar apenas um quarto; então em cinzas retirar o restante até secura, cohobando duas ou três vezes sobre as fezes. Se desejar mais forte, faça bolas com os cristais e bole, destile em retorta, obtendo assim espírito que, retificado, será ardente e corrosivo.

(19) ☿ Radicado ou Alcalizado de Sennertus²⁴⁵

Rx. Fezes do ☿ destilado, calciná-las secas, depois adicionar ☿ destilado e retirar novamente em areia, cohobando repetidamente até que todo seu ☹ comum ou fixo suba junto com o ☿.

DO SV.

Como já dito, o SV. de comércio carece geralmente de potência por causa de sua aquosidade, sendo melhor, como em todas as preparações anteriores, recorrer ao

²⁴⁴ **Closseus**, também grafado como **Johann Closseus**, foi um alquimista e médico ativo no século XVII, conhecido por suas contribuições à alquimia médica e pela busca do **aurum potable** — o chamado “ouro potável”. Essa substância era considerada uma forma alquímica do ouro transmutado em elixir, capaz de atuar como **medicina universal**, curando doenças e elevando o espírito.

²⁴⁵ “**Sennertus**” refere-se ao médico e alquimista alemão **Daniel Sennert** (1572–1637), professor da Universidade de Wittenberg e autor de obras que buscavam conciliar alquimia com medicina galênica e aristotélica. Em seus tratados, como *Practicae Medicinae* e *De Chymicorum cum Aristotelicis et Galenicis consensu ac dissensu*, Sennert descreve processos de **retificação por cohobação**.

próprio laboratório. Um dos melhores modos de testar sua força e pureza é mergulhar um pavio de algodão como o de vela e acendê-lo; se a chama se manter no pavio é sinal de que o espírito é bom; caso contrário, está fraco e insuficientemente deflegmado. O conhecido como Canary é o melhor para esses fins.

(20) SV. Comum

Rx. Destilar em vesica até que as partes mais finas ascendam (o que se reconhece pelo gosto); retificar várias vezes em BM., retirando metade, um terço ou um quarto, até que o espírito esteja forte e não reste umidade que arda. Note-se que, cobrindo o orifício do alambique com papel fino em quatro camadas ou tecido grosso, apenas as partes espirituosas penetrarão, enquanto as aquosas retornarão; e se tiver um alambique de gargalo longo ou serpentina de vidro, retificará ainda melhor.

(21) SV Tartarizado

Rx. 2 libras de SV, 1 $\frac{3}{4}$ de φ em pó. Destilar em banho cheio de serragem ou palha umedecida para que as gotas caiam vagarosamente, parando quando começar a subir o fleuma; mas se o fleuma ascender junto, retificar. Antes da retificação, pode-se repetir o trabalho anterior, adicionando uma onça a mais de φ . Sennertus diz que, se retificar o espírito sobre o mesmo φ , com várias cohobações, fazendo fogo forte ao final (descartando o fleuma que sai no meio), obterá SV. tartarizado.

Boyle, o filósofo experimental e químico hermético do século XVII, oferece o seguinte processo, recomendado por dispensar múltiplas retificações: “Coloque cerca de uma polegada de φ calcinado até branquear (não acho necessário reduzi-lo a sal) e bem seco no fundo de um corpo de vidro alto e esguio, e verta sobre ele tanto SV., mas uma vez retificado, quanto baste para, depois de agitados, nadarem acima do φ por um dedo de altura; então, fixando cuidadosamente o capelo e o recipiente novamente, com calor brando retire o SV., trocando, se quiser, o recipiente quando cerca de metade tiver passado, e, se necessário, retificando mais uma vez tudo o que destilar sobre calx seca de φ antes... e por isso este álcool de SV. chamamos particularmente de SV. Alcalizado, e mais ainda porque SV. Tartarizatus, que talvez seja o nome mais apropriado, é empregado por eminentes autores químicos para designar outra coisa.” (Nota de G.B.: Para certos autores do século XVII, “Espírito de Vinho Tartarizado” significava alkahest de tártaro)

(22) Spiritus de ⚗

Rx. i.p de ⚗ , iv.p de cinzas p. iv, ⚗ em alambique na areia, obtendo assim um espírito, que se retifica em alambique longo. Ou assim: apagar tijolos incandescentes na solução de ⚗ em boa ∇ , até que toda ∇ seja absorvida, depois ⚗ em retorta. Ou assim: que gera um espírito de penetração maravilhosa devido ao vol. $\ominus$. de $\square$: impregnar ∇ . com ⚗ , o quanto puder conter, no qual se embebem folhas de papel pardo moldadas em bolas; colocar no alambique, e em areia ou forno de reverbero retirar um espírito ácido de cor dourada, retificando até que fique

branco ou límpido. Ou assim: misturar o Θ com argila e moldar em bolas, depois $\pi\chi$ em retorta como com Θ comum; adicionar pela terceira vez um pouco de Φ , um pouco de ϵ em partes iguais; por fim, lavar com água morna até amolecer.

Este pó é considerado um medicamento universal contra todas as doenças; abre todas as obstruções, provoca os termos, cura náuseas, cólicas, varíola, febres intermitentes ou de qualquer outro tipo, gota, hidropisia etc. Dose: $\frac{3}{4}$ 1/2 ad i.

Lição 54: Quatro Causas de Falha e a Natureza da Putrefação

Caro Amigo,

Tendo chegado ao estágio em que estamos, quatro questões podem nos atrapalhar ou até nos impedir de avançar no caminho alquímico: 1) Impaciência, sendo “paciência” a palavra-chave para o sucesso; 2) Incompreensão do aspecto filosófico das coisas; 3) Interpretação equivocada da teoria; 4) Pequenas dificuldades práticas.

Vamos analisar a segunda questão: “Incompreensão do aspecto filosófico das coisas”. Por exemplo, tomemos a palavra “putrefação”. Em nossa linguagem moderna, esta palavra é sinônimo de apodrecimento ou, no mínimo, evoca tal estado. Esse é um dos significados encontrados na alquimia, mas não o único. Assim, no reino vegetal, pode significar fermentação alcoólica, fermentação acética ou qualquer outra fermentação. O fato de, antigamente, nada se saber sobre leveduras dava a este assunto uma abrangência geral. Os métodos usados eram em grande parte empíricos ou obtidos por revelação interior. Por outro lado, no reino metálico, a palavra putrefação adquire um significado totalmente diferente. Aqui, putrefação nada tem a ver com apodrecimento e, nesse domínio, apenas o sentido filosófico do termo é válido. Significa, neste caso, uma mudança de reino para as energias vitais da matéria ou uma perda dessas energias. Na putrefação vegetal há uma liberação das energias vegetais, que podem então ser recuperadas se houver um suporte adequado ou “Ímã” disponível. Por outro lado, quando Sir of Violette diz: “deixar o açúcar de chumbo fermentar por 40 dias”, quer dizer que, no acetato de chumbo, as energias vitais do vinagre de vinho devem ser transferidas para o chumbo durante esse período, desde que se mantenha um calor suave de forma contínua e o acetato não esteja em estado sólido. É necessária uma dissolução com álcool absoluto para obter mel, pois a transferência das energias só pode ocorrer se não houver mais nenhum ácido acético livre que as fixe. A dissolução alcoólica, ao contrário, facilita essa transferência.

Outro exemplo são as palavras “fixo” e “volátil”. Na alquimia, essas palavras, em seu sentido filosófico, não estão ligadas à temperatura de ebulição dos corpos. As energias vitais que não podem ser liberadas e que estão aprisionadas no corpo são fixas. E as energias vitais que estão livres e podem ser transferidas ou liberadas do corpo, seja em forma sólida ou líquida, são voláteis.

Nos experimentos, cada alquimista deve conhecer a teoria do processo que está utilizando, principalmente por esta razão: em um experimento de química, tal como praticado hoje, os resultados são sempre mais ou menos os mesmos. Primeiro, porque o operador exerce pouca ou nenhuma influência psíquica sobre o experimento; em segundo lugar, porque os corpos usados estão mortos, não são

filosóficos. Consequentemente, as energias vitais presentes no momento do experimento não reagirão com corpos mortos. O resultado será independente de qualquer intervenção sutil, seja ela de natureza psíquica, astrológica ou outra. Em contrapartida, em um experimento alquímico, essas intervenções sutis provocarão resultados diferentes mesmo quando as condições materiais permanecerem idênticas. Somente um profundo conhecimento da teoria alquímica nos permitirá entender os fenômenos e organizá-los de forma a obter o resultado desejado.

O primeiro princípio é que, na alquimia, a natureza não pode ser contrariada. Todas as operações devem obedecer à vida nos três reinos, e ainda mais se essa vida tiver mudado de suporte material ou se tiver sido transferida para outro reino. Essa energia de vida só pode ser usada no sentido evolutivo, conforme desejado pela natureza.

A evolução dos corpos pode ser obtida por dois métodos essenciais, desde que tenha sido feita a purificação. Um dos métodos é evolutivo através da mudança de reino vivida pela vida: transferência da vida vegetal para o metal (via dos acetatos) e transferência da vida animal para o metal (via da manteiga de antimônio). O outro método é aquele que utiliza os poderes germinativos dos três reinos, daí o nome Agricultura, dado a este caminho por várias escolas alquímicas.

Comportamento dos elementos durante a purificação:

Entre os quatro elementos, dois são ativos, Fogo e Água, e somente eles possuem poder de purificação, mas, em geral, não podem fazê-lo sem a intervenção do Sal. Fogo e Ar são as energias vitais. Água e Terra são as energias da matéria.

Na circulação da tintura de Sal, o Sal fixa as energias puras na forma de $\Delta + \Delta$ Sulfuroso. Este Enxofre fixo resiste ao Fogo, de modo que o fogo da calcinação afastará as energias desarmônicas, mas deixará ali o Sal enriquecido com seu próprio Enxofre.

Por outro lado, a água contida no $\nabla + \nabla$ Salino, se estiver em harmonia, permanecerá no Sal. Não será expulsa pela água do Solve-Coagula; mas, por meio desta última operação, as águas e terras desarmônicas serão expulsas do Sal.

Na nossa próxima lição, examinaremos a quarta questão, “pequenas dificuldades práticas”, principalmente em relação aos caminhos do antimônio. Esperamos que isso lhe poupe tempo, equipamentos e produtos.

Nota muito importante a todos que fazem tinturas metálicas:

Qualquer que seja o líquido extrator da tintura, nunca é certo que a parte tóxica do metal tenha sido totalmente eliminada, principalmente no chumbo e no mercúrio. Nunca ingira essas tinturas nem o óleo de antimônio, nem mesmo uma gota. Quando a tintura estiver obtida, convém cohobá-la com álcool absoluto, a fim de transferir as energias vitais da tintura para o álcool, o que geralmente ocorre após 10 a 20 cohobações. É preciso calcular a quantidade de gotas da tintura na

cohobação e medir a quantidade de álcool usado; por exemplo, tintura: 10 gotas, álcool: 50 cm³; a dose de teste é 5 cm³ de álcool diluídos em um copo de água.

A seguir, apresentamos uma continuação do Livro de Fórmulas.

ORA ET LABORA!

O LIVRO DAS FÓRMULAS (continuação)

AS SETE MEDICINAS UNIVERSAIS DOS ANTIGOS

Embora os químicos e filósofos espagíricos tivessem muitas preparações medicinais que consideravam poderosas e universais, havia sete em particular, enumeradas a seguir: Aurum potabile, Tinctura Auri, Precipitatus Aureus, Aurum Vita, Hercules Bovii, Manna Mercurii e Bezoarticum Solare. Estas eram consideradas notáveis remédios para o tratamento da maioria, senão de todas as doenças, e são aqui apresentadas de forma completa e demonstrável. Diferentes métodos de procedimento eram geralmente seguidos por diferentes autores, alguns bastante complexos e obscuros, mas as analogias e a intenção dos diversos processos eram evidentes, e os resultados, idênticos em todos os casos.

(1) AURUM POTABILE

Rx. Dissolver uma folha de ☉ 3 ss. em AR. (4), precipitar pela adição de oleum ♀ por delíquio (11), assim parecerá branco como cal; depois lavar os sais com ∇ comum, e secar o Ψ suavemente, sozinho ou ao sol, pois se for seco em forno corre risco de explosão. Nesta forma, é Aurum Fulminans.

“Tome deste Ψ (reverberado até atingir a maior tonalidade de marrom e porosidade, ou ∇ frequentemente com A.R.), 8 em espírito de □. (14) com calor brando, em vaso hermeticamente fechado, por um mês ou até surgir uma tintura vermelha como sangue; decantar e adicionar novo espírito, repetindo este trabalho até não tingir mais. Juntar as soluções e 8 por 20 dias ou um mês; então, com calor suave em BM., separar o espírito ou menstruo (que deve ser guardado para o mesmo uso), e no fundo restará uma tintura vermelha como óleo, que se dissolverá em qualquer líquido, sendo este o Aurum Potabile.

Dose: em vinho generoso ou SV. i cinzas de cada vez por vários dias, ou pode-se dar de 4 a 8 gotas em qualquer outro veículo. Paracelso diz i de cinzas. É um forte sudorífico.

Rx. Outra forma: Ψ de fino ☉ feito por AR. (2 ou 4) e perfeita reverberação, adicionar espírito volátil Θ de □ (16), que 8 40 dias em calor brando e estável em vaso hermeticamente fechado, e o menstruo se tornará vermelho-sangue; decantar e reiterar com novo menstruo, repetir novamente, juntar as soluções e 8, por um mês filosófico, e proceder conforme o anterior.

Aurum Potabile Clossai, Ouro Potável de Closseus.

Rx. ☉ 3 i, ♀ 3. fazer uma amálgama, que bata com tanto de Θ comum fundido; evaporar o ♀ com Δ brando; lavar o Θ com ∇ morna; bater o Ψ restante com ⚡ 3 iii. comum, cimentar 3 ou 4 horas em cadinho com orifício no topo, até todo o ⚡ desaparecer. Repetir isso sete vezes com novo ⚡, até o ☉ ficar como uma esponja

vermelha, que ☿ com oito vezes mais de ☿, até ficar com cor de sandaraca, adoçar lavando; depois tomar SV. xiii. p., espírito de ☾ de ♀ (10 b) i.p., misturar e ☿ tudo; colocar ali o S esponjoso mencionado ☿ ou ☿ sublimado, e ☿, até dissolver. Abstraindo o SV., obterá um pó amarelo. “As virtudes disso são quase incontáveis.”

Aurum Potabile Quercetani, Ouro Potável de Quercetan.

Rx. Um ☿ leve e esponjoso de ☼, do qual o ☿ extrai uma tintura por ☿ em BM. com espírito de oF (18), que se exalta por circulação com SV. Também é chamado de Aurum Vite, e, como diz Quercetan, possui virtudes incríveis para quase incontáveis doenças.

Aurum Potabile Grulingii, Ouro Potável de Grulingius.

Rx. ☿ de ☼, obtido por reverberação até a mais alta tenuidade, sobre o qual se coloca um menstruo feito de partes iguais de ☾ volátil de ☐ (16) e SV. retificado (20), digerido 12 dias em BM. com calor suave e uniforme; misturar em vaso de vidro, selar hermeticamente, e ☿ por 40 dias, até a tintura ficar vermelha como sangue, repetindo o trabalho frequentemente. Juntar estas tinturas gerais e ☿ dezoito dias, depois por ☿ com calor brando separar o espírito, restando no fundo um ☼ em forma de óleo vermelho úmido. Esta solução ☿ em retorta de vidro na areia tantas vezes até que a tintura de ☼ passe com a cor vermelho-sangue mais intensa, restando no fundo apenas uma terra preta, seca e esponjosa.

Há muitas outras preparações de Aurum Portabile, mas estas bastam aqui. Esta fórmula de Grulingius é de virtude especial, usada como remédio universal, pois restaura e preserva a umidade radical tanto em quantidade quanto em qualidade, e liberta os poderes do corpo inteiro da malignidade das doenças, mantendo-o a salvo da corrupção durante o curso natural da vida. É excelente em apoplexias, doenças epidêmicas, febres pestilentas, palpitações do coração; provoca a menstruação, facilita o parto rapidamente, mas previne o aborto espontâneo; elimina a malignidade dos cânceres, promovendo sua rápida cura; restaura em casos de consunção. Estes medicamentos são fortemente sudoríficos, provocando um suor que elimina junto as sementes e raízes de afecções malignas e venenosas. É em vão enumerar em particular tudo o que são capazes de fazer, tão universais são suas propriedades curativas.

(2) TINCTURA AURI

Tinctura Auri Basiliana, Tintura de Ouro de Basilio Valentim.

Rx. Do ☿ do mais fino ☼, feito por dissolução no AR. de Basilio Valentim (5), que se volatiliza com espírito do ☾. (8) aguçado com espírito de ☿. (22); precipitar com óleo de ♀ (10a), ou por leve abstração reverberar com flores de ♀, depois com SV. retificado e espírito de ☾ extrair o ☿ de ☼, que ☿, e abstrair suavemente os espíritos; depois ☿ novamente no A.R. mencionado e volatilizar com SV.

Este é um licor dourado de grande força, com todas as virtudes do Aurum Potabile. Outra fórmula, dada por Quercetan, e que ele diz possuir virtudes quase incríveis para inúmeras doenças, é assim:

Rx.E. ☿ leve e esponjosa de ☉, extrair uma tintura por ☿ em BM. com espírito de ☿ (18), que se exalta por circulação com SV. Outra fórmula, dada por Salmon:

Rx. E. Aurum Fulminans (ver primeira fórmula do Aurum Potabile), bem adoçado, p.i., espírito volátil de ☉, p.iv.; ☿ em banho-maria por 40 dias ou mais; adicionar a SV, (Canary) com ☿ branco, e em calor brando extrair até a cor rubi, para então ☿, e trazer a uma consistência de pó; lavar o SV. com ☿ ☿, e pode-se ☉ em qualquer veículo conveniente.

Observação: se não tiver o espírito de ☉ mencionado, pode usar este: Rx. ☉ lb. i, ☉ ☿ vi. ☿ o espírito, que se mistura com partes iguais de SV. e se destila a mistura de um grande alambique.

(3) PRECIPITATUS AUREUS

Rx. Folha ☉, ou limalhas de ☉ fino ☿ ss., ☉ em A.R. sem ☿; tomar vidro de ☉ ☿ ss, ☉ em AF, (1); ☿. limpo ☿ iii, ☉ também em AF.; misturar todas as soluções e extrair a ☿ por um alambique; depois adicionar AR. novo, extrair o mesmo frequentemente, até que o precipitado não fume mais ao ser colocado sobre ferro incandescente; "☿ tudo, para que o AR. se consuma; depois ☿ dele o SV. seis vezes e ☿ a matéria suavemente.

Purifica toda a massa sanguínea e o corpo inteiro; cura icterícia, escorbuto, hidropisia, gota; provoca urina, seca todos os humores úmidos e abre todas as obstruções; cura epilepsia, cólica, quartã e todas as úlceras cancerosas e malignas. Dose: à gr. iv. ad v. É chamado de Precipitado Dourado.

(4) AURUM VITAE

Aurum Vite Sennerti, Ouro Vivo de Sennertus

Rx. ☿ purificado ☿ v, finas placas de ☉ ☿., fazer uma amálgama e lavar com ☿ até toda a negrura desaparecer; depois colocá-lo em retorta e adicionar AF. (1) um pint, ☿ em cinzas ou areia, para que o ☿ e ☉ fiquem no fundo em pó; então ☿ e aumentar o ☿ no final, para que o fundo da retorta fique incandescente e todos os espíritos corrosivos saiam; ao esfriar o vaso, pulverizar a matéria e despejar novamente o AF. abstraído, cohobatar, e haverá um pó vermelho no fundo; guardar isso, descartando o que sublimou nas laterais da retorta; depois aquecer um ferro em brasa e polvilhar sobre ele o ☿ em pó al para não só secá-lo, mas evaporar o que é volátil, depois guardar em vaso de vidro fechado.

Sennertus diz: Este é um dos medicamentos mais nobres já conhecidos no mundo até hoje, e faz tanto quanto qualquer outro. Cura fácil, segura e rapidamente qualquer doença antiga, maligna e deplorável. É um Arcanum maravilhoso para

hidropisia, sífilis e gota, assim como para icterícia, todo tipo de defluxões, escorbuto, lepra, sarna, coceira, peste, veneno, todas as febres e obstruções em qualquer parte do corpo. Ele inicia, mantém e completa a cura sozinho. É um grande diaforético e pode ser administrado à gr. iii. a vi.; se para purgar, em pílulas purgantes; mas se para sudorese, em alguma essência cordial, elixir ou eletuário.

Aurum Vite Hartmanni, Ouro Vivo de Hartmann, ou Ouro da Vida

Rx. Limalhas de ☉ 3 i. ☿ em AR. 3 iv., manter a solução quente, pegar ♀ 3 xii, ☿ em um litro e meio de AF. communis, misturar até ficarem pretas, ☿ em alambique na areia com fogo gradual até que a parte superior e o fundo fiquem incandescentes; depois ♀ com ferro em brasa até que os espíritos do AF. desapareçam, lavar com ∇ e ☿ o SV com frequência por cohobação, assim obtém-se o Aurum Vitz.

Observação: O AR. para este trabalho é feito assim: Rx. ∇ de ☉, ☉, ☉, A. 3 iv. ☿ 3 i., ☿ em areia e em um alambique.

Possui as mesmas virtudes dos anteriores; dose: a mesma.

Lição 55: Destilação da Manteiga

Caro Amigo,

Voltemos mais uma vez à deliquescência da manteiga de antimônio.

Experimentos confirmam que a condição de céu limpo indicada por Basilio Valentim deve ser imperiosamente respeitada. Se chover à noite, ou se houver névoa ou neblina, a umidade do ar se torna excessiva e, como resultado, grande parte da manteiga se transforma em Mercurius Vitae, que pode ser utilizado de outra forma. No entanto, a transformação do Mercurius Vitae de volta em manteiga não é fácil ou, pelo menos, é trabalhosa — pelo método de dissolução em HCl e destilação.

Montagem

Agora utilizamos o mesmo equipamento tanto para a destilação da manteiga quanto para a do “espírito” (aqui “espírito” é o líquido resultante da deliquescência da manteiga). Após diversas tentativas e experiências, a solução a seguir parece ser a melhor (uma solução apresentada pelas reuniões do grupo de pesquisa).

- O balão utilizado é pequeno, de 250 cm³, com vidro esmerilhado;
- Adiciona-se no topo uma extensão em cotovelo formando um ângulo de 105 graus (ref. catálogo Prolabo 09476297) com uma saída para termômetro;
- O aquecedor do balão é inclinado de modo que o termômetro e os dois condensadores instalados na extensão fiquem verticais. O termômetro é do tipo para até 350 °C (662 °F);
- O primeiro condensador não é resfriado por circulação de água e, em vez de um condensador, pode-se usar um tubo simples com duas extremidades de vidro esmerilhado, uma macho, outra fêmea 29/32. Mas, se utilizar um condensador, ele será do mesmo tipo que o outro, reto;
- Abaixo do segundo condensador, que desta vez é resfriado por circulação de água, instala-se um balão de duas entradas ou um tubo com uma chamada saída de vácuo com saída lateral. Essa saída, ou a segunda abertura do balão, será ligada a um tubo borbulhador contendo água saturada com carbonato de potássio.

A destilação do “espírito” ocorre em várias fases. Na primeira, o líquido condensado no balão é leitoso e contém um precipitado branco, que deve ser dissolvido na segunda fase da destilação. É então necessário, caso isso não tenha sido feito no

início, revestir o balão superior e a extensão até sua parte vertical com um manto de fibra de vidro envolto em uma folha fina de alumínio. Assim que a temperatura ultrapassar 130 °C (266 °F), a manteiga passa e se condensa no condensador não resfriado, geralmente em uma superfície relativamente longa, o que evita o entupimento do tubo. Se o destilado não tiver retomado uma cor clara e transparente ou se apresentar odor de ácido clorídrico, a destilação deve ser repetida em um balão limpo, mas após a manteiga ter sido recuperada do(s) condensador(es). Empurre-a com uma agulha de tricô plástica para dentro de um balão limpo montado diretamente na base do segundo condensador. Essa manteiga costuma ser muito bela e deve novamente ser posta para deliquescer. O “espírito” deve ser mantido em baixa temperatura enquanto não se tiver quantidade suficiente para tentar a “fermentação”.

Na fabricação da manteiga, em sua destilação ou na destilação do “espírito”, é praticamente impossível recuperar toda a manteiga. Quando o sistema de destilação para a manteiga ou para o espírito for utilizado, destile 50 cm³ de álcool absoluto, que dissolverá toda a manteiga residual. Se o sistema for o da fabricação da manteiga, use o mesmo método. Mas se tiver sido utilizado ácido nítrico na fabricação da manteiga, certifique-se de que não reste nada ou, pelo menos, quase nada do ácido no equipamento, pois a mistura álcool-ácido nítrico é explosiva.

Seja cauteloso, destile esse álcool bem lentamente se quiser recuperar a manteiga.

Lembrete importante: use luvas e óculos de proteção para trabalhar com a manteiga. Além disso, em caso de acidentes, por exemplo nos braços, pressione a área em contato com a manteiga com um pedaço de pano de algodão embebido em amônia.

Na próxima lição, daremos a descrição da fornalha que nos permitirá executar a sequência das quatro temperaturas da Lição Mineral nº 46 e especificaremos os incidentes ocorridos durante nossa experimentação. Também forneceremos uma descrição da incubadora de 30-40 °C (86-104 °F), que vem nos dando bons resultados de forma contínua.

Segue, a seguir, a continuação dos Livros de Fórmulas.

Ora et Labora

O LIVRO DAS FÓRMULAS

(5) HERCULES BOVII

Hercules Bovii, Hercules de Bovius²⁴⁶

Rx. Enchimentos de ☉ fino ☿ i. ☿ purificado ☿ iv. ☿ ambos separados em AR., ☿ ambos juntos com fogo gradual, e depois no fim com fogo mais forte, em um balão de destilação; então com AR. ☿ o precipitado no fundo e o sublimio no gargalo do balão, e ☿ o mesmo até que tudo se torne precipitado; depois ☿ em ferro em brasa para fixar os espíritos corrosivos, e adoçá-lo por ablução²⁴⁷ em SV.

Bovius diz: É o melhor de todos os purgantes; mata todos os vermes, cura a sífilis, varíola, peste, lepra, quartãs e muitas outras doenças de outro modo incuráveis. Dose, de gr. iii. a iv., com açúcar de violetas, caldo ou em pílulas purgativas.

(6) MANNA MERCURII

Manna Mercurii, ou Panchymagogon Dourado

Rx. Do ☿ dulcis, q. v., eleve-o por frequente ☿, até que se torne cristais fixos, os quais ☿ em um licor; do qual tome ☿ vi. e de ☉ ☿ii ☿zado, misture e ☿ por 40 dias; cohobe até que se derreta no alambique como cera. Mercury dulcis é o Mercúrio doce sublimado, ou Dragão Domado, de Quercetan.

É um grande específico e segredo contra a sífilis e todo tipo de males venéreos. Por este ☿ é levado ao mais alto grau para uso medicinal, sendo de virtude maravilhosa para curar vertigens, enxaquecas e outras doenças do cérebro. Não é de modo algum inferior, mas contém todas as virtudes do Aurum Vitae. É um bom sudorífico, curando principalmente por meio da transpiração. Dose, de gr. iii. a viii.

(7) BEZOARTICUM SOLARE

Bezoarticum Solare, ou Bezoar Solar

Rx. Tintura de ☉ (extraída da solução oleosa de ☉, e adoçada por sucessivas abstrações de forte ☿ ☿ ii, manteiga de ☿ ☿zada em espírito de ☉ (8) ☿ xiv., misture-os, una por cohobação, depois ^?, observando que a tintura de ☉ é extraída com o menstruo de Basil (5), ☿ndo-os por um mês. Assim Tentzelius.

²⁴⁶ **Hercules de Bovius** (também grafado como *Hercules Bovii*) é um autor alquímico latino citado em compêndios clássicos como o *Theatrum Chemicum*, uma das maiores coletâneas de textos herméticos dos séculos XVII e XVIII, publicada por Lazarus Zetzner. Sua obra é mencionada também por John Ferguson em *Bibliotheca Chemica* (1906), que lista autores relevantes da tradição alquímica europeia. Embora pouco se saiba sobre sua biografia, Bovius é reconhecido por contribuir com tratados sobre transmutação e preparação de elixires, inseridos no contexto da alquimia espiritual renascentista.

²⁴⁷ **Ablução** (do latim *abluere*, “lavar”) é uma operação alquímica que consiste na **lavagem ou purificação de uma substância**, geralmente com o objetivo de remover impurezas, resíduos ou elementos grosseiros que impedem a manifestação dos princípios sutis ou espirituais da matéria.

Ou assim: Rx Manteiga de ☉ lb. ss. ☽ derramando gradualmente sobre ela espírito de ☽ (8); depois tome folha fina de ☼ ☿ ss. ☽ em AR. (2), misture ambos, e abstraia o menstuo em etapas, derramando-o novamente; adicione espírito fresco de ☽, abstraia, reitere com frequência, lave, seque e arda o ☿ com SV retificado. Assim Crollius.

Ou assim: Rx. ☼ Espiritual (espiritualizado pelo espírito bezoárdico de ☽, 7) ☿ ss, ☽ em AR. (2); ☽ na mesma manteiga de ☉ retificada ☿ iv. ou vi., misture ambos, abstraia os menstuos em balão por sucessivas destilações; então com ☿ suave traga-o a um pó de cor violeta, ou com forte ☿ a um púrpura, que é melhor que o anterior. Assim Schroder.

Ou assim: Rx. ☼ Espiritual (ut supra), adicione a ele manteiga de ☉ cozida em espírito de ☽ ou AR.; una e fixe-os por sucessivas destilações; depois abstraia, e por ☿ terá um Bezoárdico ☼ de cor púrpura e grande força. Assim Hartmann.

Este é um remédio maravilhoso, sendo o sétimo Medicamento em nome, número e natureza daqueles que podem ser chamados poderosos e universais; é um grande sudorífico, e pode ser administrado de gr. ii a gr. x.

Nota de G.B. sobre o capítulo dedicado aos Sete Medicamentos Universais dos Antigos.

Ao ler este capítulo, nota-se imediatamente a importância de se obter um bom AURUM FULMINANS. Esta cal de ouro assim obtida é extremamente instável, e as explosões que pode produzir, quando submetida ao menor calor ou fricção, são de uma característica peculiar em comparação à pólvora negra. Diz-se que os estudantes do século passado usavam seu tempo de laboratório nas aulas de química para preparar um pouco de AURUM FULMINANS e usá-lo como armadilha para as moscas. O contato das patas das moscas com o pó muito seco era suficiente para causar uma explosão.

Alguns autores antigos indicam um modo de retirar a característica "fulminans" da cal. É fazê-la circular com um bom vinagre destilado por um dia natural.

Provavelmente trata-se de uma armadilha para os mais tímidos. De fato, se tratar a cal dessa forma, ela se torna definitivamente fixa, e deve-se renunciar à esperança de ver o ouro volatilizar-se e "passar pelo alambique", segundo a expressão apropriada, qualquer que seja o menstuo utilizado.

Há, contudo, outro modo de obter a cal de ouro, indicado por Johannes Agricola²⁴⁸ em seu "Chemische Medizin" de 1638 (não confundir com Georg Agricola, autor de "DE RE METALLICA", publicado em Basel cerca de um século antes).

²⁴⁸ **Johann Agricola** (1590–1668), médico e alquimista alemão, é o autor da obra *Chymische Medicin* publicada em Leipzig em 1638. Agricola teve uma carreira marcada por viagens pela Europa e pelo Oriente Médio, atuando como médico, salinista e pesquisador de processos alquímicos. Sua obra aborda práticas médicas e químicas segundo os princípios da alquimia espagírica.

O melhor é citar Johannes Agricola, cujo método básico se baseia nas propriedades do Sal Volátil abundantemente encontrado nos chifres de cervo. Eis o que ele diz:

“Tome do melhor ouro purificado a quantidade que desejar e peça a um ourives que o transforme em lâminas finíssimas; quanto mais finas, melhor. Corte-as nas dimensões de um táler. Depois fatie um chifre de cervo no comprimento e espessura de um táler. Pegue um cadinho de cimentação do mesmo tamanho do chifre, apenas grande o bastante para conter as lâminas. Pode-se mandá-lo fazer com boa argila, conforme conveniência. Coloque no fundo do cadinho areia muito limpa ou, melhor ainda, um pouco de talco, na espessura de um dedo; sobre ele, um pequeno pedaço de chifre de cervo, depois uma lâmina de ouro, em seguida outra fatia de chifre, depois ouro, e assim por diante STRATUM SUPER STRATUM (SSS) até encher o cadinho ou acabar o ouro. Cubra tudo com talco; certifique-se de vedar bem o cadinho e espere que a vedação seque completamente. Depois coloque o cadinho sobre um “feu de roue”, acendendo-o progressivamente no início e finalmente por completo, de modo que o cadinho permaneça incandescente por uma a quatro horas. Deixe esfriar, abra o cadinho e encontrará o ouro calcinado, com uma cor rosa-carne. Repita este trabalho três vezes seguidas e o ouro terá se tornado completamente friável, podendo ser triturado e pulverizado. Em seguida, triture o ouro com chifres de cervo calcinados, reverbere, mas não muito forte, em uma copela por um dia inteiro; o ouro adquirirá uma cor vermelho-tijolo; então estará bem calcinado, podendo ter certeza de que não obterá calcinação melhor; o ouro terá se tornado muito sutil e estará pronto, sem preparação adicional, para a cura de grande número de enfermidades, pois esta cal é bastante suave e não está contaminada com qualquer corrosivo.

O tradutor gostaria de observar aqui que chifres de cervo ralados podem ser facilmente encontrados (o mesmo serve para este uso) na empresa VALLE, em Maine-et-Loire (França) por um preço muito acessível, cerca de 5 dólares o quilo em 1984. O tradutor está à disposição para fornecer o endereço dessa empresa ou oferecer gratuitamente um pouco de sua reserva pessoal a quem solicitar, e justificar que pretende usá-lo para experimentos laboratoriais — GB).

PREPARAÇÕES ESPAGÍRICAS SELECIONADAS

Extraídas dos Ensinaamentos dos Antigos e Transcritas em Fórmulas Práticas Claras

O VULNERÁRIO DE ⊕

Rx. Óleo puro retificado de ⊕ (12) 3 i. SV. retificado, lb. ii. Misture e ∂

Este é o maior segredo em ⊕. Cura a maioria das doenças da cabeça, como enxaqueca, epilepsia, apoplexia, vertigem etc., e é algo maravilhoso para todos os tipos de feridas, úlceras, cânceres e afins, curando feridas recentes com apenas um curativo. Internamente, cura tosses, resfriados, asma, úlceras nos pulmões, tuberculose, pleuris, pedra e areia nos rins e na bexiga, além de todos os tipos de

febres, sejam contínuas ou intermitentes. Desobstrui o estômago, os intestinos e os rins, purifica e adoça o sangue, cura o escorbuto, sífilis e outros maus hábitos do corpo. Dose, à 3. ii, até 3 iv., em qualquer veículo adequado.

A ESTRELA DE ☿ (Stella Mercurii)

Rx. ☿, ☿ sete vezes e às mesmas tantas vezes retificado com cal viva, com calor suave, ☿ em espírito de ☿. (8), abstraia o espírito, adoce e ferva o ☿ em ☿ destilado (17) e lave com ☿ de chuva ☿, seque e ☿ em SV., que com calor suave passe por um alambique, aumentando o ☿. (o que restar guarde para fazer um ☿), abstraia o SV. em BM. e no fundo restará um óleo doce e perfumado, que segundo Basilio Valentim é a Estrela de ☿, O ☿ de ☿ é feito assim:

Rx. Do corpo que resta após a preparação da Estrela de ☿ coloque seu óleo perfumado, ☿ e extraia o ☿ de ☿; à extração decantada acrescente SV., ☿, e abstraia em cinzas; depois terá um óleo de ☿ e o ☿ no fundo, que possui todas as virtudes do óleo.

É diaforético e específico apropriado para problemas venéreos, sendo um grande segredo, ainda que muito antigo; purifica o sangue e cura todo tipo de sarna, impigens e úlceras, mesmo as mais velhas e malignas. Dose, do óleo, gr. iv.; do ☿, à gr. i. ad. iii.

O PÓ DE ALBION (Pulvis Anglicanus)

Rx. Do melhor ☿ q.v., ☿ sozinho; depois tome do dito ☿ e ☿ ana lb i. ☿ branco lb. ss; misture e ☿ até cessar a detonação; repita este trabalho mais uma vez, e uma terceira vez, adicionando ☿, ☿, e ☿ ana; por fim, lave com água quente até ficar doce.

É considerado um remédio universal contra todas as doenças; desobstrui todos os canais, provoca a menstruação, cura congestões, cólicas, varíola, todo tipo de febres e febrões, gota, hidropisia etc. Dose, à 3 ss. ad 3 i.

PARA VOLATILIZAR ☼

Rx. . ☼ folha ou limalhas de ☼, no Espírito Bezoárdico de ☼ comum (7), ☼ retificado de ☼ (8), AR, ou ☼ de ☼, com calor suave (para não deixar os espíritos subirem muito rápido), abstraia o menstruo e adicione fresco, repetindo quatro ou cinco vezes, até ficar oleoso; então ☿ esta solução em um balão de vidro com ☼ forte para forçar a saída dos espíritos, cohobe e repita o processo até que o ☼ fique vermelho-sangue. Por fim, livre a solução de todos os espíritos corrosivos, cohobe com SV., losna ou outro espírito vegetal, e ☿ usando um alambique; deixe a cohobação e ☿ serem repetidas com frequência, e o ☼ surgirá em forma líquida, possuindo todas as virtudes do mais requintado Aurum Potabile.

MAGISTÉRIO ANODINO OU ♁ DE ⊕

Rx . ⊕ de ♂, ou o melhor ⊕ húngaro lb. i. ☿ em quantidade suficiente de água da chuva, filtrada; depois pegue limalhas de ♂ puro ou aço, umedeça ou borrife com o ⊕Δ mencionado, secando suavemente a cada vez, repetindo até reduzir as limalhas a uma massa rubicunda, que se bate até virar pó sutil, sobre o qual se verte espírito de ♄. (17), em quantidade que cubra a largura de cinco dedos, num grande vidro bem fechado. Com calor intenso suficiente até tingir o ♄., que, ainda quente, se decanta; verte-se mais espírito fresco, repetindo até que o novo ♄ não se tinta mais de vermelho. Misture estas soluções ou tinturas e precipite o ♁ de ⊕ amarelo de a. com ♀ per deliquium (11); decante o licor sobrenadante, edulcore com várias lavagens de ♁ aquecido, até não restar gosto de ♄ ou ⊕; seque, coloque em um balão hermeticamente selado, e em banho de areia ♁ até o vermelhidão o que ocorrerá em pouco tempo.

Nota: Para tornar o ♁ inflamável, você deve no lugar de ⊕ comum, usar ⊕ de ♂ de acordo com a arte, seguindo o mesmo processo nas limalhas de aço, mas sem precipitá-lo com óleo de ♀, e sim vaporando em BM.

Deste Magistério ou ♁ com SV. e ⊕ de ♀ prepara-se um nobre medicamento e essência de virtudes tão grandes que excedem o alcance de meus elogios; realiza tudo e mais do que qualquer preparação de ópio, e com muito mais segurança. É cura perfeita para epilepsia, vertigem, loucura, melancolia, gota e outras doenças crônicas e radicadas. Dose, à gr. vi. ad x. ou xii.

MAGISTÉRIO DE ⊕ (Segundo Sennertus)

Rx. Espírito de ⊕ retificado com óleo (12); com o fleuma extraia um ⊕ do ☼, separando-o do ⊕ por ☿., cohobando e digerindo com frequência. Tome deste p. ii., do espírito e óleo referidos p. i., misture e evapore a umidade em BM., repetindo até que o ⊕ absorva seu peso igual em óleo. Então decante num matraz vedado por oito ou dez dias; por fim coagule em areia ou cinzas, o que ocorrerá em dezesseis ou vinte dias.

É um grande diurético, quebra e expulsa pedras, abre todas as obstruções, especialmente do baço, resfria febres e cura hidropisia, escorbuto etc. Dose, à gr. iv. ad vi.

ÓLEO DO ♁ DE ⊕

Rx. ♁ de ⊕ 3 iv. ⊕ de ♀ 3 ii. misture e ☿ por um alambique, por fim faça um Δ de supressão, assim terá um óleo fed. Se pingar espírito de ♄ (18) sobre este óleo, obterá um pó pectoral, que se edulcora e seca.

Tanto o óleo quanto o pó desobstruem os pulmões e curam quase todas as doenças que afligem estes órgãos; externamente cura feridas e úlceras. Dose, 2 gr. v ad x. Desse pó pode-se fazer uma essência ou tintura, como segue.

ESSÊNCIA DO ♄ DE ☉

Rx. Precipite o óleo do de ♄ de ☉ (ur supra), ♂ em SV. em local aquecido em recipiente fechado por oito ou dez dias, assim a Essência flutuará como óleo, que ☿ do SV.

Esta Essência é doce e, segundo Hartmann, possui tanto poder e força quanto a Tintura de Antimônio. Administrada com essência de bálsamo e vinho canário de qualidade, faz maravilhas na arte de curar. Expulsa todos os maus humores pelo suor, cura hidropisia, tuberculose e pedras; fortalece o útero, elimina a esterilidade e promove a fertilidade em ambos os sexos. Dose, 2 gr. i. ad iv.

Lição 56: Fusão do Regulus e Preparação do Forno

Caro Amigo

Desde a Lição Mineral nº 46, podemos escolher diversos caminhos para o nosso trabalho. Contudo, os caminhos que utilizam o régulo marcial de antimônio ainda estão fechados para aqueles que não sabem como produzir este composto. Por isso, desenvolvemos um método relativamente simples para esse fim, que não exige materiais caros.

A primeira coisa que você precisará adquirir é um forno para esmaltação, e o ideal é que ele tenha as seguintes características. O cadinho do forno deve ter cerca de 150 mm de profundidade e uma altura interna de 80 a 90 mm. Ele precisa alcançar uma temperatura de 1000 °C (1832 °F), o que significa que deve ter uma potência elétrica de 1000 a 1500 watts. No entanto, este forno não precisa ter um regulador de calor, pois, neste caso, será sempre usado em potência máxima.

PREPARAÇÃO DO FORNO

- O forno deverá ser instalado sob uma capela de exaustão, ao ar livre ou em uma lareira ampla. É necessária uma boa circulação de ar devido aos gases, que são tóxicos em certas fases do trabalho.
- O forno deverá ser posicionado “de costas”, de modo que a porta fique voltada para cima. Coloque blocos de madeira ou tijolos isolantes sob o forno para que a parte traseira receba circulação de ar. Isso evita o superaquecimento do plugue elétrico e das conexões.
- O cadinho deve ser protegido por um revestimento interno cobrindo as laterais e a parte de trás. Uma chapa de ferro de 1 mm de espessura não dura mais do que 8 ou 10 fundições, mas, mesmo no estado de óxido negro, ainda garante certa proteção ao cadinho.
- O crisol deve ser de argila de Paris ou de chamote e ter forma alongada. Ele deve ser travado com pedaços de tijolo isolante. Um dos pedaços deve ser colocado sob o crisol, mas assegure-se de que, ao fechar a porta, ainda haja um espaço de 1 a 2 mm. A manipulação do crisol só é segura com boas tenazes, que permitam segurá-lo firmemente, e com luvas grossas de amianto ou material isolante.

Para a fundição, você precisará de um cone metálico, de preferência de aço inoxidável e liso na parte interna, caso queira retirar facilmente o régulo do molde.

OPERAÇÃO:

Com tudo pronto, comece a aquecer o forno, com o crisol dentro e a porta fechada. Enquanto a temperatura sobe, prepare uma das cinco misturas indicadas na tabela a seguir:

MATÉRIAS UTILIZADAS	PESO em gramas				
	160	120	100	100	80
Estibnita	160	120	100	100	80
Tártaro vermelho bruto	110	80			55
Tartarato duplo de potássio e sódio				50	30
Nitrato de potássio	55	80	40	40	40
Ferro	30	60	30	30	25
Ácido tartárico			50		

Se você tiver um termopar, pode acompanhar o aumento da temperatura (cuidado, o termopar deve estar protegido por uma capa de quartzo). Caso contrário, estime a temperatura pela cor do crisol. A temperatura ideal é em torno de 900 °C (1652 °F). É preciso ter espaço para se mover e estar protegido com óculos de segurança e luvas.

Coloque a mistura escolhida em um recipiente, perto do forno. Com uma mão, segure uma colher de aço inoxidável cheia da mistura; com a outra mão, abra a porta do forno e despeje o pó no fundo do crisol, o mais profundo possível. Haverá faíscas, uma grande chama e fumaça. Feche a porta do forno. Assim que não houver mais fumaça escapando pela porta fechada, repita o processo até que o crisol esteja cheio, deixando de 2 a 3 cm de espaço até a borda superior.

Atenção: se você usar uma das misturas que contém tartarato duplo de potássio e sódio, forma-se uma película que se eleva no crisol, devendo ser rompida com uma haste de aço. Deixe a porta fechada e aguarde até que a temperatura atinja 100 °C (212 °F) ou mais, se possível. Se não atingir essa temperatura, a escória não escorrerá e o régulo permanecerá misturado a ela.

Em seguida, abra a porta, retire o crisol com a tenaz e despeje seu conteúdo no cone.

Assim que a fundição for concluída, raspe rapidamente a escória do crisol com uma lâmina metálica e coloque-o de volta no forno, fechando a porta. Isso reduz o choque térmico do crisol e pode prolongar sua vida útil.

Com um martelo, é fácil separar o fundido do cone e a escória do régulo. Esse régulo fica cristalizado, costuma ter boa aparência, mas não é estrelado. Quando fizer várias fundições, coloque toda a escória de volta no crisol.

A fusão do régulo ocorre a 630 °C (1166 °F), e a temperatura do forno, para uma boa fundição, ficará entre 850 e 900 °C (1562 a 1652 °F). Assim que a fusão for atingida, use o mesmo método de antes, mas a colher conterá apenas nitrato de potássio. Duas a três colheres, com cinco minutos de intervalo, são suficientes. Não abra mais o forno, pois enquanto a temperatura de fundição não for alcançada, o régulo tende a volatilizar. Essa perda deve ser reduzida ao mínimo. A fundição é realizada e o régulo começa a se cristalizar em comprimento. Uma terceira fundição do régulo anterior, quebrado em pedaços, produz o régulo marcial estrelado.

Se for untar o cone antes da fundição, utilize graxa em vez de óleo. A camada de graxa deve ser muito fina, caso contrário pode haver projeção do régulo fundido.

Esta operação não apresenta risco algum quando todas as precauções indicadas forem rigorosamente observadas.

A seguir, você encontrará a continuação do Livro de Fórmulas.

ORA ET LABORA!

O LIVRO DAS FÓRMULAS (continuação)

O ENS OU SER DE ♀ (Ens Veneris)

Rx. O ☉ vermelho de AF., extraia todo o seu ☾ com ∇ límpida; seque e pulverize. Despeje sobre isso o espírito de ☿ (22) ou ☊ (14); mexa bem e seque novamente, repetindo este processo sete vezes. Então pulverize tudo e misture com ☿ purificado p. ii; triture e misture muito bem, e em um balão de vidro no banho de areia, com calor suave de Δ, ☿ por meio dia, vedando a boca do balão com algodão ou lã. No gargalo do balão você obterá o Ens Veneris de cor amarela ou dourada, que pode ser misturado em quantidade igual com colcothar ou ☉, e ☿ uma ou duas vezes mais.

É um nobre e valioso anódino, aliviando todo tipo de dor e proporcionando repouso. Cura o raquitismo e elimina vermes em crianças, realizando essas ações melhor que qualquer outro remédio. Não tem igual em pleurisias e sufocação do útero; desobstrui tudo, exalta o coração, conforta os espíritos animais, alivia as pedras e as dissolve, e cura casos de tuberculose. Dose: de à gr. iv. ad viii., ou x. ou xii., em vinho canário ou outro veículo conveniente.

O FAMOSO ELIXIR DA VIDA (Preparado de Melissa)

Na estação apropriada do ano, quando a erva estiver em pleno crescimento e, conseqüentemente, seus sucos no auge do vigor, colha uma quantidade suficiente de melissa na hora mais propícia do dia (quando Júpiter estiver ascendendo e a Lua em Câncer se aplicando em conjunção, sextil ou trígono). Limpe bem e selecione a

Melissa; depois, coloque-o num almofariz de pedra e, com trabalho laborioso, reduza-o a uma papa fina.

Pegue essa substância glutínea e odorífera e coloque-a num balão hermeticamente lacrado; deposite-o num monturo de esterco ou em calor brando equivalente, onde deverá δ por quarenta dias. Quando $\mathfrak{M}$ a matéria parecerá mais clara do que nunca, com aroma mais vivo. Separe então as partes mais grosseiras (mas não as descarte). Coloque este líquido num banho-maria suave, para que as partículas grosseiras restantes se depositem completamente. Enquanto isso, seque, $\mathfrak{V}$ e extraia o Θ fixo das partes mais grosseiras (remanescente da $\mathfrak{M}$ acima), que deverá ser reunido ao líquido quando filtrado.

A seguir, pegue o Θ marinho bem purificado, derreta-o e, ao colocá-lo num local frio, ele Θ e ficará límpido e transparente. Pegue ambos os licores em partes iguais, misture-os cuidadosamente e depois de tê-los selado hermeticamente em um recipiente de vidro apropriado, exponha-os cuidadosamente ao sol, na estação mais quente do ano, por cerca de seis semanas. Ao final desse período, o *primum ens* da melissa aparecerá boiando na superfície como um óleo verde brilhante, que deve ser cuidadosamente $\mathfrak{M}$ e conservado.

De algumas gotas desse óleo, tomadas em uma taça de vinho por vários dias consecutivos, surgirão as maravilhas relatadas pela Condessa de Desmond ²⁴⁹ e outros; pois ele transformará completamente os sucos do corpo humano, revigorando a estrutura vital decadente e restaurando os espíritos da juventude há muito perdida. O autor que registra essa curiosa descoberta observa: “Se após preparado este remédio houver dúvidas quanto à sua eficácia ou modo de operação, que se deem algumas gotas diariamente em carne crua a um cão ou gato velho e, em menos de quinze dias, pela mudança do pelo e outras alterações incontestáveis, a virtude desta preparação ficará suficientemente comprovada.”

Isto é da natureza de uma Quintessência — sendo preparado de forma semelhante — cuja práxis alquímica será explicada de forma completa e clara em uma obra que tenho agora em preparação.

A ÁGUA DOS FILÓSOFOS (Aqua Philosophorum)

Rx. $\mathfrak{V}$ $\mathfrak{F}$ até ficar com tom azul-esverdeado ou cor de céu; derrame sobre SV. tartarizado (21), δ depois $\mathfrak{M}$ e, por fim, force com Δ violento.

É maravilhosa para curar doenças originadas do tártaro, escorbuto, febres quartãs, melancolia, asma, hidropisia e obstruções do fígado, baço e intestinos. É o melhor menstruo para fazer todas as tinturas e extratos purgantes, seja de origem vegetal ou mineral. Se for circulada em balão hermeticamente fechado, torna-se balsâmica e perfumada e, de cor cristalina, passa à cor de rubi, sendo como um Bálsamo da Vida e dos Poderes Vitais, elevando a Natureza ao grau máximo de pureza e clareza ao vivificar o fogo e calor internos. Três ou quatro gotas dadas com essência de açafraão proporcionam alívio, descanso e restauram em casos de tuberculose.

PRATA POTÁVEL (Argentum Potabile de Clossesus)

²⁴⁹ **Condessa de Desmond:** Katherine FitzGerald, conhecida como Condessa de Desmond, foi uma nobre irlandesa do século XVI, célebre por sua suposta longevidade — há relatos de que viveu mais de 120 anos. Seu nome aparece ocasionalmente em círculos esotéricos como símbolo de vitalidade extrema, um tema caro à alquimia, mas esta associação é mais lendária do que histórica.

Rx. Placas de ☿ que deve ♃ frequentemente com ♄; derrame ♁ e deixe cristalizar; ☿ em um espírito, por SV. retificado (20) aguçado com espírito de ☾. (8) e espírito de ☽. (6); ♁ então ♀ e traga a tintura azul ou anil a pó, que ☿ em SV. retificado.

É um remédio maravilhoso e excelente contra a epilepsia e a maioria das doenças da cabeça, pois a Lua rege astrologicamente o cérebro. Também se pode fazer Luna Potável pelo método de Closseus como já indicado para ☽.

ESPÍRITO DE ☿. (Spiritus Argenti)

Rx. os cristais de ☿ (ut supra), ♃ vinte vezes (para que liberem mais facilmente seu espírito), ou cristais feitos de limaduras de ☿ fina com ☿ iii. de água de lírios do vale, aguçada com espírito de ☽ de ♀ ☿ i. ♁ 40 dias em cinzas, até o menstruo adquirir tom azul-esverdeado; ♀ isso e adicione mais espírito de ☽ de ♀, extraindo até que o ☿ esteja quase todo ☿. Junte as soluções ou tinturas, evapore e cristalize, depois seque os cristais; coloque-os em um balão de onde destile primeiro um fleuma e espírito de ♀, guardando-os separados; depois, com Δ mais forte, destile o espírito de ☿ e, por fim, um óleo.

Por experiência, sabe-se que este Espírito de Luna elimina a epilepsia pela raiz; fortalece especificamente a cabeça e conforta os espíritos animais. É bom contra todas as palpitações do coração, loucura e distúrbios melancólicos. O óleo, tomado gus iii. ou iv. em água de bálsamo, sálvia, alecrim ou peônia, é ainda mais eficaz para todos esses fins.

ÓLEO DE CANELA

Rx. Uma libra de canela grosseiramente esmagada, cubra com SV. bem aguçado com espírito de ☾ ou então com tanto ☾ quanto o SV. puder ☿. Coloque em um balão cego, feche bem e deixe ♁, em fogo brando, por cerca de dez dias; então encaixe um alambique bem vedado com seu recipiente; ♀ com Δ leve _A aos poucos, assim obterá um óleo pesado, que afundará, e um espírito, que ♀ colocando numa adega fria por 14 ou 16 dias após serem ♀, tempo em que o óleo se depositará no fundo.

Nota: Se esse espírito, depois de seu ♀, for reunido ao seu ☾ próprio ou então ☾ de ♀ e, após estarem suficientemente unidos por ♁, circulados com seu próprio óleo químico até se tornarem um único corpo homogêneo, você terá um elixir. Isto, em verdade, é uma quintessência fortalecida, pois une os três princípios ☾, ♄ e ♀ juntamente com a essência. Uma libra rende apenas cerca de ☿ii (duas onças) ou pouco mais de óleo.

Este óleo penetra carne e ossos, sendo muito quente e seco, e é eficaz contra todas as doenças frias e úmidas que afetam cabeça, coração e outras partes principais, a ponto de, se alguém estiver sem fala e quase sem fôlego, recupera-se imediatamente. Auxilia todas as doenças provenientes de frio e fleuma; digere, torna tudo mais fluido, provoca a menstruação e facilita o parto e a saída da placenta; ajuda em tosses e asma, e interrompe fluxos do cérebro. É um dos maiores cordiais vegetais e cura perfeitamente as tuberculosas, confortando a natureza, revigorando o coração e animando todos os espíritos, naturais, vitais e animais. Dose: de uma a dez gotas em qualquer líquido apropriado. Alguns o administram em águas cordiais, outros em caldos, leite ou vinho canário. A melhor forma de tomar óleos químicos é pingar a quantidade desejada em um pedaço de açúcar

refinado, deixando que absorva e depois dissolver o açúcar em vinho ou água cordial, adequada ao distúrbio.

Nota de G.B.: Estas últimas linhas são, na verdade, uma distorção da prática usual dos boticários, que consistia em macerar no almofariz um pedaço de açúcar embebido em óleo essencial para garantir “atomização”; hoje diríamos garantir uma separação fina das moléculas do óleo para obter soluções coloidais, já que óleo de canela não é solúvel nem se dispersa bem em excipientes como leite, caldo, etc.

ELIXIR DA PROPRIEDADE

Rx. aloés, mirra, açafraão, a. $\frac{3}{4}$ i.; umedeça tudo com SV. tartarizado (21) e leve a um álcool (ver nota sobre Boyle, 21); coloque tudo num corpo de vidro com uma pinta de SV. tartarizado, e tanto óleo de Φ per campanum quanto cubra dois ou três dedos acima de tudo; vede bem e circule por três meses; extraia a tintura e decante; adicione SV. tartarizado ao restante da matéria, extraia novamente e decante; então Π i as fezes restantes e adicione ao anterior; e novamente circular por um mês (sem Π). Outros extraem a tintura com Θ de Ψ volatilizado com SV. por δ até a amargura do aloés não ser mais perceptível, o que parece melhor que o método anterior.

Este é o famoso Elixir Proprietatis de Paracelsus. Este nobre medicamento é de partes muito quentes e sutis, contendo todas as virtudes do bálsamo natural, conservando a natureza mesmo em idade extrema. Cura febres quartãs e dissolve cálculos; estimula todos os sentidos e fortalece cérebro e memória; cura vertigens, letargia, epilepsia, dores de cabeça, convulsões, paralisia, pleurisas, icterícia, tuberculose, catarro, febres pestilentas, gota e ciática; expulsa a melancolia e alegra o coração. Por fim, doenças provenientes de calor ou frio são estranhamente curadas por uma certa propriedade oculta. Dose: de à gr. vi ad xxx., ou mais, em vinho ou outro veículo conveniente.

ÓLEO DE Φ

(Oleum Φ is per Campanum)

Rx. De acordo com os antigos dispensadores, é preparado em um grande alambique em forma de sino pela queima e consumo de grande quantidade de Φ , do qual um espírito aguçado, escapando do Φ inflamado e batendo nas laterais do alambique, se transforma em líquido e escorre como água ou óleo.

Nota-se: 1. que o Φ seja colocado numa tigela de barro com areia, para não quebrar ao inflamar; 2. que isso seja colocado sobre outra xícara de barro, com o fundo voltado para cima, e estes assim dispostos sejam colocados no meio de uma grande panela de barro, então com um ferro em brasa inflame o Φ ; 3. Que estes sejam cobertos com uma grande campânula, ou funil de vidro, com dois gargalos tão longos quanto a cabeça de um parafuso, tendo um furo no topo para permitir a respiração, para que as flores possam voar, e assim você terá uma quantidade maior e um óleo mais eficaz. 4. Que seja feito em um lugar fechado e úmido (como em uma adega) e em um dia úmido. 5. Que você deixe um espaço vazio entre as bordas do sino e o pão, que pode ser ar suficiente para mante o Φ inflamado. 6. Que, por causa do buraco no topo do sino ou funil, a parte mais fleumática evapore, enquanto os espíritos ácidos, não sendo capazes de subir tão alto, condensem contra as laterais do vidro. 7. Que este espírito nada mais é do que um espírito de

⊕, extraído de um ⊖ vitriólico no ♁ 8. Que a partir de lb. i. de ♁ você terá ⅔ i. de espírito.

Alivia todas as dores de gota apenas por banhos (misturado com água ou SV). Fortalece nervos e músculos e cura lepra confirmada. Cura febres caquéticas, tuberculose, asma e úlceras pulmonares. Clareia os dentes, restaura a umidade radical, extingue calor excessivo, purifica o sangue e renova o corpo inteiro, expulsando putrefações. É excelente na sífilis, podendo servir como dieta. Nada é mais poderoso para expulsar veneno, peste e todas as febres pestilentas e malignas. Dose: de 6 a 20 gotas em caldo, cerveja, vinho ou julepo cordial²⁵⁰.

Tomado puro, é letal.

²⁵⁰ **Julepo cordial** é uma preparação líquida aromática e medicinal, tradicionalmente composta por água destilada de plantas, açúcar e substâncias tônicas ou estimulantes, como canela, cravo ou água de flor de laranjeira. Utilizado na medicina antiga e alquimia como veículo para princípios ativos, o julepo cordial visava restaurar o vigor, acalmar os ânimos e fortalecer o coração — daí o termo “cordial”, relacionado ao coração.

Lição 57: O Forno dos Quatro Fogos

Caro Amigo,

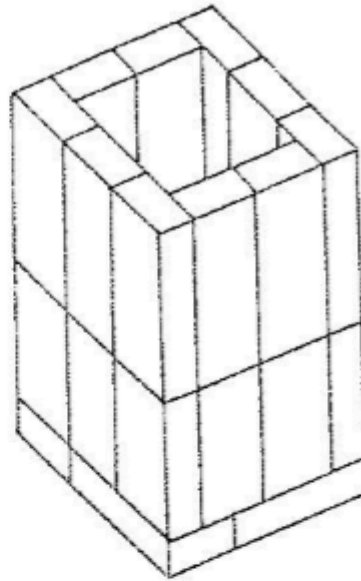
O forno necessário para realizar os quatro fogos da tintura de antimônio de Paracelso (ver Lição Mineral nº 46) nos causou alguns problemas. Para executar essa operação, tivemos que descartar imediatamente o aquecimento a carvão, pouco prático, e o propano, bastante perigoso e limitante por exigir, no mínimo, uma vigilância constante por longos períodos. Assim, optamos pela solução elétrica, desconsiderando as superstições que a condenam, pois podemos observar que pintinhos nascidos em incubadoras elétricas nascem vivos e com constituição normal.

Montagem do forno

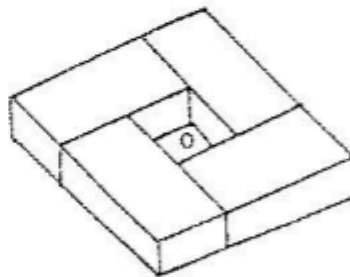
Considere que este forno deve funcionar sem interrupção por 50 a 60 dias. Para reduzir ao máximo o consumo elétrico, o isolamento térmico é essencial.

A parte externa do forno é feita com tijolos leves isolantes, muito mais eficientes termicamente do que os tijolos refratários pesados. Os tijolos são instalados conforme o desenho A (Figura nº 1), formando um espaço interno quadrado com lados de 20 cm e altura de aproximadamente 40 cm. Para evitar perda de calor pelas junções entre os tijolos, e para evitar o uso de cimento, colocam-se placas de amianto no interior da parte interna do forno, com espessura entre 5 e 6 mm (Desenho C). O conjunto é montado em uma estrutura feita com calhas perfuradas (c), cujos lados ultrapassam os do forno interno em 10 cm e cuja altura superior é de 25 cm. Aplicando-se folhas de alumínio na estrutura, o espaço vazio pode ser preenchido com vermiculita (v), o que reforça o isolamento térmico. A parte inferior da estrutura é deixada aberta em 15 cm de altura, para os controles elétricos. Os 10 cm restantes na parte superior são reservados para o fechamento do topo. Para fechar a parte superior do forno, utiliza-se uma folha de alumínio sobre almofadas de fibra de vidro, envoltas em papel-alumínio fino; essas almofadas entram em contato com a parte superior dos tijolos. Essa folha também possui isolamento inferior com fibra de vidro, também mantida por papel-alumínio. Por fim, três tijolos isolantes são colocados sobre essa folha para garantir o isolamento superior do forno. Um furo de 8 mm é feito no centro dessa “tampa” para que se possa verificar a temperatura interna do forno.

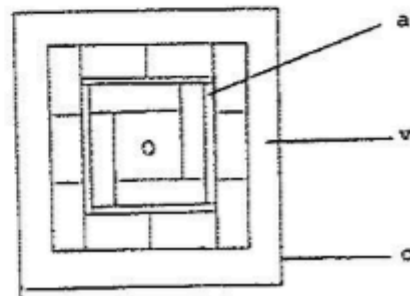
DRAWING A



DRAWING B



DRAWING C



DESENHO A

Representa a montagem dos 24 tijolos do forno, mantidos por estruturas de calhas dispostas em linhas verticais. Hastes roscadas são utilizadas para apertar e fixar todo o conjunto.

DESENHO B

O orifício O, deixado pelos 4 tijolos da base, é utilizado para as hastes de aço inox que sustentam as resistências. O orifício O é obstruído na parte superior pelas placas de amianto usadas na instalação das resistências e, na parte inferior, por uma almofada de alumínio com fibra de vidro.

DESENHO C

- O - orifício no centro dos 4 tijolos inferiores;
- a - revestimento de placas de amianto contra as partes internas verticais;
- c - estrutura de calhas e folhas de alumínio;
- v - espaço vazio preenchido com vermiculita.

A parte superior do forno é fechada com um dispositivo (não mostrado) feito de uma folha apoiada sobre os tijolos verticais, com uma largura de 2 cm.

O isolamento térmico é garantido por 3 tijolos isolantes colocados sobre essa folha e por almofadas de alumínio com fibra de vidro.

Instalação elétrica

A questão da resistência elétrica para o aquecimento é complicada, pois está cada vez mais difícil encontrar resistências em forma de espirais. Em vez disso, usamos um fio elétrico de 6 cm com resistência de 1 ohm por centímetro. As resistências de ferro de passar com mica também são apropriadas. Nesse caso, serão necessários quatro ferros de 220 volts, 400 watts e resistência elétrica de 120 ohms. O mais importante é conseguir formar as quatro combinações seguintes:

- primeiro fogo: 100W 4800Ω
- segundo fogo: 134W 3600Ω
- terceiro fogo: 270W 180Ω
- quarto fogo: 400W 1200Ω

Se for utilizado um contator elétrico com quatro chaves, ele deverá ser modificado para obter essas mesmas intensidades. A Figura nº 2 mostra as conexões necessárias para os quatro fogos, caso você possua quatro resistências de 120 ohms cada.

Nota importante:

- As resistências são instaladas sobre uma dupla camada de amianto e os contatos são feitos com hastes roscadas, porcas de aço inox e caldeiras.
- Os fios de cobre de ligação são conectados às hastes de aço inox sob a folha de amianto. (Tivemos várias falhas de energia, pois o cobre foi corroído pelos

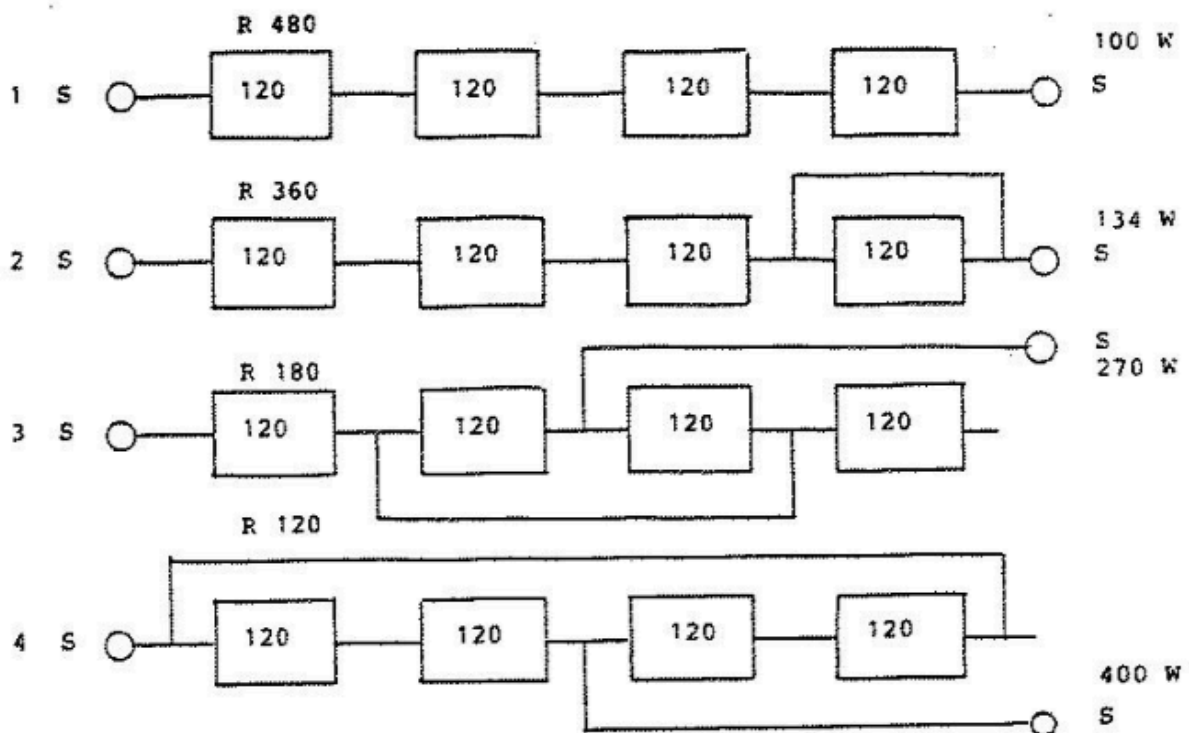
gases quando o óleo de antimônio do cadinho vazou).

- Um triac foi usado para permitir a passagem de um "fogo" para outro, mas é retirado do circuito assim que o nível de temperatura é atingido.

O isolamento do forno exige 24 horas para estabilização da temperatura.

É recomendável ter uma ou duas resistências extras, permitindo uma regulação mais precisa da temperatura durante os testes e ajustes.

Uma grande tela metálica montada sobre uma pequena estrutura protegerá as resistências. Um amperímetro, se você tiver um (graduado de 0 a 2 A), indica a potência elétrica fornecida e aponta qualquer interrupção no fornecimento.



- Todas as resistências são de 120 W, feitas com fio de cromo-níquel;
- Um contator garante as quatro configurações do desenho;
- As resistências equivalentes e potências são indicadas para cada configuração (220 volts);
- Um contator marcado 1-2-3-4 assegura as conexões das configurações;
- S representa as tomadas da alimentação elétrica.

Os cadinhos

Para este forno, são utilizados cadinhos de porcelana com tampa. Cadinhos com 50 mm de largura e altura igual são adequados. Eles são fixados com triângulos metálicos rígidos, e dois blocos de amianto, um acima e outro abaixo, reduzem o risco de quebra. Quanto ao lut, coloque o cadinho (antes de fixá-lo) em um recipiente de alumínio (ou outro metal) preenchido com uma pasta feita de argila e caulim, deixada para secar lentamente; assim, garante-se a vedação do cadinho.

A seguir, continua o Livro de Fórmulas.

ORA ET LABORA!

O LIVRO DAS FÓRMULAS (continuação)

ELIXIR DA SUTILEZA

Rx. Óleo de oliva, mel, espírito de vinho retificado e tartarizado (21), partes iguais. M e coloque tudo junto em cinzas, depois extraia todo o fleuma dos óleos, que será distinguido pelas cores; coloque tudo isso em um pelicano e adicione um terço da essência de bálsamo e celidônia; δ por um mês e guarde para uso.

Este é o *Elixir Subtilitatis* de Paracelso. Ele não apenas resiste à putrefação, como também preserva da putrefação tudo o que pertence aos corpos animados. Este é o Bálsamo dos Filósofos, ao qual nenhum corpo sensível pode resistir, sendo sutil e capaz de penetrar em tudo; ele abre todas as obstruções no corpo de maneira admirável, entre muitas outras virtudes que só convêm ser reveladas aos Filhos da Arte.

A GRANDE ESSÊNCIA (Essentia Magna)

Rx. Alecrim, lavanda, sálvia, manjerona, tomilho, bálsamo, angélica, todos cheios de suco; macere tudo cuidadosamente em um almofariz, despeje uma quantidade suficiente de vinho Malvasia (alguns dizem seu próprio espírito ou tintura), depois coloque em um vaso com cabeça cega para δ em *balneum* com calor suave por dois meses; exprima tudo com uma prensa, V as fezes, e extraia um espírito cristalino ou $\ominus$ doce, ao qual adicione imediatamente (ou, em seu lugar, cristais de F). Este suco ou vinho expresso, deixe δ por dois meses como antes, até que um líquido glorioso se separe das fezes ou sedimento; decante-o, adicionando os cristais mencionados e um pouco de óleo de canela.

Suas virtudes são tão grandes que dificilmente podem ser enumeradas: fortalece todos os órgãos internos, cura perfeitamente as consumições, todas as doenças da cabeça, coração, peito e pulmões, e anima o espírito entristecido e abatido; cura peste, febres malignas, varíola, venenos, etc. É inútil enumerar todas as virtudes (como curar vertigens, epilepsia, enxaquecas, convulsões, paralisias, etc.), sendo

mais sábio aconselhar que todos o tenham sempre à mão. Dose: até 3 ss (meia onça), manhã, meio-dia e noite, em caldo, vinho aromático ou leite.

MAGISTÉRIO DE □

Rx. □ defecada, coloque em um recipiente de vidro em *balneum Mariae* por 40 dias para que se putrefaça; depois ____ com fogo suave em *BM* até que todo o fleuma seja extraído; retifique o espírito em um vidro com pescoço longo e largo, e obterá o Θ volátil, que deve ser separado, descartando o fleuma. O que restar ℥ em areia, e surgirá outro Θ ainda mais volátil; do ☉ produza um Θ fixo, que se mistura com o triplo de argila, forma-se bolas, seca-se e ℥ por retorta, obtendo-se assim o espírito do Θ fixo, no qual se pinga o espírito anterior ou Θ volátil até cessar o ruído, depois ☿ na areia. Assim obterá um espírito fino, agradável e Θ deleitável de □, ou o verdadeiro Magistério da Θ.

Dissolve e elimina o coágulo tartaroso de todo o corpo, expelindo todos os humores nocivos; previne contra cálculos renais se tomado uma vez por mês antes da lua nova, e cura consumições de forma admirável. Dose: 10 grãos. (gr. x).

MAGISTÉRIO DA Θ

(Segundo Mynsicht)

Rx. Θ cristalino de losna, sobre o qual se pinga espírito de Θ retificado (8), em quantidade suficiente para coagular e unir-se, com sabor e força predominantes sobre o espírito de Θ.

É um medicamento excelente, de propriedade balsâmica; renova o ser humano por completo, purifica o sangue, fortalece cabeça, coração e estômago, desobstrui fígado e baço, corta, dissolve e limpa toda putrefação. É um dos diuréticos mais eficazes, específico contra hidropisia, eliminando toda viscosidade flatulenta, aquosa e tartarosa. Dissolve e expulsa pedras; eficaz contra cólica intestinal, icterícia, febres, paralisias, apoplexias, gota, lepra, vermes, hérnias, etc. Dose: de 6 a 16 grãos. Em poucos dias dissolve a hidropisia do tipo timpanites.

LICOR ALKAHESTI

(Paracelso)

Rx. 1. Prepare um álcali a partir de ♃ (calx viva) e Θ regale cimentando o Θ regale com a ♃ e fervendo-os em boa ∇ para fazer um lixívio, filtrando e coagulando por evaporação; do qual Θ prepare uma grande quantidade. 2. Deixe o ☿ espanhol ou húngaro puro ser batido com o álcali, em um pilão de pedra um pouco aquecido, por tanto tempo até que nenhum ☿ possa ser visto, que coloque imediatamente em uma retorta de vidro, com um receptor bem cimentado a ele, e ℥ com um Δ nu, que operação repita tantas vezes até que se torne muito líquido, e pareça verdadeiramente espiritual. 3. Este ☿ espiritual destila três vezes em uma retorta tubular firmemente unida com lutum sapientiae a dois outros recipientes com gargalos em ambas as extremidades, o último dos quais deve ser bem cimentado a

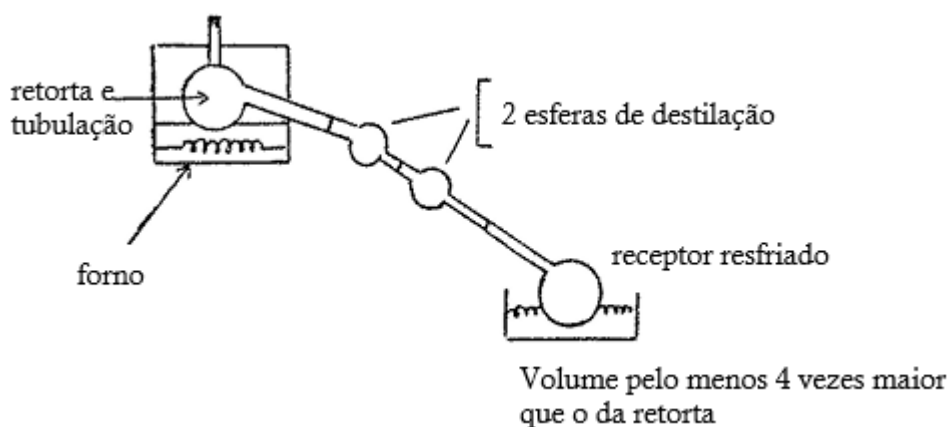
um grande receptor, o $\varnothing$ deve ser lançado no receptor pelo tubo, que deve subir acima do forno, e após a injeção do $\varnothing$ todas a vezes para ser bem fechado, que então passará com sua aquosidade em seu receptor, até que esteja todo virado no ∇ . 4. Coloque este $\varnothing$ al ∇ . em uma cabeça de parafuso tão grande que possa preencher cerca de um oitavo dele, que por alguns meses coloque em δ_l , em fogo uniforme, até que toda ∇ . seja convertido em espuma. A putrefação ainda continua até que a espuma desapareça e o licor no fundo do recipiente esteja novamente límpido. Por fim, retifique uma ou duas vezes com uma retorta em areia e guarde-o cuidadosamente para uso.

Nota de G.B.: A lixívia apresentada no início do texto produz, por coagulação, um sal chamado pelos Antigos de pedra cáustica (não confundir com a pedra infernal de prata, descrita adiante). Glaser sugere um método mais simples para obter esta pedra cáustica em seu "Tratado de Química". Ele termina dizendo: "o uso desta pedra cáustica é tão conhecido que não carece de descrição", piscando para os que conhecem o segredo da mercurificação direta de metais.

Nota 1 de G.B.: "Paixão ilíaca" era o nome dado na medicina antiga para obstrução dos intestinos.

Nota 2 de G.B.: *Timpanite* é o inchaço abdominal causado por excesso de gases nos intestinos ou no peritônio, segundo o Dicionário Larousse do século XX.

(2) Quanto à destilação do mercúrio espiritual, pode-se utilizar a esfera de destilação juntamente com o seguinte aparato de destilação:



Se este é ou não o Alkahest de Paracelso, com o qual ele realizou tais maravilhas — e que Helmont tanto exalta, até aos céus — é algo bastante duvidoso; pois aquele Alkahest era destinado à preparação de todos os tipos de medicamentos, extração de toda sorte de tinturas e essências, fossem elas provenientes de minerais, vegetais ou animais. Também se dizia que curava eficazmente todas as doenças, extirpava as sementes de toda enfermidade e realizava milagres superiores a qualquer outro remédio, exceto à Pedra Filosofal. Quem desejar saber mais a respeito poderá encontrar tudo nas obras do eruditíssimo Helmont, onde de fato encontrará grande satisfação.

O $\ominus$ regale mencionado acima é preparado da seguinte maneira:

Rx. Υ $\odot$ do espírito simples, ou φ novo (à escolha), coloque em forno de oleiro, prepare uma lixívia em água, filtre e evapore; se não estiver branco o bastante, dissolva novamente, filtre e evapore outra vez.

Nota de G.B.: Cimento régio ou régio: SSS (*stratum super stratum*, ou camada sobre camada) de diversos pós, dispostos alternadamente no cadinho com limalhas do metal que se deseja "purificar" para uma posterior mercurificação direta pelo método seco.

RESTAURADOR UNIVERSAL DE PARACELSO (Panacea Theophrasti Paracelsi)

Rx. Do espírito mais altamente retificado de melissa, de losna, de valeriana, de pimpinela, de zimbro, partes iguais. QE de φ , óleo de $\ominus$, açúcar branci cristalizado A 3 vi, misture tudo e conserve em frasco de vidro bem tampado com rolha de vidro.

Este nobre medicamento preserva o corpo, como diz Hortius²⁵¹, *per totam vitam integrum*, ou seja, mantém a saúde durante toda a vida. Elimina a sensação de peso na cabeça, cura apoplexia, paralisia, epilepsia e outras doenças graves da cabeça; aguça a visão, detém vômitos e fortalece estômagos fracos; ajuda em casos de asma e diversas doenças pulmonares; corrige os vícios do fígado e do baço; é eficaz contra lepra, icterícia, cólicas, cálculos, doenças uterinas e muitas outras. Dose: de $\odot$ i ad 3 ss.

ESPÍRITO DOS CINCO ELEMENTOS (Spiritus Diapente)

Rx. Elixir de Propriedade de Paracelso 3 i.ss. Espírito tériacal canforado, 3 iss.. Espírito de $\oplus$ retificado, uma 3 1 (13). Espírito de φ retificado, cinzas em ii (10a). Espírito de $\ominus$ retificado, no qual foram infundidas folhas de $\odot$ No. X, $\odot$ 3 i. Misture tudo e deixe $\aleph$ por vinte dias; guarde para uso.

Este composto resiste fortemente à putrefação, atua como antídoto contra veneno, peste e varíola; desobstrui fígado e baço, purga rins e bexiga, é excelente contra hidropisia e todas as febres quentes e ardentes, paralisias, icterícia, etc. Dose: uma i de cinzas em vinho generoso.

ÁGUA MERCURIAL (Aquila Coelestis)

Rx. Sublimado corrosivo (feito com $\ominus$ e $\oplus$) do qual se extrai uma tintura amarela com $\oplus$ Υ ado por dez semanas; decante e evapore o líquido decantado até a secura, obtendo-se assim a *Aquila Coelestis* em pó vermelho.

²⁵¹ **Horácio (Q. Horatius Flaccus):** Autor da frase "*per totam vitam integrum*", o poeta romano **Quinto Horácio Flaco** viveu entre 65 a.C. e 8 a.C. e é considerado um dos maiores líricos da literatura latina. A expressão, que pode ser traduzida como "íntegro por toda a vida", reflete o ideal estoico de virtude constante e aparece em suas *Epístolas* como elogio à integridade moral. Horácio influenciou profundamente a ética renascentista e o pensamento alquímico simbólico, sendo citado por alquimistas como exemplo de equilíbrio entre matéria e espírito.

Este medicamento é altamente recomendado por Paracelso para cura da sífilis, gota, epilepsia e maioria das doenças da cabeça, eliminando-as através do suor. Dose: de 2 a 4 gotas.

ELIXIR DE ☉

(Segundo Mynsicht)

Rx. Galanga menor meia ℥ i.ss, cálamo aromático ℥ 1, hortelã, sálvia vermelha, aa (partes iguais) ℥ ss, canela de primeira qualidade, cravo, gengibre, noz-moscada, cubeba, partes iguais ℥ ii, aloés amargo, cascas de cidra, partes iguais uma onça. Misture e reduza a pó; adicione ℥ iii de açúcar branco cristalizado e SVI retificado em quantidade suficiente para obter uma consistência espessa como mel. Coloque tudo num frasco de vidro, e adicione ☐ de ☉ de ♀ ou ♂, ou espírito de ☉ bem retificado até cobrir com quatro dedos de altura. Deixe em ☿ por 40 dias; ao fim, decante e filtre a tintura; sobre os resíduos restantes adicione mais álcool e, conforme a arte espagírica, extraia a essência. Misture ambas e circule em *balneum Mariae* por 20 dias. Guarde para uso.

A experiência demonstra que dificilmente existe tônico estomacal mais nobre e eficaz em toda a medicina. É um grande segredo para todas as afecções do estômago; tomado com água de hortelã, conforta os órgãos internos e vitais, refresca os calores e estimula o apetite. É excelente contra epilepsia, apoplexia, catarros, disposição fleumática do corpo, dores de cabeça, letargia e febres. Dose: de ss de cinzas. até i de cinzas , em licor apropriado.

ESPÍRITO FILOSÓFICO ☉

Rx. ☉ q.v, supondo ℥ viii. ☐ de ☉ retificado ℥ iv. ▽ em quantidade suficiente ☿ o ☉. Primeiro, sairá o fleuma; em seguida, coloque o material numa retorta de vidro e ☿ em areia, trocando o recipiente quando necessário, ☿ até secar; assim se obtém o espírito mais exaltado do ☉. Mas o ☐ do ☉ será coagulado no fundo da retorta com o álcali ou ☉ do ☉ comum. Pegue ℥ ii este espírito ácido, ☉ (dissolvido em ▽) em ℥i. misture e ☿ em areia como antes. Assim obterá ℥ iii (três onças) de espírito. Esse processo pode ser repetido infinitamente, aumentando a quantidade de espírito com pouco ou nenhum custo, enquanto desejar.

Este espírito possui diversos usos na química: dissolve corpos, precipita substâncias dissolvidas em ácido nítrico, espírito de vinagre, etc., além de extrair tinturas. Tomado internamente com vinho, cerveja ou água, abre obstruções, refresca, combate putrefações, elimina febres e calores anormais, sendo um remédio potente contra a peste. Fortalece o estômago, reforça o coração, alegra o espírito e restaura uma natureza cansada e enfraquecida. Dose: de 10 a 20 gotas em qualquer líquido ou veículo apropriado.

ÓLEO DE ☉ (Oleum Solis vel Auri)

Rx. ☿ de ☉ feito por reverberação com cimento régio; limpe-as e ☿ por 24 horas com Água Vitae retificada, obtendo-se assim o ☐ de ☉, conforme Paracelso. Ou, segundo Gesner: use o suco mais ácido de limões filtrado, 3 vi, folhas finas de ☉ (em número de 60); coloque tudo em um recipiente de vidro sob calor suave e ☿ por quatro ou cinco dias, depois filtre e evapore o suco por ☿, e o ☉ permanecerá no fundo em forma de manteiga.

Esse óleo, misturado ao vinho, dá-lhe coloração dourada. Resiste maravilhosamente à putrefação; também purga e provoca suor. Cura a lepra e aqueles que foram prejudicados por unguentos mercuriais.

NOTA: A reverberação mencionada pode ser feita colocando limalhas de ☉ puras num cadinho em forno reverberatório, queimando-as (sem fundir) até virarem calx de cor púrpura, fina e leve. Ou pode-se misturar com limalhas ou flores de ♀ e reverberar até atingir a coloração desejada. Frequentemente, a dissolução em AR também cumpre essa função satisfatoriamente.

PEDRA INFERNAL DE PRATA (Lapis Infernalis Argenteus)

Rx. Limalhas de ☾ pura, uma parte (p.i.); AF ou espírito de ☿, duas partes (p.ii). ☿ em matrás pequeno com pescoço longo e vedado até a metade; evapore a umidade em Δ circular até a secura, deixando uma crosta negra; depois aplique calor de fusão até cessarem os vapores; remova o matrás e despeje imediatamente o conteúdo em moldes pequenos de latão ou ferro.

É cáustica, e dura indefinidamente se mantida longe do ar. Queima verrugas, tecidos necrosados, cânceres, úlceras, etc., se molhados levemente antes com água. Tinge cabelo e pele de preto permanente.

MAGISTÉRIO DE ♂ (Segundo Salmon)

Rx. ☿ limalhas de ferro e deixe ☿ em suco purificado de limão por um mês; filtre para um recipiente de vidro e, em banho de areia, espesse até obter um extrato líquido. O restante do ferro que não passou pelo filtro, seque e pulverize para uso semelhante ou para preparar vinho ferruginoso.

Tanto o extrato quanto o pó possuem força extraordinária para desobstruir e dissolver matérias tartarosas e coagulações, além de fortalecer as vísceras internas. São excelentes contra melancolia, febres quartãs, hidropisia e todas as doenças uterinas causadas por obstrução. Dose do extrato: de 3 ss até 3 i pulverizado para de i a ii partes de cinzas..

MAGISTÉRIO DE ♂ (Vitriolado)

Rx. Dissolva ferro em espírito de ☿ retificado, depois coagule, e obterá um magistério verde semelhante ao vitríolo.

Abre obstruções do fígado e do baço, cura icterícia, febres quartãs, melancolia e clorose. Dose: ʒ ss (meia onça) em vinho do Reno.

ÁGUA E ÓLEO DE ♀

Rx. ☉ Vado até ficar branco em lb ii. e ♀ branco em pó e misture. ☿ por retorta; a água separada do óleo deve ser retificada.

A água retificada, misturada com quantidade adequada de água de rosas, e aplicada nos olhos, cura a maioria dos males oculares. Tomada internamente em vinho do Reno, desobstrui e cura a clorose.

ELECTRUM, OU ELIXIR DOURADO DE ♂

Rx. Regulus de ♂ (feito com Mercurius Vitae e bem como ♀ e ☉), ☉ puro, A. ʒ ss. e derreta e pulverize junto, depois adicione ʒ ii. ☿ até a estrela de ♂ ascender e restar uma terra inútil no fundo. Lave o ☉ restante, e coloque o ☉ e flores de ♂ em um ovo hermético, em uma capella fixa com Δ tal que não derreta, mas mude a cor para amarelo-cítrico, e depois para castanho. Extraia essas flores com espírito de ☿ alcalinizado, depois extraia a tintura com SV, conforme ensinado anteriormente.

Cura consumições, melancolia hipocondríaca, icterícia negra, hidropisia, gota e escorbuto. Dose: um grão, duas vezes ao dia com xarope apropriado.

ÁGUA CONTRA CÂNCERES

(Aqua Phagedenica)

Rx. Prepare uma lixívia forte com ♀ (calx viva) em ∇ fervente, filtre para uma redoma de vidro; adicione uma libra de sublimado corrosivo, mexa e a mistura tomará cor alaranjada, com o sublimado caindo ao fundo. Se a ∇ estiver muito forte, adicione mais cal até ∇ obter a força desejada. Fallopius sugere fazê-la com u∇ lb i (uma libra), à qual se adiciona mercúrio doce, cerca de ʒ ii (duas onças), dissolvendo-se por fervura.

Qualquer uma dessas águas fagédicas é eficaz contra inflamações, fístulas, úlceras malignas e venéreas, cancros, sarna, feridas, pústulas e outras erupções, bem como contra coceira, lepra e afecções semelhantes, curando-as sem risco. Primeiro lave bem a área com a água, depois aplique sobre a lesão um pano de linho embebido nela; assim, a carne esponjosa (se houver) será consumida, a putrefação corrigida, a ferida purificada e reconstituída, e por fim, graças à sua propriedade secativa, cicatrizada e curada.

Lição 58: Via Seca, Aço e Antimônio

Caro Amigo,

A VIA SECA

Nossa associação procura apresentar a seus membros uma variedade de soluções para problemas alquímicos. Isso traz duas vantagens: primeiro, cada indivíduo pode escolher aquilo que lhe parecer mais apropriado; segundo, enriquece seu conhecimento sobre alquimia e sobre a literatura alquímica.

Já apresentamos a teoria e a prática dos acetatos da manteiga de antimônio e os métodos de Urbiger. No entanto, todos esses métodos apresentam uma desvantagem comum: a emissão de odores desagradáveis ou de gases perigosos. Por isso, torna-se difícil praticá-los se não se vive no campo.

A *Collectanea Chemica* propõe um caminho metálico que apresenta poucos, se é que algum, dos inconvenientes dos métodos anteriores, com exceção da primeira operação.

O método seguido pela *Collectanea Chemica* é um caminho seco, ou seja, não faz uso de nenhum menstuo específico. Isso porque o líquido de destilação e extração é o “úmido radical do minério”, a semente metálica contida no minério nativo. Como veremos em breve, esse caminho tem outra vantagem: exige um equipamento mínimo, essencialmente um Soxhlet, um forno e alguns frascos.

A *Collectanea Chemica*, escrita por um autor anônimo, afirma que, uma vez que o minério seja liberado de suas toxinas e colocado sob condições favoráveis de temperatura, a semente virá à superfície e causará espontaneamente a dissolução e separação dos princípios. As semelhanças entre esse método e os trabalhos apresentados no curso de Espagiria são particularmente notáveis.

“Este método ainda não foi apresentado neste curso porque, tal como descrito no texto, ele é particularmente difícil de ser experimentado e requer bastante tempo para ser executado. Embora o método que aqui descrevemos se aplique ao antimônio e ao chumbo, usaremos exclusivamente a estibnita para o antimônio e a galena para o chumbo.

Dados essenciais

Enxofre: torna-se volátil a 445 °C (833 °F), insolúvel em água;

Arsênico: torna-se volátil a 613 °C (1.335 °F), insolúvel em água;

Reálgar²⁵² (sulfeto de arsênio): torna-se volátil a 565 °C (1.049 °F), insolúvel em água;

Estibnita: funde a 550 °C (1.022 °F), torna-se volátil a 1.150 °C (2.102 °F);

Galena: funde a 1.114 °C (2.037 °F), insolúvel em água.

Calcinações

Para começar, os venenos mais nocivos do minério devem ser eliminados: enxofre, arsênio e réalgar. Isso é feito por meio de calcinação em forno.

No caso do antimônio: como a estibnita funde a 550 °C (1.022 °F), o enxofre pode ser rapidamente eliminado (445 °C – 833 °F). O arsênio vaporiza a 613 °C (1.135 °F) e o réalgar a 565 °C (1.049 °F); portanto, não podem ser eliminados por uma calcinação rápida. Para serem removidos, exigem calcinações longas e repetidas; no entanto, a temperatura não deve ultrapassar os 500 °C (932 °F). Se aparecerem depósitos brilhantes na superfície do cadinho ou do prato, na parte inferior, isso indica que a estibnita atingiu sua temperatura de fusão. Nesse caso, ela deve ser descartada. Ou, se desejar mantê-la, use-a para outro caminho.

No caso do chumbo: como a galena funde a 1.114 °C (2.037 °F), uma calcinação a uma temperatura de 650–670 °C (1.202–1.238 °F) eliminará rapidamente os três venenos: enxofre, arsênio e réalgar.

Purificação

Após a primeira calcinação de cada um dos dois metais, várias outras impurezas ainda permanecem. A melhor forma de removê-las é usar um Soxhlet cheio de água da chuva. Assim que a água do frasco parecer saturada, ela deve ser substituída por água da chuva fresca, até que a água não fique mais descolorida e não se formem mais depósitos no frasco. Normalmente, é necessário um ciclo de 7 a 10 dias para isso.

Segunda calcinação

Enquanto a primeira calcinação exige precauções por causa do leve odor sulfuroso e da possível liberação de vapores de arsênio, esse problema não existe mais na segunda calcinação.

Naturalmente, o minério deve estar bem moído antes da primeira calcinação. Embora a moagem ainda seja necessária entre a primeira e a segunda calcinação, depois disso ela não será mais necessária.

²⁵² **Reálgar** é um mineral composto principalmente por **sulfeto de arsênio (As₂S₃)**, de coloração vermelho-alaranjada intensa. Historicamente utilizado em alquimia, pigmentos e até em medicamentos tradicionais, o réalgar é considerado **altamente tóxico** devido ao seu teor de arsênio. Quando aquecido ou exposto à luz por longos períodos, **pode se decompor em compostos ainda mais perigosos**, como o trióxido de arsênio. Seu uso requer extremo cuidado, sendo classificado como substância perigosa em contextos químicos e ambientais.

Seja estibnita ou galena, uma temperatura de 300–350 °C (572–662 °F) é suficiente para a segunda calcinação. A substância calcinada é circulada no Soxhlet até que o processo não produza mais depósitos nem descoloração da água.

Putrefação

Nesta etapa do processo, o minério é cuidadosamente seco a vácuo sob calor moderado. Em seguida, é colocado numa estufa, em um frasco sólido e absolutamente hermético. Assim, o fogo externo acende o fogo interno. Se nenhum ar impuro for admitido até que o radical úmido suba sob a forma de vapor, este irá se condensar como uma água metálica, semelhante ao mercúrio. Este é o Mercúrio dos Sábios do caminho seco. Com isso, completa-se a putrefação. A vida do minério está concentrada no Mercúrio.

Nota

A temperatura da estufa depende da resistência do frasco. Quanto mais alta a temperatura, mais rápida a separação e maior o risco de explosão. Um bom compromisso parece ser uma temperatura um pouco abaixo de 100 °C (212 °F).

Uma vez feita a separação, a purificação da Terra Filosofal torna-se possível sem a destruição da semente mineral. No entanto, se não for purificada, essa Terra não pode amadurecer a semente, que por sua vez precisa passar por uma preparação necessária para iniciar o ciclo da Grande Obra.

Na próxima lição, examinaremos os problemas práticos envolvidos nesse método e suas soluções.

ORA ET LABORA!

Lição 59: Aspectos Práticos da Via Seca

Caro Amigo

A VIA SECA: ASPECTOS PRÁTICOS

Na lição anterior, mencionamos o fato de termos enfrentado muitas dificuldades e até verdadeiras decepções com o processo descrito na *Collectanea Chemica*. Agora vamos examinar como essas operações começam, assegurando que todas as precauções sejam tomadas, de modo a encurtar sua duração e aumentar as chances de sucesso, ou até eliminar qualquer causa de fracasso.

- Tente, tanto quanto possível, obter um minério rico e pouco poluído, para evitar perdas e encurtar o tempo de purificação.
- A galena sueca é preferível a qualquer outra; devem-se escolher os pedaços de minério com maior densidade.
- A estibnita de Quimper (Bretanha, França) é a melhor, especialmente se disponível em pedaços maiores. Novamente, devem ser selecionados os pedaços mais densos.
- Reduza o minério a pó. Tenha pó suficiente para encher três ou quatro dedais de um soxhlet de 500 cm³. Mantenha o pó afastado da umidade assim que for produzido.

Calcinação²⁵³

²⁵³ Atualmente existem **fornos com curva de aquecimento programável** e capazes de realizar os controles térmicos descritos. Seus modelos permitem configurar múltiplos estágios de temperatura com precisão, incluindo pausas, desligamentos e retomadas intermitentes.

Esses fornos oferecem:

- Controle de temperatura com ajustes por etapas.
- Programação de “**receitas**”, com **passos + preaquecimento**.
- Função de **convecção desligada**, útil para simular desligamentos como o proposto.
- **Injeção de vapor e controle de umidade**, caso o processo exija atmosfera controlada.
- **Conexão USB** para importar/exportar receitas e garantir repetibilidade.

Embora voltados para outros usos, esses fornos podem ser adaptados para processos alquímicos ou laboratoriais que exigem **curvas térmicas específicas e monitoramento rigoroso**. A função de

- A primeira razão para um eventual fracasso é uma execução mal feita.
- Certifique-se de que o termômetro esteja colocado na parte mais quente do forno.
- Aumente a temperatura muito lentamente, para que ela atinja o minério de forma homogênea.
- Espalhe o minério em camadas finas sobre superfícies não metálicas.
- Para a galena: o calor deve ser aumentado muito lentamente até 650 °C (1202 °F). Tenha cautela: por volta de 600 °C (1112 °F), vapores arsênicos podem ser liberados em maior ou menor quantidade, dependendo do minério.
- Para a estibnita:
 - Aumente a temperatura ainda mais lentamente do que para a galena;
 - Pare em 450 °C (842 °F);
 - Observe o forno com muita atenção;
 - Desligue a energia elétrica ao atingir 400 °C (752 °F);
 - Observe a temperatura máxima obtida;
 - Ligue a energia novamente, de forma intermitente, até atingir o máximo de 450 °C (842 °F).

Primeira circulação

Com a galena, o minério é moído e colocado no soxhlet.

ligar/desligar intermitente pode ser simulada por etapas programadas com tempos curtos e controle manual ou automatizado.

Com a estibnita, o minério deve ser cuidadosamente inspecionado. Se houver manchas brilhantes, isso indica que houve fusão, e toda a estibnita dessa camada deve ser eliminada. A estibnita satisfatória é então moída e colocada no soxhlet.

Durante a lixiviação no soxhlet, como o meio de extração é a água, não há risco, teoricamente, de perda do caráter filosófico. No entanto, no caso da estibnita, o enxofre livre do minério pode produzir algum ácido sulfúrico, o que pode fazer com que o minério perca sua natureza filosófica. Por isso, é importante remover esse enxofre. Se houver fusão parcial do mineral, ou perda do caráter filosófico devido à presença do ácido, a substância metálica torna-se um cadáver metálico. Da mesma forma que ingerir um cadáver em putrefação pode causar a morte no reino animal, a presença de um cadáver metálico durante a putrefação pode contaminar toda a substância.

Como a quantidade de substância usada é importante, há dois métodos possíveis: um em paralelo e outro em sequência, dependendo da estrutura disponível.

É muito importante, nesse tipo de processo, compreender que a matéria “evolui” e que apenas substâncias com o mesmo nível, ou nível próximo, de evolução devem ser misturadas. A tendência das misturas é assumir o nível da matéria menos evoluída ou, pelo menos, se aproximar dele, especialmente no início das operações.

Nossa experiência nesse campo nos leva a dar o seguinte conselho: comece com uma série de quatro calcinações-lixiviações. De fato, a partir desse ponto, a perda de volume diminui um pouco, e o minério torna-se um pó impalpável com pouco esforço.

No início, portanto, se se dispõe de um bom equipamento, deve-se calciná-la em quantidade suficiente para encher três ou quatro soxhlets, considerando que ao final não haverá substância suficiente sequer para preencher um (método em paralelo).

Se você tiver apenas um extrator, deve-se realizar primeiro três ou quatro lixiviações sucessivas da matéria; à medida que o processo avança, restará apenas matéria suficiente para três lixiviações, depois para duas e, por fim, apenas para uma (método em sequência).

Aqui nos deparamos com o seguinte dilema: mais material, menos tempo – menos material, mais tempo.

Cada circulação leva cerca de 60 a 70 horas; no entanto, pode ser feita de forma intermitente sem inconvenientes — um tempo consideravelmente longo no método em sequência, com apenas um extrator.

Importância da calcinação

Após essa primeira calcinação, não é mais necessário aplicar temperaturas superiores a 300–350 °C (572–662 °F). Ainda assim, é sempre bom manter as

camadas o mais finas possível e garantir que cada calcinação receba entre 4 e 6 horas de temperatura máxima.

Sempre deixe o forno esfriar completamente antes de abri-lo.

Precauções a evitar falhas futuras

Esta seção trata especialmente das galenas importadas, ricas em minério, bem como da estibnita da região de Quimper. Retomamos a partir do ponto em que os três ciclos de calcinação foram concluídos.

Após a calcinação, não há necessidade de moer a substância, pois ela é facilmente reduzida a pó com uma peneira metálica e uma colher usada como pilão. Agora, muito pouca substância permanecerá na peneira — menos que uma colher de chá, na verdade. Essa parte deve ser retirada do circuito e reservada, possivelmente com traços de minério fundido, se houver, para outro caminho.

Atenção: essas operações devem ser feitas ao ar livre ou em laboratório, utilizando máscara contra poeira. Segundo o antigo termo, a matéria “se abre”, e à medida que a operação avança, uma poeira cada vez mais fina e impalpável se forma.

Uma precaução especial é preencher o fundo do soxhlet com algodão e usar um dedal de celulose ou de vidro. Isso é importante quando a substância se torna muito pulverulenta.

Quanto à calcinação, se a temperatura permanecer abaixo de 300 °C (572 °F), pratos de argila esmaltada podem ser usados; se o forno não for aberto enquanto estiver quente, esses pratos durarão de dez a vinte calcinações. Devem ser limpos com esponja abrasiva verde, seca, para garantir a máxima recuperação do pó de minério.

A evolução da matéria

Problemas de extração e lixiviação no soxhlet geralmente aparecem no terceiro ou quarto ciclo. A substância se torna um pó tão fino que atravessa a celulose dos dedais de papel e obstrui o vidro moído muito fino. Forma-se, então, no frasco extrator, uma água contendo impurezas, e um depósito de galena ou estibnita que adere às paredes do frasco. Para resolver esse problema, que não é insignificante no que diz respeito à perda de substância, siga o método descrito abaixo, supondo que se decida realizar uma série de sete ciclos após os três primeiros.

Após cada lixiviação, o frasco extrator deve ser deixado em repouso para decantação (por exemplo, durante a calcinação). A água é vertida lentamente, mas não totalmente, para garantir que o pó permaneça no frasco.

No sétimo ciclo, o frasco é lavado com sabão, se necessário. A água usada na limpeza é recuperada e filtrada para recolher o pó. O pó é então lixiviado uma vez

com água da chuva no soxhlet. Ele é misturado a alguma substância no fim do terceiro ciclo ou possivelmente no início da série de sete ciclos.

A substância pode ser reservada para uso posterior numa segunda tentativa (ao final dos três primeiros ciclos ou no início do primeiro ciclo dos sete), ou para qualquer outro uso (como a preparação do regulus).

Verificação das condições de pureza

- Para a primeira extração do segundo ciclo de sete lixiviações-extrações, tudo deve ser cuidadosamente limpo;
- Carregue com água desmineralizada ou água da chuva destilada;
- O pH da água deve ser medido antes de cada operação;
- O pH deve ser medido após cada operação;
- Parte da água é retirada e evaporada a seco;
- Se o pH da água não tiver se alterado e nenhum resíduo sólido permanecer após a evaporação da água, a substância é considerada purificada, e pode-se prosseguir com a "fermentação". Caso contrário, as lixiviações-calcinações devem continuar.

Precauções para a "fermentação"

A partir deste ponto, o minério é rapidamente seco, de preferência a vácuo ou em estufa. Ele deve ser espalhado em camadas muito finas e levado a uma temperatura máxima de 110 °C (230 °F).

O minério é então colocado em um frasco sólido com gargalo longo. Se o fechamento for por rosca, uma rosca de teflon é essencial, assim como uma rolha que se encaixe perfeitamente. A umidade radical surgirá, circulará e se condensará na forma de uma água metálica, densa como mercúrio.

Cuidado: se a rolha se soltar, a circulação se interromperá e não continuará. Nada deve ser tocado antes que toda a umidade radical tenha sido extraída.

Para os processos subsequentes, é recomendável usar um banho de areia ou um aquecedor de frascos protegido por uma capa de argila caulinítica moldada para se adaptar ao frasco de putrefação para a destilação.

Nota: a água metálica obtida neste processo tem a mesma aparência daquela obtida pela dissolução salina dos minérios. O tempo envolvido é o mesmo, mas as quantidades são maiores na *Collectanea Chemica*.

ORA ET LABORA!

Lição 60: A Sementen a Via Seca e a Destilação do Mercúrio

Caro Amigo,

Assim que você conseguir criar a semente metálica dentro do ovo, surgem vários problemas, entre os quais se destacam os dois seguintes:

1. a recuperação da semente;
2. a multiplicação da semente.

Se houver bastante semente — o que é raro —, então sua recuperação não apresenta dificuldade.

Se, no entanto, como é frequentemente o caso, pelo menos nas primeiras tentativas, houver apenas uma pequena quantidade de semente, a recuperação direta ou por destilação torna-se impossível. A única alternativa é aumentar a semente *in vitro*, o que exige o uso de mercúrio comum altamente purificado.

Obter mercúrio muito puro é, para dizer o mínimo, caro. No entanto, pode-se utilizar mercúrio recuperado (por exemplo, de pilhas ou contadores), embora ele contenha muitas impurezas, ou algum mercúrio geralmente “esticado” com chumbo ou estanho dissolvido (proveniente de feiras de antiguidades, por exemplo).

Na prática, há apenas duas formas eficazes de purificar mercúrio: pela eletrólise de seus sais ou por destilação.

A eletrólise é um processo muito delicado e não viável para o estudante familiarizado com a alquimia.

A destilação é eficaz, mas perigosa, exigindo numerosas precauções, especialmente porque o mercúrio entra em ebulição a 360 °C (680 °F) e libera vapores altamente tóxicos.

Reunimos aqui um processo que é muito seguro, desde que todas as precauções indicadas sejam seguidas com muito cuidado. Para isso, examinemos a figura a seguir.

O volume do balão de destilação (b) deve ser entre 50 e 100 cm³. Se for de pirex, deve ser aquecido em banho de areia;

Se for de quartzo, pode ser aquecido com um bico de Bunsen (ou outro tipo).

Não se deve tentar destilações de mercúrio em grandes quantidades. Além disso, o balão deve ser preenchido apenas até um terço ou metade de seu volume. Se o mercúrio for carregado após a montagem do aparelho, deve-se utilizar um funil com

tubo curvado, longo o suficiente para ultrapassar facilmente a abertura lateral do balão de destilação.

A rolha (bs) deve ser de vidro pirex, se o balão for de pirex, e de silicone, se o balão for de quartzo; em ambos os casos, o uso de teflon garantirá vedação hermética, e a rolha deve ser fixada firmemente com um arame metálico.

A saída lateral deve ser conectada a uma esfera (s) por um tubo de teflon apertado por duas abraçadeiras metálicas.

O volume da esfera deve ser maior do que o volume da água (e) contida no tubo (t). Se a esfera não tiver um tubo suficientemente longo em sua base, deve-se adicionar um tubo também de teflon, cuja extremidade seja afunilada de maneira a manter pequenas as bolhas de vapor de mercúrio. O comprimento desse tubo deve ser tal que sua base não seja atingida pelo mercúrio destilado.

A função da esfera é impedir que a água suba pelo aparelho e alcance o mercúrio quente, caso ocorra resfriamento rápido ao final da destilação.

Para garantir que absolutamente nenhum mercúrio escape, pequenas folhas de ouro devem ser colocadas nas áreas críticas, como a rolha (bs) ou as conexões de teflon da esfera. O ouro ficará branco muito rapidamente se houver qualquer vapor de mercúrio.

A água do cubo de condensação de vapor deve ser água destilada ou, eventualmente, água deionizada.

Como essas manipulações exigem muitas precauções, se estiver trabalhando em ambiente fechado, é prudente ter à mão uma tigela com solução amoniaca. Contudo, é muito mais seguro trabalhar ao ar livre ou sob uma capela de exaustão.

A limpeza é complexa, especialmente após as primeiras destilações. As superfícies de vidro devem ser cuidadosamente desengorduradas para evitar que pequenas bolhas de mercúrio se prendam. Boa parte do mercúrio pode ser recuperada lavando-se com água deionizada, que deve então ser decantada.

Após a destilação, há sempre o risco de haver depósitos de estanho, chumbo, cobre etc. sobre o vidro. Nesse caso, é necessário fazer uma limpeza com ácido nítrico, deixando-o agir. O mercúrio só é considerado satisfatoriamente puro após sua terceira destilação.

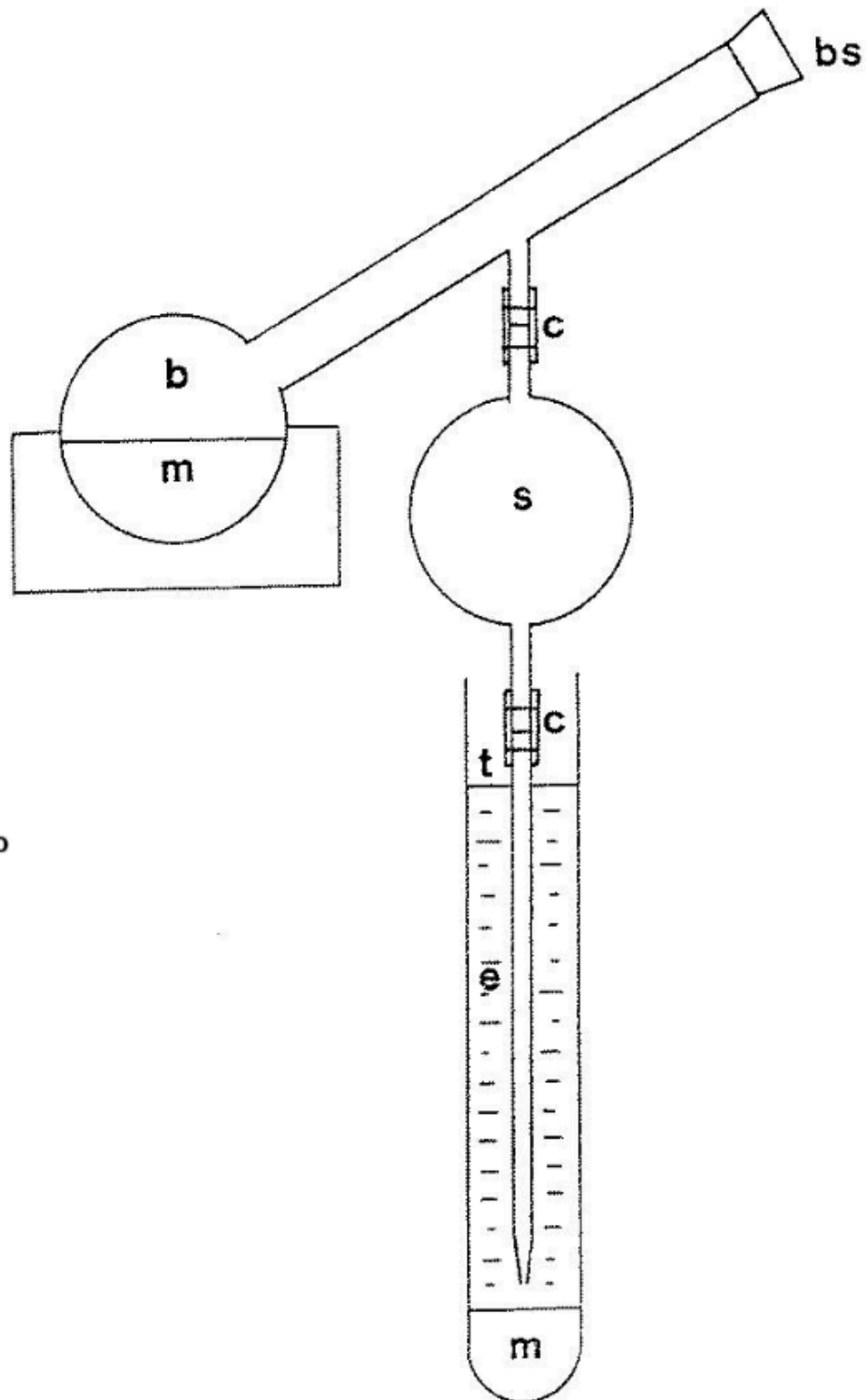
Se o “espírito” tiver sido preparado a partir do *deliquium* da manteiga de antimônio, e se um pouco de mercúrio for vertido nesse espírito, deve-se ler o texto sobre medicina metálica de Sieur de la Violette, cujo nome simbólico é *Do Carvalho* (*Quercetanus*).

Nota: É importante usar apenas água destilada ou deionizada, pois estas praticamente não dissolvem o mercúrio, o que não acontece com a água que contém minerais.

ORA ET LABORA!

FIGURA ANEXA

A destilação do mercúrio



b. balão

m. mercúrio

bs. rolha

c. junção

s. esfera

t. tubo

e. água

Lição 61: As Destilações Sutis

Caro Amigo,

AS SUTIS DESTILAÇÕES

Devemos ser cuidadosos, pois uma destilação pode liberar a "parte volátil", ou seja, a vida alquímica, e nesse caso, todo o trabalho está perdido.

Na Lição Mineral nº 60, apresentamos o resultado de nossos experimentos com relação à questão da destilação do mercúrio comum. Esta destilação deve ser feita:

- primeiramente para purificar o mercúrio, seja com o intuito de multiplicar a semente, seja para produzir o pó de projeção;
- em segundo lugar, porque é uma lição muito valiosa que prepara para a destilação de produtos bastante semelhantes, frutos de um longo trabalho, e que não devem ser perdidos.

No entanto, se você não está acostumado com esse tipo de destilação, é melhor iniciar esses experimentos ao ar livre, o que é fácil, pois assim não é necessário lidar com a circulação de água. É recomendável — e mais seguro — aplicar folhas de ouro em todos os pontos onde possa haver vazamentos. O branqueamento do ouro, um processo muito rápido, é um excelente detector de vazamentos. Somente após realizar várias destilações sem vazamentos é que se pode operar em ambiente fechado, desde que seja bem ventilado ou, melhor ainda, sob uma capela de exaustão.

Enfrentaremos um novo problema ao lidar com a semente, qualquer que seja sua origem — seja por dissolução metálica (método de Filaeto ou Lapidus), seja por autodissolução (método do Collectanea Chemica). Durante a fase de vaporização, o "espírito volátil", a vida metálica, será liberado e retornará imediatamente ao caos original, a menos que o aparelho de destilação esteja absolutamente hermético. Nestes caminhos, dada a toxicidade dos vapores, esse é um problema cuja solução é de extrema importância.

O princípio básico é que o sistema de condensação deve sempre ser capaz de dissipar mais calor do que o balão de destilação recebe do aquecimento. Portanto, além do condensador, o balão de recebimento deve ser resfriado de forma eficiente, por exemplo com gelo misturado a uma solução salina comum.

Mesmo com um excelente sistema de resfriamento, uma precaução é obrigatória: instalar um tampão que seja fortemente expulso do sistema antes que tudo exploda, controlando a força de sua expulsão com uma mola ou elástico. Mas acima de tudo,

seja paciente, vigie a operação sem cessar e mantenha o calor no limite mínimo necessário para a destilação.

Podemos reconhecer, nos métodos considerados acima, uma imagem do processo vegetal, ou seja, assim que a "vida do reino" foi separada da terra — o sal — esta última pode ser purificada com um calor intenso; o que não era possível antes da separação. A sequência de cohobações e separações permitirá a purificação dos elementos sutis, já que as impurezas são absorvidas pelo sal e expelidas dele pelo calor.

Cuidado: extrair a vida do sal agora é fácil, o que não era o caso antes da primeira separação. Mas, mais uma vez, atenção — a separação só pode ocorrer novamente por meio de uma destilação em circuito hermético, caso contrário a "vida volátil" se perde.

Na verdade, destilar em um alambique completamente coberto com areia quente torna esse processo muito mais fácil: nesse caso, os vapores não precisam "subir" e não podem se condensar no "céu" quente do alambique. A vedação e a segurança são então garantidas pelo resfriamento do balão de recebimento e pela estanqueidade e elasticidade do lut²⁵⁴ que une o alambique ao balão.

Esta lição pode parecer curta, mas é a base para um trabalho prático eficaz, e o que foi claramente expresso é o resultado de longas e árduas leituras de textos obscuros.

ORA ET LABORA!

²⁵⁴ **Lut** é uma mistura pastosa usada para vedar conexões entre partes de um aparelho de destilação, como entre o alambique e o balão de recebimento. Tradicionalmente composta por argila, cinzas, farinha ou outros materiais naturais, ela garante estanqueidade, flexibilidade e segurança térmica durante o processo alquímico ou laboratorial.

Lição 62: Método Filosófico e Astrologia

Caro Amigo,

Estamos aos poucos chegando ao fim destas lições sobre Minerais, às quais, como ao restante do material da LPN, quisemos atribuir um limite de tempo.

Os métodos que descrevemos por último exigem certo tempo para sua realização e, por isso, aproveitaremos a oportunidade para explicar três questões sobre as quais falamos pouco até agora, mas que consideramos muito importantes:

1. A filosofia das lições e como ela se aplica na escolha de um método;
2. Astrologia e alquimia;
3. A iniciação em alquimia, o ponto mais importante.

I. FILOSOFIA DAS LIÇÕES

Ela se baseia no seguinte princípio: o objetivo principal da alquimia é a Iniciação do indivíduo. No entanto, não existe um único tipo de Iniciação porque, de fato, a forma como ela ocorre depende de cada pessoa. Na realidade, o processo de involução foi apropriado e pessoal para cada um de nós e, portanto, podemos dizer que para cada ser a série de experiências involutivas foi tipicamente sua e diferente da de todos os demais. Assim, todos os seres que estão alcançando o Nadir, o fim da involução, embora estejam no mesmo nível, diferem em suas experiências. Por essa razão, cada um precisa buscar por si mesmo o processo que melhor lhe convém. Alguns alquimistas disseram que a pedra que serve a cada um é a pedra feita pelo método que cada um encontrou por conta própria. É por isso que fornecemos nestas lições diversos métodos cujas fases diferentes podem ser combinadas entre si. Por exemplo, podemos extrair o óleo vermelho do acetato de antimônio para o método dos quatro fogos de Paracelso e Bacon. Outras ideias nesta linha de trabalho serão apresentadas no parágrafo sobre Iniciações Alquímicas.

II. ASTROLOGIA E ALQUIMIA

Enquanto nas lições de Espagíria foram dadas algumas informações sobre a astrologia lunar, apropriada para experimentações com materiais vegetais, muito pouco se mencionou sobre astrologia no reino metálico.

Se usarmos a astrologia clássica, existem várias teorias que indicam os momentos favoráveis para as operações, sendo a mais experiente a do alquimista Stahl²⁵⁵. Mas sua teoria introduz um planeta intra-mercurial, Vulcano, cujas efemérides são difíceis de obter. Outra desvantagem da astrologia clássica, e que é significativa para a alquimia, é a questão do tempo. De fato, uma configuração favorável para um planeta tão lento quanto Saturno pode levar anos. Consequentemente, na alquimia é preferível usar as energias dos gênios planetários, cujos ciclos semanais são certos e regulares. A manhã de sábado oferece boas condições de trabalho, o que é muito compatível com o modo de vida moderno.

Para esclarecer o que acabamos de dizer, vamos lembrar alguns fundamentos do conhecimento cabalístico, dos quais quatro elementos importantes devem ser conhecidos:

1. A direção da circulação da energia;
2. A correspondência entre mundos e elementos;
3. O uso dos níveis de energia;
4. O tempo de influência das energias.

1. A direção da circulação da energia (ver Figura nº 1)

A energia animadora, que é a vida, vem de Kether e segue, como semente metálica, que é seu aspecto mais importante para nós, a sequência dos números. Temos: chumbo, estanho, ferro, ouro, cobre, mercúrio, prata e antimônio, sobre os quais podemos tirar uma conclusão e observações úteis.

A vida começa com a animação da semente metálica no nível de Saturno. É por isso que os Antigos costumavam chamá-lo de Medium Coeli e diziam que seu mercúrio é frio e bruto, em oposição a maduro.

Quando alcança Júpiter, o estanho, a energia amadurece e, ao animar a semente do estanho, torna-a capaz de dissolver todos os outros seis metais.

Ao chegar a Marte, o ferro, a energia amadurece ainda mais a semente e, como alguma energia solar está presente no ferro, a semente do ferro torna-se a semente

²⁵⁵ **Georg Ernst Stahl (1660–1734)**, médico e químico alemão conhecido por suas contribuições à teoria do flogisto e por integrar princípios alquímicos e médicos em sua prática. Embora não seja amplamente reconhecido como astrólogo, Stahl operava dentro de uma tradição hermética que considerava as influências astrais relevantes para os processos naturais e terapêuticos. A astrologia clássica, nesse contexto, era usada para determinar os momentos mais propícios para operações alquímicas, como destilações, fermentações e extrações, baseando-se em posições planetárias e lunares.

do ouro. Assim se explica a necessidade de se usar ferro nos processos relacionados ao régulo de antimônio.

Quando atinge o Sol, o ouro, a semente do ouro dá origem ao ouro, um metal que, como o Sol, é o rei deste sistema. A semente amadurece, mas se não for utilizada e acaba se esgotando parcialmente, segue adiante para Vênus.

Ao atingir Vênus, o cobre, a semente ainda contém algumas das propriedades do ouro, e é nisso que se justifica o uso do cobre em alguns caminhos que conduzem à fase vermelha da Obra.

Ao chegar a Mercúrio, a energia provoca uma mutação importante na semente. De um metal masculino e vermelho, a energia passa por um estado de semente andrógina em um metal branco. Além disso, o estado líquido do mercúrio o torna particularmente sensível às influências planetárias.

Ao atingir a Lua, a prata, a fase mais baixa da energia antes de sua passagem em direção ao antimônio, a semente adquire uma aparência fortemente feminina.

Na Terra, o antimônio é o receptáculo da energia que percorreu todas as regiões planetárias. É por isso que Basílio Valentim afirma que o antimônio contém as cores dos sete planetas, as sete sementes em potencial.

2. Correspondência entre mundos e elementos

A Cabala divide os dez níveis acima mencionados em quatro mundos e atribui a cada um deles um elemento. Em outras palavras, um elemento será o mais forte, embora os outros três também estejam presentes. Portanto, em cada nível, temos quatro níveis de energia, ou um total de 40 matizes de energias, cada uma com um nome invocacional.

Na Figura nº 2, o nome do elemento mais forte de cada nível está escrito em negrito. Além disso, no rodapé da página especificamos como ler para cada nível:

Dois nomes indicando o princípio Enxofre

Dois nomes indicando o princípio Mercúrio

Dois nomes indicando o princípio Sal

3. Uso dos níveis de energia

Nunca tente usar apenas um nível de energia. Invoque sempre todos os níveis superiores primeiro. Por exemplo, se operarmos sobre o ferro, devemos invocar os níveis 1, 2, 3, 4 e então o 5.

Jamais pronuncie um único nome. Sempre utilize os nomes aos pares. Por exemplo:

Se quisermos reforçar o Enxofre do ferro, precisamos pronunciar os dois nomes à esquerda da figura dos seguintes níveis: 1, 2, 3, 4 e 5.

Se quisermos reforçar o Mercúrio do chumbo, precisamos pronunciar os dois nomes no centro da figura dos níveis: 1, 2 e 3.

Se quisermos reforçar o Sal da Terra, ou Sal do antimônio, devemos dizer os dois nomes à direita da figura para os níveis: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

Como pronunciar os nomes

Os nomes devem ser vibrados. Devemos sentir a vibração em todo o corpo, particularmente na área correspondente ao nível:

- 1, 2 e 3 na cabeça
- 4, 5 e 6 no peito
- 7, 8 e 9 no ventre
- 10 deve ser vibrado em todo o corpo

4. Horas de influência planetária

Como os níveis 1 e 2 estão fora do tempo, eles não são afetados pelo tempo.

A Cabala afirma que os sete gênios planetários, ou seja, os regentes das leis simbolizados pelos sete planetas, têm cada um, por uma hora solar, uma influência dominante. A sequência de dominância é a seguinte: Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e a Lua. A Cabala também afirma que as horas de dominância começam ao nascer do sol, sendo o primeiro gênio dominante o do dia. Ou seja, Vênus na sexta-feira, Saturno no sábado, o Sol no domingo e assim por diante.

Exemplo de uso. Para reforçar o Enxofre do ferro

No sábado, antes do nascer do sol, vibrar os nomes do Fogo e do Ar dos níveis 1 e 2

A partir do nascer do sol, vibrar os nomes do Fogo e do Ar do nível 3

Na hora solar seguinte, vibrar os nomes do Fogo e do Ar do nível 4

Mais uma hora solar depois, vibrar os nomes do Fogo e do Ar do nível 5

Para multiplicar a semente metálica, operaríamos nas mesmas horas, porém usando os nomes do Ar e da Água até o nível 8 incluso.

Com este método, podemos influenciar um dos princípios Enxofre, Mercúrio ou Sal, ou dois, ou os três. Mas não podemos influenciar um único elemento isoladamente sem correr grandes riscos.

Para influenciar um único elemento em um nível planetário específico, devem ser usados rituais como o do Hexagrama ou do Pentagrama Maior. Essas operações exigem um treinamento mais avançado em Cabala.

Influência planetária e antimônio

O antimônio é uma exceção no reino metálico. Podemos usar os métodos descritos anteriormente de duas maneiras:

Utilizando o nível 10, o nível do antimônio em sua totalidade, ou seja, usando os sete aspectos planetários de sua semente

Ou em um nível intermediário, reforçando uma das cores do antimônio, por exemplo o nível 5, para aumentar sua afinidade com o Enxofre de Marte

Notamos, com a experiência, que é mais fácil extrair o óleo vermelho do antimônio quando o tempo está claro e o sol acima do horizonte.

Quanto à deliquescência da manteiga ou dos sais de antimônio, elas são melhor realizadas entre os solstícios de inverno e de verão, e ainda melhor durante a segunda metade desse período. O tempo não deve estar úmido, sem névoa ou neblina, caso contrário pode-se formar algarote.

III. INICIAÇÃO ALQUÍMICA

A iniciação pessoal e a realização progressiva dos métodos descritos estão mutuamente ligadas na alquimia. Ninguém transmuta coisa alguma sem antes ter se transmutado a si mesmo, disse Paracelso.

A iniciação alquímica comporta duas etapas importantes: a fase branca e a fase vermelha. Quando os alquimistas mencionam nossa prata ou nossa Lua, devemos entender como aquilo que os cabalistas chamam de Yesod.

Na Lição Mineral nº 30, descrevemos o método para direcionar a fase branca da Obra ao metal, à Iniciação ou à medicina. É importante lembrar que a preparação do sangue do adepto, conforme explicado na Lição Mineral nº 30, é necessária para que a Iniciação perdure. Um sangue que não foi purificado fecha os centros que foram abertos pela iniciação.

Existem três medicinas brancas e três vermelhas.

As três medicinas brancas abrem os níveis 9, 8 e 7, o mundo lunar. Enquanto isso não estiver completo, a medicina vermelha não é útil do ponto de vista da iniciação e é, além disso, perigosa sob outros aspectos.

A medicina vermelha abre os níveis 6, 5 e 4, o mundo solar. Consequentemente, também abre possibilidades para um nível superior.

A medicina branca suprime conscientemente o véu do nascimento e da morte, que é a separação entre os níveis 9 e 10.

A medicina vermelha suprime o véu da segunda morte, Paroketh, o véu que separa o nível 6 do 7.

E acima disso está a travessia do Abismo, sem retorno.

Diz-se que é o resultado da Pedra no estado de cristal.

Ora et Labora

FIGURAS ANEXAS

Figura 1 - Circulação da energia planetária

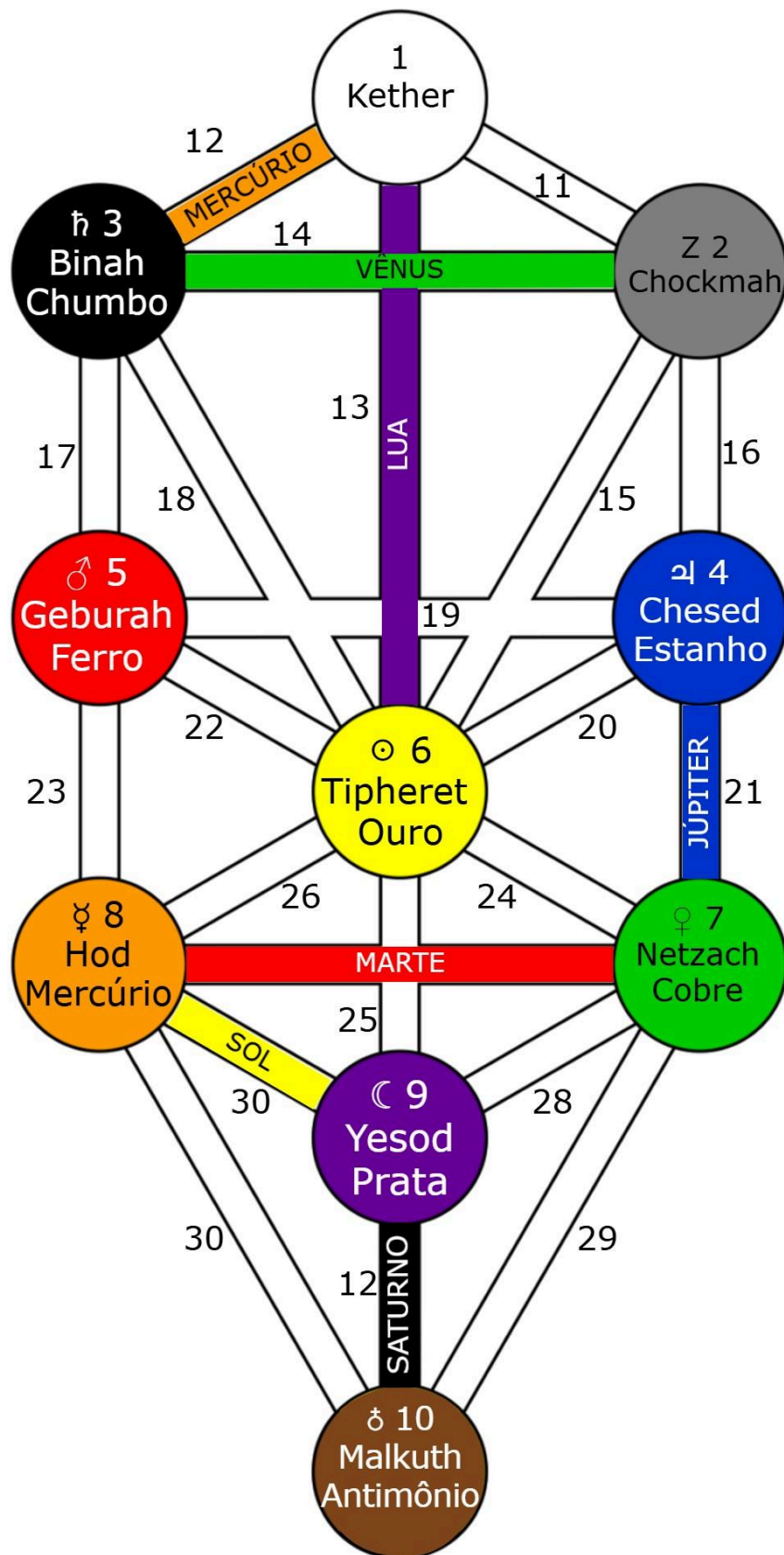
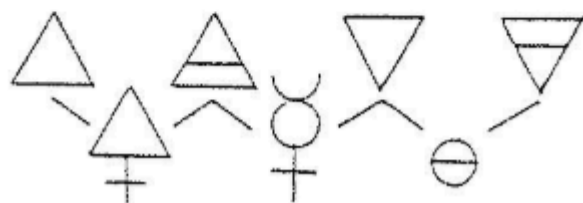


Figura 2 - As 40 invocações

Nº	FOGO	AR	ÁGUA	TERRA
1	EHIEH	METATRON	CHAYOTH	RASHIT HA.GILGALIM
2	YAH	RAZIEL	AUPHANIM	MAZLOTH
3	ELOHIM JEHOVAH	TZAPHKIEL	ARALIM	SHABBATHAI
4	EL	TZADQIEL	CHASHMALIM	TZEDEK
5	ELOHIM GIBOR	KAMAEAL	SERAPHIM	MADIM
6	JEHOVA ELOAH-VA-DAAT	RAPHAEL	MELEKIM	SHEMESH
7	JEHOVA TZAABOTH	HANIEL	ELOHIM	NOGAH
8	ELOHIM TZAABOTH	MICHAEL	BENI ELOHIM	KOKAB
9	SHADDAI EL CHAI	GABRIEL	KERUBIM	LEVANAHA
10	ADONAI HA-ARETZ	SANDALPHON	ASHIM	OLAM YESODOTH



Lição 63: Teoria Avançada da Espagíria

Caro Amigo,

A seguinte pergunta tem sido frequentemente feita: "Se diluíssemos os elixires vegetais à maneira homeopática, isso aumentaria seu poder e o poder de cura dessas diluições seria revertido como resultado?"

Esse tipo de pergunta nos leva a crer que a teoria dos processos alquímicos não foi devidamente compreendida.

TEORIA ESPAGÍRICA

(Segundo Nível)

Os alquimistas consideram que a o princípio de morte "toca" tudo o que existe na Terra, e afirmam que, durante a involução, todas as "misturas" presentes na superfície terrestre foram contaminadas, senão "desarmonizadas".

Para lembrar: uma "mistura" deve conter os três princípios (Enxofre, Mercúrio e Sal) que por sua vez resultam da combinação dos quatro elementos, ou seja, Fogo-Ar para o Enxofre, Ar-Água para o Mercúrio, Água-Terra para o Sal. Temos aqui dois princípios de vida: Fogo e Ar; e dois princípios materiais: Água e Terra.

O resultado da involução (a Queda da Graça, em todas as religiões) é que todas as misturas passaram a ser dominadas pelos princípios materiais e, por isso, os princípios de Fogo e Ar já não conseguem agir corretamente.

Uma operação espagírica é uma "iniciação" da mistura, com o objetivo de reparar os efeitos negativos da involução e devolver aos elementos da vida sua supremacia.

Existem dois elementos purificadores, cada um com seu papel específico:

- o elemento Fogo, para purificar os elementos do domínio espiritual;
- o elemento Água, para purificar os elementos do domínio material.

Antes de começarmos nossas operações, a situação de uma mistura é a seguinte: o Enxofre e o Mercúrio ainda estão unidos ao Sal apenas porque possuem polaridades opostas. Reconhecemos aqui a lei geral da natureza segundo a qual os opostos se atraem (macho-fêmea, positivo-negativo, norte-sul de um ímã, etc.). Na alquimia, essa atração, que garante estabilidade às misturas, é frequentemente citada nos textos por meio da metáfora do "aço" e do "ímã"; o aço sendo o elemento espiritual e positivo, e o ímã, o material e negativo.

Na nossa mistura "involuída e caída", os princípios de Enxofre-Mercúrio estão enfraquecidos pelas impurezas e, conseqüentemente, são prisioneiros do Sal; por

outro lado, as impurezas não impedem o Sal de agir. Na mistura, predomina a influência material, quando, na verdade, deveria predominar a influência espiritual, ou seja, o Enxofre e o Mercúrio.

Para corrigir esse estado, precisamos purificar a mistura, mas não podemos fazê-lo diretamente. A Água tem pouca influência sobre a mistura, e o Fogo destruiria sua vida mercurial; por isso, precisamos separar os princípios para poder purificar cada um deles sem riscos.

Como a vida mercurial é o princípio mais frágil, ela deve ser extraída primeiro. Essa operação só é possível se tivermos um líquido com poder de atração suficiente para extrair a vida do Sal. Em cada reino, existe um líquido assim, que por isso foi chamado de Mercúrio do reino onde atua (Mensageiro dos Deuses). O Mercúrio do reino vegetal é o álcool, devidamente preparado, que extrai tanto o Enxofre quanto o Mercúrio da mistura. Como o Sal torna-se um corpo morto ("caput mortuum"), a mistura pode, sem prejuízo, enfrentar o fogo e a água da purificação. Para esclarecer o mecanismo, relembramos os seguintes pontos.

Numa mistura, a vida vegetal ou animal só é possível se houver carbono. Toda a química vegetal e animal, hoje chamada de química orgânica, baseia-se na presença e nas propriedades do carbono. Essa química afirma que o carbono possui quatro elétrons na sua camada externa. Essa característica parece ser uma das condições para que um corpo possa animar com vida o sal de uma mistura vegetal ou animal. Recentemente, a química conseguiu criar substâncias com propriedades semelhantes às dos corpos orgânicos, substituindo o carbono pela sílica, um elemento que também possui quatro elétrons na camada externa. Notemos, em outro nível, que o estanho e o chumbo estão no topo das colunas da Árvore da Vida; esses metais também possuem quatro elétrons na camada externa.

O Mercúrio das vias úmidas, nos reinos vegetal e mineral, sempre contém carbono — elemento com quatro elétrons, que permite à vida agir sobre a matéria e hidrogênio, o primeiro elemento produzido pelo Fogo.

Retomando o assunto: se quisermos purificar o Sal vegetal de todas as suas impurezas, devemos retirar dele o carbono e, em menor grau, a sílica, outro elemento com quatro elétrons externos. Assim, privado de toda energia vital, seja boa ou contaminada, o Sal estará perfeitamente puro.

O carbono é eliminado por meio da calcinação (elemento Fogo). E como a sílica é insolúvel, a separação é feita pela água: dissolução do sal, filtração que elimina a sílica e coagulação que recupera o Sal. Este, então, readquire um imenso poder de atração: seu vazio o torna faminto pelos princípios da vida, Mercúrio e Enxofre, contidos na tintura. Ele se saciará com energias boas ou más, mas apenas as energias em harmonia com ele se fixarão nele. Uma segunda purificação pelo Fogo eliminará qualquer energia não harmoniosa. Progressivamente, à medida que o processo se repete, a tintura se purifica e a mistura reencontra sua parte positiva

original. De fato, suas propriedades se invertem e, ainda que sua estrutura negativa a tornasse inicialmente tóxica, sua nova estrutura positiva a tornará benéfica e curativa. As energias de Enxofre e Mercúrio agora predominam.

Observe-se que, nesse processo, a vida mercurial da tintura deve ser preservada, sendo recuperada da forma mais completa possível após cada circulação e antes de cada purificação. Se tivermos separado o Mercúrio e o Enxofre da tintura, podemos modificar o processo purificando o Enxofre conforme descrito acima e reincorporando o Mercúrio purificado por meio de destilações e embebições. Esse mecanismo funciona tanto no reino vegetal quanto no mineral. O mesmo processo é empregado na *acuatura*²⁵⁶ ou *afiação* do Mercúrio ou da semente metálica por *cohobação* e *digestão* sobre a terra, seguidas de destilação.

Para retomar nossa introdução, podemos dizer que a homeopatia provoca a inversão dos efeitos da mistura no corpo do paciente por meio da eliminação do suporte físico e da transferência dessas energias para o solvente.

Na alquimia-espagírica, ocorre a mesma inversão, mas pela eliminação não do suporte físico, e sim dos elementos impuros. É, portanto, lógico concluir que o poder curativo do elixir alquímico é da mesma natureza daquele obtido pelas diluições homeopáticas das mesmas misturas. No entanto, no elixir espagírico, as energias serão mais potentes do que na diluição homeopática, pois foram fortemente atraídas pelo Sal. Por outro lado, é preciso acrescentar que operações repetidas de *cohobação* e *destilação* exaltam as energias, e que existe, nos resultados obtidos, certa analogia entre diluição e circulação-cohobação nesse processo de exaltação.

Ora et Labora

²⁵⁶ **Acuatura**, no contexto da alquimia, refere-se ao processo de tornar uma substância mais "aguda", penetrante ou ativa — especialmente o Mercúrio filosófico ou a semente metálica — por meio de técnicas como a **cohobação** (repetida destilação sobre o mesmo corpo) e **digestão** (aquecimento prolongado sobre uma terra ou base fixa). Esse processo visa intensificar as propriedades espirituais ou sutis da matéria, preparando-a para transformações posteriores.

Lição 64: Laboratório e Oratório

Caro Amigo,

Embora estejamos chegando à Lição Mineral nº 64, parece importante relembrar certos princípios significativos da obra alquímica e, por outro lado, enfatizar e especificar seus efeitos ou influências complementares. Portanto, esta lição trata de pontos diversos.

Não podemos, na parte prática do nosso trabalho, operar como um químico; no entanto, algum conhecimento de química é essencial, nem que seja apenas por uma questão de segurança operacional.

Também não podemos estudar textos alquímicos da mesma forma que estudamos um manual de física ou matemática. Embora haja uma certa lógica nos textos alquímicos, estudá-los implica considerar seu lado iniciático, sua linguagem simbólica e, além disso, a forma como foram cifrados.

Algumas escolas afirmam que se deve estudar a teoria antes da prática. Há uma certa verdade relativa nesse modo de proceder. De fato, certos textos alquímicos só podem ser decodificados quando sustentados por uma experimentação prática: por isso, deve-se alternar o estudo e a prática, pois um ilumina o outro. Por outro lado, o elemento iniciático exige um trabalho que não seja exclusivamente intelectual; o estudo intelectual é, de certo modo, a semente que deve germinar e se transmutar dentro de nós. Na verdade, na alquimia, como em qualquer caminho iniciático verdadeiro, tudo se move lenta mas seguramente em direção à unidade. Assim, se forem necessárias divisões artificiais de conhecimento para simplificar as explicações, essas divisões devem, progressivamente, se tornar claras e, por fim, desaparecer.

OPERAÇÃO–OPERADOR e LABORATÓRIO–ORATÓRIO

Já mencionamos que o operador reage à operação e sobre a operação e, mais importante ainda, que a operação tem uma reação sobre o operador. Isso implica várias coisas em relação ao trabalho de laboratório.

Essa simetria de reação é mais intensa no reino mineral do que no vegetal: portanto, ela se tornará cada vez mais exigente à medida que avançamos na experiência. Também podemos dizer que o laboratório deve, progressivamente, tornar-se mais um oratório, ou seja, que o verdadeiro trabalho alquímico só ocorre quando estamos sozinhos no laboratório ou apenas na presença do casal alquímico.

As operações de circulação e digestão, que consomem bastante tempo, obviamente não exigem a presença ininterrupta do alquimista. No entanto, o início dessas operações deve ser objeto de uma meditação-comunhão. O operador deve

esforçar-se para se identificar interiormente com a natureza, por meio do canal da matéria que está sendo operada. Uma preparação é necessária para que essa identificação possa ser sentida. Isso é possível através da meditação, de operações cabalísticas, ou utilizando um sistema completamente diferente que nos permita modificar nossas energias internas na direção desejada. Quando o operador alcança o estado necessário para se tornar eficiente no laboratório, surge um segundo problema, nada fácil de resolver, que é:

O ESTADO FILOSÓFICO DA MATÉRIA (ou da MISTURA)

Dissemos nas Lições de Espagiria que o estado filosófico é satisfatório quando os três princípios Mercúrio, Enxofre e Sal estão presentes. Embora essa condição seja suficiente na Espagiria, não é o bastante no reino mineral e metálico. Os três princípios podem estar presentes e, mesmo assim, o estado filosófico não estar realizado, o que não é algo frequente, mas é possível.

A alquimia afirma que o processo generativo das misturas é análogo, senão idêntico, nos três reinos. De fato, no reino vegetal (o reino em que sua mecânica é mais evidente), temos a semente, a água e a terra. Se a terra foi devidamente preparada, suficientemente embebida com água, a semente pode ser plantada nela. Mas a geração ocorrerá, ou seja, a semente se multiplicará, apenas se ainda estiver viva, isto é, se ainda possuir seu poder germinativo invisível e, então, se as condições de temperatura (Fogo) forem adequadas.

Um corpo é verdadeiramente filosófico apenas quando possui em si o poder germinativo de seu reino. O trigo é filosófico; uma vez semeado, multiplicar-se-á. "Pão semeado" não produzirá nada, portanto não é filosófico.

No reino mineral, um minério é filosófico somente se conseguirmos extrair dele sua semente e sua água minerais, ou seja, o úmido radical; apenas a terra branca deve ser deixada. Se isso não ocorrer com nossa matéria, devemos encontrar um método eficaz para revivificar nossa mistura e devolver-lhe a vida, juntamente com seu poder germinativo dentro de seu próprio reino.

Nas Lições de Espagiria sobre o Arqueu e o Gur, dissemos que a semente universal chega à terra por meio do ar da atmosfera. Ao chegar, a semente é indeterminada, ou seja, não pertence a nenhum reino em particular.

Ela pode, de fato, permanecer no ar ou ser incorporada à água da chuva. A água não pertence a nenhum reino, mas é, por natureza, a mistura da vida, de modo que a semente contida nela ainda não está determinada; é por isso que a fecundação do Gur pelo Arqueu pode gerar um resultado nos três reinos.

Portanto, há várias soluções para restituir o poder germinativo à mistura:

a)

Agora explicaremos:

- Coletar água da chuva;
- Preparar o Arqueu conforme o reino da mistura;
- Circular a mistura com o Arqueu ou simplesmente embebê-la com o Arqueu.

b)

- Usar o que os Antigos chamavam de Ímãs, ou seja, sais deliquescentes que, ao absorverem a umidade do ar, são carregados com a semente. Nesse caso, no entanto, a semente virá de um reino determinado, conforme a natureza do Ímã.
- A deliquescência do carbonato de potássio (sal de tártaro calcinado) fornecerá uma semente vegetal bastante útil nas preparações feitas a partir de plantas secas.
- A deliquescência da manteiga de antimônio oferece uma semente do reino metálico.
- Fazer com que o sal duplo da dissolução descrito acima entre em deliquescência, isto é, o sal de orvalho nitrato de amônio – e o sal amoníaco – o cloreto de amônio – moldará filosoficamente o régulo marcial do antimônio dissolvido por esse sal duplo. Podemos produzir a dupla dissolução do sal duplo com um Arqueu devidamente preparado.

Agora explicaremos:

A DIFERENÇA ENTRE O ESTADO FILOSÓFICO E A MISTURA CARREGADA

Uma mistura é dita carregada quando suas energias elementares e sutis — Fogo, Ar, Água e Terra — foram reforçadas, seja separadamente, em pares, trios ou os quatro juntos. Carregar uma mistura nem sempre significa que o estado filosófico foi restabelecido. O interessante de uma mistura carregada é que ela irradiará seu excesso de energia e, assim, será benéfica ao seu ambiente, se suas energias corresponderem às necessárias para aquele ambiente.

A forma mais prática de carregar uma mistura é usar, por meio da Cabala, seu gênio planetário correspondente e então reforçar o elemento que se deseja fazer irradiar.

Se usarmos um “Ímã” para extrair diretamente energia do ar, deve-se lembrar que a transferência de energia do Ímã para a mistura só ocorre no estado líquido.

CONTAMINAÇÃO DA MATÉRIA

Vamos considerar as razões pelas quais o trabalho deve ser realizado sozinho ou por um casal no laboratório. Todo ser humano está “carregado” e, portanto, irradia uma energia harmônica (ou não) em seu ambiente. Se alguém alheio ao nosso trabalho estiver presente no laboratório quando a mistura estiver no estado líquido, ela poderá se carregar com a radiação dessa pessoa — ou seja, uma radiação diferente daquela do operador. Há o risco de problemas e falhas. Já mencionamos que as destilações de acetatos metálicos fracassam quando várias pessoas estão presentes. Durante essa operação, há uma sequência de passagens do estado sólido ao líquido e vice-versa, e a contaminação provavelmente ocorre quando a matéria está no estado líquido.

Esperamos que essas informações o ajudem a estabelecer um paralelo entre laboratório e oratório. Nesse sentido, sugerimos que comece cada sessão de trabalho acendendo uma vela e meditando por alguns minutos sobre o símbolo de nossa própria luz interior que desejamos despertar em nós.

CONHECIMENTO ALQUÍMICO

Assim que tocamos no elemento iniciático do conhecimento, como é o caso da alquimia, uma análise simples e racional já não é suficiente. É necessário um conhecimento de outra categoria, um conhecimento mais sutil. Talvez seja por isso que os Antigos chamaram a alquimia de “Arte Real”. A Arte contém tanto o conhecimento técnico quanto o dom; a palavra “dom” poderia também ser traduzida como “conhecimento interior”.

Portanto, ao estudarmos escritos antigos, não devemos de forma alguma tomá-los ao pé da letra, mas esforçar-nos para compreender seu significado interior por meio da intuição e da assimilação dos símbolos, especialmente os dos sete metais, dos signos zodiacais e dos diversos sais não incluídos nas duas categorias anteriores.

Um exemplo de tradução simplificada dos três caminhos de Urbigerus, temos: terra, úmido radical, semente.

– Caminho nº 1: caminho demorado, não destruímos nenhum dos três elementos, mas eles são separados por meio da digestão;

– Caminhos nº 2 e nº 3: aceitamos destruir a semente para acelerar a preparação da terra e do úmido radical; há então duas soluções para recuperar a semente:

1. recuperá-la na escória da preparação do antimônio;

2. recuperá-la em “nosso ouro”;

Para alcançar o estado unitário, que é o objetivo de todos os caminhos iniciáticos, não perca de vista a teoria dos três tempos: teoria–prática–Conhecimento e mantenha em mente que a vida e a evolução estão sempre presentes nos três reinos e que os processos alquímicos são semelhantes aos da natureza.

ORA ET LABORA!

Lição 65: Purificação do Antimônio

Caro Amigo,

PURIFICAÇÃO DO ANTIMÔNIO

(sem odores desagradáveis ou gases nocivos)

Dissolução do minério

A primeira operação consiste na dissolução do minério de antimônio em uma solução de soda, cujas proporções podem variar de acordo com a qualidade do minério.

- Para cada parte de minério, utilizar cerca de meia parte de soda e aproximadamente 10 partes de água desmineralizada (proporções para o minério da Bretanha, na França);
- Sempre operar a frio, mas agitar constantemente: coloque a mistura em um frasco e mexa lentamente (4 a 5 voltas por minuto), mantendo o conjunto inclinado a 45°;
- Filtrar a solução duas vezes através de algodão;
- Ter cuidado para manter a solução em um frasco fechado se não for usá-la imediatamente, pois é sensível ao dióxido de carbono do ar e também muito perigosa para os olhos.

Montagem do aparelho (ver figura anexa):

- Encha o frasco nº 4 com uma solução de amônia até a marca indicada;
- Em hipótese alguma o líquido deve atingir as extremidades dos tubos mais curtos;
- O tubo longo do frasco coletor nº 4 é afunilado para manter as bolhas de gás pequenas;
- Despeje ácido clorídrico no frasco nº 5 até cerca de 1 cm abaixo da extremidade do tubo afunilado.

Primeira operação: enchimento do aparelho e precipitação do "Kermes"

- Observação: não foi possível representar com precisão o tubo nº 9 na figura (ele é na verdade mais longo); é necessário cerca de um metro de comprimento para este tubo;
- Abrir as torneiras nº 7 e nº 8;
- Despejar lentamente a solução de soda, certificando-se de que o nível fique aproximadamente entre as extremidades dos tubos nº 10 e nº 9;
- Despejar um pouco de água desmineralizada para eliminar os vestígios da solução de soda no funil e acima da torneira nº 7;
- Fechar as torneiras nº 7 e nº 8;
- Encher o frasco nº 6 com ácido acético e abrir a torneira nº 7; assim que o ácido passar, fechá-la novamente;
- O ácido expulsa o ar do frasco nº 1, o que provoca borbulhamento de ar no frasco nº 4. Esse borbulhamento continua enquanto o ácido reage com a solução. É recomendável uma conexão flexível para o tubo nº 9 e para o tubo que liga o frasco nº 1 ao frasco coletor nº 2, para que o frasco nº 1 possa ser agitado levemente, distribuindo a ação do ácido;
- Reabastecer o frasco nº 6 com ácido acético, abrir novamente a torneira nº 7, e fechá-la assim que o ácido passar. Quando agitar o frasco não causar mais liberação de gás, interromper o fornecimento de ácido.

Funcionamento da primeira operação:

A ação do ácido sobre a solução de soda-antimônio libera gases nocivos, além de odores bastante fortes e desagradáveis. Esses gases são conduzidos pelo tubo nº 10 ao frasco nº 2 e, a partir daí, aos frascos com borbulhadores nº 3 e nº 4. Eles são então neutralizados e, a partir do frasco nº 4, apenas um leve odor de amônia é liberado.

No frasco nº 5, o tubo afunilado termina entre 1 cm e 0,5 cm acima do nível do ácido clorídrico. Os vapores residuais de amônia transformam-se em uma fumaça branca que se condensa na forma de sal amoníaco.

Segunda operação: lavagem do precipitado

O precipitado alaranjado do frasco nº 1 contém uma mistura complexa de sulfeto e oxissulfeto de antimônio, além de acetato de soda.

Este último, que é solúvel em água, deve ser eliminado. Se essa operação não for feita com cautela, fortes odores desagradáveis podem ser liberados.

No frasco nº 1, a base do tubo nº 10 está obstruída com algodão. Para evitar que fique entupido, deixe o algodão se estender até a parte externa do tubo. A função do algodão é filtrar a água da lavagem sem deixar o "kermes" passar.

- Encher o frasco nº 6 com água de chuva filtrada ou, na falta desta, com água comum, e então abrir a torneira nº 7. O nível da água sobe no frasco nº 1 até alcançar a base do tubo nº 10. Se o tubo nº 9 for suficientemente longo, a filtração ocorre com certa rapidez, pois a pressão não é desprezível;
- Continuar despejando água no frasco nº 6. Ela transbordará para o frasco nº 2. Parar assim que o nível da água no frasco nº 2 estiver se aproximando da base dos tubos curtos;
- Nesse momento, conectar uma bomba d'água à extremidade do tubo nº 11 e fechar a torneira nº 8. A água do frasco nº 2 mistura-se à da bomba, o que faz com que quase nenhum odor escape; além disso, a água é evacuada rapidamente;
- Quando o frasco nº 2 estiver vazio, fechar novamente a torneira nº 8 e repetir o processo, despejando mais água no frasco nº 6. Durante a drenagem, é possível intercalar um frasco entre o tubo nº 11 e a bomba d'água. A água coletada fornece informações sobre o progresso da operação, que teoricamente estará concluída quando a densidade atingir 1;
- Proceder agora a uma lavagem adicional com água destilada ou desmineralizada.

Notas e precauções nesta etapa do processo

- A solução juntamente com o "kermes" deve estar inodora ou, no mínimo, com cheiro suportável;
Após a decantação, o "kermes" é seco, mas sem deixar que a temperatura atinja 100 °C;
- Se, após alguns dias, aparecer um pó branco sobre o "kermes" seco, é sinal de que a lavagem com água não foi suficiente;
- Se cristais longos aparecerem sobre o vidro dos frascos nº 3 ou nº 4, a amônia deve ser trocada.

Utilidade deste processo

1 - Prepara o "kermes" para o caminho dos acetatos e para o óleo vermelho de antimônio (sem mais odores desagradáveis);

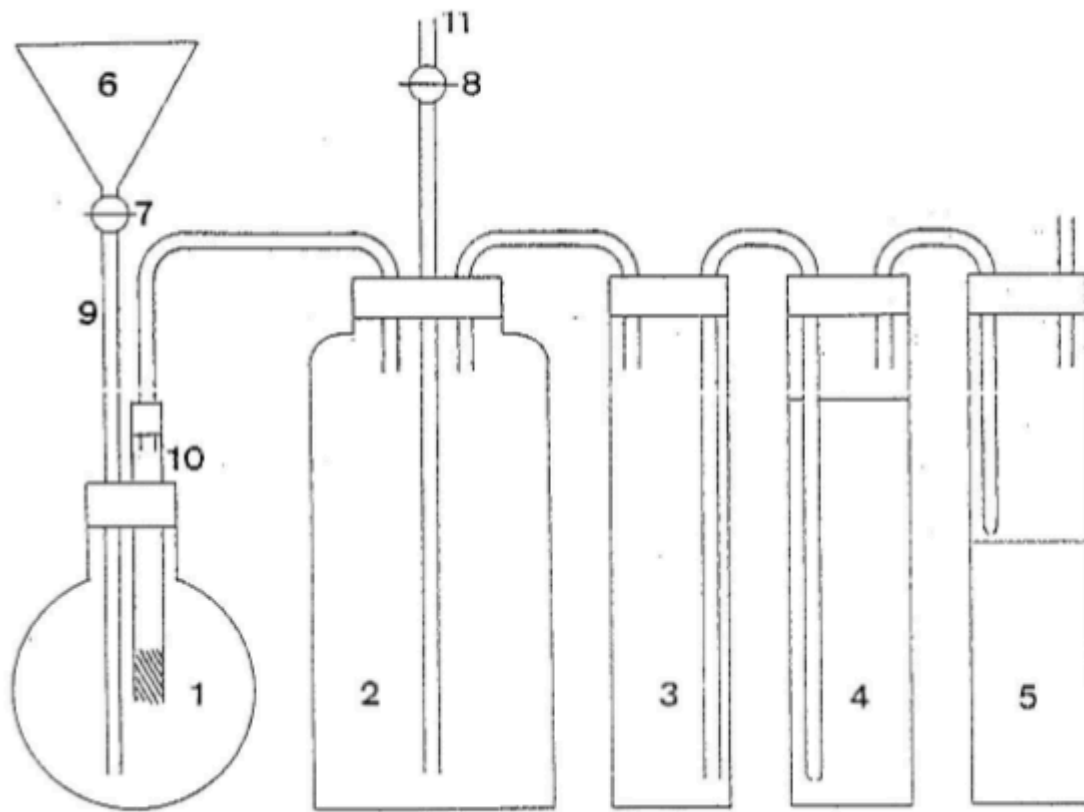
2 - Elimina as escórias do minério para fusão com o regulus;

3 - Neste "kermes", uma parte importante dos "venenos" e "impurezas" foi eliminada. Assim, este processo reduz consideravelmente o tempo de preparação para o sistema da *Collectanea Chemica*. De fato, o arsênico, o sulfeto de arsênico e o enxofre não são solúveis na solução de soda e são eliminados durante a filtração da solução.

ORA ET LABORA!

FIGURA ANEXA:

Produção do "kermes" sem odores.



Lição 66: Plantas Frescas e Celidônia

Caro Amigo,

O tema de que tratamos aqui pode surpreender alguns de vocês, mas achamos útil destacar as identidades do vegetal e do mineral, pois, aparentemente, alguns perderam de vista nossa ascensão rumo à unidade do conhecimento.

Em particular, acreditamos que o *Opus Vegetalis* de Isaac Hollandus tem um duplo significado, mas ambos corretos. Assim, a parte do tratado que se refere à pedra da celidônia pertence tanto ao reino vegetal quanto ao mineral, o que explica o fato de o processo levar a uma “pedra vermelha”.

Vocês provavelmente sabem que nossa *Clase* é o resultado do trabalho de vários indivíduos e que o trabalho aqui apresentado é, na verdade, fruto do esforço de um dos membros do Grupo de Pesquisa da associação.

O estudo desta lição tem duas partes:

1. O que alcançamos, na prática, para ajudar a resolver problemas decorrentes do uso de plantas frescas;
2. A decifração, em linguagem clara, feita por um dos membros da associação, do texto *A Pedra da Celidônia* de Hollandus.

I – Questões Práticas Relativas às Plantas Frescas

As operações com plantas são difíceis na etapa de calcinação, por dois motivos:

- a) liberam maus odores;
- b) perdem elementos úteis para a obtenção da pedra inter-reinos.

O método que vamos descrever permite recuperar todos os elementos úteis da planta fresca. Achamos que também pode ser interessante para vocês conhecerem as melhorias progressivas que fizemos em nosso método à medida que repetíamos os experimentos.

Processo (Figura nº 1)

Na figura, o frasco nº 1 contém a planta fresca. Esse frasco, ou recipiente, é feito de quartzo; se for de pirex, deve ser aquecido em banho de areia e não pode ser reutilizado muitas vezes.

Em nosso primeiro experimento, o frasco nº 1 lançava seus vapores diretamente nos borbulhadores nº 4 e nº 5, cheios de água destilada. O experimento mostrou aumento do volume de água e a formação de um óleo vermelho flutuando em sua superfície.

Num segundo experimento, inserimos um tubo semelhante ao nº 6 entre o frasco nº 1 e os borbulhadores nº 4 e nº 5. O óleo se condensou no nº 6, mas apenas em parte. Isso nos levou ao nosso arranjo atual, ou pelo menos próximo a ele.

O frasco nº 1 enviava seus vapores para o nº 2, um condensador de tubo reto. O óleo e parte da água eram recolhidos no nº 3.

Os gases ainda eram liberados e dissolvidos nos borbulhadores nº 4 e nº 5. Contudo, decidimos mais tarde inserir o nº 6 entre os borbulhadores de água nº 4 e nº 5 e os borbulhadores de amônia nº 7 e nº 8.

No nº 6, os sais voláteis da planta se depositam nas paredes do tubo externo se este permanecer frio. Os borbulhadores de amônia nº 7 e nº 8 neutralizam os odores residuais. O cheiro de amônia é absorvido pelo HCl no nº 9.

Resultados:

- Recolher no nº 3 e separar, por destilação, o óleo vermelho e a água dourada;
- A destilação da água dos nº 5 e nº 6 produz a terra branca;
- Raspagem do nº 7 fornece sal amoníaco;
- O sal amoníaco proveniente do nº 9 não tem valor alquímico.

A Confecção da Pedra de Celidônia Segundo Hollandus

O método usado neste processo extrai sucessivamente os três princípios da pedra a partir das fezes da planta. O líquido de extração, a água dourada inicial, é aguçado — *acuado* — à medida que avançamos com o *solve et coagula*, tornando-se progressivamente mais capaz de extrair os princípios mais sutis.

Na figura, os 5 estágios são os seguintes:

1. 1-2-3-4: preparação e purificação da água dourada;
2. 5-6-7: extração da terra vermelha (TR);

3. 9-10: extração do sal harmoniaco²⁵⁷;
4. 11: extração da terra branca (TB);
5. 12-13-14: cohobação, digestão e maturação da pedra.

Sequência das operações representadas na figura:

1. Destilação seca da planta fresca;
2. As fezes são moídas e transformadas em pasta tintorial com o destilado;
3. Fazer uma série de *Solve et Coagula* para dissolver o máximo possível de fezes na água dourada. Se não houver destilado suficiente, pode-se adicionar água tridestilada. Separar todas as fezes não solúveis;
4. A água dourada é clarificada por várias filtrações ou por clarificação com claras de ovo;
5. Após a decantação, a água dourada vai para o nº 7 e as fezes para o nº 8;
6. As fezes dos nº 3 e nº 4 são submetidas a uma série de *Solve et Coagula* com a água proveniente do nº 4. As fezes vão para o nº 8 e a água para o nº 7;
7. A destilação seca das fezes fornece a terra vermelha purificada em TR;
8. Novas séries de *Solve et Coagula* sobre as fezes dos nº 5 e nº 6. A água vai para o nº 10, as fezes para o nº 9;
9. A destilação seca das fezes fornece uma água, que vai para o nº 10, e um óleo, recolhido por borbulhamento na água;

²⁵⁷ O **sal harmoniaco** é comparado ao **sal amoníaco** (cloreto de amônio, NH_4Cl) em algumas interpretações, mas no contexto alquímico, ele tem um significado mais esotérico e simbólico, ligado à união dos princípios e à estabilização da matéria.

10. Uma série de *Solve et Coagula* nas três águas e uma destilação seca para obter o sal harmoniaco;
11. A água do nº 10 e as fezes do nº 9 chegam ao nº 11. Uma destilação seca fornece a terra branca (TB), que é cohobada com os óleos do nº 9, previamente retificados em água fervente;
12. Fazer uma pasta com a água do nº 11, a terra branca, a terra vermelha e o sal harmoniaco. Digere-se por 22 dias a 40 °C;
13. Digere-se por 40 dias a 40 °C em um cadinho selado;
14. Calcinação e fusão do pó em pedra.

ORA ET LABORA!

FIGURAS ANEXAS:

Figura 1 – Trabalho com planta fresca;

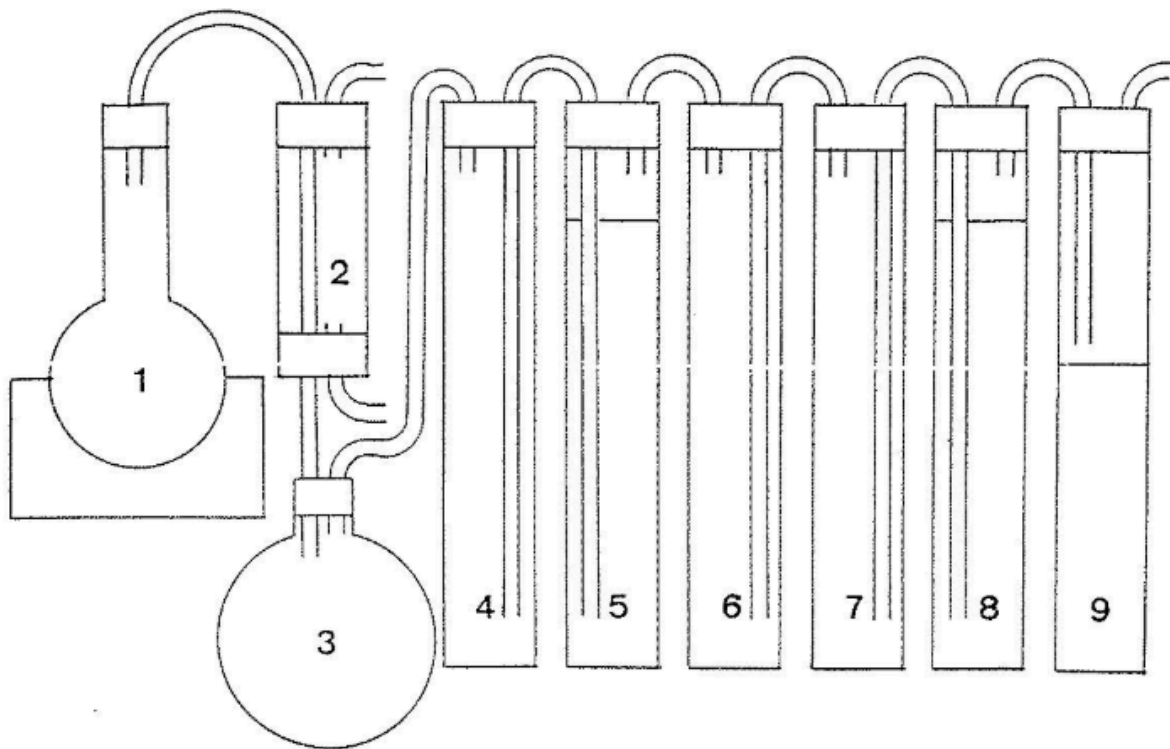
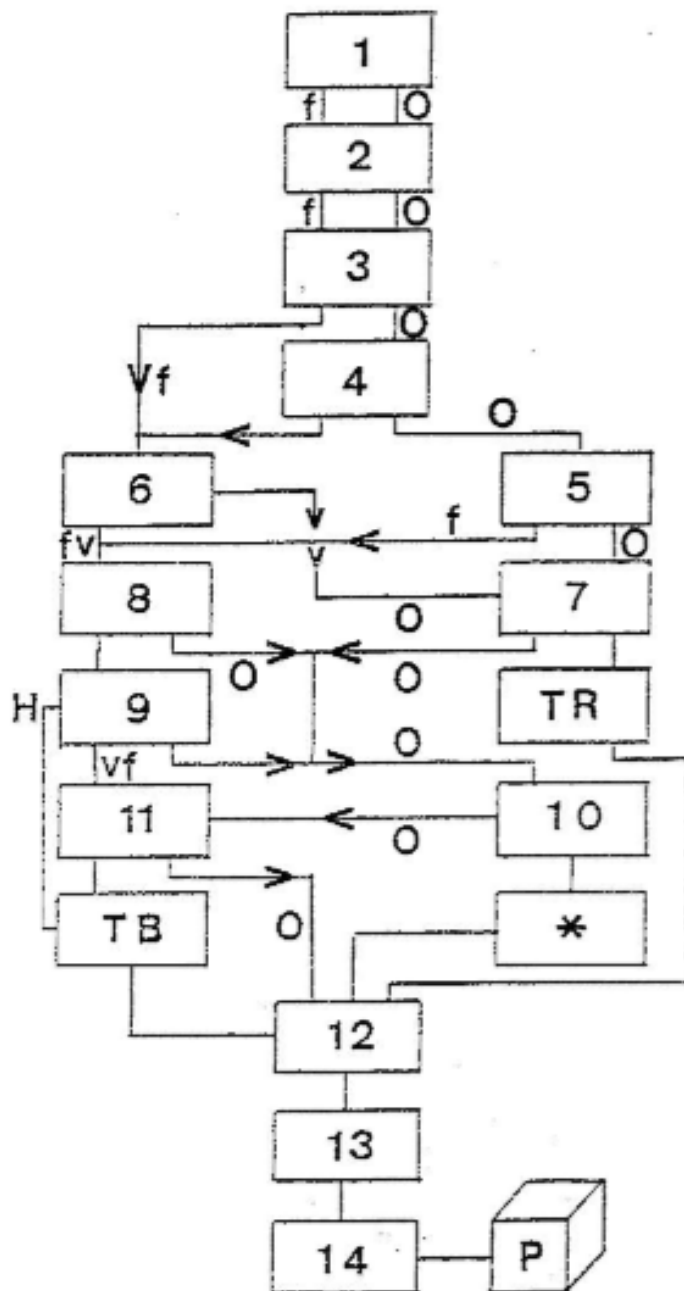


Figura 2 – Figura da Pedra de Celidônia.



Lição 67: Segurança e Precauções para Mercúrio e Antimônio

Caro Amigo,

Segue uma série de medidas de precaução cuja necessidade se tornou evidente durante os trabalhos experimentais.

BORBULHAMENTO DE AMÔNIA

Se você já começou a trabalhar com os dispositivos descritos nas Lições Minerais nº 65 e nº 66, pode ter presenciado a liberação de gás cloro, resultando em um depósito branco no vidro e na oxidação de tudo que é metálico. Porém, como o odor da amônia tende a se espalhar e não pode ser neutralizado, é necessário um método: o problema pode ser resolvido — não com HCl — mas com um borbulhador de ácido acético. Durante o borbulhamento, forma-se um pouco de espírito de Menderenius²⁵⁸.

MEDIDAS DE SEGURANÇA COM O MERCÚRIO

Descrevemos recentemente um sistema para destilar mercúrio. Nossa experiência mostrou que, ao manipular esse metal, foi impossível evitar a formação de microesferas. Isso provoca alguma perda de metal, mas sobretudo um risco de contaminação do laboratório, pois essas microesferas são praticamente impossíveis de recuperar do chão. Para contornar, coloque o destilador dentro de um recipiente plástico suficientemente grande e realize toda a operação sobre ele e praticamente dentro dele. De tempos em tempos, junte as esferas com um pincel e recupere-as.

Se separarmos o mercúrio destilado da água do tubo condensador com um bulbo de decantação, evitamos uma ou duas destilações adicionais ao despejar ácido acético e sal comum (sal marinho) no bulbo; agite de vez em quando e será possível ver os pontos pretos de mercúrio se dissolvendo.

NOTAS SOBRE A DISSOLUÇÃO DE METAIS COM O SAL DUPLO DE AMÔNIA

1. Recolha um pouco de água da chuva (veja Lições Espagíricas nº 20 e nº 21);
2. Prepare um Archeus no qual os quatro elementos estejam equilibrados;

²⁵⁸ **Menderenius** embora não exista menção ao espírito de Menderenius nos bancos de dados químicos e nos tratados de alquimia pesquisados, ele provavelmente corresponde a um cloraminado, dada a reação aqui determinada. Ele pode ser uma monocloramina ou dicloramina que pode ser formada por reações entre o cloro residual e amônia, ou ainda a um derivado volátil de acetato de amônio. Sem uma caracterização analítica (espectroscopia ou cromatografia gasosa) sua natureza química exata não pode ser afirmada dentro da química moderna.

3. Dissolva até saturação cada um dos sais no Archeus. Faça uma dissolução separada para cada sal;
4. O nitrato é cerca de 4 vezes mais solúvel que o cloreto. Portanto, o líquido de dissolução deve conter 12 partes de solução de cloreto para 1 parte de solução de nitrato;
5. Se a temperatura da incubadora for a adequada, a “semente” pode aparecer em algumas semanas.

PRECAUÇÕES PRÁTICAS PARA A CALCINAÇÃO DA MARCASSITA E DA ESTIBINA

Jamais calcine pedaços de marcassita: ocorre uma explosão violenta e os fragmentos são lançados, criando perigo. Portanto, reduza-a a pó antes de calcinar.

O mesmo vale para a estibina. Contudo, para a fabricação da manteiga, o pó não serve. Assim, é preciso quebrar a estibina em pedaços do tamanho de uma ervilha pequena até o de uma avelã, porque, se os pedaços forem grandes demais, ao explodirem podem quebrar o tubo de reação.

OUTRO ALERTA PARA A DESTILAÇÃO SECA DA ESTIBINA

Ao preparar vinagre de antimônio ou destilar a mistura de estibina + sal amoníaco, nunca reaqueça o balão após a destilação sem antes limpá-lo minuciosamente. De fato, uma camada de minério se deposita em toda a superfície do balão, e se você o reaquecer, a dilatação dessa camada quebra o balão (mesmo se for de quartzo).

INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE A MANTEIGA DE ANTIMÔNIO

O interessante da manteiga de antimônio, quando bem destilada, posta em deliquescência e redestilada, é que pode levar ao estágio negro da Obra em menos de um mês. (Voltaremos a este assunto no futuro).

O método antigo com bicloreto de mercúrio já não é possível, tanto pelo custo quanto pela toxicidade. Descrevemos, portanto, um processo que apresenta algumas dificuldades e exige extremo cuidado e prudência. Mas as sucessivas modificações em nossos experimentos tornaram o método bem mais simples.

Os incidentes — que podem se tornar perigosos se não houver proteção (luvas, óculos, ou uma placa de vidro protetora) — têm essencialmente três origens:

1. Entupimento do tubo de reação por estibina fundida ou pó resultante de sua explosão;

2. Entupimento pela manteiga, seja na saída do tubo G, próximo aos pontos Vigreux, ou no condensador;
3. Bloqueio do dispositivo de borbulhamento por várias impurezas.

DESCRIÇÃO DO NOVO APARELHO E SEU FUNCIONAMENTO

1. -B: Balão - C: Aquecedor do balão - D: triac
~ Carregue o balão B com sal marinho e ácido nítrico até um terço de seu volume; o nível do ácido deve ficar 1 cm acima do sal. O triac controla muito progressivamente o aumento do calor, mas o aquecedor não deve receber mais que metade da voltagem da rede.
 - G: tubo de reação - H: resistência de aquecimento - J: termopar;
- No tubo de reação, introduza o tubo N (sua presença só é necessária em minério que produza muito pó);
~ As graduações no tubo permitem melhor circulação do gás;
- Carregue o tubo G com pedaços de estibina;
- Uma bobina de aquecimento de sílica é enrolada no tubo até os pontos Vigreux, alimentada por um autotransformador, e um voltímetro controla constantemente a tensão aplicada;
- Insira uma sonda de termopar fina entre o tubo extrator e a bobina (uma sonda grossa afasta a resistência e espalha mal o calor);
- É necessário iniciar a circulação de água em K ao mesmo tempo que o aquecimento do tubo;
- Estabilize a temperatura de G antes de aquecer B, em torno de 250 – 280 °C. Não ultrapasse 280 °C. Descobrimos que, com certos minérios, o gás liberado de B formava um fundente com as impurezas da estibina, criando inevitavelmente uma explosão, já que o regulus solidifica no fundo de G;
~ Papel-alumínio em volta da resistência a protege da ação corrosiva do gás, caso algum encaixe não esteja 100% hermético.

Nota: a manteiga de antimônio ferve a 283 °C.

3. O condensador K é resfriado com água, mas, como nos arranjos anteriores, pode-se inserir lucrativamente um tubo não resfriado entre G e K.
4. L: balão coletor. Ele deve ser trocado quando a manteiga acumulada nas paredes dos condensadores cair.
 - O tubo M é a chave da segurança. Se G e K entupirem, o gás aumenta a pressão em B. Pode deslocar o mercúrio e escapar pelo circuito de borbulhamento. Durante o resfriamento, o mercúrio é empurrado no sentido inverso; por isso, se tivermos 10 cm de altura de mercúrio, o tubo deve ter pelo menos 40 a 50 cm acima da superfície.
Às vezes, liberações súbitas de gás podem empurrar o mercúrio para dentro do tubo nº 4 do borbulhamento. Para evitar isso, pode-se instalar um pequeno bulbo Kjeldahl, sem vedação, no topo do tubo M, no lado oposto à extensão A.
5. Esse arranjo de 4 tubos corresponde ao sistema de duplo borbulhamento já descrito. Porém, aqui duas precauções adicionais são obrigatórias:
 - a) o tubo que liga o nº 3 ao nº 4 deve ser cuidadosamente dobrado sem diminuir seu diâmetro interno, caso contrário os depósitos brancos podem obstruí-lo. Se surgirem depósitos, interrompa imediatamente o aquecimento de B. É útil ter um dispositivo simples, como um bloco grosso, para retirar rapidamente o balão B do aquecedor C;
 - b) insira papel indicador de pH no tubo que liga o nº 2 ao nº 3; enquanto o papel estiver azul, tudo está bem, mas assim que ficar rosa, pare e troque a amônia nos tubos nº 3 e nº 4.

Preparação dos produtos para maior segurança

A experiência mostra que existem dois tipos de produtos parasitas que podem obstruir, seja no início do circuito de segurança do mercúrio, seja nos tubos de borbulhamento. Para reduzir ao mínimo esse risco, são necessárias as seguintes operações:

1. Um Solve Coagula no sal marinho com água da chuva destilada ou água desmineralizada;
2. Utilizar ácido nítrico com o mínimo de impurezas; se necessário, destilá-lo antes (operação difícil e que exige muitas medidas de segurança);

3. Escolher pedaços de estibina com o mínimo de ganga²⁵⁹ possível. Elimine, se possível, o enxofre livre por circulação em Soxhlet com CCl_4 ²⁶⁰. Atenção: este produto é difícil de eliminar e muito perigoso quando quente. Para removê-lo, faça uma circulação com acetona destilada e seque cuidadosamente os pedaços de estibina antes de carregar o tubo de reação.

Conselhos para a segurança do operador

1. Planeje para que o operador fique o mais distante possível do aparelho;
2. Alimente a resistência e o aquecedor do balão por cabos separados;
3. Tenha ao alcance, de onde está, o triac do aquecedor, o autotransformador da resistência e, se possível, um voltímetro para cada aparelho;
4. Certifique-se de que o operador, de sua posição, possa ver: ~ as graduações do milivoltímetro de temperatura; ~ o tubo de mercúrio; ~ os tubos nº 3 e nº 4 do borbulhamento;
5. Se o nível do mercúrio cair 15 a 20 cm, o tubo de reação está entupido. Nesse caso, desligue o aquecedor do balão, mas não a resistência do tubo, pois a manteiga pode escorrer. Se o nível do mercúrio voltar a se equilibrar, restabeleça lentamente o aquecimento do balão;
6. Se formar um depósito branco nos tubos nº 3 e nº 4 e o borbulhamento cessar ou enfraquecer, desligue os dois circuitos. Não se aproxime antes do resfriamento, a menos que esteja de máscara, óculos e luvas, para retirar rapidamente o bloco de suporte do aquecedor;
Se, após o resfriamento, o nível do mercúrio estiver desequilibrado em direção ao balão, então o tubo de reação está entupido. É necessário desmontar todo o aparelho antes de recomeçar.

²⁵⁹ **Ganga** é o termo utilizado em mineralogia para designar os minerais ou materiais que acompanham o minério valioso em uma jazida, mas que não possuem interesse econômico direto. Por esse motivo, a ganga é considerada a parte indesejável ou descartada do minério durante o processo de beneficiamento. Comumente composta por minerais como quartzo, calcita ou feldspato, sua separação é essencial para a obtenção do material de interesse comercial.

²⁶⁰ **Tetracloroeto de carbono (CCl_4)** foi amplamente utilizado como solvente em processos industriais e laboratoriais devido à sua capacidade de dissolver óleos, gorduras, ceras e resinas. No entanto, seu uso foi progressivamente restringido por causa de sua toxicidade e potencial carcinogênico, além de seus efeitos nocivos à camada de ozônio.

7. Se vapores brancos saírem após o borbulhamento com ácido acético e o papel de pH tiver ficado rosa, significa que a amônia acabou. Nesse caso, deixe tudo esfriar antes de carregar mais amônia.

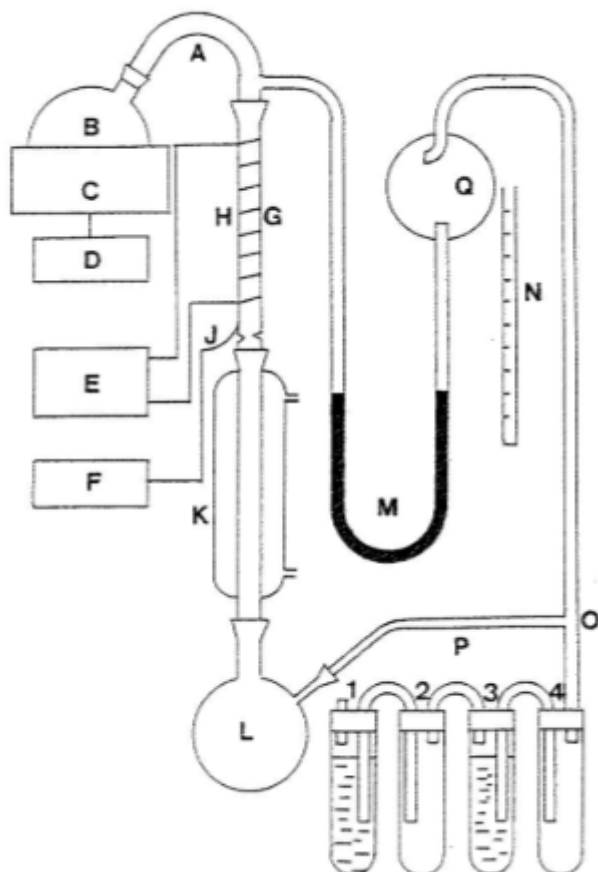
Esse processo de preparação da manteiga de antimônio exigiu muito trabalho da LPN em geral, inúmeros experimentos e várias modificações no aparelho, por isso esperamos que sua discrição ajude a manter os resultados desse árduo trabalho dentro da LPN.

Mesmo destacando todas essas medidas de segurança, isso não dispensa a vigilância constante durante as operações.

ORA ET LABORA!

FIGURA ANEXA:

Aparelho seguro para a manteiga de antimônio



LEGENDA

- A - Extensão em cotovelo com vidro esmerilhado e saída lateral;
- B - Balão contendo ácido e sal;
- C - Aquecedor do balão;
- D - Triac controlando o aquecedor do balão;
- E - Autotransformador alimentando a resistência H;
- F - Milivoltímetro indicando a temperatura;
- G - Tubo de reação com vidro esmerilhado e 4 pontos Vigreux em sua extremidade inferior;

- H - Resistência de aquecimento, bobina de sílica;
- J - Sonda de termopar fina;
- K - Condensador reto de vidro esmerilhado;
- L - Balão coletor com duas entradas de vidro esmerilhado;
- M - Mercúrio no tubo em cotovelo;
- N - Tubo de vidro borossilicato com graduações;
- O - Conexão em “T” para saídas de gás;
- P - 4 tubos de borbulhamento de amônia e ácido acético;
- Q - Pequeno bulbo Kjeldahl (opcional).

Lição 68: Teoria e Prática da Collectanea Chemica

Caro Amigo,

Enfatizamos bastante a preparação da manteiga de antimônio por duas razões essenciais que devem ser sempre lembradas. Em primeiro lugar, a experiência mostra que a manteiga é, de longe, o melhor Ímã segundo o conceito alquímico, e, portanto, um elemento poderoso para desencadear a evolução alquímica metálica. Por outro lado, quaisquer que sejam as medidas de segurança adotadas ou o processo utilizado, sempre há um risco importante de sobrepressão devido ao entupimento de um tubo. Esforçamo-nos para reduzir esse ponto de risco ao mínimo.

A aparelhagem sugerida na lição anterior é a melhor que encontramos até agora. Mas isso não significa que dispense cuidados. É, portanto, necessário desmontá-la após cada uso e eliminar cuidadosamente todos os elementos que possam constituir o início de uma obstrução para a operação seguinte.

É óbvio, e não mencionamos antes, que quanto maior o diâmetro dos tubos de borbulhamento, menores são as chances de ficarem obstruídos.

Algumas medidas adicionais de segurança: se for usado um condensador para a primeira condensação da manteiga, aumente a área de solidificação alimentando o condensador com água a 60–70 °C. Assim se elimina uma das principais causas de entupimento. Esse método também é bom para destilar a deliquescência da manteiga.

Experimento para explicar a teoria apresentada na Collectanea Chemica

A Collectanea também afirma que, se os venenos forem eliminados do minério nativo (vivo) e se este for moldado em condições adequadas, sua evolução pode recomeçar. As condições favoráveis são (em nossa opinião) uma temperatura de 80 °C e um ambiente sem ar e privado de luz.

Pensamos que talvez fosse possível purificar o minério sem recorrer ao processo demorado e trabalhoso da Collectanea. Podemos, por exemplo, fazê-lo circular com solventes como tetracloreto de carbono para eliminar o enxofre livre. Outro método, particularmente aplicável à estibina, é a digestão por meio de soda. Na verdade, estamos retornando à preparação e lixiviação do “Kermes”. A experiência mostra (até hoje) que os produtos assim preparados não “recomeçam”.

Meditando sobre os processos da Collectanea Chemica, examinando as névoas impalpáveis que se erguem do metal após muitas operações e levando em conta a frase do antigo texto que diz que a calcinação abre os poros da matéria, fomos levados a crer que, nesse processo, a mecânica é a seguinte.

Na maioria das operações químicas comuns, a matéria se apresenta aglomerada. Em certo sentido, surge sob a forma de pacotes de átomos, digamos “moléculas”, em vez de átomos separados. Assim, o que os antigos chamavam de abertura dos poros poderia muito bem significar, de certo modo, a redução da matéria ao seu estado atômico. Em outras palavras, a repetição das operações leva progressivamente ao isolamento de um número cada vez maior de átomos entre si, e essa matéria “atomizada” adquire propriedades evolutivas diferentes da matéria “molecular” original. A eliminação dos “venenos” sendo apenas acessória.

Isso nos levou a reexaminar as descrições dos processos usando o mercúrio comum. Para esse fim, pretendemos futuramente experimentar esses processos, sem perder de vista as seguintes noções. O mercúrio, por ser líquido, perde seu espírito à temperatura ambiente. Portanto, deve ser revivificado pelo antimônio, por exemplo, mas mantido encerrado em um invólucro assim que tiver sido revivificado. A segunda coisa a obter segue a linha do que já mencionamos: o mercúrio não deve mais ser “molecular”, mas “atomizado”, o que talvez seja mais fácil de alcançar em estado líquido do que em estado sólido.

Pensamos que essa noção de “atomização” lança luz, em particular, sobre o texto da *Practica Philosophica*²⁶¹ e sobre o texto do *Divine Cinnabar* de Hurley²⁶².

Como sugestão para aqueles que buscam um caminho pessoal nesse campo, a “atomização” do mercúrio talvez possa ser obtida por uma série de destilações, e sua revivificação poderia então ser efetuada pela transferência do enxofre para o antimônio.

Nota sobre a preparação e recuperação da manteiga de antimônio

Durante repetidas deliquescências e destilações da manteiga, é necessário limpar o aparelho de quaisquer marcas residuais dela. Isso é facilmente feito por lixiviação com HCl, que não deve ser descartado, mas reservado para uso até que esteja saturado.

²⁶¹ A **Practica Philosophica** é um tratado alquímico tradicionalmente atribuído a Basilus Valentinus, pseudônimo possivelmente de um monge alemão do início do século XV. Publicada pela primeira vez em Leipzig em 1604, reúne instruções práticas para destilação, sublimação e fixação de mercúrio e outros metais. Circulou amplamente em manuscritos e edições impressas nos séculos XVI e XVII, influenciando práticas herméticas e laboratoriais na Europa pré-moderna.

²⁶² **Michael D. Hurley (n. 1976)** é Professor de Literatura e Teologia na Universidade de Cambridge, Fellow e Director of Studies em Inglês no Trinity College, Cambridge. Em *The Divine Cinnabar* (*Hermetic Review*, 2018), Hurley combina análise literária, hermenêutica teológica e leituras de textos herméticos clássicos para posicionar o cinábrio como mediador simbólico de transmutação interior, dissolvendo fronteiras entre matéria e espírito. Essa leitura foi elaborada posteriormente ao lançamento do curso de alquimia mineral por Jean Dubuis, sendo impossível que o autor francês tenha citado Hurley diretamente, dado o intervalo temporal entre suas respectivas publicações. A menção provavelmente decorre de um acréscimo interpretativo feito em uma tradução comentada do curso, realizada após sua publicação original.

A destilação desse ácido permite recuperar parte da manteiga, mas a operação não é fácil porque ocorrem certos fenômenos semelhantes aos que se verificam quando se tenta destilar acetato de amônio. O que parece melhor é o seguinte método:

- Destilar de 15 a 20% do líquido;
- Deixar esfriar. Formar-se-ão cristais. Separá-los do líquido e repetir o processo. Chega um momento em que a cristalização já não ocorre, então mistura-se o destilado com o ácido não destilado e utiliza-se novamente para lixiviação.

O método de destilação-cristalização também permite a produção de um pouco de manteiga da seguinte maneira:

- Recuperar o leão negro resultante da destilação seca do acetato de antimônio e dissolvê-lo em ClH, que é então filtrado. O líquido destilado, como antes, fornece vários cristais de manteiga;
- Não destilar em circuito hermético; a saída deve passar por um borbulhador carregado com carbonato de sódio ou carbonato de potássio;
- A mesma experiência com “Kermes” dissolvido não fornece nenhuma manteiga;
- Nestas operações, pode formar-se um óleo amarelo, que é pentacloreto de antimônio. O aquecimento desse óleo o decompõe em manteiga e cloreto.

ORA ET LABORA!

Lição 69: Evolução e Reinos

Caro Amigo,

A EVOLUÇÃO DA MATÉRIA

(Comparação entre os reinos vegetal e mineral)

Já mencionamos, e concordamos nesse ponto com muitos autores, que a evolução é um elemento importante dos processos alquímicos. Em resumo, repetir uma operação sobre a mesma matéria possui um poder evolutivo semelhante ao do ciclo de nascimento—vida—morte—renascimento... Mas a evolução só pode ocorrer quando os elementos da vida estão presentes, em especial o elemento ativo da vida: o Fogo Δ . Portanto, só podemos experimentar a evolução alquímica com produtos filosóficos, produtos vivos, produtos que possuam um poder germinativo.

A seguir descrevemos uma série de experimentos relativos à evolução da matéria.

Primeiro experimento:

~ Primeiro, filtre a água da chuva, que é uma matéria viva facilmente disponível;

7 Realize uma série de destilações secas;

- Trabalhe sob vácuo parcial com aquecimento em banho-maria para poupar tanto o balão quanto a água;

~ Limpe cuidadosamente o balão após cada destilação;

- Continue do mesmo modo até que reste um resíduo ou até que o balão não esteja tão limpo ao final da operação quanto estava no início;
- Faça de 5 a 6 destilações;
- Em seguida, verta a água em um balão de duas entradas, sobre o qual foi instalada uma esfera Kjeldahl;
- Adicione uma extensão com termômetro e um condensador ligado a uma válvula de vácuo, que por sua vez leva ao balão de duas entradas;

~ Una as entradas adicionais dos dois balões com um tubo de vidro. O arranjo é tal que:

- a) O vapor não pode passar pelo tubo de vidro;
- b) Assim que o balão de recebimento se enche a cerca de 1/3, a água escorre lentamente para o balão de destilação;

c) Para segurança, um equalizador de mercúrio é instalado na saída da válvula de vácuo, impedindo a entrada ou saída de ar.

Observações

~ No início do experimento, a temperatura dos vapores era de 100 °C;

7 A destilação foi mantida por três meses, e a temperatura diminuiu levemente para 96 °C, permanecendo estável no mês seguinte. O experimento foi então interrompido;

~ A água estava levemente amarelada.

Esses resultados não são conclusivos, pois poderiam ser explicados pela dissolução de algum componente do vidro do balão. No entanto, o vidro estava certamente intacto.

Segundo experimento:

O segundo corpo que “experimentamos” foi o sal marinho, por ser portador de vida. Além disso, para poupar um pouco seu caráter filosófico, a água usada na sequência dos *Solve et Coagula* foi água da chuva destilada.

A destilação seca que levou à cristalização ocorreu sob vácuo parcial em banho-maria.

Uma sequência de 10 *Solve et Coagula* não deu nenhum resultado, exceto que, após 4 a 6 operações, o sal já não depositava mais fezes durante a cristalização. Isso não nos autoriza a afirmar que a descrição do sal mole é errônea, mas sim que esse sal mole só pode ser esperado após um grande número de *Solve et Coagula*.

Terceiro experimento:

Coloque o carbonato de potássio comprado para deliquescência (equivalente ao tártaro calcinado).

A operação se faz assim:

~ Coloque o sal em deliquescência;

- Recolha e filtre o “óleo de tártaro”;
- Destile o óleo a vácuo para obter dois produtos:
 - a água dos anjos;
 - o sal de tártaro.

- Coloque novamente o sal em deliquescência e recomece toda a operação.

Observações:

- Uma magnífica cor azul no sal — prova de sua evolução — é obtida rapidamente, em menos de 10 deliquescências;
~ A água dos anjos está carregada com o vegetal Δ e é altamente recomendada para uso espagírico.

Quarto experimento:

O mais impressionante: a manteiga de antimônio.

Já mencionamos que o uso de dois condensadores, um após o outro, era necessário para a produção e destilação da manteiga. Também dissemos que, no início, era bom ter água morna circulando na camisa do primeiro condensador, para espalhar o fluxo da manteiga e evitar entupimentos.

Entretanto, logo, pela terceira ou quarta deliquescência da manteiga, o primeiro condensador já não deve mais ser aquecido. E, pela 5ª ou 6ª deliquescência, deve ser resfriado. A manteiga solidifica a cada vez em temperatura mais baixa, o que mostra uma evolução da matéria. O mesmo ocorre com a destilação do espírito da deliquescência e, se não conseguimos, como afirmaram Basilio Valentim, Bacon e Paracelso, destilar com o calor da mão, estamos pelo menos muito próximos de poder fazê-lo.

Isso prova que, dos quatro experimentos descritos, o da manteiga é, de longe, o que mostra a evolução mais rápida.

Repetimos — mais uma vez — que o trabalho com a manteiga de antimônio requer um sistema importante de circulação de ar. Se um pó branco se deposita no vidro, há problema de vedação no aparelho ou a sala não está suficientemente ventilada. Se as unidades de borbulhamento de saída estiverem carregadas com ácido acético, em vez de HCl, não deve haver depósito branco.

Nota: se destilar o ácido usado para limpar e recuperar a manteiga, tenha cuidado, pois o gás ClH é muito solúvel e pode, através de uma dissolução brusca na água de borbulhamento, provocar surpresas desagradáveis.

*

INICIAÇÃO ALQUÍMICA

Em todas as nossas manipulações, não devemos perder de vista o lado do “Ora”, ou seja, o trabalho deve tender à Iniciação. A Iniciação sendo a cura, a reparação de nosso ser espiritual, qualquer que seja o sistema iniciático, o único elemento ativo é o que chamamos de Prima Matéria, o Fogo indeterminado.

A Iniciação suprema só pode ocorrer pelo Fogo indeterminado, mas coagulado.

Quando usamos um Ímã para atrair o Fogo, o Ímã determina o Fogo. A terra calcinada (carbonato de potássio) usada como Ímã determina o Fogo no reino vegetal e atua sobre os elementos vegetais em nós, ou essencialmente sobre o aspecto Fogo de cada Sephira.

Se o Ímã é a manteiga de antimônio, o Fogo será determinado no reino metálico e atuará sobre o elemento Ar em cada Sephira.

Quanto à escolha da Sephira, dependerá da energia planetária carregada, que então determina a forma planetária do Fogo. O carregamento só ocorre quando o Ímã está em estado líquido; portanto, deve-se escolher cuidadosamente os momentos de colocá-lo em deliquescência de acordo com os dados astrológicos. Mas é muito melhor, se possível, usar as horas dos gênios planetários.

ORA ET LABORA!

Lição 70: Elementos e Tabela Periódica

Caro Amigo,

Esta lição contém várias observações e reflexões provocadas, por um lado, por repetidas experimentações e, por outro, por meditações sobre a Tabela de Mendeleev²⁶³ dos Elementos, que oferece riquíssimas sugestões.

A química orgânica, que sustenta a vida, contém sempre os elementos carbono, oxigênio e hidrogênio. Quanto à camada externa de elétrons, temos 4 para o carbono, 6 para o oxigênio e 1 para o hidrogênio. Note que, na coluna IV da Tabela, o elemento acima do carbono é o silício, com 4 elétrons em sua camada externa. De fato, a química moderna é capaz, com esse elemento, de criar uma química orgânica mais “densa” que a do carbono e menos sensível à temperatura. Isso nos leva a acreditar que os corpos com 4 elétrons na camada externa são provavelmente os mais aptos para criar “uma química orgânica pesada”.

Consideremos agora os outros elementos dessa coluna com 4 elétrons na camada externa. Temos o germânio, depois o estanho e, por fim, o chumbo. Este último metal pode, portanto, graças à sua camada externa de 4 elétrons, exercer uma função idêntica à do silício em relação ao carbono, mas em um nível ainda mais denso. Isso explica a escolha feita por Bacon, Paracelso e Valentine para fixar o “óleo vermelho”, ou cal de chumbo, isto é, um óxido de chumbo.

Nessa operação, os elementos da vida se distribuem da seguinte forma: o carbono é substituído pelo chumbo; o oxigênio é o contido no óxido; e o hidrogênio, o do óleo vermelho, que traz o Fogo solar, o Fogo animador. Para que esse processo (já descrito) funcione corretamente, é melhor usar o óleo vermelho feito a partir do acetato de chumbo do que aquele feito a partir do acetato de antimônio. Quanto ao óxido, o melhor é o produzido pela combustão espontânea do Leão Negro, resultante da destilação seca do acetato.

Ao contrário do que dizem os autores acima mencionados, esse processo não produz “nosso ouro”, mas “nossa prata”. Na realidade, o processo se detém no estágio branco, e pensamos que o mesmo ocorra com todos os acetatos, pois a vida vegetal não pode ir além da sephira Netzach. Portanto, neste caso, não podemos, do ponto de vista alquímico, ultrapassar o mundo astral Lunar. O branco obtido deve ser tratado conforme mencionado na Lição sobre a pedra mais simples.

²⁶³ **Dmitri Ivanovich Mendeleev** (1834–1907) foi um químico russo que revolucionou a ciência ao criar a primeira versão sistemática da **Tabela Periódica dos Elementos**. Em 1869, organizou os elementos conhecidos com base em suas **massas atômicas** e propriedades químicas, deixando **lacunas propositalmente** para elementos ainda não descobertos — como o gálio e o germânio — cujas características ele previu com notável precisão. Sua tabela não apenas ordenou o conhecimento químico da época, mas também antecipou descobertas futuras, consolidando-se como um dos pilares da química moderna. Mendeleev publicou sua proposta na obra *Princípios de Química* e foi reconhecido internacionalmente por sua contribuição à ciência

Ao examinar a Tabela de Mendeleev, fomos levados a acreditar que os corpos situados numa mesma coluna possuem, naturalmente, um mesmo efeito químico, mas também um mesmo efeito alquímico em estado mais denso. Assim, seriam análogos, alquimicamente:

- Na coluna I: hidrogênio, lítio, sódio, potássio, cobre, prata, ouro;
- Na IV: carbono, silício, germânio, estanho, chumbo;
- Na V: nitrogênio, fósforo, arsênio, antimônio, bismuto;
- Na VI: oxigênio, enxofre, selênio.

Ferro, mercúrio e cloro, embora usados na alquimia, têm um papel à parte.

Como a natureza age de maneira semelhante nos três reinos, acreditamos que, em sua geração metálica, o enxofre desempenharia o mesmo papel que o oxigênio no reino animal ou vegetal. É um ponto interessante a se considerar para os diversos processos do tipo *Collectanea Chemica*.

A vida animal e vegetal é possível enquanto houver água (hidrogênio, oxigênio) e oxigênio em estado gasoso. Se esses corpos se esgotam, a vida não pode mais se desenvolver. Por outro lado, o resultado da vida libera produtos que podem ser tóxicos no reino considerado. Assim, os corpos CO e CO₂, resultantes da combustão ou da respiração, são tóxicos para o homem, quando esses mesmos elementos, sob outra forma, são benéficos. Causas semelhantes interrompem a vida e a evolução metálica.

As operações de calcinação e lixiviação no método da *Collectanea Chemica* “abrem a matéria”, mas também a livram de suas “toxinas”, que ela mesma criou durante sua evolução.

Assim, o enxofre externo na marcassita ou na estibina é um “oxigênio metálico esgotado” e deve ser eliminado do minério. Contudo, não há garantia de que a evolução volte a se iniciar, pois não conhecemos a qualidade vital residual do enxofre que compõe a marcassita e a estibina. Assim, melhoramos o processo evolutivo e a quantidade de semente metálica “oxigenando” o minério. Para isso, precisamos de um enxofre nativo que não tenha entrado em contato com um enxofre metálico.

Podemos obter um enxofre dessa qualidade em terras vulcânicas, que frequentemente são uma mistura de giz, argila e enxofre. Extraímos facilmente esse enxofre com um soxhlet carregado com tetracloreto de carbono. Quando esse líquido se satura, o enxofre extraído cristaliza no balão do Soxhlet. Decante o enxofre o melhor que puder e, em seguida, lixivie-o com acetona para eliminar os traços de tetracloreto. Esse processo de extração parece ser muito, muito melhor do que o de extração por fusão, que poderia destruir o princípio sutil do enxofre (veja as modificações alotrópicas do enxofre durante a fusão e o resfriamento). Uma pequena porcentagem desse enxofre misturada ao enxofre metálico ajuda a reiniciar a evolução.

Existem semelhanças de propriedades nos reinos vegetal, animal e mineral, que se expressam no quadro abaixo. Essas semelhanças só têm valor do ponto de vista alquímico.

ORGÂNICO	MINERAL
Hidrogênio, Sódio, Potássio	Cobre, Prata, Ouro
Carbono, "Silício"	Estanho, Chumbo
Oxigênio	Enxofre, Selênio
Nitrogênio	Fósforo, Arsênio, Antimônio
Cloro + Sódio	Ferro
(com muitas reservas) H ₂ O	Mercúrio

Esperamos que o que acabamos de descrever, juntamente com suas próprias experiências e meditações sobre os processos da Natureza, o ajude em seu trabalho pessoal.

Observação: em Urbigerus, assim como no que dissemos sobre a manteiga de antimônio, há duas soluções possíveis que usam cloro (Leão Verde): ou a manteiga, ou o sublimado corrosivo, já que ambos são produtos feitos a partir do sal marinho. Podemos preparar algum sublimado corrosivo usando o cloro gerado no mesmo aparato usado para fazer a manteiga — e não absorvido pela estibina —, inserindo entre a saída do gás e os frascos neutralizantes um balão contendo mercúrio: o gás é direcionado por um tubo próximo à superfície do mercúrio, mas sem borbulhar.

Cuidado: o sublimado corrosivo é extremamente e violentamente tóxico.

ORA ET LABORA!

Lição 71: Evolução nos Três Reinos

Caro Amigo,

Você certamente notou algumas semelhanças nos processos evolutivos dos três reinos. O processo vegetal, sendo rápido o bastante, é bastante acessível à nossa consciência. Portanto, por analogia, ele nos ajuda a compreender o que acontece no reino metálico. Contudo, para evitar o fracasso, é preciso também entender que Espagiria e Alquimia não podem ser usadas de qualquer maneira ou em qualquer lugar.

Durante a involução da energia animadora, sob a pressão das forças então negativas do Crescimento, ela se envolve no reino correspondente ao seu estágio: mineral, depois vegetal, depois animal. Cada um desses ciclos se faz sob a regência de um signo alquímico, ou seja:

- Para o reino mineral: Terra;
- Para o reino vegetal: Água;
- Para o reino animal: Ar.

Note que a involução-evolução do reino animal se dá sob a preeminência do elemento Ar.

No ciclo seguinte, o ciclo do homem, o elemento Fogo fornece a consciência do eu. Com o surgimento do Fogo, nasceu o homem. Ele então começa sua involução com os quatro elementos. O Fogo está presente nele, mesmo durante a parte involutiva da sequência de encarnações.

Espagiria ou Alquimia não devem tentar nenhuma ação durante todo o ciclo involutivo, qualquer que seja o reino, pois haveria risco de conflito entre o resultado da operação alquímica e o Crescimento do Homem e da Natureza. Pelo contrário, assim que o Nadir tiver sido ultrapassado e a evolução tiver começado, Espagiria e Alquimia podem e devem agir nos três reinos.

Durante a involução, como as forças negativas acumularam escórias, impurezas e certa “desarmonia” em cada um dos três reinos (o que se chamou de “pecado original”), o Espagirista e o Alquimista terão então dois objetivos:

- a) Eliminar as impurezas para que a evolução possa começar;
- b) Acelerar a evolução e atravessar a Iniciação nos três reinos através do único elemento verdadeiramente ativo da criação: o Fogo.

Mas o elemento Fogo deve ser determinado, isto é, estar em acordo com o reino sobre o qual deve agir, caso contrário há risco de interferência.

Hoje, quase a totalidade do reino vegetal e a totalidade do reino mineral já ultrapassaram o Nadir. Assim, há realmente poucas precauções a serem tomadas quanto à escolha de materiais (exceto, talvez, no reino vegetal, no caso dos cogumelos).

Nossas experiências confirmam que todo sucesso se deve à presença do elemento Fogo e que, para se entrar verdadeiramente no domínio alquímico, toda matéria deve estar saturada do elemento Fogo. A cor vermelha, sempre precedida pela branca, é a principal característica da presença saturante do Fogo ou de sua coagulação. A cor branca corresponde ao estado de purificação necessário para obter a atração e a condensação do Fogo.

Embora seja difícil levar a pedra vegetal sólida até o vermelho, podemos, por outro lado, obter facilmente uma tintura vermelha saturando a planta com o elemento Fogo.

Purificamos o tártaro calcinado para que ele se torne muito branco; se puder ficar levemente azulado, é ainda melhor. O tártaro calcinado é então posto a deliquescer, de preferência na primavera.

- O óleo resultante da deliquescência é simplesmente filtrado;
- A planta pulverizada é despejada nesse “óleo”;
- Em pouco tempo, de 24 a 48 horas, extrai-se uma tintura muito vermelha. A riqueza de um Fogo determinado no reino vegetal pelo tártaro assegura esse rápido resultado;
- Para recuperar essa tintura, basta filtrar o “óleo vermelho” e verter álcool absoluto sobre ele. Não há mistura entre eles;
- O álcool extrai a tintura e as impurezas residuais permanecem na superfície, separando os dois líquidos.
A extração da tintura com álcool exige de um a três meses em estufa.

Para o reino mineral, a manteiga de antimônio é a matéria da deliquescência.

Precisamos de uma sequência de várias deliquescências e destilações (de 6 a 10) para que a manteiga se torne adequada;

Depois, recuperamos a deliquescência sem destilação;

Colocamos em estufa a 38–39 °C após inserir duas ou três folhas de ouro batido no balão;

O balão deve ser pequeno, cerca de 10 cm, cheio até 1/3, com um pescoço longo

fechado por vidro esmerilhado (vedação com silicone, plástico e fio para fixar bem a rolha);

Se não houver ouro, a deliquescência fica preta, depois branca, mas então o Fogo deixa de agir.

A solução para todos os líquidos extraídos de acetatos minerais ou metálicos, e para todos os subprodutos do antimônio (manteiga, óleo, etc.), é a repetida destilação. Vinhos vermelho e branco (Weidenfeld) se separam de um mesmo líquido na 7ª ou 14ª destilação.

Nunca repetiremos o suficiente: coração e paciência são as únicas chaves da alquimia.

Acabamos de dizer tudo o que é necessário para o estágio branco da obra, mas se o seu “ORA” não for suficiente (ou sua aura...) você jamais passará do estágio branco — se é que chegará até ele.

O Eterno só concede poder aos generosos de coração.

ORA ET LABORA!

Lição 72: Ética do Alquimista

Caro Amigo,

Estamos chegando à última lição da classe Mineral. Desde o início da associação, havíamos decidido que ela seria, como todas as outras, limitada no tempo. Isso não significa que não forneceremos mais informações aos membros da LPN, mas sim que elas tomarão uma forma diferente.

LABORA

Como vimos, vários caminhos são possíveis e todos eles, mais cedo ou mais tarde, mais rápido ou mais devagar, levam ao mesmo resultado. A escolha de um caminho específico é pessoal apenas porque depende do conhecimento técnico e químico, das aptidões e da paciência de cada um.

Como últimos conselhos práticos, podemos dizer:

- a) Se você é muito paciente, o caminho mais simples é o da *Collectanea Chemica*, que requer pouco material: um soxhlet, um forno, uma estufa;
- b) O segundo caminho é o dos acetatos, mas deve ser concluído como no processo de Paracelso: Leão Negro autocalcinado em giz branco que será saturado apenas com o óleo vermelho. Nesse caso, somente chumbo ou antimônio são possíveis;
- c) O caminho da manteiga de antimônio é de longe o mais rápido, mas exige sólida experiência em química experimental e a necessidade de operar sob capela de exaustão ou ao ar livre.

ORA

Vamos nos deter neste elemento. Sejam bem claros: o único objetivo da Alquimia, já dissemos mais de uma vez, é a Iniciação. Veja novamente as lições que abordam esta questão essencial. Lembre-se de que os diferentes remédios descritos nos livros e na classe operam da seguinte maneira:

Várias lições foram acrescentadas desde então. A última é a nº 83.

Assim chamado estágio branco da obra

- Medicina de 1ª ordem → iniciado em Yesod
- Medicina de 2ª ordem → iniciado em Hod
- Medicina de 3ª ordem → iniciado em Netzach

Assim chamado estágio vermelho da obra

- Medicina de 1ª ordem → iniciado em Tiphereth
- Medicina de 2ª ordem → iniciado em Geburah
- Medicina de 3ª ordem → iniciado em Chesed

Agora vamos à verdadeira chave desta classe:

“Ninguém pode transmutar coisa alguma, se não tiver antes transmutado a si mesmo.” (Paracelso)

Basilio Valentim (em grego, “o poderoso rei”) tentou explicar o significado do estado interior na Alquimia. Para isso, vivendo numa época em que a religião era todo-poderosa, mundana e intolerante, usou o estilo dos textos religiosos.

Dissemos e experimentamos pessoalmente que não era possível ter sucesso em certos experimentos alquímicos na presença de uma ou várias outras pessoas. Sempre dissemos também que o estado interior adequado do alquimista é a primeira condição para o êxito dessas operações.

Percebe-se claramente que o estado interior do alquimista rege totalmente seu avanço no caminho mineral; isso não é tão verdadeiro no caminho vegetal. Consequentemente, a Alquimia vegetal é a chave e a ferramenta de purificação de nosso Sal Interior. Por isso, na lição anterior, demos um método para preparar uma tintura vegetal muito rica em Fogo e, portanto, mais poderosa para a parte iniciática.

Quanto ao nosso enxofre, ele deve ser preparado por nosso estado mental. Se nos referirmos à Qabala, o que será muito útil para lançar alguma luz, o químico é apenas o pequeno rei da Terra, o rei do reino de Malkuth. O Alquimista é o Grande Rei do Invisível, nosso Eu Superior. Ele inclui as nove Sephiroth de Kether a Yesod e é o único que tem acesso às leis que dominam a matéria. Nessas nove Sephiroth do Invisível, Tiphereth é a única que está em contato direto com as outras oito. É o porta-voz do Grande Rei. Lembre-se da alegoria: “Ninguém vai ao Pai (Kether) senão pelo Filho” (Tiphereth).

Se o Grande Rei não fala com você, não há acesso à Verdadeira Alquimia. A Alquimia é idêntica ao que chamamos de “milagre”. Sua natureza não pode ser explicada pela ciência moderna. Quando dizemos “milagre”, é apenas uma forma de falar ou de ilustrar a mecânica em jogo. Trata-se da transcendência da matéria terrestre pelo poder de cada uma das leis do Invisível, que então nos são confiadas por nosso Eu Superior. Como vimos, cada um dos Remédios corresponde a uma das Sephiroth do mundo invisível temporal e concede o domínio da Lei Dupla correspondente.

O que devemos fazer para que nosso Eu Invisível nos fale?

Devemos nos esforçar por viver, em grande parte, baseados nas seguintes regras:

- Antes de tudo, ser generoso de coração, porque o coração é o instrumento de transmissão e um coração seco não funciona;
- Ser simples de espírito (e não tolo ou simplório), o que permite a compreensão unitária da Natureza e evita buscar, por curiosidade, o que não é da nossa conta nem responsabilidade;
- Ser humilde sem ser humilhado. Para isso, não procure, em nenhum grupo ou associação, graus, honras, cargos ou qualquer outra forma de prestígio. Não faça nada para obtê-los e não os recuse se lhe forem propostos; nesse caso, use-os como ferramenta de serviço;
- Eliminar todo orgulho e a suscetibilidade (sua filha), mas sem se deixar humilhar. Conservar uma dignidade calma;
- Vigiar seu senso de propriedade. Pode-se deter bens, mas não desperdiçá-los. Eles são ferramentas a seu serviço;
- Procurar não se apegar à maioria das coisas deste mundo, mas sem se tornar indiferente. Em especial, se seu eu interior lhe dá uma ordem de servir, cumpra-a inexoravelmente e a qualquer custo. Não se deve desligar do que é seu Dever;
- Nunca, em espírito, ser mestre ou servo dos outros.

Em resumo, devemos encontrar o equilíbrio da Balança Universal.

Quando você for um alquimista, certamente terá de experimentar duas coisas. Meditando diante do seu alambique, sentirá seu coração se encher tanto com o peso do mundo quanto com o amor universal; e terá grande dificuldade em conter as lágrimas. Se esse estado for alcançado, então você terá atingido o estado do Autêntico Alquimista. Nesse momento, não precisará de fórmulas, rituais ou orações: o contato direto resolve tudo. Nesse estado de Amor Universal, tenha cuidado para não privilegiar alguém em particular, a não ser se a ajuda solicitada for para essa pessoa. Nesses estados extraordinários, pense no sentido correto de: “Deixarás teu pai, tua mulher e teus filhos para me seguir.” Se o amor particular for contaminado pelo egoísmo, ele impedirá a abertura do Amor Universal.

Assim que você alcançar esse estado, pode estar certo de que o químico de Malkuth receberá diretamente de Tiphereth, de dia ou de noite, todos os elementos que lhe faltavam, sejam eles do domínio do conhecimento ou do Conhecimento.

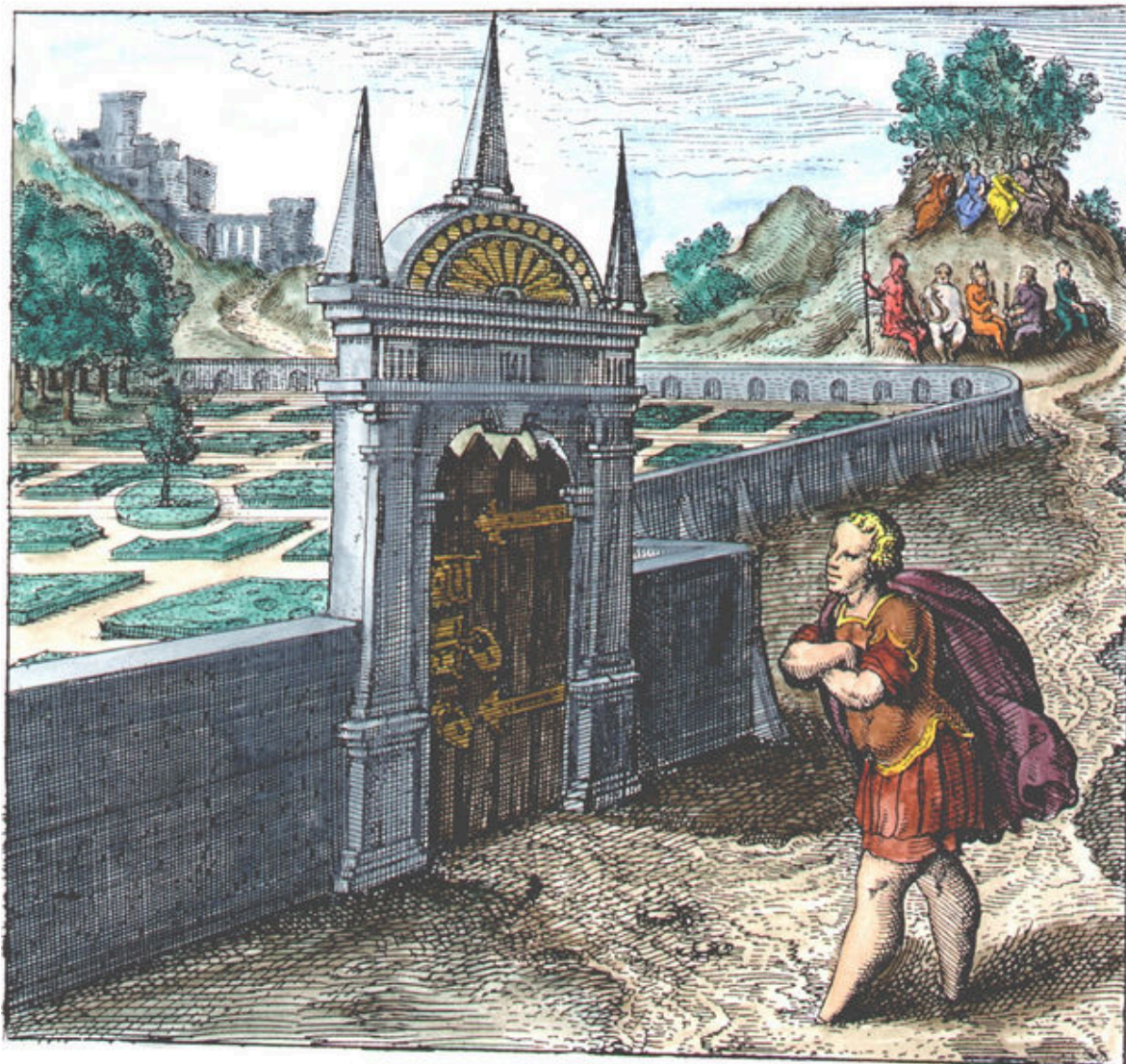
Com Sendivogius, dizemos agora: “Queime todos os seus livros, até mesmo os meus.”

Jean Dubuis

ORA ET LABORA!

Lição 73: Fogo e Iniciação

EMBLEMA XXVII: QUI ROSARUM



Caro Amigo,

O estudante está diante do portão do jardim de Hermes. A ordem interior impera e a Árvore de Hermes cresce. A água seca jorra do jardim por baixo da porta. Na montanha externa, encontramos os cinco metais e os quatro elementos.

Nota: A ilustração na primeira página desta e das lições seguintes trata especificamente dos métodos descritos neste adendo de alquimia mineral. Elas pertencem a uma série de 25 ilustrações de ATALANTA FUGIENS²⁶⁴.

²⁶⁴ **Atalanta Fugiens** é uma obra emblemática publicada em 1617 pelo médico, alquimista e músico alemão **Michael Maier**. Considerado um dos primeiros exemplos de arte multimídia da história, o livro combina **50 emblemas visuais** ilustrados por Matthäus Merian, **50 epigramas poéticos**, **50**

Caro Amigo,

Interrompemos nossas lições no Mineral nº 72, embora houvesse ainda muito a ser dito. Houve duas razões para essa pausa: primeiro, de modo geral, não gostaríamos que essas lições se estendessem indefinidamente; e segundo, no caso específico do mineral, as próximas lições que planejávamos enviar implicavam custos elevados e alguns riscos consideráveis.

Durante esse intervalo encontramos soluções para diversos problemas. Por um lado, o custo de certos materiais foi bastante reduzido (e, se forem tomadas determinadas medidas de segurança, esta pode ser garantida). Por outro, retomamos textos e experimentos que ainda não havíamos sugerido, e cujo conteúdo agora nos parece oportuno transmitir. Além disso, constatamos que os fracassos de trabalhos e estudos realizados por mais de um amante da Grande Arte provêm, essencialmente, da ausência de uma teoria geral da alquimia. Essa lacuna torna os textos ainda mais obscuros do que já são. Assim, há o risco, na parte experimental, de aplicar receitas de cozinha em vez de se buscar compreender os porquês e os comos dos experimentos. Mas quando a teoria desponta, a maioria dos textos se torna compreensível e a lógica dos processos faz muito sentido.

Considerando o material atualizado, as 12 Lições adicionais (nº 73 a 84) tratarão dos seguintes temas:

Teoria Alquímica:

- Estudo, decifração e compreensão de textos antigos;
- Aplicação experimental e explicação dos vários e possíveis modos de operar.

Prática Alquímica:

- Descrição do material;
- Descrição dos experimentos.

TEORIA GERAL DA ALQUIMIA

Embora em muitas ocasiões (lições, oficinas, conferências etc.) tenhamos formulado diversos princípios alquímicos, pareceu útil reuni-los abaixo.

O Objetivo da Alquimia

discursos filosóficos e 50 peças musicais em forma de cânone. A obra é profundamente enraizada na simbologia alquímica e mitológica, inspirando-se no mito grego de Atalanta e Hipomene. Em português, uma edição completa foi publicada em formato digital com tradução e introdução de **Thiago Tamosauskas**, disponível desde julho de 2022

Ajudar o Homem e a Natureza na realização do seu Crescimento (Devir).

Princípios Básicos:

A Alquimia afirma:

1. Tudo provém de uma única energia original.
2. Há vida, consciência, involução e evolução nos três reinos: mineral, vegetal e animal.
3. O funcionamento dos três reinos é semelhante: apenas mudam os níveis de vida e consciência, e o efeito do tempo depende do nível de consciência. O mineral, menos consciente, envolve-se e evolui muito lentamente no tempo.
4. Para o homem, o ponto principal da alquimia é a iniciação. Esta ocorre essencialmente por dois processos distintos:
 - um método direto, pelo uso de elixires e medicamentos que reduzem a negatividade do homem (em si mesmo) e suas barreiras interiores;
 - um método indireto, que é, de certa forma, um choque reativo. Em suas operações, o alquimista auxilia a Natureza que, por sua vez e em resposta, ajuda o homem no caminho do seu Crescimento.

A Alquimia é essencialmente Iniciação; uma pedra, seja de qual reino for, é uma mistura iniciada que, conseqüentemente, possui um poder de iniciação em seu próprio reino.

A cor no processo alquímico:

No processo alquímico, assim como na iniciação cabalística, os elementos do nível de trabalho são despertados um após o outro.

- A primeira fase, o “estágio negro da Obra”, é a purificação e o despertar das energias do elemento Terra.
- A segunda fase é o despertar das energias do elemento Água. A cor é azul-esverdeada, tendendo ao azul no reino vegetal e ao verde no mineral.

- A terceira fase é o despertar das energias do elemento Ar. Tanto no vegetal quanto no mineral, a cor é amarela.
- A quarta fase é o despertar das energias do elemento Fogo. Nos reinos vegetal e mineral, a cor é vermelha.

No estágio branco da Obra, o elemento Fogo não está suficientemente despertado para que apareça a cor vermelha. Assim, o poder de iniciação é mais fraco do que no estágio vermelho.

Os processos que levam do branco ao vermelho são, de fato, as operações que introduzem o Fogo, que, no reino metálico, é elevado até o nível solar.

A ENERGIA DO FOGO

Primeiro princípio: a Energia Primordial divide-se em quatro tipos: Fogo, Ar, Água e Terra, que acabamos de mencionar. Fogo e Ar dizem respeito aos elementos espirituais; Água e Terra dizem respeito à matéria.

Na matéria, o elemento ativo da purificação é a Água. No espiritual (a alma, o espírito), o elemento ativo é o Fogo, que opera a purificação e a iniciação.

A Energia do Fogo é a mais importante para o alquimista porque é a mais consciente e poderosa; é a única com verdadeiro poder de iniciação no homem e na matéria. Portanto, deve ser objeto de estudo aprofundado.

Segundo princípio: a energia do elemento Fogo é transmitida à Terra pelo sol. Ao chegar à atmosfera terrestre, o Fogo não está determinado, ou seja, não pertence a nenhum dos três reinos.

- Se respirado por homem ou animal, determina-se no reino animal.
- Se absorvido pelas folhas das plantas, determina-se no reino vegetal.
- Se absorvido pela água da chuva, após escoamento e infiltração, será determinado no reino mineral.

Uma vez determinada, a energia não pode voltar atrás. Para mudar de determinação, deve deixar a Terra, retornar ao estado original e reiniciar o ciclo.

Essa determinação confere ao Fogo um poder de consciência, fraco no mineral, médio no vegetal, forte no animal e fortíssimo no homem.

Além disso, em cada reino a energia do Fogo possui vários níveis de ressonância, sobre os quais falaremos adiante.

Toda a chave da alquimia está na correta manipulação das energias através dos diversos vasos.

Manipulação da energia do Fogo:

1. A transferência da energia só pode ocorrer no estado líquido.
2. O estado sólido fixa a energia e impede seu retorno ao nível de ressonância.
3. Uma mistura de corpos sólidos não permite a transferência da energia.

Exemplo do item 1:

As marcassitas, corpos insolúveis, não podem transferir suas energias quando em estado sólido.

- Marcassita: enxofre metálico (sulfeto).

Os vitríolos, corpos solúveis, podem ser dissolvidos e a transferência de suas energias é possível.

- Vitríolo: sulfato metálico.

Os minérios sólidos retêm sua energia, o mesmo acontece com a neve. Durante a fusão, a energia é liberada. O mercúrio, metal líquido, perdeu sua energia e só pode ser revivificado se lhe for transmitida uma energia capaz de se fixar nele, o que impedirá que deixe o estado líquido.

Exemplo do item 3:

A transferência da energia do chumbo: a galena, sulfeto de chumbo insolúvel, será transformada por calcinações suaves e prolongadas em oxissulfeto, que, posteriormente atacado pelo vinagre, dará um acetato solúvel, permitindo assim a transferência.

Analogia entre os três reinos:

Os processos alquímicos estão sempre em harmonia com a Natureza. Diferem apenas na velocidade de execução. Uma das primeiras regras a considerar é que o Fogo Criador é estimulado pelo fogo da Terra.

O fogo da Terra é o pequeno rei deste mundo e é ele que acende o Fogo do Grande Rei. No laboratório, acendemos o pequeno fogo que acende o grande Fogo Interior.

O Fogo Secreto ou Fogo Sóphico²⁶⁵ não é animado em seu estado natural. Assim, em ovos guardados na geladeira, o Fogo Secreto permanece inativo. Nesse estado, o ovo não é frágil e pode até suportar variações de temperatura a longo prazo.

Quando o fogo da Terra desperta o Fogo Secreto, este se torna extremamente frágil; pequenas variações de temperatura e variações de curto prazo são possíveis. Geralmente os limites de temperatura são os do corpo humano.

Do mesmo modo que, na incubadora, a temperatura é mantida até o nascimento do pintinho, assim a temperatura será mantida até a maturação da Obra.

FOGO E CABALA

É impossível compreender bem os fenômenos alquímicos sem referência à Cabala e, em especial, ao livro hermético AESH METZARETH (Fogo Purificador).

A Cabala ensina que o Universo se divide em 10 níveis de condensação de energia e que, em cada nível, há correspondência entre densidade, consciência, vida, energia etc. Já a alquimia não se ocupa dos dois níveis mais altos.

A Cabala chama de “Mezla” a Energia Primordial e explica que essa energia desce e se condensa, sempre seguindo o mesmo caminho. A energia de Mezla chega constantemente e se condensa na Terra. Então, cada mistura sólida retém e fixa em si o nível da energia de Mezla com o qual ressoa, até que esse metal ou mistura alcance o nível de energia que lhe é adequado.

Para evitar um vocabulário excessivamente cabalístico, usaremos para cada nível apenas o nome de seu metal ou planeta: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Terra; ou: chumbo, estanho, ferro, ouro, cobre, mercúrio, prata, antimônio.

Em cada nível, os quatro elementos estão presentes e de acordo com esse nível específico. Em cada nível, o Fogo é o elemento de poder, o mestre do nível.

Além disso, existe uma hierarquia, pois cada nível transcende os inferiores. Isso ilustra o que os Antigos diziam sobre Saturno: que ele é o *Medium Coeli*, o mais poderoso, e o único a acessar todas as leis do mundo manifestado.

Por isso, em Saturno, o Fogo do chumbo é o elemento alquímico mais ativo e será usado em um caminho descendente. Partimos do elemento mais alto para restabelecer, um após o outro, os níveis inferiores sucessivos. A dificuldade nos caminhos descendentes é que o Fogo volátil é extremamente difícil de fixar. Mas também é possível um caminho ascendente, como o do antimônio.

²⁶⁵ O **fogo sófico** é um conceito simbólico presente na alquimia e na filosofia esotérica, associado à **sabedoria divina** (*Sophia*) e à **energia transformadora interna**. Diferente do fogo físico, o fogo sófico representa uma chama espiritual que purifica, ilumina e transfigura o ser. É considerado o agente oculto da transmutação alquímica — tanto da matéria quanto da consciência — e aparece em obras como *Atalanta Fugiens*, de Michael Maier, como metáfora do processo iniciático. Esse fogo é visto como uma manifestação da luz interior, capaz de conduzir à verdade e à realização espiritual.

ANTIMÔNIO OU O CHUMBO DOS SÁBIOS

Todos os processos baseados no antimônio serão obrigatoriamente processos de ascensão.

Basilio Valentim afirma que o antimônio possui sete planetas, sete cores, e a explicação é a seguinte: a cada etapa de sua descida, a energia é marcada pelo nível que atravessa; ou seja, a energia que chega ao nível do Sol, por exemplo, já foi marcada por Saturno, Júpiter e Marte. Assim, quando chega ao nível da Terra, incorpora-se no antimônio e traz em si as marcas dos sete planetas, dos sete metais tradicionais.

Princípios fundamentais do trabalho com metais e segredos do antimônio

Se fundirmos um metal (estado líquido), sua energia deixa de estar fixada e é liberada em seu nível planetário. Assim, a fusão do ferro libera energia no nível de Marte; a fusão da galena, no nível de Saturno. Em ambos os casos, o Fogo reintegra-se aos mundos superiores e torna-se inacessível ao processo físico humano.

Mas a fusão do antimônio, por sua vez, libera seu Fogo que permanece em seu próprio mundo: a Terra, já que esse é o seu nível. Por isso, o antimônio é o único metal que pode passar pela fusão sem perder seu Fogo Interior, o que não significa que descuido ou imperícia não possam consumi-lo.

Precisamos de dois elementos nos experimentos: o Fogo do antimônio nos caminhos da evolução; ou o Fogo do antimônio e a “semente” metálica nos caminhos agrícolas, isto é, os caminhos das matrizes, onde a semente produzirá o metal de que provém. O mesmo ocorre nos caminhos dos amálgamas e do cinábrio, que veremos mais adiante.

A SEMENTE MINERAL

No ovo, o suporte da semente é o esperma, mas a verdadeira semente pertence ao domínio do Invisível: é o Fogo Secreto determinado no reino animal. Esse Fogo é, a princípio, inanimado, e o fogo terrestre da incubadora o torna ativo.

Na semente do trigo, por exemplo, o fenômeno é o mesmo, exceto que o Fogo Secreto está determinado no reino vegetal e é animado pelo calor úmido da terra. Esse Fogo Secreto é também determinado por seu suporte, o grão de trigo, seu “Ímã”. O Fogo determinado pelo grão de trigo só pode produzir trigo.

No reino mineral, o Fogo Secreto, a princípio indeterminado, será primeiro determinado no próprio reino e depois em um metal. Assim, apenas o Fogo Secreto determinado para a prata produzirá prata; apenas o determinado para o ouro produzirá ouro; e assim por diante.

Mas devemos notar um ponto muito importante: se a determinação do Fogo no reino mineral é irreversível, o mesmo não acontece com a determinação de um metal. Isso explica por que Mezla, o Fogo Secreto, atravessa as sucessivas determinações dos sete metais antes de completar seu percurso no antimônio.

A recuperação dos diversos elementos das escórias é, de fato, a recuperação dos suportes da semente metálica. Essa semente deve ser revivificada, no processo dos amálgamas, pelo Fogo do antimônio, que foi transferido ao interior da semente pelo Mercúrio Filosófico. Então, o suporte determinará o metal produzido pela energia, geralmente prata ou ouro. Mas a escolha de outro suporte poderia, em princípio, levar à geração de qualquer outro metal.

Nesse processo, o metal produzido é um metal “iniciado”.

Devemos observar que, para despertar o Fogo Secreto, a temperatura aumenta de acordo com o reino: vegetal, animal, mineral.

ORA ET LABORA!

Lição 74: A Tabela de Mendeleev

EMBLEMA XLII: IN CHYMICIS



O Alquimista deve seguir o caminho da Natureza, mas com a luz do Conhecimento.

Caro Amigo,

A TABELA DE MENDELEEV

As operações alquímicas são operações sobre a vida, com o objetivo de dar início à evolução, ou com fins comparáveis à germinação vegetal.

Vamos estudar esse processo com a ajuda da tabela dos elementos químicos,

chamada Tabela de Mendeleev ou Tabela dos Elementos (veja a Figura nº 1), mas consideraremos que cada coluna representa uma função da vida no universo e que cada linha trata da densidade de um reino.

Coluna IV

A vida animal ou vegetal repousa sobre a chamada química orgânica, cujo elemento básico é o carbono, posicionado nesta coluna.

Recentemente surgiu uma nova química, a dos silícones, cujos corpos têm grandes semelhanças com os da química orgânica, com o diferencial de serem mais resistentes ao calor. Devemos notar que essa química é baseada no silício, elemento localizado na coluna IV, como o carbono, mas em uma linha inferior.

Se examinarmos, nesta coluna, os níveis ainda mais baixos, temos três metais: germânio, estanho e chumbo. Na experiência alquímica de tentar uma transferência da vida vegetal para a vida mineral, esse tipo de solução só será aplicável a esses três metais, e particularmente ao chumbo, pois sua estrutura eletrônica externa é semelhante à do carbono: 4 elétrons.

4, número do quaternário, domínio da evolução do homem.

Coluna VI

O outro elemento importante da química orgânica é o oxigênio, necessário à vida.

A respiração do oxigênio no reino animal provoca o aparecimento de uma substância tóxica que interrompe a vida e, conseqüentemente, a evolução (uma combinação de carbono e oxigênio). Se examinarmos o reino mineral, a maioria dos minerais são sulfetos, eles evoluem e "vivem" nesta forma. O enxofre é o oxigênio do reino mineral. Se você visitar uma mina de antimônio, poderá observar que a "respiração mineral" libera um forte odor de enxofre e que os blocos de minerais estão cercados por uma espécie de ganga sulfurosa, um veneno resultante da respiração metálica e do qual devemos nos livrar antes de qualquer tentativa de revivificação.

Quando um homem foi asfixiado, a respiração de novo oxigênio ajuda a trazê-lo de volta à vida. Da mesma forma, um enxofre puro e nativo ajuda a revivificar o metal.

O oxigênio tem a mesma estrutura eletrônica externa que o enxofre: 6 elétrons.

6, símbolo do elo entre os dois mundos – espírito e matéria – através do hexagrama.

Coluna V

Esta é a coluna dos corpos animadores (nitrato ou nitrogênio) nos três reinos. Os nitratos são a base dos fertilizantes, assim como os fosfatos. Devemos também notar que esses dois corpos têm ligações com o elemento Fogo, que eles podem

ativar. Todos os nitratos são mais ou menos explosivos, e o fósforo é usado na fabricação de fósforos.

Nesta mesma coluna encontramos os elementos pesados: arsênico, antimônio, bismuto. Mas apenas o antimônio possui a característica de ter, no reino mineral, uma função semelhante à do nitrogênio no reino vegetal. Ele ativará a evolução metálica e trará o Fogo necessário. O antimônio, na alquimia, é o "fertilizante mineral".

A estrutura eletrônica externa desses corpos tem 5 elétrons.

5, número do homem e do pentagrama.

Coluna I

Esta é a coluna do fogo. O hidrogênio é considerado o melhor portador do elemento fogo indeterminado.

O lítio, perigoso de manipular na espagíria, tem pouco interesse para o alquimista.

A soda (ou seus sais) é um dos "Ímãs alquímicos", ou seja, ela atrairá por deliquescência o Fogo do ar atmosférico e o determinará para o reino animal por meio do cloreto de sódio ou sal marinho.

O potássio é outro Ímã, particularmente no caso do carbonato de potássio, que determinará o Fogo no reino vegetal. Quanto aos três metais desta coluna — cobre, prata e ouro —, eles podem, por meio do fogo, alcançar o topo da evolução metálica. Um estudo posterior retomará esse ponto em detalhes.

O único elétron externo desses corpos é o símbolo de sua ligação com a Unidade.

Coluna II

Esta coluna contém o mercúrio, único metal líquido à temperatura ambiente. O outro metal desta coluna utilizado por alguns alquimistas é o zinco.

Note-se que nesta coluna número 2 — o número da dualidade — encontramos o único metal considerado andrógino pelos alquimistas. Note também o fato de que seu número atômico, 80, está próximo ao do ouro, 79, e ao do chumbo, 82.

O mercúrio ☿ (a Lua, o Sol, a cruz dos quatro elementos) é o símbolo do organizador do casamento alquímico.

Nesta coluna também está o ferro, o metal do magnetismo. Nos três reinos, a vida é eletromagnética. O Fogo é o elemento elétrico, o ferro traz o elemento magnético.

Coluna VI

Os corpos interessantes nesta coluna são o cloro e o bromo.

O cloro é chamado por alguns autores de "Leão Verde" porque em seu estado

nativo sua cor é verde e porque ataca todos os metais, exceto o ouro. Combinado com nitrato ou nitrogênio, ele se torna a água régia, o solvente do ouro.

Devemos observar que, enquanto o carbono é o elemento básico da química orgânica e é suficiente para a vida vegetal, a vida animal, por outro lado, requer a presença do cloro por meio do cloreto de sódio do sangue.

Os antigos mencionam frequentemente o ácido do sal marinho, seja Cl H ou $7 + 1$, ou 8, o dobro do número de elétrons do carbono.

Coluna III

Esta coluna não contém elementos interessantes para a alquimia. É muito provável que seja melhor evitar sua presença.

Assim como o boro, na base desta coluna, impede reações nucleares, os corpos desta coluna devem fazer parte dos elementos que bloqueiam a evolução metálica. Portanto, não coloque alumínio em contato com produtos metálicos alquímicos.

O estudo dos corpos desta coluna confirma que o bórax deve ser evitado como agente fundente. Se ele for usado e conseguirmos eliminá-lo completamente, o processo alquímico se torna inoperante (vidro de antimônio de Basílio Valentim).

Conclusão prática

Se operarmos com um metal de 4 elétrons e com a vida vegetal, a função do enxofre será assumida pelo oxigênio, como é o caso do minium tratado com o óleo vermelho de antimônio.

Para qualquer outro metal revivificado pelo antimônio, a “respiração metálica” será assumida pelo enxofre. O minium evolui por meio da vida vegetal, portanto consome oxigênio. O mercúrio evolui por meio da vida mineral, portanto consome enxofre.

Comparação dos três reinos

A experiência mostra que o estudo mais proveitoso para a alquimia é o do reino vegetal. A velocidade da evolução nesse reino é suficiente para que o homem possa observar os resultados e os mecanismos.

O reino animal é interessante em relação à questão da fecundação.

O reino mineral tem, em seu estado natural, uma velocidade de evolução tão lenta (milhões de anos) que não é perceptível ao homem.

O alquimista deve então examinar o funcionamento da semente vegetal durante seu crescimento, a fim de saber como aplicá-lo ao reino mineral, de modo que a velocidade de evolução deste último se torne comparável à do reino vegetal; dado que os corpos situados na base das colunas da Tabela dos Elementos desempenham o mesmo papel que os corpos situados no topo das colunas no reino vegetal (exceto na coluna VII).

TEORIA E PRÁTICA DA MAIS SIMPLES PEDRA VEGETAL

Estamos adicionando este documento às lições; ele contém informações adicionais importantes.

Uma pedra alquímica é uma mistura que foi iniciada e que, conseqüentemente, pode transmitir a iniciação em seu reino e em seu próprio nível.

Planta utilizada:

Entre as melhores plantas que conduzem à pedra vegetal, devemos lembrar da lavanda (flores), da alcarávia (sementes) e do cominho (sementes).

Teoria da Pedra Vegetal

Duas condições devem ser atendidas para se obter uma pedra a partir de uma planta:

1. Todas as escórias e negatividades da planta acumuladas durante a involução devem ser eliminadas;
2. Após a purificação, a planta deve ser carregada com o elemento Fogo em um grau suficiente para dar-lhe o poder de iniciação em seu reino. Caso contrário, a pedra não poderá extrair nem purificar os elementos de uma planta em digestão aquosa.

A carga adequada de Fogo se traduz, na prática, pelo fato de que a pedra não é solúvel em água.

Modo operatório para o tipo de planta sugerido

Tenha pelo menos 5 kg de flores ou sementes com no máximo um ano de idade. Aqui estamos usando sementes de alcarávia.

Operação 1: Extração dos óleos essenciais $\Delta \Delta$

- Divida em duas partes: uma de 4,5 kg e outra de 0,5 kg;
- Extraia o óleo essencial da parte de 4,5 kg com vapor, mas sem injeção de vapor adicional, para evitar um volume excessivo de água no balão;
- Assim que a extração dos óleos estiver concluída, seque as sementes + a água de extração juntas. A água contendo o sal da planta não deve ser separada. Não permita fermentação ou putrefação das fezes;
- Durante a dessecação, reinstale o extrator de óleo com um balão menor, por

exemplo, de um litro;

- Encha metade do balão com água destilada. Derrame o óleo essencial sobre ela. Destile por ebulição da água, sempre sem injeção de vapor. Se aparecer uma marca de cor no balão na altura da superfície da água destilada, recomece a destilação até que essa marca não apareça mais. Nesse ponto, o óleo deve estar tão claro quanto álcool absoluto.

Essas destilações purificadoras dos óleos essenciais devem ser feitas rapidamente, caso contrário o óleo evolui e as perdas são importantes. Um período máximo de uma semana para todas essas destilações parece adequado.

Operação 2: Extração do sal ▽ ▽

Antes de iniciar a extração do sal, algumas medidas preparatórias são necessárias para obter o máximo de Fogo na planta.

Um princípio muito importante, que deve sempre ser respeitado, é que, sempre que possível, deve-se preferir o estado cristalino da matéria ao estado amorfo. De fato, a ordem é melhor que o caos. Quando um cristal é fraturado, sua estrutura atômica cristalina permanece nos pedaços menores.

Para aumentar a carga de Fogo, recomenda-se a seguinte operação:

- Em um recipiente de boca larga, dissolva até a saturação carbonato de potássio em água a 90–95 °C;
- Deixe esfriar o mais lentamente possível. No frio, formam-se cristais, recolha-os e escorra em atmosfera seca;
- Coloque os cristais em deliquescência preferencialmente nas semanas que seguem o equinócio da primavera;
- Destile o “óleo” da deliquescência (óleo de tártaro);
- Recupere o carbonato e a água, pois ambos estão carregados com Fogo.

Durante esse tempo, a calcinação e a crituração terão produzido um pó cinza-claro a cinza a partir da água de extração e das sementes. Extraia esse pó no soxhlet com água destilada:

- Tenha cuidado para não saturar a água do soxhlet. Quando a extração cessar, calcine novamente o pó em alta temperatura (600–650 °C), revolvendo-o para oxigená-lo, e recomece a extração;
- Reúna todas as águas de extração dos sais e evapore sem ferver em um recipiente de vidro de boca larga;
- Reduza o volume da água pela metade e deixe esfriar. Se formarem cristais, separe-os;
- Reduza a um terço do volume inicial da água e separe os cristais;
- Reduza a um quarto do volume inicial da água e separe os cristais; em seguida, evapore em atmosfera seca.

Todos os cristais brancos podem ser aproveitados. Dissolva-os, filtre a solução e cristalize uma segunda vez. Quanto aos cristais coloridos, mesmo que levemente coloridos, calcine-os, dissolva-os, filtre-os e cristalize-os até que estejam purificados.

Em toda a série de operações, lembre-se de que os primeiros cristais formados são os mais puros. Planeje usar apenas metade dos cristais, pois o objetivo é obter um sal perfeitamente puro.

Uma última dissolução dos cristais é feita com a água proveniente da destilação do “óleo de tártaro” — a chamada “água dos anjos” — e os cristais são carregados de Fogo pela primeira vez.

Operação 3: Imbibição do sal pelo óleo $\Delta \Delta \nabla \nabla$

As imbibições podem começar. O sal é embebido pelo óleo até a saturação, mas nenhum óleo deve permanecer na superfície da água. Coloque em incubadora por sete dias a uma temperatura de 37–39 °C. O Fogo Secreto despertará. O Sal se abrirá. Portanto, as maiores precauções devem ser tomadas para evitar contaminação bacteriana ou por um enxofre parasita (veja Figura nº 4). Para evitar que o recipiente anticontaminação esfrie, ele pode ser colocado em água a 37–39 °C.

As imbibições continuam até completa saturação. Nesse momento, a situação é a seguinte:

O Sal está embebido pelo Enxofre, os quatro elementos estão presentes assim $\Delta \Delta \nabla \nabla$, mas o elemento de junção entre o Enxofre e o Sal ainda não está lá.

Operação 4: Extração da tintura $\Delta \nabla$

Agora vamos extrair a tintura dos 500 g da planta reservada. Um soxhlet é carregado com a planta e álcool de altíssima graduação (99,7–99,8%). Esse álcool foi obtido por digestão em carbonato de potássio posto em deliquescência, depois seco e calcinado.

O Fogo atraído pelo Ímã — o carbonato de potássio — será determinado no reino vegetal e, assim, esse álcool não poderá interferir com as energias vegetais da planta. Além disso, esse álcool de altíssima graduação impedirá a extração de um sal impuro que poderia mais tarde comprometer a Obra.

A última digestão do álcool ocorrerá com o carbonato obtido da destilação do óleo.

Serão necessárias várias extrações com o mesmo álcool, pois ele deve ser saturado; isso pode ser visto pelos depósitos importantes na superfície do balão. Essas extrações devem ser feitas em banho-maria.

A tintura não conterá nenhum Sal impuro, ou muito pouco; por outro lado, estará carregada com Mercúrio impuro.

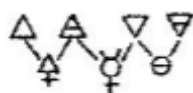
Veremos agora um fenômeno idêntico ao que ocorre na circulação tintura–sal, onde o sal só fixa os elementos que lhe correspondem.

Talvez você já tenha tentado recuperar o álcool de tinturas antigas. A experiência mostra que a purificação é impossível, porque o álcool fixou o mercúrio puro da planta.

Devemos, portanto, destilar a tintura sem nunca levá-la ao ponto seco, por exemplo, parando em cerca de 1/10 do volume na primeira vez e depois em 1/20 nas seguintes. Nessas condições, 7 destilações são suficientes.

Operação 5: Imbibições pelo Mercúrio $\Delta \Delta \nabla \nabla$

Devemos agora retomar as imbibições com esse álcool mercurial. Proceda como nas do óleo, com os mesmos cuidados, e coloque-o em incubadora por uma semana. O objetivo dessas imbibições é restabelecer o contato Enxofre–Sal, para chegar ao seguinte princípio:



Tentativas de Pedra Vegetal

A saturação do Sal pelo Enxofre tornou este último insolúvel. A junção Enxofre–Sal pelo Mercúrio reduz a temperatura de fusão da pedra.

Se houver alguma solubilidade, retome as imbibições do óleo, que se tornarão possíveis após a ação do mercúrio. Se a fusão não for fácil, retome as imbibições

do mercúrio.

Para as tentativas de extração do elixir com a pedra, comece com uma pedra lunar e, em seguida, realize uma série de tentativas, subindo os níveis sefiróticos um por um.

A pedra não pode extrair um elixir cujo nível sefirótico seja superior ao seu próprio nível de iniciação.

Para a cura, um pequeno fragmento da pedra é mais eficaz que um elixir. Essa pedra de alcarávia mercurial só pode extrair os níveis da Lua e de Mercúrio, mas sua ação sobre a Sephira Hod (Nível 8) produz uma melhoria dos talentos alquímicos e mágicos.

ORA ET LABORA!

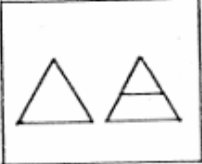
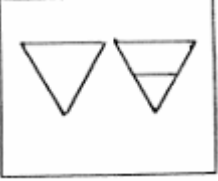
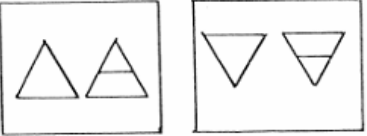
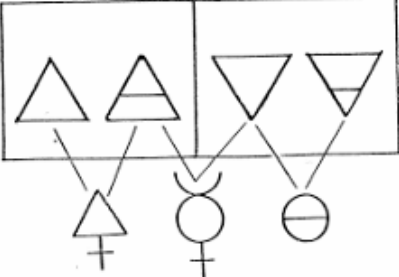
Figuras anexas:

- I- Tabela dos Elementos

Período	Grupo I		Grupo II		Grupo III		Grupo IV		Grupo V		Grupo VI		Grupo VIII		Grupo VIII (Triades)	Grupo 0
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	(Triades)	
I	1 H															2 He
II	3 Li		4 Be			5 B		6 C		7 N		8 O		9 F		10 Ne
III	11 Na		12 Mg			13 Al		14 Si		15 P		16 S		17 Cl		18 Ar
IV	19 K		20 Ca		21 Sc		22 Ti		23 V		24 Cr		25 Mn		26 Fe, 27 Co, 28 Ni	
		29 Cu		30 Zn		31 Ga		32 Ge		33 As		34 Se		35 Br		36 Kr
V	37 Rb		38 Sr		39 Y		40 Zr		41 Nb		42 Mo		43 Tc		44 Ru, 45 Rh, 46 Pd	
		47 Ag		48 Cd		49 In		50 Sn		51 Sb		52 Te		53 I		54 Xe
VI	55 Cs		56 Ba		57-71 Lantanídeos		72 Hf		73 Ta		74 W		75 Re		76 Os, 77 Ir, 78 Pt	
		79 Au		80 Hg		81 Tl		82 Pb		83 Bi		84 Po		85 At		86 Rn
VII	87 Fr		88 Ra		89-103 Actínídeos											

561

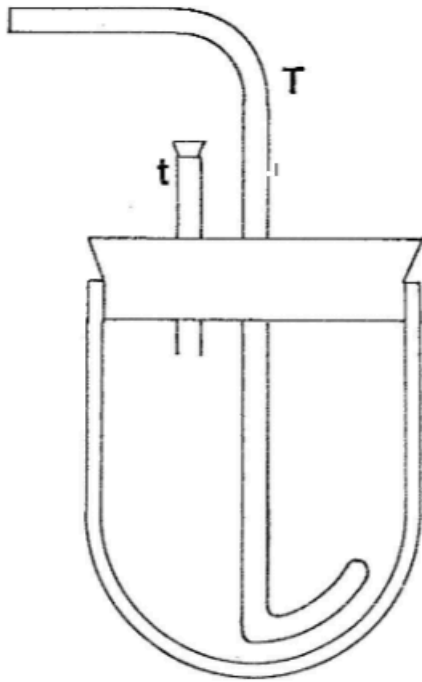
III - Operações para a mais simples das Pedras Vegetais

OPERAÇÃO 1: Extração dos óleos essenciais a vapor. Purificação do Enxofre por 5 a 7 destilações a vapor.	
OPERAÇÃO 2: Extração do sal e purificação por cristalização. O sal é carregado em Fogo pela "água dos Anjos".	
OPERAÇÃO 3: Imbibição do Sal pelo óleo. (Sal e Enxofre estão prontos, mas não unidos)	
OPERAÇÃO 4: Extração da tintura. (União do Sal e do Enxofre pelo Mercúrio) Riscos: Contaminação – temperatura.	
OPERAÇÃO 5: Imbibições pelo Mercúrio. (Enxofre e Sal são unidos pelo Mercúrio, a Pedra está terminada)	

IV - Dispositivo Anti-Contaminação

T = Tubo para misturar o Sal

t = tubo para imbibição



Lição 75: O Forno LPN



EMBLEMA XXXVI: LAPIS PROJECTUS

Caro Amigo,

Devem ser construídos três aparelhos, pois são necessários para nossas novas operações.

O primeiro é um forno que deve permitir as seguintes operações:

1. Separar a estibnita de sua ganga;
2. Reduzir a estibnita a regulus;

3. Produzir o regulus marcial;
4. Produzir o regulus marcial lunar ou venusiano.

O segundo aparelho deve possibilitar a destilação do mercúrio e do amálgama.

O terceiro é um dispositivo de trituração hermético para reduzir o regulus e o amálgama.

CONSTRUÇÃO DO CHAMADO FORNO LPN

Desenho geral: (ver Figura nº 1)

- A estrutura do forno é feita com uma panela grande e alta de alumínio de cerca de 30 x 30 cm;
- As partes da câmara de aquecimento são feitas com cimento refratário moldado. Em todas as operações, o cimento utilizado deve suportar temperaturas de até 1100 °C. Para usá-lo e moldá-lo, adicione de 10 a 15% a mais de água do que o recomendado;
- O isolamento térmico é feito com vermiculita (V);
- O elemento de aquecimento é um maçarico a gás butano tipo 500 g/h, embora o tipo 370 g/h possa ser suficiente.

Os dois elementos principais que garantem um bom rendimento térmico do forno são: primeiro, o isolamento térmico com vermiculita, e segundo, o fato de que a chama chega de forma tangencial. Ela então sobe em espiral, garantindo um aquecimento uniforme do cadinho, o que permite recuperar o máximo da energia calorífica. Esse aquecimento uniforme garante maior durabilidade ao cadinho. Quando o forno está bem regulado, a chama gira acima da chaminé.

Mufla vertical (Figura nº 2)

O tamanho da mufla é o seguinte:

- Diâmetro interno: cerca de 100–110 mm
- Altura: 200 mm

- Espessura: cerca de 20 mm

A moldagem do cimento é feita entre os dois tubos (D). Para evitar que o cimento grude nas paredes, estas são previamente cobertas com uma substância adesiva (do tipo usado para embalagens), o que também garante um bom acabamento à peça.

Os tubos são cortados longitudinalmente porque foram fixadas duas lâminas de serra no mesmo suporte. Essas fendas laterais são fechadas com uma haste de madeira, que é retirada na hora da desmoldagem, facilitando o processo. Para manter os tubos centrados, coloca-se um disco de compensado na base e quatro blocos na parte superior.

Durante a moldagem, agite a forma para eliminar as bolhas de ar e garantir uma peça bem formada. Neste caso, colamos o círculo central em um pequeno pedaço de madeira, o que facilita a agitação por rotação e por impactos verticais rápidos. É bom prever discos na parte superior e inferior do tubo interno, além de anéis de aperto nas extremidades do tubo externo, para evitar deformações causadas pela pressão do cimento. Após a desmoldagem, a face superior é polida com lixa.

Pode-se prever um furo (A), orientado como em B, para a passagem do maçarico. Se o furo não tiver sido feito durante a moldagem, pode-se perfurar com uma broca adequada e finalizar com uma grossa de madeira.

Moldagem da base da mufla (Figura nº 2)

Prepare dois discos de compensado (E), cujo diâmetro externo seja igual ao da mufla vertical. O furo central deve ter diâmetro entre 16 e 20 mm, idêntico ao do tubo de aço inoxidável (pode-se usar uma haste de cortina de aço), que servirá para drenagem.

Os dois discos são montados conforme R e R'. A superfície superior de R é coberta com uma substância adesiva. O tubo central deve ultrapassar a parte superior em 25 a 30 cm. O topo das três hastes roscadas é fixado com uma porca a cerca de 10 a 12 mm acima do disco superior. Este disco é circundado por um tubo do mesmo diâmetro do tubo externo usado na moldagem da mufla.

O cimento é vertido até a linha pontilhada, que representa a altura do topo do tubo central. Após a desmoldagem, a peça é polida com lixa.

Moldagem da chaminé (Figura nº 1)

As dimensões não são críticas. Ela é moldada em dois tubos plásticos. O tubo externo tem o mesmo diâmetro do tubo externo usado na mufla vertical. O tubo plástico interno deve formar um cone, conforme o desenho, mas o aspecto cônico externo não é necessário.

A base da chaminé também é polida com lixa.

Outras moldagens:

Devemos usar o cimento excedente para moldar blocos e tampas para o cadinho. Um prego inserido na massa das tampas facilita o manuseio (Figura nº 3).

Como o antimônio ataca rapidamente a mufla, é aconselhável moldar uma segunda peça com antecedência e, pelo mesmo motivo, prever alguns cadinhos extras.

Montagem do forno (Figura nº 1)

A panela é fixada sobre uma base de madeira pesada, com dimensões suficientes para garantir estabilidade (40 x 40 cm). Fixe-a com hastes roscadas de 10 mm. A base da panela deve ficar de 12 a 15 cm acima da tábua.

Um dos discos de compensado usados na moldagem da base da mufla é reutilizado para marcar o local a ser perfurado no fundo da panela. A base da mufla é instalada com 3 hastes roscadas.

Montagem para a purificação da estibnita:

A parte superior do cadinho não deve ficar mais de 1 a 2 cm abaixo do topo da mufla.

Se for necessário um bloco de cimento para posicionar o cadinho, ele será moldado ao redor de um tubo idêntico ao de drenagem.

O cadinho será perfurado com um orifício de 5 a 6 mm. Sempre na base, mas do lado externo, será feito um rebaixo do mesmo diâmetro do tubo de alinhamento, o qual servirá para alinhar cadinho, bloco e base, de modo que nada obstrua a passagem da estibnita, que poderá fluir livremente.

Se o tubo de alinhamento estiver obstruído, basta, após o resfriamento, retirá-lo e aquecê-lo com o maçarico para fazer a estibnita fluir novamente. Este tubo deve ser ligeiramente menor que o da base — por exemplo, base com diâmetro de 20 mm e tubo com 16 mm. Ele será cortado na base com dois cortes de serra para formar uma pequena lingueta que, sob pressão, manterá o tubo firme.

Este tubo proporciona duas vantagens:

1. Alinha verticalmente o bloco, o cadinho e a base;
2. Em caso de obstrução, o forno não apresenta problemas.

SEPARAÇÃO DA ESTIBNITA DE SUA GANGA

Com o sistema montado, encha o cadinho com pequenos pedaços de estibnita (tamanho de uma avelã). Coloque a tampa sobre o cadinho. Sob o furo do tubo de drenagem, posicione um pequeno recipiente com água destilada, a 1 ou 2 cm de altura.

O maçarico é aceso fora do forno em temperatura reduzida. Depois, coloque-o no forno e aumente até o calor máximo. Cerca de 10 minutos depois, a estibnita derretida cai na água. A ganga permanece no cadinho.

Obtém-se assim uma estibnita que, ao ser transformada em regulus, não gerará escórias parasitas.

Nota: o cadinho quente pode ser manuseado com alicates do tipo usado para pegar formas no forno. Cuidado: o metal do alicate pode derreter com facilidade, portanto, opere rapidamente para evitar o superaquecimento.

Medidas de segurança:

- Use obrigatoriamente luvas de amianto e óculos de proteção;
- Nunca inale os vapores acima do forno.

Práticas:

Tenha à mão os seguintes materiais para os trabalhos propostos:

- Estibnita ou regulus (a estibnita é preferível)
- Mercúrio: o aparelho de destilação permite comprar mercúrio usado por um custo menor;
- Prata metálica: embora cara, o texto anexo ensina como reciclá-la. Apesar de ser necessária em quantidade significativa, a maior parte é recuperada após cada série de operações.

PREPARAÇÃO DA PRATA PARA OS AMÁLGAMAS DE FILALETEO

Encontre objetos de prata: joias antigas, moedas, talheres... ácido nítrico comercial e um agitador elétrico.

Atenção: trabalhe ao ar livre ou sob capela, com luvas e óculos de proteção em todas as etapas. O agitador mais prático é essencialmente feito com um tubo de ensaio de vidro pirex ou outro recipiente com 30 a 40 cm de altura e diâmetro entre 70 e 150 mm, desde que não seja de metal.

Este tubo gira em velocidade inferior a uma volta por segundo (uma volta a cada 2 ou 3 segundos é adequado). O eixo do recipiente forma um ângulo de 45° com a vertical.

Encha o tubo com ácido nítrico até entre $1/3$ e $1/2$ da altura. Adicione os objetos de prata aos poucos. A reação começa lentamente e é acompanhada pelo aquecimento do líquido. Se for adicionado muito metal, a temperatura sobe; se ultrapassar $84\text{ }^{\circ}\text{C}$, o ácido entra em ebulição, liberando vapores vermelhos muito tóxicos e há risco de transbordamento. O fim da reação é identificado pela ausência de bolhas no líquido.

O ácido não é completamente consumido porque a reação cessa após certo enfraquecimento.

Durante a reação, o gás liberado é hidrogênio, inflamável, devendo ser dissipado.

O líquido é filtrado, resultando em uma solução contendo:

- a) água;
- b) ácido nítrico;
- c) nitrato de prata;
- d) nitrato de cobre.

Se a liga das joias contiver zinco, este é eliminado durante a filtração, na forma de um resíduo pastoso cinza-amarelado.

Para evitar a liberação de vapores tóxicos e recuperar o ácido não consumido, realiza-se uma destilação "tradicional". O frasco de recepção é carregado previamente com um pouco de água desmineralizada e a saída ocorre através de um borbulhador com base (por exemplo, amônia), que se transforma em nitrato de amônio, o sal do orvalho na alquimia.

Enquanto o ácido destila, a temperatura dos vapores é de $84\text{ }^{\circ}\text{C}$; ao subir para $100\text{ }^{\circ}\text{C}$, o ácido acabou e apenas a água continua destilando. Deve-se então retirar o líquido e iniciar uma evaporação lenta.

Quando o volume do líquido for reduzido em $1/2$ ou $1/3$, verta-o em uma cubeta preferencialmente semiesférica, o que reduz os riscos de quebra.

Deixe esfriar e observe se o líquido se solidifica ou se torna pastoso. Entramos agora na fase crítica da operação.

Temos uma mistura de nitrato de cobre e nitrato de prata. Sabemos que o nitrato de cobre funde a $112\text{ }^{\circ}\text{C}$ e se decompõe a $300\text{ }^{\circ}\text{C}$, e que o nitrato de prata funde a $212\text{ }^{\circ}\text{C}$ e se decompõe a $444\text{ }^{\circ}\text{C}$.

Atenção: a decomposição de qualquer um dos nitratos libera vapores tóxicos de ácido nítrico. A solução prática é aquecer os sais em um dedal de porcelana com aquecimento a gás facilmente regulável (uma tela metálica separa a chama da cubeta).

Não pare de agitar a mistura para garantir a distribuição uniforme do calor. Use uma vareta de vidro ou, melhor ainda, um termômetro graduado (360 a $400\text{ }^{\circ}\text{C}$). Assim, a

temperatura da mistura se mantém uniforme e pode ser monitorada constantemente.

Provavelmente devido à presença do nitrato de prata, a decomposição do nitrato de cobre começa por volta dos 240 °C. Essa decomposição é notada pela cor verde que desaparece gradualmente, sendo substituída pelo preto do óxido de cobre.

Quando todo o verde desaparecer e não houver mais vapores vermelhos, deixe esfriar e obterá um sal branco (nitrato de prata) misturado com óxido de cobre preto.

Dissolva o nitrato de prata em água desmineralizada. Filtre para eliminar o óxido de cobre insolúvel.

Uma coagulação sem fervura gera o nitrato de prata. Ele deve ser mantido longe da luz, pois se decompõe facilmente.

Não é necessário reduzi-lo ao estado metálico para seu uso no amálgama de Irineu Filaleto.

Nota: O nitrato de prata, sólido ou em solução, causa manchas pretas que desaparecem muito lentamente. Portanto, não se esqueça das luvas. Em caso de acidente: lave a pele com uma solução de iodeto de potássio, a mancha fica amarela; depois elimine-a enxaguando com hipossulfito de sódio (fixador fotográfico).

Via seca e via úmida

Irineu Filaleto, ele mesmo, contesta essa possibilidade das duas vias em sua obra “Entrada para o Palácio Fechado do Rei”.

Dissemos, nesta lição, que as transferências de energia (Fogo) não podem ocorrer no estado líquido.

Na Antiguidade, quando os filósofos ainda não haviam descoberto os ácidos fortes — clorídrico, nítrico e sulfúrico —, a única solução para dissolver metais era o mercúrio (uma “água seca” que não molha as mãos), portanto, a via seca.

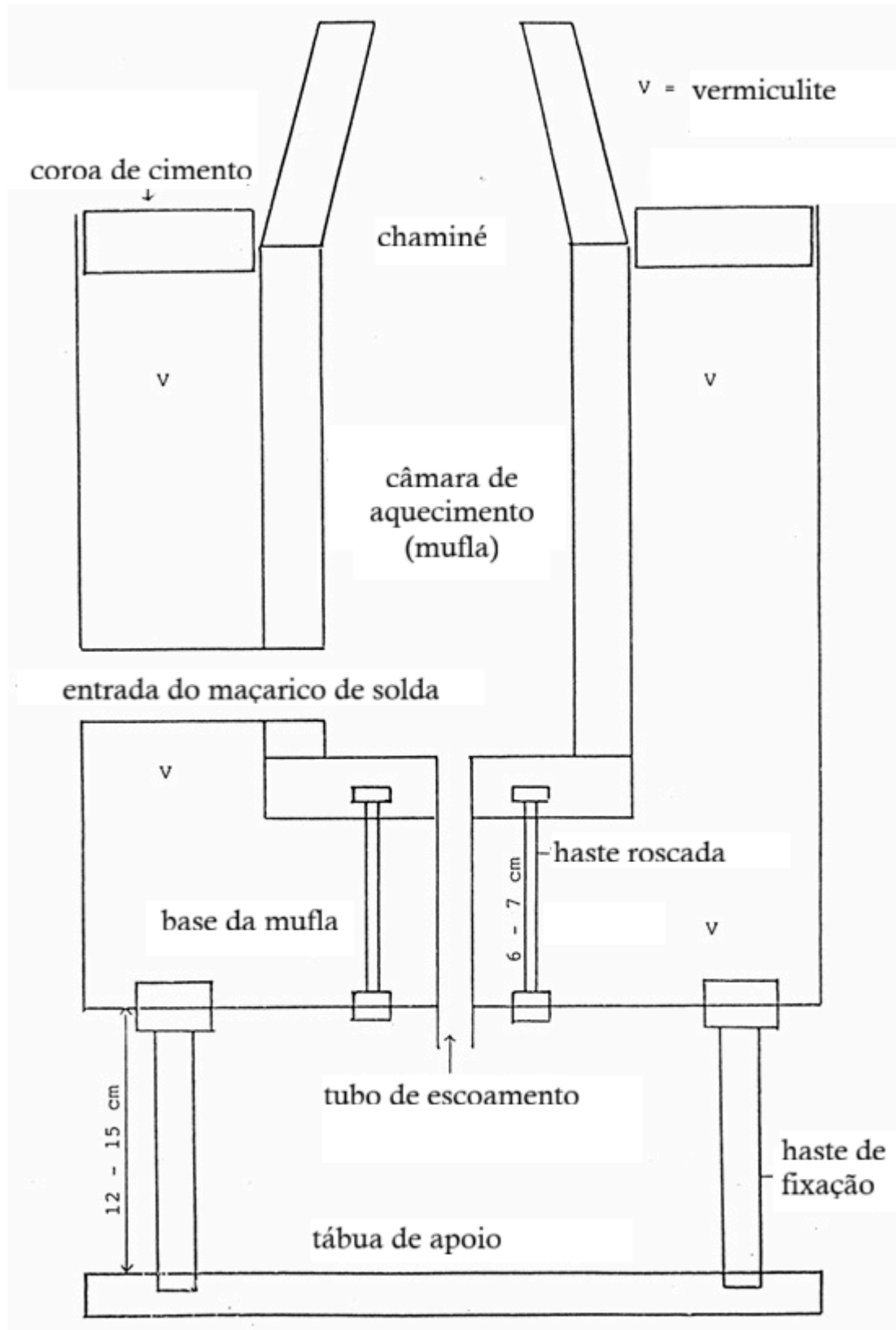
A descoberta dos ácidos fortes permitiu a dissolução "aquosa" dos metais, ou via úmida. O ápice dessa via é a água régia, capaz de dissolver o ouro, o rei dos metais.

Nesse sentido, o processo dos amálgamas de Filaleto, que não utiliza ácidos em sua parte essencial, pertence à categoria da via seca.

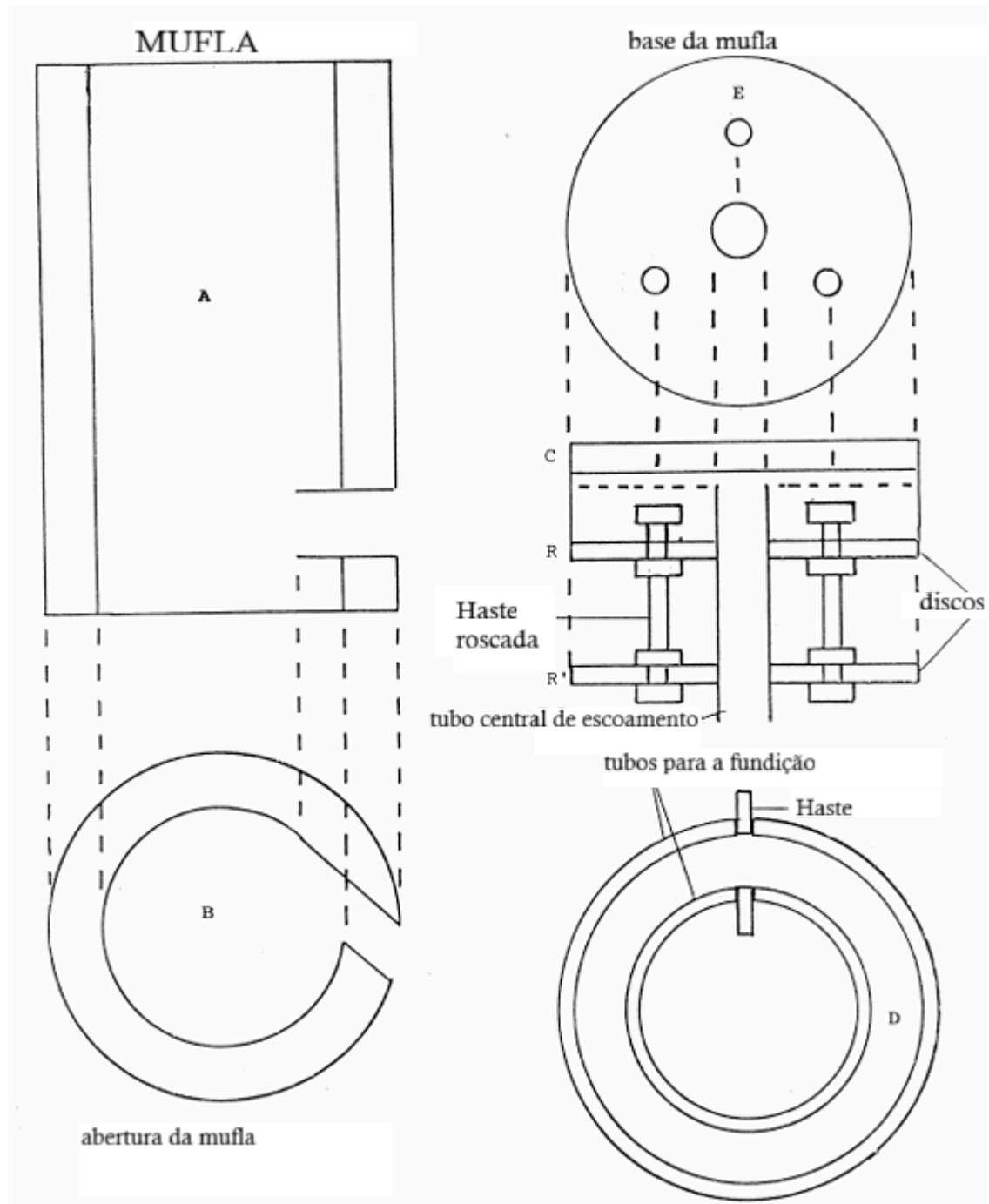
ORA ET LABORA!

FIGURAS ANEXAS

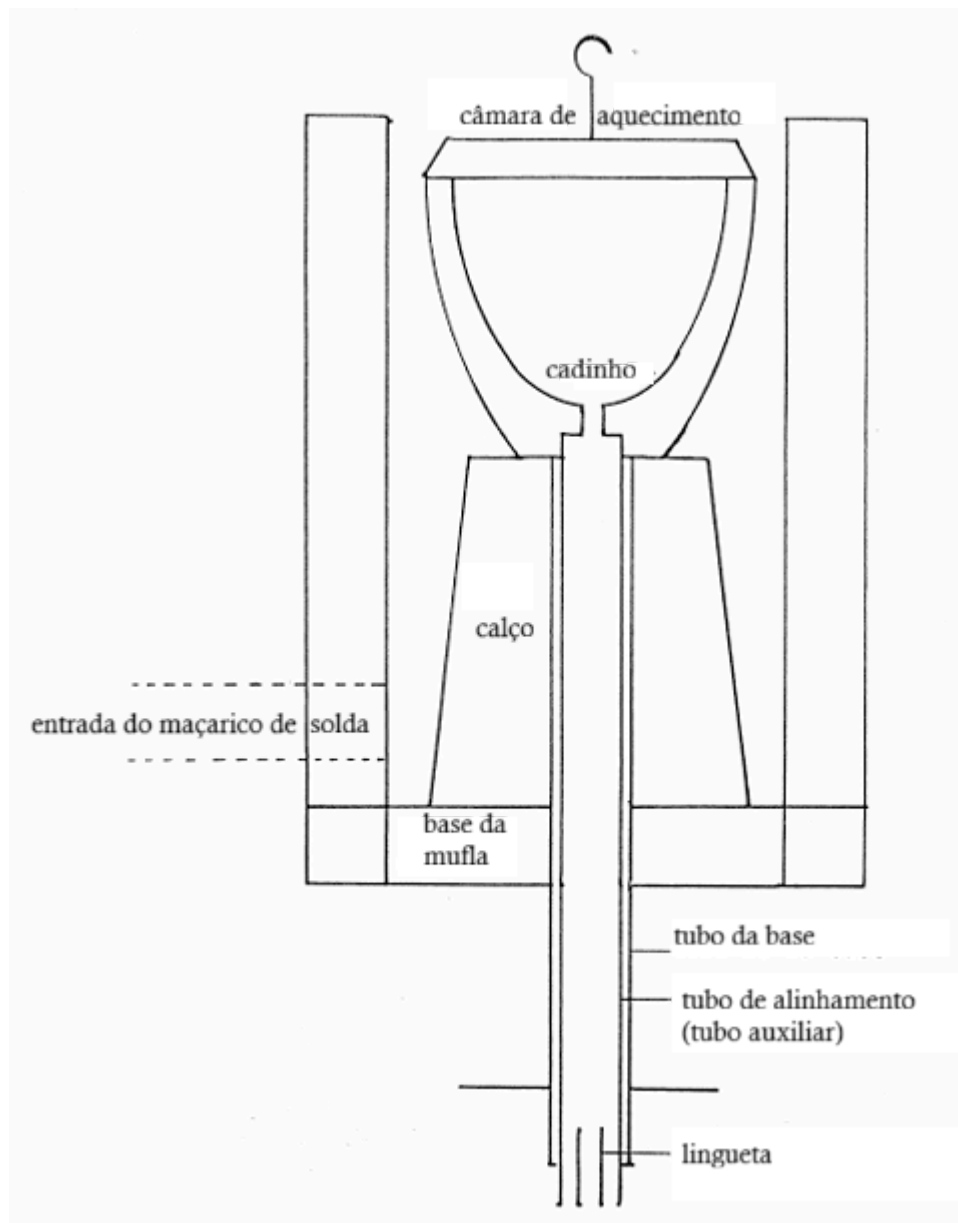
T - Desenho geral do forno "LPN"



Peças de moldagem da mufla



Montagem para a purificação da estibina



Lição 76: Régulo Marcial, Mercúrio e Amálgamas

EMBLEMA II: NUTRIX



Áries (o carneiro) - ferro - e o lobo - antimônio - fornecem os elementos necessários para a alimentação da Obra.

Caro amigo,

O régulo marcial pode ser obtido tanto a partir do régulo comum quanto da estibina. Se tomarmos a estibina como ponto de partida, a operação anteriormente descrita – a separação da ganga – não é absolutamente obrigatória, mas tem a vantagem de reduzir bastante o problema da escória nos cadinhos. É preciso lembrar que essa separação não é completa nesse processo. Porém, se considerarmos a separação por digestão, isto é, quando a estibina é mergulhada em uma solução de soda ou potassa, ocorre uma transferência de energia e existe o risco de perda de qualidade, como já mostrado nas explicações teóricas anteriores.

REDUÇÃO DA ESTIBINA EM RÉGULO

A redução da estibina em régulo acontece quando adicionamos algo que absorva o enxofre da estibina. Os minerais acrescentados serão então um absorvente de enxofre e um fundente para facilitar a fusão no cadinho. As proporções da mistura variam de acordo com os autores e com a qualidade do minério. No nosso caso, parece correto usar uma quantidade de nitrato de potássio equivalente à metade do peso do carbonato de potássio e uma quantidade da mistura igual ao peso da estibina. O todo deve ser reduzido a pó fino e seco, caso contrário há risco de transbordamento no cadinho.

Para essa operação, primeiro retire a “chaminé” do forno e instale um cadinho alto. É bom prever uma quantidade da mistura equivalente a duas ou três vezes o volume do cadinho. Essa mistura em pó é despejada no cadinho aquecido ao vermelho, uma colher de chá por vez. Logo após cada adição, coloque a tampa e espere até que o conteúdo volte a ficar “quieto”. A operação deve parar quando a projeção de pó para fora se tornar excessiva.

É preciso uma lâmina de aço para raspar a escória após o vazamento do metal, pois ela não é muito líquida e tende a solidificar rapidamente. Várias fusões sucessivas podem ser necessárias para eliminar o enxofre da estibina.

O molde para o vazamento deve estar bem aquecido, de modo a permitir uma solidificação lenta, que possibilite, por um lado, que a escória suba à superfície e, por outro, uma melhor cristalização.

FABRICAÇÃO DO RÉGULO MARCIAL

O cadinho é carregado com o régulo obtido a partir da estibina. Colocam-se nele vários pequenos pregos, cujo peso deve corresponder a cerca de 1/10 do peso da estibina.

Atenção: a ideia não é fazer uma liga de antimônio e ferro, mas sim uma solução de ferro no antimônio. Isso será depois útil para o cobre e para a prata.

Para obter esse resultado, a temperatura deve ser mais alta que a de fusão do régulo, mas mais baixa que a do metal adicionado.

O metal adicionado se dissolve como sal na água e, da mesma forma, a dissolução cessa quando o régulo está saturado com o metal. Assim, para o ferro, usam-se pregos e não pó, porque os pregos que não forem dissolvidos podem ser facilmente separados do régulo, e o fato de alguns ainda estarem presentes após o vazamento indica e prova que o régulo está saturado. Como a dissolução do ferro é lenta, o régulo deve permanecer em fusão por pelo menos meia hora.

Durante toda a operação, a tampa do cadinho deve permanecer no lugar, o que evita grande perda de material.

O régulo obtido deve ser refundido várias vezes com uma carga de nitrato de potássio, que elimina as impurezas por oxidação. A operação termina quando não houver mais escória no vazamento.

O ferro tem dupla função: primeiro, ajudar na absorção residual do ferro; segundo, trazer um elemento alquímico de natureza magnética ao régulo.

Vários autores mencionam de 4 a 5% de ferro dissolvido em peso. Também concordamos com isso. A cristalização dá uma ideia do nível de pureza.

DESTILAÇÃO DO MERCÚRIO (Figura nº 1)

O mercúrio ferve a 360 °C, temperatura em que o vidro de pyrex amolece. O balão, portanto, deve ser mantido em forma por um banho de areia, ou deve-se usar um balão de quartzo.

A velocidade de circulação dos vapores de mercúrio é muito alta, portanto condensá-los através do vidro é impossível. Borbulhar o vapor na água é a única solução para sua condensação.

A destilação força os vapores de mercúrio a expulsarem o ar do balão. Quando o aquecimento cessa, forma-se um vácuo. É necessário prever um dispositivo que impeça a água de entrar em contato com o mercúrio. Água sobre mercúrio a cerca de 300 °C significa explosão.

O aparelho deve ser completamente hermético, pois os vapores de mercúrio são muito tóxicos.

Uso do instrumento

Mercúrios impuros sujam bastante o balão, por isso é melhor reservar um balão para as primeiras destilações, outro para as seguintes e um terceiro somente para a destilação dos amálgamas.

A limpeza dos balões muitas vezes só é possível com água régia. Atenção: os produtos resultantes são altamente tóxicos.

DESTILAÇÃO DO AMÁLGAMA

Veremos mais adiante a preparação do amálgama, mas dada a semelhança entre a destilação do amálgama e a do mercúrio, parece apropriado abordar o assunto agora.

O amálgama, antes de se solidificar, é reduzido a pequenas bolas, cujo diâmetro não deve ultrapassar um terço, ou mesmo a metade, do diâmetro interno do gargalo do balão.

A operação consiste em secar o amálgama do mercúrio que contém.

Não deve haver fusão do régulo, caso contrário ele formará liga com o quartzo do balão e será perdido.

Para controlar o calor e estabilizar a temperatura, é bom usar uma tela térmica sobre a parte superior do balão e no gargalo, entre o balão e o tubo de saída. Por causa disso, a destilação será muito lenta e a temperatura sempre mantida no mínimo possível. Não seria prudente que qualquer ponto do balão ultrapassasse 400–420 °C.

A solução ideal para a destilação do amálgama, também válida para o mercúrio, é construir um pequeno manto térmico mantido a 20 °C por um par termoelétrico e termoeletrônico, o que implica ter algum conhecimento prévio de eletrônica.

A destilação do amálgama é um ponto-chave nas operações, pois fornece o mercúrio animado, o chamado “mercúrio sófico”.

Outra possibilidade, que também evita ter de passar por essa operação, consiste em tentar despertar o fogo secreto diretamente no amálgama por uma longa digestão.

Para isso, é necessário ter um tubo de ensaio de quartzo com cerca de 50 cm de comprimento e 8 a 10 cm de diâmetro.

Também é possível trabalhar com um tubo de vidro borossilicato, mas, nesse caso, o comprimento necessário será de cerca de um metro, e a parte a ser aquecida deve receber calor por um banho de areia.

O amálgama será colocado no fundo do tubo de ensaio, ligeiramente inclinado, com a extremidade aberta posicionada o mais baixo possível. Essa abertura será fechada com uma rolha de poliuretano ou material similar. Um tubo de 8 mm passará por ela e mergulhará em um tubo de ensaio estreito, contendo de 25 a 30 mm de água destilada.

Na parte aquecida, onde está o amálgama, o mercúrio evaporará. Dada a extensão do tubo e a baixa condução térmica do vidro ou quartzo, a extremidade oposta permanecerá relativamente fria, de modo que o mercúrio se condensará nessa área e, devido à inclinação do tubo, se concentrará próximo à rolha. Uma pequena parte dos vapores chegará ao tubo de escape.

Quando o aquecimento parar, é preciso garantir que a água do tubo de segurança não entre no tubo principal; de qualquer forma, a quantidade mínima de água usada torna impossível que ela alcance as partes mais altas do dispositivo.

Sendo o tubo estreito, reto e com ampla abertura, a extração dos resíduos do amálgama não apresenta problema algum.

Nota: se usar vidro borossilicato, é essencial um suporte mecânico para o tubo.

TERCEIRO TRATADO DO ANTIMÔNIO

(Citações das obras de Alexander Von Suchten²⁶⁶ (Frankfurt, 1680) por S. Bacstrom (1797))

Nota 1: Dado o que acabamos de dizer, o texto a seguir já deve oferecer uma ideia mais precisa sobre a solução dos amálgamas. Nesse sistema, a estibina é diretamente transformada em régulo marcial, sem passar pela fase de régulo simples.

Um processo de Von Suchten para preparar o régulo marcial estrelado.

Você deve purificar seu mercúrio com um enxofre procedente do mercúrio e não de sais. Esse enxofre metálico no mercúrio antimonial é reduzido a mercúrio vivo e, por fim, esse mercúrio vivo se transforma em ouro puro.

O enxofre metálico, que deve purificar o antimônio (mercúrio, no texto de Dubuis), só é encontrado no ferro e em nenhum outro lugar, e essa purificação é realizada da seguinte maneira.

Régulo marcial estrelado de antimônio

Pegue bom ferro, 4 onças — eu costumo pegar pequenos pregos de ferro — coloque-os em um cadinho forte e espaçoso, que deve ser posicionado em uma fornalha de vento; eleve o fogo até um bom calor e deixe até perceber que os pregos estão macios e pastosos, com o cadinho em brancura de calor; então projete no cadinho 8 onças de bom antimônio pulverizado e bem aquecido, aumentando o fogo para que o ferro derreta bem no antimônio.

Em seguida, jogue no cadinho, com uma colher de ferro de cabo longo, um bom punhado de salitre previamente aquecido e completamente seco. Ele irá fulminar, portanto, o cadinho deve ser grande para que a matéria não transborde.

²⁶⁶ **Alexander von Suchten** (c. 1520–1575) foi um médico, poeta e alquimista polonês, conhecido por suas obras influenciadas pelo pensamento de Paracelso. Atuou em diversas cortes europeias e escreveu tratados como *Os Segredos do Antimônio* e *Uma Verdadeira Filosofia*, nos quais criticava o charlatanismo e rejeitava a ideia de transmutação de metais. Sua abordagem buscava integrar alquimia e medicina com rigor filosófico e ético

Aumente o fogo para que a mistura fique bem fluida e despeje o conteúdo o mais quente possível no seu cone de ferro aquecido e untado com óleo, deixando esfriar gradualmente.

Quando frio, dê um golpe com martelo e o régulo se separará da escória negro-esverdeada. Essa escória lembra uma marcassita; você pode guardá-la até compreender sua natureza, pois nela há um mistério sobre o qual não falarei agora.

(O mistério é que a **primeira escória** contém o enxofre do ferro e do antimônio, enquanto o régulo contém ambos os mercúrios.)

Nota 2: Nesta primeira parte, não se menciona que o régulo deve ser colocado no cadinho. Coloque o régulo em um cadinho novo, deixe fluir e, assim que estiver fundido, adicione 1 onça e meia de antimônio fresco, pulverizado e aquecido, deixando-os fundirem bem juntos. Depois, projete, como antes, um punhado de salitre muito seco e aquecido, aumentando o fogo para que fervam intensamente.

Enquanto estiverem bem fluidos, como água, despeje no cone aquecido e untado com óleo, deixando esfriar gradualmente.

Separe o régulo da escória. Esse régulo é mais fino e puro que o primeiro. A escória deve ser descartada, pois não serve para nada.

Nota 3: A ideia aqui é levar o enxofre do antimônio ao régulo marcial; o antimônio fresco é estibina separada de sua ganga.

Deixe o régulo fundir em um cadinho novo e, assim que estiver claro e fluido, projete nele uma colher de salitre aquecido, deixando o salitre fluir sobre o régulo como um óleo — o que se consegue elevando bem o calor — caso contrário, o salitre coagulará e permanecerá duro na superfície.

Aumente o fogo e despeje a massa no cone aquecido e untado, deixando esfriar.

Esse régulo é ainda mais fino, mais bonito, mais puro e mais metálico que o anterior. As escórias não servem para nada.

Na quarta vez, deixe o régulo fluir em um cadinho novo e limpo e, assim que fundir como prata, projete novamente uma pequena concha cheia de salitre aquecido e deixe-os ferver juntos por cerca de vinte minutos. Depois, despeje no cone aquecido, enquanto flui como óleo, elevando o calor ao máximo no momento de retirá-lo.

Deixe esfriar gradualmente no cone; quando frio, separe o régulo da escória. Se a escória estiver com cor dourada, você trabalhou corretamente.

Nota 4: As fusões sucessivas permitem que as escórias subam à superfície. O ferro e a prata se dissolvem apenas muito lentamente no antimônio. O tempo de dissolução é de cerca de 1 hora a 1 hora e meia.

Seu régulo será como prata fina e apresentará uma bela estrela na superfície e no interior. Ele pesará aproximadamente 4 onças, se o trabalho tiver sido correto.

Nesse processo, o antimônio extrai a alma mercurial do ferro e a reduz a um mercúrio seco.

Esse mercúrio nada mais é do que fogo, atua como fogo e digere o mercúrio cru do antimônio, separando o minério do metal.

Observe também que o mercúrio do ferro está nesse antimônio purificado, oculto na cor prateada do mercúrio antimonial.

A cor prateada que você vê nesse régulo não vem do enxofre, mas do mercúrio, no qual o mercúrio do ferro permanece oculto — e esse mercúrio nada mais é do que ouro.

Esse mercúrio do ferro está no mercúrio antimonial como um espírito ou um ar (ou melhor, um fogo). Ele permanece vivo no mercúrio antimonial até ser corporificado e separar-se do mercúrio do antimônio (*Coelum Philosophorum*, manuscrito).

Se você compreender o que é esse fogo que purifica o antimônio, também entenderá o que é o fogo que purifica e digere nosso antimônio mágico; ou seja, saberá o que é o ouro filosófico, que chamo de *aurum potabile*, que se separa ao final do mercúrio do antimônio filosófico, do mesmo modo que o ouro puro se separa do mercúrio do antimônio.

(Acredito que o *Coelum Philosophorum* explica tudo isso.)

Se agora quiser reviver esse mercúrio antimonial em mercúrio vivo, isso deve ser feito com mercúrio; mas sem um mediador, não pode ser feito, pois vemos que o régulo não pode ser misturado com mercúrio comum, devido ao enxofre contido nele.

Como esse enxofre não é metálico, ele não tem simpatia com o mercúrio comum, impedindo a mistura.

Portanto, deve-se encontrar um meio de união entre o mercúrio comum e o antimonial, e nesse meio deve haver um poder ausente no mercúrio vulgar, pois este não possui poder específico. Há apenas dois tipos de mercúrios: o comum e o mercúrio sófico.

Ora, como o poder separador é um poder específico mercurial, precisamos encontrar em qual mercúrio esse poder se encontra, e a experiência ensina que não está em outro senão no **mercúrio da prata**.

Processo

Pegue prata fina, 1 onça, e do seu régulo puro, meia onça. Deixe a prata incandescente em um cadinho novo, depois adicione o régulo, que logo fluirá e se fundirá com a prata, parecendo mercúrio comum. Despeje no cone e obterá uma massa de cor chumbo.

Reduza essa massa a pó — é fácil de fazer. Depois, coloque mercúrio comum puro, 4 ou 5 onças, em um frasco de vidro; então, despeje o pó do régulo lunar no frasco junto ao mercúrio. (Deixe em banho-maria por um dia e uma noite para que o pó penetre no mercúrio.) Agite bem o frasco para misturar as substâncias e, quando o pó estiver bem integrado ao mercúrio corrido, despeje e amálgama-o bem sobre uma pedra morna. Terá então um verdadeiro amálgama.

Nota 5: Colocamos o régulo marcial lunar e o mercúrio tridestilado no dispositivo de trituração descrito na Lição Mineral nº 77. O peso da prata pode ser bem menor, pois isso só afeta o tempo de formação do amálgama.

Purificação do amálgama

Coloque o amálgama em um prato de madeira, despeje água sobre ele e triture com um pilão de madeira, até que a água se torne preta; descarte a água preta.

Nota 6: O prato e o pilão devem ser de porcelana.

Despeje água limpa novamente, triture até que a água escureça, descarte e continue lavando o amálgama dessa forma até que fique como prata fina e a água permaneça límpida sobre ele.

A terra preta lavada do amálgama assenta na água; guarde-a e descarte a água com cuidado.

Coloque o amálgama em um frasco de vidro, deixe uma noite em digestão em banho-maria, depois lave novamente como antes, obtendo mais terra preta. Continue as lavagens até que não saia mais nenhuma fuligem do amálgama.

Também é possível triturar o amálgama com sal branco puro para que a fuligem se separe mais rapidamente.

Quando não sair mais fuligem, o amálgama estará puro e brilhante como prata.

Observe: quanto mais fuligem o amálgama liberar, mais régulo foi reduzido a mercúrio antimonial.

Quando não houver mais fuligem, coloque o amálgama brilhante em um alambique de vidro e destile o mercúrio corrido, ou seja, separe-o da prata.

Se a lavagem foi bem feita, a cal de prata permanecerá no alambique como uma bela cal branca. Mas se a prata estiver com cor de chumbo, é sinal de que ainda contém antimônio.

Nesse caso, lave novamente a prata até que não reste nenhuma fuligem.

O recipiente deve estar cheio de água fria antes de destilar o mercúrio, e assim se obterá um mercúrio belíssimo e puro, que é triplo: mercúrio vulgar, mercúrio de antimônio e mercúrio de ferro.

Mas observe: o mercúrio de ferro não transmuta os outros dois na sua própria natureza, pois não está radicalmente misturado com eles e, por isso, se separa depois — como será explicado.

Assim, esse mercúrio não deve ser chamado de mercúrio de ferro, mas de mercúrio de antimônio, pois o antimônio é cheio de mercúrio. O mercúrio de ferro que está oculto nesse mercúrio é ouro volátil, e para que você veja e acredite, pegue uma pequena quantidade do amálgama lavado, antes de destilar o mercúrio, e evapore-o suavemente da prata: o ouro volátil do ferro, isto é, o mercúrio de ferro, permanecerá com a prata e a tingirá com a mais bela cor dourada — mas, como é volátil, não permanece na fusão e evapora.

O mercúrio que você destilou do amálgama, ou seja, da prata, penetra os metais e separa seus elementos — divide o mercúrio do enxofre — algo que o mercúrio comum não pode fazer, a menos que seja animado pelo mercúrio de ferro e transformado em sua natureza.

(O processo concorda com meus outros manuscritos. Apenas o régulo fresco deve ser fundido com a cal de prata restante, que deve ser amalgamada com o mercúrio anteriormente destilado. Isso deve ser repetido de 7 a 10 vezes.)

Até aqui, Von Suchten sobre o régulo marcial estrelado.

O mesmo autor, p. 234, escreve: o antimônio é um minério no qual há um metal — o mercúrio. Esse mercúrio o artista físico deve extrair do antimônio. A separação deve ser feita de modo que o esplendor metálico visível no antimônio não seja queimado e perdido, mas exaltado e extraído.

Esse esplendor metálico surge após a separação do enxofre inflamável externo nas escórias, deixando de ser antimônio comum para se tornar **o mercúrio dos filósofos**; ele pode ser fundido e moldado como qualquer outro metal, fluindo no cadinho como prata pura. Por esse sinal, você saberá que não é mais antimônio

comum, mas mercúrio — embora o antimônio não seja mercúrio, contém mercúrio em seu centro.

Sobre o mercúrio de cobre introduzido no mercúrio de antimônio, o autor escreve (veja a edição inglesa de *Secrets of Antimony*, Londres, 1670, p. 83):

Mostrarei agora como obter, por meio do mercúrio de antimônio (cobre, no material da LPN-France), o ouro que anima seu mercúrio de antimônio. Esse ouro nada mais é que o espírito mercurial que está no ferro, assim como a alma no homem; mas, como esse ouro já não é corpóreo como era antes no ferro, e sim se tornou espírito pelo mercúrio do antimônio, ele só pode ser tornado corpóreo pelo espírito do sal de cobre. Esse espírito não é o mercúrio de antimônio, nem o seu enxofre: é um meio-termo entre ambos. Quando esse meio é extraído do cobre, suas partes se separam — mercúrio e enxofre. O mercúrio do cobre permanece no mercúrio de antimônio; o enxofre deve ser lavado e é uma terra cinzenta sulfurosa, como cinza.

Pegue 2 libras do melhor vitríolo húngaro; dissolva-o em água comum; coloque em um pote resistente ao fogo e adicione meio punhado de pequenos pedaços de ferro; deixe ferver por 10 minutos; despeje a água fora e, sobre o ferro, adicione o mercúrio destilado da prata (o mercúrio antimonial que já passou pelo número adequado de Águias). O antimônio que o ferro reduziu do vitríolo se amalgamará sozinho com o mercúrio. Lave bem o amálgama para retirar todo o ferro. Quando estiver puro e limpo, seque-o e coloque-o em um frasco de vidro, deixando-o 8 dias e noites em banho-maria; ele ficará de cor cinza-escura. Retire e lave no prato de madeira (nota: porcelana).

Guarde o pó que lavar do amálgama; coloque-o novamente em banho-maria por 8 dias e noites e lave outra vez. Faça isso uma terceira vez. Mas, se quiser decompor todo o cobre em mercúrio e enxofre, repita o processo até que o amálgama se converta em mercúrio vivo puro, o que não acontecerá rapidamente.

Depois de três ciclos de banho-maria e lavagem, destile o mercúrio vivo do cobre como fez antes com a prata. Agora, ele já não é mercúrio vulgar nem mercúrio de ferro, mas foi fermentado e transmutado em mercúrio de cobre.

Esse mercúrio de cobre é algo maravilhoso, como qualquer químico poderá comprovar. O precipitado obtido dele é extremamente brilhante e admirável aos olhos dos alquimistas, mas, por mais belo que seja, é um veneno mortal na medicina: afaste-se dele e não se deixe enganar por sua aparência.

Nesse mercúrio de cobre, o ouro do ferro ainda permanece oculto; falta-lhe apenas a frieza da lua, pela qual receberá a primeira e perpétua coagulação do ouro. O processo de coagulação é o seguinte:

Pegue prata fina sem ouro (1 parte) e mercúrio de cobre (4 partes); faça um amálgama — para facilitar, dissolva a prata em água-forte e precipite-a com cobre,

como de costume. O precipitado cairá no fundo como um pó fino e brilhante, que pode ser facilmente amalgamado com o mercúrio de cobre. Lave o amálgama até que fique limpo e brilhante; coloque-o em um frasco e deixe 24 horas em banho-maria; então ficará negro como carvão. Retire, triture sobre pedra e lave.

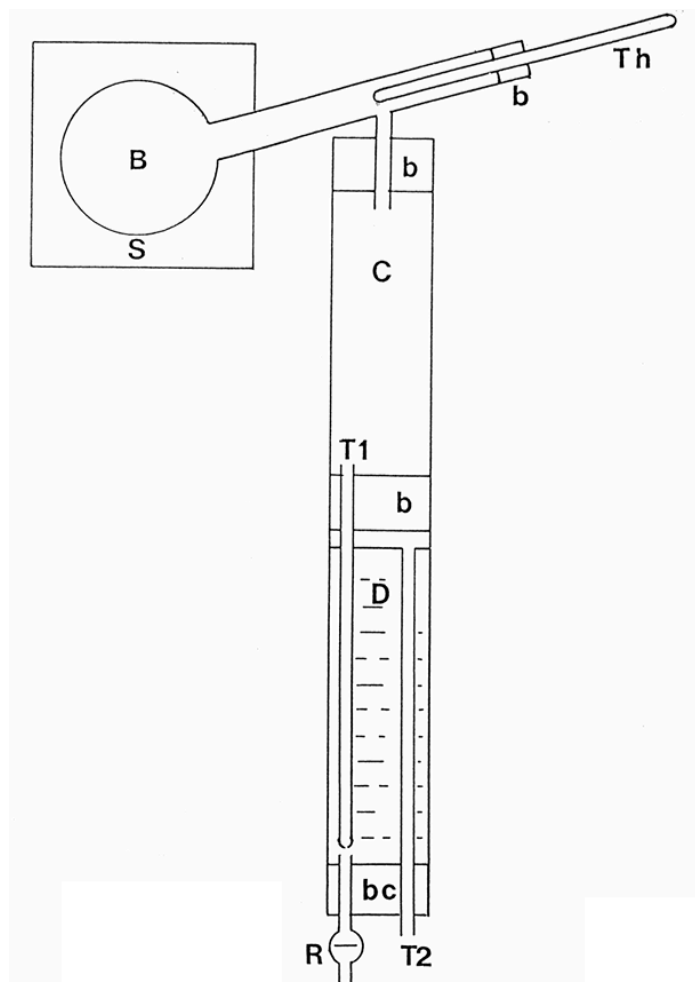
O pó negro separado é a alma do ferro, extraída pelo espírito do antimônio e coagulado em ouro; porém, com esse ouro ainda há fezes de enxofre, retiradas do mercúrio de cobre durante a coagulação, pois o mercúrio de cobre é sempre verde na superfície. Essa verdura é coagulado junto com o ouro (*ex Martis*) e, ao ser separada do mercúrio vivo, o ouro deve ser reduzido a corpo — assim se encontra o espírito do ferro. Assim, você vê o que é o espírito do ferro e o que dele vem. Quem quiser poderá então medir quanto mercúrio há em 1 libra de ferro — e assim saberá quanto ouro há nele, nem mais, nem menos — e verá que o custo é maior que o valor do ouro obtido.

Finis (O custo certamente será maior que o lucro se o pó for reduzido a corpo; mas o pó é, de fato, ouro sófico e, com mercúrio sófico, pode ser digerido, com o tratamento adequado, em um medicamento tintorial. Veja *Coelum Philosophorum*, *Philope Ponia*, manuscritos anônimos, etc.)

Nota 7: O texto é propositalmente obscuro. Lembre-se:

- O régulo marcial lunar fornece o mercúrio filosófico para a fase branca do trabalho;
- O régulo marcial venusiano lunar fornece o mercúrio filosófico para a fase vermelha.

ORA ET LABORA!

FIGURAS ANEXAS:*Destilação do mercúrio*

Legenda da Figura 1: Destilação do mercúrio

Este dispositivo permite a destilação segura do mercúrio.

B - Balão de destilação de quartzo. Se o balão for de pirex, deve ser mantido em banho de areia S.

b - Tampa de poliuretano. T - O termômetro é opcional; se disponível, deve ser do tipo 400 °C.

C - Tanque de segurança que impede o retorno da água para o mercúrio quente. Seu volume deve ser maior que o volume de água D.

TI - Tubo cônico na parte inferior, que auxilia na passagem dos vapores de mercúrio na forma de pequenas bolhas na água do tanque D. Deve ultrapassar a tampa b. Inicialmente, a água acima de B garante a estanqueidade de b, posteriormente, o mercúrio a garante; portanto, não pode haver passagem direta de vapores de mercúrio entre C e D.

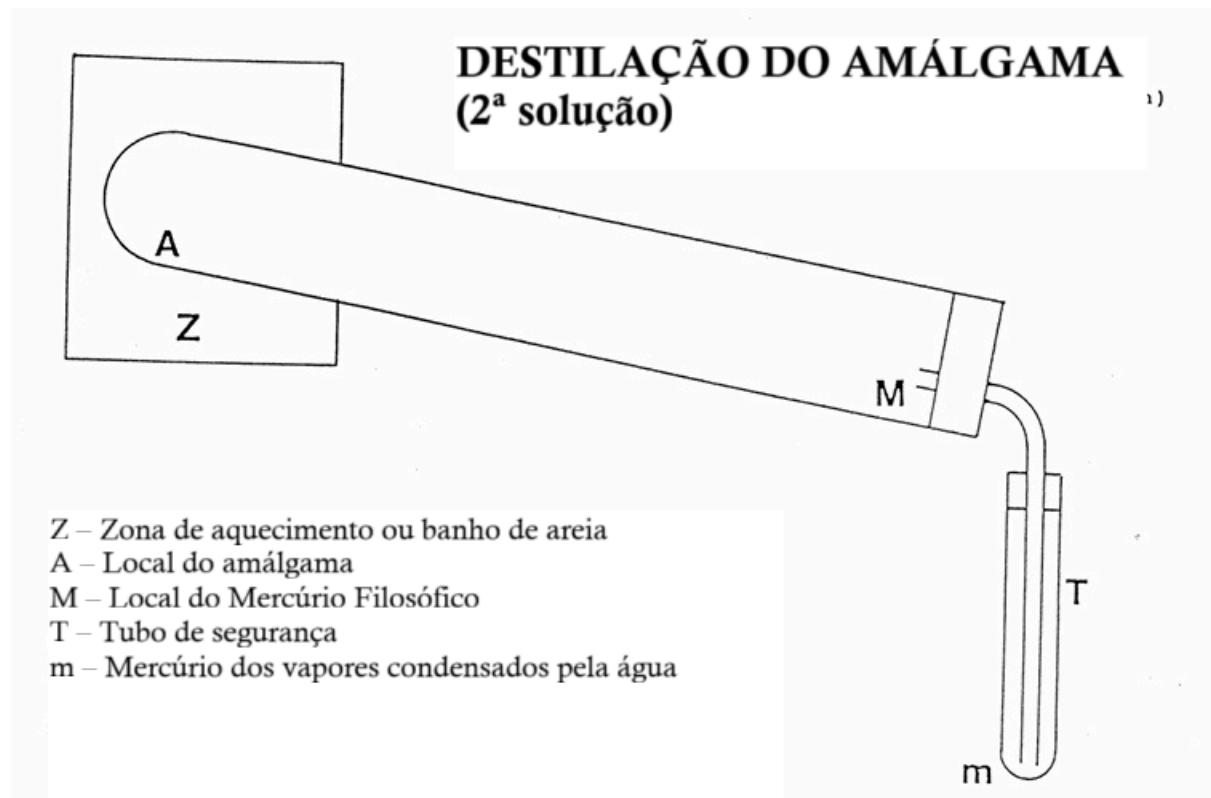
T2 - Impede qualquer superpressão e define o nível da água em D.

R - Torneira para aspirar o mercúrio destilado.

bc - Tampa de poliuretano ou borracha

Observação: Um manto contendo água colocado ao redor dos dispositivos impede qualquer superpressão quando a destilação é interrompida; o mercúrio condensado acima de b é então resfriado.

Destilação do amálgama



Lição 77: Dispositivo de Trituração, Óleo Vermelho de Antimônio e Acetatos

EMBLEMA XI: DEALBATE



Latone, a Mãe do Sol e da Lua, deve primeiro ser purificada de sua negatividade.

Caro Amigo,

Esta lição trata de três questões diferentes:

- A confecção de um dispositivo de trituração;
- A extração do óleo vermelho de antimônio;

- O caminho dos acetatos (nota).

A CONFEÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE TRITURAÇÃO

O dispositivo de trituração usado para o amálgama e descrito no *Coelum Philosophorum* não é muito prático e é difícil de construir nos dias de hoje. Sugerimos outra solução, mais simples, cujos elementos podem ser facilmente encontrados (veja a figura anexa).

O recipiente para o régulo ou para o amálgama será uma panela de aço inoxidável, cuja alça foi removida. Essa panela, formando uma espécie de cuba, será mantida firmemente contra uma placa de aço por círculos de madeira compensada e por três hastes roscadas de 10 mm. É útil, para apertar todo o conjunto, ter porcas borboleta à mão.

O círculo na lateral da placa de aço é feito de três chapas de compensado. A chapa intermediária, de diâmetro menor, formará uma polia com correia e permitirá colocar o dispositivo de trituração em movimento.

O eixo de rotação é inclinado a 45%, de modo que o mercúrio permaneça na parte mais baixa da panela. Se o eixo for montado sobre rolamentos, o motor de bomba de uma máquina de lavar é suficiente para colocá-lo em funcionamento.

O eixo usado em nosso dispositivo de trituração é oco, e um tubo de aço de 16 mm sai por suas duas extremidades. Esse tubo é tampado em sua extremidade superior externa, o que permite, durante a confecção do amálgama, despejar o mercúrio progressivamente sem precisar desmontar o conjunto ou remover o recipiente.

A cuba será equipada com 6 a 8 esferas de aço de diâmetro de pelo menos 40 mm e 2 ou 3 esferas de diâmetro entre 15 e 20 mm.

EXTRAÇÃO DO ÓLEO VERMELHO DE ANTIMÔNIO (Um processo para evitar maus odores)

Este processo só é válido se você já tiver construído seu forno LPN.

- 1 - Separe a estibina de sua ganga por fusão, como já explicado;
- 2 - Seque-a e reduza-a a pó com o pilão ou com o dispositivo de trituração;
- 3 - Transforme a estibina – sulfeto de antimônio – em oxissulfeto com calcinações suaves e longas. A estibina então adquire uma cor próxima à da litargíria;
- 4 - Prepare um vinagre de vinho por congelamento e destile-o;
- 5 - Com o vinagre forte, ataque o óxido de cobre e obtenha acetato de cobre; coagule para obter cristais de acetato de cobre;
- 6 - Faça a destilação seca do acetato de cobre para obter o vinagre radical. Não redestile para eliminar a “parte azul”. A presença do “espírito” do cobre no vinagre é

importante;

7 - Faça circular o oxissulfeto de antimônio em um Soxhlet com o vinagre radical;

8 - Elimine do produto obtido o máximo possível do ácido acético livre por destilação. Como essa operação não é fácil, não superaqueça;

9 - Elimine o ácido residual fazendo-o circular em álcool absoluto. Nessa operação, a presença de ácido livre libera um cheiro característico, o do éter acético. Continue as circulações enquanto esse odor estiver presente. Entre uma circulação e outra, elimine o éter acético do álcool por destilação;

10 - Deixe o acetato de antimônio em uma incubadora por 1 a 2 meses a 40 °C; essa longa digestão permitirá a transferência das energias;

11 - Realize uma destilação seca para obter o óleo vermelho de antimônio, que conterà o Fogo do antimônio mais a vida vegetal que o ácido acético do vinagre trouxe.

- Tenha cuidado: recupere os vapores brancos em um grande frasco; após alguns dias, eles renderão mais algumas gotas do óleo vermelho.
- O óleo vermelho obtido é idêntico ao de Basílio Valentim, mas é obtido de maneira mais fácil e com um processo que evita os odores terríveis do método do acetato de antimônio por soda.

MEDIDAS DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES SOBRE O CAMINHO DOS ACETATOS

A leitura de relatos de experimentos, junto com nossas próprias experiências, nos levou à seguinte conclusão:

A fermentação de um produto que já foi fermentado dá origem a um produto fixo e fixador; exemplo: a uva, pela fermentação, dá o vinho, que contém álcool, o Mercúrio do reino vegetal. A fermentação do álcool dá um vinagre contendo ácido acético, que fixa os mercúrios e os enxofres que entram em contato com ele.

O ácido acético livre é um líquido que não permite transferir ou liberar a energia. Isso justifica o amaciamento do acetato de antimônio com álcool, para eliminar o ácido acético que não foi utilizado e que, mais tarde, impediria a transferência de energia.

Sobre os sais: vários autores de obras alquímicas dizem que os sais não existem nos metais antes da calcinação. Concordamos plenamente com isso após estudar, pesquisar e experimentar esse fato.

Hoje, dizemos que o que os antigos chamavam de *cal/x* (cal) – e, em outros casos, sais – nada mais são do que óxidos metálicos, exceto no caso da *cal/x* mercurial de ouro e prata.

Para o funcionamento alquímico das operações, não há diferença, em princípio, entre cal, sal e enxofre.

No óxido, o metal revivificado vive pelo oxigênio.

No sulfeto, o metal revivificado vive pelo enxofre (coluna VI da Tabela dos Elementos).

A evolução será infinitamente mais rápida se o óxido sustentar a vida vegetal, o que é praticamente possível apenas com o chumbo, que iremos considerar.

Processo dos acetatos:

Nos sistemas de Newton, Cockren e Paracelso, a base dos processos utilizados é a transferência da vida vegetal para o mineral.

Esses processos funcionam experimentalmente apenas com o chumbo, não porque Saturno seja o *Medium Coeli*, mas porque o chumbo, com sua camada externa de quatro elétrons, tem a mesma configuração que o carbono e o silício, o que torna possível a transferência da vida vegetal.

Como o metal deve ser revivificado, o “estado de morte de seu cadáver” não nos importa; o melhor é escolher o que for mais favorável para o restante do trabalho. No caso do chumbo, escolha o minium, que é o óxido com maior teor de oxigênio. A única condição é que o minium seja o mais puro possível.

Para obter um resultado, devemos despertar esse cadáver e tentar injetar nele o Fogo do antimônio e a vida vegetal.

A vida virá da videira pelas seguintes etapas: videira – uva – vinho – vinagre.

O Fogo virá do antimônio, sobre o qual já dissemos ser um metal imortal, pelas seguintes etapas: estibina, oxissulfeto, acetato, óleo vermelho. É o óleo vermelho, cuja fabricação foi descrita acima, que contém essas duas energias.

A embebição do minium com o óleo vermelho dará a seguinte situação:

O minium, graças ao oxigênio que contém, iniciará novamente sua evolução metálica pela vida que o antimônio lhe trouxe, sendo acelerada pelos elementos da consciência vegetal. Devemos considerar que o minium, um corpo que estava morto, recomeça sua evolução a partir do nível do antimônio e que atingirá a prata, o estágio branco da obra, mas só poderá ir além desse estágio se o “espírito de cobre” não tiver sido eliminado do vinagre radical. Os detalhes técnicos da fixação do óleo vermelho no minium foram dados em uma lição anterior.

As transferências de energia sempre ocorrem na ordem dos planetas, ou dos metais tradicionais, seja na direção ascendente ou descendente, mas é impossível pular

uma das etapas. No que foi dito acima, o “espírito vegetal” é o que permite ir além do nível energético da prata.

Transferência de energia nos amálgamas:

Isso lança uma luz incrível sobre os trabalhos de Filaeto a respeito dos amálgamas. Dessa forma, o mercúrio comum é revivificado, mas, como explicou Van Suchten, o mercúrio não pode ser revivificado sem a presença da prata. Há duas razões para isso: uma material, o amálgama de mercúrio e régulo não pode ser formado sem um intermediário, ou seja, o régulo marcial deve tornar-se um régulo marcial lunar para ser amalgamado ao mercúrio; e outra alquímica, que pode ser expressa dizendo que o Fogo do antimônio deve tornar-se lunar para ser aceito pelo Mercúrio.

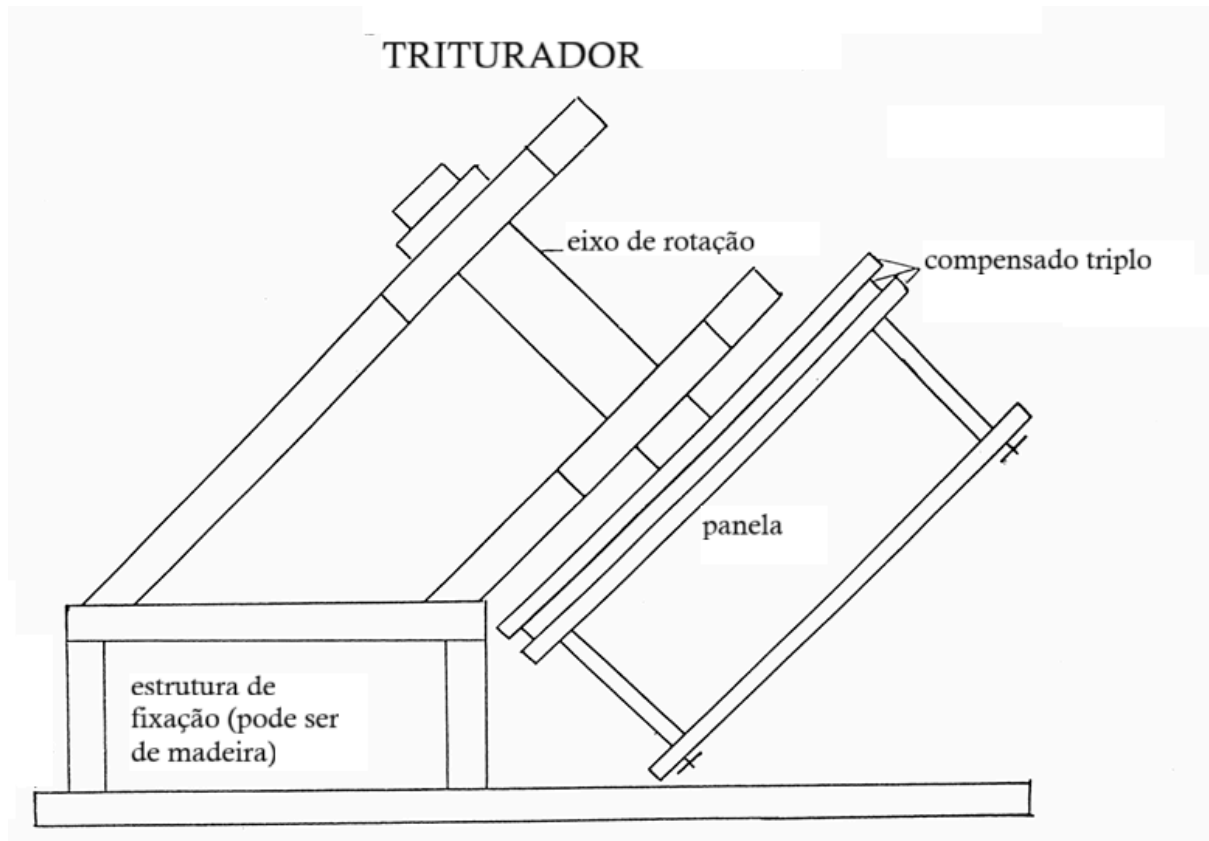
Suchten, *Coelum Philosophorum*, Filaeto e Lapidus não são muito comunicativos sobre as etapas seguintes. No entanto, para prosseguir, é necessário o cobre, porque o Mercúrio só pode chegar ao ouro por meio da etapa intermediária do cobre. Nesse caso, precisamos de um régulo marcial lunar ou de um régulo marcial venusiano. Mas o *Coelum Philosophorum* propõe um régulo marcial venusiano lunar, um régulo capaz de levar a obra ao estágio vermelho.

Se Van Suchten, em seu texto, faz uma síntese clara da primeira parte do processo, encontramos os detalhes práticos e informações sobre o cobre apenas no *Coelum Philosophorum*.

ORA ET LABORA!

FIGURA ANEXA:

O dispositivo de trituração



Lição 78: Energia Magnética, Regulus Marcial e Escórias

EMBLEMA XII: LAPIS QUEM SATURNUS



Saturno, o Meio do Céu, simboliza a necessária ascensão espiritual. Mas seu lado Cronos simboliza o elemento tempo: a paciência.

Caro Amigo,

ENERGIA MAGNÉTICA

A ciência acredita hoje que toda energia, e portanto todas as coisas, possuem tanto um lado elétrico quanto um lado magnético. Por exemplo, no caso do elétron,

falamos de sua carga elétrica e de seu momento magnético, o spin. Assim, tudo o que é vivo manifesta energia elétrica e magnética.

Quanto ao assunto que nos interessa, podemos dizer, em termos modernos, que o ferro assumirá os fatores magnéticos no processo dos amálgamas. E, se refletirmos sobre isso, poderemos compreender os comentários de Sigismond Bacstrom quando afirma que prefere o aço ao ferro. Se pegarmos um ímã e unirmos seus dois polos com um prego de ferro, esse prego maior poderá atrair pregos menores. Mas, se retirarmos o prego grande do ímã, os pregos pequenos cairão. Se repetirmos o experimento com uma barra de aço, os pregos pequenos permanecerão presos mesmo depois que o ímã for retirado da barra.

- o ferro tem um magnetismo volátil;
- o aço tem um magnetismo fixo.

O uso do aço no regulus de antimônio dará um magnetismo fixo, o uso do ferro dará um magnetismo volátil.

Acreditamos, hoje, que o ferro é suficiente para a “fase branca” da obra, mas que o aço é necessário para o trabalho mais demorado da “fase vermelha”.

Observações:

O ferro torna-se aço se adicionarmos a ele o carbono da coluna IV. O silício dessa mesma coluna melhora as qualidades magnéticas do ferro. Portanto, o ferro não é necessário nos métodos que utilizam as energias vegetal ou animal, pois é o carbono que atua nessas funções. Mas, nos processos intrinsecamente metálicos, o aço ou o ferro é necessário.

Em nossa opinião, na vida animal ou vegetal, ocorre uma espécie de “divisão atômica” que faz com que o 4 se torne 2, e este 2 pode então assumir um magnetismo cujas manifestações são muito diferentes das do mineral.

Na análise do reino animal e do homem, em particular, não se deve esquecer que o estômago contém o ácido do sal marinho, cujo número é 8 (2x4).

Após o prefácio do Coelum Philosophorum, passaremos exclusivamente à prática utilizando este texto, mas apenas depois de o reordenarmos e eliminarmos as armadilhas, bem como a maior parte das partes inúteis. Neste tratado, os procedimentos de algumas operações foram fragmentados e espalhados pelo texto. Iremos então reunir novamente os elementos dispersos e procurar manter-nos de acordo com o que acreditamos ser o bom procedimento das operações, ou seja:

A preparação dos vários regula;

A preparação e animação do mercúrio;

A sementeira do mercúrio e digestão.

COELUM PHILOSOPHORUM, ou seja:

Uma instrução fiel, fundada na prática e confirmada pela experiência, sobre como, não apenas pela Via Mercurii Metallorum no caminho seco e no úmido, se pode obter plenamente o tesouro hermético, mas também como elaborar medicamentos particulares de tingimento a partir dos sete metais e vários minerais; com medicamentos poderosos e seguros para curar doenças de outro modo incuráveis; por amor aos nossos semelhantes, comunicado por um admirador da ciência química fundamental.

Em S.C. DRESDA e LEIPZIG, 1739, OCTAVO

"Traduzido do alemão

RK KK

Neste texto, os comentários são de S. BACSTROM e as notas de L.P.N.

PREFÁCIO DO AUTOR

Nota 1: O prefácio contém elementos cujo estudo é muito importante para o restante do texto. (Sublinhamos algumas frases).

Leitor benevolente:

Se és amante da parte mais sublime da Química e pretendes aprender e fazer algo de forma prática, sem te prejudicar, este tratado será útil, pois o autor não é invejoso e ficará feliz se algum bem for feito por meio de sua boa intenção.

O autor construiu seu Céu filosófico sobre um Fundamento de Esmeralda (aludindo à Tabula Smaragdina Hermetis), posto por Hermes.

O autor não pretende confundir os amantes desta arte difícil, que, no entanto, é suficientemente fácil para aqueles que a conhecem, mas propõe-se a trazer luz.

As luzes nos céus nos dão e causam luz, sinais, tempos, anos e dias. É semelhante ao nosso céu filosófico: alúmen, ferro, cobre, mercúrio, antimônio, vitríolo, nos dão

tinturas douradas, enquanto Lua, Júpiter, Saturno, Mercúrio, Sol nos dão apenas tinturas prateadas.

O caminho para o nosso céu filosófico está coberto de espinhos, e aqueles que trilham essa via são conduzidos de forma maravilhosa. Às vezes, o homem é levado a ela inocentemente; às vezes, por ignorância, por algum acidente, por cobiça, por persuasão, por fé e confiança naturais, por grandes despesas, trabalho e diligência, por experiência e, às vezes, por impostura e falsas transmutações.

É, no entanto, certo que nenhum homem jamais alcançará um final feliz nesta ciência perigosa, a menos que possua um coração inocente e um caráter irrepreensível.

Raramente se encontra um Adepto disposto a comunicar ou sequer a se dar a conhecer.

Conhecimento, trabalho e paciência são meus companheiros neste caminho; quem não possuir os três nunca obterá o que busca.

É estranho que existam homens que, embora dotados de bom senso, filosofem contra ou a favor desta arte para induzir em erro os amantes honestos, enquanto sabem tanto, ao escrever contra, quanto ao escrever a favor. Alguns são muito misteriosos, escrevem sobre coisas que não conhecem. Também conduzem os estudiosos diligentes a um labirinto de erros.

A matéria de sua Pedra é uma matéria celeste, sem nome, que está em toda parte, mas conhecida apenas pelos Adeptos! Isso só pode ser admitido em parte, pois o primeiro sujeito que tomamos nas mãos deve ser absolutamente visível e tangível.

Quem estudou os escritos genuínos dos Filósofos compreenderá facilmente que, sem um sujeito visível e tangível e sem muito trabalho, esforço e paciência, nada de valor jamais foi realizado nesta arte. Entenda-se o trabalho preparatório dos corpos, pois esta arte não lida com ovos moles, mas com metais e minérios duros, para sutilizá-los e exaltá-los, o que exige conhecimento, trabalho, paciência e algumas despesas.

Este tratado foi escrito, pela bênção de Deus, para instruir os amantes sérios desta arte, dotados de bom juízo, desde que sigam a simplicidade da Natureza!

DO OURO E SEUS PRINCÍPIOS

Basilio Valentim, Paracelso, Monte-Snyder e outros demonstraram três princípios: sal metálico, enxofre metálico e mercúrio metálico. Becher e Stahl demonstram três

tipos de terras: a vitrificável ou fusível (sal), a inflamável (enxofre) e a liquefazível ou especificamente mercurial (mercúrio), nos metais.

Filósofos anteriores mencionaram apenas dois princípios constituintes dos metais: o enxofre e o mercúrio. Entre eles estavam Lúlio, Bernardhus Trevisanus e N. Flamel.

Os mais antigos estavam satisfeitos com apenas um princípio: o mercúrio. Estes atribuíam a diferença dos metais à maturação e fixação desse mercúrio, com uma mistura de terra metálica externa. Essa opinião, se referida à matéria mais próxima dos metais, parece-me a mais verdadeira e a melhor, pois pode ser confirmada e provada pela anatomia dos metais, embora devamos admitir que minerais e marcasitas produzem um enxofre, um mercúrio e um sal. O princípio mais remoto é um vapor nas minas, no qual o Espírito Universal é específico.

DO FERRO

Irineu Filaleto escreveu: “Do Norte para o Oeste há uma colina, que é uma das sete e a segunda mais alta. Nesta montanha está escondido o Espírito que realiza nossa obra.”

Isso deve ser entendido assim:

As Sete Montanhas são os sete planetas ou metais: Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e a Lua. O Norte em direção ao Oeste significa o chumbo, o Oeste é a prata, e o ferro é o segundo mais alto, ou seja, o chumbo.

Em outro lugar, falando do Mercúrio Sáfico, ele diz que este está escondido no ferro.

“Eum intellige Mercurium, quem Sol in Martio, i.e. in Marte iron, Oriens per omnia Mundi i.e. per antimonii Lof Diffundic.”

No ferro comum está escondido um ouro espiritual extremamente sutil, não obtido por processos vulgares, mas por aqueles que já ensinamos ao tratar do ouro e do regulus marcial de antimônio.

Aqui pretendemos dizer algo mais sobre esse ouro filosófico, procurando ser o mais claros possível, firmemente persuadidos de que a Providência Divina dirige seu sucesso.

Nota 2: Observe que a ordem dos metais é a ordem da circulação de energia.

REGULUS MARCIAL E ESCÓRIAS PRIMÁRIAS

Pegue ferro em pequenos pregos ou limalhas (1 parte), bom antimônio (2 partes), funda-os juntos como já sabe. Depois, pegue tártaro e sal de estanho em partes iguais, reduza-os a pó fino e misture. Projete, aos poucos, parte do pó previamente aquecido sobre o ferro e o antimônio fundidos no cadinho. Para 1 libra do assunto, projete cerca de 2 onças do pó, para que flua melhor e ocorra uma separação adequada da escória. Deixe esfriar e separe o regulus da escória.

Nota 3 (e lembrete): O bom antimônio é a estibina separada de sua ganga. A mistura de sais pode também ser carbonato de potássio (1 parte) e nitrato de potássio (1 parte, salitre). O peso da mistura de sais é igual ao peso da estibina.

“As escórias utilizáveis são aquelas obtidas pela primeira redução da estibina em regulus apenas.”

USO DESSAS ESCÓRIAS

Quebre as escórias num pilão de ferro e pese-as. Se as deixar expostas ao ar em tempo seco, em 2 ou 3 dias elas se tornarão um pó seco e preto. Triture essas escórias com igual peso de sal amoníaco, moendo com muito cuidado, e coloque a mistura num recipiente de vidro de boca larga, calafetando bem toda a parte inferior para resistir ao forte calor.

Nota 4: O sal amoníaco deve ser sublimado várias vezes para esse uso.

Depois, coloque o recipiente numa capela de areia, em um forno a carvão. Aumente gradualmente o calor até que as escórias e o sal amoníaco fundam juntos dentro do vidro, que deve ser coberto com um pedaço fino de telha ou tampa de cadinho.

Durante a fusão, o sal amoníaco sobe acima das escórias e forma uma crosta branca; isso é chamado de sublimação do sal amoníaco a partir da escória.

Retire como puder, triture as duas substâncias juntas e deixe fundir novamente como antes. Deixe esfriar e verá o sal amoníaco sublimado acima das escórias. Misture e triture novamente, e sublime uma terceira vez.

Esse processo deve ser repetido, acrescentando na 4^a, 5^a e 6^a vez um pouco de sal amoníaco fresco, até que as escórias estejam intimamente unidas ao sal amoníaco, o que se percebe pela bela cor vermelha.

Nota 5: Nós apenas obtivemos uma cor laranja-avermelhada.

USO DESSAS ESCÓRIAS SUBLIMADAS E SUTILIZADAS NA PRATA

Essas escórias contêm o enxofre do ferro e do antimônio.

Pegue prata fina em lâminas delgadas e estratifique-a com as escórias sublimadas acima mencionadas, S>S>S>, em um cadinho, cobrindo-o com uma tampa. Cemente por três dias e noites, começando com fogo moderado ao redor do cadinho, aproximando-o gradualmente, de 6 em 6 horas, até que, nas últimas 12 horas, o cadinho atinja um calor de vermelho-escuro.

Deixe esfriar, dissolva a prata em água-forte (aqua fortis) e verá quanto de sua prata foi fixada em ouro pelo ouro espiritual do ferro e do antimônio.

Marte, por si só, não pode fazer mais; mas, se você extrair dele o ouro espiritual, poderá prosseguir como indicamos na primeira seção sobre o Ouro.

Essas não são especulações, mas verdades reais. Se adicionar antimônio ao ferro, os efeitos são muito maiores, da seguinte maneira:

Nota 6: Este experimento com a prata não é necessário. Está fora do caminho principal.

REGULUS MARCIAL COM COBRE

Pegue ferro (meia libra) e bom cobre (um quarto de libra). Aqueça-os até o branco em um cadinho e projete uma libra e meia de bom antimônio, em pó grosso, previamente aquecido.

Deixe as substâncias fluírem bem juntas e adicione, em 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 onças do seu pó fundente composto de salitre e sal de tártaro, previamente bem aquecido. Deixe fundir até ficarem como água e, então, despeje a mistura, ainda intensamente quente, aumentando o calor por alguns minutos com fole. Nesse momento, despeje no chifre de antimônio bem aquecido e untado, e deixe esfriar.

Quando suficientemente frio, separe o regulus marcial venusiano de antimônio da escória. Triture as escórias e ferva o sal delas com água. Filtre a água e coagule-a em sal. Este sal é muito útil para a cimentação da prata.

As escórias lixiviadas devem ser secas e misturadas com igual peso de sal amoníaco. Coloque a mistura num recipiente de vidro de boca larga, cubra com um alambique para fechar, e, enquanto isso, remova a umidade. Coloque o recipiente em banho de areia e aumente gradualmente o fogo até que a mistura funda como piche. Aumente ainda mais o calor até que o sal amoníaco sublime acima das escórias.

Essa sublimação com sal amoníaco deve ser repetida 5 ou 6 vezes, como já foi ensinado antes, até que a massa suba de um belo tom vermelho junto com o sal amoníaco.

Se pulverizar essas escórias sublimadas e estratificá-las com igual peso de prata fina, cimentando-a com fogo graduado, encontrará, em cada marco de prata, meia onça de ouro e mais uma onça de prata.

(Não creio que isso compense o tempo e as despesas, mas é, ainda assim, uma prova do poder tintorial do ferro, do antimônio e do cobre).

(A cimentação é a operação mais difícil da Química). Se preparar um butyrum do regulus marcial venusiano de antimônio acima com mercúrio sublimado e fixar esse butyrum sobre cinzas de estanho, e depois copelar essas cinzas, e então dissolver a nova substância em água-forte, obterá prata fina e ouro fino.

(Outra prova do poder tintorial do ferro, do antimônio e do cobre).

Nota 7:

É melhor guardar essas escórias para um experimento posterior.

No capítulo sobre cimentação, há uma pista interessante sobre a animação do mercúrio usando a manteiga venusiana de antimônio.

O autor parte aqui da estibina purificada. Ele não tenta incorporar o cobre em um regulus marcial já preparado.

ORA ET LABORA!

Lição 79: Regulus Marcial Lunar e Preparação do Mercúrio Sófico

EMBLEMA X: DA IGNEM



O mercúrio comum se transforma em mercúrio filosófico quando se adiciona a ele o Fogo Secreto.

Caro Amigo,

Na Lição Mineral nº 76 vimos a transformação da estibina em regulus.

O trabalho apresentado aqui é um pouco diferente. Trata-se da preparação do regulus marcial lunar necessário para a animação do mercúrio no processo dos amálgamas.

Note, nesse texto, o conselho para usar aço.

COELUM PHILOSOPHORUM

(continuação)

NOSSO MÉTODO PARA PREPARAR O MERCÚRIO SÓFICO E, PRIMEIRO, O REGULUS MARCIAL ESTRELADO DE ANTIMÔNIO

Pegue uma chapa fina de ferro quebrada em pequenos pedaços ou uma barra de ferro bem batida ou laminada, aqueça-a até o branco incandescente. (Eu usaria uma barra ou haste fina de aço, pois o aço é um pouco mais puro que o ferro comum).

Coloque um cadinho espaçoso na fornalha: ponha nele tanto antimônio de boa qualidade quanto desejar, cerca de metade de sua capacidade, e deixe-o fluir bem líquido; introduza a barra ou haste de aço incandescente no antimônio derretido, que dissolverá tanto do aço quanto o enxofre antimoniado conseguir decompôr. (Eu usaria uma barra ou haste fina de aço, pois o aço é um pouco mais puro que o ferro).

A parte regulínia pura do antimônio, com o princípio solar central do ferro, é aqui separada das partes grosseiras e combustíveis externas dos enxofres do antimônio e do ferro; assim, a parte pura precipita no fundo do cadinho e é chamada regulus, enquanto a parte grosseira das escórias permanece na superfície, sendo menos densa e mais volátil. Quando esfriar, destaque o regulus das escórias com um golpe de martelo. (A razão da operação). Não descarte essa primeira escória, que é preta, mas guarde-a para uso futuro, do qual tratarei no capítulo sobre ferro.

PURIFICAÇÃO DO REGULUS

Pegue meia libra do seu regulus, não mais, quebre-o até obter um pó grosso, deixe-o fundir em um cadinho novo e limpo; assim que estiver fundido, projete nitrato de potássio finamente moído e previamente aquecido sobre o antimônio fluente, de modo a cobri-lo completamente; aumente o fogo o suficiente para que o nitrato flua de forma homogênea sobre o regulus.

Deixe fundir junto por um quarto de hora e, em seguida, derrame rapidamente no Cone previamente aquecido e untado, mantendo o fogo intenso. Desta vez seu regulus estará mais puro do que antes. Quando esfriar, destaque-o das escórias e reserve estas últimas.

Quebre novamente o regulus em pó grosso e repita a fusão mais duas vezes, projetando sempre um pouco de nitrato aquecido em pó fino como antes; assim, seu regulus ficará suficientemente puro e bem estrelado.

Alguns consideram essa estrela um sinal notável de pureza, mas estão enganados; se for fundido corretamente e derramado extremamente quente, quando estiver muito fluido como água e fervendo vigorosamente no cadinho, você, já na primeira retificação, sempre obterá um regulus estrelado.

Há quem atribua a estrela ao clima, mas estão cegos. Qualquer que seja o tempo, basta proceder corretamente e você sempre terá um regulus estrelado.

(Eu mesmo produzi o regulus estrelado mais de 30 vezes em Mary-le-Bone e nunca falhei, mas aconselho, se possível, fundir em um dia sereno, pois o fogo queima melhor quando o ar está puro).

A formação da estrela é mecânica e depende de o material estar muito fluido e ser derramado rapidamente, enquanto se mantém calor intenso com o fole por 4 ou 5 minutos; no momento em que derramar no cone aquecido e untado, dê alguns toques leves com uma barra ou talhadeira de ferro ao redor da borda do cone — isso provoca um movimento ondulatório que forma a estrela. Stahl já havia observado isso antes de mim.

Nota 1: Quando todo o regulus estiver fundido no cadinho e o nitrato estiver líquido, haverá na superfície uma ebulição metálica; não tente derramar enquanto essa ebulição não cessar, caso contrário podem ocorrer projeções de metal fundido.

ANIMAÇÃO ADICIONAL DO REGULUS COM PRATA FINA

Pegue do seu último regulus purificado, reduza-o a pó; 2 onças e, em seguida, o dobro desse peso, ou seja, 4 onças de prata fina, sem ouro nem antimônio, por razões específicas.

Primeiro, funda a prata; depois adicione o regulus em pó já aquecido. Assim que ambos estiverem fundidos e unidos, verta a mistura em um cone de ferro limpo e aquecido; enquanto ainda estiver morno, triture num almofariz de ferro quente até virar um pó grosso.

Nota 2: Tenha cuidado — ao contrário do que se afirma neste texto, a prata não deve ser fundida, mas dissolvida pelo regulus.

Acreditamos que o peso de prata indicado está exagerado, pois aqui a prata serve apenas como agente de transferência. A prata recuperada no processo descrito na Lição Mineral nº 75 está na forma de nitrato e pode ser misturada diretamente ao pó de regulus.

O peso do nitrato de prata deve ser cerca de duas vezes o peso da prata. Quanto menos prata houver, mais demorada será a formação do amálgama.

A dissolução da prata pelo antimônio deve ser completa.

O uso de luvas é obrigatório para este experimento.

DO MERCÚRIO SÓFICO

A Pedra dos Filósofos nada mais é que ouro sutilizado, exaltado e seminal; portanto, precisamos de um agente ou princípio penetrante e poderoso capaz de realizar tal sutilização e exaltação — e todos os filósofos exigem isso acima de tudo.

“Este agente, em nosso processo, é o mercúrio, o mercúrio comum fluente; porém, esse mercúrio deve passar por uma preparação prévia. Aqueles que se incomodam com a simplicidade da natureza não se satisfarão com nossa doutrina; mas deixamos os tolos com suas ideias e seguimos a simplicidade da natureza.

O mercúrio que usamos não é certamente o mercúrio comum comprado nas lojas. O nosso é, de fato, o mercúrio filosófico, um verdadeiro filho dos filósofos; pois, por arte engenhosa, é preparado com grande trabalho e paciência, assim como o ouro dos filósofos, ou Sol dos filósofos, assim chamado porque também é preparado pelo Filósofo, embora a partir de matérias naturais.

Pessoas fantasiosas e sobrenaturalistas, que exigem que tudo seja maravilhoso e absurdo, não gostarão da minha simplicidade: para esses eu não escrevo.”

PURIFICAÇÃO DO MERCÚRIO FLUENTE COMUM PARA ESTA OPERAÇÃO

O mercúrio que usamos é o mercúrio fluente comum, mas deve ser puro.

O melhor método é comprar blocos inteiros de cinábrio ou pedaços de cinábrio — digamos, uma libra. Se comprar em pó, como vermelhão, ele estará adulterado com minium vermelho e regulus marcial.

Pegue meia libra de regulus marcial. Triture cada um separadamente e depois misture os dois pós no almofariz; moa a mistura até que o pó se torne impalpável.

Coloque o pó em um retorta, acople um recipiente cheio de água, de modo que a água chegue quase à boca da retorta. Não vede as junções. Destile agora com calor progressivo, e o mercúrio fluente passará e cairá na água.

O enxofre comum contido no cinábrio é, por meio do regulus, regenerado em antimônio bruto comum, que permanece no interior da retorta.

O mercúrio fluente obtido desta maneira deve ser moído com flores de enxofre limpas e puras, até que o mercúrio desapareça e se converta em um pó negro sutil — isto é feito rapidamente no moinho de trituração.

Em seguida, sublime seu pó negro em cinábrio. A partir deste cinábrio (uma parte) e regulus marcial (meia parte), destile novamente o mercúrio fluente exatamente como antes. Este trabalho deve ser feito 3 ou 4 vezes, e assim obterá um mercúrio belamente purificado, que será mais rapidamente aperfeiçoado pela animação subsequente do que qualquer outro mercúrio que não tenha sido purificado deste modo.

O antimônio regenerado, resultante do regulus e do enxofre do cinábrio, é bom para refazer regulus se você adicionar aço ou ferro.

Nota 3: A purificação do mercúrio pode ser feita por destilação (aparelho já descrito), mas são necessárias três destilações;

O processo descrito pelo autor pode ter a vantagem de permitir uma certa transferência do Fogo do antimônio nessa operação;

Nesse caso, usamos enxofre de origem vulcânica, purificado por extração em Soxhlet com tetracloreto de carbono. Coagulação e secagem em prato de vidro ao sol.

AMALGAMAÇÃO DO REGULUS LUNAR COM MERCÚRIO FLUENTE PURIFICADO

Pegue o regulus lunar em pó e coloque-o em um almofariz de ferro liso e aquecido.

Adicione quatro vezes mais mercúrio purificado — cuja purificação será ensinada depois — do que o peso da prata que foi adicionada ao regulus quando ambos foram fundidos.

O mercúrio não deve ser adicionado de uma só vez, mas em pequenas porções, cerca de 1 onça por vez e nunca mais do que isso.

Nota 4: O mercúrio deve ser adicionado em pequenas quantidades através do tubo do aparelho de trituração. Quando cerca de dois terços da quantidade planejada de mercúrio tiver sido adicionada, retire o conjunto e examine o amálgama: se ainda restar regulus livre, adicione mais mercúrio, sempre em pequenas porções.

O amálgama só pode ser examinado após pelo menos 10 horas de rotação do aparelho, de preferência após 20 horas.

Triture rapidamente, com movimento constante e regular, até que a mistura se torne um amálgama. É necessário moer diligentemente por bastante tempo.

Aconselho mandar fazer uma máquina de trituração e ter o almofariz de ferro polido internamente e o pilão bem liso.

Numa máquina dessas, o trabalho é fácil, o efeito é muito maior e a união íntima se obtém em muito menos tempo do que se fosse preciso trabalhar girando o pilão manualmente.

Quem não puder pagar por tal máquina, que não precisa ser cara, deve contentar-se em mover o pilão com a mão como um Hércules.

Por essa razão, alguns filósofos que não conheciam a máquina de trituração chamaram esta preparação do mercúrio de um “trabalho hercúleo”.

Nota 5: Mantivemos a descrição do aparelho de trituração do texto original para indicar que o contato do amálgama com aço não apresenta inconvenientes.

Este trabalho de amalgamação, seja feito na máquina ou manualmente no almofariz, deve continuar por um bom tempo, e o amálgama deve depois ser lavado até que não solte mais negrume, ficando tão brilhante quanto um espelho.

DESTILAÇÃO DO MERCÚRIO

Coloque o amálgama brilhante em uma pequena retorta de vidro, posicione-a em um recipiente com areia sobre fogo de carvão; acople um recipiente meio cheio de água e destile o mercúrio fluente para dentro da água fria. O nitrato do regulus lunar permanecerá na retorta. Estes são as “pombas mortas de Diana”.

Assim, seu mercúrio foi destilado uma vez, e essa destilação é a sublimação dos Filósofos, pois o princípio solar volátil mercurial do ferro e o mercúrio da prata melhoram o mercúrio comum. O mercúrio destilado deve ser lavado novamente.

O pó negro que é removido na lavagem deve ser guardado. Assim que a negrura assentar, despeje cuidadosamente a água e seque o mercúrio.

Pese a prata que permanece com o mercúrio e funda-a novamente com metade de seu próprio peso em regulus marcial estrelado fresco. Isso resultará em uma massa quebradiça, que deve ser triturada em pó. Amalgame-a com o mercúrio seco e destilado, obtido antes, seja na máquina ou manualmente, até completa união; destile novamente o mercúrio como antes e lave-o até que fique perfeitamente brilhante, guardando o pó negro junto ao primeiro, e seque o mercúrio.

A prata que ficar na forma de calx deve ser fundida novamente com metade de seu peso em novo regulus, pulverizada e amalgamada no aparelho com o mercúrio destilado, lavado e seco, como antes. Esta operação deve ser repetida dez vezes ao todo; só então o mercúrio estará preparado e animado, tornando-se o verdadeiro mercúrio dos filósofos (as “dez Águias”).

Nota 6: O pó negro eliminado durante a lavagem é comparável às escórias da primeira fusão do regulus. Essas escórias são portadoras de “sementes”.

As dez repetições são necessárias porque a transferência do Fogo do antimônio ocorre gradualmente. O regulus, esgotado em Fogo pela operação, não pode mais ser reutilizado.

RETIFICAÇÃO FINAL DO MERCÚRIO SÓFICO POR SI MESMO

Pegue agora o seu mercúrio sófico, preparado pelas dez águias ou sublimações filosóficas (destilações), coloque-o numa pequena retorta de vidro enterrada na areia e destile-o para dentro de um recipiente meio cheio de água.

Lave o mercúrio e seque-o ao sol ou em calor brando.

Isso deve ser feito 2 ou 3 vezes, mas não mais, pois este mercúrio deixa a cada retificação uma pequena porção de ouro sutil para trás, com o qual está animado.

Observe que a boca da retorta deve ficar muito próxima da água do recipiente; os vasos não devem ser vedados, ou tudo se quebrará. Quando tiver lavado e secado o mercúrio sófico retificado, e ele estiver tão brilhante quanto prata polida, estará bem preparado.

Este mercúrio sófico nada mais é do que ouro imaturo; quem negar isso não é filósofo.

N.B.: Se quiser, por experiência, continuar destilando este mercúrio sófico por si só na retorta, verá que ele deixa, a cada destilação, uma pequena quantidade de um belo pó vermelho.

Nota 7: Obviamente, essas destilações são mais fáceis de realizar com o aparelho descrito em nossas lições. É preferível aqui usar um balão de vidro protegido por banho de areia. A “calx de prata” pode se coagular em massa e ser necessário quebrar o balão, o que é indesejável com balão de quartzo (bastante caro).

Também podemos usar a destilação do amálgama (segunda versão).

Os dez ciclos de operações são necessários porque cada ciclo traz uma nova carga de Fogo ao mercúrio.

Se então aumentar o fogo, depois que todo o mercúrio sófico tiver passado, até fazer a areia brilhar no fundo, essa Luna fixa vermelha fundirá na retorta e provará ser um dos mais belos ouros. Isso apenas como curiosidade para mostrar o que é esse pó vermelho.

Se continuar este experimento de destilar o mercúrio sófico por si só 30 ou 40 vezes, para reduzi-lo inteiramente a pó vermelho, mas sem fundir esse pó com calor intenso, você, por tais destilações repetidas, fixará gradualmente seu mercúrio sófico em ouro vermelho.

Tal ouro é infinitamente mais valioso que o ouro comum, porque é seminal e a matéria imediata mais próxima da Pedra, com a qual, como testemunha Irineu Filaleto, o grande Rex pode ser feito em cinco meses, enquanto 18 meses ou mais são necessários se se trabalhar com ouro comum.

Embora tenhamos ainda outro modo de extrair o nosso ouro do mercúrio sófico em menos tempo, sobre o qual falarei depois (página 31).

Nota 8: Esta parte do texto é fundamental, pois revela a natureza exata do ouro sófico. C

A prata usada na reparação do mercúrio sófico deve ser reduzida, isto é, fundida com bórax.

Antes de ser fundida com o regulus marcial de antimônio, não continha ouro, ou pelo menos não ouro corpóreo; agora, dissolva-a por água-forte, e uma calx de ouro precipitará.

Calcule se vale a pena o trabalho e o gasto para esta operação específica.

O ouro sófico, ou Aureum ex marte no regulus marcial de antimônio e aço, por sua própria natureza volátil, unido ao poder tintorial do antimônio, retira um corpo da prata e a enriquece com grãos de ouro corpóreo, que caem da água-forte na forma de calx negra; fundida com bórax, ela se prova ouro de 24 quilates. Este é um fato absoluto, mas que apenas paga o custo da água-forte e do carvão.

Nota 9: Isto é uma armadilha, em parte, pois o uso do bórax pode tornar a prata inutilizável para o teste das operações. Devemos ver aí uma prova do adepto para a tentação do ouro físico.

PROCESSO PARA OBTER O OURO SÓFICO — NOSSO OURO — A PARTIR DO MERCÚRIO SÓFICO PREPARADO, DE FORMA RESUMIDA

Pegue vitríolo nativo húngaro, 2 libras, e dissolva-o em água limpa; se houver fezes, filtre.

Na solução límpida, coloque 4 onças de limalha de aço limpa e meia libra de mercúrio animado ou sófico.

Ferva a mistura em um corpo de vidro colocado em banho de areia, e o antimônio predominante no vitríolo húngaro se amalgamará, durante a fervura, com o mercúrio sófico.

(O processo do nosso manuscrito, sem nome ou data, que ensina a fundir o regulus marcial de antimônio com azinhavre, é melhor, mais fácil e rápido — azinhavre macho e fêmea).

Nota 10: Vitríolo da Hungria = sulfato de cobre.

Essa operação só é justificável se o mercúrio sófico tiver sido obtido a partir de um regulus marcial lunar. Se tiver sido obtido de um regulus lunar venusino marcial (aço), essa operação é inútil.

Lave o amálgama obtido e seque-o novamente.

Coloque-o em digestão em um globo de vidro, sob calor brando, por 4 semanas, até que fique preto como carvão.

Retire-o, lave o pó negro e volte a colocá-lo em digestão; obterá novamente um pó negro.

Esse pó negro é a terra que, quando o mercúrio foi coagulado em cobre, misturou-se a ele.

Essa terra negra é chamada por muitos de enxofre; embora, de forma imprópria, pois nada de sulfuroso pode ser demonstrado nela. Ainda assim, chamá-la-emos assim, para nos entendermos.

Essa terra, ou chamado “enxofre” de antimônio, o mercúrio animado ou sófico separa, por simples digestão, do princípio mercurial do antimônio.

A operação acima deve continuar até que não apareça mais enxofre negro na superfície; então destile seu mercúrio na retorta, e obterá um mercúrio maravilhoso, que apresenta cor verde na superfície.

Neste mercúrio está contido o Aurum ex Marte e cobre, na química oculta chamado ouro sófico.

Se tiver a felicidade de possuir meia onça deste mercúrio, tem razão para agradecer a Deus, pois ele é a verdadeira e mais próxima matéria da nossa Pedra, sendo o mercúrio sófico duplo (mercurius duplex).

Para obter meia onça deste mercúrio duplo, não é necessário tanto trabalho para um operador diligente.

Nota 11: Este capítulo confirma o que dissemos: a passagem ao vermelho requer prata, cobre e ferro. Nesse processo, o pó negro fornece abundante colheita de sementes.

SEPARAÇÃO DO OURO SÓFICO EX MARTE E COBRE DO MERCÚRIO DUPLO

Pegue prata muito fina, copelada, sem ouro. Amalgame-a com o seu mercúrio sófico duplo, ou mercúrio fermentado, formando um amálgama fluido. Coloque-o em digestão, e em 24 horas o amálgama expelirá um pó negro.

Lave esse pó negro do amálgama, seque cada um separadamente e volte a digeri-los; obterá novamente a mesma quantidade de pó negro.

Esse pó negro é o ouro mais fino, um ouro seminal aberto e difusivo; se o fundir, obterá apenas ouro muito puro, mas não se deve fazê-lo, pois o fogo de fusão o aprisiona novamente e sua força central, agora voltada para fora, seria reconduzida para dentro.

Deve-se calciná-lo sob um pequeno muflo limpo, com fogo brando e constante, e logo se obterá um pó vermelho de ouro muito sutil, delicado e extremamente tenro.

Nota 12: Capítulo muito importante, pois dá a chave para tratar os “pós negros” ou escórias provenientes do mercúrio revivificado.

Não misturar as escórias negras do primeiro amálgama com as das operações seguintes: simbolicamente, não se deve fazer mistura precipitada de Luna e Sol (cf. lapidus).

VIRTUDE DESTA CALX DE OURO

Ela se une rapidamente ao mercúrio animado ou sófico e, por digestão muito suave sobre uma lâmpada, o mercúrio sófico penetra nesse ouro aberto per minima, central e radicalmente, de modo que, apenas pela digestão, a Pedra pode ser feita em poucos meses (ver Irineu Filaletto, Uma Entrada Aberta ao Palácio Fechado).

Nota 13: Sobre a destilação do amálgama.

Após a destilação do amálgama, temos de um lado o mercúrio sófico e, do outro, as fezes contendo antimônio, prata, vestígios de ferro e possivelmente cobre. Ao contrário do que diz o Coelum Philosophorum, antimônio, ferro e cobre não podem ser reutilizados porque suas energias alquímicas foram transferidas ao mercúrio. Apenas a prata, que tem papel de transferência, pode ser reutilizada.

O processo de recuperação da prata, descrito anteriormente, pode ser usado para recuperar a prata das fezes do amálgama.

ORA ET LABORA!

Lição 80: Mercúrio Sófico e a Mercurificação do Ouro

EMBLEMA XLIX: INFANS



Os ajudantes de Marte e Mercúrio são necessários para a busca do Velocino de Ouro.

Caro Amigo,

O MERCÚRIO SÓFICO

Se seguimos as informações anteriormente dadas, devemos agora estar de posse do Mercúrio Filosófico dos caminhos secos, ou seja, mercúrio comum reanimado pelo Fogo do antimônio e pelos princípios da vida, isto é, as sementes do ferro e, possivelmente, do cobre. Se não houver cobre, o trabalho para no estágio branco, que não foi indicado no texto, mas que é assim que deve ser.

A sementeira do mercúrio revivificado pelo regulus marcial lunar é prata.

A sementeira do mercúrio revivificado pelo regulus marcial lunar e venusiano é o Ouro Sófico.

As sementes são extraídas dos metais ou das escórias provenientes das primeiras preparações.

MANIPULAÇÃO DO FOGO

Já dissemos: o fogo da terra excita e anima o Fogo Celestial. Na Natureza, já a uma temperatura de 20 °C, o Fogo vegetal é reativado, a semente germina e brota. A uma temperatura de 37–38 °C, o fogo animal é reativado, mas, atenção, a uma temperatura de 42 °C o fogo animal morre.

Na sequência das operações, nunca confunda o fogo que excita o Fogo Secreto com o fogo que fixa os elementos.

No estudo do *Coelum Philosophorum*, teria sido lógico estudar a prata antes do ouro, mas, como a parte operativa — que é quase idêntica para os dois — é descrita apenas para o ouro, começa-se, portanto, com este metal.

COELUM PHILOSOPHORUM

(continuação)

O OURO — O QUE É

O ouro é um corpo metálico muito puro e cheio de luz; extremamente simples quanto à sua essência — um mercúrio perfeitamente maturado, sem qualquer adição externa. Cremos nisso porque toda a substância do *mercurius vivus*, desde que seja bem purificada e animada, pode, por simples digestão, ser maturada e fixada em ouro puro! E mais ainda!

Portanto, concluímos que o mercúrio é ouro imaturo. Da mesma forma, o ouro comum, tão altamente fixado pela natureza, pode ser retrogradado e reduzido a mercúrio fluente; daí se segue que o ouro deve ser mercúrio fixo puro. Contentemo-nos, pois, com a experiência.

Nota 1: O que segue é o caminho do metal ouro, e não do Ouro Sófico; em nossa opinião, esse caminho não deve ser seguido (caminho de Urbigerus), mas parece essencial como matéria de estudo para a experimentação.

MERCURIFICAÇÃO DO OURO

A mercurificação do ouro é realizada da maneira mais simples e natural pelo mercúrio fluente comum.

Por essa razão, os filósofos mais antigos nos disseram: “Faça mercúrio pelo ou com mercúrio.” Por este meio, toda a substância do ouro, sem qualquer perda, é transmutada em mercúrio vivo.

Isso, entretanto, requer discernimento e certos graus de operação. Os principais são: calcinação, amalgamação, digestão e destilação.

Por esses quatro graus de operação, o ouro é reduzido a mercúrio fluente. A partir desse mercúrio, apenas por digestão, pode-se fazer um nobre remédio para o corpo humano e até uma perfeita tintura para os metais. (Este foi um dos processos de Sebald Schwartzer²⁶⁷, que comunicou a Augusto Pio, eleitor da Saxônia, no ano de 1570, e a sua esposa Anna; essa tintura vermelha atuava sobre 10.000 partes de mercúrio. (Veja *Laboratorium Chemicum*, do Barão Kunkel von Lowenstern²⁶⁸).

Comecemos também com a:

CALCINAÇÃO DO OURO

O ouro é calcinado por vários métodos; entre todos, achei o seguinte o melhor, pela experiência:

Nota 2: A purificação do sal marinho, necessária para a sequência destas operações, será descrita mais adiante no texto.

Agora, pegue ouro refinado, que tenha sido purificado por antimônio ou reduzido do quartzo; lamine-o na laminadora ou faça-o em folhas finas, que se amalgamam com o mercúrio purificado na quantidade que for necessária — suponha ouro purificado e laminado ou em folhas, uma onça; adicione quatro onças de mercúrio purificado: amálgama-o com grande cuidado e não se importe com o trabalho de moê-lo bem.

Quando estiver bem amalgamado, passe o amálgama por couro de camurça liso, para retirar o mercúrio excedente. O amálgama que ficar no couro deve ser lavado primeiro com sal comum e vinagre, depois com água limpa, repetindo a operação até que o amálgama esteja tão limpo quanto um espelho — então seque-o ao sol ou com calor suave, e ele ficará duro, podendo ser pulverizado.

Agora, pegue o amálgama seco e moa-o com três vezes o seu próprio peso de sal marinho purificado. Moa-o com grande diligência num almofariz de vidro previamente aquecido, e ele se tornará um pó preto sutil. Coloque esse pó num pequeno balão de vidro apropriado, acople um recipiente meio cheio de água pura e destile na areia, aumentando gradualmente o fogo, até que o mercúrio fluente tenha passado para a água.

²⁶⁷ **Sebald Schwartzer** foi um alquimista alemão ativo no século XVII, conhecido por suas contribuições à literatura hermética e por sua associação com tratados alquímicos atribuídos a autores como Basílio Valentim e Irineu Filaeto. Embora pouco se saiba sobre sua vida, seu nome aparece em compilações alquímicas que circulavam entre círculos esotéricos da época, frequentemente como comentador ou tradutor de obras clássicas do ars magna.

²⁶⁸ **Johann Friedrich Kunkel von Löwenstern** (c. 1630–1702) foi um alquimista e químico alemão, conhecido por suas pesquisas sobre o fósforo e por sua tentativa de conciliar práticas alquímicas com os métodos emergentes da química experimental. Serviu como químico da corte em várias residências principescas e publicou tratados que buscavam legitimar a alquimia como ciência natural. Kunkel também é lembrado por seu ceticismo em relação às alegações de transmutação metálica, embora mantivesse interesse na Pedra Filosofal como símbolo espiritual e filosófico.

O mercúrio que se depositar no gargalo do balão deve ser cuidadosamente retirado com uma pena de ganso limpa, para que não volte para o corpo do balão.

Sobre a cal que restar no corpo do balão, despeje água limpa, coloque novamente o balão na fornalha de areia e dê um fogo suave, para que a água ferva levemente sobre a cal e dissolva e extraia todo o sal marinho. O objetivo não é destilar a água da cal, pois o sal permaneceria; o sal deve ser dissolvido na água por este processo. Depois, agite no balão, enquanto ainda estiver quente, e despeje a água e a cal; deixe o pó assentar e retire cuidadosamente a água; o restante despeje num filtro e deixe a água escorrer. Depois, seque o pó sutil de ouro.

A água e o mercúrio fluente do recipiente devem ser despejados, a água separada do mercúrio, e o mercúrio deve ser seco evaporando a umidade restante com calor suave, suficiente apenas para levantar a umidade, mas não o mercúrio, ou ao sol.

Repita esse mesmo processo com essa cal de ouro e com o mesmo mercúrio seco duas ou três vezes mais, e, quando terminar, o ouro estará bem calcinado.

Nota 3: Calcinado significa reduzido a cal; uma cal não precisa mais de calcinação. É uma armadilha para os desavisados.

Isso, no entanto, é apenas uma calcinação ou sutilização externa; ainda assim, este trabalho preparatório é altamente necessário, pois promove e acelera as operações seguintes.

AMALGAMAÇÃO DO SEU PÓ DE OURO COM MERCÚRIO PURIFICADO E PREPARADO

Agora, pegue meia onça da sua cal macia de ouro e amálga-a com uma onça de mercúrio animado purificado, por uma longa moagem uniforme em almofariz de vidro morno, como antes. Isto é: uma parte de cal de ouro para duas partes de mercúrio sófico; lave o amálgama perfeitamente, coloque-o numa tigela de vidro ou porcelana limpa; cubra com papel limpo para que não caia poeira e deixe secar suavemente, de modo que possa ser manipulado e ainda manter-se unido.

Depois, com dedos muito limpos, forme essa massa em pequenas pílulas, do tamanho de uma ervilha verde; coloque-as num prato de porcelana, que deverá ficar ao sol, ou num calor muito suave, ou até mesmo num cômodo aquecido, coberto com papel limpo, para que toda a umidade da água elementar evapore, endurecendo completamente as pílulas.

(O preparo do mercúrio sófico, do qual depende inteiramente o sucesso deste processo, é ensinado mais adiante: trata-se do mercúrio fluente animado sófico de Irineu Filaleto, Espagnet e Alex Von Suchten; mas este é o caminho longo com ouro corpóreo utilizado, enquanto Iranaeus tem um caminho mais curto sem ouro, como explicamos detalhadamente em nosso manuscrito: sem nome ou data; contudo, este processo é certamente genuíno e seguro, embora muito trabalhoso).

VIDROS

Você deve agora mandar fazer uma dúzia de globos de digestão de vidro da melhor qualidade, espessos, com formato e tamanho tão próximos quanto possível deste modelo; não maiores, pois este tamanho é suficientemente grande. Devem ter tampas de vidro bem lixadas, de forma a ficarem herméticas. (Se forem feitos um pouco mais resistentes do que no desenho, tanto melhor, devido ao lixamento das tampas).

DIGESTÃO

Agora, pegue um dos seus globos de digestão e coloque nele o seu amálgama feito em pequenas pílulas. Se o globo não for maior do que este, o peso do amálgama ou das pílulas não deve exceder uma onça e meia. O amálgama nunca deve encher mais da metade do globo. Coloque o globo em areia morna, no seu forno de digestão, e cubra a abertura do frasco com um pedaço de papel, até que toda a umidade tenha evaporado, o que, com calor suave, ocorre em 24 horas.

Quando não perceber mais umidade no gargalo do vidro, feche-o firmemente com a tampa de vidro.

Continue a digestão em calor muito suave, e durante a primeira semana o amálgama começa a se contrair e, como estava antes dividido em pequenas esferas, torna-se agora uma única massa, escura na cor, e incha como massa fermentada próxima ao fogo.

A DIGESTÃO CONTINUADA ATÉ UM PÓ VERMELHO

Nesse grau suave de calor, suficiente para excitar a fermentação mencionada acima, deve-se manter o processo dia e noite, até que se transforme num pó vermelho-escuro e pulverulento.

Mas antes que isso aconteça, você verá fenômenos curiosos no globo de vidro, nunca iguais, nem mesmo em dois globos que contenham exatamente o mesmo peso de amálgama, feitos em globos idênticos e mantidos no mesmo grau de calor; posso atestar isso por ampla experiência.

Relatarei apenas as mudanças e fenômenos mais notáveis que observei pessoalmente na matéria.

SINAIS E FENÔMENOS

Após o amálgama permanecer em calor suave por 15 ou 16 dias, ele começa a crescer para cima como ramos e folhas de árvores, e nas paredes internas do globo o mercúrio se fixa, fazendo com que parte do vidro pareça um espelho. Mas, quando os vapores subsequentes condensam o mercúrio fixado, este se torna pesado demais para se sustentar e escorre em filetes ou veios para o fundo, até que o mercúrio se una ao ouro sutilizado e fermentado, formando um pó.

As pequenas árvores que cresceram do amálgama caem com o tempo e se tornam, junto com o mercúrio, um pó vermelho.

Antes disso, contudo, a parte interna superior do globo fica belamente dourada por inteiro. Entre todos os filósofos que trabalharam dessa forma, apenas Irineu Filaeto observou esse fenômeno, o que encontrei exatamente como descrito.

USO DO PÓ VERMELHO

Esse pó vermelho deve permanecer em digestão, agora aumentando um pouco o calor, e deve ser gradualmente fixado; isso requer três meses de trabalho e um operador habilidoso e paciente.

Esse pó ou precipitado fixo e fusível é chamado de ouro dos filósofos, porque é preparado de maneira filosófica, apenas pela digestão.

Com a ajuda dessa digestão, quando finalizada, você completou a verdadeira calcinação radical e central do ouro, e agora possui a genuína cal ou cinza dos filósofos, onde está oculto o diadema real.

Essa cal ou pó vermelho fixo é o ouro dos filósofos ou matéria mais próxima da Pedra, a partir da qual pode ser feita a Grande Obra, assim como um trabalho particular e lucrativo.

Agora, para beneficiar iniciantes bem-intencionados nesta arte divina, que desejam não apenas aprender, mas também tirar proveito de seus trabalhos, comunicarei fielmente, como fiz até aqui, não em linguagem metafórica, mas em termos claros, como podem prosseguir e trabalhar com essa cal de ouro de forma particular, para permitir que se sustentem até que a Grande Obra seja concluída, o que também ensinarei adiante.

PROCESSO NO CAMINHO PARTICULAR

Agora você possui uma onça e meia de ouro filosófico; mas se você pudesse ou quisesse, desde o início, trabalhar com dois globos — o que seria o modo mais sábio e seguro — poderia reservar um globo com uma onça e meia de mercúrio sófico para o processo universal; faça isso de todo modo.

AUMENTO DA QUANTIDADE DE OURO SÓFICO

Pegue sua onça e meia de ouro filosófico, no mesmo frasco em que foi fixado, ou coloque-o em outro, e coloque-o numa fornalha de areia. Aqueça a areia bastante, de modo que o frasco e a matéria fiquem muito quentes, a ponto de você mal conseguir tocá-los.

Então, por meio de um funil de vidro bem aquecido, colocado na boca do frasco, despeje meia onça do seu mercúrio sófico preparado, previamente aquecido, sobre o ouro sófico no frasco, ou seja, um quarto da quantidade de mercúrio sófico para três quartos de cal de ouro.

Feche o frasco com a tampa de vidro, pois não há umidade presente. Digira novamente em calor de areia; o calor deve ser tal que nada do mercúrio sublima da cal de ouro. Continue mantendo a matéria em digestão, aumentando o calor suavemente e gradualmente, por quatro semanas, e esse mercúrio sófico adicional será fixado pelo poder do mercúrio sófico fixo.

Após quatro semanas, aumente o calor até que a areia esteja quase incandescente.

(N.B.: O que segue é uma opinião dada pelo tradutor)

Presumo que esse calor intenso, talvez cerca de 300 °C, faria a substância fundir-se numa massa única.

Talvez não seja necessário, mas, para retirar a massa do frasco, seria preciso quebrá-lo; como desejo preservar o frasco, prefiro realizar esses últimos três dias de calor incandescente num pequeno cadinho, com tampa vedada, para poupar meus frascos; colocaria o cadinho pequeno dentro de outro maior, cheio de areia e coberto com areia, e então colocaria o cadinho maior numa fornalha de vento ou outra fornalha aquecida com carvão, mantendo o fogo apenas incandescente, sem corrente de ar ou sopro.

Começaria e aumentaria o fogo gradualmente dessa forma.

Sua meia onça de mercúrio sófico não deve ser despejada de uma vez no frasco com o ouro sófico, mas apenas aos poucos, cada vez na quantidade do tamanho de uma ervilha, previamente aquecida, como disse; após cada projeção do mercúrio no frasco, deixe-o repousar meia hora na areia quente, depois projete novamente a mesma pequena quantidade, até que toda a meia onça tenha sido introduzida. Então, como mencionado, feche o frasco com a tampa de vidro e fixe a massa até que ela funda sem fumer.

Agora você possui duas onças de ouro sófico. Este é o início e o fundamento de uma *minera perpetua* doméstica, que você deve aumentar em quantidade, como fez antes, para poder retirar uma parte dela todo mês, reduzindo-a para obter os lucros daí resultantes.

SEGUNDA AUMENTAÇÃO DO OURO SÓFICO EM QUANTIDADE

É do seu interesse multiplicar esse ouro sófico em quantidade e, no mínimo, dobrá-lo.

As duas onças mencionadas acima devem novamente ser impregnadas com meia onça de novo mercúrio sófico e a massa fixada; em quatro semanas você obterá duas onças e meia de ouro mercurial sófico fixo.

Em mais quatro semanas, pelo mesmo processo, impregnando com meia onça de mercúrio animado ou sófico e fixando a matéria como antes, você obterá quatro (4) onças de ouro sófico.

USO PARA SUSTENTO

Das seis onças de ouro sófico acima, retire uma onça e meia. Derreta cinco ou seis onças de prata fina num cadinho, projete sua onça e meia de precipitado dourado, envolto em cera, sobre a prata em fusão, e deixe fundir junto por meia hora, mantendo o cadinho cuidadosamente coberto para evitar que carvões caiam dentro.

Deixe esfriar, separe a prata da massa (com água-forte), sendo que essa prata deve ser previamente transformada em lâminas finas na laminadora ou limada; se a água-forte não a dissolver, será necessário fundir mais uma onça de prata fina junto, e você verá cair da solução uma terra ou cal negra. Lave e dulcifique essa cal com água, e funda-a com bórax; você encontrará uma onça e meia de ouro puro de 24 quilates.

As quatro onças e meia restantes de precipitado dourado devem ser divididas novamente em três globos de vidro, cada um impregnado com meia onça de mercúrio sófico, digerido e fixado. Dessa forma, você poderá reduzir todo mês uma onça e meia de ouro sófico a ouro corpóreo, a partir da prata, o que, ao preço de quatro guinéus por onça, equivale a seis guinéus por mês.

(Isto serviria bem o bastante na Alemanha, mas não na Inglaterra; considerando as despesas e o tempo para obter mercúrio sófico em quantidade suficiente, os custos de carvão e óleo para as digestões e fixações e da água-forte, creio que este trabalho poderia se pagar, mas não sustentar o operador; portanto, é melhor elaborar a tintura de uma vez.)

Portanto, prossigamos:

O precipitado solar fixo ou ouro sófico mencionado anteriormente forma uma *minera* perpétua, e já neste estado é um medicamento admirável, pelo menos igual, senão superior, ao *Aurum Horizontale* de J.B. Van Helmont; sobre isso trataremos mais adiante.

O que lhe ensinei agora é um caminho particular, trabalhoso, porém certo e seguro, para obter lucro mensalmente. Mas, se desejar prosseguir no mesmo trabalho para obter a tintura universal ou pedra dos filósofos, que tinge ou transmuta todos os corpos metálicos mercuriais em ouro genuíno, você deve abrir radical e centralmente o seu ouro filosófico, sutilizando-o ainda mais e aumentando sua cor, fusibilidade e peso; mais cor e penetração se obtêm do mercúrio sófico impregnado ou animado pelo enxofre ou fogo sófico, e o aumento de peso, do fogo externo.

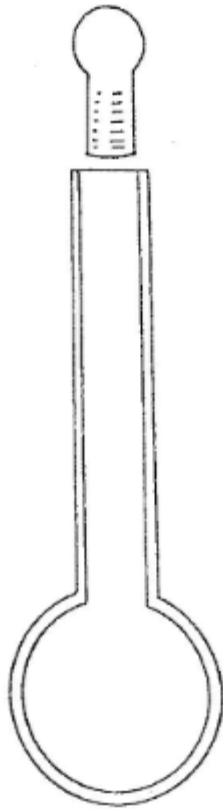
Essa sutilização adicional é chamada de sublimação ou destilação pelos filósofos.

Nota 4: Como antes, é uma armadilha. Se o bórax não for totalmente eliminado, ele impedirá o processo.

ORA ET LABORA!

FIGURA ANEXA:

Balão de digestão



Lição 81: Mercúrio Sófico e a Obra do Ouro

EMBLEMA XX: NATURAM



Vênus e Marte entram no fogo para a fase vermelha da obra.

Caro Amigo,

COELUM PHILOSOPHORUM

(continuação)

“Aquele que souber tingir o mercúrio sófico com ouro ou prata possui o grande arcano!”

Nota 1: Este é o aforismo final do *Coelum Philosophorum*. A seguir, são descritos os experimentos sobre a prata, que na verdade são várias variações do caminho da obra no estágio branco.

PROCESSO SOBRE A PRATA (CALX DE PRATA)

Tome prata muito pura, copelada, e dissolva-a em *aqua fortis*. Dilua a solução com 20 ou mais partes de água limpa. Em seguida, despeje essa solução diluída em uma bacia de cobre muito limpa e lisa, e a calx de prata se depositará sobre o cobre por toda a bacia. Adicione mais água e edulcore a substância até que a calx de prata esteja completamente sem gosto. Depois, seque-a.

AMALGAMAÇÃO COM MERCÚRIO

Tome agora 1 parte da sua calx de prata e amálgama com 6 partes de mercúrio corrente purificado.

Esprema sua amálgama através de couro de camurça para separar o mercúrio supérfluo.

A bola que permanece no couro deve ser moída com sal purificado e seco, adicionando gradualmente o sal até que não se veja mais amálgama. Coloque essa mistura em um retorto de vidro, posicionado profundamente na areia, e destile o mercúrio para um recipiente meio cheio de água. A prata permanecerá com o sal. Lave o sal da prata com água limpa e você obterá uma calx de prata extremamente sutil.

Amalgame essa calx de prata mais uma vez com antimônio purificado, e moa a amálgama com sal purificado, moendo-a o mais fino possível. Destile o mercúrio como antes, e lave o sal da prata restante até que o pó de prata esteja perfeitamente insípido. Você terá então uma calx de prata muito sutil, que deverá ser seca.

PURIFICAÇÃO DO SAL USADO NESTE PROCESSO

Derreta 2 ou 3 libras de sal marinho em um cadinho, depois dissolva em água pura, filtre e evapore a solução até que o sal fique completamente seco.

Mas se você quiser ter mais trabalho, em vez de perder a água por evaporação, destile-a do sal até a secura; você obterá uma água destilada pura, que é melhor para a segunda dissolução do mesmo sal do que outra água pura.

O recipiente de vidro para essa destilação deve ser largo o suficiente para que se possa colocar a mão dentro, sem ser muito alto.

Dissolva o sal agora uma segunda vez na água destilada acima, filtre perfeitamente a solução e então destile metade ou dois terços da água até que uma pequena película se forme na superfície.

Agora coloque em uma adega fria durante a noite e belos cristais de sal se formarão, em forma de pequenas pirâmides de quatro lados e ocas por dentro. Este é um sal excelente para propósitos como este.

Guarde sua calx de prata até que eu lhe diga o que fazer com ela. Enquanto isso, atente ao processo seguinte.

Nota 2: Neste processo há uma diferença muito importante em relação ao anterior: o Mercúrio Sáfico não é extraído da amálgama, mas é colocado diretamente em digestão. Este processo leva mais tempo, mas é muito mais fácil de realizar.

PROCESSO SOBRE A PRATA PARA A PEDRA

Tome uma onça de prata copelada fina, meia onça de regulus marcial de antimônio (ou duas partes de prata para uma parte de regulus marcial), derreta-os juntos, deixe esfriar e reduza a massa a um pó grosso. Adicione 5 onças de mercúrio corrente revivificado a partir do cinábrio, como ensinado no capítulo do mercúrio. Amalgame seu pó grosso com esse mercúrio purificado com a maior diligência e da melhor maneira possível. Lave sua amálgama repetidamente até que não apareça mais escurecimento na água.

Nota 3: Recupere as escórias negras.

Depois de secar sua amálgama, coloque-a em um globo de digestão, conforme ensinado na seção sobre ouro, não mais que 2 onças por globo. Idealmente, uma onça e meia é ainda melhor.

Deixe um terço do globo vazio.

Feche o gargalo com um tampão de vidro, depois que toda a umidade tiver desaparecido completamente.

Coloque seu globo ou globos em um banho de areia, em um atador de ferro adequado, alimentado com carvão, e posicione seus globos em um calor suave no início. A amálgama se elevará e formará pequenos ramos semelhantes a árvores, que com o tempo, ao continuar o calor suave, cairão novamente e toda a massa se tornará um pó vermelho. Os fenômenos que observei com este trabalho foram os seguintes:

Nota 4: No documento original, os fenômenos não são descritos; aqui começa outra descrição do processo, que não difere muito.

Tomei duas onças de prata copelada fina, e uma parte de regulus marcial de antimônio, que derreti juntos em um cadinho. Reduzi a massa quebradiça a um pó grosso e a amalgamei com dez partes (10 onças) de mercúrio purificado, com a maior diligência, em meu moinho de moagem. Lavei a amálgama tantas vezes até que não aparecesse mais escurecimento.

Deixei essa amálgama de lado, coberta com papel, até que adquirisse uma consistência espessa. Então formei pequenas pílulas com os dedos limpos. Coloquei essas pílulas em pires de porcelana, cobri com papel e deixei em calor suave até que estivessem completamente secas.

Dividi minhas pílulas em diferentes globos de digestão, colocando uma onça e meia de pílulas em cada vidro. (O mercúrio purificado amalgamado com o regulus lunar marcial de antimônio, lavado e seco, é o nosso mercúrio animado). Os gargalos dos meus globos tinham 8 dedos de altura e os globos cerca de 2 polegadas de diâmetro externo. Fechei meus globos primeiro com papel, caso restasse alguma umidade, mas quando percebi que estavam completamente secos, inseri os tampões de vidro firmemente.

Regulei então o calor, posicionando meus globos no atamor em areia de modo que a amálgama, dividida em pequenas pílulas, movida pelo calor suave, pudesse fundir-se e fermentar, como se fosse piche derretendo ao sol.

Nesse grau de calor, talvez um pouco mais quente que os raios solares, a massa se elevou como massa fermentando. Parte do mercúrio se separou e se acumulou na parte superior dos globos, escorrendo novamente pelas laterais quando as gotas ficaram pesadas demais para se manterem, deixando espaços entre elas, através dos quais eu podia ver o comportamento da amálgama, que exalava cheiro e crescia dia após dia em pequenas árvores com ramos.

Após 20 dias de digestão, observei que as pontas dos ramos, apontando para cima e para os lados, tornaram-se de uma fina coloração vermelha.

Um dos ramos centrais em um dos globos quase alcançou a boca do gargalo, belíssimo de se ver, com extremidades avermelhadas.

Percebi que uma pequena porção de ar é necessária neste trabalho, assim como o ar é necessário para a alteração e perfeição de todas as criaturas.

Artistas que negam toda entrada de ar e mandam selar hermeticamente os frascos, fundindo-os como se faz com termômetros, merecem ser expostos por sua ignorância. Sem ar, não há ação ou operação na Natureza, e sem ação não há mudança, e onde não há mudança, nenhuma melhora pode ser esperada; o sujeito permanece como era no início. Após muito trabalho sem ar, e esperanças vãs de obter algo, só resta reconhecer a perda de tempo e recursos. E sabe por quê? Porque se trabalhou sem conhecimento das coisas naturais!

Num vidro fundido hermeticamente não há ar temperado suficiente para produzir qualquer mudança na matéria contida.

Isso é um alerta para aqueles que estudam com tanta ansiedade como fechar seus vidros com segurança, com medo de que o espírito universal gerador escape, ignorando que a natureza sábia produz e multiplica todas as suas criaturas por meio do ar animado. Mas voltemos ao nosso processo.

Nota 5: Isso confirma nossa teoria: se não há enxofre na mistura, o oxigênio do ar é essencial. O Fogo presente aqui é o fogo fixo do antimônio, que permanecerá no frasco.

Após a amálgama crescer sobre os vidros, preenchendo todo o espaço dos globos, a parte superior do globo tornou-se dourada, lindamente, de modo que não se podia mais enxergar através dele.

Deixei os vidros permanecerem na areia por mais duas semanas, esperando que essa cor dourada desaparecesse, mas, impaciente, retirei um frasco e examinei a massa em seu interior, que achei de consistência untuosa e porosa. Por curiosidade, esfreguei-a em um almofariz de vidro e tornou-se um pó marrom escuro, exalando um aroma igual ao das mais finas violetas.

Tolos que pensam que os metais são corpos mortos não acreditarão nisso. No entanto, o fato de que o cheiro central dos metais e minerais, especialmente o antimônio, é extremamente agradável, é para mim uma prova absoluta de que eles têm vida e, conseqüentemente, podem ser exaltados.

Após testar este experimento com um frasco, fiquei curioso para saber se todos estavam iguais, e estavam. Não retirei a matéria dos frascos, apenas os abri e encontrei o mesmo aroma.

O primeiro que moí, coloquei em um frasco limpo e o coloquei novamente na areia, na mesma temperatura, com esperanças de sucesso. No entanto, esse pó tornou-se fixo, assim como os demais. Portanto, a vida dos metais é de natureza mais durável do que a dos animais e vegetais, e não se destrói facilmente, nem mesmo na fusão.

Tomei então meu precipitado fixo ainda morno e, enquanto estava quente, adicionei 1 parte de mercúrio animado previamente aquecido a 3 partes do precipitado vermelho quente. Uni-os nos frascos, ou seja, derramei uma parte do mercúrio animado aquecido sobre 3 partes do meu precipitado vermelho aquecido, em cada globo, e coloquei-os novamente em digestão. Essa mistura uniu-se instantaneamente e tornou-se, quase de imediato, um pó marrom-escuro. Esse precipitado, com a continuação da digestão, tornou-se fixo em poucas semanas.

Retirei alguns desses frascos e copelhei o precipitado, que se transformou em uma prata belíssima, praticamente sem perda de peso.

Essa prata, separada com *aqua fortis*, continha uma boa quantidade de ouro fino de 24 quilates.

MULTIPLICAÇÃO EM QUANTIDADE E QUALIDADE

Se você deseja realizar uma *augmentatio perpetua* com este precipitado lunar fixo, deve proceder e aumentá-lo com nosso mercúrio animado exatamente da mesma forma como descrevi com fidelidade na seção sobre o ouro. Mas não se surpreenda se suas expectativas forem frustradas. Após ter aumentado seu precipitado lunar fixo com mercúrio animado cinco ou seis vezes, pode pensar que continuará a obter prata fina enriquecida com ouro. Mas ocorre o contrário: no lugar da prata fina, ao final você obterá apenas ouro fino de 24 quilates. Isso porque a pequena quantidade original de fermento lunar é, com o tempo, maturada e exaltada em fermento solar

por nosso mercúrio animado, que é ouro imaturo. Consequentemente, seu fermento lunar, sendo mais fraco, será facilmente superado por nosso ouro, que é mais forte.

Nota 6: Isso implica que, para a multiplicação, o mercúrio utilizado deve ser, no mínimo, um mercúrio animado por um regulus marcial-lunar-venusiano. Essa observação também se aplica ao que segue.

Assim como a partir de ouro sutilizado, por soluções radicais repetidas, deve finalmente surgir uma tintura capaz de transmutar uma grande quantidade de metais inferiores em ouro permanente, exatamente da mesma maneira ocorre aqui com a prata. Portanto, aviso: não se irrite quando vir suas expectativas se inverterem!

RAZOAMENTO DO AUTOR

Se você quiser elaborar uma receita para a transmutação em prata, observe o seguinte: depois de ter realizado a primeira calcinação da prata com mercúrio animado, ou seja, após ter completado a primeira solução da primeira calx lunar, é necessário fermentar novamente com prata fina. Isso para que a Terra Lunar Branca especificada, o chamado enxofre da Lua, não seja transmutado ou exaltado para uma natureza solar por meio de repetidas adições ou aumentos com mercúrio animado, cujos átomos são totalmente solares. O filósofo deve saber disso — ou, do contrário, não saberá qual será o resultado do seu experimento.

Mais fácil lhe será obter ouro do que uma tintura de prata, pois a terra branca sulfúrea e lunar, que é a própria especificidade da prata, a qual transmuta e matura o mercúrio em prata nas minas, é rapidamente alterada e exaltada por repetidas adições de mercúrio animado.

Você mesmo pode verificar essa verdade com o próximo experimento.

Que tente aquele que quiser, se não for preguiçoso e desejar sinceramente ver a verdade com seus próprios olhos. Ele a encontrará aqui! Se surpreenderá com minha sinceridade e me agradecerá depois que eu não estiver mais nesta vida cheia de cuidados e fadigas! Confesso: admiro profundamente as obras maravilhosas de Deus por meio do espírito universal, mas não adoro a pedra, estando bem consciente de que terei de deixá-la para trás!

Escrevo a verdade, firmemente acreditando que Deus dirige especialmente essas coisas.

EXPERIMENTO SOBRE A PRATA

Nota 7: Este experimento é interessante apenas do ponto de vista teórico; é inútil para o caminho da Obra.

Tome uma onça de prata copelada fina, um quarto de onça de regulus marcial estrelado, derreta e reduza a pó. Amalgame esse pó com dez onças de mercúrio

purificado revivido a partir do cinábrio. Lave a amálgama, esprema o mercúrio supérfluo através de couro grosso de camurça.

A massa que resta no couro deve ser moída e lavada várias vezes, até que toda a negrura — que é o regulus corpóreo — seja lavada. Destile sua amálgama por retorto em calor de areia. Se você procedeu corretamente, encontrará sua prata perfeitamente pura e com o mesmo peso de antes. Mas seu mercúrio, que se separou, tornou-se, acima da natureza do ouro comum, um princípio capaz de produzir ouro.

Até aqui, ensinei-lhe fielmente como superar e exaltar ouro e prata por meio de mercúrio corrente, na *Via Sicca Pacífica*, que é um caminho muito antigo e, embora lento, é seguro e sem perigo.

Agora vou ensinar-lhe a *Via Húmida*, que, embora um pouco mais curta, é escorregadia, repleta de vapores, e também perigosa.

PROCESSO SOBRE A PRATA NA VIA HÚMIDA

Nota 8: O texto sobre esse processo não está completamente decifrado, mas trata-se de um método que utiliza um mercúrio revivificado por sublimado corrosivo. Um processo muito difícil e perigoso.

Faça uma calx de prata pura, calcinada com sal marinho purificado, por meio do mercúrio.

Quando tiver feito essa calx, moa-a com três vezes seu próprio peso de bom mercúrio sublimado, até obter um pó sutil.

Destile essa mistura por retorto, e virá uma substância semelhante à manteiga.

O que permanecer, pese com exatidão, e misture novamente com 3 partes de seu peso de novo mercúrio sublimado, destile de novo por retorto, e toda a prata passará junto com o *butyrum*, restando apenas algumas fezes.

O mercúrio contido no sublimado deve ser separado e reservado.

Nesse *butyrum*, a prata está dissolvida e volatilizada por meio dos espíritos do sal marinho e do vitríolo, ambos contidos em estado altamente concentrado no mercúrio sublimado, sem o menor vestígio de fleuma.

Esses dois espíritos, separadamente, não conseguem afetar a prata dessa forma. Mas unidos ao mercúrio no sublimado, eles a atacam, dissolvem e volatilizam, transportando-a para o recipiente.

A prata pode ser precipitada da solução destilada com água, mas aqui isso não deve ser feito.

PROCEDIMENTO POSTERIOR COM SUA PRATA VOLATILIZADA, SUA COAGULAÇÃO E FIXAÇÃO

Pegue a prata sutilizada e volatilizada, tal como está unida ao *butyrum*, coloque-a em um globo de digestão com gargalo longo, coagule e fixe em um calor suave e gradualmente aumentado. Ela tinge o estanho e o chumbo em prata em proporções iguais.

O ÚLTIMO PROCESSO SOBRE A PRATA

Dissolva uma *marck* de prata fina em *aqua fortis* retificada. Esta solução deve ser despejada em uma quantidade de água destilada, cerca de 10 a 12 vezes o volume da *aqua fortis* usada. Dissolva sal marinho purificado em água de chuva destilada ou filtrada e despeje essa solução salina na solução de prata diluída com água, na quantidade necessária para precipitar toda a prata da *aqua fortis*. Isso será visível quando a solução estiver perfeitamente clara e não mais leitosa ao se adicionar a solução salina.

Toda a prata precipitará no fundo da bacia como uma substância branca extremamente sutil.

Despeje cuidadosamente a água salgada e edulcore sua calx de prata várias vezes com água destilada até que tenha perdido toda acidez, depois seque a calx. Esse tipo de calx de prata é chamado *Luna Cornea*.

Agora pegue sua *Luna Cornea* ou calx de prata seca, que por esse simples processo já está muito volatilizada — e por isso foi chamada por Glauber de *Mercurius Luna* — e misture com grande diligência três vezes seu peso de sal amoníaco purificado. Coloque a mistura em um vaso de vidro revestido, cubra com um alambique e sublime em calor de areia, e parte da sua prata subirá com o sal amoníaco.

Repita essa sublimação, adicionando um pouco de novo sal amoníaco a cada vez, até que toda ou quase toda a sua prata tenha subido e se depositado acima do *caput mortuum*.

Então, retire seu sublimate e dissolva-o em nosso *circulatum* ou *alkahest* (prata e sal amoníaco sublimados juntos).

Destile em retorto, e tudo virá como um líquido.

Destile esse líquido em *balneum vaporis*, e o *circulatum* virá sozinho, restando um licor espesso e oleoso que contém sua prata sublimada.

Esse licor deve ser cuidadosamente unido, aos poucos, com álcool retificado (S.V.), na proporção mínima de 3 partes de S.V. para 1 parte do licor de prata.

Depois, coloque em digestão por 24 horas, e destile o S.V. novamente em *balneum vaporis*, o qual levará parte do corrosivo.

Despeje novo S.V., digira por 24 horas e destile novamente, repetindo esse ciclo até que sua prata permaneça como um licor oleoso espesso, perfeitamente doce, sem

qualquer amargor ou acidez. É necessário tomar grandes precauções no início, ao unir o S.V. ao licor corrosivo — isso deve ser feito lenta e gradualmente. Veja a seção do antimônio.

Este licor espesso e oleoso de prata é muito denso, mercurial e volátil. É chamado por muitos de *sulphur lunæ*, embora esse nome não seja tecnicamente correto, mas aceitemos tal designação por uma questão de entendimento comum.

(A) A terra remanescente, da qual você sublimou sua prata com sal amoníaco, deve ser colocada sobre uma prova larga feita de cinzas de ossos, sendo posicionada em uma mufla rodeada não por vapor, mas por carvões acesos. Ela deve ser calcinada pela chama de maneira suave e regular durante 8 noites e dias. Em seguida, retire-a, coloque em um recipiente de vidro e derrame sobre ela vinagre forte bem retificado, extraíndo tudo o que puder por meio de digestão em calor suave durante 3 noites e dias. (Este não é um trabalho fácil).

Despeje sua extração límpida, seque a substância restante e reverbere ou calcine novamente como antes, na mufla por mais 8 noites e dias. Depois, faça nova extração com vinagre destilado fresco, como feito anteriormente. Junte essa extração à primeira.

Você deve continuar esta operação até que reste apenas uma terra morta, um *caput mortuum*, sem nada de metálico.

Essa terra provém da *aqua fortis* e do sal marinho presente no sal amoníaco. (Acredito que o sal amoníaco deveria ser previamente lavado da terra restante). (A) (antes de ser reverberada na mufla — o autor parece ter se esquecido de mencionar isso; se você não fizer essa lavagem, certamente o sal estará presente no vinagre usado para a extração do sal fixo).

(As reverberações acima requerem um atanor e são operações difíceis e trabalhosas.) Junte todas as suas soluções em um recipiente de vidro e destile o vinagre suavemente. Restará uma massa salina, que é chamada — embora de maneira incorreta — de *Sal Lunæ*. Trata-se de uma parte da prata utilizada. Mas, por conveniência, chamemo-la assim.

Essa massa salina deve ser purificada por meio de soluções, filtrações e evaporações, até que o sal esteja claro e branco. Água de chuva destilada é adequada para essa purificação.

Nota 9: Toda essa primeira parte é inútil porque resulta em um cloreto de prata. Esse cloreto pode ser obtido dissolvendo-se nitrato de prata em água saturada com sal marinho purificado. O cloreto de prata decompõe-se quando exposto à luz.

COMPOSIÇÃO

Pegue o sal fixo purificado — tanto quanto o obtiver — pese-o, assegure-se de que esteja perfeitamente seco, moa-o em um almofariz de vidro ou de pórfiro com

metade de seu peso de nosso mercúrio animado. Coloque a mistura em um globo de digestão, posicione-o em calor muito suave e deixe repousar até que se transforme em um pó cinzento.

Agora, divida seu óleo dulcificado de prata (*oleum lunæ*) em 3 partes iguais. Pegue uma parte, aqueça-a levemente e despeje no frasco sobre o pó cinzento; digira novamente e ele coagulará e se tornará um pó.

Derrame a segunda parte do seu *oleum lunæ* sobre esse pó, digira novamente até que se torne pó.

Com a terceira e última parte, proceda exatamente da mesma maneira.

Depois, deixe repousar por mais algumas semanas, aumentando gradualmente o calor suave para fixar completamente o pó.

Se ele fundir imediatamente em uma placa de cobre em brasa, sem exalar a menor fumaça, está correto. Se não, deve continuar no calor da areia por mais tempo.

Essa receita transmuta cobre, estanho, chumbo e mercúrio em prata fina. Proporção: uma parte do preparado para cinquenta partes do metal comum, na primeira aplicação.

MULTIPLICAÇÃO

Prepare mais *oleum lunæ*, como foi ensinado neste processo. Dissolva sua medicina fixada nele, ou imbiba sua receita com ele, coagule e fixe. Se repetir isso 6 ou 7 vezes, ou até mais, você poderá multiplicar esta medicina metálica a tal ponto que ela tingirá vários milhares de partes, pois quanto mais vezes a receita for dissolvida, coagulada e fixada, mais ela se torna sutil, penetrante e ativa. E assim ocorre com todas as tinturas metálicas.

Isso é tudo o que se pode dizer a respeito da prata.

ORA ET LABORA!

Lição 82: Mercúrio e Seus Processos

EMBLEMA VI: SEMINATE



Na terceira via de Urbigerus, a via dos ricos, o amálgama é semeado com ouro comum

Caro Amigo,

COELUM PHILOSOPHORUM

(continuação)

Nota 1: Este capítulo “DO MERCÚRIO” não pode ser usado diretamente na forma descrita no *Coelum Philosophorum*. As operações foram embaralhadas; há confusão proposital, por exemplo, entre mercúrio sublimado e mercúrio corrosivo sublimado. Entretanto, contém um ensinamento essencial para manipular o mercúrio.

DO MERCÚRIO

Est in Mercurio quidquid quaerunt Sapientes! (Tudo o que os sábios procuram pode ser encontrado no mercúrio!)

Este assunto é, de fato, um motivo de admiração. É uma água que não molha. É uma terra, e ainda assim volátil. É um espírito, e no entanto, depois do ouro, é a coisa mais pesada na Natureza.

É um corpo, mas penetra todas as coisas. O mercúrio é tão homogêneo quanto o próprio ouro, e é a água da qual todos os metais têm origem. Com razão o mercúrio pode ser chamado de ouro imaturo, pois, por mera digestão e animação, pode ser fixado em ouro.

Se quiser extrair algum benefício do mercúrio, é preciso coagulá-lo e fixá-lo, seja pelo poder de seu próprio enxofre interno, seja pela adição de outro enxofre.

Isso é observado no cinábrio comum e no cinábrio de antimônio, onde se vê que o mercúrio, embora apenas coagulado por enxofre comum, tem grande virtude na medicina e, na alquimia, dá provas de que é um ouro imaturo. Se cimentar prata fina laminada com cinábrio comum, fundi-la e separá-la com *aqua fortis*, obterá, após cada cimentação, alguns grãos de ouro puro.

Nota 2: O sublimado corrosivo, que é cloreto de mercúrio, é um veneno extremamente tóxico.

O VERDADEIRO MÉTODO PARA SUBLIMAR O MERCÚRIO SUBLIMADO A PARTIR DO MERCÚRIO CORROSIVO

Como isto é muito necessário na alquimia, ensinarei o melhor método para realizá-lo.

Pegue uma libra de mercúrio vivo; dissolva-o em quantidade suficiente de boa *aqua fortis*; adicione à solução, gradualmente, 2 libras de bom sal comum ou sal marinho.

Despeje essa solução misturada em um corpo de vidro forte revestido; aplique um alambique e lute um recipiente a ele, colocando o corpo de vidro bem fundo em um pote de areia, em um forno a carvão. Em seguida, destile com calor suave, não mais do que o necessário para destilar a *aqua fortis* para o recipiente; após 3 ou 4 horas, quando a maior parte já tiver passado, aumente o calor para forçar a passagem dos vapores vermelho-sangue ou *anima nitri* contidos na *aqua fortis*. Quando tudo tiver passado, terá uma excelente *aqua regia*.

Agora aumente ainda mais o fogo até ver o mercúrio subir e sublimar acima do sal.

As flores mais sutis e leves devem ser separadas, pois são muito úteis para fazer nosso *circulatum*.

A parte sólida do sublimado deve ser colocada em um corpo menor de sublimação,

em pó fino, e sublimada mais uma vez, sozinha.

Nota 3: Método moderno para fabricar sublimado corrosivo:

Dissolva mercúrio em ácido sulfúrico com excesso de ácido. Quando todo o mercúrio tiver sido dissolvido, evapore o excesso de ácido (etapa difícil e perigosa da operação). Obtém-se então sulfato de mercúrio.

Misture o sulfato de mercúrio com cloreto de sódio seco (no nosso caso, sal marinho purificado), na proporção de 4 partes de sulfato para 1 parte de cloreto. Acrescente um pouco de dióxido de manganês. A partir de 295 °C, o sublimado se deposita no topo do frasco. O sublimado funde a 265 °C. É solúvel na seguinte proporção: 65 gramas por litro de água a 10 °C e 500 gramas a 100 °C.

O sublimado corrosivo também é conhecido como bicloreto de mercúrio.

A FABRICAÇÃO DO CINÁBRIO

Pegue 2 partes de mercúrio vivo e 1 parte de enxofre comum puro; derreta o enxofre em fogo brando, despeje o mercúrio no enxofre derretido e mexa rapidamente até não se ver mais mercúrio. Obterá uma massa preta chamada *Aethiops Mineralis*.

Quando frio, moa até virar pó e misture com metade de seu peso de sal comum de cozinha bem seco; coloque a mistura em um corpo de sublimação, que deve ser colocado em areia quente, coberto com uma tampa ou pedaço de ladrilho, e aumente o fogo gradualmente. O mercúrio subirá na forma de cinábrio, levando consigo tanto enxofre quanto necessita para sua coagulação, deixando as impurezas no fundo junto com o sal.

Nota 4: O cinábrio não é interessante para purificar o mercúrio. A destilação é um método mais simples. Esse processo é interessante para fazer um cinábrio animado. É preciso usar enxofre purificado proveniente de terra vulcânica com mercúrio sófico e colocar para digerir.

A FABRICAÇÃO DO CINÁBRIO DE ANTIMÔNIO

Nota 5: No texto seguinte, a primeira parte é a fabricação da manteiga de antimônio; preferimos o método já fornecido nas lições.

O mercúrio obtido nessa operação é um mercúrio revivificado pelo antimônio e pelo sal marinho.

O antimônio bruto é estibina separada de sua ganga; reduza-o a pó em recipiente hermético.

Pegue 2 libras de antimônio bruto, soque-o em almofariz de ferro até virar pó sutil e peneire; pegue 4 libras de mercúrio sublimado e reduza-o a pó fino, tomando cuidado com o pó. Misture ambos os pós e coloque-os em um retorta de vidro

revestida, que deve ser colocada bem fundo na areia e coberta com ela o máximo possível. Em seguida, destile com calor regulado e crescente, até que toda a manteiga (*butyrum*) tenha passado para o recipiente, que deve estar lutado, pois os vapores, se inalados, matam instantaneamente. O gargalo da retorta deve ser largo e curto, para que toda a retorta aqueça bem; caso contrário, a manteiga coagularia no gargalo. (Confirmado pelo grande Boerhaave).

Para obter o cinábrio, aumente muito o calor, até que a areia no fundo e o fundo do pote de ferro fiquem incandescentes. Então, o enxofre de antimônio se une ao mercúrio vivo que restou do mercúrio sublimado, sublimando-se na parte superior da retorta e sendo chamado de cinábrio de antimônio. Com retorta de vidro é possível observar o fim da sublimação; caso contrário, usam-se comumente retortas de barro. Ao terminar a sublimação, deixe o fogo apagar gradualmente.

Se revestir o fundo da retorta com argila refratária, poderá colocar sua retorta de vidro diretamente sobre o fogo de carvão, após retirar a manteiga com calor de areia, e a sublimação será mais rápida e igualmente segura. Este é o meu método.

COAGULAÇÃO DO MERCÚRIO PELO SEU PRÓPRIO ENXOFRE INTERNO

Tome mercúrio revivificado a partir do cinábrio (ver item correspondente). Anime-o com o régulo marcial estrelado de antimônio, conforme ensinado na seção sobre o ouro.

Pegue esse mercúrio (ver item correspondente) e coloque-o em uma retorta de vidro adequada. Adapte um recipiente com água, coloque a retorta em banho de areia e destile o mercúrio com calor suave, lentamente.

Um pó vermelho permanecerá no fundo da retorta, mas em pequena quantidade. Observe: se aplicar fogo forte o bastante para fazer o pote de ferro e a areia brilharem, esse pó vermelho derreterá e se tornará ouro. Mas essa não é a intenção.

Tome o mercúrio, seque-o e despeje-o novamente sobre o pó vermelho na retorta. Destile o mercúrio como antes. O pó vermelho aumentará de quantidade a cada destilação.

Continue essa operação até que toda a quantidade de mercúrio animado tenha se transformado em pó vermelho. É verdade que isso exige tempo e paciência. Contudo, se tiver os recipientes adequados, em dois meses poderá obter facilmente pelo menos uma onça desse ouro vermelho. Ou:

Pegue pequenos frascos com gargalos longos. Coloque em cada frasco apenas meia onça de mercúrio animado. Alinhe os frascos em um calor de areia em um atamor, alimentado com carvão, mantendo o calor por no mínimo 24 horas.

Coloque os frascos em tal grau de calor que o mercúrio possa sublimar e se depositar na parte superior e nos gargalos.

Os gargalos devem ficar ao ar livre, cobertos apenas com papel de escrita. As bases devem estar enterradas na areia.

Depois que toda a umidade se for, tampe cada frasco com rolha de madeira, inserida levemente.

Se perceber que o mercúrio sobe suavemente e se deposita no gargalo, o grau de calor está correto. Com pincel de cerdas macias, varra o mercúrio de volta para o corpo do frasco e repita o processo sempre que ocorrer a sublimação e deposição do mercúrio animado.

Em dois meses, ou até menos, todo o mercúrio animado de cada frasco será convertido em um precipitado solar vermelho brilhante. Por esse método, usando 12 frascos, é possível obter 6 onças de ouro sófico.

Agora divida esse ouro em frascos, conforme ensinado na primeira seção sobre o ouro, e fixe-o com calor suave em etapas. Assim, terá transformado mercúrio sófico em ouro sófico, o início e a base de nossa grande obra.

N.B. Um ouro sófico, onde o centro se volta para o exterior, é *materia proxima lapidis* e deve ser tratado como ensinei fielmente na seção do ouro.

N.B. No estado em que esse ouro se encontra, seria um pecado fundi-lo, pois então se obteria apenas ouro comum — ouro sem nenhum poder. Portanto, esse mercúrio sófico deve ser dissolvido com mercúrio animado fresco e fixado. Essa operação deve ser repetida até que o pó fixo atinja fusão fácil, com capacidade de penetração e tingimento.

NOSSO MENSTRUO CORROSIVO ESPECÍFICO ou CIRCULATUM ou ALCHEST

Nota 6: Agora forneceremos a preparação desses *circulata* ou *alcahest* por 3 métodos diferentes. São misturas complexas, mas pode-se dizer que a base é *aqua regia*, à qual se adiciona sublimado corrosivo ou manteiga de antimônio, ou ambos. Como essas substâncias são frequentemente citadas na obra, é melhor usar um caminho que não requeira seu uso, pois sua preparação é eminentemente difícil e perigosa.

Pegue:

- Vitriolo calcinado (sulfato de cobre): 4 libras
- Alúmen calcinado: 2 libras
- Nitre (nitrato de potássio): 3 libras
- Sal comum: 1 libra

- Sal amoníaco: meia libra

Pó cada ingrediente separadamente, depois misture no almofariz de pedra.

Pegue pederneiras calcinadas e extintas (friáveis), reduzidas a pó — 6 libras — e misture com os ingredientes acima. Agora você tem 16 ½ libras.

Divida em 3 ou 4 partes e coloque cada porção em uma retorta de barro bem cozida, fixada em um forno. Não há tanto perigo neste processo quanto no anterior, pois o nitro está bastante enfraquecido pelos demais ingredientes.

Comece com fogo suave e aumente gradualmente até que todos os espíritos que saem em forma de vapor sejam levados para o recipiente, que deve ser grande e bem lutado na retorta, conforme indicado antes.

Mantenha o fogo até que todos os espíritos tenham passado, mas assim que o recipiente estiver claro e os vapores assentados, deixe o fogo apagar.

Quando os vapores estiverem completamente assentados, retire o recipiente e despeje a *aqua fortis* em um grande frasco de vidro fechado com rolha de vidro.

Agora pegue todo o *caput mortuum* das retortas, reduza-o a pó e despeje água limpa sobre ele, fervendo o sal nele contido. Isso deve ser feito em um vaso de barro esmaltado.

Filtre a lixívia e evapore em uma panela esmaltada até que se forme uma película na superfície; então despeje-a em pratos de barro esmaltado e coloque-os em lugar frio para que o sal cristalize.

Despeje o líquido restante e seque os cristais de sal. Pese-os e adicione a mesma quantidade de mercúrio sublimado e flores ou sal amoníaco sublimado; ou seja, tome 4 onças de cada. Triture e misture cuidadosamente essas 3 substâncias, pois o pó é perigoso se inalado. Dissolva essa mistura no espírito previamente preparado (*aqua fortis*).

Feito isso, adicione gradualmente e com cautela 8 onças de *butyrum* bem retificado, feito com régulo marcial de antimônio e mercúrio sublimado. Observe o que foi dito antes (se obtiver mais de 4 onças de sais fixos, deve usá-los em partes iguais).

Digestione sobre a chama, depois coloque o espírito digerido em um corpo de vidro, com alambique lutado, e recipiente conectado ao tubo do alambique.

Ou, coloque o espírito digerido em retorta espaçosa e destile, aumentando o calor gradualmente. A retorta deve estar em pote de areia, fixada em forno a carvão.

Os vapores sairão vermelhos como sangue.

Despeje novamente esse espírito sobre o *caput mortuum* (o sal) e destile novamente. Continue essa cohobação e destilação até que todo o sal tenha passado com o espírito, restando uma terra insípida ou *fezes terrosas*, sem mais uso.

Desfleume esse espírito em *balneum vaporis*. Se tiver sido bem retificado de suas *fezes*, terá em mãos um *menstruum* que dissolve e volatiliza calx de metais. Ele volatiliza os calx de ouro e prata, de modo que podem ser facilmente reduzidos a mercúrio de ouro ou prata.

Os calx dos metais inferiores são divididos em parte mercurial e parte terrestre, como será demonstrado no capítulo do antimônio.

Como esse *menstruum* é frequentemente mencionado neste tratado, tanto na destruição quanto na melhoria dos metais, é chamado de *circulatum* — para que, ao mencioná-lo posteriormente, saiba que me refiro a este solvente.

PREPARO DO MESMO MENSTRUO POR UM PROCESSO ALGO DIFERENTE.
N.B.

Pegue os ingredientes mencionados anteriormente, finamente pulverizados e bem misturados. Divida a quantidade total em 3 partes iguais.

Extraia todos os espíritos da primeira parte. Depois, despeje esse espírito destilado sobre a segunda parte colocada em outra retorta e destile o espírito novamente como antes.

Esse segundo espírito deve ser derramado sobre a terceira parte dos ingredientes em uma nova retorta, e o espírito deve ser destilado pela terceira vez, como feito anteriormente. A cada etapa, aumente o fogo no final da destilação para um calor muito forte, a fim de forçar tudo o que puder ser extraído.

Depois, pegue os 3 *caput mortuum* (chamados de “espíritos” no texto de Dubuis) das retortas, ferva o ouro fixo contido neles com água, filtre a lixívia, evapore e deixe cristalizar (ouro no texto de Dubuis = sal).

Este sal deve ser dissolvido no espírito. Destile novamente o espírito usando retorta de vidro colocada em areia e cohobe o espírito quantas vezes for necessário, destilando-o cada vez, até que todo o sal, exceto algumas *fezes terrosas*, passe com o espírito. Esse líquido será um espírito vermelho. Desfleume e retifique-o *per se*. Ele brilha no escuro como carvão em brasa e pode ser coagulado e fixado em uma pedra rubi vermelha, que se une ao ouro no cadinho.

(Essa última frase aparece apenas no texto de Dubuis)

MENSTRUO PARA A DISSOLUÇÃO DO OURO DERIVADO DE SAL AMONÍACO, NITRO E MANTEIGA DE ANTIMÔNIO

Pegue sal amoníaco purificado: 3 libras,

Nitro bom e purificado: 3 libras.

Reduza separadamente esses ingredientes a pó e misture-os com 6 libras de pederneiras calcinadas e reduzidas a pó — ou *colus* fino, que é equivalente.

Coloque uma retorta de barro com tubo em um forno, sobre duas barras de ferro, de modo que a chama circule em volta da base da retorta. Adapte um recipiente muito grande e lute com tiras de linho e pasta.

Quando a vedação estiver perfeitamente seca, acenda o fogo sob a retorta, mas mantenha-o bem suave no início para aquecer gradualmente os vasos, deixando o tampão da retorta aberto, para que os vapores da terra aquecida escapem. Não permita que o fundo da retorta fique vermelho ainda.

Com fogo moderado, insira agora 2 onças da mistura na retorta por meio de um funil, cubra com o tampão e argila morna ou barro mole por cima — pois os tampões em retortas de barro nunca são totalmente herméticos.

Vapores em nuvem branca começarão a sair. Assim que esses vapores se assentarem, projete mais algumas onças da mistura na retorta, como antes.

Se perceber que os vapores não passam para o recipiente, o fogo está fraco demais. Acrescente mais carvão até que os vapores passem. Se vierem com muita violência, arriscando romper o balão, o fogo está forte demais; remova carvão imediatamente. Por isso, o forno deve ter uma porta frontal além da porta de cinzas ou de ar.

Continue projetando a mistura na retorta gradualmente até que tudo tenha sido usado e os espíritos tenham passado. No final, o fundo da retorta ficará em brasa, mas nesse ponto deve-se projetar quantidades menores da mistura para evitar fulminações repentinas, que podem destruir todo o aparato. Com cuidado, isso pode ser feito com segurança.

Deixe o fogo apagar naturalmente. No dia seguinte, despeje o espírito em um grande frasco de vidro com rolha de vidro.

Pegue uma libra deste espírito e coloque em um grande recipiente de vidro ou corpo de vidro. Adicione aos poucos, com muita cautela, 2 onças de *butyrum* de antimônio bem retificado e fluidificado ao ar. O vidro aquecerá intensamente, e poderá transbordar se adicionar tudo de uma vez.

Depois que o *butyrum* estiver dissolvido no espírito e a efervescência tiver cessado, adicione mais 2 onças, e continue assim gradualmente até unir 8 onças de *butyrum* a uma libra do espírito original.

Quando tudo estiver calmo e completamente unido, despeje a mistura em um corpo de vidro baixo e espaçoso, aplique um alambique e lute um recipiente ao bico do alambique.

Coloque o corpo em um forno com calor de areia. Acenda o fogo e aumente o calor gradualmente até perceber qual grau é necessário. Um espírito combinado passará ao recipiente.

Descarte as fezes. Esse espírito dissolve qualquer *calx* de ouro radicalmente, volatilizando-o de tal forma que se pode destilar o ouro em retorta; esse ouro pode depois ser fixado e multiplicado por tintura de ferro, cobre e antimônio.

DO SAL COMUM E DO CIRCULATUM MINUS DE PARACELSO

O sal do mar ou sal comum tem grande utilidade na alquimia. Deve ser purificado por fusão, dissolução, filtração e coagulação.

Após purificar 3 ou 4 libras dele, misture 1 parte de sal com 3 partes de barro. Forme bolinhas como pequenas esferas e seque-as completamente.

Preencha metade de uma retorta de barro com essas bolinhas. Coloque a retorta sobre fogo direto em forno e aqueça gradualmente até que o fundo fique em brasa e os vapores passem para um grande recipiente lutado.

Depois que todo o espírito for destilado assim, apague o fogo. Desfleume seu espírito em *balneum vaporis*.

Agora, tome meia libra de sal fresco perfeitamente seco e dissolva em uma libra do espírito. Coloque em uma retorta de vidro, enterrada em areia, com grande recipiente acoplado e junções lutadas.

Destile o espírito com calor forte e gradual. O espírito carregará parte do sal dissolvido. Quando todo o espírito tiver passado, no dia seguinte despeje-o de volta sobre o *caput mortuum* de sal na retorta e destile novamente, como antes, sempre com calor forte no fim da destilação.

Cohobe o espírito repetidamente sobre o sal até que todo o sal se converta em espírito.

Esse espírito deve ser novamente desfleumado em *balneum vaporosum*, onde o *phlegma* (parte leve) se separa do espírito e passa primeiro.

O espírito de sal restante, com cor dourada, é o *circulatum minus* de Paracelso, com o qual todos os metais podem ser conquistados.

Se tiver nosso *circulatum* ou *alcahest*, não há necessidade do acima.

NOSSO MENSTRUO CORROSIVO OU AQUA REGIA ONDE DISSOLVEMOS E VOLATILIZAMOS O OURO

Pegue sal amoníaco, nitro e alúmen calcinado em partes iguais: 5 libras de cada (totalizando 15 libras). Pulverize cada ingrediente finamente e misture no almofariz.

Pegue também 15 libras de pederneiras previamente calcinadas e extintas em água

fria até tornarem-se quebradiças. Reduza a pó como farinha e misture cuidadosamente aos ingredientes anteriores.

Destile tudo a partir de retorta de pedra com tubo, da seguinte forma:

Fixe uma boa retorta de barro grande em um forno de tijolos, de forma que a chama, pela circulação de fogo e ar, possa aquecer gradualmente o fundo e as laterais da retorta até que fiquem vermelhas.

Adapte um grande recipiente com tubo e vedação com linho e pasta. Deixe a vedação secar completamente.

Quando a retorta estiver bem aquecida, leve os ingredientes secos, já aquecidos em bacia (se houver umidade ou não estiverem bem aquecidos, a retorta pode estourar).

Com uma concha de ferro pequena e aquecida, projete meia concha da mistura aquecida (no máximo 1 onça) através de um funil fino na retorta, coloque imediatamente o tampão de pedra e um pouco de barro macio (barro de Windsor)²⁶⁹ por cima.

Assim que essa pequena quantidade da mistura é inserida, o nitro funde e reage com o sal amoníaco, mas o sal calcinado e o pó de pederneira calcinada reduzem a violência da reação, tornando o processo viável.

Vapores brancos aparecerão imediatamente e encherão o recipiente. (Este recipiente deve ser muito grande e conter tubo e tampa; no tubo deve haver rolha com pena de ganso ou tubo de vidro para permitir a liberação do ar elástico contido no nitro e evitar explosões. Os vapores são perigosamente sufocantes). (É ainda mais seguro usar dois balões conectados, com respiro no segundo).

PROCEDIMENTO ADICIONAL COM ESTA AQUA REGIA

Pese 1 libra de sua *aqua regia* e despeje-a em um grande corpo de vidro. Adicione a ela, pouco a pouco, 2 onças de manteiga (*butyrum*) feita com régulo marcial de antimônio e mercúrio sublimado; causará intensa efervescência, aquecendo muito o vidro e podendo quebrá-lo, se as 2 onças forem adicionadas de uma só vez.

Portanto, a cada pequena adição, espere até que a efervescência cesse, e assim o processo será seguro.

A *aqua regia* se torna vermelha como sangue com a união do *butyrum*.

²⁶⁹ O chamado **barro de Windsor** é tradicionalmente utilizado na alquimia como material de vedação térmica, aplicado sobre tampões ou junções de recipientes sujeitos a aquecimento intenso. Sua função é garantir o isolamento hermético, evitando a fuga de vapores e protegendo o conteúdo da retorta durante operações delicadas. Embora sua composição exata varie conforme a tradição, acredita-se que seja uma mistura de argila refratária fina, areia siliciosa e, por vezes, aditivos como sal amoníaco ou cinzas vegetais, conferindo-lhe plasticidade e resistência ao calor. O nome "Windsor" pode remeter a práticas alquímicas inglesas, embora hoje seja mais simbólico do que geográfico.

Quando estiverem unidos e o conflito cessar, despeje a mistura em uma retorta de vidro espaçosa com tubo, coloque-a em calor de areia e, com fogo suave, destile o *menstruum* para um recipiente adequado, devidamente lutado.

O *menstruum* passa claro como água, e as fezes alaranjadas, provenientes do régulo, permanecem na retorta.

Retifique o *menstruum* uma ou duas vezes com calor suave, até não restarem mais fezes.

Se perceber *phlegma* nele, destile-o por alambique em *balneum vaporis*; o *phlegma*, sendo mais leve, se separará e virá primeiro.

Este é nosso *menstruum* corrosivo para dissolver as flores de ouro, volatilizá-las e destilá-las por retorta.

(Este solvente foi inventado e descrito por Basilio Valentim no século XIV.)

(Acredito que esse mesmo menstruum pode ser preparado de forma muito mais segura. Eu tomaria todos os ingredientes exceto o sal amoníaco e destilaria meu espírito de nitro do modo usual. Em seguida, dissolveria (a frio) o sal amoníaco gradualmente no espírito de nitro; depois, retificaria essa aqua regia até que não restassem fezes; então uniria a 1 libra desse espírito 2 onças de butyrum, como ensinado pelo autor, retificando 2 ou 3 vezes o espírito combinado e desfleumando-o se necessário. Assim obteria o mesmo menstruum corrosivo com muito menos dificuldade e perigo, e em tempo mais curto. — S.B.)

PROCESSO PARA ELABORAR OS MEDICAMENTOS BRANCO E VERMELHO VIA UNIVERSALIS

Agora, tome de seu precipitado dourado sófico 1 parte e de mercúrio sófico 2 partes. Ou então, ½ onça de ouro sófico e 1 onça de mercúrio sófico. Amalgame-os como segue:

Coloque o pó sófico de ouro em um dos seus pequenos globos limpos de digestão e despeje o mercúrio sófico sobre ele de uma vez. Deixe a umidade evaporar primeiro ao sol ou em calor suave. Coloque o tampão de vidro; posicione seu globo em calor suave no forno de digestão, e ele se amalgamará sozinho — o pó de ouro se insinuará no mercúrio e se misturará radicalmente com ele.

Assim que isso ocorrer, o que perceberá facilmente, abra o frasco e despeje o amálgama em um almofariz de vidro limpo e aquecido, triture levemente e adicione água morna limpa, triturando um pouco mais. Deixe sedimentar e descarte a água. Repita isso 2 ou 3 vezes mais, se ainda houver cor na água.

Quando a água sair completamente clara e transparente, seque o amálgama ao sol ou em calor muito suave.

Coloque agora o amálgama seco novamente no globo de digestão e posicione-o em cinzas ou areia quente no forno de digestão, sobre uma lamparina. Cubra o frasco com papel durante as primeiras 24 horas, caso ainda haja umidade. Se não, feche com o tampão de vidro. Regule o calor conforme instruído:

No início, o calor não deve exceder o calor do sol no meio do verão, entre 90 (32,2 °C) e 100 (37,8 °C) graus Fahrenheit. (*Temperatura de incubação de ovos: cerca de 96. (35,6 °C)*)

Deixe o recipiente imóvel. A composição fermentará, escurecendo como tinta, parecendo piche derretido, com pequenas bolhas surgindo ocasionalmente.

(Irineu Filaleto)

Nesse regime de Saturno, o operador não deve aumentar o calor, para que o mercúrio não abandone o ouro. Evite a circulação do mercúrio por 40 ou 50 dias. É necessário paciência até que a escuridão desapareça completamente.

Mantenha o calor morno e constante, e o mercúrio começará a circular por si só — subindo e descendo suavemente, até que após vários meses a massa se transforme em um pó branco.

Este pó branco é o enxofre branco dos filósofos.

Esse enxofre não tinge e não pode ser exaltado sozinho sem embebição, devido à sua natureza fixa.

Filaleto menciona que esse enxofre branco não pode ser exaltado *per se*, e depois faz uma sofisma, talvez arrependido de ter dito demais, alegando que esse enxofre voltaria a circular — o que é ilógico. Em seguida, afirma que o enxofre deve ser embebido ou alimentado com o espírito da vida.

A experiência mostra que esse enxofre branco deve ser embebido com o espírito da vida, ou seja, com mercúrio animado ou sófico, que o dissolve. A seguir, ele deve ser circulado e exaltado, como ensinarei com fidelidade.

PROCEDIMENTO ADICIONAL COM O ENXOFRE BRANCO ATÉ A TINTURA BRANCA

Tome 2 onças de prata fina copelada, derreta-a em cadinho novo, projete 1 onça de seu enxofre branco envolto em cera sobre a prata fundida, e deixe fundir por 30 minutos. Cubra o cadinho para evitar que carvão caia dentro. Obterá uma massa vítrea branca quebradiça; pulverize-a.

Tome ½ onça desse pó e coloque em globo de digestão, derrame sobre ele 1 onça de mercúrio sófico. Se não houver umidade, feche o frasco com tampão de vidro, coloque em calor suave como antes, e o mercúrio sófico dissolverá a massa gradualmente, escurecendo com ela, até transformar-se em um pó branco — em muito menos tempo que antes.

Esse é o elixir branco em estado de infância, e tingem metais em prata fina, embora em pequena quantidade.

MULTIPLICAÇÃO DO ELIXIR BRANCO

Para que ele tenha mais, precisa ser mais subtilizado, fundível e penetrante. Isso se faz embebendo-o 3 ou 4 vezes com mercúrio sófico e fixando-o a cada vez.

Agora você tem 1 ½ onça de medicina branca em um globo de digestão, preenchido apenas até 1/3. Adicione a ele ½ onça de mercúrio sófico. Coloque em digestão com calor suave como antes, e em 8 dias o mercúrio será absorvido e seco com a massa.

Adicione novamente ½ onça de mercúrio sófico, digira por mais 8 dias e noites. Quando seco, repita uma terceira vez, adicionando ½ onça de mercúrio sófico novo.

Na 4ª, 5ª e 6ª vez, embeba cada vez com 1 onça de mercúrio sófico. Digira e seque a cada vez.

Na 7ª e última vez, embeba toda a medicina com 2 ½ onças de mercúrio sófico em globo de digestão de grande capacidade. Digira como antes, e após um breve escurecimento, a composição se tornará um pó branco brilhante — a tintura branca multiplicada.

Esse pó vítreo deve ser fundido novamente com prata fina no cadinho, na proporção de 1 parte para 2 ou 3 partes de prata.

Essa substância vítrea pode ser multiplicada indefinidamente. Com ela é possível fazer projeções sobre metais mercuriais inferiores como chumbo, estanho e mercúrio, transmutando-os em prata da mais fina qualidade.

PROCESSO COM O ENXOFRE BRANCO PARA FAZER A MEDICINA VERMELHA

Tome o enxofre branco, ainda morno, e embeba-o 2 ou 3 vezes com mercúrio sófico, até que se torne uma massa macia e algo escura. Em seguida, feche o frasco e coloque-o em digestão. Durante os primeiros 30 dias, a cor escura desaparecerá.

Continue a digestão, e durante os segundos 30 dias, a massa se tornará verde e exibirá diversas cores. Depois, ficará amarela. Se a digestão continuar, ela se converterá finalmente em um pó vermelho profundo (*sulfur rubrum*).

Este pó vermelho é o enxofre vermelho dos filósofos.

Pegue este enxofre vermelho, 1 parte, e 2 ou 3 partes de ouro puro. Derreta-os juntos como feito anteriormente com o enxofre branco e a prata fina. Obterá uma massa vítrea que deve ser reduzida a pó fino.

Em seguida, embeba esse pó com mercúrio sófico da mesma forma como foi feito com o enxofre branco ou a tintura branca. Digira e fixe novamente. Repita isso

várias vezes — embebendo, digerindo e fixando — e obterá a pedra vermelha para metais.

DA PROJEÇÃO COM A PEDRA VERMELHA

Tome 3, 4 ou 5 partes de ouro fino (a quantidade de ouro depende do poder da medicina aumentada ou multiplicada), deixe-o fundir em um cadinho novo e limpo, e projete sobre ele 1 parte de sua medicina multiplicada.

Deixe-os fundir e se unir completamente até que se obtenha uma massa vítrea, opaca, quebradiça e vermelha intensa. Quando fria, triture em pó.

Com esse pó vermelho muito fino, é possível fazer projeções sobre o mercúrio e todos os outros metais inferiores.

O poder ou virtude da medicina depende da multiplicação — isto é, da quantidade que 1 parte é capaz de tingir —, o que deve ser determinado por alguns experimentos.

Se o metal transmutado se tornar quebradiço ou se nem toda a quantidade for transmutada, é sinal de que não foi usada medicina suficiente.

MULTIPLICAÇÃO

Sobre a multiplicação da medicina, acrescento apenas que multiplicar nada mais é do que repetir a obra.

Tomo da medicina — seja branca ou vermelha — 1 parte, e 2 partes de prata fina (para o branco) ou ouro fino (para o vermelho), e fundo tudo muito bem em um cadinho.

Depois, amalgame o pó resultante com mercúrio sófico, dissolvo-o em digestão suave e o fixo novamente. Em pouco tempo, o trabalho está completo, e a tintura foi multiplicada em virtude e quantidade.

Diversos autores, principalmente Irineu Filaeto e d'Espagnet²⁷⁰, escreveram sobre isso de forma bastante clara, embora com certas reservas.

ORA ET LABORA!

²⁷⁰ **Jean d'Espagnet** (c. 1564–c. 1637) foi um jurista, matemático, filósofo e alquimista francês, conhecido por sua profunda erudição e envolvimento com o pensamento hermético e rosacruziano. Sua obra *Enchiridion Physicae Restitutae* (Manual da Física Restaurada), publicada em 1623, é considerada uma das mais importantes sínteses da alquimia espiritual e natural do século XVII. Nela, d'Espagnet defende que o verdadeiro conhecimento alquímico exige não apenas domínio técnico, mas também uma purificação interior do operador.

Lição 83: Via Úmida, Vitriol e Sal Armoníaco

EMBLEMA XXXVII: TRIA



O leão vermelho acorda.

Caro Amigo,

Dissemos que um metal poderia evoluir se tivesse os meios para isso, ou seja, se pudesse se livrar de seus venenos e fosse alimentado com oxigênio metálico: o enxofre.

Por outro lado, se nesta primeira etapa adicionarmos o Fogo à semente do metal, então ele rapidamente alcançará o topo da evolução do reino metálico e até mesmo o ultrapassará. Neste momento, teremos um metal regenerado, um metal iniciado, a pedra cúbica dos filósofos.

COELUM PHILOSOPHORUM

(continuação) SEGUNDA SEÇÃO DO OURO

Comunicamos fielmente como o ouro pode ser exaltado e tornado útil, ou seja, tingente, pela *Via Seca*, tanto no caminho particular quanto no Universal, o que um operador inteligente receberá com gratidão e perceberá que não lhe dissemos fábulas nem impossibilidades, mas sim a pura e honesta verdade, que, com aplicação prudente e assídua, e não muito laboriosa, pode, com a bênção de Deus, ser facilmente realizada.

Agora, ensinarei como o ouro pode ser aberto e exaltado pela *via úmida*, processo negado e contradito por muitos, mas estou certo de que tal contradição não se fundamenta na experiência.

É verdade que os antigos Filósofos não conheciam solventes corrosivos, e aqueles que os sucederam nos trabalhos metálicos pela *via seca* adotaram o mercúrio como o único solvente metálico e acreditaram que não havia outro, contradizendo todos os demais métodos. Além disso, viram que alguns que não trabalhavam com mercúrio falhavam e não atingiam seus objetivos; mas isso não prova a impossibilidade de sucesso por meio dos corrosivos; tampouco se segue daí que um homem ou alguns homens possam saber tudo, e que aquilo que ignoram ou negam deva ser considerado absolutamente falso; mas a verdade é que devemos dizer, com um certo sábio:

Heu quantum est quod nescimus! (Oh, quantas coisas existem que não sabemos!)

Portanto, que ninguém se sinta desencorajado a trabalhar com metais pela *via úmida*, mas atue com prudência e não busque nada além da sutilização e exaltação dos metais. E lembre-se de que, embora os solventes corrosivos não sejam de natureza metálica e não tenham ingresso essencial na mistura central dos metais, ainda assim podem ser utilizados como instrumentos e meio, que, depois de cumprirem sua função, podem ser muito facilmente separados da homogeneidade metálica — e isso *deve* ser feito. (Paracelso e Hollandus trabalharam constantemente com corrosivos, assim como Basílio e outros).

PROCESSO COM OURO PELA VIA ÚMIDA

Pegue ouro muito puro e transforme-o em uma calx sutil, da seguinte forma:

Pegue mercúrio sublimado, feito com *aqua fortis* e nitrato, sublime esse mercúrio sete vezes, conforme será ensinado no capítulo sobre o mercúrio.

Desse mercúrio sublimado, pegue 6 onças e quebre em pedaços do tamanho de uma avelã. Coloque esses pedaços em um balão de vidro com gargalo largo; sobre eles, adicione a seguinte mistura:

Pegue 1/2 onça de ouro puro, 1 e 1/2 onça de zinco, derreta tudo junto em um

cadinho e despeje sobre uma chapa de ferro aquecida. Quando estiver frio, quebre em pedaços. Esses pedaços devem ser colocados sobre o mercúrio sublimado dentro do balão, que deve ser com tubulação. Coloque o balão num pote de areia feito de ferro, adapte um recipiente coletor, mas não vede nada; o balão deve ter uma cobertura de barro cozido para manter melhor o calor.

Aumente o fogo gradualmente até um ponto forte; o mercúrio sublimado sairá com o zinco na forma de um óleo ou butiro, e por fim virá o mercúrio fluido.

(O espírito concentrado de sal marinho presente no mercúrio sublimado agarra o zinco e o carrega como um butiro, deixando o mercúrio fluido sozinho com o ouro, que, por sua vez, é abandonado pelo mercúrio que evapora como mercúrio corrente). O ouro permanece no balão como uma calx aberta sem brilho, parte no gargalo próximo ao corpo do balão e parte no fundo.

O balão deve ser feito da seguinte forma:

- A. Fundo do balão
- B. Parte superior do balão, que encaixa sobre a parte inferior e deve ser vedada
- C. Tampa de barro bem cozido para manter o calor uniformemente
- D. Pote de areia de ferro
- E. Tampa superior da fornalha, fixada com carvão

O balão duplo deve ser feito de vidro resistente e de boa qualidade.

Esse processo requer calor forte e bem regulado; se for bem conduzido, a quantidade total de ouro subirá em flores sutis até o gargalo do balão duplo (ver figura). O mercúrio sublimado virá primeiro com o zinco, na forma de um butiro.

Você pode substituir o zinco por *regulus marcial de antimônio*, da seguinte maneira:

SUTILIZAÇÃO DO OURO COM REGULUS MARCIAL DE ANTIMÔNIO E MERCÚRIO SUBLIMADO

Pegue uma parte de ouro muito puro em pequenos pedaços e derreta com 3 partes de *regulus marcial* de antimônio muito puro. Depois de derretido, deixe esfriar.

Reduza a massa quebradiça a pó fino e misture uma parte desse pó com 3 partes de mercúrio sublimado, previamente reduzido a pó e então misturado.

Coloque essa mistura num balão de vidro, enterre-o em areia dentro do pote de areia, e destile suavemente a princípio, aumentando gradualmente o calor até que o mercúrio sublimado e o *regulus* se separem do ouro. Com aumento gradual de calor, o ouro subirá em forma de flores, e um butiro passará para o recipiente, originado do mercúrio sublimado e do *regulus*. Esse butiro virá primeiro. Parte do ouro se prenderá ao gargalo, outra parte às paredes do corpo do balão, e uma pequena quantidade permanecerá no fundo.

Retire cuidadosamente essas flores de ouro, que são uma calx aberta e sutilizada do ouro.

OPERAÇÃO COM A CALX DE OURO PELA VIA ÚMIDA PARA SUTILIZÁ-LA AINDA MAIS E DESTILÁ-LA COMO UM ÓLEO PER ALEMBICUM OU PER RETORTA

Pegue sua calx sutilizada de ouro, coloque-a num vidro de pescoço longo e despeje sobre ela nosso primeiro *menstrum* até cobri-la. Coloque sobre calor brando, como o de uma lamparina, para digerir e dissolver o máximo possível do ouro.

Quando perceber que não há mais dissolução, decante com muito cuidado a solução límpida e dourada para um corpo de vidro perfeitamente seco e limpo. (A dissolução se dá com leve ebulição e borbulhamento).

Despeje novo *menstrum* sobre o restante do ouro e repita o processo de digestão; decante novamente o líquido tingido com cuidado e junte-o à solução anterior.

Quando toda a calx de ouro estiver dissolvida, reúna todas as soluções num corpo de vidro ou balão de destilação.

Se usar um corpo, vede um alambique sobre ele e coloque-o num banho-maria. Adapte um recipiente espaçoso.

Destile o *menstrum* até que a calx de ouro dissolvida permaneça atrás como um mel fluido. Despeje a mesma quantidade de *menstrum* fresco que foi destilada e repita a destilação no banho-maria até que a aparência do ouro se assemelhe a mel.

Esse processo de destilação com novo *menstrum* deve ser repetido diariamente durante um mês inteiro. Em seguida, coloque o vaso sobre calor de areia, aumentando o calor gradualmente, e verá uma parte do ouro dissolvido passar como um líquido ou óleo de cor dourada intensa, enquanto a maior parte sublimará em flores muito delicadas.

Essas flores devem ser dissolvidas com novo *menstrum*; destile novamente o *menstrum* em banho-maria e, depois, colocando o vaso na areia, obterá mais do óleo dourado. Continue esse processo até que cada grão do ouro dissolvido tenha se convertido num óleo espesso e dourado. Você deve ter uma quantidade suficiente de *menstrum* pronta para isso.

Assim que todo o ouro tiver sido volatilizado pela *via úmida*, retifique-o três vezes *per se* num pequeno balão de vidro.

PROCEDIMENTO ADICIONAL COM O ÓLEO DE OURO PARA OBTER UM OURO POTÁVEL E MEDICINAL VERDADEIRO

Coloque o seu óleo de ouro volatilizado em um pequeno corpo de vidro. Gradualmente e com muito cuidado, adicione sobre ele álcool de vinho (S.V. –

Spiritus Vini) bem retificado, apenas um pouco de cada vez. Deixe repousar até que a ebulição cesse, e então adicione mais um pouco, continuando gradualmente com esse processo até perceber que o óleo de ouro foi completamente dissolvido no S.V.

Enquanto realiza isso, cubra a boca do frasco com papel de escrever.

Agora vede um alambique ao corpo de vidro e coloque-o sobre um *bain-marie*, aquecendo com lamparinas ou uma chama branda de carvão. Destile cerca de 3/4 do álcool de vinho do ouro para dentro de um recipiente adaptado.

Despeje então uma quantidade igual de novo S.V. sobre o ouro, digira por 24 horas em calor muito brando e, novamente, em banho-maria, destile o álcool para fora.

Esse processo deve ser repetido com novo S.V., digerindo e destilando cada vez, até que o S.V. tenha carregado consigo todos os espíritos corrosivos que permaneceram com o ouro desde sua primeira solução. Portanto, quando, após 5 ou 6 destilações, você notar que o S.V. que se recolhe tem um sabor agradável, livre de corrosividade, então seu trabalho estará concluído. Destile o restante do álcool até que o remédio de ouro permaneça como um mel espesso de cor muito intensa.

USO

Este preparado se dissolve em qualquer líquido, e merece ser chamado de um verdadeiro Aurum Potabile (*Ouro Potável*), sendo tão volátil quanto o mercúrio.

Une-se imediatamente ao nosso sangue e fluidos e, por permanecer inalterado, pode, circulando com o sangue, nos revigorar e capacitar a natureza a eliminar qualquer enfermidade. Acredito que seja um dos mais elevados medicamentos da natureza, depois da Pedra Filosofal; ainda que não seja o mais universal dos remédios, é, sem dúvida, o mais estreitamente ligado ao Reino Mineral.

UM TRABALHO PARTICULAR COM ESSE OURO PARA METAIS

Depois que seu ouro tiver sido sublimado em flores, e essas flores destiladas em retorta com a ajuda do nosso *menstrum* corrosivo, você deve despejar essa solução em grande quantidade de água destilada (ou água da chuva), e então adicionar a essa água mercúrio animado ou mercúrio sophico na proporção de 12 partes de mercúrio para 1 parte de ouro usado no início. Para essa operação, utilize um grande frasco de vidro com boca estreita.

Nesse corpo de vidro, despeje o ouro dissolvido junto com o mercúrio sophico. Feche a boca com o polegar e agite o frasco por um bom tempo. O mercúrio animado atrairá todo o ouro e formará um amálgama dentro da água.

Para verificar, após um bom tempo de agitação, se ainda há ouro na água, despeje um pouco dessa água em uma taça limpa de vinho e adicione algumas gotas de espírito de sal amoníaco. Se a água ficar avermelhada, é sinal de que ainda resta

ouro a ser amalgamado com o mercúrio sophico. Continue agitando o frasco até que não reste mais ouro na água.

Então, com cuidado, despeje a água do amálgama em outro recipiente, adicione nova água destilada de chuva sobre o amálgama, agite novamente e despeje no mesmo frasco de antes. Repita esse processo 2 ou 3 vezes. Depois, seque seu amálgama e teste todas as águas com espírito de sal amoníaco.

Se ainda restar ouro nas águas, um pouco mais de mercúrio animado o atrairá, devendo ser então adicionado ao amálgama anterior.

PROCESSO PARTICULAR COM O AMÁLGAMA

Pegue seu amálgama lavado e seco, coloque-o em um globo de digestão de tamanho suficiente para que pelo menos metade do volume permaneça vazio.

Coloque esse globo em calor de areia e cubra o vidro com papel até que toda a umidade tenha evaporado. Depois, insira uma rolha de vidro no gargalo.

Mantenha-o sob calor brando por um mês inteiro, dia e noite. Ele passará por várias colorações e se transformará em um pó vermelho.

Nos últimos três dias e noites, após o mês ter se completado, aplique um calor muito intenso, até que a massa derreta ou pelo menos se una firmemente.

Quebre o globo para remover o conteúdo e reduza a massa com bórax em um cadinho. Você verá que seu mercúrio animado foi fixado em ouro puro.

Se você usou uma onça de calx de ouro e 12 onças de mercúrio animado, agora encontrará quase 13 onças de ouro puro.

PROCESSO UNIVERSAL COM O MESMO AMÁLGAMA

Reflita sobre isso e considere se não seria possível aumentar esse poder em um remédio tingente altamente eficaz!

O pó fixo composto de ouro volatilizado e mercúrio sophico é verdadeiramente um ouro seminal, cujo poder central de tingimento foi exteriorizado. Caso contrário, ele não teria conseguido fixar seu mercúrio sophico em apenas um mês. Portanto, considere se esse ouro seminal não poderia ser intensificado em seu poder tingente por meio de sucessivas sutilizações.

Eu procederia assim:

Pegue desse pó fixo — ao invés de reduzir toda a quantidade a ouro comum multiplicado ou ouro novo gerado — apenas uma onça. Dissolva-a no nosso *menstrum* corrosivo e volatilize-a por meio de destilações frequentes, até que ela passe completamente para o recipiente, exatamente como você fez com as flores do ouro bruto. Assim volatilizado, e com o corrosivo removido por S.V. retificado e

evaporado até secar, combine esse ouro volatilizado com metade do seu peso, ou seja, 1/2 onça de ouro volatilizado previamente amalgamado com mercúrio sôphico, como ensinado antes.

Misture ambos e coloque num globo de digestão. Digira com calor brando e fixe gradualmente. Estará concluído em menos tempo! É como uma criança que pode ser conduzida até a maturidade. Reflita sobre isso e não se arrependerá.

SOBRE O VITRIOL

Nota: Hesitamos antes de incluir esta parte do texto em nossas lições, contudo, encontramos aqui muitas informações adicionais. Em nossa opinião, leia com atenção, mas talvez seja melhor não experimentar este procedimento. O vitriol é um sal mineral, originado de metais dissolvidos nas minas. Assim, temos diversos tipos de vitriol, como:

- Vitriol de cobre
- Vitriol de ferro
- Vitriol de ferro e cobre misturados
- Vitriol de ouro, que é o vitriol de Salzburg
- Vitriol branco (ou de zinco), que contém uma terra metálica branca

Os vitriolos mais comuns são os de cobre e ferro, todos contendo um enxofre ardente.

As preparações de vitriol são diversas e numerosas. Mencionaremos apenas as necessárias.

ESPÍRITO E ÓLEO DE VITRIOL

Nota: Trata-se da fabricação de ácido sulfúrico.

Pegue 2 ou 3 libras de vitriol, coloque em uma panela de ferro sobre fogo direto, mexa até que se torne uma massa dura e seca.

Reduza essa massa a pó e misture com ela pederneiras calcinadas e pulverizadas, na proporção de duas vezes o peso do vitriol em pó.

Coloque essa mistura em uma retorta de barro revestida, posicione-a em uma fornalha apropriada, de forma que receba fogo direto. Vede um grande balão

receptor à retorta e deixe o vedamento secar completamente. Dentro do balão, coloque um pouco de água limpa para receber os vapores.

Aplique fogo brando inicialmente. Um *phlegma* sairá primeiro; aumente o fogo gradualmente, e o espírito volátil do vitriol seguirá o *phlegma*. Por fim, com fogo muito intenso, a ponto de fazer a retorta brilhar, o óleo pesado do vitriol virá em vapores densos.

No dia seguinte, com a fornalha e os recipientes frios, remova cuidadosamente o balão receptor e despeje o líquido em um corpo de vidro espaçoso. Posicione um alambique sobre ele, adapte um receptor, e coloque o corpo em forno com calor de areia. Destile com fogo brando: o *phlegma vitrioli* unido à água será o primeiro a sair. Até esse ponto, nada deve ser vedado.

Quando perceber gotas ácidas começando a sair, retire esse receptor com o *phlegma*.

Substitua por outro recipiente limpo e seco, vede com cuidado, aumente ligeiramente o calor e o espírito ácido volátil do vitriol será destilado. Quando, nesse mesmo nível de calor, nada mais sair, deixe o fogo se extinguir lentamente.

Agora você terá o espírito de vitriol no receptor, e no corpo de vidro permanecerá o óleo pesado de vitriol, escuro.

Se você colocar esse óleo em uma retorta de vidro, adaptar um recipiente (sem vedar), e enterrá-la razoavelmente fundo em um banho de areia, aumentando gradualmente o calor até que o óleo de vitriol ferva dentro da retorta, ele se clarificará. Toda a coloração sairá junto com os vapores, e o óleo que restar na retorta será tão límpido quanto água de rocha. Após essa purificação, deixe o fogo se apagar, remova o óleo clarificado da retorta e coloque-o em um frasco de vidro com tampa de vidro.

Esse óleo permanece perfeitamente líquido quando quente, mas, ao esfriar, se torna um sal mineral ácido e transparente, devido à sua alta concentração. É também o mais pesado de todos os líquidos minerais produzidos pela arte.

(Certa vez, destilei esse óleo em banho de areia e fui obrigado a elevar o fogo a tal ponto que a panela de ferro ficou em brasa. Meu óleo clarificado começou a fluir pelo gargalo da retorta em pequenas nuvens contínuas. Foi necessário um fogo muito forte, por ser um líquido de grande peso).

A partir do *caput mortuum* (a massa restante) do qual você obteve pela primeira vez o óleo escuro — chamado Colcothar, de cor vermelha intensa — você pode extrair, com água fervente, um sal de vitriol branco como a neve. Se você cimentar prata com esse sal, ela se transforma em Luna Fixa, que nada mais é do que ouro branco, pois nem a *aqua fortis* nem o espírito de nitrato a afetam.

Helmont e Boyle indicam que o Colcothar deve ser reduzido a um pó muito fino e

misturado com *sal amoníaco* em partes iguais. Depois, deve ser sublimado com calor de areia. Assim se obtém o Ens de Cobre ou Ens de Ferro, conforme a natureza do vitriol utilizado.

Basilio Valentim e seu amanuense Iodocus Von Rehe²⁷¹ fabricaram um medicamento tingente chamado Lapis Philosophorum a partir de vitriol húngaro. Nunca o fiz, embora Kunkel Von Löwenstern tenha afirmado ter produzido essa pedra com vitriol, seguindo um processo comunicado ao Príncipe Eleitor da Saxônia por Sebald Schwartzer no ano de 1570. K. Von Löwenstern afirmou ter transmutado 20 marcos de prata em ouro puro com essa pedra.

PROCESSO PARA FABRICAR A PEDRA A PARTIR DO VITRIOL HÚNGARO

Nota: O vitriol de Salzburg é um vitriol solar e tão bom quanto o húngaro. Pegue 10 a 12 libras de qualquer um desses vitriolos. Dissolva seu vitriol em água da chuva, filtre a solução e evapore-a em grandes bacias esmaltadas até que se forme uma película na superfície. Em seguida, coloque as bacias durante a noite em local frio, e o conteúdo cristalizará.

Repita esse processo de dissolução dos cristais, filtração da solução e evaporação até surgir uma película, e então deixe cristalizar durante a noite. Faça isso de 10 a 12 vezes, e obterá um vitriol lindíssimo, com um aroma doce e agradável. Contudo, você perderá cerca de metade da massa original.

Pegue os cristais e calcine-os ao sol e por nenhum outro método, até que se transformem em um pó branco.

Se isso for feito enquanto o sol estiver no signo de Leão, você obterá o pó simpático de Sir Kenelm Digby. Essa é a melhor calcinação do vitriol.

Não pense que conseguirá purificar completamente o vitriol apenas por meio de dissolução, filtração e cristalização — nem mesmo se fizer isso trezentas vezes — pois a ocre metálica amarela, que se separa a cada filtração, permanece com o último grão de vitriol. E mesmo sem essa terra amarela, o vitriol não consegue cristalizar.

Iodocus Von Rehe relata que ficou desanimado e cansado ao perceber que não conseguia purificar totalmente seu vitriol. Eu digo que de 10 a 12 purificações são suficientes.

O vitriol, depois de calcinado ao sol, deve ser colocado em uma retorta de barro ou vidro espesso revestido. Posicione-a sobre duas barras de ferro em uma fornalha

²⁷¹ **Iodocus von Rehe**, pouco se sabe sobre a sua vida de cuja presença é registrada em manuscritos alquímicos do século XVI, especialmente em compilações germânicas de cunho espagírico. Seu nome aparece em tratados sobre elixires e processos de purificação, embora envolto em anonimato e atribuições incertas. Alguns estudiosos o associam à tradição rosacruciana primitiva, enquanto outros o consideram um pseudônimo coletivo usado por praticantes da alquimia espiritual.

com fogo direto.

Acenda o carvão e aplique calor brando nas primeiras 3 ou 4 horas. Um *phlegma* ácido fraco será o primeiro a passar para o receptor, que deve ser muito grande e bem vedado. Tanto o vedamento quanto o revestimento de barro da retorta devem estar completamente secos e endurecidos antes de iniciar o fogo.

Aumente o calor gradualmente e, ao longo de 12, 14 ou até 18 horas, force todos os espíritos pesados e o óleo a passarem em nuvens para o receptor. Nas últimas 3 ou 4 horas, a base da retorta deve estar incandescente; caso contrário, você não obterá o óleo pesado.

Deixe o fogo apagar-se lentamente por si só. No dia seguinte, com os recipientes frios, retire cuidadosamente o receptor.

Despeje o conteúdo do receptor em um corpo de vidro, posicione-o sobre um banho-maria, coloque um alambique sobre ele e adapte um receptor. Vede com tiras de linho e pasta fria. Agora, acenda o fogo e aqueça o banho até ferver, de modo que o corpo de vidro receba o vapor da água em ebulição.

Todo o *phlegma* ácido fraco passará para o receptor. Se o seu vitriol for húngaro ou de Salzburg, ou um vitriol de ferro e cobre conforme descrito por Basilio Valentim, o óleo restante no corpo se tornará concentrado e adquirirá uma cor rubi profunda e transparente. Nenhum outro vitriol oferecerá esse fenômeno.

Até aqui, experimentei pessoalmente esse processo. Agora, continuamos segundo os passos de Basilio Valentim e Iodocus Von Rehe.

SEPARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS PELA VIA ÚMIDA

Coloque seu óleo vermelho em um ou vários matrasses de vidro com gargalos longos, cobertos com papel duplo ou rolhas de madeira leves.

Coloque esses matrasses ou frascos de vidro em calor brando (como esterco de cavalo) em digestão por 8 dias e noites, ou mais. Uma separação natural ocorrerá.

Um líquido claro e transparente flutuará na superfície e aumentará diariamente em quantidade.

Despeje esse líquido cuidadosamente e continue a digestão por mais 8 dias e noites, obtendo mais desse líquido. Continue despejando com cuidado. Repita esse processo até que nenhum líquido claro ou espírito volátil se forme.

Esse líquido é o espírito mercurial de Basilio Valentim, ou seu espírito de mercúrio em forma úmida.

Reúna todos esses líquidos em uma pequena retorta de vidro e destile-os, tomando cuidado para que nenhuma coloração ascenda com eles.

O óleo vermelho que permanece após a separação de seu espírito mercurial também deve ser colocado em uma retorta de vidro revestida com argila e posicionada sobre calor de areia.

Destile esse óleo vermelho, aumentando o fogo gradualmente, até que ele passe em nuvens pesadas e densas para o receptor.

Restará uma feculência salina na retorta. O óleo vermelho mencionado é o sulfúrio metallorum.

CALCINAÇÃO DOS RESÍDUOS E EXTRAÇÃO DO SAL METÁLICO

Calcine os resíduos durante 10 a 12 horas sob uma mufla, rodeado por carvão incandescente. Em seguida, extraia o sal branco utilizando o primeiro espírito mercurial, que, após a extração, deve ser novamente destilado do sal metálico filtrado. Agora você terá os três princípios, segundo o processo de Basilio Valentim:

1. O espírito mercurial
2. O óleo sulfúrio vermelho
3. O sal metálico branco

COMPOSIÇÃO FINAL

Dissolva todo o seu sal metálico no espírito mercurial, em calor brando, utilizando apenas a quantidade de espírito necessária para dissolver completamente o sal.

Coloque essa solução em um globo de digestão de tamanho conveniente e vede o gargalo.

Deixe em digestão sob calor brando, com o auxílio de lamparinas, até que tudo se coagule em um sal branco. Segundo Iodocus Von Rehe, isso ocorrerá em três meses.

Agora pese o óleo vermelho (o enxofre) e divida-o em 7 partes iguais. Pegue a primeira parte e imbeba o sal branco com ela. Digeria e coagule. Proceda da mesma forma com as 6 partes restantes, uma de cada vez, até que todas estejam coaguladas e fixadas com o sal.

Fixe esse pó por meio de calor gradual, e você obterá a Pedra dos Filósofos.

OBSERVAÇÕES PESSOAIS DO AUTOR SOBRE ESSE PROCESSO

Informei que utilizei vitriol de Salzburg, dissolvido em água da chuva, filtrado e evaporado em um grande corpo de vidro até que se formasse uma película

superficial. Então o coloquei para cristalizar durante a noite. Afirmar que esse processo gerava um aroma encantador — embora nem sempre tenha percebido esse cheiro, mesmo usando vitriol húngaro ou de Salzburg.

Dissolvi meu vitriol dez vezes, o que considero necessário e suficiente. Se você continuar além disso, sempre restará uma feculência amarela e, no final, a terra amarela do vitriol se separará completamente, destruindo o vitriol a ponto de ele não poder mais ser chamado de tal.

Esse óleo vermelho e pesado é semelhante ao *butyrum* do antimônio: ele atrai umidade do ar e, com isso, torna-se fluido; caso contrário, antes de atrair a umidade, ele se congela como gelo.

Ele atrai essa umidade até mesmo através dos poros do vidro. Quando isso acontece, um líquido claro se separa do óleo sulfuroso pesado e flutua sobre a superfície — este é o espírito de mercúrio de Basilio Valentim e Von Rehe.

Separei esse líquido utilizando um pequeno funil. O restante, que já não fornece mais nenhum líquido claro ou espírito de mercúrio, é o sulphur embryonatum vitrioli Veneris, com propriedade solar.

Esse óleo vermelho deve então ser destilado em uma retorta, e restará uma terra negra na qual o sal do vitriol está escondido.

Essa terra negra precisa ser calcinada sob uma mufla e então extraída com o espírito ácido do mercúrio. Esse espírito deve ser destilado da solução filtrada, e restará um sal branco como a neve.

Entretanto, o espírito de mercúrio deve ser primeiro retificado por si só, em uma pequena retorta.

Há algo importante a observar: o óleo vermelho precisa ser dissolvido ou diluído no espírito de mercúrio. Depois, destile o espírito dele, e o óleo restante ficará claro, belo e de cor rubi intensa.

Até este ponto, o processo é verdadeiro — e foi até aqui que eu mesmo o experimentei. Contudo, não tive tempo de continuar, nem tive vontade de fazê-lo.

O processo me parece racional e verdadeiro.

Depois que o espírito de mercúrio tiver sido coagulado com o sal, e então, com o óleo sulfuroso vermelho — que é um enxofre solar embrionado e ingessivo — for novamente coagulado e multiplicado como ensina Von Rehe, certamente poderá — e deverá —, no caráter de um fogo concentrado, possuir o poder de penetrar corpos mercuriais e fixá-los em ouro (desde que tenha sido primeiro fundido com sal no cadinho).

O amante de experimentos curiosos pode tentar este processo, que acredito ser verdadeiro, desde que se encontre um bom vitriol.

SOBRE O SAL ARMONIACUM

Este sal originalmente vinha da Armênia, razão pela qual foi chamado de Sal Armoniacum.

Nos locais onde camelos e mulas das caravanas costumavam parar, esse sal era gerado pelo sol, através da combinação do sal da terra com os resíduos animais. Os venezianos foram os primeiros a descobrir isso. Ao aprenderem que o sal se formava da urina combinada com o sal da terra, conceberam que tal sal poderia ser feito artificialmente a partir de urina e sal marinho.

Se você pegar sal marinho, cinzas vegetais (fuligem de madeira) e urina, ferver tudo junto, dissolver novamente com urina — quanto mais estagnada, melhor — depois filtrar e evaporar a solução, obterá um sal armoníaco excelente.

Este sal possui usos infinitos, tanto na medicina quanto na alquimia.

USO MEDICINAL DO SAL ARMONIACUM

Na medicina, tanto o espírito quanto o sal volátil do sal armoníaco são de grande valor.

Para obtê-los: pegue uma parte de álcali fixo ou potassa purificada e uma parte de sal armoníaco, ambos em pó fino, e misture bem. Coloque essa mistura em um corpo de vidro com um grande alambique e vede um receptor a ele.

Destile com calor brando em banho de areia ou *balneum vaporis*, e o sal volátil de urina, diluído no *phlegma*, subirá e será coletado. É o chamado espírito de sal armoníaco.

No alambique, um belo sal volátil branco sublimará e ficará aderido, tendo as mesmas virtudes do espírito (isto é, o sal volátil dissolvido em *phlegma*).

VIRTUDES MEDICINAIS DO ESPÍRITO DE SAL ARMONIACUM

Ele resiste aos ácidos presentes no estômago e na bÍlis — não apenas no estômago, mas também nos intestinos. Uma dose de 50 a 60 gotas em um cálice de vinho com água é suficiente.

A partir do *caput mortuum*, pode-se ferver um sal com água, filtrar e evaporar a solução. O resultado será um bom sal antitérmico. A dosagem ideal em casos febris é de 20 a 30 grãos.

USO DO SAL ARMONIACUM NOS METAIS

Se você cimentar prata laminada fina com sal armoníaco, ela se torna mais pesada e mais rapidamente é transformada em Luna Fixa (ouro branco), o que também pode ser feito com sal marinho e calx.

Se dissolver sal armoníaco em água da chuva e apagar tijolos incandescentes nessa solução, os pedaços quebrados de tijolo absorverão o líquido.

Destile essa mistura em uma retorta de barro sob fogo direto e obterá um espírito que dissolve folhas de ouro sem causar corrosão, carregando-o, por meio da destilação, sobre o capitel (cabeça do alambique).

Dissolva o sal armoníaco em água da chuva, destile a água, e parte do sal armoníaco passará junto.

O que restar deve ser dissolvido novamente, os resíduos separados, e a destilação repetida — mais sal armoníaco será volatilizado e passará com a água.

Repita esse processo até que todo o sal armoníaco tenha sido volatilizado e passado com a água.

Agora, destile metade da água recolhida. O que restar deve ser destilado com calor forte em uma retorta, e seu sal armoníaco será cada vez mais sutilizado e volatilizado.

O que agora tiver passado deve ser novamente destilado em um corpo de vidro com alambique, sobre *balneum vaporis*, até que nenhum *phlegma* mais saia. O que restar no corpo será um licor oleoso espesso.

Coloque esse licor em uma adega fria, e cristais salinos se formarão, extremamente fusíveis e penetrantes.

Esses cristais dissolvem uma calx de ouro radicalmente quando colocados sob calor brando em um globo de digestão, e preparam o ouro para tornar-se uma tintura para transmutação.

Sua calx de ouro deve ser preparada com mercúrio sublimado e *regulus marcial de antimônio*, como ensinado na seção de ouro.

O ouro assim preparado, se depois for dulcificado e dissolvido com *Spiritus Vini Rectificatus* (S.V.R.), torna-se um glorioso Aurum Potabile.

ORA ET LABORA!

Lição 84: A Teoria e a Prática do Fogo Secreto

EMBLEMA IX: ARBOREM



O alquimista descansa no jardim das Hespérides.

Caro Amigo,

Esta lição é um pouco longa porque incluímos vários textos que tratam do Fogo Secreto, os quais pertencem exclusivamente a esta etapa do estudo.

O último texto, Luz Química da Lua, deve ser estudado com muito cuidado, pois descreve um processo incomum que nos permite obter um Fogo Secreto indeterminado — o que não ocorre com os textos anteriores. Esse experimento importante nos leva a crer que, mesmo em sua forma indeterminada, o Fogo Secreto apresenta dois aspectos distintos.

Na parte teórica destas lições, o objetivo é fornecer um corpo de conhecimento alquímico que autorize o trabalho de um Conhecedor, substituindo o uso de fórmulas meramente empíricas. Uma vez que você tenha feito sua escolha entre os caminhos que apresentamos, não deve, no entanto, abandonar o estudo das outras vias, pois todas se completam no propósito de aprofundar sua compreensão.

Com esta lição, portanto, estamos concluindo o primeiro adendo à lição sobre os Minerais. O trabalho aqui proposto é resultado da colaboração entre alguns membros da associação LPN-França, e ainda se encontra em desenvolvimento. Esperamos que suas experiências e seus estudos venham comprovar o valor dos documentos que apresentamos. Desejamos também que você faça apenas um uso pessoal deste material.

Lembre-se sempre de que a paciência é indispensável na Obra e que o estudante deve se esforçar para cultivar três qualidades:

um coração generoso;
uma mente firme;
uma mão hábil.

Boa sorte!

OS MEDICAMENTOS

Os medicamentos resultantes dos métodos estudados podem ser direcionados tanto ao reino mineral quanto ao ser humano. Não abordamos essa questão neste adendo às lições sobre os Minerais porque todos os detalhes relacionados encontram-se na Lição Mineral nº 30, a partir do Aforismo 14.

O poder da pedra ou dos medicamentos depende da concentração do Fogo no material suporte. O aumento de potência durante a multiplicação mostra que, no início, o elemento Fogo não está saturado e que é possível concentrar esse elemento.

Afirmamos anteriormente que o Fogo pode ser atraído por Ímãs (em nossa opinião, os dois melhores Ímãs são o carbonato de potássio e o tricloreto de antimônio). No entanto, o uso de Ímãs traz uma desvantagem inevitável: o Fogo se torna então um fogo determinado. O Fogo indeterminado tem uma vantagem enorme, pois o produto resultante é então verdadeiramente universal.

O CAMINHO DO CINÁBRIO

Alguns membros da associação falaram de um caminho próximo ao caminho do cinábrio. Nesse caminho, os produtos básicos são mercúrio, enxofre e potassa. A

potassa é levada à deliquescência. Nos documentos que possuímos, nada é claramente especificado, mas parece óbvio que a deliquescência deve ocorrer nos dias seguintes ao equinócio da primavera. A potassa é então carregada com o Fogo solar que, como resultado, se determina como um fogo vegetal. Porém, como já explicamos anteriormente, a vida vegetal só pode ser transferida para corpos que tenham uma camada externa de 4 elétrons, ou seja, carbono, silício, germânio, estanho ou chumbo. Como não é o caso do mercúrio, a potassa não tem interesse nesse processo.

Se quisermos usar um caminho eficiente do *cinnabaris*, a solução é simples. O mercúrio deve estar vivo, ou seja, devemos usar um mercúrio revivificado pelo antimônio, através do caminho dos amálgamas.

O que falta nesse mercúrio para que ele possa evoluir? O oxigênio metálico, isto é, o enxofre. Portanto, utilizamos enxofre nativo purificado com tetracloreto de carbono em um Soxhlet, e seco ao sol.

Com esse enxofre e nosso mercúrio, preparamos um cinábrio (use máscara e luvas). Se o mercúrio e o enxofre forem apropriados, nenhuma sublimação é necessária; ao contrário, ela pode ser prejudicial, na medida em que nosso Fogo foi fixado de forma imperfeita.

- Proceda com a mistura de enxofre e mercúrio utilizando aproximadamente uma proporção de 1/7;
- Certifique-se de que não haja mercúrio livre nem excesso de enxofre;
- Trabalhe com paciência;
- Depois, coloque em uma incubadora com temperatura inicial de 40 °C. Observe a evolução, que neste caso é muito rápida.

Observações:

1. O limite da evolução é determinado pela escolha do régulo do amálgama, ou seja:
 - régulo marcial lunar: branco;
 - régulo marcial lunar venusiano: vermelho.
2. O enxofre deve ser obtido pelo resfriamento do tetracloreto, pois nesse caso

é obtido em forma cristalizada. Após uma extração, nunca continue aquecendo um extrator Soxhlet se houver cristais no fundo do balão; nesse caso, troque o balão e recupere os cristais.

A TEORIA DOS FOGOS DO FILÓSOFO SEGUNDO LÚLIO

Traduzido por S. Bacstrom

Nossos Fogos, sem cujo conhecimento a Magistéria não é aperfeiçoada

Nisso há operações contrárias, pois assim como o Fogo contra a Natureza dissolve o espírito de um corpo fixo na água de uma nuvem, e o corpo de um espírito volátil é, por esse meio, fixado em terra congelada; também, ao contrário, o Fogo da Natureza condensa o espírito dissolvido de um corpo fixo em uma Terra gloriosa, e dissolve o corpo fixo de um espírito volátil não na água de uma nuvem, mas na Água dos Filósofos. Porque aquilo que é fixado pela virtude do Fogo da Natureza torna-se volátil; um corpo espiritual em espírito; o úmido em seco; o pesado em leve — e, ao contrário, o fogo contra a natureza transforma o volátil em fixo, e o fixo em volátil; corpo em espírito e espírito em corpo; o espírito úmido possui a forma da água da nuvem e uma ponderosidade constrictiva.

Compreenda, com isso, que o fogo contra a natureza é assim chamado porque vai contra todas as operações naturais, pois o que o fogo da natureza compõe, esse fogo sempre decompõe e destrói, e conduz à corrupção — a menos que seja acrescentada a natureza do fogo.

Por isso dizemos que tal fogo, na operação da Natureza, não possui a virtude nem a operação do nosso magistério, mas somente aquele fogo que é puramente natural.

Existem quatro Fogos:

1. **Natural**, que está em nossa Água Ardente perfeitamente retificada;
2. **Não natural**, como o calor de um monturo, de uma vindima etc.;
3. **Elementar**, que é o fogo comum;
4. **Contra a Natureza**, um calor que corrói todas as coisas, como a *aqua fortis*, que é extraída do vitríolo, salitre etc., e *sal armoniac* e outras substâncias minerais.

E é preciso saber que o calor do fogo Elementar jamais pode extrair o enxofre da natureza das veias de um corpo, o que, no entanto, o Fogo da Natureza faz com facilidade por sua própria virtude atrativa.

O FOGO SECRETO

(Segundo Paracelso)

Aureoli Theophrasti Paracelso Arthidoxorum seu De Secretis Naturae Libri Decem. Item Manualia Duo etc. Basileia, 1532.

Deve-se preparar uma tintura como se faz o óleo de vitríolo, por meio de um calor brando (ele se refere ao período de digestão).

Tome-se deste ladrão enforcado (Mercúrio) uma parte. Prepare-o sob um fogo brando Δ até que se torne branco como a neve.

(Ele quer dizer que você deve sublimar o seu φ , o que é indicado pela expressão "ladrão enforcado" φ ; portanto, você deve tomar uma parte de bom φ branco como a neve).

O $\mathbb{C}$ em limalhas sutis, também uma parte, e duas partes da água de voo elevado (Sal amoníaco purificado de sua ∇ negra, por sublimação).

(Nota: na época de Paracelso, o $\mathbb{K}$ era importado para a Alemanha pelos holandeses, vindo da Armênia e da Arábia, sendo muito negro e impuro, de modo que era necessário purificar o $\mathbb{K}$ bruto sublimando-o a partir de $\mathbb{K}$ marinho; tal $\mathbb{K}$ purificado era ainda considerado comum, embora puro, portanto, não devemos tomar o $\mathbb{K}$ sublimado ou volátil como substituto do comum, pois este último é o que se pretende aqui, e nenhum outro).

Misture estes ingredientes (ou seja, φ 1 parte, $\mathbb{C}$ finamente limado 1 parte e $\mathbb{K}$ comum limpo 2 partes), coloque-os em um $\mathbb{G}$, vede com uma tampa, e quando estiver seco coloque-o num forno de vento, cubra com brasas, e deixe fundir bem; siga meu conselho, diz P., depois verta o conteúdo e deixe esfriar dentro do cone aquecido; quando estiver frio, triture até virar pó; esprema o pó através de um pano resistente, e procure pelo ladrão vivo (o φ revivificado) e cuide bem dele.

O que restar no pano deve ser copelado com chumbo para recuperar parte do seu $\mathbb{C}$.

COMPOSIÇÃO

Agora, tome uma parte da ∇ do ladrão, e uma parte do ladrão que foi espremido através do pano (que é um φ lunar animado), coloque esses dois elementos em um vidro de digestão, feche bem, e coloque sobre calor brando; ele se dissolverá em φ . Se você perceber isso, está no caminho certo.

Continue a digestão suave, mantendo o vidro bem fechado, até que a ∇ seque completamente e se transforme num pó branco ou calx semelhante ao $\mathbb{C}$ fino.

MULTIPLICAÇÃO

Dissolva isso a frio (colocando o vidro aberto em ∇ fria; abra o vidro e deixe dissolver pela atração da umidade do Δ , até que se torne novamente ∇ ; mas não remova o $\ddot{\text{z}}$ do vidro; sei que P. quer dizer isso, a partir de outros processos).

Coagule novamente por calor brando, com o vidro fechado; repita essa operação pelo menos três vezes, até que o material flua sem fumegar; e então você terá um pó (uma Rx — tintura), acredite em mim, que transmuta tanto os ímpios quanto os piedosos em $\mathbb{C}$ fino, e faz isso em grande quantidade. (Os piedosos são os metais mercuriais, como $\ddot{\text{z}}$, $\mathbb{I}$, $\mathbb{I}_2$; os ímpios são os metais refratários, que possuem pouco $\ddot{\text{z}}$, como $\mathbb{Q}$ e $\mathbb{O}$).

A ∇ do ladrão é o solvente sobre o $\ddot{\text{z}}$ lunar animado em estado fluido. Ele certamente se refere a uma ∇ de natureza mercurial, mas de que tipo, não se sabe com certeza. No entanto, a Bun $\mathbb{O}$ também é uma ∇ mercurial ou um $\ddot{\text{z}}$ sophico simples, assim como o óleo branco de Justanus e, ainda mais, o óleo vermelho, sendo este último um $\ddot{\text{z}}$ sophico duplamente animado derivado de $\mathbb{O}$.

Digo isso para mostrar como uma tintura pode ser facilmente feita com o princípio correto e os solventes adequados!

Se pudéssemos descobrir essa ∇ do ladrão, este processo estaria entre os primeiros que eu executaria; ele diz, em outro lugar, que isso se realiza em seis semanas e sem dificuldades.

Consulte R. Boyle em sua *Filosofia Corpuscular*, onde ele fala sobre $\mathbb{C}$ cornea e $\mathbb{Z}$; é um experimento que ele realizou uma vez.

Quem quer que possua o conhecimento para tingir o $\ddot{\text{z}}$ sophico com $\odot$ ou $\mathbb{C}$ obterá o grande Arcanum!

Finis.

EXPERIÊNCIAS PARA A PREPARAÇÃO DO MERCÚRIO FILOSÓFICO

Por meio da Lua e do régulo marcial estrelado de antimônio

Eugeneous Philalethes

Nota: Este texto confirma tudo o que foi anteriormente apresentado.

1. Arsênico Filosófico

Tomei 1 parte do nosso dragão ígneo e 2 partes do corpo magnético; preparei-os juntos com forte calor, e pela primeira fusão obtivemos cerca de 8 onças do verdadeiro arsênico.

Nota:

Dragão ígneo = régulo de antimônio

Corpo magnético = ferro ou aço

Verdadeiro arsênico = régulo marcial de antimônio

2. O segredo da união filosófica do mercúrio com o arsênico e da separação das fezes

Tomei 1 parte do melhor arsênico e uni em um só corpo com 2 partes da virgem Diana; triturei-os finamente e, com isso, preparei meu mercúrio, trabalhando-os juntos pelo calor, até estarem completamente integrados; depois purguei com sal de urina, até que as fezes se separassem, as quais reservei.

Nota:

Virgem Diana = prata metálica

Sal de urina = sal amoníaco

3. Purificação filosófica

O mercúrio assim preparado ainda está corrompido por uma impureza externa, por isso deve ser destilado de 3 a 4 vezes em seu próprio alambique, com uma cucúrbita de aço; depois, lixiviado com sal de urina até que fique límpido e brilhante e não deixe nenhum traço quando movimentado.

Nota:

A tri-destilação aqui proposta é uma alternativa mais simples.

4. Outro processo

Tome 10 onças de sal marinho decrépito e 10 onças de escórias de Marte, 1 onça e meia de mercúrio preparado; triture o sal e as escórias juntos, bem finamente, em um almofariz de mármore; depois adicione o mercúrio e triture com vinagre até que o mercúrio não seja mais visível; coloque em um balão de vidro e destile em areia, em alambique de vidro, até que o mercúrio suba puro, claro e maravilhosamente brilhante. Faça isso três vezes e terá um mercúrio muito bem preparado para o magistério.

Nota:

A purificação com sal marinho e vinagre pode ser útil como limpeza inicial. Esta operação não agride excessivamente o balão de quartzo.

5. As "águias" da preparação

Cada preparação do mercúrio com seu arsênico é uma águia; quando as penas da águia forem purgadas de sua negrura corvina, faça-a voar até seu sétimo voo; da mesma forma, são necessários até 10 voos para sua completa preparação.

Nota:

O mercúrio é amalgamado com o régulo marcial lunar de antimônio. O conjunto de: amalgama + destilação + purgação = uma águia.

A prata pode ser reutilizada, mas o régulo, não.

6. O segredo do Mercúrio Filosófico

Tomei a quantidade apropriada de mercúrio e misturei com seu verdadeiro arsênico, ou seja, cerca de 4 onças de mercúrio, misturando-os até obter uma consistência que não fosse espessa demais; purguei adequadamente e destilei, obtendo um corpo lunar puro, o que me confirmou que estava bem preparado.

Depois, adicionei seu peso em arsênico e aumentei o peso anterior de mercúrio, à medida que este podia formar camadas finas, e purguei até que toda a negrura desaparecesse e surgisse uma brancura lunar.

Então, tomei 1/2 onça de arsênico com o qual realizei um verdadeiro matrimônio, adicionei o mercúrio prometido, em uma temperatura ligeiramente inferior à de cozedura de cerâmica.

Depois, purguei novamente de maneira apropriada; a purgação foi lenta e meticulosa, feita com sal de urina, que julguei o mais adequado para este trabalho.

Nota:

Descrição detalhada de uma das águas anteriores.

7. Outra purgação, ainda melhor

Encontrei uma maneira mais eficaz de purgar com vinagre e sal marinho, de modo que, em meio dia, consegui preparar uma água.

Vi a primeira água voar e Diana ficou com alguma tintura de cobre; iniciei a segunda água removendo as superfluidades e, ao fazê-la voar novamente, as pombas de Diana ficaram com a tintura de cobre;

Adicionei a terceira água, purguei as superfluidades mesmo quando brancas, e novamente fiz voar, deixando para trás ainda mais cobre com as pombas de Diana;

Depois, deixei voar duas vezes sozinha, até a extração completa de todo o corpo;

Então adicionei a quarta água, acrescentando gradualmente mais e mais de seu próprio humor, resultando numa consistência muito moderada, sem Aydraps (ou umidade superflua), como havia nas três primeiras águas.

Nota:

Mesma operação anterior, mas usando régulo marcial lunar venusiano para a etapa vermelha da obra.

8. Método seguro para preparar o Mercúrio Filosófico

Coloque a massa amalgamada, unida por um matrimônio apropriado, num forno de areia por uma hora e meia, de modo que não sublime;

Retire, triture vigorosamente; volte ao forno, e após 15 minutos, triture novamente em almofariz aquecido, de forma que o amalgama comece a se purificar e rejeite grande quantidade de pó;

Coloque em um cadinho no forno com calor o mais forte possível sem sublimar; repita esse processo, triturando e aquecendo, até que todo o pó desapareça;

Lixivie, e as fezes serão facilmente rejeitadas, deixando o amalgama isento de heterogeneidades;

Lave com sal, aqueça novamente, triture — repita até limpar completamente de

todas as vezes.

Nota:

Operação para o caminho longo — purificação do amalgama sem destilação.

9. Triplo teste da boa qualidade do mercúrio preparado

Pegue o mercúrio preparado com seu arsênico (de 7 a 10 águias), coloque num balão vedado com o “cimento da sabedoria”;

Coloque-o em um forno de areia com calor de sublimação, para que suba e desça no balão até coagular-se numa substância ligeiramente mais espessa que manteiga; Continue até coagulação perfeita, branca como prata.

Nota:

Refere-se apenas ao régulo marcial lunar na etapa branca.

10. Outro teste

Se, ao agitá-lo com sal de urina, ele se transforma por si só em pó branco impalpável, sem traços visíveis de mercúrio, e se coagula sozinho em ambiente seco e quente, já é suficiente.

Talvez seja ainda melhor agitá-lo em água de nascente — ele correrá como pequenas cabeças ou partículas; pois se o corpo for granuloso, não se transformará nem se separará em partículas diminutas.

Nota:

Outra solução para purificação do amalgama.

11. Terceiro teste

Destile-o em alambique de vidro sobre cucúrbita de vidro; se destilar sem deixar resíduos, é uma boa *água mineral*.

12. Extração do enxofre do Mercúrio Vivo por separação

Tome a mistura espiritual e física, cujo corpo é a coagulação do volátil através da digestão;

Separe o mercúrio do seu enxofre por meio de uma retorta de vidro — obterás uma Lua fixa, resistente à *aqua fortis* e com massa específica da prata comum.

13. Ouro mágico extraído da prata

Por meio do calor, deve-se extrair um enxofre amarelo do enxofre branco, por operação manual; esse Sol é o *minium dos filósofos*.

14. Do enxofre ao *aurum potabile*

Pode-se transformar esse enxofre amarelo em um óleo vermelho como sangue, circulando-o com o *menstrum* mercurial filosófico volátil — assim se obtém uma admirável panaceia ou medicina universal.

15. Conjunção bruta do *menstrum* com seu enxofre para formar a linhagem do fogo

Pegue seu melhor mercúrio preparado (de 7 a 10 águas no máximo) e misture com *latão preparado* ou seu enxofre vermelho, ou seja, 2 partes de água (ou no máximo 3) com 1 parte de enxofre puro, triturado e purgado.

Nota:

Melhor usar 2 partes para 1.

16. Trabalho manual da mistura

Você deve triturar bem a mistura sobre uma placa de mármore; depois lixiviar com vinagre e sal amoníaco, até rejeitar todas as fezes; em seguida, lavar com água de nascente para remover o amargor e a salinidade;

Depois, deve-se secar sobre papel branco, girando de um lado para o outro com a ponta de uma faca até estar completamente seco.

17. Colocando o feto no ovo filosófico

Com a matéria seca, coloque-a em um vidro oval do melhor e mais claro vidro, do tamanho de um ovo de galinha; a matéria não deve exceder 2 onças; vede hermeticamente.

18. Regime de fogo

É necessário ter um forno onde se possa manter um calor constante, com calor de areia no primeiro grau, onde o orvalho da nossa mistura possa subir e circular, dia e noite, sem interrupção etc.

Nesse calor, o corpo morre, o espírito renasce e, eventualmente, a alma será glorificada e unida a um novo corpo, imortal e incorruptível — assim forma-se um novo céu.

Notas (11 a 18):

Sem comentários — parágrafos semelhantes aos do *Coelum Philosophorum*.

LUAR QUÍMICO

Traduzido por S. Bacstrom

Nota: Descrição de um método para a extração direta do Fogo Secreto indeterminado. A extração, neste caso, deve ocorrer sem “Ímã”.

O trabalho é realizado com apenas uma única coisa — e isso deve ser entendido literalmente. Leia a segunda parte de *A Pedra Aquosa dos Sábios*, o *Novum Lunem* de Sendivogius, o *Olympus Terrae* de Theophrastus e Ali Puli. Esses autores afirmam que devemos deixar de lado todos os assuntos de origem animal, vegetal ou mineral. Devemos tomar somente a nossa ∇ , o orvalho, coletado sob o signo de Υ (Áries).

Sendivogius, em seu tratado sobre ☿, diz:

“Existe no ar um alimento secreto da vida, que é chamado de Orvalho durante a noite, mas ☿ ou ☽ durante o dia, cuja forma coagulada e invisível vale mais do que toda a Terra.”

Nosso corpo é uma ☾ celeste, por meio da qual abrimos o corpo metálico ☉ ou ☿ no ☽, aberto dentro de um ☿, e durante essa resolução é feito o elixir, ou seja, depois que o ☾ astral foi obtido e extraído da ☿ lunar, viscosa e gordurosa, torna-se a chave universal para abrir os corpos fixos de ☉ e ☿.

Nossa matéria é uma ☿ virgem, que nunca recebeu os raios do Sol, embora o Sol seja seu pai e a Lua sua mãe (e o vento a carrega em seu ventre).

Essa matéria gloriosa deve ser coletada em vales, colinas, cavernas ou até mesmo em sua própria casa. Ela é chamada de Orvalho Celeste, o ☾ da natureza, a gordura da terra. É um espírito astral que se encontra no ar e é atraído por todas as espécies vegetais, animais ou minerais. Porém, no ar, ele ainda é universal e indeterminado — é por isso que não devemos coletar o orvalho que tocou a grama ou as árvores, pois o espírito já está determinado e, portanto, danificado.

Os raios solares e lunares, ou o orvalho celeste, devem ser coletados no momento certo (☿), em um recipiente limpo. A chuva, o pó, o fedor de fumaça ou outros eflúvios o danificam. Existem muitos Ímãs, porém o sucesso depende tanto do local, da galeria, do clima e do vento, quanto do Ímã.

Durante uma grande tempestade, rajadas de vento fortes, chuvas intensas na primavera, esse ☿ que o Sol extraiu da terra e do oceano se acumula em abundância na atmosfera e é pulsado em direção à Terra, sendo atraído pelas plantas, pelos homens e pelos Ímãs bem preparados como receptáculos. O clima tempestuoso, quando o vento sopra do sul ou sudeste, é muito favorável. Frio extremo ou calor intenso não produzem nada.

O local deve ser seco, limpo e livre — nem pantanoso nem lamacento. Sua galeria deve estar orientada de sul para norte. Os recipientes devem estar a 1,80 metro do solo. Uma rajada de vento atravessando a galeria é muito útil.

(Nota do editor: Parece que o autor utiliza um equipamento para coletar o orvalho, oculto naquilo que chama de galeria — possivelmente um celeiro ou estrutura do tipo abrigo.)

Deve haver uma harmonia entre o lugar e o recipiente para que este ☿ seja coletado em quantidade suficiente.

Método

Colete cerca de 8 a 16 onças do nosso ☿ universal, coloque em um balão bem vedado e deixe em putrefação, o que levará cerca de 40 dias. Quando a matéria estiver bem putrefata e bastante negra, divida em onças.

Pegue 1 ou 2 onças e seque até obter uma ∇ . A partir dessa ∇ ou $\odot$, extraia um Θ puro e imbibia com tanto $\asymp$ de $\wp$ quanto você tomou no início (ou um pouco menos), e deixe secar no Θ , de maneira suave e natural.

Uma vez seco, dê mais leite à criança — ou seja, aquele leite do qual ela foi feita —, metade da quantidade inicial. E assim, use $2/3$ do seu $\asymp$ de $\wp$ para imbibir e secar. Divida o último terço em 7 partes e imbibia seu Θ sete vezes, secando a cada vez.

Após a sétima e última imbibição, teste sua matéria sobre uma placa de $\mathbb{C}$ ou $\wp$ incandescente, e veja se ela flui e penetra sem fumaça: se houver fumaça, continue as imbibições até que esteja perfeitamente preparada.

Depois, tome uma parte da sua cera universal e 2 ou 3 partes de bom $\odot$ ou $\mathbb{C}$, coloque em um $\mathfrak{C}$ bem selado e mantenha em fusão por 3 ou 4 dias no Δ . O $\odot$ adicionado se tornará friável e brilhante e se transforma na tintura medicinal. O experimento revelará a força da projeção.

Tempo e paciência são necessários para preparar o Θ da sabedoria de forma natural, pois seu poder tingente não deve ser destruído por excesso de calor. A matéria deve ser seca de forma natural e simples, como em forno, esterco de cavalo ou até mesmo com o calor de uma lâmpada. Seque-a com o calor de uma galinha chocando seus ovos.

A matéria tem poder inerente de se tornar perfeita; os filósofos dizem que a cocção da pedra deve ser feita no calor do Sol (por isso o tradutor acredita que o Θ deve ser seco com calor solar). Obtém-se uma ∇ ou Θ que deve ser purificada de suas fezes. O Θ puro é então imbuído.

O recipiente deve ser à prova d'água e sólido, não poroso; deve-se deixar espaço suficiente para que a umidade tenha Δ suficiente para rejeitar os excessos heterogêneos — caso contrário, a obra estagnar-se-á e será danificada, sem condensar nem secar em Θ .

Após a putrefação, ocorre a regeneração, começando de dentro.

Observações sobre a água dos filósofos

Nosso ∇ não é a água das nuvens, nem de poço ou de fonte, mas é espessa, fixa e salgada — uma matéria seca e tintória, que não molha as mãos, e é uma “água suja” que se origina do sal e da gordura da terra.

(Nota do tradutor: Supõe-se que é coletada por deliquescência do Θ ou $\oplus$ marinho usado como Ímã).

Nossa matéria é essa ∇ que paira sobre nossas cabeças no Δ . Theophrastus diz:

“Você deve tomar a Lua do firmamento e reduzi-la a água e depois à terra, e então encontrará a verdadeira matéria da nossa pedra.”

A raiz da matéria filosófica forma-se na terra e é encontrada na ∇ e no Δ — esta é

a verdadeira matéria, que não é úmida e, ainda assim, é um elemento da ∇ .

Tudo é uma só coisa, sendo a única ∇ que não pode existir sem a ∇ , pois se origina da ∇ , que é o alimento da matéria e a nutre; está repleta de vida espiritual, celeste, terrestre e magnética.

(Nota do tradutor: Essa afirmação sugere fortemente o uso de Φ como Ímã.)

Refrescada pelo puro orvalho celeste, a terra lhe oferece abrigo e é sua mãe.

(Nota do tradutor: Encontra aqui mais uma referência a Φ .)

∇ reside com a ∇ , e ∇ deve tornar-se ∇ . Isso se processa a partir da nossa matéria.

(“*Per deliquium*”, diz o tradutor.)

Aparelho para atrair a umidade lunar

(A figura na última página é a frontispício do Volume Dez dos Manuscritos de Bacstrom.)

O aparelho não é descrito no texto, embora o autor mencione espelhos, esferas e frascos, mas não fornece o esquema de montagem. É impossível saber se essa figura representa uma invenção de Bacstrom ou de outra pessoa.

O funil atravessa uma parede — possivelmente para evitar que a fumaça da lamparina penetre e polua a umidade lunar. É possível que essa parede seja da "galeria".

Supomos que a primeira esfera, repousando sobre a areia, é aquecida por uma lamparina, e que a convecção do ar quente, através de uma torneira, suga o ar fresco da noite pelo funil, como num aspirador de pó — a menos que seja a diferença de temperatura que atraia o ar noturno para dentro.

(A torneira representa um problema, pois o ar noturno tenderia a escapar por ela.)

Mantenha a parte superior dos dois tubos receptores resfriada com panos umedecidos com ∇ fresca.

O aparelho descrito por S. Bacstrom não é fácil de usar. Propomos o seguinte:

- Um modelo com circulação de água — requer grande consumo de água;
- Outro modelo com reservatório de água resfriado com gelo e isolado termicamente.
Um pequeno ventilador elétrico garante a circulação de ar. Considerando que o aparelho funciona apenas por algumas horas, durante a noite, uma quantidade determinada de gelo é suficiente para manter o sistema resfriado por tempo adequado.

Descrição resumida do dispositivo:

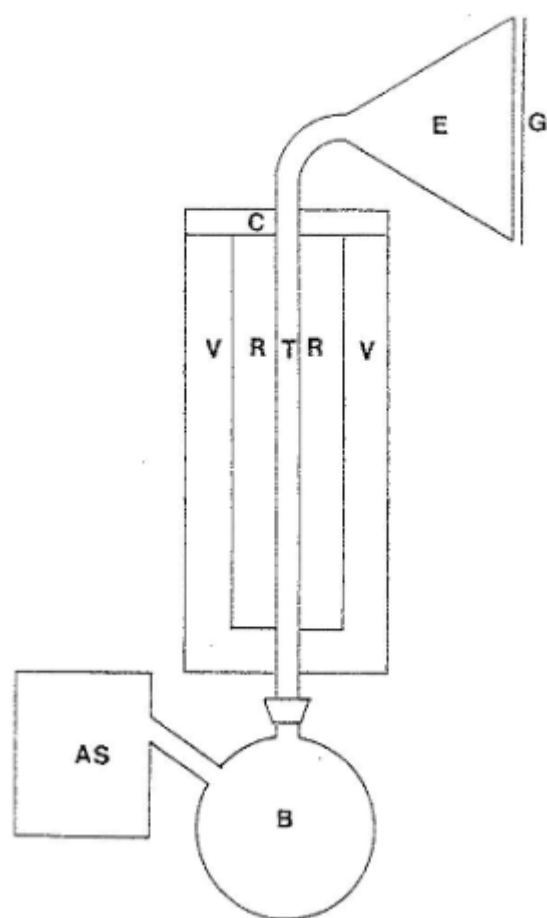
- Em E: o funil de absorção, cuja entrada é protegida por um tecido frouxamente entrelaçado que impede a entrada de insetos e poeira grosseira.
- O tubo T: é o condensador, mantido frio por um reservatório com gelo R. Este reservatório é coberto por outro, com vermiculita (V), permitindo que o condensador permaneça frio durante a noite.
- B: é o balão coletor, com duas entradas. A segunda está ligada a uma pequena turbina a vácuo que garante a circulação do ar.

ORA ET LABORA!

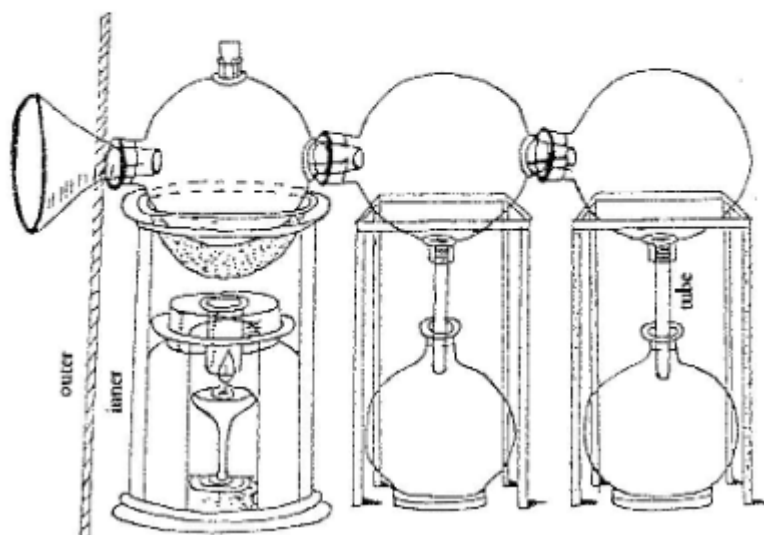
Figuras anexas:

- #1 – Extrator Direto de Fogo Solar ou Lunar
- #2 – Aparelho de Bacstrom

DIRECT EXTRACTOR OF SOLAR OR LUNAR FIRE



BACSTROM'S APPARATUS



Apêndice II. Glossarium Chemicum

Acetato de amônio – Acetato de amônio ($\text{NH}_4\text{CH}_3\text{COO}$) é um sal higroscópico citado como “espírito de Mindererus”. Obtém-se saturando cloreto de amônio com vinagre e evaporando a solução; neutraliza-se com base apropriada porque parte se transforma em ácido acético durante a evaporação. É usado como tampão em química analítica e em síntese orgânica.

Acetato de antimônio – O acetato de antimônio é o sal resultante da combinação de antimônio trivalente com ácido acético. A fórmula geral é $\text{Sb}(\text{CH}_3\text{COO})_3$. É uma substância hidrossolúvel que forma cristais incolores ou levemente amarelados e age como um vitriolo de antimônio na nomenclatura antiga. Em alquimia, o “vitriol de antimônio” era mencionado como um solvente capaz de extrair tinturas metálicas. Modernamente, seus vapores são tóxicos; usa-se como reagente em síntese orgânica e como mordente na indústria têxtil.

Acetato de zinco – O acetato de zinco é um sal branco, altamente solúvel, resultante da reação entre óxido ou carbonato de zinco e ácido acético. Sua fórmula é $\text{Zn}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$. Na obra alquímica, o “acetato de zinco” aparecia entre os nove acetatos importantes usados em artes e medicina, sendo obtido pela reação do metal em forma de granalha com ácido acético. Sua decomposição por destilação produz óxidos de zinco e compostos voláteis que foram estudados pelos alquimistas.

Acetona – A acetona (propanona) é o mais simples dos cetonas. Líquido incolor, de odor característico, miscível em água e solventes orgânicos, é inflamável e possui fórmula CH_3COCH_3 . Aparece nos curso de Dubuis s alquímicos como solvente para extrair óleos do enxofre, devido à sua volatilidade e capacidade de dissolver compostos orgânicos. Na química moderna, é usada como solvente industrial e como intermediário na síntese de plásticos e fármacos.

Ácido acético glacial – Ácido acético glacial é ácido acético concentrado, livre de água. Na preparação do alcaeste de enxofre, usa-se ácido acético glacial ou vinagre radical; o líquido é refluxado em Soxhlet sobre enxofre. O termo “glacial” deriva do fato de solidificar-se a temperaturas moderadas. É corrosivo e deve ser manuseado com luvas.

Ácido clorídrico – Ácido clorídrico (HCl) é uma solução de cloreto de hidrogênio em água. O curso de Dubuis descreve a fabricação de ácido clorídrico filosófico, que não deve exceder 40°C durante a preparação e serve para dissolver manteiga de antimônio. Em alquimia, HCl era conhecido como espírito de sal e, misturado ao ácido nítrico, formava água régia. Modernamente, é um ácido forte amplamente usado em sínteses, limpeza e ajuste de pH.

Ácido nítrico – Ácido nítrico (HNO_3) é um ácido forte oxidante. O tratado faz várias referências ao “ácido nítrico do ar” envolvido na formação da prima matéria e o utiliza na preparação de manteiga de antimônio, onde se adicionam algumas gotas de HNO_3 ao cloreto de estibina. O ácido nítrico fumante dissolve metais, nitrifica álcoois e é componente da água régia.

Ácido sulfúrico – Ácido sulfúrico (H_2SO_4) é um ácido forte, viscoso, de importância fundamental. No curso de Dubuis, o “óleo de vitriolo” é identificado como ácido sulfúrico e usado para produzir manteiga de antimônio ao reagir com sulfato de mercúrio. O ácido

sulfúrico forma sais chamados sulfatos e serve como base para a indústria de fertilizantes, refino de petróleo e baterias.

Água destilada – A água destilada é água purificada por destilação. Várias operações requerem o uso de água destilada para dissolver sais e enxofre, e recomenda-se que o frasco receptor seja refrigerado com gelo para condensar vapores sem contaminação. Em alquimia, a pureza da água era considerada crucial para evitar influências indesejáveis. Na ciência moderna, água destilada é padrão em laboratório e em preparações farmacêuticas.

Aqua Regia – Água régia é a mistura de ácido nítrico e ácido clorídrico concentrados, capaz de dissolver ouro e platina. O documento explica que o “fogo secreto” nasce da reação lenta entre nitrato de amônio e cloreto de amônio, gerando HCl e HNO₃, formando uma água régia nascente. Essa solução ataca ouro, mas não extrai a tintura filosófica. Em química, água régia é usada para limpar metais nobres e preparar cloretos de ouro.

Aqua Vitae – Álcool absoluto é etanol praticamente isento de água. A preparação envolve destilações fracionadas sobre carbonato de cálcio e cal virgem. A presença de água interfere nas extrações; por isso, os alquimistas buscavam graus superiores a 96 %. Hoje, etanol anidro serve como solvente e combustível automotivo, sendo obtido por destilação azeotrópica ou peneiras moleculares.

Alcaeste – O alcaeste (ou alkahest) designa o lendário “solvente universal” dos alquimistas. Textos herméticos afirmavam que o alcaeste era capaz de dissolver todos os corpos e extrair as tinturas metafísicas dos metais. Em alguns tratados, o alcaeste de tártaro ou de enxofre é referido como um solvente volátil, recuperável por destilação, que transfere “vida alquímica” aos metais mortos, mas não se confunde com ácidos minerais.

Alumínio – Alumínio é um metal leve, de número atômico 13, pertencente ao grupo dos metais pós-transição. Prateado, dúctil e coberto por fina camada de óxido, resiste à corrosão e possui densidade baixa. No texto, é atribuído à Lua e dito atuar sobre o sistema nervoso simpático. Historicamente, o alumínio metálico só foi isolado no século XIX, mas aluminos (alúmens) eram usados pelos alquimistas como mordentes e agentes de coagulação.

Alume – Alume é o nome genérico para duplos sulfatos hidratados de alumínio e um metal alcalino, como KAl(SO₄)₂·12H₂O. O curso de Dubuis inclui “alume” e “alume de pluma” numa lista simbólica de operações. Alume cristaliza em octaedros translúcidos e era usado como mordente em tinturaria e como adstringente. Em alquimia, o alume simbolizava dissolução e purificação.

Alume de pluma – Alume de pluma refere-se a um alúmen leve obtido por deposição de sulfatos sobre penugem de aves ou outro substrato. Pouco específico, aparece no mesmo contexto das operações simbólicas. Representa um sal fixo frágil. Modernamente, diferentes alúmens são distinguíveis; o termo de pluma é arcaico.

Antimônio – Antimônio é um semimetal de número atômico 51; aparece nos manuscritos alquímicos como símbolo da Terra, associado ao potássio e ao espírito fixo dos metais. O mineral estibnita (Sb₂S₃) servia como fonte. Alquimistas acreditavam que o antimônio continha um “mercúrio fixo” e seu sal era o Ímã que atraía e fixava os espíritos metálicos. Modernamente, antimônio é usado em ligas, retardadores de chama e semicondutores, sendo tóxico em altas doses.

Argentum vivum – Sinônimo de Mercúrio. Aparece também como “Argent-vivo” no contexto da Magnésia; princípio universal nas operações de amalgamação e extração de metais nobres a partir de Cinábrio.

Arsênico – Arsênico é um semimetal de número atômico 33. No texto, é mencionado como contaminante dos minérios que impede a “fermentação alquímica” e produz vapores fatais. Arsênico nativo existe em forma metálica; compostos como arsenetos e sulfetos aparecem em minerais como arsenopirita. Historicamente, arsênico era usado como veneno e em pigmentos (verde de Paris); hoje é empregado em ligas e semicondutores, embora sua toxicidade seja rigorosamente controlada.

Asfalto – Asfalto é uma mistura de hidrocarbonetos pesados originários do petróleo. No manuscrito, aparece numa tabela de correspondências simbólicas, associado ao signo de Gêmeos. Quimicamente, o asfalto é insolúvel em água, de coloração negra e viscosidade elevada, utilizado desde a Antiguidade como material de impermeabilização e pavimentação. Em alquimia, substâncias negras e viscosas evocavam fases de putrefação ou nigredo.

Azurita – Azurita é um mineral de cobre de fórmula $\text{Cu}_3(\text{CO}_3)_2(\text{OH})_2$, caracterizado pela cor azul intensa. No texto, surge como um dos minérios vivos para preparar tinturas de cobre. A azurita pertence ao sistema monoclinico e se associa à malaquita; historicamente era usada como pigmento azul em pinturas até o Renascimento. Ao aquecer, decompõe-se em óxido cúprico, liberando dióxido de carbono e água.

Bismuto – Bismuto é um metal pesado de número atômico 83. Semimetal rosado, possui baixa condutividade e forma óxidos coloridos. Embora menos citado, o curso de Dubuis observa que em 1980 a transmutação nuclear de bismuto em ouro foi tentada, mas os átomos resultantes eram instáveis. Na química moderna, bismuto forma compostos como subnitrato de bismuto (antiácido) e é usado em ligas de baixo ponto de fusão.

Bromo – Bromo é um halogênio de número atômico 35. Líquido vermelho-escuro a temperatura ambiente, é volátil e corrosivo. O texto lista o bromo junto com cloro e iodo na sétima coluna de elementos que “impedem a evolução metálica” e devem ser evitados nos caminhos da fermentação metálica. Historicamente, bromo foi descoberto no século XIX e serve para produção de retardadores de chama, fumigantes e intermediários na indústria farmacêutica.

Calcantita – Calcantita é o sulfato hidratado de cobre ($\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$) e aparece na lista de minérios vivos de cobre. Seus cristais azuis vítreos pertencem ao sistema triclinico e são solúveis em água. Quando desidratada torna-se sulfato anidro (calcinação), liberando água. Foi usado como fungicida, desinfetante e em solução para eletrólitos. Em alquimia, minerais azuis eram associados a Vênus e ao cobre.

Calcopirita – Calcopirita (CuFeS_2) é um sulfeto de cobre e ferro, principal fonte de cobre no mundo. No documento, está listada entre os minérios de cobre utilizados para extração de tinturas. Possui brilho metálico dourado, sistema tetragonal, e pode ser confundida com ouro de tolo (pirita). Nas práticas alquímicas, sua capacidade de liberar enxofre e metal ao ser aquecida reforçava a teoria de Jābir sobre metais compostos de mercúrio e enxofre.

Cal virgem – Cal virgem é o óxido de cálcio (CaO), obtido pela calcinação do carbonato de cálcio. O curso de Dubuis recomenda macerar o álcool absoluto sobre cal virgem

recentemente calcinada, pois esta elimina a água residual e neutraliza ácidos indesejados, elevando o teor alcoólico próximo de 100 %. A cal também serve para desidratar o ar em aparelhos e acelerar a cristalização de tártaro. Em contato com água, forma calorosamente a cal apagada (hidróxido de cálcio).

Cálcio – Cálcio é um metal alcalino-terroso (número atômico 20), essencial para a vida. O curso de Dubuis o associa a Saturno e atribui-lhe papel importante sobre o sistema esquelético e o baço. Em seu estado elementar, é reativo, queimando com chama alaranjada; forma compostos como carbonato de cálcio (calcita), sulfato de cálcio (gesso) e óxido de cálcio (cal virgem). Foi isolado por Humphry Davy em 1808 e é crucial na construção civil (cimento) e na bioquímica.

Carbonato de amônio – O carbonato de amônio ($(\text{NH}_4)_2\text{CO}_3$) é um sal volátil conhecido como sal volátil dos alquimistas. O curso de Dubuis não o cita explicitamente, mas ao discutir os sais do orvalho e o espírito volátil, reforça a ideia de sais voláteis que se decompõem em gases. Modernamente, o carbonato de amônio é usado em biscoitos como fermento e em sais aromáticos.

Carbonato de cálcio – Carbonato de cálcio (CaCO_3) é um sal insolúvel que ocorre em minerais como calcita, aragonita e mármore. Alquimistas utilizam carbonato de cálcio calcinado como agente secante e como adsorvente na preparação de álcool absoluto. Quando aquecido, decompõe-se em óxido de cálcio e dióxido de carbono. Sua utilidade moderna engloba pigmentos, cargas industriais, antácidos e fonte de cal.

Carbonato de potássio – Carbonato de potássio (K_2CO_3), conhecido como potassa ou sal de tártaro, é um sal branco higroscópico. No curso de Dubuis, é utilizado para macerar álcool e eliminar água residual, além de ajudar na desidratação de enxofre nativo. É forte base que se dissolve formando soluções alcalinas. Historicamente potassa era produzida por lixiviação de cinzas de madeira e usada na fabricação de sabão, vidro e em alquimia como “sal fixo” para atrair o Espírito Universal.

Carbonato de sódio – Carbonato de sódio (Na_2CO_3), denominado soda de lavagem, é um sal alcalino usado para neutralizar ácidos e eliminar enxofre livre. Aparece em passagens sobre purificação de metais e extração de tinturas, sendo menos mencionado que o carbonato de potássio. É produzido pelo processo Solvay e é componente de detergentes, vidro e reagentes fotográficos.

Cassiterita – Cassiterita (SnO_2) é o principal minério de estanho e aparece na lista de minérios vivos utilizados para preparar tinturas de estanho. Ocorre em cristais tetragonais de coloração marrom a preta, com alto índice de refração. Em fornos de redução, a cassiterita é reduzida a estanho metálico. Na história da alquimia, o estanho (Júpiter) está associado à transmutação e à cura; a cassiterita era considerada seu corpo mineral.

Cerusita – Cerusita (PbCO_3), ou carbonato de chumbo, aparece como minério de chumbo para extração de tinturas. Forma cristais romboédricos transparentes a translúcidos, com alto índice de refração e densidade elevada. Ao ser aquecida, decompõe-se em óxido de chumbo e dióxido de carbono. No passado, cerusita era moída para produzir pigmento branco de plumbum; no laboratório alquímico, a cerusita servia de fonte de chumbo para experimentos de fixação.

Chumbo – Chumbo (Pb, Z=82) é metal denso e maleável. No documento, surge pelos minérios galena (PbS) e cerusita (PbCO₃); ao aquecer a cerusita, forma-se PbO com liberação de CO₂. Os óxidos PbO e Pb₃O₄ entram como matérias-primas para óleos metálicos e têm uso em vidros, esmaltes e baterias. Na alquimia o chumbo é matéria a ser elevada e pode ser transmutado em estanho quando unido ao sal e ao enxofre de Júpiter, conforme descrito no item Estanho. É tóxico.

Cinábrio – Cinábrio é o sulfeto de mercúrio (HgS), mineral de coloração vermelha vivo. No documento, surge como minério de mercúrio que fornece o metal e a tintura. Pertence ao sistema romboédrico e, aquecido, decompõe-se liberando mercúrio volátil e enxofre. Historicamente, o cinábrio foi usado como pigmento (vermelhão) em pintura e como fonte de mercúrio nos laboratórios alquímicos; sua toxicidade era desconhecida por muito tempo.

Cloreto de amônio – Também chamado sal amoníaco, o cloreto de amônio (NH₄Cl) é um sal branco cristalino. É mencionado como componente do “fogo salino” que gera água régia nascente e como aditivo nos experimentos. O cloreto de amônio sublima-se sem fundir, liberando amônia e HCl; em alquimia, serve para purificar metais e produzir compostos voláteis. Hoje é usado em baterias secas e como expectorante.

Cloreto de sódio – O cloreto de sódio (NaCl), o sal marinho comum, aparece em várias passagens. Em determinadas operações de dissolução de sulfato de mercúrio com cloreto de sódio seco e dióxido de manganês, gera-se um sublimado de cloreto mercúrico. O sal marinho era considerado portador de uma força vital; o cloro, um gás verde, confere ao ácido nítrico o poder de dissolver ouro. Na química atual, NaCl é insumo universal, fonte de íons Na⁺ e Cl⁻ para síntese e para a alimentação.

Cobre – Cobre é um metal de transição (Z=29), de cor avermelhada, bom condutor de calor e eletricidade. No manuscrito, cobre é associado à deusa Vênus e tem mais enxofre do que mercúrio ou sal. Os minérios cuprita, calcopirita, covelita, calcantita, malaquita e azurita são citados como fontes para extrair tinturas de cobre. Historicamente, cobre foi o primeiro metal a ser trabalhado pelo homem, usado em ferramentas, moedas e ligas como bronze. Em eletroquímica, serve para cabos e eletrodos.

Cromo – Cromo é um elemento de número atômico 24; o curso de Dubuis observa que, apesar de ter 24 elétrons, sua camada externa contém apenas um “elétron planetário” e que há regressão no número de elétrons externos. Prateado e duro, o cromo é resistente à corrosão e confere brilho às ligas (cromagem). Compostos como o dicromato de potássio são empregados por alquimistas como oxidantes e fixadores de cor.

Cuprita – Cuprita (Cu₂O) é um óxido de cobre listado como minério vivo de cobre. Forma cristais vermelhos translúcidos e pertence ao sistema cúbico. Quando exposta ao ar, pode oxidar-se a CuO de cor negra. Em alquimia, a cuprita era vista como forma intermediária entre a matéria morta (óxido) e o metal vivo; na tecnologia moderna, é usada em células solares e pigmentos.

Dióxido de carbono – Dióxido de carbono (CO₂) é um gás incolor liberado na decomposição térmica de carbonatos como cerusita e malaquita. A cadeia das ligações químicas mencionada envolve que um átomo de carbono se combina com dois de oxigênio para formar anidrido carbônico. Em alquimia, as bolhas de “espírito ar” são interpretadas como liberação de pneuma; em ciência, CO₂ é reconhecido como gás estufa vital.

Dióxido de manganês – O dióxido de manganês (MnO_2) é um sólido preto usado como oxidante. No curso de Dubuis, é adicionado à mistura de sulfato de mercúrio e cloreto de sódio para facilitar a formação de sublimado de cloreto mercúrico. Em pilhas secas, MnO_2 atua como despolarizante; no passado era usado para descolorir vidro rico em ferro. Manganês ($Z=25$) é metal essencial em ligas de aço.

Enxofre –. Nos escritos alquímicos, “enxofre” é um dos três princípios básicos e aparece em várias formas: nativo, sublimado, óleo e alcaeste. O enxofre volátil participa da vida dos metais, enquanto o enxofre fixo corresponde ao composto com metais. Em química, o enxofre forma compostos como sulfetos, sulfatos e ácido sulfúrico; a combustão de enxofre produz dióxido de enxofre.

Estanho – Estanho (Sn , $Z=50$) é um metal prateado maleável, de baixo ponto de fusão. O curso de Dubuis associa o estanho ao planeta Júpiter e observa que contém pouco mercúrio e pouco enxofre, mas um sal de bom grau de perfeição; unido ao sal e ao enxofre de Júpiter, transmuta o chumbo em estanho. A cassiterita é seu principal minério. Historicamente, estanho é usado para recobrir outros metais (estanhagem), na liga de bronze e, modernamente, na soldagem eletrônica.

Etanol – Etanol (álcool etílico) é um líquido incolor, inflamável, miscível em água. Os alquimistas o utilizam como menstrum (solvente) para extrair princípios vegetais e metálicos e como veículo para tinturas. O curso de Dubuis descreve métodos rigorosos para produzir álcool absoluto, empregando destilação fracionada, carbonato de cálcio e cal virgem como agentes desidratantes. Na química moderna, etanol é usado como combustível, solvente e substrato para síntese de éteres e ésteres.

Éter sulfúrico – Éter sulfúrico (dietil éter, $\text{C}_2\text{H}_5\text{OC}_2\text{H}_5$) é um líquido volátil e altamente inflamável. Nos procedimentos alquímicos, é listado como um dos líquidos de extração para preparar óleos metálicos, ao lado de álcool absoluto. Devido ao baixo ponto de ebulição, extrai óleos essenciais e se mistura com óxidos para formar tinturas. Em medicina, foi um anestésico; hoje é principalmente solvente de laboratório.

Ferro – Ferro (Fe , $Z=26$) é um metal de transição de importância tecnológica. O curso de Dubuis o associa ao planeta Marte, descrevendo que possui um enxofre branco combustível e um enxofre vermelho incombustível; sua tintura, extraída de piritas de ferro, é idêntica à do ouro. O principal minério citado é a marcasita (FeS_2). Historicamente, o ferro permitiu a revolução industrial e, em ligas de aço, sustenta a civilização moderna.

Fósforo – Fósforo (P , $Z=15$) é um não metal altamente reativo. O documento menciona sua descoberta como uma das substâncias novas que os alquimistas legaram à química. O fósforo branco inflama-se espontaneamente, enquanto o fósforo vermelho é usado em palitos de fósforo. Fosfatos são nutrientes essenciais e componentes de ossos e DNA.

Galena – Galena (PbS) é o principal minério de chumbo; aparece nos relatos como fonte de chumbo e prata. Possui brilho metálico cinzento e cristaliza no sistema cúbico. Ao ser aquecida, libera enxofre e deixa chumbo fundido que contém prata. Essa observação sustentou historicamente a teoria de que os metais são compostos de enxofre e mercúrio.

Hidrogênio – Hidrogênio (H , $Z=1$) é o elemento mais leve, gasoso. No curso de Dubuis, surge ao discutir ligações químicas e a formação de ácido clorídrico (HCl) a partir de um

átomo de hidrogênio e um átomo de cloro. O hidrogênio foi descoberto apenas em 1766 e assun não está presente na maioria dos manuscritos alquímicos.

Hidróxido de sódio – O hidróxido de sódio (NaOH), também chamado soda cáustica, é um sólido branco extremamente alcalino e higroscópico. Nas instruções, o balão inferior dos aparelhos contém soda cáustica para neutralizar gases e fleumas ácidos. Dissolve-se muito exotermicamente em água e corrói metais e tecidos. Na indústria, é fabricado por eletrólise de salmoura e usado em sabões, papel e como base forte em sínteses.

Iodo – Iodo (I, Z=53) é um halogênio sólido de cor violeta metálica. O curso de Dubuis menciona que iodo e bromo, como cloro, evitam a putrefação prematura e devem ser evitados nos caminhos de fermentação metálica. Em química, iodo é necessário para hormônios da tireoide e é usado como antisséptico. Soluções de iodo eram empregadas por alquimistas na purificação e testagem de metais.

Magnésia / Óxido de magnésio – O termo “magnésia” é usado pelos alquimistas para designar óxido de magnésio (MgO) ou uma mistura filosófica. Em um dos trechos, a Magnésia é descrita como “uma quintessência solúvel em álcool” e parte dos processos de extração envolve separar o Argent-vivo do Corpo da Magnésia. Quimicamente, o óxido de magnésio é um pó branco refratário obtido pela calcinação da magnesita, utilizado como isolante térmico e antiácido.

Magnésio – Magnésio (Mg, Z=12) é um metal alcalino-terroso leve. No manuscrito, é atribuído a Mercúrio e atua no sistema cérebro-espinhal. Em estado puro, arde com chama branca intensa; forma sais solúveis como cloreto de magnésio e sais pouco solúveis como carbonato. Os alquimistas usam “magnesia” tanto para designar óxidos de magnésio quanto para uma substância filosófica. Modernamente, magnésio é componente de ligas leves e nutriente essencial.

Magnetita – Magnetita (Fe₃O₄) é um óxido de ferro preto que exibe forte magnetismo. O curso de Dubuis indica que a magnetita ou pedra-de-ímã é o sal de Marte, que melhora e intensifica a tintura da prata. Alquimistas veem-na como semente magnética; sua capacidade de atrair ferro inspirou experimentos com força oculta. Em geologia, magnetita registra a direção do campo magnético terrestre.

Malaquita – Malaquita (Cu₂CO₃(OH)₂) é um carbonato de cobre hidratado, verde brilhante, listado como um dos minérios vivos de cobre. Cristaliza em sistema monoclinico, formando massas botrioidais. Em alquimia, é usada como fonte de cobre e pigmento. Quando calcina, transforma-se em óxido de cobre liberando água e CO₂. Hoje serve como minério e gema ornamental.

Manteiga de antimônio – A manteiga de antimônio refere-se ao cloreto de antimônio líquido. No curso de Dubuis, uma das técnicas para obter manteiga envolve destilar uma mistura de estibnita com sublimado corrosivo, mas descreve-se método mais seguro usando sulfato de mercúrio, cloreto de sódio e algumas gotas de ácido nítrico para dissolução. O produto é um líquido oleoso que solidifica com a redução de temperatura, utilizado para preparar solventes e tinturas.

Marcasita – Marcasita é uma forma cristalina de sulfeto de ferro (FeS₂) distinta da pirita; o curso de Dubuis a inclui como minério de ferro para extração de tinturas. Formada por cristais ortorrômbicos, a marcasita é menos estável que pirita e tende a se decompor

liberando ácido sulfúrico. Historicamente, era confundida com ouro de tolo, mas no laboratório servia para extrair enxofre e ferro.

Mercúrio – Mercúrio (Hg, Z=80) é o único metal líquido à temperatura ambiente. O curso de Dubuis enfatiza que, no símbolo de mercúrio, os elementos da Lua e Sol dominam a Terra; o metal não desce ao mundo da forma, permanecendo líquido. O minério cinábrio fornece mercúrio. Na alquimia é considerado um dos princípios universais e usado em amalgamações, extração de ouro e prata. É tóxico; atualmente é empregado em lâmpadas fluorescentes e em alguns processos industriais.

Menstruo de Kerkring – O menstrum de Kerkring é um solvente alquímico composto por álcool filosófico saturado de sais, usado para extrair tinturas metálicas. O documento refere-se a circulações e digestões do álcool sobre carbonatos e cal para obter o menstrum antes de ser mineralizado. Embora não seja uma substância definida em química moderna, representa o conceito de solvente específico na alquimia.

Nitrato de amônio – O nitrato de amônio (NH_4NO_3) é um sal higroscópico, referido como “sal do orvalho” ou “prima matéria incorporada, sublunar”. O curso de Dubuis adverte que deve ser secado com cuidado pois é instável e explosivo. Na química moderna, nitrato de amônio é usado como fertilizante e componente de explosivos. Em alquimia, considera-se que, misturado com cloreto de amônio, gera água régia nascente que dissolve metais preciosos.

Nitro – Nitrato de potássio (KNO_3), conhecido como salitre ou sal de nitro, é um sal cristalino. Está relacionado a sal do orvalho nas listas de substâncias que absorvem umidade. Utilizado na confecção de pólvora, como oxidante.

Oleum vitrioli – Sinônimo de Ácido sulfúrico (“óleo de vitríolo”). Agente para preparar Manteiga de antimônio via reação com Sulfato de mercúrio; base para formação de sulfatos e processos industriais mencionados.

Ouro – Ouro (Au, Z=79) é metal nobre dúctil e pouco reativo. No curso de Dubuis, aparece como alvo da água régia, que o dissolve, incluindo a forma nascente gerada por nitrato de amônio com cloreto de amônio, embora isso não extraia a “tintura filosófica”. A tintura do ferro é dita idêntica à do ouro, e as amalgamações com mercúrio são citadas como via clássica de extração. Serve como referência de perfeição espiritual. Isso porque há dez tipos de ouro segundo o Aesh Mezareph cada um correspondente a um nível sefirótico da Árvore da Vida, representando estágios de pureza tanto material quanto espiritual. Cada produção de pedra ou elixir só permite ao adepto avançar um nível sefirótico de cada vez. (Lição 39).

Óxido cúprico – Óxido cúprico (CuO) é um sólido preto listado como óxido técnico de cobre. Empregado em extrações de óleo de cobre, transforma-se em óxido cuproso (Cu_2O) por redução. Modernamente, é utilizado como pigmento, catalisador e em células solares.

Óxido de chumbo – Os óxidos de chumbo incluem o minium vermelho (Pb_3O_4) e o litargírio amarelo (PbO). Na lista de matérias-primas metálicas para preparar óleos metálicos sem alkaest, o minium e o litargírio são citados como fontes para o chumbo. PbO é um pó amarelo usado em vidros e cerâmicas; Pb_3O_4 é vermelho e serve em baterias e esmaltes. Ambos são tóxicos.

Óxido de prata – O óxido de prata (Ag_2O) é um pó marrom-escuro pouco solúvel. Aparece na listagem como pó para extrair óleo de prata. Reage com ácidos para formar sais de prata e com amônia para produzir óxido diaminado de prata, precursor do explosivo fulminato de prata. Em alquimia, a prata (Luna) é associada à receptividade; seus compostos sensíveis à luz permitiram o desenvolvimento da fotografia.

Óxido férrico – Óxido férrico (Fe_2O_3) é um sólido vermelho, conhecido como óxido de ferro(III). Na lista de matérias-primas, aparece como óxido vermelho técnico. É insolúvel e forma hematita em estado natural. Usado como pigmento (ocre vermelho), abrasivo e precursor no fabrico de aço.

Óxido mercúrico – Óxido mercúrico (HgO) é um sólido de cor laranja ou vermelha. O documento cita o óxido vermelho como matéria-prima para preparar óleo de mercúrio. Ao ser aquecido, decompõe-se em mercúrio e oxigênio; era usado para produzir mercúrio metálico e foi central no experimento de Lavoisier sobre oxigênio.

Pirita – Pirita (FeS_2) é um sulfeto de ferro com brilho metálico dourado. No curso de Dubuis, figura como minério de ferro para tinturas, e também era usada para produzir “ouro de tolo” ao ser derretida com cobre. Cria octaedros no sistema cúbico. Historicamente, pirita era fonte de enxofre e ferro e gerava faíscas quando percutida, sendo usada em pederneiras.

Potássio – Potássio (K, Z=19) é um metal alcalino macio, altamente reativo com água. É atribuído a Urano e dito dissolver obstruções, especialmente cálculos renais. A potassa (carbonato de potássio) e o tártaro (bitartrato de potássio) eram comuns nos laboratórios alquímicos. Modernamente, compostos de potássio são fertilizantes e o metal é usado em ligas e na produção de sais orgânicos.

Prata – Prata (Ag, Z=47) é um metal nobre, maleável e com alta condutividade. No documento, a prata (Luna) possui enxofre azul celeste e mercúrio fixo, e sua tintura é extraída de minerais como argentita. Os sais de prata são sensíveis à luz; essa propriedade levou à fotografia. A prata também tem propriedades antimicrobianas e, em alquimia, representa pureza e receptividade.

Realgar – Realgar (As_4S_4) é um sulfeto de arsênio de coloração vermelha alaranjada. No manuscrito, aparece na lista simbólica de operações associado à sublimação. É tóxico e, ao ser aquecido, sublima em vapores arsenicais. Foi usado como pigmento e em pirotecnia. Em alquimia, os sulfetos de arsênio simbolizam a transformação do metal rude em essência.

Sal – “Sal” é princípio de fixidez e corporificação, distinto dos sais específicos. No curso de Dubuis manifesta-se como sal fixo (potassa, carbonato de potássio) que “atrai o Espírito Universal”, como sais do orvalho (nitrato de amônio) que, com cloreto de amônio, geram água régia nascente, e como sal marinho (NaCl) empregado em operações que levam à formação de sublimados de cloreto mercúrico em presença de dióxido de manganês. Funciona como componente que estabiliza e fixa as tinturas.

Sal Glauberi – Sinônimo de **Sulfato de sódio** (“sal de Glauber”). Referido na obtenção de ácido acético concentrado a partir de sulfato de soda; sal neutro usado em purificação nas artes alquímicas.

Sódio – Sódio (Na, Z=11) é um metal alcalino macio. Atribuído a Júpiter e associado ao estanho, atua na assimilação dos alimentos e abre os “poros da matéria” como agente fluidificante. O cloreto de sódio fornece sódio na química, enquanto compostos como hidróxido de sódio (soda cáustica) são essenciais em sabões, polpas e extrações. O metal puro reage violentamente com água.

Sulfato de barita – O sulfato de barita (BaSO_4) é um sal pesado, insolúvel, citado como componente de pigmentos (sulfato de barita adicionado ao branco de chumbo). Barita (BaSO_4) forma cristais ortorrômbicos e é usada na perfuração de poços petrolíferos para aumentar a densidade do fluido de perfuração e como meio de contraste em radiologia. Em alquimia, barita estava associada à densidade e fixidez.

Sulfato de ferro – O sulfato de ferro (FeSO_4), também chamado vitriol verde, aparece como “Eisenvitriol” cujas destilações produzem licor verde e óleo alcatreado. Cristaliza como heptahidrato ($\text{FeSO}_4 \cdot 7\text{H}_2\text{O}$). Em alquimia, os vitriolos de metal são importantes solventes; na indústria, o sulfato de ferro é usado em tinturaria, como condicionador de solo e coagulante de águas residuais.

Sulfato de mercúrio – O sulfato de mercúrio (HgSO_4) é um sólido amarelo obtido atacando mercúrio com ácido sulfúrico concentrado; a passagem menciona seu preparo prévio em técnicas para fazer manteiga de antimônio. Esse sal reage com cloreto de sódio e dióxido de manganês para produzir cloreto mercúrico, um sublimado. É usado como catalisador em reações de acetileno; tóxico e corrosivo.

Sulfato de sódio – Sulfato de sódio (Na_2SO_4) ocorre no curso de Dubuis em referência à dissolução de sulfato de soda para obter ácido acético concentrado. É um sal neutro de alto ponto de fusão, usado em fabricação de vidro e detergentes e como sal Glauber nas artes alquímicas para purificação.

Tártaro – O tártaro (bitartrato de potássio, $\text{KHC}_4\text{H}_4\text{O}_6$) deposita-se nas paredes de tonéis de vinho. O tratado ensina sua purificação para preparar alkaest de tártaro. É um sal ácido do ácido tartárico; seus cristais brilhantes têm sabor ácido. Ao ser aquecido com carbonato de potássio, produz carbonato de potássio e ácido tartratado.

Tricloreto de antimônio – Tricloreto de antimônio (SbCl_3) é um sólido cristalino incolor ou levemente amarelo. O curso de Dubuis menciona que a manteiga produzida pelo método do ácido nítrico sobre sal contém tricloreto de antimônio como destilado principal. Reage com água formando óxido de antimônio e HCl. Era utilizado para clorocarbonilação e como intermediário de pigmentos; historicamente, era obtido a partir de estibnita e sal.

Vinagre / Ácido acético – O vinagre é uma solução diluída de ácido acético (CH_3COOH) obtida pela oxidação do etanol. No curso de Dubuis, distingue-se entre vinagre comum e ácido acético glacial, este último usado para extração de enxofre. O ácido acético glacial é concentrado, congela a 16°C e deve ser manipulado com cuidado por ser cáustico. Os alquimistas usam vinagre destilado para preparar acetatos e solventes como “espírito de Mindererus”.

Vitriolo – Termo alquímico aplicado a (i) “óleo de vitríolo” = ácido sulfúrico (H_2SO_4) e (ii) sulfatos metálicos cristalinos chamados “vitriolos”. No curso de Dubuis, surgem: vitriol verde = sulfato de ferro heptahidratado ($\text{FeSO}_4 \cdot 7\text{H}_2\text{O}$); óleo de vitríolo = ácido sulfúrico; “vitriolo de antimônio” como função atribuída ao acetato de antimônio; além de sulfatos nomeados

modernamente que pertencem à família: calcantita ($\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$), sulfato de barita (BaSO_4) e sulfato de sódio (Na_2SO_4). Usos descritos: menstrua / extratores (vitriolos de metal) e base ácida central das operações (óleo de vitríolo).

Apêndice II - Tratado Martinista da Oração



‘Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.’ – Mateus 6:6

Gostaria de iniciar este pequeno tratado sobre Oração Martinista com as palavras de Honoré de Balzac, retiradas de sua obra *Serafita*: “O Poeta fala; o Pensador medita; o Justo age; mas aquele que está nas fronteiras do o Mundo Divino reza ; e sua oração é palavra, pensamento, ação, em um! Sim, a oração inclui tudo, contém tudo; ele completa a natureza, pois revela a você a mente dentro dele e sua progressão. Virgem branca e brilhante de todas as virtudes humanas, arca da aliança entre a terra e o céu, companheira terna e forte participando do leão e do cordeiro, Oração! A oração lhe dará a chave do céu!

Ousada e pura como a inocência, forte como tudo o que é único e simples, esta gloriosa e invencível Rainha repousa, no entanto, no mundo material; ela toma posse dele; como o sol, ela o envolve em um círculo de luz.

O universo pertence a quem quer rezar, quem sabe rezar e a quem reza; mas ele deve querer, ele deve saber, ele deve orar; em uma palavra, ele deve possuir força, sabedoria e fé. Portanto, a Oração, surgindo de tantas provações, é a consumação de todas as verdades, todos os poderes, todos os sentimentos. Fruto do laborioso, progressivo e contínuo desenvolvimento das propriedades e faculdades naturais

vitalizadas novamente pelo sopro divino da Palavra, a Oração tem poder oculto de atividade; é a adoração final – não a adoração material de imagens, nem a adoração espiritual de fórmulas, mas a adoração do Mundo Divino”

Balzac foi um leitor assíduo de Saint-Martin e foi um dos muitos influenciados por sua forma de orar. Ele é um dos grandes justamente por ser uma exceção entre tantos místicos e esotéricos que se tornam tão entusiasmados com a profundidade do conhecimento que encontram que muitas vezes priorizam o estudo intelectual em detrimento da prática espiritual. Estas pessoas estão em erro e só perdem para aqueles que, no extremo oposto, não lêem nada. Como bem disse Jean-Baptiste Willermoz “estudar sem orar é um verdadeiro ateísmo; orar sem estudar é uma vã presunção.”

Eis o grande lema da alquimia: **Ora et Labora**. Por esta razão a prática da oração sempre foi muito valorizada por alquimistas, rosacruzes e martinistas. Mesmo Papus, tão conhecido por sua curiosidade intelectual e domínio dos mais cerimoniais tipos de teurgia, concluiu ao final de sua vida que apenas a prece nos capacita a receber as influências mais elevadas como uma chave que abrimos por dentro e que permite uma conexão com o plano divino.

Uma forma de descobrir o poder da oração é pela prática constante da Liturgia das Horas, também chamado Ofício Divino, que nada mais é do que dar às preces a mesma importância que damos a higiene e alimentação. Nela, orações são feitas de forma sistemática e rotineira de três a cinco vezes por dia. Esta é uma prática comum entre judeus, cristãos e muçulmanos. As orações diárias judaicas são consideradas uma importante obrigação religiosa e são realizadas três vezes ao dia: pela manhã (Shacharit), à tarde (Mincha) e à noite (Ma'ariv). Da mesma forma muçulmanos realizam cinco orações diárias voltados para Mekka em horários pré-determinados.

Martines de Pasqually também indicava a seguinte Liturgia das Horas aos seus alunos:

- A Oração das Seis Horas (ou seja as 6h, 12h 18h e 24h) na qual eram lidos Salmos e Passagens do Novo Testamento.
- O “Saltério da penitência” (Salmos 6, 32, 39, 51, 102, 130 e 143) é feito a cada Lua Nova.
- Os Miserere, todas quintas-feiras. Primeiro o salmo 51 para o Oriente e depois, com o rosto em contato com a terra, o salmo 130 voltado ao Oriente.

Do ponto de vista martinista existem três graus na prece: a prece dos lábios, a prece da mente e a prece do coração.

- **Prece dos Lábios:** Este é o primeiro nível de prece e é caracterizada por ser oral e externa. Consiste em recitar palavras ou textos sagrados, ou até mesmo em

fazer evocações de entidades divinas. Não há problema algum em usar orações prontas como o Pai Nosso ou os Salmos. Muitas vezes não saber o que dizer pode nos afastar da prática e acabamos por não dizer nada. Porque não então usar as palavras deixadas pelos santos, profetas e pelo próprio Cristo? Em algumas tradições, a prece dos lábios é realizada em uma postura específica, como ajoelhado, prostrado ou na posição de lótus. O objetivo desta prática é aprofundar a conexão com o divino, expressando de forma verbal a fé, a gratidão, o pedido de ajuda, a adoração e a reverência aos seres divinos.

- **Prece da Alma:** prece dos lábios pode se tornar mecânica e vazia de significado, quando a pessoa repete palavras sem compreender o seu real sentido ou sem sentir verdadeiramente a presença divina. Por isso, é importante que a prece dos lábios seja acompanhada por um estado de consciência concentrado e elevado, a fim de que as palavras ditas possam atuar como um canal para a energia espiritual. A transição da prece dos lábios para a prece mental é um passo importante na busca pela comunhão espiritual. Nessa fase, é necessário se concentrar plenamente no significado das palavras proferidas e, aos poucos, abandonar a necessidade de expressar a prece de forma oral. A prece mental consiste em manter o diálogo com o divino apenas no plano do pensamento, o que requer um elevado grau de concentração e disciplina interior.

- **Prece do Coração:** A prece mental é importante, mas não é suficiente para uma experiência espiritual completa. Para alcançar a plenitude da prece, é preciso transcender o plano mental e chegar ao coração da prece, onde uma conexão profunda com o divino pode ser estabelecida. No entanto, para chegar a esse estágio de contemplação, é necessário um longo aprendizado e esforço constante. É preciso silenciar a mente e controlar as emoções para que o coração possa se abrir para a presença divina. Essa jornada requer perseverança, paciência e humildade, mas pode levar a experiências profundas de amor e paz interior.

Embora a Prece do Coração nos arrebate algumas vezes, tê-la atingido não significa que se deve abandonar totalmente as Preces de Alma e dos Lábios. Como está naquele que foi considerado pelo Mestre o maior dos mandamentos:

“Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. “

Orando conforme a tradição martinista:

Não tente pular etapas. Se você ainda não tem uma prática real e constante de oração, considere um sucesso adquirir regularidade na Prece dos Lábios. Para lhe ajudar nisso considere organizar cada momento de oração em quatro etapas: Purificação, Gratidão, Comunhão e Ação.

Importante dizer que estes métodos não estão sendo dados aqui para substituir suas práticas espirituais caso você já tenha alguma, contudo elas ressoam perfeitamente

com a tradição martinista e na medida do possível poderá colaborar com sua comunhão com o divino seja qual for sua religião.

1. **Purificação:** Lavar o rosto, fazer uma refeição leve e silenciosa, jejuar ou beber um pouco de água fresca são atos de purificação que podem fazer toda diferença na sua experiência na medida que avisam seu corpo, mente e alma de que algo especial se aproxima. Assim dizia Louis-Claude de Saint-Martin: “Purifique teu corpo e em seguida apresente-se à prece; o resto acontece sozinho, está aí todo o segredo.” Alguns atos externos podem ajudar nessa purificação interna como diminuir a luz e acender uma vela, retirar-se para um lugar isolado (como Cristo fazia), prostrar-se, colocar-se de joelhos ou sentado ereto, ouvir uma música suave ou ler um texto sagrado. O importante é, como ensinou o Filósofo Desconhecido, purificar seu coração para que ele possa servir de espelho à Divindade, porque então a própria Divindade será um espelho para eles.

2.

3. **Gratidão:** O papel da oração e da própria Via Cardíaca, segundo Louis-Claude de Saint-Martin é fazer Deus entrar em nosso coração. Por isso o sentimento de Gratidão é uma grande chave para tornar perfeita a Prece dos Lábios ou mesmo levá-lo prontamente a Prece do Coração. Nossa oração deve ser sempre uma Ação de Graças, não preocupada em pedir vantagens ou benesses, mas sim nos colocar em concordância com as vontades de Deus lembrando de sua misericórdia ao “enumerar todos males dos quais não sofremos”, como ensinou Saint-Martin.

4.

5. **Comunhão:** Esta predisposição a Pureza e a Gratidão nos coloca em condições de entrar em comunhão com os influxos divinos e ao trabalho espiritual. Esta comunhão é difícil de descrever em palavras, mas quando ela ocorre a alma se cala. Como disse Louis-Claude de Saint-Martin, “quem não sentiu este sopro doce da sabedoria descer sobre si e fazer cair por terra todas as matérias estranhas que obstruíam esse fogo ainda não conheceu o verdadeiro caminho.” O fruto da Comunhão não é outro senão a sabedoria, como disse o monge Évagrio Pónlico: “O estado de oração é um hábito imperturbável que, por um amor supremo, desperta, acima dos cumes intelectuais, a inteligência repleta de sabedoria.”

6.

7. **Ação:** A comunhão é seguida de uma vontade clara em compartilhar esta experiência com todos os outros seres da Criação. Historicamente o ser humano sempre cometeu o erro grosseiro de fazer este compartilhamento pelo proselitismo da própria fé em uma tentativa infrutífera de fazer as outras pessoas melhores. Na realidade, a melhor ação que se pode fazer para o restante da criação é a própria melhora pessoal. Para ser aquilo que o Filósofo Desconhecido chamou de “divulgadores ambulantes de Deus no mundo” nossa primeira e mais urgente medida é a nossa própria regeneração.

Ao incluir em sua rotina uma Liturgia das Horas, seguindo as informações acima e sem pressa de alcançar resultados espetaculares, o estudante martinista saberá em primeira pessoa porque a oração é considerada tão importante na tradição. Ela é a grande ferramenta da alquimia interior que nos permite comungar com o Divino e expandir sua Luz para todos os seres.

A Prece do Coração

A chamada 'Prece do Coração' é historicamente atribuída aos anacoretas egípcios que se estabeleceram no Monte Sinai e atingiu seu ápice entre os Hesicasmos, um movimento espiritual bizantino do século XIV. Estas e outras práticas foram reunidas no século XVIII em uma coleção chamada Filocalia (Amor a Beleza) de onde provavelmente chegou até Louis-Claude de Saint-Martin e dele para todos os martinistas.

A Prece do Coração tem como objetivo atingir o estado de Hesychia, um termo grego que significa "quietude" ou "paz interior" no qual ocorre a união com Deus. Ela consiste em dois alicerces:

1. Repetir continuamente um nome divino à respiração controlada.
2. Fazer essa invocação 'de todo coração' a fim de situá-la verdadeiramente no plano da alma.

Todos os místicos de todas as épocas sempre fizeram algo parecido. No Hinduísmo temos as práticas mânticas dabhakti-yoga. No Budismo da Terra Pura é o nome de Buda Amitada que é repetido e no Islã temos o Dhikr no qual os nomes de Allah são entoados sem parar. Seja como for se busca aqui interiorizar profundamente a repetição do nome divino em busca da plenitude do êxtase místico.

A tradição cristã também realiza esta prática usando a fórmula grega 'Kyrie Eleison', que significa 'Senhor, tende piedade', o nome de Santos ou do Pai (Abba), mas como martinistas trabalhamos sempre "em Nome e para a Glória de Ieschouah, Grande Arquiteto do Universo". Na Cristologia Martinista o nome 'Ieschouah' tem uma importância insuperável pois representa tanto a encarnação do Cristo para regenerar a humanidade como a mais poderosa Força Espiritual atuante na Criação. É um nome onde a Sabedoria, a Força e a Beleza se encontram em seu grau máximo, que assim como se fizeram presente no templo universal também se doam para ornamentar nosso templo interior.

Contudo se o uso deste nome for uma barreira para você, devido a sua história pessoal ou a forma como Ieschouah foi apresentado em sua vida, não deixe isso te parar. Busque em sua alma o nome que melhor ressoa as qualidades divinas que você quer internalizar faça ela ou não parte do repertório tradicional martinista ou de qualquer outra via espiritual.

O nome deve ser repetido mentalmente (Prece da Alma) mas se sentir necessidade faça-a como uma Prece dos Lábios para começar. Aos poucos você deve migrar para uma devoção silenciosa repetindo mentalmente o nome leschouah, sem pressa de chegar a qualquer estado místico mas desfrutando a companhia do Cristo. A melhor forma de fazer isso é seguindo o ritmo de respirações profundas, inspiramos profundamente pelo nariz e internalizando a palavra ‘leschouah’ enquanto expiramos pelo tempo que desejarmos. Aos pouquinhos busque respirar num ritmo o mais lento possível mas sem desconforto.

Outra forma de fazer isso é usando seu ritmo cardíaco. E você pode usar seu próprio ritmo cardíaco para isso. Se nos colocarmos em uma quietude boa o bastante para sentir a pulsação em nossos dedos nossa respiração vai desacelerar e acalmar naturalmente. Nesse estado poderá então repetir “leschouah” enquanto mantém a atenção nas batidas do seu próprio coração.

Quando sentir necessidade ou oportunidade pare de repetir o nome e permaneça em silêncio apenas respirando. Se pensamentos dispersivos surgirem, retome a repetição do nome. Manter esse silêncio interior pode ser desafiador, mas em vez de tentar lutar contra eles é melhor deixá-los passar sem lhes dar atenção. Essa atitude favorece seu desaparecimento progressivo de toda poluição mental e entendimento que tentar se impor. Como diz em Filipenses 4:7, “E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.”

A medida que elevamos nosso estado de consciência e permitimos que a paz divina invada nossos corações, podemos desacelerar o ritmo das repetições espaçando cada vez mais o nome ‘leschouah’ e no intervalo entre os nomes encontrar a quietude perfeita e o sentimento da Presença Divina que os antigos cristãos chamavam de Hesychia. Assim como diz em Salmos 46:10, “Estejam quietos e saibam que eu sou Deus”

Vou enfatizar novamente a questão de abandonar qualquer pressa. Considere um sucesso nas primeiras seções de cinco a dez minutos e então aumente-as conforme for possível. É importante que você entenda que a própria oração é um fim, pois com ela você está – percebendo ou não – se aproximando da divindade. A Presença Divina ocorre sempre, somos nós que estamos ou não abertos, tenha gratidão por isso e “certeza nas coisas que não se vê.” (Hebreus 11:1)

Encerre cada seção com uma oração tradicional, uma invocação feita de coração ou uma leitura edificante de textos martinistas ou do seu devocional favorito. Este tratado se encerra com algumas orações deixadas por Louis-Claude de Saint-Martin que são muito apropriadas.

O Oratório Martinista

A ausência de um oratório martinista não deve ser um impeditivo para início de uma vida devocional, mas a presença de um pode ser ser uma ferramenta poderosa para ajudá-lo em sua prática espiritual. Não se preocupe se você não tiver tudo o que parece importante. Que seja simples para que seja útil. Escolha um espaço tranquilo e silencioso, onde você possa se concentrar sem ser interrompido, se você não dispuser de um espaço dedicado para esse propósito, é possível utilizar um equipamento mínimo que pode ser instalado em um armário ou até mesmo em uma caixa.

Assim como o altar no Templo Martinista, este oratório deve possuir três velas que manifestam as Três Potências Martinistas: a Sabedoria, a Força e a Beleza, os atributos divinos do Grande Arquiteto do Universo. Estas mais belas aspirações serão também representadas por um incensário que leva ao alto os perfumes como nossa oração se eleva em nós. O oratório deve conter uma Bíblia Sagrada que quando não estiver sendo usada é mantida aberta na primeira parte do Evangelho de São João. Por fim, ele pode ser decorado para criar uma atmosfera adequada com o uso de flores e símbolos sagrados.

Há outros itens de grande importância que podem ser acrescentados, como a Máscara e a Espada, mas este é o assunto para outro momento e não devem ser impeditivos para o início de uma prática sólida de meditação.

Ora et Labora